



Sylvia Cranston

Helena Blavatsky

A Vida e a Influência Extraordinária da
Fundadora do Movimento Teosófico Moderno



EDITORA
TEOSÓFICA





Sylvia Cranston

Helena Blavatsky

A Vida e a Influência Extraordinária da
Fundadora do Movimento Teosófico Moderno



Helena Blavatsky

A Vida e a Influência Extraordinária da
Fundadora do Movimento Teosófico Moderno

SYLVIA CRANSTON

Helena Blavatsky

A Vida e a Influência Extraordinária da
Fundadora do Movimento Teosófico Moderno

TRADUÇÃO
Murillo Nunes de Azevedo

REVISÃO TÉCNICA
Carlos Cardoso Aveline



Editora
Teosófica

A Todos os amigos, próximos e distantes, que ajudaram na preparação deste livro.

Título do original em inglês:

*HPB: The Extraordinary Life and Influence of Helena Blavatsky,
Founder of the Modern Theosophical Movement.*

Primeira edição norte-americana, 1994 – Jeremy P. Tarcher/ Putnam Book

G.P. Putnam's Sons, 200 Madison Avenue, New York, NY 10016 – USA

Copyright 1993, Sylvia Cranston

Direitos Reservados para a Língua portuguesa

EDITORA TEOSÓFICA,

SIG – Setor de Indústrias Gráficas, Lote 6, Quadra 1235

70.610-460 – Brasília, DF Tel.: (61) 3322-7843

1ª Edição: 1997

Reimpressões: 2000 / 2014

2ª Edição: 2018

3ª Edição: 2022

Sylvia Cranston

C 891 Helena Blavatsky – A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do
Movimento Teosófico Moderno

Brasília, 2022

ISBN 85-85961-09-09

Assunto:

1. Teosofia; 2. Biografia; 3. Ocultismo. Sabedoria Antiga.

CDD 920

Capa: Usha Velasco

Ilustração da capa: O retrato de Helena Blavatsky usado na capa foi feito a *crayon* pelo artista holandês J.D. Ros (1875-1952) com base na foto conhecida como *a esfinge*, e mostra como a fisionomia de HPB poderia ter sido no ano de 1901, caso ela tivesse vivido dez anos mais. HPB faleceu em 1981.

Diagramação: Usha Velasco

Revisão: Ângela Maria Hartmann, Regina Vitória Ruzzante e Zeneida Cereja da Silva

Agradeço profundamente aos seguintes editores, autores, e/ou proprietários de direitos autorais pela autorização para citar trechos das obras mencionadas a seguir:

- Bantam Doubleday Dell, Nova Iorque, EUA, Emergence, *The Rebirth of the Sacred*, de David Spangler, *copyright* 1988 de David Spangler, usado com a permissão de Delacorte Press/ Seymour Lawrence, uma divisão da Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.
- Blackwell Publishers, Oxford, Inglaterra. *Philosophical Quarterly*, edição de outubro de 1953, Russell Goldfarb cita artigo de Fussel *E. M. Forsters's Mrs. Moore: Some Suggestions*.
- David Bolt Associates, Surrey, Inglaterra, *The Mysteries*, de Colin Wilson, 1978. Cassell, Ltd., Londres, Inglaterra, *The Occult in Art*, de Fred Gettings, *copyright* 1978 de Fred Gettings.
- N.A. Fadeyev, Miscellaneous letter to H.P. Blavatsky, 1876-78. Traduzidas para o inglês por Mary G. Langford.
- Harper Collins, Nova Iorque, EUA, *Unfinished Animal*, de Theodore Roszak, *copyright* 1975 de Theodore Roszak. Reimpressão autorizada por Harper Collins Publishers.
- Henry Holt & Co. Inc., Nova Iorque, EUA, *The Forgotten Language*, de Erich Fromm.
- Levin, Garvett, & Dill, Southfield, EUA, *Yeats; Mand and Mask*, de Richard Elmann Publicado por W.W. Norton, Nova Iorque.
- Little, Brown & Co., Boston, EUA, *Ireland's Literary Renaissance*, de Ernest Boyd.
- Geddes MacGregor, Nova Iorque, EUA. Autorização concedida para citar seus escritos.
- Macmillan Publishers, Nova Iorque, EUA, *The Star Rover*, de Jack London; *Memoirs of Æ*, de John Eglinton, 1975; *James Joyce*, de Richard Ellmann.
- P.C. Magazines, Ltd., Londres, Inglaterra, The New Scientist, artigo discutindo *dr. David Bohm's Experiments*, 11 de novembro de 1982; artigo discutindo *Experiments in Electrophysiology*, 26 de janeiro de 1982.
- Catherine S. Nekrasova, *Helena Andreyevna Hann*, esboço biográfico publicado em *Ruskaya Starina*, agosto e setembro de 1886. Traduzido para o inglês por Mary G. Langford.
- New York Times*, edição de 12 de janeiro de 1990, relatório da Sociedade Americana de Astronomia intitulado *Found: A Continent of Galaxies That Draws Others Toward It*.
- New York Times*, artigo do dr Lewis Thomas, datado de 15 de julho de 1989, sobre *passeios a pé na lua e várias impressões em torno disso*.
- New York Times Magazine Group, trecho da edição de março de 1970 da revista *McCall's*, *The Mysterious Madame Blavatsky*, de Kurt Vonnegut, Jr.
- Phanteon Books, Nova Iorque, EUA, *In My Owns Way*, de Alan Watts, *copyright* 1972 de Alan Watts, publicado por Pantheon Books, uma divisão da Randon House, Inc.
- Penguin USA, Nova Iorque, *Fantasia of the Unconscious*, de D.H. Lawrence.

- Shambhala Publications, Inc., Boston, EUA, *An Art of Our Own: The Spiritual in Modern Art*, de Roger Lipsey, *copyright* 1988 de Roger Lipsey. Reimpressão por acordo com Shambhala Publications, In., 300 Massachusetts Ave., Boston.
- Jean-Louis Siémons: “A nineteenth-century explanatory scheme for the interpretation of near-death experience: the transpersonal modelo of death as presente in madame Blavatsky’s Theosophy”, *copyright* Jean-Louis Siémons, Paris, França.
- Simon & Schuster, Nova Iorque, EUA, *The Man Who Mistook His Wife for a Hat*, dr. Oliver Sacks, *copyright* 1970, 1981, 1984, 1985 de Oliver Sacks. Reimpressão autorizada por Summit Books, uma divisão da Simon & Schulster, Inc.
- Sociedade para Pesquisas Psíquicas, Londres, Inglaterra. Relatório do dr. Harrison na edição de abril de 1989 (Vol. 53) do *SPR Journal*.
- Theosophical Publishing House, Wheaton, Illinois, EUA, citações retiradas de *The Dawing of the Theosophical Movement*, de Michael Gomes; *Quest, The Collected Writings of Helena Petrovna Blavatsky*, editada por Boris de Zirkoff.
- Revista *Time*, Nova Iorque, EUA, trechos do livro *Infinite in All Directions* do dr. Freeman Dyson, em artigo de abril de 1988.
- Vera Zhelihovsky, *When I Was Small*. Traduzido para o inglês por Catherine Young.
- Vera Zhelihovsky, *My Adolescence*, traduzido para o inglês por Chaterine Young.
- Very Zhelihovsky, livreto *H.P. Blavatsky and Modern Priest of Truth*. Traduzido para o inglês por Catherine Young.
- Vera Zhelihovsky, *The Unexplicable and the Unexplained* (seriado em *Rebus*). Traduzido para o inglês por Catherine Young.
- Vera Zhelihovsky, *The truth About H.P. Blavatsky* (seriado em *Rebus*). Traduzido para o inglês por Catherine Young.
- Vera Zhelihovsky, *A Modern Priestess of Isis*, de V. Solovioff, Apêndices A e B. Traduzido para o inglês por Catherine Young.
- Vera Zhelihovsky, *From the Caves and Jungles of India*, de Radda-Bai (H.P. Blavtsky). São Petersburgo, 1983. Traduzido para o inglês por Mary G. Langford.
- Vera Zhelihovsky, *Helena Petrovna Blavatsky*, publicado em *Russkoe Obozrenie*, novembro e dezembro de 1981. Traduzido para o inglês por Mary G. Langford.

SUMÁRIO

Ilustrações
Cronologia
Prefácio

PARTE 1 – A Vida na Rússia

1. Origem Familiar
2. Nascimento em Tempos Conturbados
3. Vivendo em Acampamentos Militares
4. Um Período Feliz
5. Novamente na Estrada
6. Um Ano com os Avós
7. Um Natal na Ucrânia
8. A Triste Partida
9. Os Dias em Saratov
10. Estranhos Acontecimentos
11. Horizontes em Expansão
12. A Separação dos Caminhos

PARTE 2 – Viajando Pelo Mundo

1. Primeiras Peregrinações
2. Uma Noite Inesquecível
3. O Novo Mundo e a Mãe Índia
4. Outra Grande Viagem
5. Sábios do Oriente

PARTE 3 – O Amadurecimento

1. De Volta à Rússia
2. Prodígios Ocultos
3. São Petersburgo e Rugodevo

4. Retorno ao Cáucaso
5. As Viagens Recomeçam
6. Vivendo no Tibete - I
7. Vivendo no Tibete - II
8. Vivendo no Tibete - III
9. Uma Visita Surpreendente
10. Um Tempo de Espera

PARTE 4 – América do Norte – Terra Pioneira

1. Os Primeiros Dias em Nova Iorque
2. O Auge do Espiritismo
3. Um Encontro Auspicioso
4. Primeiro Trabalho Público
5. Novos Rumos
6. Chega Outro Colega
7. O Nascimento de Um Movimento
8. Uma Mudança Psicofisiológica
9. Como HPB Escreveu Ísis Sem Véu
10. “Um Livro Que Contém Uma Revolução”
11. A Lamaseria
12. Uma Grande Decisão
13. Últimos Dias na América

PARTE 5 – Missão na Índia

1. O Despertar do Oriente
2. A Chegada em Bombaim
3. Resistência a Mudanças
4. Viagens ao Norte
5. Entre os Budistas
6. Simla, a Capital de Verão
7. Em Relação aos Fenômenos
8. Viagens Difíceis
9. A Mudança Para Madras
10. Uma Necessidade de Mudar

11. Visitando a Europa
12. O Caso Coulomb — Hodgson
13. A Despedida da Índia

PARTE 6 — Os Horizontes Abrem-se no Ocidente

1. O Primeiro Ano no Continente
2. “O Iago da Teosofia”
3. Mudando de Residência Para o Oeste
4. Primeiros Meses em Londres
5. Um Encontro com HPB
6. Lansdowne Road, 17
7. A Previsão das Guerras Mundiais?
8. A Doutrina Secreta
9. Uma Nova Trabalhadora
10. A Seção Esotérica
11. Uma Conspiração em Andamento
12. HPB Cometeu Plágio?
13. Novos Livros e Novos Lugares
14. Mudança Para a Avenue Road
15. Os Últimos Dias de HPB
16. Artigos Editoriais Sobre a Morte de HPB
17. “Você Conheceu Pessoalmente a Senhora Blavatsky?”

PARTE 7 — Os Cem Anos Posteriores

1. O Objetivo da Pesquisa
2. O Parlamento Mundial das Religiões
3. A Ciência e A Doutrina Secreta
4. Yeats, James Joyce e Outros Escritores
5. O Mundo da Arte
6. Mahler, Sibelius e Scriabin
7. O Budismo Avança Para o Ocidente
8. Os Catalisadores da Renascença Reencarnacionista
9. Mitos, Sonhos e Inconsciente Coletivo
10. A Fundadora da Nova Era?

11. Experiências Próximas à Morte e Consciência Cósmica
12. Respeito e Reverência

Agradecimentos

Notas

Bibliografia

Ilustrações

1. Frontispício: HPB, *Ísis sem00 Véu*, 1878
2. Cena do barco, 1851; o dia do primeiro encontro de Blavatsky com seu Mestre
3. Os Meetrovitch em “Fausto”, 1862
4. Sinete e assinatura do 14º Dalai Lama, incluídos no prefácio de *A Voz do Silêncio*
5. Caligrafia Tibetana do Panchem Lama; *sutra* para a edição chinesa de 1927 de *A Voz do Silêncio*, de HPB
6. Telhado e pilares de um templo descrito por uma clarividente alemã
7. Caracteres tibetanos desenhados por HPB confirmam a visão da clarividente
8. Ata da primeira reunião da Sociedade Teosófica em Nova Iorque, em 8 de setembro de 1875
9. Desenho de William Quan Judge, mostrando o prédio da “Lamaseria”, em Nova Iorque
10. A Sala de jantar da “Lamaseria”
11. Fac-símile da promessa de segredo assinada por Thomas Edison ao filiar-se à Sociedade Teosófica em 1878
12. Selo comemorativo da Índia emitido em 1975, mostrando o símbolo da Sociedade Teosófica
13. Sede da Sociedade Teosófica em Adyar; desenho de W.Q. Judge, 1884
14. A Bandeira da Paz Através da Cultura, de Nicholas Roerich

Páginas Centrais — HPB, família e companheiros de trabalho teosófico:

1. Helena Andreyevna Fandeyev von Hahn, mãe de HPB
2. HPB, quando jovem
3. Nadyezhda (Nadya) Fadeyev, tia de HPB
4. Vera Petrovna de Zhelihovsky, irmã de HPB
5. Fotografia de HPB com dedicatória para o professor Hiram Corson da Universidade Cornell, por volta de 1875

6. Henry Steel Olcott, presidente-fundador da S.T
7. William Quan Judge, co-fundador da S.T
8. William Quan Judge, 1984, Ceilão (Si Lanka)
9. HPB na viagem de Nova Iorque para a Índia, 1878
10. Patience Sinnett
11. Alfred Percy Sinnett
12. Damodar K. Mavalankar
13. Senhora Blavatsky, Ceilão (Sri Lanka), 1889
14. Anagarika H. Dharmapala, missionário budista
15. Retrato de HPB feito por Hermann Schmiechen, 1885
16. Condessa Constance Watchmeister
17. HPB em Maycot, Upper Norwood, Londres, 1887
18. Dra. Anna Bonus Kingsford
19. Archibald Keightley
20. Bertran Keightley
21. General Abner Doubleday
22. William Butler Yeats
23. Æ pseudônimo de George William Russell
24. Annie Besant
25. Isabel Cooper-Oakley
26. HPB em seu carrinho, na *Avenue Road*, 19, Londres, Inglaterra
27. Besant, Olcott e Judge no jardim da sede da S.T., em Londres, Inglaterra
28. A famosa foto “esfinge”, feita por Resta em 1889
29. O “Ninho do Corvo”, Bombaim, Índia
30. Residência de HPB e sede da S.T.: *Lansdowne Road*, 17, Londres, Inglaterra; fotografia tirada em 1957
31. “O Mensageiro”, quando pintado em 1931 por Nicholas Roerich

Nota da Edição Brasileira

As notas de pé da página da edição brasileira estão identificadas ao final com a seguinte inscrição entre parênteses: *Nota Ed. Bras.*

Todas as outras notas de pé da páginas, não identificadas, são da própria Sylvia Cranston.

Por outro lado, em diversos trechos da obra foram corrigidas pequenas imprecisões da edição norte-americana. Várias destas correções foram indicadas por Carey Williams, assistente de pesquisa de Sylvia Cranston, com quem mantivemos contato durante a preparação dos originais e a quem agradecemos a valiosa colaboração.

Brasília, 28 de abril de 1997
Os Editores

Cronologia^{*1}

- 831 – Helena nasceu em 12 de agosto, em Dnepropetrovsk (Ekaterisnoslav), Ucrânia. Foi filha do Cel. Pedro von Hahn e de Helena Andreyevna, cujo sobrenome de solteira era de Fadeyev, renomada romancista que morreu ainda jovem. Neta pelo lado materno do Conselheiro do Estado Andrey de Fadeev e da princesa Helena Pavlovna Dolgorukov, que supervisionou sua educação em Saratov e Tiflis, no Cáucaso. Era dotada desde a infância de notáveis poderes psíquicos.
- 849 – Casou com Nikifor Blavatsky, um funcionário público mais velho do que ela.
- 848-50 – Deixou o marido e viajou pela Turquia, Grécia, Egito e França.
- 851 – Encontrou o seu Mestre em Londres.
- 852 – Embarcou para o Canadá perto do final do ano; foi para New Orleans, México, América do Sul, Índias Ocidentais e, dali, via Cabo e Ceilão, para a Índia.
- 853 – Tentou entrar no Tibete, mas não teve êxito. Retornou para a Inglaterra via Java.
- 854 – Voltou de novo para a América, atravessando as *Rocky Mountains* com uma caravana de imigrantes. É possível que tenha visitado de novo a América do Sul.
- 855 – Partiu para a Índia perto do final do ano, via Japão e Estreitos.
- 857-57 – Viajou por toda a Índia, Cachemira, Ladakh, partes do Tibete e Burma.
- 858 – Retornou para a Europa via Java, permanecendo na França e Alemanha. Retornou então para a Rússia, chegando a Pskov na noite de Natal.
- 860 – Partiu no início do ano para o Cáucaso, onde viajou entre tribos nativas, permanecendo lá entre 1864 e 1865. Passou por severas crises

físicas e psíquicas, adquirindo controle completo sobre seus poderes ocultos.

866-67 – Partiu de novo para a Rússia e viajou por muitos lugares dos Bálcãs, Egito, Síria e Itália. Retornou para a Itália em 1867 e fez uma pequena visita ao sul da Rússia. Esteve presente na batalha de Mentana, em 3 de novembro de 1867, e foi ferida.

868 – Foi para a Índia e o Tibete com seu Mestre.

870 – Retornou para a Grécia.

871 – Embarcou para o Egito e naufragou perto da ilha de Spetsai, em 4 de julho.

871-72 – Estabeleceu-se no Cairo. Viajou para a Síria, Palestina e Líbano em 1872, retornando por um curto espaço de tempo para Odessa.

873 – Após breves viagens pelo leste da Europa, foi para Paris na primavera. Por ordens de seu Mestre partiu para Nova Iorque, desembarcando em 7 de julho.

874 – Conheceu o cel. Henry Steel Olcott na fazenda dos Eddy, em Chittenden, Vermont, em 14 de outubro.

875 – Em 8 de setembro fundou a Sociedade Teosófica, junto com o Cel. Olcott, William Q. Judge, e outros. O cel. Olcott fez o discurso inaugural no dia 17 de novembro.

877 – Publicou sua primeira grande obra, *Ísis Sem Véu*, no outono.

878 – Tornou-se cidadã norte-americana em 8 de julho. Partiu para a Índia com o cel. Olcott no dia 17 de dezembro, estabelecendo-se em Bombaim.

879 – Lançou sua primeira revista, *The Theosophist*, em outubro, o que resultou no rápido crescimento do trabalho teosófico na Índia entre 1879-83.

882 – Transferiu a sede da Sociedade Teosófica para Adyar, Madras (atual Chennai), na Índia, em 19 de dezembro.

884 – No dia 20 de fevereiro partiu para a Europa acompanhada do Olcott e outros. Depois de visitar Nice, estabeleceu-se por algum tempo em

Paris para trabalhar em *A Doutrina Secreta*. Visitou Londres brevemente. Mudou-se para Elberfeld, na Alemanha, no outono. Foi para Londres em outubro e logo depois viajou para a Índia, chegando em Adyar em 21 de dezembro.

- 885 – Em fevereiro ficou gravemente enferma. Viajou para Nápoles em 31 de março, deixando definitivamente a Índia. Depois de uma breve estada em Torre Del Greco, estabeleceu-se em Würzburg, na Alemanha, onde descreveu grande parte de *A Doutrina Secreta*.
- 886 – Mudou-se em julho para Ostende, visitando no caminho Elberfeld.
- 887 – Em maio transferiu residência para Londres, onde funcionava a Loja Blavatsky, e, em setembro, lançou a sua segunda revista, *Lucifer*.
- 888 – Publicou *A Doutrina Secreta* no final do outono. Fundou a Escola Esotérica.
- 889 – Publicou *A Chave para a Teosofia* e *A Voz do Silêncio*.
- 890 – Estabelece a sede europeia da Sociedade Teosófica na *Avenue Road*, 19, Londres, onde viria a falecer.
- 891 – Morreu no dia 8 de maio. Foi cremada no Woking Crematorium, em Surrey, na Inglaterra.

*¹ Feita a partir da Cronologia de Boris de Zirkoff, em *H.P. Blavatsky Collected Writings*.

Prefácio

Há cem anos, *The Sun* — um importante jornal de Nova Iorque — começou um registro biográfico sobre Helena P. Blavatsky (HPB) com as seguintes palavras: “Uma mulher que, por uma razão ou outra, manteve o mundo — inicialmente seu pequeno mundo infantil e mais tarde os dois hemisférios do planeta — falando a respeito dela, discutindo sobre ela, defendendo ou atacando o seu caráter e suas motivações, juntando-se à sua atividade ou a ela se opondo vigorosamente, e que tem a sua morte noticiada ao longo do dois continentes, como se fosse um imperador — deve ser uma pessoa realmente notável.”¹

Em uma edição especial de *Rikka* sobre mulheres ilustres (inverno de 1978), um diretor das Nações Unidas, dr. Paul Weinzwieg, referiu-se assim a Helena Blavatsky:

Uma mulher que expressava plenamente o ideal da cultura renascentista... Foi cientista, poeta, pianista, pintora, filósofa, escritora, educadora e, acima de tudo, uma incansável guerreira em favor da luz... Na sua busca pela verdade e pela fraternidade universal, H.P Blavatsky atraiu muita antipatia e muitos inimigos. Ninguém desafiou como ela os preconceitos dos religiosos do século dezanove, o charlatanismo espiritualista e a pomposidade intelectual. Era bastante natural, portanto, que seus detratores a acusassem das próprias qualidades que ela combatia, quase sozinha, com uma força enorme, com muita graça e um humor irreverente.

Charles Johnston, professor de sânscrito na Universidade de Columbia falou de um modo diferente a respeito dela:

A primeira impressão que tive sobre a Sra. Blavatsky foi uma percepção do poder e da grandeza da sua individualidade; era como se eu estivesse diante de uma das forças primárias da natureza... Esta percepção da força e de uma individualidade não era o que se sente na presença de alguma grande personalidade que domina e reduz à insignificância as pessoas à sua volta, e desrespeita de forma prepotente a sua independência. Era, em vez disso, a percepção de uma realidade profundamente arraigada, um inexaurível poder de resistência, um estado de espírito construído sobre as profundezas insondáveis da natureza, cuja origem está nas primeiras eternidades da Verdade. Gradualmente, sobre essa impressão dominante de poder, surgiu uma percepção sutil de gentileza e bondade, uma presença infalível para esquecer-se inteiramente de si mesma e identificar-se de coração com a vida dos outros.²

Outra homenagem foi feita pelo William Stewart Ross, um destacado escritor e crítico nos dias de HPB e editor de *The Agnostic Journal*. Ele escreveu por ocasião da morte de Blavatsky: “Apesar das suas vitórias tremendas e do seu talento sem par, ela não possuía qualquer vestígio de pretensão pedante, e seu coração era simples como o de uma criança... seus seguidores eram gnósticos em relação às sérias questões da teleologia,*¹ nas quais sou apenas um agnóstico. Para mim, agora que a Sra. Blavatsky morreu, mais uma sombra caiu sobre minha vida.... Chamada de ‘impostora’! Ela foi quase a única pessoa que conheci e que não era impostora... e uma das muito poucas que realmente me compreenderam.”³

Esse último comentário refere-se, sem dúvida, ao relatório, amplamente divulgado, de autoria de Hogdson, publicado em dezembro de 1885 pela Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres, que concluía afirmando que a Sra. Blavatsky “merece ser lembrada permanentemente por estar entre os impostores mais hábeis, completos e interessantes da História”. (Richard Hogdson, um homem com pouco mais de 20 anos de idade, tinha ido à Índia para investigá-la.)

Esse veredicto, desde então, tem sido sempre divulgado em biografias, enciclopédias e nos meios de comunicação quando a vida e o trabalho dela são discutidos. Por esse motivo, vale a pena lembrar de modo especial que, em 1986, ano do centenário do Relatório Hogdson, a própria Sociedade para Pesquisas Psíquicas distribuiu um comunicado de imprensa de três páginas, dirigido às principais revistas e jornais da Inglaterra, Estados Unidos e Canadá. O comunicado começava com estas palavras:

NOVO ESTUDO CONCLUI: A SRA BLAVATSKY, CO-FUNDADORA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA, FOI CONDENADA INJUSTAMENTE. O “desmascaramento” da ocultista nascida na Rússia, Sra. Blavatsky, pela SPP em 1885, fica em situação muito duvidosa com a publicação, no Jornal da SPP (Vol. 53, de abril de 1986) de um forte questionamento do Relatório de 1885.

O caso foi reexaminado pelo Dr. Vernon Harrison, ex-presidente da Royal Photographic Society e, anteriormente, gerente de pesquisas de Thomas de La Rue, um perito em falsificações. O Relatório de 1885 foi escrito principalmente por Richard Hogdson, um pioneiro australiano das duas Sociedades para Pesquisas Psíquicas, a inglesa e a norte-americana, que se tornou amplamente conhecido através deste caso.

O novo comunicado inclui um dos parágrafos do estudo de 25 páginas escrito pelo dr. Vernon Harrison: “A medida que um exame detalhado deste

Relatório prossegue, ficamos cada vez mais conscientes de que Hodgson estava disposto a usar qualquer indício, mesmo que trivial ou questionável, para implicar HPB, enquanto ignorava toda evidência que pudesse ser levada em conta a favor dela. O Relatório está cheio de afirmações tendenciosas, conjecturas apresentadas como fatos ou como fatos prováveis, testemunhos não-corroborados de testemunhas anônimas, seleção de indícios e inequívoca falsidade.”*2

Harrison cita uma declaração feita por HPB após a publicação do Relatório Hodgson:

As questões elaboradas, mas mal dirigidas do sr. Hodgson, sua afetada precisão, graças à qual usa uma paciência infinita com coisas minúsculas e é cego para fatos importantes, o seu raciocínio contraditório e sua múltipla incapacidade para tratar dos problemas que pretende solucionar, serão desmascarados no devido tempo — não tenho duvida alguma.⁴

Harrison acrescenta: “Peço desculpas a ela, porque levamos cem anos para demonstrar que ela escrevia com honestidade”.⁵

O comunicado de imprensa acrescenta que Blavatsky foi co-fundadora da Sociedade Teosófica em 1875 na cidade de Nova Iorque. HPB chegara aos Estados Unidos em 1873 e cinco anos mais tarde tornara-se cidadã norte-americana. Os outros principais fundadores foram o coronel Henry S. Olcott, que se tornou presidente da Sociedade, e William Q. Judge. Na sua mocidade, Olcott teve êxito como agricultor. Após ter servido na Guerra Civil, ele fez parte da Comissão de três homens nomeados pelo governo para investigar o assassinato de Lincoln. Mais tarde, tornou-se advogado. Judge, um jovem advogado norte-americano de procedência irlandesa, iria, com o tempo, desempenhar um papel proeminente no movimento, especialmente na América.

Elaborados gradualmente, os três objetivos da Sociedade são facilmente aceitáveis nos nossos dias; entretanto eram vistos na época vitoriana como radicalmente inovadores. Os objetivos são:

1. Formar o núcleo de uma fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor;
2. O estudo das religiões, filosofias e ciências antigas e modernas, e a demonstração da importância de tal estudo; e

3. A investigação das leis inexplicadas da natureza e dos poderes psíquicos latentes no homem.

Hoje existem sociedades e associações teosóficas que buscam esses objetivos em mais de sessenta países.

Em função do terceiro objetivo, HPB demonstrava reservadamente a alguns dos seus discípulos certos fenômenos ocultos, a fim de explicar as leis que operavam em sua produção. Isso era feito quando ela queria e sob condições bem conhecidas, ao contrário do que ocorre com médiuns. Sempre que eram produzidos fenômenos, no entanto, facilmente surgiam suspeitas sobre sua autenticidade entre aqueles que não estavam presentes ao fato, como é o caso de Hodgson, cujas investigações eram limitadas a interrogar testemunhas ou examinar seus relatos.

H. G. Wells escreveu, certa vez, que sempre sentia um assombro diante dos fenômenos produzidos por “Maomé, os iogues e a Sra. Blatvatsky... Neste ponto, investigamos alguma lei — mais profunda que as leis comuns da natureza”.⁶ O celebrado crítico arquitetônico e historiador cultural Lewis Mumford escreveu em sua coluna em *The New Yorker* (23 de maio de 1964)⁷ a respeito da misteriosa predição de HPB sobre a “destruição completa de cidades por uma explosão nuclear”.

HPB jamais assumiu um papel de destaque na administração da S. T. e, durante dez anos, não ocupou posição mais elevada que a da secretária correspondente. Um ano antes da sua morte, foi eleita presidente das lojas europeias. Ao escrever para sua irmã na Rússia, ela lamentava: “De que serve tudo isso para mim?... Honrarias e títulos não se harmonizam com minha linha de trabalho”.⁸ Ao contrário dos muitos gurus que gozam da popularidade atualmente, ela se recusava a aceitar dinheiro pelos ensinamentos, vivia com simplicidade e morreu sem qualquer patrimônio material.

HPB não aceitaria a expressão “seus ensinamentos”, pois nunca afirmou que eles pertenciam a ela. Havia aprendido esses ensinamentos, dizia ela, de instrutores que encontrou em viagens pelo Oriente. Ela se referia a esses gurus como adeptos, mestres de sabedoria ou *mahatmas* (grandes almas). Quer residam no Oriente ou no Ocidente, afirma-se que eles têm um trabalho e uma visão globais. Blavatsky foi a primeira no Ocidente a falar abertamente desses membros avançados da família humana como sendo o

produto natural da evolução pela reencarnação. Através da História, segundo a Teosofia, eles aparecem como grandes instrutores e salvadores da humanidade — Buda, Krishna, Zoroastro, Moisés, Abraão e Jesus. Referindo-se a Jesus, HPB escreveu em seu primeiro livro, *Ísis Sem Véu*, que ele foi “uma das maiores e mais claramente definidas personalidades no panorama da história humana”, alguém que “ao invés de perder a importância, tornar-se-á, a cada século, mais forte e mais claramente definido”.

Hoje a ideia dos mestres é tão familiar que no *Roget's International Thesaurus*, procurando a palavra *mahatma*, o leitor encontra quatro sinônimos: perito, boa pessoa, ocultista e homem sábio.⁹ Os teósofos sustentam que o adepto é atingível tanto por mulheres como por homens.¹⁰

Como poderia ser classificada a sabedoria de um mestre ou homem sábio? Ela é religiosa, científica ou filosófica? De acordo com a obra-prima de HPB, *A Doutrina Secreta*, que tem como subtítulo *Síntese da Ciência, da religião e da filosofia*, a sabedoria reúne as três.

O que tem fascinado muitos cientistas que estudam *A Doutrina Secreta* é que a autora antecipou muitas descobertas posteriores nos diversos campos em que eles atuam. Enquanto os físicos e químicos da época de HPB estavam convencidos de que o átomo era o último bloco de construção do Universo, ela afirmava que eles são infinitamente divisíveis. Quando os antropólogos estavam atribuindo ao homem, com relutância, uma antiguidade de várias centenas de milhares de anos, ela falava, como os pesquisadores da atualidade, em milhões de anos. Ela já considerava como fatos certas descobertas científicas posteriores, como a conversibilidade de matéria e energia; a transmutação dos elementos, a natureza ilusória da matéria — que a matéria não é o que vemos; que o espaço não é vazio, não existindo vácuo em parte alguma; que a Lua não foi arrancada da Terra como os astrônomos especulavam, mas é mais antiga que a Terra. Os cientistas ficaram atônitos ao descobrir que as rochas trazidas da Lua são muito mais antigas do que qualquer outra encontrada na Terra!

Uma sobrinha de Einstein relatou que um exemplar de *A Doutrina Secreta* estava sempre sobre sua escrivaninha.¹¹ Outra testemunha, Jack

Brown, faz afirmação similar, em um artigo intitulado *Eu Visitei o Professor Einstein*.¹²

HPB possuía numerosos amigos na comunidade científica, inclusive Thomas Edison, *sir* William Crookes, notável químico e físico do século dezenove, e Camille Flammarion, o renomado astrônomo francês. Os três eram membros da Sociedade Teosófica. Outros membros notáveis foram o filósofo norte-americano William James, e o general-de-divisão Abner Doubleday, herói da Guerra Civil e considerado o inventor do beisebol. Notável estudioso, Doubleday doou sua rara biblioteca à S.T., do qual foi vice-presidente. HPB conheceu-o bem quando morava em Nova Iorque.

Quando, mais tarde, ela morou em Londres, outro membro da S.T., o poeta William Butler Yeats, esteve intimamente associado durante anos com o trabalho de Blavatsky. Em carta a um amigo, ele disse que ela “era a mais intensamente viva das pessoas vivas”.¹³ Um repórter norte-americano, depois de entrevistá-la, escreveu no *Hartford Daily Times* (2 de dezembro de 1878): “A senhora riu. Quando escrevemos ‘a senhora riu’, sentimos como se disséssemos que o riso estava presente! Pois a risada dela era a própria essência de todas as gargalhadas claras, alegres e brincalhonas que jamais ouvimos. Na verdade, sua vitalidade é tão intensa que ela parece manifestar sempre o gênio essencial do estado de espírito em que está em determinado momento.” Infelizmente, suas fotos mostram normalmente apenas o lado sério do seu temperamento.

Até o momento apareceram dezoito biografias em forma de livro dedicados à H.P. Blavatsky. Esta obra — que comemora o centenário da morte de HPB — é a primeira biografia em grande escala que aparece a respeito dela. Ao contrário da maior parte das suas predecessoras, esta obra enfoca tanto os ensinamentos que HPB transmitiu quanto sua vida; porque esta última não pode ser compreendida sem levar em conta seus ensinamentos. Assim, durante a preparação para escrever esta biografia, todos os livros e artigos de Blavatsky, em um total de cerca de dez mil páginas, foram examinados.

As cartas de Blavatsky são igualmente valiosas. A autora teve a sorte de receber de Dara Eklund, testamenteira de espólio de Boris de Zirkoff (editor dos *Collected Writings — Escritos Reunidos* — de HPB), fotocópias de cerca de cerca de seiscentas cartas reunidas por ele durante um período de

cinquenta anos. Também sou grata por haver recebido grande quantidade de informações adicionais sobre a vida de HPB, que ele vinha reunindo a partir de fontes poucas conhecidas.

Recentemente foi descoberto muito material novo, inclusive a longa correspondência entre Blavatsky e James Raltson Skinner, o bem-informado autor de *Key to the Hebrew-Egyptian Mystery int the Source of Measures* (*Chave para os Mistérios Hebraicos e Egípcios da Origem das Medidas*). Embora Skinner tivesse mencionado a existência dessa correspondência, ninguém conhecia o conteúdo dessas cartas. Elas foram descobertas nos arquivos da Biblioteca Teológica Andover-Harvard, na Universidade de Harvard. Esta autora cumpriu um pequeno papel no processo de trazê-las à luz. O arquivista dr. Alan Seaburg escreveu a ela (em 30 de janeiro de 1984): “Se você souber de outras cartas de HPB que necessitam um lar, por favor, pense em Harvard. Seriam bem-vindas em nossa coleção.” Uma fonte de informações de valor incalculável, que não foi usada por biógrafos anteriores, está na grande quantidade de material publicado na Rússia, mas até agora não traduzido. Grande parte foi traduzida para o inglês, em função do presente trabalho, pela jovem emigrada da Rússia, Cathy Young, graduada com honra na Universidade de Rutgers e autora de *Growing Up in Moscow* (*Juventude em Moscou*).¹⁴ O restante foi traduzido por outra pessoa da nacionalidade russa, Mary G. Lagford, que, até sua aposentadoria, ensinava russo no *Occidental College* da Califórnia.

O presente volume, como o título indica, diz respeito tanto à vida como à influência de HPB. O escritor Paul Zweig ficou surpreso ao descobrir que “em poucos anos, a Sociedade Teosófica revolucionaria o pensamento oculto na Europa e na América... A Sociedade Teosófica de HPB floresceria na Índia e no Ceilão, tornando-se um poderoso fator no renascimento do Hinduísmo e do Budismo nesses países. E teria finalmente uma influência importante no movimento pela independência da Índia”. (Veja *O Despertar do Oriente*, na Parte 5 deste livro.)

Quanto à influência de HPB no Ocidente, o historiador social Theodore Roszak escreve sobre um dos seus aspectos no livro *Unfinished Animal* (*Animal Não Terminado*). Em uma parte de oito páginas intitulada *A Doutrina Secreta da senhora Blavatsky*, ele se refere a ela como “uma das maiores mulheres livres do seu tempo”, acrescentando:

Ela atraía inevitavelmente o fogo destruidor da crítica com cada ato e cada palavra, especialmente quando pretendia desafiar as ortodoxias mais firmemente estabelecidas da época. Ainda hoje muitas pessoas que nunca leram uma linha do que ela escreveu continua inflexivelmente convencidas de que ela era uma impostora e uma rabugenta. Raramente é lembrado que nos anos posteriores à publicação de *A Origem das Espécies*, HPB foi a primeira pessoa a defender incisivamente a existência de elementos não-físicos na evolução, ao contrário do que afirmava o nascente consenso darwinista.

Nas suas obras maiores, prossegue ele, pode ser encontrada “a primeira filosofia da evolução psíquica e espiritual surgida no Ocidente moderno. O esforço de HPB, ao contrário dos fundamentalistas cristãos, não era no sentido de rejeitar o trabalho de Darwin, mas ela insistia que ele havia omitido inteiramente, com seu foco no que era puramente físico, a vida mental, criativa e visionária da raça humana; em resumo, o trabalho omitia a *consciência*, cujo desenvolvimento seguia um caminho evolucionário muito diferente. Darwin apenas não foi suficientemente longe: a sua teoria não foi grande o bastante para incluir em si a natureza humana”.

Olhando Blavatsky em perspectiva, Roszak observa que, “apesar de todas as críticas levantadas contra ela, HPB destaca-se como um talento primordial em nosso tempo... Acima de tudo, está entre os psicólogos da mente visionária que deixaram atrás de si um rastro de luz no mundo moderno”.¹⁵

Outros aspectos da influência de HPB são enfocados na Parte 7, *Os Cem Anos Posteriores*, nos capítulos sobre religião, psicologia, literatura, arte, música e a Nova Era, da qual ela tem sido mencionada como *mãe* inúmeras vezes. O capítulo *A Ciência e a Doutrina Secreta* inclui não só sua influência, mas indica até que no ponto os ensinamentos daquela obra antecipam descobertas científicas posteriores. A obra anunciou também uma grande mudança que ocorreria na ciência entre 1888 e 1897. Os cientistas da época de Blavatsky lamentavam o fato de que todas as grandes descobertas em física, química e astronomia já haviam sido feitas e não haviam novos mundos por conquistar. Então, em 1895, 1896 e 1897, foram anunciadas três descobertas que abriram vastos campos de pesquisas existentes até hoje, sem final previsível. Esse capítulo sugere as razões por que Einstein e outros cientistas começaram estudando *A Doutrina Secreta*.

Hoje todos os livros de HPB estão à venda, muitos deles com diversas edições. Suas obras foram traduzidas para todas as línguas europeias, assim como para o hebraico, árabe, tâmil, hindi, chinês, japonês, vietnamita e

muitos outros idiomas. Isso parece adequado, porque pela amplidão do seu espírito ela era mais uma cidadã do mundo do que alguém que pertencesse a algum país em especial.

Na Rússia, os livros de Blavatsky foram banidos durante a sua vida pelo regime czarista, e continuaram proibidos quando os soviets tomaram o poder. A situação mudou, segundo revela o seguinte informe:

A terra natal da sra. Blavatsky está agora cheia de interesse em sua vida e sua obra... Em Moscou, no dia 18 de junho de 1990, um ano antes da dissolução da União Soviética, uma exposição sobre HPB foi inaugurada nas imponentes instalações da União de Escritores... A imprensa escrita e a televisão de Moscou cobriram o evento e vários milhões de telespectadores viram a abertura em horário nobre de televisão em 1991, quando foi anunciado que seria celebrado o Ano Internacional de Blavatsky, para lembrar o centenário de sua morte.¹⁶

Voltaremos ao assunto no último capítulo, *Respeito e Reverência*. No ano de 1978 transcorreu o centésimo aniversário do dia em que HPB tornou-se cidadã dos Estados Unidos, um país que ela amava — disse — “por sua gloriosa liberdade”.¹⁷

Uma exceção à rejeição geral de HPB pelos russos ocorreu um ano após a sua morte, na respeitada *Enciclopédia Crítico-Biográfica de Escritores e Sábios da Rússia*. Em um esboço de 14 páginas da vida de HPB, Zinaida Vengerov escreveu:

Não é possível nem mesmo uma lista aproximada de tudo o que foi escrito sobre Blavatsky. Tendo despertado um grande interesse pela sua Teosofia na Europa Ocidental, América do Norte, e Índia, Blavatsky tornou-se alvo de um vasto corpo de literatura que a louvava ou polemizava com ela: dúzias de livros, centenas de artigos nas revistas e milhares de artigos nos jornais. Sua fama era tão grande que em um conceituado dicionário biográfico londrino, *Men of the Time (Homens da Nossa Época)*, que não dedica mais de uma coluna a algumas das pessoas mais conhecidas de hoje em dia, destinou três colunas a Blavatsky.¹⁸

HPB foi chamada de “a Esfinge do século dezenove”, e a sua conhecida fotografia em quem a mão direita está apoiada do queixo, enquanto seus olhos penetrantes parecem atravessar o espectador, também foi chamada de “Esfinge”. É de certo modo significativo que *Time-Life Books* tenha selecionado essa fotografia para sua campanha promocional da série popular *Mistérios do Desconhecido*. Brilhando nas telas dos televisores ou reproduzida em circulares mandadas pelos correios, milhões de pessoas viram essa foto inesquecível acompanhada pelas surpreendentes palavras **FIQUE FRENTE A FRENTE COM O DESCONHECIDO** — uma

confissão inconsciente, talvez, de que o mundo ainda precisava avaliar HPB corretamente.

Nesta biografia, testemunhas de vários eventos têm a oportunidade de contar o que viram, sempre que possível com suas próprias palavras, para que não se percam a força e o sabor originais. Essa orientação, é claro, aplica-se, também, para a nossa testemunha principal — a própria Helena Petrovna Blavatsky.

*1 Teologia: Estudo dos fins humanos, ramos da cosmologia que trata das causas últimas e objetivos finais (Nota Ed. Bras.).

*2 *H.P. Blavatsky e a Sociedade para Pesquisas Psíquicas, Retratação a H.P. Blavatsky sobre As Cartas dos Mahatmas*, Vernon Harrison, PhD. Brasília: Editora Teosófica, 2015. (Nota Ed. Bras.)



1. Helena Petrovna Blavatsky, fotografia de Ísis sem Véu, 1878.

A onda da maré das almas mais profundas avança pelo nosso ser mais interior. E nos eleva sem que saibamos, e nos liberta de todos os assuntos menores. ^{*1}

Henry Wadsworth Longfellow

^{*1} *The tidal wave of deeper souls, / Into our inmost being rolls, / And lifts us unawares, / Out of all meaner cares.*

PARTE 1

A Vida na Rússia

CAPÍTULO 1

Origem Familiar

Lendo as muitas cartas, as entrevistas e as longas obras escritas por HPB, encontramos apenas umas poucas linhas sobre os seus ancestrais. Aparentemente, ela não tinha qualquer inclinação para vangloriar-se sobre a sua linhagem, apesar de esta ser notável. Os pesquisadores são obrigados a recorrer a outras fontes para obter informação sobre esse tema.

Sua mãe, Helena Von Hahn, era uma romancista famosa cujos livros, quando apareciam, “eram considerados como eventos extraordinários na literatura russa... Ela era considerada igual em importância ao grande Lermontoff, e críticos respeitados como Belinsky escreviam sobre ela.”¹ Belinsky chamava-a de George Sand da literatura russa.² A Avó materna de HPB, princesa Helena Pevlovna Fadeyev — com quem Blavatsky viveu grande parte da sua infância e juventude — era cientista e artista de destaque. A princesa pertencia a uma das famílias mais antigas da Rússia, os Dolgorukov, cuja origem retrocede dez séculos até o príncipe Rurik, fundador do que se tornaria o império russo. Ele é conhecido também como o Príncipe de Rus, de onde derivou o nome da Rússia.

No patrimônio hereditário imediato de HPB há sangue russo, francês (huguenote) e alemão. Indo mais atrás, também encontramos escandinavos, pois, surpreendentemente, Rurick não era um eslavo, mas um *viking*. Em março de 1985, a *National Geographic*, sob o título *Quando os Rus Invadiram a Rússia... A Trilha Viking para o Oriente*, publicou a seguinte informação:

As raízes *vikings* penetram profundamente no solo russo quando guerreiros e negociantes escandinavos, conhecidos como Rus, criaram o primeiro estado organizado na Terra e deram seu nome ao futuro império. O legendário Rurik dos Rus tornou-se príncipe de Novgorod no ano 862 D.C. Mil anos depois, a sua figura em bronze adorna um enorme monumento na praça de Kremlin daquela cidade. No século onze, um estado Rus tinha Kiev como centro [e sua rota comercial] estendia-se do Báltico ao Mar Negro.

As crônicas mais antigas indicam que Rurik e seus dois irmãos não invadiram a Rússia, mas foram *convidados a governá-la*. Até mesmo um guia norte-americano para turistas que viajam para a Rússia menciona o fato.³ Blavatsky conta a história lendária no seu artigo sobre a obra *Pais e Filhos*, de Turguenev: “Os eslavos imploraram que ele viesse e governasse o seu país, e afirma-se que os delegados disseram a Rurik as seguintes palavras submissas: ‘Venha conosco, grande príncipe... pois vasta é a nossa terra natal, mas nela existe muito pouca ordem’.” A essas palavras, HPB acrescenta: “Os seus descendentes bem poderiam dizer a mesma coisa, com ênfase igual ou maior.”⁴

Entre os descendentes de Rurik na árvore genealógica de HPB estava o príncipe Yaroslav, o Sábio, e São Miguel de Chernigov, um príncipe que foi posteriormente canonizado. Mais tarde veio o príncipe Yakov, o bem conhecido favorito de Pedro, o Grande.

O elemento francês entrou na família quando o bisavô de HPB, príncipe Paulo, casou com a condessa Henriette de Plessis, filha de um nobre francês, um huguenote perseguido que, tendo emigrado para a Rússia, serviu na corte de Catarina, a Grande. Essa presença de um huguenote francês na árvore genealógica de HPB é normalmente ignorada sem qualquer comentário pelos escritores, mas a coragem dos huguenotes franceses em meio à cruel perseguição religiosa certamente teve uma influência sobre ela.

Foi a filha do príncipe Paulo e da condessa Henriette, a princesa Helena Pavlovna, que veio a ser a avó materna de HPB. Ela foi uma personalidade única em seu tempo. Os colégios e universidades na Rússia não aceitavam mulheres, e ela era uma autodidata. Helena Pavlovna era uma excelente artista e música e falava fluentemente cinco idiomas. Ela estudou grego clássico e moderno, ensinando as bases de ambos, mais tarde, para HPB, que também dominava diversos idiomas.⁵ O trabalho científico da sua avó foi desenvolvido nas áreas da botânica e da arqueologia. *Lady Hester Lucy Stanhope*, uma inglesa famosa por suas viagens pelo mundo, escreveu em um livro sobre a Rússia:

Naquela terra bárbara eu encontrei uma notável cientista mulher, que teria sido famosa na Europa, mas... não havia ninguém capaz de reconhecer seu valor científico.⁶

O trabalho científico de Helena Pavlovna foi reconhecido por vários cientistas notáveis, entre eles Alexander von Humboldt. Ela manteve uma extensa correspondência com o geólogo *sir* Roderick Murchison, um dos fundadores da *Royal Geographic*

Society na Inglaterra.⁷ O geólogo francês Hommaire-de-Hell, que passou sete anos na Rússia, escreveu sobre a hospitalidade dela e as suas realizações no trabalho,⁸ e deu, em sua honra, o nome a um fóssil descoberto recentemente, *Venus Fadeef*. Até hoje Helena Pavlovna é lembrada na Rússia, segundo informa Cathy Young, nossa tradutora.

Em 1813, com a idade de vinte e três anos, a princesa casou com Andrey Fadeyev, que trabalhava na área administrativa e mais tarde se tomou governador de uma província.⁹ O bisavô de Andrey, um capitão do exército de Pedro, o Grande, foi morto na batalha de Poltava, quando a Rússia foi invadida pelo rei Carlos XII da Suécia. O avô de Andrey morreu dos ferimentos recebidos numa das guerras contra os turcos, enquanto o seu tio foi morto em 1812, durante a invasão de Napoleão. Ler sobre essas terríveis guerras em que seus parentes morreram deve ter sido para ela mais do que uma lição acadêmica de história.¹⁰

Apesar de ter uma casa servida por criados, a princesa Helena criou ela própria seus filhos; primeiro, a mãe de Helena Petrovna, Helena Andreyevna; e, depois, Catarina, a futura mãe do conde Witte, que viria a ser o primeiro primeiro-ministro da Rússia; a seguir Rostilav, renomado em seu tempo como general, historiador e reformador social;¹¹ e, por último, Nadya ou Nadyezhda, somente três anos mais velha que Helena Petrovna e sua companheira inseparável na juventude. Helena Andreyevna disse certa vez sobre sua mãe: “Se eu lhe contasse que a nossa mãe nos deu de comer, cuidou de nós, foi nossa professora e nosso anjo da guarda, isto não seria suficiente para descrever a dedicação sacrificial, inesgotável e altruísta com que ela alegrava constantemente nossas vidas.”¹² Mais tarde ela faria o mesmo por sua neta, a futura Helena Blavatsky.*¹

As suas boas ações não eram confinadas, tampouco, a sua própria família: benfeitora dos pobres, Helena Pavlovna salvou muitas famílias da fome, dando um refúgio para os seus filhos.¹³ Como cristã ortodoxa russa, a avó era profundamente religiosa, e Helena Petrovna foi criada da mesma maneira. A velha senhora dizia: “Deus é todo sabedoria, todo bondade, e

criou a tudo no mundo de uma maneira bela e útil.”¹⁴ Um escritor do século dezenove recorda que a princesa “viveu até uma idade muito avançada [...]... morrendo aos setenta e dois anos”.¹⁵

A hereditariedade alemã de HPB pode ser investigada a partir de seu pai, Pedro von Hahn, remontando até o famoso cruzado medieval conde de Rottenstern, cuja vida foi certa vez salva pelo canto de um galo quando um sarraceno entrava na sua tenda para matá-lo. Em gratidão, o conde acrescentou Hahn — a palavra alemã para “galo” — ao seu nome.¹⁶

Os Hahn — condes e condessas — eram bem conhecidos na Alemanha e mais tarde na Rússia, para onde os ancestrais de Pedro migraram várias gerações antes do seu nascimento. Durante os séculos dezessete e dezoito não era somente o Novo Mundo que atraía os perseguidos e os aventureiros, mas também a Rússia. HPB fala dessa corrente ocidental misturando-se aos russos. Os nomes dos emigrados “foram russificados, ficando em alguns casos irreconhecíveis, como por exemplo o nome inglês Hamilton, modificado para ‘HOMUTOFFS’.”¹⁷

Pedro von Hahn fez carreira militar, tornando-se coronel antes de passar à reserva. Seu pai, o general Alexis von Hahn, recebeu um reconhecimento especial por vencer uma batalha decisiva na Suíça, onde foi comandante de Zurique durante a ocupação russa. Alexis casou-se com a condessa Elizabeth Maksimovna von Probsen, a avó materna alemã de Helena Petrovna, de quem a neta iria herdar o cabelo prateado e encaracolado e o temperamento cheio de vida, espontâneo e bem-humorado.¹⁸

O pai de Helena Petrovna tinha outra espécie de humor, a ironia cáustica de um cético radical. Leitor assíduo e culto, ele via pouca utilidade na religião e nas coisas ocultas — que considerava “baboseiras de babás”. Será interessante ver, mais tarde, as suas reações diante dos nascentes poderes psíquicos de sua filha.

A tia-avó paterna de Helena Petrovna¹⁹ era a condessa Ida Hahn-Hahn notável escritora alemã, cujas obras foram publicadas tanto no continente europeu como na Inglaterra. Por uma estranha coincidência, a mãe de

Helena Petrovna e essa tia-avó estavam engajadas em uma causa comum. No prefácio da segunda edição das *Complete Works* (Obras Completas) da mãe, publicada em 1905, está escrito o que segue:

Nos anos trinta do último século, apareceram na França, Alemanha e Rússia vários romances em rápida sucessão, tratando, pela primeira vez na história de questões concernentes à posição social das mulheres em todos os aspectos. Podemos atribuir a esses romances o começo do chamado “movimento feminista” e do movimento pelo voto das mulheres no mundo ocidental. Três escritoras foram responsáveis por isso: a famosa George Sand, na França, a condessa Ida H. Hahn-Hahn, na Alemanha, e Helena Andreyevna Hahn, na Rússia [mãe de Blavatsky], que escrevia sob o pseudônimo de Zenaida R-va. Elas tentavam mostrar em suas obras o destino infeliz e a posição social miserável das mulheres que, ou eram forçadas pelas circunstâncias a permanecer fora do círculo da felicidade matrimonial, ou tinham que suportar um completo desastre em seus casamentos.²⁰

Helena Andreyevna mostrava em suas obras outras injustiças além das que eram impostas às mulheres, e esteve entre as primeiras a fazer isso na Rússia. Na sua aclamada novela *Theophania Abbiadzhio*, a personagem central, uma mulher, passando uma tarde diante das casas dos ricos, olha através das janelas e observa o luxo excessivo de senhoras vestidas com plumas e brilhantes. Theophania pergunta-se então: “O que elas fizeram para merecer essas vantagens? Como as justificam? Por que a elas foi dado tudo, enquanto outros perambulam como miseráveis longe de todas as diversões e alegrias... e, no entanto, todo o trabalho, todas as atividades são feitas por esses pobres miseráveis.” Então, passando por uma rua pobre, com pequenas casas miseráveis semi-enterradas no chão, ela vê “a terrível face dos carvoeiros... Lá estão os que tornam possível toda a atividade da cidade, mas eles são invisíveis e esquecidos por todos”. Não muito longe, os ricos estão desfrutando a visão de um espetáculo de fogos de artifício, enquanto a “uma centena de passos de distância, uma família inteira está morrendo de fome no chão úmido, e nem uma pequena centena dos fogos de artifício se transforma num maná celestial que caia sobre suas cabeças para socorrê-los...”²¹ Nos livros de HPB encontramos a mesma profunda preocupação em relação aos sofrimentos dos outros. Em *A Voz do Silêncio*, que Tennyson — afirma-se — tinha na sua mesinha de cabeceira ao morrer,²² são encontradas estas linhas:

Que tua Alma dê ouvidos a todo grito de dor, assim como o lótus abre seu coração para absorver o sol da manhã.

Não deixes que o Sol penetrante seque uma só lágrima de dor, antes que tu mesmo a tenhas enxugado no olho daquele que sofre.

Mas deixa que cada lágrima humana fervente caia no teu coração e ali permaneça, e não a seques até que a causa da dor tenha sido removida.²³

Essas lágrimas, Oh tu que tens o mais misericordioso coração, são os rios que irrigam os campos da caridade imortal. É em tal solo que cresce a flor da meia-noite do Buda,^{*2} mais difícil de encontrar e mais rara de ver do que a flor da árvore Vogay... Saibas que o rio do conhecimento super-humano que foi vencido por ti... deve ser cobrado por ti mesmo em outro leito... Suas águas puras terão de ser usadas para adoçar as ondas amargas do oceano, pois aquele poderoso mar de sofrimento foi formado com as lágrimas dos homens.²⁴

A carreira de Helena Andreyevna como escritora só começou quando a sua primeira filha, Helena Petrovna, tinha cinco anos de idade. Vamos, agora, voltar-nos para o seu nascimento, quando a sua mãe tinha apenas dezessete anos.

*1 Com três Helenas na família de HPB, é muito útil para efeitos de identificação o fato de que na Rússia o segundo nome é sempre o primeiro nome do pai, com uma terminação que significa “filho de” ou “filha de”. Assim, Helena Pavlovna teve seu nome determinado pelo nome do pai, Paulo; Helena Andreyevna pelo nome do seu pai, Andrey; e Helena Petrovna também teve seu nome derivado do nome do seu pai, Pedro. Na Rússia, Helena é normalmente soletrado como Yelena ou Elena.

*2 Adeptado, “o florescimento do Bodhisattva.” [HPB]

CAPÍTULO 2

Nascimento em Tempos Conturbados

Helena Petrovna nasceu próximo da meia-noite, no começo da madrugada do dia 12 de agosto de 1831, na cidade ucraniana de Ekaterinoslav (Glória de Catarina), que tinha sido construída para Catarina, a Grande. Os russos mudaram o nome para Dnepropetrovsk, em homenagem a Pedro, o Grande, e ao rio que corre através da cidade, o Dneiper.

O Dneiper tem uma significação especial na história da Rússia. Foi ao longo desse rio que cresceu a dinastia Rurik. No século onze o estado de Rus, com capital em Kiev, expandiu-se do Báltico até o Mar Negro. O rio tornou-se uma grande rota de comércio até Constantinopla (hoje Istambul).

O rio também é associado a alguns eventos religiosos importantes. Foi em Kiev que um descendente de Rurik, o príncipe regente Vladimir, recém-convertido ao Cristianismo, ordenou que seu povo fosse levado até o Dneiper, onde os sacerdotes fizeram batismos em massa. Vladimir foi canonizado por converter a Rússia pagã à fé cristã.²⁵ Parece irônico, mas oito séculos depois, um outro descendente de Rurik, nascido numa cidade do mesmo rio, iria contestar publicamente — como fez HPB em seus escritos — a eficácia dos sacramentos da Igreja, como o batismo, ao conferir supostamente a salvação aos participantes, enquanto os não-participantes estariam condenados para sempre. HPB, no entanto, não era de modo algum anticristã. Em sua primeira grande obra, *Ísis Sem Véu*, ela revela que o livro “não contém uma só palavra contra os puros ensinamentos de Jesus, mas denuncia incansavelmente o rebaixamento desses ensinamentos e sua submissão a perniciosos sistemas eclesiásticos...”

As circunstâncias que envolveram o próprio batismo de Helena Petrovna são dignas de nota. Quando ela nasceu, em 1831, havia grande sofrimento na Rússia. A cólera asiática, a mais cruel e fatal de todas as pragas, aparecera pela primeira vez nas terras ocidentais um ano antes. Em seguida

levou a destruição a todo o império russo e, depois, também à grande parte da Europa. Populações inteiras eram eliminadas pela sua marcha mortal. O irmão do czar Nicolau, o grão-duque Constantino, foi uma vítima. No sul da Rússia, na casa dos avós de Helena Petrovna, onde ela nasceu, houve vários casos fatais. Caixões eram empilhados em todas as partes, esperando o sepultamento. Era um mau presságio nascer em tal época pensavam os camponeses.

Em meio à agitação, Helena nasceu prematuramente e com saúde tão delicada que a família optou por batizá-la imediatamente, para que ela não morresse “com a carga do pecado original na alma”. Um relato dramático do ocorrido é feito pelos seus parentes:

A cerimônia do batismo (na) Rússia “ortodoxa” era cercada de toda uma parafernália, com grandes velas acesas e “pares” de madrinhas e padrinhos. A cada um dos atores e espectadores eram fornecidas velas de cera consagradas durante a cerimônia. Além disso, todos tinham de permanecer de pé durante o ritual do batismo. Na religião grega ninguém era autorizado a sentar durante o serviço religioso, ao contrário do que ocorre na igreja católica romana e nas igrejas protestantes. O salão selecionado para a cerimônia na mansão da família era grande, mas a multidão de devotos ansiosos por assistir à cerimônia era ainda maior. [Tia Nadya, a criança madrinha do bebê] poucos anos mais velha que sua sobrinha, cuja idade era de apenas vinte e quatro horas, foi designada como “representante” de um parente ausente e estava na primeira fila, imediatamente atrás do venerável protopope (sacerdote ortodoxo). Sentindo-se nervosa e cansada por estar em pé por quase uma hora, a criança sentou-se no chão sem que os mais velhos percebessem e começou, talvez, a cochilar no salão superlotado naquele dia quente de agosto. A cerimônia estava prestes a terminar. Os padrinhos estavam justamente renunciando ao Ser Maléfico e a suas ações, uma renúncia enfatizada na igreja grega por um tríplice cuspir sobre o inimigo invisível, quando a criancinha, brincando com sua vela acesa aos pés da multidão, colocou fogo inadvertidamente nos longos paramentos do padre; e ninguém [notou] o incidente até que já era tarde. [Várias pessoas, inclusive o velho sacerdote, sofreram queimaduras]. Esse foi outro mau presságio de acordo com os supersticiosos crentes da Rússia ortodoxa; e a inocente causa disso — a futura Sra. Blavatsky — estava condenada aos olhos de todos na cidade a uma vida instável, cheia de vicissitudes e problemas.²⁶

Mas houve, também, um bom presságio. De acordo com o velho calendário Juliano, usado então na Rússia, a criança havia nascido ao redor da meia-noite de 30 para 31 de julho e, segundo os anais do folclore russo, tinha, por isso, o poder de vencer as forças maléficas, inclusive demônios e feiticeiras.²⁷

Alguns poderão questionar se na realidade é um mau presságio nascer no meio de grande sofrimento, quer seja por doenças ou outras causas.

Podemos recordar a celebrada passagem do *Bhagavad-Gita* em que o sábio Krishna dirigiu-se desta forma ao seu discípulo:

Tanto eu como tu passamos por muitos nascimentos... Os meus são conhecidos por mim, mas tu não conheces os teus... Eu apareço entre as criaturas... sempre que ocorre um declínio na virtude e uma insurreição do vício e da injustiça no mundo; e assim eu encarno de era em era para a preservação do justo, a destruição da [perversidade], e o estabelecimento da retidão e da honradez.²⁸

Os avós Fadeyev haviam-se mudado para a sua mansão em Ekaterinoslav dezesseis anos antes do nascimento de Helena Petrovna, quando o seu avô Andrey tornou-se presidente do Escritório dos Imigrantes Estrangeiros, e a sua futura mãe tinha um ano de idade. A própria Helena Petrovna nasceu nessa casa.²⁹ Ela existe até hoje e, em 1991, por ocasião do centenário da morte de HPB, os visitantes encontraram uma placa designando a mansão como local histórico.

Quando nasceu sua filha, Pedro von Hahn estava na Polônia para abafar uma insurreição contra os russos, que haviam invadido aquele país. Ele retornou quando Helena tinha seis meses de idade. Um ano depois, os von Hahn mudaram-se para Romankov, uma cidade militar não longe dos avós em Ekaterinoslav, e passaram a viver numa casa própria.

CAPÍTULO 3

Vivendo em Acampamentos Militares

Os von Hahn não permaneceram em Romankov por muito tempo; em seguida mudaram-se para outras partes da Ucrânia. Como capitão de um agrupamento de artilharia da cavalaria, Pedro era frequentemente transferido de um lugar para outro. No seu trabalho administrativo, o avô Andrey era, igualmente, transferido para várias partes da Rússia. Como Helena Andreyevna e seus filhos viviam às vezes com os avós, Helena Petrovna começou desde uma tenra idade uma vida de viagens, em que tinha ampla convivência com povos e culturas diferentes, talvez uma preparação para as suas futuras viagens pelo mundo.

Helena tinha apenas dois anos de idade³⁰ quando sobreveio o primeiro grande sofrimento sobre a família, que foi deslocada para outra cidade ocupada pelo exército, muito distante dos seus avós. O seu irmãozinho recém-nascido, Sasha, ficou gravemente doente, e não havia nenhum recurso médico. As chuvas da primavera haviam enlameado tanto as estradas que era impossível viajar a pé ou a cavalo. Assim a pobre mãe testemunhou a morte lenta do seu filho sem haver nenhum médico para curá-lo ou aliviar os seus sofrimentos...³¹

Enquanto estava grávida de mais uma criança, Helena Andreyevna mudou-se temporariamente para Odessa, um renomado centro cultural e estação de férias no Mar Negro. Andrey estava lá a esse tempo, trabalhando no comitê de administração dos colonizadores — famílias aventureiras vindas de lugares tão distantes como a Alemanha para estabelecerem-se no território russo recém-adquirido. Quando Helena tinha três anos e meio, nasceu a sua irmã Vera.

Não demorou muito para que Helena Andreyevna se reunisse ao seu marido, e a família continuasse mudando de lugarejo para lugarejo na Ucrânia. Sem dúvida, essa constante movimentação seria uma provação capaz de levar qualquer mãe à exaustão, mas especialmente uma que tinha

saúde delicada. Além disso, a vida de peregrino com Pedro “era como uma nuvem negra sobre a cabeça dela”, relata Zirkoff. “Tão logo ela se apegava a uma casa, ou boas amizades eram estabelecidas, criando raízes, e as coisas do lugar passavam a ser queridas para o seu coração, o pesadelo da terrível palavra ‘transferido’ descia sobre ela e a forçava, mais uma vez, a deixar tudo para trás, indo em frente para locais estranhos e solitários. Cidades pequenas, sujas e provincianas, jantares aborrecidos e reuniões para tomar chá em meio à pesada fumaça dos cigarros, com eternas conversas sobre cavalos, cães, armas e coisas semelhantes.”³²

CAPÍTULO 4

Um Período Feliz

Na primavera de 1836 veio a excelente notícia de que Pedro havia sido transferido para São Petersburgo. A Rússia ainda não possuía estradas de ferro. A viagem de mil e quinhentos quilômetros em veículos puxados a cavalo foi provavelmente uma grande aventura para Helena Petrovna; mas para a mãe, que devia cuidar de uma criança de cinco anos de idade, a questão era diferente. No entanto, ela estava fascinada pela perspectiva de participar da vida cultural da capital do país — a cidade mais europeia da Rússia, que rivalizava com Paris e Londres.

São Petersburgo não era novidade para Pedro, que tinha crescido naquela cidade e cuja família ainda vivia lá. Quando ele estava em serviço, seus irmãos amavelmente escoltavam a cunhada aos museus, ao teatro e à ópera. “Aqui em São Petersburgo”, observa a escritora Nekrasova, “era possível encontrar inesperadamente pessoas que conhecíamos apenas pelos livros; era possível ver ‘grandes poetas’ em pessoa”.³³ Numa galeria privada, Helena Andreyevna teve uma grande surpresa e escreveu para Catherine:

Cruzei com uma pessoa que me parecia familiar... Depois de observar melhor, reconheci Pushkin. Eu o imaginava bastante moreno, mas o seu cabelo não era mais escuro do que o meu — longo e desganhado. De estatura baixa, com suíças, não era bonito, mas seus olhos cintilavam incessantemente como carvões acesos... Ele me olhou várias vezes e sorriu — obviamente havia uma expressão de adoração em meu rosto.³⁴

Apesar de ter todas essas possibilidades estimulantes ao alcance, Nekrasova escreve que a mãe não esquecia os seus filhos: “Como antes, ela tocava duetos ao piano com Lolo (Helena), cantava canções com ela, ensinava-a a ler e a escrever, e se deliciava com as aptidões e a mente extraordinária dessa criança de apenas cinco anos de idade.”³⁵ (Os apelidos de Helena Petrovna — Lolo, Lyolya e Lyolinka — são todos diminutivos de Helena.)³⁶

Desde o seu nascimento, Helena “foi objeto da afeiçoada solicitude de sua mãe”, e “apesar dos dezessete anos de idade de Helena Andreyevna, ela mesma alimentava e cuidava da criança”, escreve Catherine Nekrasova no seu esboço biográfico da mãe, publicado na década de 1880 pelo jornal histórico *Russkaya Starina*. Esse texto nunca havia sido traduzido para uso em qualquer biografia de HPB, e tem um valor especial, pois é baseado nas cartas de Helena Andreyevna para Catherine, sua irmã mais velha. São, aparentemente, as únicas cartas da mãe de HPB que sobreviveram. Até agora qualquer biógrafo de HPB podia especular quanto quisesse sobre o relacionamento de HPB com sua mãe. Assim Marion Meade, em sua biografia — escrita em 1980 — *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth (A Senhora Blavatsky, a Mulher Por Trás do Mito)* pôde afirmar impunemente que a mãe, envolvida com a sua carreira de escritora, estava “sempre distante” de Helena Petrovna, abandonando-a aos cuidados das suas empregadas. Meade chega ao ponto de fazer a extraordinária afirmativa de que a criança sempre via sua mãe com “profunda hostilidade” e estava decidida a “matá-la prematuramente”.³⁷

Enquanto viveu em São Petersburgo, a mãe continuou com seus próprios estudos. Ela lia livros em alemão, italiano, inglês, e em todas essas línguas foi autodidata. Ela amava especialmente o inglês. Após ter lido um romance de Bulwer-Lytton lançado havia pouco — *Godolphin* — Helena Andreyevna decidiu traduzir trechos dele para o russo e timidamente submeteu o seu trabalho para publicação numa revista popular, *Library for Reading*. Ela ficou alegre com a aceitação, e o editor encorajou-a a escrever algo de sua autoria. Foi assim que começou sua carreira como escritora.

Vários romances de Helena Andreyevna falam do sofrimento de mulheres infelizes no casamento. Eles são parcialmente autobiográficos, pois a sua vida com Pedro, que tinha o dobro de sua idade, havia provocado nela uma grande decepção.³⁸ Em *The World's Judgment (O Julgamento do Mundo)*, ela escreveu:

A mente do meu marido, aguçada, cortante e rápida, em geral acompanhada por uma ironia cortante, esmagava cada dia o que havia de melhor, mais puro e inocente nas minhas aspirações e sentimentos. Tudo que admirava, tudo que aspirava desde minha infância, tudo que era sagrado no meu coração, era recebido com risos da sua parte, ou então, tudo aquilo me era mostrado impiedosamente sob a luz cética do seu raciocínio frio e cruel.³⁹

Aproximava-se o momento em que Pedro seria transferido de São Petersburgo para a Ucrânia, e essa ideia atemorizava sua esposa. Na sua última carta de São Petersburgo para a irmã Catherine, ela escreveu: “Confesso que é terrível lembrar que será necessário voltar a alguma Romankov ou Oskol! Oh, Deus me dê força”. Em seguida, concluiu que isso não era necessário. Havia chegado o momento de separar-se do marido, pelo menos temporariamente — e foi morar com seus pais.

Sua decisão coincidiu com uma grande mudança na vida da família Fadeyev. Andrey tinha sido indicado como curador das tribos budistas calmuque em Astrakhan, bem como dos colonizadores alemães que lá estavam. Essa cidade semi-oriental está estrategicamente localizada na foz do Volga, onde o rio deságua no mar Cáspio. Séculos antes, os ancestrais *vikings* de HPB cruzaram esse caminho em busca de centros comerciais no Irã e no Extremo Oriente.

Andrey havia recebido ordens dos seus superiores de prosseguir até São Petersburgo para receber instruções referentes a sua nova posição, e ele chegou, por coincidência, no momento em que os von Hahn ainda estavam lá. Quando ele partiu para Astrakhan, Helena Andreyevna e suas filhas foram com ele. A mãe de HPB escreveu: “Ela partiu, sob a proteção do pai, para o outro lado da Rússia. Nem a distância de milhares de quilômetros, nem as dificuldades das estradas, onde havia salteadores, amedrontavam-na.”⁴⁰ A curadoria de Andrey Fadeyev sobre uma centena de milhares de budistas colocou, pela primeira vez, Helena Petrovna em contato com uma religião oriental.

Os calmuques tinham vindo originalmente da China, no século dezesseis. Quando os Fadeyev e os von Hahn moravam em Astrakhan, visitaram o líder calmuque, príncipe Tumen, que vivia numa casa em estilo europeu em uma das ilhas situadas no delta. Ele passava os dias em preces num templo budista que havia construído. Em seus dias de juventude, após a derrota de Napoleão pelos russos, ele havia organizado um regimento com o seu povo, unindo-se ao exército da Rússia em sua marcha triunfante até Paris, pelo que o príncipe recebeu muitas condecorações do Czar.⁴¹

Helena Andreyevna viveu em Astrakhan durante um ano e escreveu dois romances, um deles sobre a vida dos calmuques, posteriormente traduzido para o francês, e o outro cuja ação transcorre no Cáucaso, onde a família

passou a ir mais tarde para tomar banhos em fontes de água termal, pelas quais a região era famosa.

CAPÍTULO 5

Novamente na Estrada

Sofrendo pela partida da esposa e sentindo falta das filhas queridas, Pedro von Hahn pediu a sua esposa que voltasse. E logo eles passaram a viver juntos novamente, peregrinando de uma guarnição militar para outra.

O primeiro local onde a família se instalou foi Poltava, onde permaneceram mais que o tempo habitual. Ali, as tarefas da mãe foram imensamente aliviadas quando uma governanta, Antônia Kuhlwein, ofereceu-se para cuidar das crianças. Ela permaneceu com a família durante muitos anos como professora e companheira querida. Helena Andreyevna continuava dando lições de piano a sua filha mais velha, e mais tarde foi substituída por professores profissionais, pois sua aluna já a superava em música. Helena Andreyevna tinha uma bela voz, e durante as noites costumava tocar piano e cantar canções populares russas, enquanto Antônia ensinava as crianças a dançar. Foi uma época cheia de alegria que produziu nas crianças memórias douradas dos seus dias de infância.⁴²

Felizmente, muito do que ocorreu durante o crescimento das crianças foi registrado por Vera, a irmã mais nova de Helena Petrovna. Com dez anos de idade, ela iniciou um diário e reconstruiu os anos anteriores enquanto os fatos estavam vivos em sua memória.⁴³ Os seus diários serviram como base para duas autobiografias, *Quando Eu Era Pequena* e *Minha Adolescência*. Ambas foram traduzidas para o inglês para serem usadas na presente biografia, pois contêm informações úteis sobre as atividades de Helena Petrovna e os acontecimentos da família como um todo. Mais tarde, quando as irmãs eram mulheres maduras, Vera continuou a descrever Helena “como uma mulher com seus lados bons e maus”. Ela “não era hostil aos seus ensinamentos, mas não era influenciada por eles ao ponto de esquecer os ideais e verdades mais elevados do Cristianismo, sob cuja luz”, acreditava ela, “todos os ensinamentos morais e elevados da antiguidade haviam submergido”.⁴⁴

Vera tornou-se uma escritora notável por mérito próprio. Os seus contos para jovens, assim como os de Louisa May Alcott para os jovens norte-americanos, inspiraram várias gerações de crianças russas. Como foi registrado na *Review of Reviews* de Londres, Vera escrevia também para o público adulto; seus trabalhos incluem doze romances, sessenta contos e duas peças de teatro — um drama e uma comédia. As duas obras receberam o primeiro prêmio da Nova Universidade Russa e foram livros populares, lidos em todas as cidades do país.⁴⁵ Ela escrevia com o nome de Vera Zhelihovsky, usando o sobrenome do seu segundo esposo.

Durante os dias de Poltava, Vera tinha apenas dois anos de idade. Ela recorda a época no livro *Quando Eu Era Pequena*:

Lembro que mamãe ficava frequentemente doente, e, quando estava com boa saúde, sentava-se durante horas atrás do seu biombo de tela verde para escrever. O espaço por trás do biombo era chamado de “escritório de mamãe”, e nem eu, nem minha irmã mais velha Lyolya, nunca nos atrevemos a tocar nada que estivesse nesse canto, separado do quarto das crianças apenas por uma cortina. Não sabíamos o que mamãe estava fazendo durante os dias que passava lá. Sabíamos apenas que ela estava escrevendo alguma coisa.

Quando Vera tinha seis anos, ficou admirada ao saber por Antônia que a sua mãe escrevia livros, e que muitos deles apareciam primeiro em forma seriada numa revista, junto com escritos de outros autores que eram pagos pelas suas contribuições.

“Será que mamãe também recebe dinheiro?” perguntou Vera.

“Sim, muito dinheiro. Ela usa o dinheiro para pagar as empregadas domésticas e os salários dos professores, e para comprar livros de que ela necessita para si mesma ou para nós”.

“Ela também te paga?” Vera perguntou.

“Não”, respondeu Antônia, “ela nada me paga. Eu obtenho dinheiro do czar, e estou vivendo com a tua família porque amo a sua mãe mais do que tudo no mundo”.

A história de como Antônia passou a receber dinheiro do czar é um conto de Cinderela mais triste do que a história clássica que tem esse nome. A boa sorte finalmente lhe sorriu quando foi aceita no Instituto Catarina de São Petersburgo, fundado por Catarina, a Grande, para filhas de boas famílias. Antônia graduou-se com louvor, e na formatura o czar Nicolau I deu-lhe uma medalha de ouro. Inquirindo a respeito de sua família, e ao saber que não tinha nenhuma, ele lhe ofereceu uma possibilidade de

escolha. Ela poderia ser uma inspetora na escola ou receber uma pensão enquanto vivesse. Ela preferiu a última opção, porque desejava conhecer o mundo.⁴⁶

O agrupamento militar de Pedro deslocou-se de Poltava para outras partes da Ucrânia. Na primavera de 1839, sua mulher, doente, foi com as crianças até Odessa para fazer um tratamento com águas minerais. Enquanto estava lá, Helena Andreyevna realizou uma meta acariciada há muito tempo: encontrar uma governanta para ensinar inglês às suas filhas. Saber inglês era considerado essencial para uma boa educação. Mas quem acompanharia a família em suas viagens por locais longínquos e desolados? Uma jovem mulher de Yorkshire, Augusta Jeffers, concordou em “suportar todos os desconfortos das viagens” e permanecer com a família “para sempre”. Quando, depois de muitos anos, a srta. Jeffers se afastou, foi contratada uma jovem inglesa que vivia na Rússia, para que as crianças não esquecessem o inglês.⁴⁷

CAPÍTULO 6

Um Ano com os Avós

Depois do período em que a família permaneceu em Odessa, houve um verão triste na Polônia, para onde Pedro von Hahn havia sido transferido. A saúde de Helena Andreyevna não melhorava. Além disso, ela estava esperando outra criança. Vassily Benzenger, um jovem médico providenciado pelos seus pais, atendia-a constantemente e vivia com a família.⁴⁸ Quando os pais de Helena mudaram-se de Astrakhan para Saratov, uma grande cidade no Volga, onde o seu pai assumira o cargo de governador da província, ela e suas filhas deixaram Pedro na Polônia e foram viver com eles, passando um ano feliz num ambiente ideal. A sua saúde melhorou notavelmente, e houve uma grande oportunidade para escrever. Um menino, Leonid, nasceu em julho de 1840.⁴⁹

É somente a partir deste momento, quando Helena Petrovna já tinha nove anos, que passamos a saber algo das suas características pessoais. Em relação à fase anterior, Vera não pôde ajudar, porque era quatro anos mais moça que ela. Mas a tia Nadya, três anos mais velha que Helena, parece relembrar muita coisa. Ela relatou a A. P. Sinnett, o primeiro biógrafo de Helena:

Na infância de [Helena] todas as suas simpatias e atrações iam na direção de pessoas de classe social mais baixa. Ela havia sempre preferido brincar com os filhos dos criados do que com os seus iguais... e era constantemente observada com medo de que pudesse escapar da casa e fazer amizade com os meninos esfarrapados da rua. E assim, mais tarde na vida, ela continuou a ser levada pela simpatia em relação àqueles que estavam num patamar inferior a ela na vida... e [ela] mostrava uma forte indiferença pela “nobreza” a que pertencia pelo nascimento.”⁵⁰

Era uma menina muito estranha, alguém com uma natureza claramente dual. Por um lado, travessa, e de outro lado, mística, com uma tendência metafísica... Nenhum menino da escola era mais incontrolável ou cheio de travessuras inimagináveis... Ao mesmo tempo, quando havia passado o paradoxismo das traquinagens, nenhum velho erudito podia ser mais dedicado ao estudo; ninguém podia afastá-la dos seus livros, que devorava dia e noite enquanto o impulso durasse. A enorme biblioteca dos seus avós parecia insuficiente para satisfazer a sua ânsia de ler...⁵¹

Uma coisa em especial causava problema: Helena tinha o incômodo hábito de dizer frontalmente às pessoas o que pensava delas — algo que não era feito em sociedade. Isso “embaraçava a muitos e colocava os parentes dela numa situação muito difícil”. No entanto, “ela era tão bondosa e tão ousada, que estava pronta a dar tudo aos necessitados, a fazer tudo por um amigo, e a decidir-se por qualquer ação em defesa dos atacados, mas nunca lembrava qualquer mal ou injúria feitos contra ela própria”.^{52*1}

*1 Anos mais tarde um dos seus estudantes recordava: “Havia uma coisa notável em HPB. Ela *nunca, nunca* tinha malícia, ou fazia uma crítica pessoal com ressentimento, nem fazia alguém pensar que houvesse mesmo um traço de aborrecimento ou desaprovação em sua mente, sequer a sombra de um sentimento acerca de qualquer coisa do passado... Tudo era limpo e completamente esquecido depois que havia passado.” (Bertram Keightley, em *Reminiscences of H.P. Blavatsky* — *Reminiscências de H.P. Blavatsky*.)

CAPÍTULO 7

Um Natal na Ucrânia

Na primavera seguinte, a família von Hahn estava reunida em Malarossa, na Ucrânia, onde o clima era agradável e quente. Helena Andreyevna tinha ambientes espaçosos para escrever. Vera relata que o único divertimento da mãe era escrever... “Seu único consolo e alegria era o crescimento das crianças, para os quais dirigia todas suas esperanças e cuidados”.⁵³

Helena Petrovna decidiu estudar alemão, e Antonia dava-lhe lições três vezes por semana. Ela fez um progresso tão grande que seu pai exclamou: “Uma digna descendente dos seus gloriosos ancestrais, os cavaleiros alemães de Hahn Hahn von der Roeter Hahn, que nunca conheceram outra língua além do alemão.”^{54*1}

No outono, Helena Andreyevna ficou seriamente doente. O dr. Benzenger recomendou que ela fosse imediatamente para Karkov submeter-se a um tratamento médico, mas ela preferiu esperar pela primavera e ir a Odessa, onde tinha muitos amigos. A autobiografia de Vera, *Quando Eu Era Pequena*,^{*2} faz uma descrição detalhada do último Natal das crianças com a mãe.⁵⁵

Veio o inverno. Todos os campos e estradas estavam, agora, cobertos de neve... Portas e janelas estavam hermeticamente fechadas, e a lenha crepitava nas lareiras, queimando com brilho forte. As noites eram longas e os dias cinzentos eram tão curtos que tínhamos que terminar nossas lições à luz de velas. Até os feriados do Natal, não houve nenhuma ocasião marcante que quebrasse a monotonia da nossa vida. Antes do Natal, papai fez uma viagem até Karkov e veio com muitos presentes para nós. Ele também trouxe uma grande quantidade de alguma coisa que foi levada ao quarto de mamãe com a explicação de que eram “suprimentos de cozinha”. Atarefadas, examinando nossos livros ilustrados, não demos nenhuma atenção àquilo.

Naquela noite fomos chamadas para a sala de estar; vimos que lá estavam todos reunidos à luz de uma só vela, e papai soprou, apagando até mesmo essa única vela no momento em que entramos na sala.

“O que é isso? Por que não há luzes?” — perguntamos.

“Esperem e irão ver”, mamãe respondeu.

“Não se movam!” — disse Antônia, agarrando-me pelos ombros e fazendo-me girar. “Fique quieta e olhe firmemente para frente.” Ficamos imóveis, num silêncio total. Eu abri ao máximo os meus olhos, mas não podia ver nada.

Então, subitamente, houve um rumor, e um desenho feito por um fogo azul percorreu a parede como um relâmpago.

“O que é isso?” — exclamamos nós.

“Olhem! Olhem que lápis de fogo mamãe tem! Olhem o que ela está desenhando!” — disse papai com voz alegre.

Uma face com um nariz aquilino e orelhas de asno relampejava na parede, e, então, surgiu um outro desenho, um terceiro... E à medida que a mão de mamãe se movia rapidamente, desenhos e figuras apareciam e desapareciam... “Leiam!” — ela disse.

E nós lemos as palavras de fogo, que desapareciam instantaneamente:

“Lolo (HPB) e Vera são duas bobinhas!”

“Bem, isso é alguma coisa! Está escrevendo com quê?”

“Aqui está!” — mamãe disse e, com um forte golpe contra a parede, acendeu o primeiro palito de fósforo que vi em minha vida. Os fósforos de enxofre haviam começado a ser usados na Rússia no início dos anos 1840. Antes disso, o fogo era aceso com pederneiras...^{*3}

Então chegou a véspera de janeiro de 1842 [o Natal russo]. Era um dia monótono, triste e cinzento! Nós ficamos sozinhas quase todo dia; fomos informadas de que mamãe estava doente, e como sabíamos que ela frequentemente permanecia no seu quarto de dormir quando estava doente, não nos surpreendeu que Antônia ficasse com ela durante todo dia, nem a constante ausência de papai. Ele só veio quando estávamos jantando com a srta. Jeffers, comeu apressadamente seu prato de *borscht*,^{*4} olhou para nós através dos óculos, beliscou carinhosamente minha bochecha, fez uma brincadeira com Lyolya, disse que estava muito ocupado e nos deixou novamente. Após o jantar a srta. Jeffers também desapareceu.

Lyolya e eu nos acomodamos quietamente no quarto quase escuro, suspirando secretamente com saudade das festas do ano anterior, lembrando os presentes que nos foram dados pela nossa avó, a maravilhosa festa de Natal de Gorov, e imaginando se fariam sem nós uma reunião de Natal em Saratov ou, ao contrário, considerariam Nadya muito grande para fazer brincadeiras infantis como montar uma árvore de Natal...

Fora, sob o entardecer dourado, os flocos de neve voavam, e o vento já assobiava na chaminé, lançando a sua triste canção noturna.

Até Lyolya, sempre tão despreocupada e alegre, parecia de certa forma deprimida...

Subitamente a porta se abriu, e Annushka chegou com Leonid nos braços, acompanhada pela sua gorda irmã Marya... nossa costureira e empregada doméstica. Ambas sentaram-se perto da parede, sorrindo e olhando para nós, e para a porta, como se estivessem esperando alguma coisa...

Quando a porta se abriu, a criada de mamãe, Masha, entrou...

“Venham logo, senhoritas!” — ela disse. “Mamãe deseja vê-las!”

“Oh!” gritou Lyolya, batendo com a mão na sua própria testa. “Já sei!” Ela correu como uma flecha para a porta e entrou no quarto de mamãe. Naturalmente, corri atrás dela; mas só quando alcancei o quarto de dormir compreendi o que estava acontecendo. Uma belíssima e inesperada árvore de Natal, cheia de luzes, reluzia bem no meio do quarto. Havia brinquedos sob a árvore, e mamãe, Antônia, papai, a srta. Jeffers e todos os outros estavam de pé em volta dela, sorrindo

com a ideia de que tinham estado todo o dia às voltas com a árvore de Natal e conseguido enganar-nos com pleno sucesso!⁵⁶

*1 A biografia de Meade retrata a mãe de HPB como indiferente para com sua filha, e seu pai como frio em relação a ela. Para compensar tal rejeição, Meade pretende que Helena fantasiou uma viagem em que ela foi levada pelo pai durante três meses a Londres e Paris.

*2 As histórias de Vera foram escritas, inicialmente, para seus filhos. Poucos anos depois, as crianças russas estavam lendo por toda parte as aventuras de Vera e Helena (Lyolya ou Lolo).

*3 Pedra muito duras, que soltam faíscas quando golpeadas uma contra a outra. (Nota Ed. Bras.)

*4 *Borscht*: tipo de sopa feita com beterraba e repolho.

CAPÍTULO 8

A Triste Partida

A primavera chegou e, como a saúde de Helena Andreyevna não melhorava, todos a acompanharam até Odessa, exceto o esposo, que não podia deixar seu trabalho.

Quando escrevia a história da mãe de HPB, Catherine Nekrasova interrogou tanto o dr. Benzenger como Vera, e contou o seguinte:

Apesar de todo o cuidado e esforços do dr. Geno, famoso médico de Odessa na época, ela piorava a cada dia, particularmente devido às sangrias em que a medicina daqueles dias acreditava firmemente... Já fraca sem elas, ficava cada dia ainda mais fraca e mais próxima da sepultura. Temia não durar até a vinda dos seus pais, e começou a escrever a sua carta de despedida... Ela agradecia ternamente por tudo e implorava a sua mãe que não esquecesse das crianças.⁵⁷

A chegada dos pais e irmãos trouxe-lhe vida nova, e durante um mês glorioso foi novamente ela mesma. Como a sua recuperação então parecia iminente, foram feitos planos para todos regressarem a Saratov e viverem lá permanentemente.⁵⁸ A mãe de Helena Andreyevna e suas irmãs, Cathy e Nadya, todas grandes nadadoras, passavam parte do tempo banhando-se no belo mar Negro, e Helena Petrovna tornou-se também uma hábil nadadora.

Pouco depois, no entanto, a saúde de Helena Andreyevna declinou rapidamente, e ela morreu nos braços de sua mãe no dia vinte e quatro de julho, aos vinte e nove anos de idade. A família foi quase esmagada pela dor, e as crianças ficaram inconsoláveis.⁵⁹ Entre o público leitor da Rússia, a morte de Helena Andreyevna foi lamentada por todos. Belinsky escreveu este epitáfio:

A paz esteja com as tuas cinzas, mulher extraordinária, vítima dos ricos talentos da tua elevada natureza!... Agradecemos a tua curta vida. Não foi em vão, pois ela floresceu como uma flor perfumada de sentimentos profundos e pensamentos elevados. A tua alma está nessa flor e não haverá morte para ela!⁶⁰

Nos meses anteriores à sua morte, Helena Andreyevna estava atormentada por pensamentos sobre seus filhos. Nekrasova relata que em uma carta (de 18 de novembro de 1841) ela expressa a sua preocupação com o futuro dos seus filhos, “pois lhe parecia que iria morrer brevemente”, acrescentando: “A questão da educação dos filhos não a deixava em paz; ela queria que fosse dada a eles uma boa educação ‘básica’, mas ‘não havia recursos a não ser os que vinham de sua pena!’” Nekrasova nota que ela se preocupava especialmente com Helena Petrovna:

Governantas para sua filha mais velha eram inúteis, pois ela logo as dominava. Helena Andreyevna começou a pensar em enviar Helena para o Instituto Odesskii, mesmo sendo a educação dada pelo Instituto contrária as suas convicções fundamentais; mas dos males o menor. A ideia da sua doença atormentava-a principalmente por isso.⁶¹

Vera registra que, ao longo dos anos, sua mãe se preocupava muito com Helena, “a filha que fora dotada desde a primeira infância com uma natureza excepcional”⁶², e que, quando ela estava morrendo, pronunciou estas palavras proféticas: “Ah, bem! Talvez seja melhor eu estar morrendo, porque pelo menos serei poupada de ver o que ocorrerá a Helena! De uma coisa estou certa, a sua vida não será como a de outras mulheres, e ela sofrerá muito.”⁶³

Que sofrimento era esse que ela tanto temia para sua filha? Talvez estas palavras do seu romance *The Ideal (O Ideal)* possam dar uma resposta:

Toda mulher notável, especialmente uma escritora, será perseguida pelo mundo... Um homem com um intelecto elevado já é intolerável para este mundo, mas a posição de uma mulher que foi colocada pela natureza acima da multidão é, verdadeiramente, desesperadora. O monstro de cem cabeças da opinião pública irá declarar que ela é imoral, e jogará lixo sobre os seus sentimentos mais nobres. Seus dons intelectuais e seus talentos não têm valor para a multidão; ela será rejeitada como uma criminosa pela sociedade.⁶⁴

Helena Andreyevna tinha experimentado por si mesma essa espécie de malevolência das mentes provincianas.⁶⁵

Em outro romance seu, *The Judgment of The World (O Julgamento do Mundo)*, ao fazer seu testamento de morte, a personagem principal declara que os “membros deste terrível tribunal são todos covardes. Do lugar vergonhoso em que colocaram a minha cabeça... eu ainda imploro a todos com as últimas palavras dos meus lábios: ‘Não o temam! Ele é escravo dos fortes e só arruína os fracos’.”⁶⁶ Helena Petrovna deve ter chorado ao ler

estas palavras, assim como ao ler todas as outras histórias de sua mãe, que apareceram numa bela edição em quatro volumes um ano após a morte de Helena Andreyevna — um legado vivo para seus filhos.

CAPÍTULO 9

Os Dias em Saratov

Pouco depois da morte de Helena Andreyevna, seus filhos mudaram-se definitivamente para Saratov. A viagem perigosa pelas vastas estepes da Rússia aliviou o sofrimento das crianças. Também foi preciso atravessar desertos, e os cavalos das duas grandes carruagens dos Fadeyev foram substituídos por camelos, para delícia das crianças.

Um dia e uma noite foram gastos no acampamento de verão dos budistas calmuques de Astrakhan. O príncipe Tumen recebeu esplendidamente os seus velhos amigos e deu-lhes um relance fascinante da vida nômade no deserto. A princesa Helena, bem versada no Budismo dos calmuques e em seus costumes, explicou-os aos seus netos. Ela disse, referindo-se à roda de orações: “Se os budistas estão muito cansados ou atarefados para rezar, eles giram somente a manivela da roda o mais rápido que podem, desenrolando e enrolando de novo as preces que lá estão escritas em tiras de pergaminhos.”

“Mas que tolos!” — disse Vera. E Helena replicou: “Bem, há tolos entre nós também. Fazer girar uma roda de orações não é a mesma coisa que dizer nossas preces sem qualquer pensamento...?” Todos riram quando ela lembrou como a governanta dos Fadeyev gritava com os criados ou soqueava as suas orelhas enquanto rezava diante dos ícones.

Nesta nova fase de sua vida em Saratov, as crianças tinham três novos professores, além de Antônia. Entre eles estava uma governanta francesa, Henriette Peigneur, que havia sido famosa por sua beleza nos dias da Revolução Francesa. Sinnett escreveu:

Sua narrativa favorita para as crianças consistia na descrição daqueles dias de glória e exaltação, em que [ela foi] escolhida pelos “barretes frígios”, os *citoyen rouges* (cidadãos vermelhos) de Paris, para representar a deusa da Liberdade nos festivais públicos... Dia após dia [ela] era conduzida em triunfo ao longo das ruas da grande cidade em gloriosas procissões. A própria narradora era, agora, uma mulher velha, estranha e curvada pela idade, e parecia mais a tradicional fada Carabosse do que qualquer outra coisa. Mas sua eloquência era tocante, e as jovens que a escutavam ficavam muito excitadas com as suas descrições brilhantes.

[Helena Petrovna] *declarava, então, que queria ser uma “Deusa” da Liberdade durante toda a sua vida.*⁶⁷

No verão seguinte, Helena descobriu o seu próprio “Salão da Liberdade”. A família tinha alugado uma grande mansão no campo, cheia de galerias subterrâneas, passagens há muito tempo abandonadas, pequenas torres e estranhos recessos e cantos. Vera escreve:

Havíamos recebido autorização para explorá-las sob a proteção de meia dúzia de servos com tochas e lanternas... Helena, entretanto, não ficou satisfeita com uma primeira visita solitária, nem com uma segunda. Ela tinha escolhido essa misteriosa região como um Salão da Liberdade e um refúgio seguro onde podia evitar lições desagradáveis. Muito tempo passou até que o seu segredo fosse revelado... Ela havia erguido para si, até o teto do subterrâneo, uma espécie de torre com velhas cadeiras e mesas quebradas, num canto debaixo de uma janela gradeada com barras de ferro, e lá se escondia durante horas lendo um livro conhecido como “A Sabedoria de Salomão”, onde os mais diversos tipos de lendas populares eram contadas...

[Quanto aos contos de fadas] havia, entre os numerosos servos da família Fadeyev, uma velha mulher, uma ama, que era famosa por contar tais histórias... Mas, enquanto todos nós, crianças, esquecíamos-nos de imediato e completamente esses contos, Helena nunca os esquecia, nem os considerava mera ficção. Ela levava profundamente a sério todas as dificuldades dos heróis, e considerava muito naturais suas aventuras maravilhosas.⁶⁸

Helena, entretanto, não só mergulhava nas histórias que ouvia ou lia mas também contava as suas próprias. Vera relata o seguinte:

A cerca de dez *verstas* (aproximadamente dez quilômetros) do palacete onde morava o governador, havia uma extensa área arenosa, que, evidentemente, em eras longínquas, tinha sido o fundo de um mar ou lago, pois o seu solo continha restos petrificados de peixes, conchas e dentes de alguns monstros desconhecidos (para nós). Na sua maior parte, esses restos estavam quebrados e deformados pelo tempo, mas muitas vezes podiam-se encontrar pedras de vários tamanhos onde estavam impressas figuras de plantas, peixes e outros animais de espécies já completamente extintas, mas que comprovavam a sua inquestionável origem antediluviana. As histórias maravilhosas e sensacionais que nós, crianças e estudantes, ouvíamos Helena contar durante essa época eram inúmeras.

Lembro bem o modo como Helena, deitada de bruços no chão, com o queixo repousando nas duas palmas das mãos, os dois cotovelos profundamente mergulhados na areia macia, costumava sonhar falando alto, e nos contava suas visões, evidentemente claras, nítidas, tão palpáveis para ela como sua própria vida!... Como eram adoráveis as descrições que ela nos dava da vida submarina de todos aqueles seres, cujos restos estavam agora se transformando em pó à nossa volta. Quão nítidas eram as descrições que fazia das lutas do passado e das batalhas naquele local onde estava deitada, assegurando-nos que ela via tudo isso; e como ela desenhava com todas as minúcias — com o seu dedo na areia — as fantásticas formas de monstros marinhos mortos há muito tempo, e quase podíamos ver as próprias cores da fauna e flora dessas regiões mortas...⁶⁹

Helena falava sobre reencarnação naqueles primeiros anos:

Ela adorava reunir a sua volta um grupo de crianças menores que ela, ao anoitecer, e, depois de levar-nos ao museu grande e escuro (na casa de sua avó), manter-nos boquiabertos com essas estranhas histórias... Cada um dos animais empalhados havia feito confidências a ela e havia divulgado a história de sua vida em encarnações ou existências prévias. Onde poderia ela ter ouvido falar de reencarnações, ou quem poderia ter-lhe ensinado sobre os mistérios supersticiosos da metempsicose numa família cristã? Todavia, ela se inclinava sobre seu animal favorito, uma enorme foca empalhada e, acariciando sua pele macia, branca e prateada, repetia para nós as aventuras da foca tais como contadas por ela própria, com cores tão brilhantes e num estilo tão eloquente que os próprios adultos se interessavam involuntariamente pelas suas narrativas.⁷⁰

Entre os ouvintes de Helena estavam os filhos dos servos. A servidão existiu na Rússia até 1861, um ano e meio antes que Lincoln libertasse os escravos.*¹ Os servos da casa dos Fadeyev, entretanto, eram considerados mais como membros da família que como servidores subalternos, e a princesa Helena não tolerava que fossem maltratados de forma alguma, um fato que Helena Petrovna descobriu amargamente um dia. Anos mais tarde, HPB contou uma história para o coronel Henry Steel Olcott, presidente da Sociedade Teosófica, que registrou o acontecimento no seu livro *Old Diary Leaves (Páginas de Um Velho Diário)*²*:

... Numa certa ocasião, num ataque de raiva contra a sua ama — uma velha e leal serva da família — a jovem Helena bateu em seu rosto. Isso chegou ao conhecimento da avó, e a criança foi chamada, interrogada, e confessou o seu erro. A avó mandou que o sino do castelo fosse tocado imediatamente para chamar todos os servos da casa, que eram muitos; quando eles se reuniram no grande salão, ela contou-lhes que a sua neta não havia agido como uma senhorita bem-educada, que havia agredido injustamente uma serva desprotegida que não podia se defender. Ela mandou que a neta pedisse perdão e, como prova de sua sinceridade, beijasse a mão da serva.

Vermelha de vergonha, a criança inicialmente estava disposta a rebelar-se contra a ordem da avó, mas a velha senhora disse-lhe que, se não obedecesse imediatamente, ela a expulsaria de casa em desgraça. E acrescentou que uma senhorita realmente nobre não recusaria pedir perdão por um erro cometido com uma servidora, especialmente uma que havia conquistado o amor e a confiança dos seus superiores com uma vida inteira de trabalho devotado.

Naturalmente generosa e de coração terno em relação às pessoas das classes sociais inferiores, a impetuosa criança desatou a chorar, ajoelhou-se diante da velha ama, beijou-lhe a mão, e pediu perdão. Desnecessário dizer que ela passou a ser quase adorada pelos empregados da família. Ela me contou que a lição tinha grande valor para ela, e havia lhe ensinado o princípio de fazer justiça àqueles cuja condição social impedia de impor respeito aos seus agressores.⁷¹

Quanto ao temperamento volátil de Helena, ele se inflamava às vezes até mesmo durante a sua idade adulta. Ocoltt certa vez levou a questão aos seus instrutores *mahátmicos*: “Eu perguntei”, diz Olcott, “por que não era colocado um controle sobre esse temperamento impetuoso, e por que ela não poderia ser transformada para sempre no sábio quieto e autocentrado” que ela parecia ser em certas ocasiões. A resposta foi que “se isso fosse feito ela seria levada á morte por apoplexia; pois o seu corpo era animado por um espírito feroso e impetuoso que desde a infância não era quebrado por qualquer restrição; e se não fosse dada uma saída para o excesso de energia corporal, o resultado seria certamente fatal”. Olcott continua:

Disseram-me que se eu examinasse a história dos antepassados dela, os Dolgorukov russos, iria compreender o que isso significava. Segui o curso dessa família de príncipes e guerreiros até Rurik e verifiquei que os membros dessa família tinham sido sempre caracterizados por uma coragem extrema, uma ousadia ilimitada diante de todas as emergências, um amor apaixonado pela independência pessoal e uma grande falta de medo das consequências, quando decididos a realizar seus desejos.

*1 Os Estados Unidos fizeram a Proclamação da Libertação no dia 22 de setembro de 1862.

*2 OLCOTT Henry S. *A História da Sociedade Teosófica*, Volumes I e II. Brasília: Editora Teosófica. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 10

Estranhos Acontecimentos

Para Helena, “toda a natureza parecia animada por uma misteriosa vida própria”, conta Vera. “Ela ouvia a voz de cada objeto ou forma, quer fosse orgânico ou inorgânico; e via consciência e seres não só em algumas forças misteriosas que só eram visíveis e audíveis para ela, em meio ao que para todos os outros era espaço vazio, mas até mesmo em objetos visíveis, porém inanimados, como pedras, mofo e pedaços podres de madeira fosforescente.”⁷²

Pode ter sido devido a esse tipo de experiências que Helena sentiu-se atraída por um homem centenário chamado Baraniy Bouyerak, que morava perto de Saratov. Ele era considerado pelo povo daquela área como um santo que tinha o dom de curar e um mago. A sua casa ficava em um desfiladeiro coberto por uma floresta. “Ele era muito versado no conhecimento das propriedades ocultas das plantas e flores”, relata Vera, “e comentava-se que podia ler o futuro”. Bouyerak exercia “uma atração irresistível” sobre Helena, continua Vera:

[Ela] visitava aquele estranho velho sempre que podia... Lá fazia perguntas e ouvia com apaixonada atenção as explicações do ancião sobre como compreender a linguagem das abelhas, pássaros e animais... Ele costumava dizer sobre ela, constantemente: “Esta senhorita é completamente diferente de todos vocês. Grandes eventos esperam por ela no futuro. Fico triste ao pensar que não viverei para ver cumpridas as minhas predições a respeito dela; mas todas elas se realizarão!”⁷³

Parecia haver outro personagem sábio, além de Bouyerak, interessado no bem-estar de Helena. “Desde suas recordações mais antigas”, observa Sinnett, “ela tinha às vezes visões de um protetor de idade madura, cuja aparência imponente dominava sua imaginação desde muito cedo. Esse protetor era sempre o mesmo, suas feições nunca mudavam; mais tarde ela o encontrou como um homem vivo e o reconheceu tão logo foi levada à sua presença.”⁷⁴

Não há indícios de que Helena falasse à sua família sobre este personagem, mas Vera afirma que Helena dizia, quando criança: “Homens sábios existiram em todas as épocas e existem ainda hoje, deixando-se conhecer somente por aqueles que são dignos de conhecê-los e vê-los, os que acreditam neles em vez de rir deles.”⁷⁵

Talvez ela devesse a esse protetor a sua invulnerabilidade diante de perigos físicos — caso os dois exemplos que se seguem, contados por Sinnett, possam ser levados em conta. O primeiro ocorreu na galeria familiar que abrigava os retratos dos antepassados Dolgorukov. Um quadro despertava a curiosidade de Helena. Estava coberto por uma cortina e colocado no alto da parede, fora do alcance de qualquer pessoa. Como seus familiares recusavam-se a dizer quem era, Helena entrou furtivamente no recinto quando não havia ninguém por perto. Nas palavras de Sinnett:

Ela puxou uma mesa até a parede e conseguiu colocar sobre ela outra mesa menor, sobre a qual pôs uma cadeira, e, então, aos poucos, conseguiu galgar essa construção instável. Com dificuldade, pôde alcançar o quadro... e apoiando-se com uma das mãos contra a parede empoeirada, conseguiu com a outra afastar a cortina. O efeito da visão do quadro sobre ela foi enorme, e seu movimento rápido para trás desequilibrou a frágil plataforma de apoio. Ela não sabe exatamente o que ocorreu. Perdeu a consciência no momento em que se desequilibrou e começou a cair. Quando recobrou os sentidos estava estirada no chão, sem nenhuma dor ou ferimento. A cadeira e a mesa estavam de volta aos seus lugares habituais. A cortina tinha sido recolocada. Ela teria imaginado que tudo não havia passado de um sonho surpreendente, se não fosse a marca da sua mão impressa na poeira da parede, no alto, ao lado do quadro.⁷⁶

Em outra ocasião, conta Sinnett, a vida de Helena foi salva em circunstâncias igualmente estranhas: “Um cavalo em que estava montada disparou — ela caiu com o pé preso no estribo, e ela acredita que teria morrido em poucos instantes, antes que parassem o cavalo, se não fosse um estranho poder que a manteve afastada do chão, desafiando a ação da gravidade.”

Sinnett comenta em seu livro *Incidents in the Life of Madame Blavatsky* (*Incidentes na Vida da senhora Blavatsky*): “Se relatos surpreendentes como este fossem poucos e distanciados entre si na vida de Blavatsky, eu trataria de suprimi-los ao editar suas memórias, mas como veremos mais tarde, eles são a própria matéria-prima das narrativas de todas as pessoas que têm algo a dizer sobre ela.”

Quanto aos estranhos acontecimentos citados neste capítulo, HPB não parecia estar satisfeita apenas por ser o centro visível de tais manifestações,

mas desejava *compreender* tanto estes fatos quanto os seus próprios poderes psíquicos nascentes. Havia livros disponíveis onde ela pudesse estudar tais assuntos? Numa carta a um amigo de sua juventude, o príncipe Alexander Dondoukov-Korsakov, HPB fala de uma biblioteca que sua avó havia herdado do pai dela, o príncipe Paulo. A biblioteca continha centenas de livros sobre alquimia, magia e outras ciências ocultas. “Eu os li com profundo interesse antes dos quinze anos de idade...” escreve. “Em seguida, nem Paracelso, nem Kunrath ou C. Agrippa tinham nada a ensinar-me.”⁷⁷ Foi somente mais tarde, entretanto, quando viajava pelo Oriente, que ela encontrou mais luz sobre tais assuntos.

Nesse capítulo aparecem as palavras *magô*, *mágica* e *oculto*. O uso que HPB faz delas nos seus escritos requer explicação. Em seu *Glossário Teosófico*, no verbete *magô*, ela cita o que afirmou no livro *Ísis Sem Véu*:

Este termo, outrora um título de honra e distinção, teve seu verdadeiro significado completamente pervertido. No passado foi sinônimo de tudo que era honrado e reverente, significando alguém que possuía conhecimento e sabedoria, mas foi degradado e transformado num epíteto para designar alguém que finge e faz truques, um prestidigitador; em resumo, um charlatão ou alguém que “vendeu sua alma ao Diabo”, que utiliza mal o seu conhecimento e o emprega para usos que são baixos e perigosos, segundo os ensinamentos do clero... A palavra é derivada de *Magh*, *Mah*, em sânscrito *Maha*, grande; um homem que tem sólidos conhecimentos esotéricos.

HPB acrescenta que em latim a palavra usada é *Magi* (Mago), que todos nós reconhecemos na história do nascimento do Cristo, em que três homens sábios ou magos — viram uma estrela, a estrela de Belém.⁷⁸

HPB define *Magia Branca* ou *Magia Benéfica* como “uma magia divina, desprovida de egoísmo, amor ao poder, ambição ou lucro, e aplicada somente para fazer o bem para o mundo em geral e ao nosso vizinho em particular. A menor tentativa de alguém usar os seus poderes anormais para a gratificação do eu pessoal transforma esses poderes em feitiçaria ou magia negra”.

Magia branca ou magia negra, naturalmente, não têm nada a ver com a cor da nossa pele. No artigo de HPB, *Ocultismo Prático*^{*1} (*Lucifer*, agosto

de 1888,) ela escreve que “é o motivo, é *só o motivo*, que faz o exercício do poder tomar-se magia negra, maligna, ou branca, benéfica”.

O dicionário revela que a palavra *oculto* é derivada da palavra latina *occultus*, significando “escondido”. HPB indica que o verdadeiro Ocultismo não é a mesma coisa que as artes ocultas, como a alquimia, mesmerismo e o cultivo de vários poderes psíquicos. O verdadeiro Ocultismo, chamado *Atma Vidya* na Índia, é definido pelos orientalistas simplesmente como “conhecimento da Alma” ou “verdadeira sabedoria”, mas significa muito mais coisas. Alguém que segue tal senda transforma-se numa “força benéfica na natureza... ‘ele não vive para si mesmo, mas para o mundo’.” É somente quando o eu pessoal é reduzido “a zero que a união com o ‘Eu Superior’ pode ter lugar... Então o brilhante *Augoeides*, o eu divino, pode vibrar numa harmonia consciente com os dois polos da Entidade humana — o homem de matéria purificada e a sempre pura Alma Espiritual” — e “mistura-se, mergulha e torna-se uno com ela para sempre”.⁷⁹

*1 BLAVATSKY H. P. *Ocultismo Prático*. Brasília, Editora Teosófica, 2021. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 11

Horizontes em Expansão

Os anos de 1845 e 1846, quando Helena tinha quatorze e quinze anos de idade, foram de aborrecimento e inquietação para os Fadeyev. O avô Andrey estava sendo substituído como governador de Saratov. O seu futuro era incerto, e ele passou meses em São Petersburgo buscando uma nova colocação. Um velho amigo, o príncipe Vorontzov, vice-rei do Cáucaso, veio em seu socorro e indicou-o para ser o tesoureiro de Estado de uma terra recém-conquistada, antes possuída pelos turcos e, antes ainda, pelos iranianos. Mais tarde ele ocupou outros cargos.

Para a família, deixar a sua Rússia amada e ir para a “Ásia pagã” — como alguns a chamavam — era uma provação. A viagem até lá era perigosa e requeria uma escolta armada em parte do trajeto. Cem mil soldados russos estavam instalados no Cáucaso para proteger as fronteiras e lutar com os circassianos da montanha que atacavam periodicamente a população.⁸⁰ Uma ou duas décadas mais tarde, Rostislov, tio de Helena, escreveu uma obra chamada *Sixty Years of Caucasian Wars* (*Sessenta Anos de Guerras no Cáucaso*), uma fonte clássica de informações acerca dessas guerras e de muitos grupos étnicos e religiosos que viviam nesta exótica terra semitropical, com suas densas e exuberantes florestas e magníficos picos cobertos de neve. Poucos anos depois, essas maravilhas e os restos fascinantes da antiga cultura iraniana e islâmica atraíram a atenção de personalidades notáveis como Pushkin, Tolstoy, Chekov e Tchaikovsky.⁸¹

Os avós e a jovem Nadya deixaram Saratov primeiro, para preparar a vinda dos outros. Multidões de imigrantes alemães, que lembravam de Andrey por sua integridade e suas transações honestas dez anos antes, reuniam-se para saudá-lo todas as vezes que o barco atracava para receber lenha e suprimentos diversos, à medida que se aproximavam de Astrakhan, na foz do Volga.

Após semanas de viagem por mar e terra, o grupo alcançou seu destino, a capital da Geórgia, Tiflis, agora chamada Tbilis. Para os que ficaram em casa houve muita ansiedade na espera de notícias da sua chegada segura, pois se passaram meses antes que chegasse uma carta.

Quase um ano se passou até que os filhos de von Hahn, sua tia Catherine, o marido dela, Yuli de Witte, e seus dois garotos se reunissem com os outros. Nesse meio tempo eles viveram novas experiências.

O verão e o outono foram passados no outro lado do Volga, onde o tio das crianças, Yuli, dirigia uma grande fazenda do Estado. Vera escreveu:

Estas vastas estepes do outro lado do Volga pareciam tão verdes, ilimitadas, tranquilas e pacíficas para nós, crianças desacostumadas com o país real... Não havia hóspedes nem reuniões ruidosas de amigos; não havia fogos de artifício, acrobatas, nem música, com os quais havíamos estado entretidos nos anos anteriores em Saratov. A vida simples da área rural, com seu trabalho na fazenda e nos campos, dos quais nunca tínhamos tido sequer uma ideia, impressionou-nos profundamente... Helena, levada por suas fantasias, transmitiu-me a ideia de que éramos “apenas meninas comuns, agora”; o nosso tio era um fazendeiro comum, assim como o “Fazendeiro Gray” na história inglesa que tem este título.

As crianças estavam maravilhadas pelo “vigor simples, saudável” da sua nova vida.⁸²

Quando chegou o inverno, as duas famílias mudaram-se novamente para Saratov, não para a mansão espaçosa do governador, mas para uma casa minúscula com quartos que pareciam ter o tamanho de armários. Helena lamentava-se: “Isto é, realmente, a pobreza!” Foi com tristeza que os jovens entregaram a sua velha mansão, agora ocupada pelo novo governador.⁸³

Em maio de 1847, chegou finalmente o momento de irem para Tiflis. Em suas memórias, Vera faz um relato fascinante dessa viagem cheia de aventuras e dos primeiros anos passados no Cáucaso.⁸⁴

A primeira casa em que a família morou havia sido construída recentemente. Era um palácio magnífico, situado nos limites da cidade, de propriedade de um comerciante armênio. Um ano mais tarde, eles se mudaram para uma mansão que pertencera ao príncipe Chavachavadze. Aqui os Fadeyev e os Witte viveram durante quinze anos, retornando a Odessa depois da morte dos avós.

Tiflis era um inferno no verão, e quem podia escapava para as montanhas. Assim, durante os anos seguintes, as crianças von Hahn e seus parentes visitaram muitos dos retiros e estações de águas minerais nas

montanhas que tornam o Cáucaso famoso.⁸⁵ Vera conta que durante uma viagem, Helena, Nadya, Catherine e seu marido escaparam por pouco da morte: “Logo no começo do verão, as massas de gelo acumuladas nos picos das montanhas gigantescas começam a derreter e, às vezes, ocorre um colapso dessas massas que bloqueia as estradas e soterra viajantes despreparados. Naqueles anos, centenas de pessoas morreram em acidentes nas montanhas.” Um dia, a família viu uma avalanche deslizar do pico Mayorsha, e salvou-se por sorte: “Felizmente, tio Yuli, com pena dos cavalos exaustos que puxavam a carruagem subindo a ladeira de Kaischaur, deu-lhes um pequeno descanso.” E essa forma o grupo escapou de ser soterrado no fundo de um precipício.⁸⁶

CAPÍTULO 12

A Separação dos Caminhos

O décimo sexto ano da vida de Helena Petrovna foi um período de transição em sua vida. Desde aquela época ela passou a dizer: “Sempre vivi uma existência dupla, misteriosa, incompreensível mesmo para mim, até que encontrei pela segunda vez meu indiano, ainda mais misterioso.”⁸⁷

Ela havia tido até então uma vida social ativa, gostando de ir a festas e de dançar.⁸⁸ A Sra. Yermolov, esposa do governador de Tiflis, contou a um amigo que Helena “era uma senhorita brilhante e muito voluntariosa... Aqueles que a conheceram nesses seus dias de juventude lembram-se dela com satisfação — inabalável, impetuosa, alegre, cintilante, com seu aguçado senso de humor e uma conversação inteligente. Ela gostava de brincar, provocar, causar agitação”.⁸⁹ Mas, agora, Helena estava mais ocupada do que nunca com os livros místicos da biblioteca do seu avô. Por essa época ela encontrou alguém com quem podia discutir esses assuntos: o príncipe Alexandre Golitsyn, filho mais velho de um antigo amigo da família Fadeyev, o príncipe Vladimir S. Golitsyn, primo da esposa do vice-rei. Vera diz que Alexandre visitava frequentemente a casa dos seus avós. Num artigo recente, *Os Caminhos Russos para a Teosofia*, o dr. Dimitri L. Spivak, da Academia de Ciências da URSS, refere-se ao príncipe Alexandre como um “famoso franco-maçom e místico”. Depois de vários meses, o príncipe deixou Tiflis, e não se sabe se HPB o encontrou novamente alguma vez.⁹⁰

Alexandre era evidentemente um homem de grande experiência nas áreas que Helena queria ardentemente investigar, tais como os lugares sagrados da Grécia, Egito, Irã e mesmo da Índia. Alguém com suas inclinações só podia sentir-se asfixiada pela vida estreita, cheia de obrigações convencionais, destinada naquela época às mulheres. Então, de súbito, aconteceu algo que inicialmente pareceu confiná-la mais do que nunca a uma existência restrita.

Durante o inverno de 1848-49,^{*1} Helena, agora com dezessete anos, deixou sua família assombrada ao anunciar que estava noiva e prestes a se casar. Mais surpreendente ainda foi sua escolha em relação ao marido. Nadya explica como se deu o noivado: Helena havia sido “desafiada um dia pela sua professora particular a encontrar qualquer homem que aceitasse casar com ela, tendo em vista o seu temperamento e a sua atitude. Para enfatizar ainda mais o desafio, a educadora disse que mesmo o velho que ela havia achado tão horroroso, e do qual tinha rido tanto, chamando-o de ‘corvo pelado’ — que mesmo esse velho a rejeitaria como esposa! Isso foi o bastante: três dias depois, ela havia feito com que ele lhe propusesse casamento”.⁹¹

Logo a seguir, amedrontada pelo que tinha feito, Helena tentou induzir os parentes a que impedissem o casamento. Eles se recusaram, e a avó de Helena estava muito velha para intervir.⁹² Então ela pediu ao seu noivo que a liberasse do compromisso: “Você estará cometendo um grande erro casando comigo. Sabe perfeitamente que tem idade suficiente para ser meu avô.” O seu apelo não funcionou. Em desespero, Helena fugiu de casa, mas retornou após alguns dias. Ninguém sabe onde esteve, mas a sua ausência fez com que aumentassem as fofocas a seu respeito, e os seus parentes estavam mais ansiosos do que nunca para que ela casasse e se aquietasse. Surpreendentemente, ela deixou de resistir. Havia percebido que — segundo contou aos seus amigos íntimos — sendo casada poderia ficar mais livre da supervisão constante a que moças e mulheres solteiras eram submetidas nas famílias aristocráticas.⁹³

Helena casou com Nikifor Blavatsky numa pequena cidade próxima de Erivan, no dia 7 de julho de 1849, pouco antes do seu décimo oitavo aniversário.⁹⁴ Foi um acontecimento de gala, com muitos convidados vindos de Tiflis. Estavam presentes vinte imponentes cavalariaos curdos, que ao saber que o seu ex-superintendente estava se casando acompanharam Nikifor a encontro da sua futura esposa.⁹⁵

Naquela manhã, conta Nadya:

Tinha havido uma clara tentativa de fazer Helena aceitar a solenidade do casamento, com suas futuras obrigações e seus deveres para com o seu esposo, e a vida de casada. Poucas horas depois, no altar, ela ouviu o sacerdote dizer: “Tu deves honrar e obedecer ao teu esposo”, e quando ouviu a odiada palavra “obedecer” a face de Helena franziu-se e ficou mortalmente

pálida. Escutaram-na murmurar, então, com os dentes apertados: “Certamente, não farei isso.”⁹⁶

Vera completa a história:

No mesmo dia, após a recepção, os recém-casados partiram para Daichichag — a residência de verão, nas montanhas, de todos os oficiais de Erivan. Começaram a subir a montanha de Bezobdal, ao longo de um íngreme caminho em ziguezague, montados a cavalo. Atrás do seu cortejo exótico [de curdos] iam muitos convidados do casamento... Depois de subirem a primeira etapa da montanha, todos pararam. Helena acenou com um lenço para nós, os curdos ergueram as suas espadas emplumadas dando adeus, alguns deles dispararam para o alto, e a comitiva dispersou-se.

Rompi a chorar. Minha irmã e eu nunca havíamos sido muito boas amigas devido à diferença de idade e de personalidade; mas tínhamos tido sempre um grande afeto uma pela outra. Essa era a nossa primeira separação, e era triste... o fim da minha infância, da minha adolescência, e de tudo o que tinha amado e considerava inseparável de mim mesma.⁹⁷

Para Helena, parecia que a separação da sua família querida podia ser para sempre. Naquele mesmo dia, ela já fazia planos de escapar de Nikifor e deixar a Rússia pela fronteira do Irã. Um guerreiro curdo foi ostensivamente convidado a ajudar na concretização dos seus planos, mas ele, ao contrário, contou as intenções dela ao marido. Depois disso ela passou a ser cuidadosamente vigiada.⁹⁸

Durante os três meses em que o casal viveu junto, houve todo o tempo uma batalha de vontades, com Nikifor exigindo os seus direitos conjugais e Helena recusando-se a aceitá-los. Os dois primeiros meses foram passados em Daichichag (“a terra das flores”). O casal foi visitado por Nadya, Catherine e os avós no final de agosto, após o que todos foram para Erivan.⁹⁹ Foi lá que Helena passou o seu último mês com o marido, agora governador em exercício da província, e por isso moravam no fabuloso palácio de Sardar, onde haviam vivido os primeiros governantes turcos.

A paisagem de Erivan era dominada pelo distante monte Ararat, mencionado na Bíblia. Acompanhada pelo seu guarda pessoal, o chefe tribal curdo Sahar Ali Bek — que, segundo HPB, certa vez salvou sua vida — Helena cruzou a fronteira turca muitas vezes e circundou a montanha montada a cavalo.¹⁰⁰

As relações com Nikifor pioravam à medida que transcorriam as semanas, e certo dia de setembro, escapando do seu guarda, Helena cavalgou para Tiflis — uma perigosa viagem a cavalo para uma mulher

sozinha, naqueles tempos agitados. “Eu fui esconder-me com minha avó”, escreveu ela. “Jurei que me mataria se fosse obrigada a voltar” para Blavatsky.¹⁰¹

Sinnett soube por HPB que “houve conselhos de família e ficou estabelecido que a noiva indomável devia ir viver com seu pai”. Ele combinou que a encontraria em Odessa, e ela foi despachada com um velho servo e uma acompanhante para embarcar em Poti, um porto do Mar Negro, onde um navio a vapor iria levá-la a seu destino. Mas de acordo com Sinnett:

Sua paixão desesperada por aventuras, conjugada com o medo de que seu pai pudesse tentar restabelecer os laços do seu compromisso nupcial, fez com que ela planejasse uma mudança nesse programa. Ela arranjou as coisas de tal modo na viagem através da Geórgia... que ela e a sua pequena escolta acabaram perdendo o vapor em Poti. Mas um pequeno navio britânico estava parado no porto. A Sra. Blavatsky subiu a bordo desse navio — o *Commodore*, ela pensa ser esse o nome — e, através de uma generosa oferta de rublos, convenceu o comandante a colaborar com os seus planos.

O *Commodore* estava se dirigindo primeiro para Kerch [na Criméia], depois para Taganrog no mar de Azof e, finalmente, para Constantinopla. A Sra. Blavatsky comprou passagem para ela e seus criados, aparentemente para Kerch. Ao chegar lá, ela enviou os criados para a terra, a fim de que procurassem hospedagem e preparassem o seu desembarque na manhã seguinte. Mas à noite, tendo ficado livre dos últimos liames que a prendiam à sua vida passada, ela partiu sozinha no *Commodore*...

Essa pequena viagem parece ter sido cheia de aventuras. A polícia do porto de Taganrog, inspecionando o *Commodore* na sua chegada, teve que ser induzida a não suspeitar de que havia um passageiro clandestino a bordo. O único esconderijo disponível, o depósito de carvão, não foi considerado atrativo pela passageira, que foi então levada para a cabine de um membro da tripulação, cuja personalidade ela pediu emprestada por alguns momentos, ficando no beliche como se estivesse doente. Mais tarde, quando o navio chegou a Constantinopla, surgiram novas dificuldades, e ela teve que ir para a terra num caíque^{*2}, com a colaboração de um membro da tripulação, para escapar da perseguição do comandante. A natureza dessa perseguição não é mencionada.

Em Constantinopla, entretanto, ela teve a sorte de encontrar uma dama russa conhecida sua, a condessa K(isselev), com quem se uniu por uma sólida amizade, e viajou durante algum tempo pelo Egito, Grécia e outras partes da Europa Oriental.¹⁰²

*1 No hemisfério norte o inverno corresponde aos meses de verão do hemisfério sul (Nota Ed. Bras.)

*2 Um pequeno barco a remo usado no Bósforo. (Nota Ed. Bras.)

PARTE 2

Viajando Pelo Mundo

CAPÍTULO 1

Primeiras Peregrinações

Terão sido apenas a paixão por aventura e o desejo de escapar do marido que levaram Helena Petrovna Blavatsky a abandonar uma vida cômoda e cheia de prazeres para enfrentar as desventuras que uma mulher teria pela frente num mundo nada amigável?

Suas cartas para o príncipe Dondoukov-Korsakov, que ela conheceu em Tiflis, podem dar uma resposta. Na época ajudante-de-campo do vice-rei, ele iria se tornar, mais tarde, governador-geral de Kiev e de outras províncias. Quando HPB escrevia a ele — da Índia, na década de 1880 — ele estava de volta a Tiflis como governador-geral do Cáucaso.¹

Passaram-se setenta anos antes que essas cartas viessem a público. Após a morte do príncipe, elas caíram, afinal nas mãos de Leo Semere — um húngaro de origem familiar desconhecida. Ele contatou várias Sociedades Teosóficas com o objetivo de vender as cartas, mas depois das primeiras conversas ele desaparecia e cessava as negociações. Ele acreditava que essas cartas eram um talismã e que enquanto as mantivesse, não morreria. Semere era perseguido pelos nazistas por ser um revolucionário húngaro; assim, vivia fugindo de lugar para lugar. Só liberou a correspondência quando ficou mortalmente doente.²

Em uma das cartas ao príncipe, HPB responde a sua pergunta em relação às circunstâncias que a levaram a encontrar, finalmente, em carne e osso, o seu “misterioso instrutor indiano”, que ela só havia visto em sonhos e em visões. “Eu estava buscando o desconhecido”, disse ela. “Se eu começar a falar com você sobre alquimia, a união ou ‘casamento da *Virgem* vermelha’ com o ‘mineral astral’, e sobre a pedra filosofal (união da alma com o espírito), talvez você me mandasse para o inferno. No entanto, quando exponho um assunto, certamente tenho que usar termos apropriados a esse assunto.”

Foi nessa carta que ela revelou os seus estudos sobre alquimia, magia e outros temas ocultos, na biblioteca do seu avô. “Paracelso, Kunrath e Agrippa”, escreveu ela, “todos falavam do ‘casamento da Virgem vermelha com o Hierofante’ e do ‘mineral astral com a sibila’; e da combinação dos princípios masculino e feminino”³, ou o que o Oriente chama de harmonização do *yin* com o *yang*.

Nos dias de HPB, a linguagem difícil dos alquimistas era ridicularizada pelas pessoas que se julgavam inteligentes, mas hoje em dia isso já não ocorre. A principal preocupação de Carl Jung durante os últimos trinta anos da sua vida foi “a alquimia em suas implicações psicológicas e religiosas”.⁴ “Tenho que confessar”, escreveu Jung, “que isso significou uma dura luta para ultrapassar o preconceito, que eu partilhava com muitos outros, contra o aparente absurdo da alquimia... Mas minha paciência foi amplamente recompensada... A verdadeira alquimia nunca foi um negócio ou profissão, mas uma real *opus*,^{*1} que um homem realiza através de um trabalho silencioso e de auto-sacrifício.”⁵ Na obra de Jung *Alchemical Studies* (*Estudos Alquímicos*) fica evidente que os verdadeiros praticantes da alquimia “não estavam buscando o ouro vulgar, mas uma compreensão de ouro; não a transmutação dos metais comuns, mas uma transformação psíquica das suas próprias personalidades; não o elixir da imortalidade, mas a pedra filosofal, o misterioso *lapis*^{*2} que simboliza o homem total”.⁶ Blavatsky escreveu que, misticamente, a “pedra filosofal simboliza a transmutação da natureza animal inferior do homem no que é mais elevado e divino”. Ela qualificava esta última a pedra filosofal como “o solvente universal de todas as coisas”.⁷

A menção à Virgem vermelha requer explicação, porque normalmente associamos essa cor com a paixão. Jung afirma que “o vermelho e o branco são cores alquímicas; o vermelho significa o sol, e o branco, a lua”.⁸ De forma similar, HPB menciona “o transcendente vermelho ou laranja dourado do sol” e afirma que “isso não deve ser confundido com o vermelho escarlate de *kama-rupa*”⁹ (*kama-rupa* é uma palavra sânscrita que designa a natureza passional do homem). Jung escreve sugestivamente que a trindade do corpo, alma e espírito “tem que ser transformada em um círculo, que é aquele *vermelho imutável* ou *fogo perene*”¹⁰ (itálico meu, S. Cranston).

Depois da partida da Rússia, não é fácil documentar a vida de HPB. Ela não mantinha um diário, e seus parentes não estavam por perto para registrar suas atividades. Nadya escreve: “Durante os primeiros oito anos ela não deu nenhum sinal de vida à família de sua mãe, com medo de ser localizada por seu legítimo ‘senhor e mestre’.” Quanto ao seu pai, “só ele sabia onde ela se encontrava. Sabendo que ele nunca a forçaria a retornar para o seu marido [Nikifor], ela confiava nele. Seu pai concordava com sua ausência e a supria com dinheiro sempre que chegava a lugares onde ele podia fazer remessas monetárias com segurança”.¹¹

Os críticos de HPB achavam muito difícil acreditar que uma mulher naqueles dias pudesse viajar com segurança para os locais onde ela afirmava ter estado. Ela escreveu para Sinnett quando ele estava preparando as memórias sobre a vida dela:

Imagine que eu contasse a você que na Índia eu vestia roupas masculinas (pois então eu era muito magra), o que é uma solene verdade; o que as pessoas iriam dizer? Fiz isto quando estive no Egito com a velha condessa K[isselev], que gostava de me ver usando uma roupa masculina de “estudante educado”, ela dizia. Agora você compreende as minhas dificuldades? Isso que seria considerado [em todas as partes, salvo no pudico Ocidente] uma excentricidade, ou extravagância, serviria agora para me incriminar.¹²

No Cairo, HPB conheceu o dr. Albert Leighton Rawson, na época um jovem estudante norte-americano de Belas Artes. Como Rawson também a viu outra vez em Nova Iorque dois ou três anos mais tarde, e novamente naquela cidade na década de 1870, ele é uma importante testemunha de algumas das suas viagens. Rawson teve uma história pessoal interessante que está contada em *Who Was Who in America, 1607-1896* (*Quem Foi Quem na América, 1607-1896*) e no *Twentieth Century Biographical Dictionary of Notable Americans* (*Dicionário Biográfico do Século Vinte de Norte-Americanos Notáveis*). Ele estudou Direito, mas envolveu-se, também, em explorações arqueológicas. Recebeu o seu doutorado em Teologia e o título de doutor em Direito em Oxford, e um diploma de médico na Sorbonne, em Paris. Autor de muitos livros sobre religião, filosofia e arqueologia, viajou quatro vezes ao Oriente.

Rawson descreve o seu encontro com HPB no Cairo em um artigo escrito após a morte dela. Ela revelou a ele que estava engajada num trabalho que iria algum dia libertar a humanidade da escravidão mental. Ele então comentou que “a ausência de interesse pessoal que HPB tinha em sua

missão era sublime, pois ela dizia frequentemente: ‘Este trabalho não é meu, mas daquele que me enviou.’ [Evangelho de João, 7:16]”.¹³

As viagens de HPB no Oriente Médio foram decepcionantes. Ela escreveu ao príncipe Dondoukov:

Em Atenas, no Egito, no Eufrates, em todas partes eu procurei minha [pedra filosofal], ... vivi com os Dervixes^{*3} rodopiantes, com os drusos do Monte Líbano, com os árabes beduínos e os marabouts^{*4} de Damasco. Mas não a encontrei em parte alguma! Aprendi sobre necromancia, astrologia, leitura de cristais e espiritismo — mas da “Virgem vermelha” nenhum sinal.¹⁴

Depois disso — como HPB mencionou anos mais tarde a um correspondente francês — ela viajou com o seu pai pela Europa.¹⁵ Esta pode ter sido a ocasião em que foi com ele para Londres. Em outro texto, HPB afirma que essa viagem ocorreu em 1844 ou 1845, mas ela não lembrava bem datas.¹⁶ Segundo o registro de eventos de Vera, nem Helena, então em Saratov, nem o seu pai, ainda no serviço militar, poderiam ter passado vários meses fora durante aquele período,¹⁷ embora a estada em Londres possa ter acontecido em 1850.

A finalidade dessa visita parece ter sido receber instrução musical avançada. HPB contava haver recebido algumas lições do “velho Moscheles”, o notável pianista e compositor que dava aulas naquela época no Conservatório de Leipzig. Tudo isso sugere que ela pensava em ganhar a vida como pianista profissional. Vários anos mais tarde, segundo algumas informações, ela deu alguns concertos na Inglaterra e no continente europeu.¹⁸

HPB parece não ter permanecido muito tempo com o seu pai. Ela foi para Paris, onde Sinnett diz que ela conheceu “muitos escritores famosos da época, e onde um famoso praticante de mesmerismo, ainda vivo enquanto escrevo, embora de idade muito avançada, descobriu os seus dons psíquicos maravilhosos, e estava muito interessado em mantê-la, como sensitiva, sob seu controle. Mas nenhum laço de dominação seria capaz de torná-la prisioneira dele, e HPB saiu às pressas de Paris para escapar da sua influência”.¹⁹

No início de 1851 ela estava em Londres, empregada como acompanhante de uma amiga da família, condessa Bagration. Elas estavam hospedadas no Hotel *Mivart*, agora chamado *The Claridge*. Dois anos

haviam-se passado desde que HPB deixara a Rússia, e ela estava numa profunda depressão. O que Voltaire disse certa vez de si mesmo parecia refletir os seus pensamentos: “Eu empreguei quarenta anos peregrinando... em busca da pedra filosofal da verdade... e ainda continuo na ignorância.”²⁰

Ela narrou esses momentos para Dondoukov-Korsakov, trinta anos mais tarde:

Quando cansei de tudo, cansada também da pobre condessa Bagration, já idosa, que me mantinha confinada no Hotel Mivart, fazendo com que eu lesse o Chitaminyi e a Bíblia, escapei e fui até a ponte de Waterloo, porque estava tomada por um forte desejo de morrer. Há muito eu sentia essa tentação aproximando-se de mim. Desta vez eu não queria resistir, e a água barrenta do Tâmsa parecia uma cama deliciosa para mim. Eu estava buscando o repouso eterno, já que não havia sido capaz de encontrar a “pedra” e havia perdido a “Virgem”.²¹

Então apareceu, acima e diante dela, a figura do seu mestre e protetor. “Ele me despertou e me salvou e, para reconciliar-me com a vida, prometeu-me ‘a pedra e a Virgem’.”²²

*1 Opus: em latim, obra, trabalho. (Nota Ed. Bras.)

*2 Lápiz: em latim, pedra, gema ou pedra preciosa. (Nota Ed. Bras.)

*3 Derxives — membros das ordens ascéticas muçulmanas, algumas das quais promovem danças em redemoinhos. (Nota Ed. Bras.)

*4 Marabouts — eremitas ou homens santos, frequentemente considerados possuidores de poderes mentais extraordinários. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 2

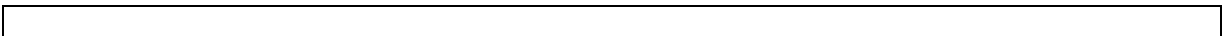
Uma Noite Inesquecível

Em 1851 ocorreu a grande Exposição do *Hyde Park*, em Londres, e o seu fabuloso Palácio de Cristal abrigou “Os Trabalhos de Todas as Nações”, incluindo as últimas invenções da ciência e tecnologia. A rainha Vitória abriu a exposição em maio, e quando ela foi encerrada, em outubro, havia recebido mais de seis milhões de visitantes de todas as partes do mundo. Não se sabe se HPB ficou impressionada com este *evento do século*, mas ele constituiu o cenário da experiência mais extraordinária da sua vida. Acompanhando uma das delegações indianas, estava o instrutor dos seus sonhos! “Eu o vi duas vezes”, escreveu ela, anos depois, para Sinnett. “Numa delas Ele saiu da multidão e mandou que o encontrasse no *Hyde Park*. Não posso, não devo falar disso. Não contarei o que ocorreu para o mundo.”²³

Dois anos após a morte de HPB, esse encontro passou a ser de conhecimento público quando foi publicado o livro *Reminiscências de H.P. Blavatsky* e de *A Doutrina Secreta*.^{*1} A autora, a condessa Constance Wachtmeister, viúva de um ex-embaixador sueco em Londres, havia morado com HPB na Alemanha e na Bélgica enquanto ela escrevia *A Doutrina Secreta*. A condessa escreveu:

Em Würzburg ocorreu um incidente curioso. A Sra. Fadeyve — tia de HPB — escreveu a ela dizendo que estava mandando uma caixa para Ludwigstrasse contendo o que parecia um amontoado de coisas sem valor [que HPB tinha deixado para trás quando deixou a Rússia na década de 1860]. A caixa chegou e coube a mim a tarefa de desembulhá-la. Eu pegava uma coisa depois da outra e passava-as para a sra. Blavatsky, até que ouvi uma exclamação de prazer, e ela disse: “Venha e olhe o que escrevi no ano de 1851, no dia que vi meu Mestre abençoado”; e lá, num livro de rascunhos e desenhos, numa tinta esmaecida, eu vi umas poucas linhas nas quais HPB descrevia o encontro.²⁴

O livro de anotações e desenhos ainda existe, e a seguir está uma reprodução da página:





*— Nuit mémorable!
 Certain nuit par un Clair —
 — 9^e lune qui se couchait à
 — Ramsgate 12 Aout: 1851*
 lorsque je rencontrais M le Maître — de mes rêves!!
 * Le 12 Aout — c'est Juillet 31 style russe jour de ma naissance — Vingt ans!*

2. Cena do barco, 1851; o dia do primeiro encontro de Blavatsky com seu Mestre
 (The Theosophist, agosto de 1931, The Theosophical Society, Arquivos de Adyar).

O texto original em francês: *Nuit memorable! Certaine nuit, par au Clair — de lune qui se couchait a Ramsgate 12 Aout: 1851* lorsque je rencontrais M le Maître — de mes rêves!!*

**Le 12 Aout c'est Juillet 31 style russe, jour de ma naissance — Vingt ans!*

Tradução: Noite memorável! Certa noite, a luz da lua se ocultava em Ramsgate. Era dia 12 de agosto de 1851* quando encontrei M, o Mestre dos meus sonhos!!

*12 de agosto corresponde a 31 de julho no calendário russo, o dia do meu nascimento — vinte anos!

A condessa perguntou a HPB por que mencionara Ramsgate (um balneário do Mar do Norte) em vez de Londres, onde ela havia contado que encontrara seu instrutor. Ela escreve: “HPB contou-me que era uma pista falsa, com o objetivo de que ninguém pudesse saber onde ela havia encontrado o seu Mestre.”

Nesta ocasião, HPB descreveu o encontro para a condessa, que o narra da seguinte maneira:

HPB estava caminhando, um dia, quando para a sua surpresa viu um hindu muito alto na rua junto com alguns príncipes indianos. Ela o reconheceu imediatamente... Seu primeiro impulso foi correr para falar com ele, mas o Mestre fez um sinal para que ela não se movesse, e ela permaneceu imóvel, fascinada, enquanto ele passava. No dia seguinte, ela foi passear no *Hyde Park*, para poder estar sozinha e livre para pensar sobre a sua aventura extraordinária. Olhando para o alto, ela viu a mesma forma aproximando-se dela, e, então, o seu Mestre contou-lhe que tinha vindo a Londres com os príncipes indianos numa missão importante, e estava desejoso de conhecê-la pessoalmente, pois queria a sua cooperação num trabalho que ele estava prestes a começar [cuja natureza ele descreveu]. Para preparar-se para esta tarefa importante... [ela teria] que ficar três anos no Tibete.²⁵

A própria condessa estava “em Londres na época dessa visita dos indianos, e lembrava-se de ouvir dizer que eles eram um grupo notável de homens, um deles imensamente alto”.²⁶ Segundo algumas informações, o instrutor de HPB tinha dois metros e três centímetros de altura.²⁷

Antes de partir para a Índia, HPB fez uma consulta a seu pai. Wachtmeister tinha a impressão de que ele estava em Londres na época, mas HPB disse explicitamente a Sinnett que não estava.²⁸ Assim, qualquer aprovação que tenha recebido dele deve ter chegado a ela pelo correio. Uma vez autorizada, ela partiu imediatamente para a Índia, conta a condessa.²⁹ Mais precisamente, segundo tudo indica, partiu para a Índia via América, porque queria conhecer primeiro o Novo Mundo.

*1 Obra disponível em língua portuguesa. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 3

O Novo Mundo e a Mãe Índia

HPB queria visitar o Novo Mundo devido a seu desejo de aprender a sabedoria dos indígenas norte-americanos.³⁰ Anos mais tarde, olhando em retrospecto, ela veria sua decisão dentro de um contexto mais amplo. *A Doutrina Secreta* afirma:

Agora mesmo, diante dos nossos próprios olhos, a nova Raça e Raças estão se preparando para surgir, e... é na América que a transformação ocorrerá, e já começou silenciosamente. Os americanos dos Estados Unidos, anglo-saxões puros apenas trezentos anos atrás, já se transformaram numa nação à parte, e, devido a uma forte mistura de várias nacionalidades e casamentos mistos, são quase uma raça *sui-generis*, não só mentalmente, mas também fisicamente...

Assim é a humanidade do Novo Mundo... cuja missão e cujo *karma* é lançar as sementes para uma raça futura, mais grandiosa e muito mais gloriosa do que as que conhecemos hoje. Ciclos de materialidade serão substituídos por ciclos de espiritualidade e de pleno desenvolvimento mental.³¹

O que atraiu HPB para o Novo Mundo em 1851 foram os povos indígenas sobre os quais ela havia lido nos romances de James Fenimore Cooper. Passando pelo Canadá, ela chegou até Quebec, onde foi apresentada a um grupo de indígenas de quem esperava aprender os segredos dos curandeiros. Certo dia eles fizeram desaparecer alguns dos seus pertences, inclusive um par de botas de valor elevado.³² Em *Ísis Sem Véu*, ela fala dos “tristes exemplos de rápida desmoralização” dos indígenas norte-americanos “logo que começaram a conviver com os administradores e missionários cristãos”.³³

Um novo programa de viagem foi feito. Sinnett escreve:

Num primeiro momento, [HPB] pensou que devia entrar em contato estreito com os mórmons, que na época começavam a chamar a atenção do público; mas sua primeira cidade, Nauvoo, no Missouri, tinha sido destruída há pouco por uma multidão furiosa de vizinhos menos trabalhadores e menos prósperos, e os sobreviventes do massacre — em que morreu grande parte do seu povo — estavam viajando através do deserto em busca de um novo lar. A sra.

Blavatsky pensou que, sob essas circunstâncias, o México parecia uma região convidativa para tentar a vida, e ela começou a viajar para lá, via New Orleans.³⁴

Lá ela investigou o Vodou, mas foi advertida em uma visão de que essa seita estava envolvida em práticas perigosas, e partiu imediatamente. Sinnett prossegue:

Ela viajou através do Texas até o México, e conseguiu ver uma grande parte daquele país — onde havia grande falta de segurança — protegida nestas viagens perigosas pela sua própria e enorme audácia e por várias pessoas que, de tempos em tempos, interessavam-se pelo seu bem-estar. Ela menciona com gratidão especial um velho canadense, um homem conhecido como Pere Jacques, que encontrou no Texas, quando estava completamente só. Ele cuidou da sua segurança, evitando alguns perigos a que ela estava exposta na época.³⁵

Durante 1852, suas viagens a levaram à América Central e do Sul onde ela visitou antigas ruínas. Algumas dessas explorações são descritas em *Ísis*.^{*1}

Sinnett conta que “tendo decidido que já era tempo de ir para a Índia, ela escreveu para um certo inglês, que havia conhecido na Alemanha dois anos antes, e que ela sabia estar envolvido na mesma busca, dizendo-lhe que a encontrasse nas Índias Ocidentais para que fossem juntos ao Oriente”. Mais um companheiro de viagem juntou-se ao grupo, um hindu que Blavatsky conhecera em Honduras. Ele provou ser um *chela*, ou discípulo do Mestre. “Os três peregrinos místicos partiram através do Cabo [da Boa Esperança] para o Ceilão^{*2} e de lá, num veleiro, para Bombaim”, onde chegaram ao final de 1852. O grupo então se dispersou, “cada um atraído por uma meta diferente”.³⁶ Mais uma informação a respeito da primeira estada de HPB na Índia foi revelada numa carta para o príncipe Dondoukov, no qual ela fala do seu instrutor:

Na Inglaterra eu o vi só duas vezes, e, na nossa última entrevista, ele disse: “O seu destino é a Índia, mas mais tarde, dentro de vinte e oito ou trinta anos. Vá até lá agora e veja o país”. Eu fui até lá por que, não sei! Eu estava como em um sonho. Permaneci cerca de dois anos viajando por vários lugares e recebendo dinheiro mensalmente — não tenho a menor ideia sobre quem o mandava — e seguindo fielmente o itinerário dado a mim. Recebi cartas desse hindu, mas não o vi uma só vez durante aqueles dois anos.³⁷

Antes de deixar a Índia, HPB fez uma tentativa de entrar no Tibete através do Nepal, mas não teve êxito devido à oposição do representante do governo britânico.³⁸ Esta e outra informação acerca das suas viagens foi dada a Sinnett — por HPB — trinta anos após os acontecimentos, quando a

confirmação dos fatos era difícil, havendo, assim, uma desculpa para os cééticos duvidarem de sua veracidade. Uma das alegações principais era que sua primeira visita à Índia só teria ocorrido muito mais tarde. No entanto, dois anos após a morte de HPB, houve uma surpreendente corroboração da história por parte do representante do governo britânico.

Em 1893, Olcott e um amigo estavam viajando de trem na Índia quando encontraram um ex-oficial do exército, o general-de-divisão Charles Murray. Durante a conversa, foi mencionada a ligação de Olcott com a Sociedade Teosófica, e Murray observou que, anos atrás, havia impedido HPB de entrar no Tibete. Olcott escreveu no seu diário de 1893 como ocorreu a interrupção da viagem de HPB, e Murray ratificou o texto com a sua assinatura:

No dia 3 de março de 1893, S.V. Edge e eu encontramos num trem entre Nalhati e Calcutá o general-de-divisão C. Murray (da Reserva), antigo comandante do 70º batalhão de infantaria de Bengala, e agora presidente do município de Monghyr, que conheceu HPB em 1854 ou 1855, em Punkabaree, ao pé das montanhas de Darjeeling. Ele era capitão na época, e comandava os sapadores e mineiros de Sebundy. Ela estava tentando entrar no Tibete via Nepal “para escrever um livro”, e para isso queria cruzar o rio Rungit. Quando o capitão Murray foi informado pela guarda que uma senhora europeia tinha passado naquela direção, ele foi atrás dela e trouxe-a de volta. Ela ficou muito irritada, mas em vão. HPB permaneceu com o capitão Murray e sua esposa durante um mês, até que, vendo que o seu plano estava inviabilizado, partiu, e o capitão Murray ainda teve notícias dela até Dinajpore. Ela aparentava, então, ter trinta anos de idade.

O memorando acima é correto
C. Murray, general-de-divisão

Esse memorando foi inserido em seguida no número de abril de 1893 da revista *The Theosophist*, publicada na Índia.³⁹ Murray teve ampla oportunidade de ver o seu atestado impresso e contestá-lo se não fosse correto. Aparentemente, ninguém pretendeu comparar a história de Olcott com os registros da carreira militar do general até 1952, quando a Sra. Stanley, de Londres, escreveu dando detalhes.⁴⁰ Durante os anos de 1854 a 1855, os registros mostram que Murray era o “comandante dos sapadores e dos mineiros de Sebundy”. Marion Meade afirma que Murray “disse a Olcott em 1854 ou 1855 que uma mulher europeia havia tentado cruzar a fronteira, mas fora trazida de volta pelos guardas”.⁴¹ O fato de que Murray mencionou especificamente Blavatsky é omitido por uma razão muito clara. Meade afirma, como fazem muitos dos biógrafos de HPB, que durante os dez anos em que ela esteve fora da Rússia nunca havia colocado o pé na

Índia, mas estava levando uma vida imoral nas capitais da Europa e, por isso, as suas histórias a respeito de viagens eram uma maneira hábil de disfarçar a verdade e que os seus instrutores não existiam.

O dr. Rawson dá evidências das estadas de HPB tanto nos Estados Unidos como na Índia, durante o período em questão. Quanto à Índia, ele escreveu a seguinte carta, publicada em 1878, para refutar as acusações de um crítico de que ela, até então, nunca havia estado no Oriente:

[Alguns] dos meus conhecidos encontraram a Sra. Blavatsky no Extremo Oriente; outros ouviram falar da sua residência lá; por exemplo, o eminente médico e cirurgião dr. David E. Dudley, de Manila; [e o] sr. Frank A. Hill, de Boston, Mass., que esteve na Índia nessa ocasião... O editor de *Builder* desta cidade [Nova Iorque], sr. William O'Grady, um indiano de Madras, Índia, visita a Sra. Blavatsky frequentemente [em Nova Iorque]. Ele a conheceu na Índia.

Por que repetir essas evidências? Um testemunho aceito é suficiente — e mil testemunhos são insuficientes para uma alma que não quer aceita-los.⁴²

Em 1854, depois que o seu plano para entrar no Tibete foi frustrado por Murray, HPB deixou a Índia. Ela explicou ao príncipe Dondoukov que quando o seu Mestre escreveu: “Volte para a Europa e faça o que quiser, mas mantenha-se sempre pronta para retornar”, ela comprou “uma passagem no *Gwalior*, que naufragou próximo ao Cabo”, mas foi “salva com mais outras vinte pessoas, aproximadamente”.⁴³ Não há qualquer detalhe sobre o ocorrido.

*1 Veja vol. 1, pp. 267-270. (Nota Ed. Bras.)

*2 Ceilão: atual Sri Lanka. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 4

Outra Grande Viagem

Quando HPB retornou para a Inglaterra, estava em curso a guerra da Criméia entre Turquia e Rússia. Em seguida, em abril de 1854, o czar Nicolau I também declarou estado de guerra entre seu país e a Inglaterra e França. Naquela época era embaraçoso para alguém da Rússia viver na Inglaterra, mas Vera diz que HPB ficou lá, retida por um contrato (presumivelmente para dar concertos de piano): “Tendo-se distinguido pelos seus talentos musicais, ela se tornou membro da Sociedade Filarmônica.”⁴⁴

Em junho de 1854, parece que HPB encontrou o seu Mestre na Inglaterra. Ela escreve: “Eu o encontrei na casa de um estranho na Inglaterra, onde ele havia ido na companhia de um príncipe nativo destronado, e o nosso contato limitou-se a duas conversas que, embora tenham produzido em mim uma impressão muito forte pelo seu aspecto inesperado, por seu caráter estranho e mesmo por sua severidade, mergulharam, como tantas outras coisas, nas águas do Letes^{*1}.”⁴⁵ Com a expressão “um príncipe nativo destronado” ela provavelmente se referia a Dalip Singh, o marajá deposto de Lahore. Ele chegou em Southampton no dia dezoito de junho, e foi apresentado à rainha Vitória no dia primeiro de julho.⁴⁶ A seguir, HPB partiu da Inglaterra para Nova Iorque.⁴⁷

Em Nova Iorque, ela encontrou novamente o dr. Rawson. Ele afirma que isso ocorreu no ano de 1853, mas 1854 parece mais provável. HPB tinha dezenove anos quando ele, ainda um jovem artista, a conheceu no Cairo. Agora que ela tinha “vinte e dois ou vinte e três anos”, Rawson disse:

A sua face era cheia, como o formato da lua, traços muito valorizados no Oriente; ela possuía olhos claros e brilhantes, suaves como os de uma gazela em repouso, mas flamejantes como os de uma serpente quando irada ou excitada. Até os trinta anos, sua figura jovem era suave, muscular e agradavelmente arredondada, capaz de deliciar qualquer artista. Suas mãos e pés eram tão pequenos e tão delicadamente moldados, que expressavam a plenitude e a flexibilidade da juventude — e nunca perderam inteiramente essas qualidades.

[Ela] era quase irresistível em sociedade, pois podia conquistar, com uma simples entrevista, a admiração de qualquer homem que tivesse alguma vez percebido o suficiente além de si

mesmo para descobrir que ele não era três quartas partes do Universo.

Ela dava muito pouca importância à admiração que os homens sentissem por ela apenas como mulher — disse ele. “Como estudante”, Rawson a encontrou “sempre trabalhando e incansável, nunca satisfeita. Mais luz, mais fatos, teorias avançadas, diferentes hipóteses, novas sugestões sempre a empurravam para diante em direção a um ideal.” [*Frank Leslie’s Popular Monthly*, fevereiro de 1892.]

De Nova Iorque, conta Sinnett, HPB “foi primeiro para Chicago, na época uma cidade muito jovem... e a seguir para o Oeste... cruzando as *Rocky Mountains* (Montanhas Rochosas) com as caravanas de emigrantes, até que por fim ela [chegou] em São Francisco”, onde embarcou para o Oriente.⁴⁸

De acordo com a obra clássica de John Unruh *The Plains Across (As Planícies)*, as experiências dos pioneiros durante a década de 1850, quando HPB viajou para o Oeste, eram “extremamente desafiadoras”. Cruzar rios turbulentos e passar através de vastas extensões de desertos tórridos e sem água eram algumas das dificuldades. Quando um carroção quebrava ou os bois que o puxavam sucumbiam exaustos, os viajantes enfrentavam dificuldades terríveis. As *Rocky Mountains* eram transpostas na Passagem Sul, Wyoming, a uma altitude de dois mil metros.

Após cruzarem as montanhas, muitos dos viajantes, entre os quais parece haver estado HPB, repousavam e reabasteciam-se de suprimentos em *Salt Lake City*. Diz-se que HPB permaneceu uma noite na casa de uma mulher mórmon, a Sra. Emmeline B. Wells (1828-1921), editora de *The Woman’s Exponent (O Representante da Mulher)*. A Sra. Wells explicou à sua neta, a Sra. Daisy Woods, que HPB estava usando botas de homem porque pretendia viajar por um terreno muito difícil. Parecia que ela estava a caminho do México.⁴⁹ Unruh menciona que “apesar de haver hotéis e pensões” em *Salt Lake City*, era muito grande o número de emigrantes que se hospedavam com as famílias mórmons durante sua estada naquela cidade.⁵⁰ Se HPB foi de fato ao México, e talvez também a outros países na

América Central e do Sul, ela pode ter embarcado lá em algum dos numerosos navios costeiros destinados a São Francisco, seguindo, então, viagem para o Oriente.⁵¹

A primeira visão do Oceano Pacífico é frequentemente uma experiência impressionante para os viajantes. Walt Whitman registrou a sua visão num poema sobre a reencarnação, *Facing West from California's Shores* (*Olhando para o Ocidente das Costas da Califórnia*), em que conta como, eras atrás, começou a sua peregrinação para o oeste, em direção à antiga Índia, e agora:

Olhando para o Ocidente, das costas da Califórnia,^{*2}
Inquirindo incansável, buscando o que nunca foi encontrado.
Eu, criança, muito velho...
em direção à casa materna... olho para longe,
Olho a partir das costas do meu mar ocidental,
o círculo quase completo;
Porque começando na direção do Ocidente desde o Hindustão,
desde os vales de Cachemira...
Havendo peregrinado muito tempo desde então,
Havendo peregrinado ao redor da terra,
Agora olho novamente para casa, muito satisfeito e alegre
(Mas onde está o que comecei a buscar há tanto tempo atrás?
e por que ainda não foi encontrado?)⁵²

Enquanto HPB cruzava o Pacífico, tendo chegado a Calcutá em 1855 ou 1856,⁵³ talvez ela fizesse a mesma pergunta com relação ao que buscava naquele momento da sua vida: “Por que ainda não foi encontrado?”

*1 Letes: um rio mitológico do inferno, cujas águas causam o esquecimento. (Nota Ed. Bras.)

*2 Facing west from California's shores./ Inquiring, tireless, seeking what is yet unfound./ a child, very old... / towards the house of maternity... look afar, / Look off the shores of my Western sea, / the circle almost encircled;/ For starting westward from Hindustan, / from the vales of Kashmere... / Long having wander'd since, / round the earth having wander 'd, / Now I face honre again, very pleas'd and joyous, / (But where is what I started for so long ago? / And why is it yet unfound?)

CAPÍTULO 5

Sábios do Oriente

O leitor deve lembrar que na primeira viagem de HPB à Índia, embora tenha ido para lá por orientação do seu instrutor, ela não o viu em nenhum momento. Esta viagem seria diferente. Nos trechos seguintes, retirados de *Ísis Sem Véu*, HPB parece fundir as duas visitas em uma só:

Quando, anos atrás, nós^{*1} viajamos pela primeira vez pelo Oriente, explorando as profundezas dos seus santuários abandonados, duas questões entristecedoras reapareciam sempre, oprimindo nossos pensamentos: Onde está, quem, ou o que é Deus? Quem já viu o Espírito Imortal do homem habilitando-se a ter certeza da imortalidade do homem?

Foi quando tínhamos a maior ansiedade por resolver esses problemas, que nos causavam perplexidade, que entramos em contato com certos homens dotados de poderes tão misteriosos e de um conhecimento tão profundo que nós podemos verdadeiramente designá-los como sábios do Oriente... Eles nos mostraram que, *pela combinação da ciência com a religião* (itálico meu, S. Cranston), a existência de Deus e a imortalidade do espírito do homem podem ser demonstradas como nos problemas da geometria euclidiana.

Pela primeira vez foi-nos assegurado que a filosofia oriental tem fé apenas na onipotência do próprio ser imortal do homem. Foi-nos ensinado que essa onipotência vem do parentesco do espírito do homem com a Alma Universal — Deus! Este último, disseram eles, só pode ser demonstrado pelo anterior. O espírito do homem é a prova do espírito de Deus, assim como uma gota d'água comprova a existência da fonte de onde ela veio.

Assim, acrescenta ela, quando vemos seres humanos como esses sábios do Oriente “mostrando habilidades extraordinárias, controlando forças da Natureza e tornando visível o mundo do espírito, a mente reflexiva fica dominada pela convicção de que se o Ego espiritual do homem pode fazer tantas coisas, as possibilidades do ESPÍRITO PAI^{*2} têm que ser relativamente muito mais vastas, assim como o oceano inteiro supera uma gota isolada tanto em volume como em força. *Ex nihilo nihil fit*; quem provar que a alma do homem possui poderes maravilhosos terá provado a existência de Deus!... Tal conhecimento não tem preço; e tem estado oculto somente para aqueles que não lhe dão atenção ou riem da sua existência.”⁵⁴

Quanto à estada de HPB na Índia em 1856, ela escreveu para Sinnett: “Viajei de lugar em lugar e nunca disse que era russa; as pessoas pensavam as coisas mais diferentes de mim... Se fosse descrever somente a minha visita à Índia naquele ano, teria que escrever um livro grosso.”⁵⁵

Algumas descrições realmente formaram um livro, *From the Caves and Jungles of Hindostan* (*Desde as Cavernas e Florestas do Hindustão*). Originalmente se tratava de uma série de artigos que ela escreveu de 1878 a 1886 sob o pseudônimo de Radda-Bai, e que apareceram inicialmente no jornal *Moscow Chronicle* (*Crônica de Moscou*), editado pelo famoso jornalista russo M.N. Katkov. Esses artigos despertaram tanto interesse que, em 1885, a série que fora publicada até então foi reimpressa em outra publicação de Katkov, o *Russkey Vestnick* (*Mensageiro Russo*), e continuou a ser editada. Tolstoy, Turgenev e outros escritores notáveis eram frequentes colaboradores desse periódico.

As histórias escritas em forma de ficção registram parte das viagens de HPB com o seu Mestre, que, em *Caves and Jungles* (*Cavernas e Florestas*),⁵⁶ aparece com o pseudônimo de Gulab Singh.⁵⁷ Eu “menciono fatos e personagens verdadeiros”, escreveu ela para Sinnett, “reunindo somente em um período de três ou quatro meses atos e eventos que ocorreram ao longo de vários anos, como alguns dos fenômenos do Mestre”.⁵⁸ Muitos deles, disse ela, ocorreram na sua segunda viagem a Índia. Uma crítica dessa série de textos foi feita por Zinaida Venegrov em um artigo sobre a vida de HPB na *Critico-Biographical Encyclopedia of Russian Writers and Savants — 1892* (*Enciclopédia Crítica e Biográfica de Escritores e Sábios da Rússia — 1892*).

Embora criticando algumas fases da vida de HPB, Venegrov só tem elogios e louvores para o livro:

From the Caves and Jungles of Hindostan (*Desde as Cavernas e Florestas do Hindustão*) não pode ser incluído entre as descrições comuns e pitorescas de terras estrangeiras. A autora não é apenas uma turista curiosa descrevendo as maravilhas que viu, mas participou de uma expedição científica cujo propósito era estudar as bases da história humana na civilização da Índia. Esse objetivo específico está sempre presente na narrativa de Radda-Bai e lhe dá um charme especial. A autora enfatiza tudo o que aponta para o grande passado dessa nação agora escravizada. Ela nos dá descrições simples, mas artisticamente atraentes, de prédios magníficos

espalhados pela Índia há tempos imemoriais e incólumes apesar da passagem dos milênios... Entretanto, mais do que todas as obras de arte que mostram os pontos altos da civilização hindu, ou as exuberantes paisagens pintadas por Blavatsky, onde a realidade ultrapassa nossa imaginação mais exaltada, é o estilo de vida dos moradores nativos que captura com mais força a sua atenção... pois, onde quer que ela fosse, nunca vivia nos bairros europeus das cidades, mas nas casas dos hindus (bangalôs), entre os nativos...

Ao ler o seu livro, não devemos esquecer em momento algum que Radda Bai é acima de tudo uma teósofo, que foi para a Índia em busca do conhecimento secreto do Oriente e sua atenção está voltada principalmente para os ensinamentos dos sábios hindus... Ela tem especial interesse na misteriosa escola dos *Raja-Logues*, homens santos e sábios que, por meio de um treinamento especial dos seus poderes espirituais, desenvolvem a habilidade de produzir milagres inquestionáveis. Assim, o *Raja-logue* Gulab Singh, que Blavatsky conheceu pessoalmente... respondia às suas perguntas não faladas; desaparecia e aparecia quando ninguém esperava; abria diante dos viajantes entradas secretas nas montanhas que levavam a maravilhosos templos subterrâneos, e assim por diante. E tudo isso ele fazia facilmente, sempre dando uma explicação natural para as suas ações. Grande parte dos fenômenos produzidos por Gulab Singh, e descritos por Blavatsky, eram muito diferentes daqueles que ela mesma executava. Teria sido com a ajuda desse misterioso Gulab Singh que ela desenvolveu a habilidade de “criar” e desintegrar objetos?⁵⁹

A primeira versão inglesa de *Caves and Jungles* apareceu em 1892, mas não era completa. Foi feita por Vera Johnston, sobrinha de HPB. Uma nova edição com mais de setecentas páginas está agora disponível como parte dos *Collected Writings (Escritos Reunidos)* de Blavatsky. Um segundo volume de escritos russos, que completará a série, ainda está por ser publicado.

Depois do insucesso na tentativa de entrar no Tibete através do Nepal — durante sua primeira visita à Índia — desta vez HPB tentou entrar através de Cachemira. No relato do encontro de HPB com o general Murray, que frustrou a sua primeira tentativa, o coronel Olcott afirmou:

Durante um dos meus giros pelo norte da Índia, obtive, por um indiano que vivia em Bareilly, indícios de outra tentativa feita por HPB de entrar no Tibete. Na primeira vez que HPB chegou àquele posto depois da nossa chegada à Índia (em 1879) este senhor a reconheceu como uma senhora europeia que havia sido sua hóspede muitos anos antes, quando ela se dirigia para o norte, tentando entrar no Tibete via Cachemira. Eles tiveram uma boa conversa sobre os velhos tempos.⁶⁰

Cachemira situa-se na região noroeste da Índia. Antigamente, partes de Cachemira eram conhecidas como o “pequeno Tibete”. Mais ao norte está o Tibete ocidental, onde HPB disse que conseguiu entrar nesta viagem. No entanto, ela não conseguiu realizar seu objetivo principal: alcançar um centro oculto no Tibete oriental, onde o seu instrutor e outros adeptos passavam grande parte do tempo. O Tibete oriental inclui Lhasa — a capital do país e residência oficial do Dalai Lama.

Sinnett conta que antes de entrar no Tibete ocidental HPB foi retida em Lahore por um amigo alemão do seu pai, um ex-pastor luterano de nome Külwein [Kühlwein]. Como ele havia planejado fazer uma viagem para o Oriente com dois amigos, o coronel Hahn, ansioso em relação a notícias da sua filha, pediu que ele a localizasse.⁶¹

Os quatro viajaram juntos por Cachemira em companhia de um xamã^{*3} tártaro que estava a caminho do seu lar na Sibéria, depois de vinte anos afastado. O xamã aproximou-se bastante de HPB, acreditando que ela poderia influenciar as autoridades russas para que permitissem o seu retorno.

Usando vários disfarces, o grupo tentava entrar no Tibete. Külwein adoeceu e ficou para trás. Seus dois amigos foram forçados pelos guardas da fronteira a retornar, mas o xamã e HPB foram autorizados a prosseguir. HPB tinha feições mongólicas, o que era, talvez, o seu melhor disfarce. Algumas das suas aventuras são contadas em *Ísis*. Um incidente diz respeito a um talismã que o xamã usava debaixo do braço esquerdo:

“Qual a utilidade desse talismã, e quais as suas virtudes?” — era a pergunta que fazia inúmeras vezes ao nosso guia. Ele nunca respondia, mas fugia de qualquer explicação, prometendo que logo que houvesse uma oportunidade e nós estivéssemos sozinhos ele pediria à pedra que respondesse por si mesma. Com essa esperança indefinida, éramos deixados apenas com os recursos da nossa própria imaginação. Entretanto o dia em que a pedra “falaria” chegou em seguida. Ocorreu durante as horas mais críticas da nossa vida; num momento em que a tendência nômade de viajante havia levado a autora a terras muito longínquas, onde nem a civilização é conhecida, nem a segurança pode ser garantida, ainda que por uma hora.

Os moradores do vilarejo em que estavam abandonaram em massa a aldeia, certo dia, para assistirem a uma cerimônia budista; e isso criou uma oportunidade para o xamã demonstrar os poderes da pedra:

... colocando a mão em seu peito, ele retirou a pequena pedra, que era do tamanho aproximado de uma noz, e, desenrolando-a cuidadosamente do papel que a envolvia, pareceu, em seguida,

engoli-la. Em poucos momentos os seus membros endureceram, o seu corpo tornou-se rígido, e ele caiu, frio e imóvel como um cadáver. Exceto por um ligeiro tremor nos lábios a cada pergunta que lhe era feita, a cena teria sido constrangedora, ou melhor, aterrorizante... Durante mais de duas horas foram-nos dadas as provas mais substanciais e inequívocas de que a alma astral do xamã estava viajando para atender nossos desejos não falados.

Um dos desejos de HPB era o de visitar uma amiga, uma senhora romena de Walachia, e trazer a si o pensamento dessa pessoa. A voz anunciou que a velha senhora estava sentada em seu jardim lendo uma carta. HPB apressadamente procurou papel e lápis para escrever as palavras dadas lentamente na linguagem fonética *walachiana*, da qual HPB nada conhecia mas que sabia identificar. A carta foi enviada posteriormente para a mulher, perguntando o que ela estava fazendo durante aquele dia. A mulher, “uma mística por inclinação pessoal, mas completamente descrente deste tipo de fenômeno oculto”, respondeu que naquela manhã estava “sentada de modo muito trivial, ocupada em ferver algumas conservas; a carta enviada a ela por HPB era uma reprodução, palavra por palavra, de uma carta que ela recebera de seu irmão; subitamente — em consequência do calor, pensou ela — desmaiou, e lembrava-se nitidamente de haver *sonhado* que vira a autora [HPB] num lugar deserto, que ela descreveu corretamente, e sentada, como disse, debaixo de uma tenda cigana”. “Depois disso”, acrescentou, “não posso mais duvidar! ... A hora em Bucareste correspondia exatamente com a do país onde essa cena tinha tido lugar.”

HPB continua:

Mas nossa experiência resultou ainda melhor. Tínhamos dirigido o ego interno do xamã para o mesmo amigo já mencionado neste capítulo, o Kutchi de Lhasa, que viaja constantemente indo até a Índia britânica e voltando. Nós Sabemos que ele tivera conhecimento da nossa situação crítica no deserto porque poucas horas depois veio o auxílio, e fomos socorridos por um grupo de vinte e cinco homens a cavalo que haviam recebido ordens do seu chefe de encontrar-nos no lugar em que estivéssemos — algo que nenhum homem dotado apenas de sentidos comuns poderia conseguir. O chefe dessa escolta era um Shaberon, um “adepto” que nunca tínhamos visto antes, nem vimos depois, pois ele nunca deixava seu *soumay* (mosteiro de lamas), e nós não podíamos ter acesso àquele local. Mas *ele era um amigo pessoal do Kutchi*.^{*462}

“Esse incidente”, diz Sinnett, “colocou um fim nas peregrinações da sra. Blavatsky pelo Tibete”, e “ela foi conduzida de volta à fronteira por estradas e passagens que não conhecia...” Ele acrescenta que ela “recebeu ordens do seu guardião oculto de deixar o país antes das perturbações

sociais que começaram na Índia em 1857”. Isso se refere ao Motim Sepoy, que irrompeu em maio e espalhou-se tanto que a dominação britânica chegou a ficar seriamente ameaçada. HPB partiu de Madras^{*5} em um navio holandês e foi para Java, com ordens do seu instrutor “sobre uma certa questão”.⁶³ Depois ela retornou à Europa.

*1 Em todo o livro *Ísis Sem Véu*, HPB usa o pronome “nós” em lugar de “eu”.

*2 Em textos posteriores, HPB fala de Deus como sem sexo. Em *A Doutrina Secreta*, ela afirma que a ideia de um “Deus Pai” é “ficção antropomórfica”.

*3 Xamã: A conceituação antropológica de xamã ainda não é consensual. Diz-se ser uma espécie de sacerdote, médico, curandeiro, conselheiro e adivinho. É um líder espiritual com funções e poderes de natureza ritualística, mágica e religiosa que tem a capacidade de, por meio de êxtase, manter contato com o universo sobrenatural e com as forças da natureza. (Nota Ed. Bras.)

*4 Kutchi de Lhasa: “Um amigo budista; um cavalheiro místico nascido em Cachemira, mas budista-lamaísta por conversão, que geralmente vive em Lhasa”, escreve HPB em *Ísis Sem Véu*, vol. II, p. 609 da edição em inglês. (Nota Ed. Bras.)

*5 Madras: atualmente chamada Chennai. (Nota Ed. Bras.)

PARTE 3

0 Amadurecimento

CAPÍTULO 1

De Volta à Rússia

Era a noite de Natal e o ano de 1858 estava chegando ao fim. A irmã de HPB — Vera — e seu pai, o coronel Hahn, estavam numa festa de casamento na cidade de Pskov, não muito longe de São Petersburgo. A irmã, agora uma viúva jovem com dois filhos pequenos, estava passando o inverno na propriedade de seus sogros, os Yakhontov. Era lá que a festa de casamento estava ocorrendo.

“Estavam todos sentados para a ceia”, recorda Vera, “carruagens cheias de hóspedes chegavam uma depois da outra, e o sino do salão estava tocando sem parar. No momento em que os padrinhos do noivo levantaram-se, com taças de champanhe nas suas mãos, para proclamar os seus bons votos para o feliz casal — um momento solene na Rússia — a campainha volta a soar com impaciência.” Vera, “movida por um impulso fortíssimo, e apesar de o salão estar cheio de servos, saltou e, para surpresa de todos, correu ela própria para abrir a porta. Então ela ficou satisfeita... era a sua irmã perdida há tanto tempo!” E lá estava, de pé na porta, a sra. Blavatsky!¹

Na volta da Índia, HPB havia passado vários meses na França e na Alemanha, e, depois, algum tempo em São Petersburgo, em contato com os seus parentes. O primeiro parente que ela visitou foi Nadya, mas pediu-lhe que não contasse nada aos outros. HPB temia que o seu marido pudesse reclamar seus direitos conjugais agora, e pediu a Nadya que entrasse em contato com Nikifor. Ele respondeu:

Pode garantir a H.P., sob a minha palavra de honra, que nunca a perseguirei... Desde o tempo do meu infortúnio, e em consequência dele, tenho trabalhado o meu caráter para que atinja um estado em que não seja mais afetado por coisa alguma. Muitas vezes eu até rio das bobagens que fiz... É possível acostumar-se a qualquer coisa. Por isso eu me acostumei a levar uma vida sem alegria e sem Helena em Erivan.²

Depois da chegada de sua irmã em Pskov, Vera naturalmente esperava um relato detalhado das suas viagens, mas foi informada apenas de que

Helena havia “viajado por toda Europa, América e Ásia”.³ Mais tarde, explicando as suas reservas a Sinnett, HPB escreveu: “Dos dezessete aos quarenta anos, eu procurei apagar todos os vestígios da minha presença nos lugares onde ia... Nunca permiti que as pessoas soubessem *onde eu tinha estado e o que estava fazendo*. Se eu fosse um p____ vulgar, isso pareceria mais aceitável [a meus parentes] do que os meus estudos sobre Ocultismo.” Para eles tais estudos significavam que ela havia-se “vendido a Satã”.⁴

Após a fundação da Sociedade Teosófica, ela respondeu aos detratores que faziam perguntas indiscretas sobre o seu passado:

Mesmo para os melhores amigos, nunca dei mais do que relatos fragmentários e superficiais das [minhas] viagens, nem pretendo gratificar a curiosidade de qualquer um, muito menos dos meus inimigos. Esses últimos têm toda liberdade de acreditar em — e divulgar — quantos contos da carochinha quiserem a meu respeito, e de inventar novos contos à medida que os antigos ficarem gastos. Por que não fariam isto, se eles descrêem dos adeptos teosóficos [mestres de sabedoria]?⁵

Aos amigos com quem se correspondia, HPB escrevia em um tom diferente: “Há muitas ‘páginas da história da minha vida’ que nunca mencionarei, e prefiro morrer a fazer isso, não porque me envergonhe delas, mas porque elas são muito sagradas.”⁶

CAPÍTULO 2

Prodígios Ocultos

Em uma série de artigos sobre sua vida, publicados na revista russa *Rebus*, Vera Zhelibovsky escreve:

As pessoas que lêem jornais e revistas têm encontrado neles, com alguma frequência, o nome de Helena Petrovna Blavatsky. Seria impossível relatar todas as calúnias e absurdos que seus próprios compatriotas atribuíram a ela — desde fraude e charlatanismo até crimes mais sérios. Nós conhecemos bem HPB, tendo convivido com ela intimamente desde sua mais tenra idade até sua idade adulta. Procurávamos há muito uma oportunidade para apresentar alguns textos sobre ela aos interessados em sua personalidade notável. A questão de se a nossa história verdadeira receberá ou não crédito, na verdade, não nos preocupa. Estamos contentes de dizer a verdade — a única verdade, nos parece, dita sobre ela até hoje na Rússia.

Os artigos tornaram-se tão populares que foram editados na forma de dois pequenos livros.

Quando HPB retornou à Rússia em 1860, Vera relata que “ela estava rodeada por uma atmosfera misteriosa de manifestações visíveis e audíveis, perceptíveis mas completamente anormais e incompreensíveis para todos ao redor dela”.⁷ Mais tarde, HPB contou a W.Q. Judge, um dos fundadores da Sociedade Teosófica, que “este foi o período em que ela estava deixando que suas forças psíquicas entrassem em ação e estava aprendendo a compreendê-las e controlá-las completamente”.⁸

Vera escreve:

Todos que viviam na casa observavam que coisas estranhas aconteciam no prédio. Batidas e assobios, sons misteriosos e inexplicáveis, eram agora constantemente ouvidos onde quer que a recém-chegada fosse. Ela admitia que essas batidas podiam ser aumentadas ou diminuídas e, às vezes, até silenciadas completamente apenas com a força da sua vontade, e comprovava o fato imediatamente.

Os sons não eram simples batidas... pois mostravam uma inteligência extraordinária, revelando o passado e o futuro àqueles que conversavam através deles... E iam além disso, porque tinham o poder de revelar pensamentos não expressados, isto é, de penetrar nos recessos mais secretos da mente humana, divulgando ações do passado e intenções presentes.

Os parentes da irmã da sra. Blavatsky levavam uma vida elegante. Tinham a companhia de muitas pessoas naqueles dias. A presença de HPB atraía um grande número de visitantes, e

nenhum deles ficava insatisfeito, pois às vezes as batidas que ela evocava davam respostas compostas de longos discursos em várias línguas, algumas das quase eram desconhecidas de HPB.

HPB costumava sentar com grande quietude e completamente descontrída num sofá ou numa poltrona, absorta com um bordado, aparentemente sem nenhum interesse nem parte ativa no tumulto que despertava à sua volta. E o tumulto era mesmo grande. Um dos hóspedes poderia estar recitando o alfabeto, o outro anotando as respostas recebidas, enquanto a missão dos outros era fazer perguntas, mentalmente.⁹

O fenômeno das batidas era um processo lento. Minha irmã poderia ter optado por escrever diretamente, o que teria sido muito mais rápido, mas ela tinha “receio de fazer isso, temendo — segundo explicou — despertar suspeitas em pessoas tolas que não compreendiam o processo.”¹⁰

Quanto ao uso das batidas, HPB deu a seguinte explicação do processo:

Sempre que o pensamento de uma pessoa precisasse ser comunicado através das batidas... ela tinha primeiro que ler o pensamento de quem perguntava e, feito isso, lembrá-lo até bem depois da sua desapareição; observar as letras do alfabeto à medida que eram lidas ou assinaladas, preparando a corrente de força de vontade que tinha de produzir a batida na letra certa, e então fazer com que a batida fosse dada no momento correto, podendo escolher a mesa ou outros objetos como instrumento dos sons ou batidas. Um processo muito difícil e mais complicado do que escrever diretamente.¹¹

Diz Vera:

Os cétricos levantavam as hipóteses mais absurdas. Por exemplo, foi sugerido que ela poderia estar produzindo suas fortes batidas por meio de uma máquina em seu bolso, ou que fazia as batidas com as suas unhas; e a teoria mais criativa dizia que “quando suas mãos estavam ocupadas visivelmente em algum trabalho, ela fazia as batidas com os dedos dos pés”.

Para colocar um fim em tudo isto, ela decidiu atender as exigências mais estúpidas; foi revistada, teve mãos e pés atados com cordas e deixou-se colocar em um sofá; seus sapatos foram retirados e suas mãos e pés colocados contra travesseiros macios, de modo que pudessem ser vistos por todos, e então lhe pediram que as batidas ocorressem no outro canto da sala. Ela disse que tentaria, mas nada prometeu. As suas ordens, no entanto, eram imediatamente cumpridas, especialmente quando as pessoas estavam seriamente interessadas. As batidas foram produzidas, conforme seu comando, no teto, ou nas janelas, em cada móvel do quarto vizinho e em locais bastante afastados dela.

Em certas ocasiões, ela se vingava de modo travesso, fazendo brincadeiras com aqueles que duvidavam tanto dela. Assim, por exemplo, as batidas vieram certo dia de dentro dos óculos do jovem professor M___, enquanto ela estava sentada no outro lado da sala, e foram tão fortes que quase fizeram com que os óculos pulassem de seu nariz e com que ele ficasse pálido de medo. Em outra ocasião, uma senhora, um *esprit fort*, muito presunçosa e vaidosa, perguntou ironicamente qual era o melhor condutor para a produção de tais batidas e se podiam ser feitas em todas as partes. Recebeu uma resposta estranha e bastante enigmática. A palavra “ouro” foi batida claramente, e depois vieram as palavras “Nós iremos provar isso a você imediatamente.”

A senhora manteve o sorriso com a sua boca ligeiramente aberta. Concluída a resposta, ela ficou muito pálida, pulou da sua cadeira, e cobriu a boca com as mãos. Seu rosto estava abalado pelo medo e pelo assombro... A senhora tinha sentido uma violenta comoção com as batidas no ouro dos seus dentes artificiais!

A mulher fugiu da sala, pois o seu segredo havia sido revelado.¹²

Nessa época, Vera e quase todos atribuíam esses fenômenos à mediunidade da sua irmã, mas HPB negava isso:

Minha irmã passou a maior parte dos seus dez anos de viagens na Índia, onde, como muitas pessoas sabem, as teorias espíritas que reivindicam contatos com os mortos são vistas com grande desprezo. Os fenômenos que qualificamos como mediúnicos lá são atribuídos a causas completamente diferentes — que minha irmã considera indignas de serem mencionadas... Ela insiste também em que era possuída naquela época, como hoje em dia, por uma energia diferente — a mesma energia usada pelos sábios hindus, os *Raja-Logues*. Ela afirma inclusive que as sombras que ela tem visto ao longo de sua vida não são de fantasmas ou de espíritos de mortos, mas aparições daqueles seus amigos todo-poderosos em seus corpos astrais.

De qualquer modo, seja qual for a força produtora dos fenômenos, eles ocorriam constantemente durante todo o tempo em que minha irmã Helena e eu permanecemos hospedadas com Yakhontov, diante dos olhos de crentes e descrentes, espantando a todos.¹³

As duas exceções eram o pai, Pedro von Hahn, e o irmão delas, Leonid. As dúvidas deste último foram eliminadas numa noite em que a sala de estar dos Yakhontov estava repleta de visitantes. A narrativa de Vera está aqui resumida, mas foram usadas as suas próprias palavras:

O irmão era um jovem forte e musculoso, cheio de sabedorias latina e alemã da universidade, e até o momento não acreditava em ninguém nem em coisa alguma. Ele havia parado atrás da cadeira de sua irmã e ouvia as suas narrativas sobre como algumas pessoas, que se consideram médiuns, fazem com que objetos leves fiquem tão pesados que é impossível para qualquer ser humano levá-los, e outros, normalmente pesados, fiquem extremamente leves.

“E você quer dizer que pode fazer isso?” perguntou, ironicamente, o jovem.

“Os médiuns podem, e eu já fiz isso vez ou outra, embora não possa assegurar sempre o seu sucesso”, respondeu friamente a sra. Blavatsky.

“Mas você não poderá pelo menos tentar?” — perguntou alguém que estava na sala; e imediatamente todos começaram a pedir que ela fizesse isso.

“Vou tentar”, disse ela, “mas não esqueçam de que não prometo nada.”

“Vou simplesmente fixar a mesa de jogo de xadrez. Quem quiser fazer a experiência, levante-a agora e depois tente levá-la novamente quando eu a tiver fixado.”

“Isso quer dizer que a senhora não tocará na mesa em nenhum momento?”

“E por que eu haveria de tocá-la?” — respondeu a sra. Blavatsky, sorrindo com tranquilidade.

Depois de ter ouvido essa afirmativa categórica, um dos jovens caminhou de modo decidido até a pequena mesa de jogo de xadrez e levantou-a com toda facilidade, como se fosse uma pena.

“Está certo” ela disse. “Agora tenha a bondade de deixar a mesa no lugar e volte para trás!”

A ordem foi obedecida imediatamente, e um grande silêncio caiu sobre os que ali estavam. Todos, contendo a respiração, olhavam ansiosamente para a sra. Blavatsky para saber o que ela faria a seguir. Aparentemente, no entanto, ela não fez nada. Apenas fixou os seus grandes olhos azuis na mesa e ficou olhando para ela com grande intensidade. Depois, sem interromper o olhar, ela fez silenciosamente, um movimento com a mão convidando o mesmo jovem para remover a mesa. Ele se aproximou, e segurou a mesa pela perna com grande confiança. A mesa não pôde ser movimentada! Então ele a agarrou com as duas mãos. A mesa ficou imóvel como se estivesse aparafusada no chão. Ele ficou vermelho de tanto fazer força, mas em vão!

Houve, então, uma grande efusão de aplausos. O jovem, parecendo muito confuso, disse lentamente: “Bem, esta é uma boa piada!”

“Boa piada, mesmo!” — acrescentou Leonid. Havia surgido em sua mente a suspeita de que o jovem visitante estivesse agindo, secretamente, em conluio com a sua irmã. “Posso tentar também?” perguntou ele subitamente.

“Por favor, faça isso, meu querido”, foi a resposta sorridente.

Com isso o irmão dela aproximou-se sorrindo e pegou a mesa pelas pernas. Mas o sorriso desapareceu logo, dando lugar a uma expressão de espanto mudo. Ele deu um golpe tremendo na pequena mesa, mas ela nem se moveu. Colocando sobre a superfície da mesa o seu peito forte, ele a abraçou, e nada. “Que estranho!” — disse ele com uma expressão de assombro.

Dirigindo-se a ele com a sua gargalhada descuidada de sempre, HPB disse: “Tente levantá-la agora.” Ao puxá-la para cima por uma das pernas, Leonid quase deslocou seu braço. Ela estava leve como uma pena!¹⁴

Sinnett conta:

A sra. Blavatsky dizia que esse fenômeno podia ser produzido de duas maneiras: da primeira, através do exercício da própria vontade dela, dirigindo as correntes magnéticas de maneira que a pressão na mesa se tornasse de tal magnitude que nenhuma força física poderia movê-la; da segunda, através da ação daqueles seres com os quais ela estava em constante contato e que, apesar de invisíveis, eram capazes de manter a mesa de forma que não podia ser levantada por ninguém.¹⁵

CAPÍTULO 3

São Petersburgo e Rugodevo

Na primavera de 1859, HPB, seu pai e Vera estavam em São Petersburgo em uma viagem de negócios. Ficaram hospedados no Hotel de Paris. As manhãs eram dedicadas a negócios, e durante as tardes e noites recebiam visitas e também visitavam, e não havia tempo para fazer fenômenos, nem tal assunto era mencionado.

Certa noite eles receberam a visita de dois velhos amigos de Pedro von Hahn. Os dois, muito interessados em espiritismo, estavam naturalmente ansiosos por ver alguns fenômenos. De acordo com Vera:

Após alguns fenômenos produzidos com sucesso, os visitantes declararam-se positivamente maravilhados, assombrados e completamente atônitos diante dos poderes revelados pela sra. Blavatsky, mas eles não podiam compreender a indiferença de seu pai. Lá estava ele, tranquilamente pondo cartas no seu jogo de paciência, enquanto fenômenos maravilhosos ocorriam à sua volta. Interrogado, ele respondeu que tudo aquilo era bobagem. Essa resposta deixou os dois velhos senhores desconcertados, e eles insistiram em que o coronel Hahn fosse para outro quarto, escrevesse uma pergunta num pedaço de papel, e colocasse o papel no bolso sem deixar que ninguém o visse.¹⁶ Finalmente ele consentiu e depois retornou ao seu jogo de paciência, assegurando aos amigos que, antes de acreditar nessas coisas absurdas, “estarei aceitando a existência do demônio, de ondinas, de feiticeiros e bruxas; e poderão conseguir um lugar no hospício para mim”.

Por meio de batidas e do alfabeto nós conseguimos uma palavra, mas ela era tão estranha, tão absurdamente grotesca, e sem qualquer relação aparente com coisa alguma que pudesse ser escrita pelo seu pai, que todos nós, que estávamos na expectativa de alguma frase complicada, olhamos uns para os outros, duvidando se devíamos ler em voz alta essa palavra. Quando perguntamos se aquilo era tudo, houve uma enérgica batida dizendo: Sim!... Sim, sim, sim!!!

Notando nossa agitação e nossos sussurros, o pai da sra. Blavatsky olhou para nós por cima dos óculos e perguntou “Bem! Já têm a resposta? Deve ser algo realmente muito elaborado e profundo!”

“Nós só recebemos uma palavra, Zaitchik.”

Foi muito significativo testemunhar a mudança extraordinária na face daquele homem idoso com essa única palavra! Ele ficou mortalmente pálido. Tirando do seu bolso o papel que ele havia escrito no quarto contíguo, passou-o em silêncio para sua filha e convidados. Eles então leram: “Qual era o nome do meu cavalo de guerra favorito, que montei na minha primeira campanha turca?” E em baixo, entre parênteses, “Zaitchik”.

Essa única palavra teve um efeito enorme no velho homem. Como ocorre frequentemente com os céticos inveterados, agora que ele havia de fato descoberto que alguma coisa existia de verdadeiro no que sua filha mais velha dizia, e que nada tinha a ver com fraude ou prestidigitação, ele se voltou para o tema dos fenômenos com todo o ardor de um investigador entusiasmado.¹⁷

Os visitantes, depois, difundiram o que haviam visto. Em seguida, multidões de pessoas vinham fazer visitas para ver pessoalmente os fenômenos. Mas os fenômenos mais bem sucedidos ocorriam quando estávamos sozinhos, quando ninguém queria fazer experiências ou testes inúteis, e quando não havia ninguém que tivesse que ser convencido ou iluminado... Lembro bem como, durante uma bela festa noturna, quando várias famílias e amigos haviam vindo de longe para ver os fenômenos, HPB nada produziu,^{*1} mas logo que as pessoas saíram, tudo no quarto parecia dotado de vida. Os móveis agiam como se cada peça fosse animada e pudesse falar, e nós passamos o resto da noite como se estivéssemos entre as paredes encantadas do palácio mágico de alguma Cheherazade.^{*2}

É mais fácil enumerar os fenômenos que não aconteceram durante aquelas horas inesquecíveis do que listar os que aconteceram. Em certo momento, quando sentávamos para a ceia na sala de jantar, ouvimos altos acordes tocados no piano que estava fechado e trancado na sala ao lado, embora localizado de maneira que todos nós podíamos vê-lo através das largas portas abertas.

Além disso, à primeira ordem da sra. Blavatsky, avançavam até ela, pelo ar, a sua bolsa de tabaco, sua caixa de fósforos, o seu lenço de bolso, ou qualquer coisa que ela pedisse ou que lhe fizessem pedir.

Então, quando estávamos tomando nossas lugares, todas as luzes subitamente se apagaram, tanto lampiões como velas de cera, como se uma poderosa rajada de vento tivesse passado por todo o apartamento; e, quando um fósforo foi aceso, lá estavam todos os móveis, sofás, poltronas e mesas de pernas para cima, como se tivessem sido revirados sem qualquer ruído por mãos invisíveis...¹⁸

Como HPB iria explicar mais tarde, a expressão “mãos invisíveis” é correta. Pois foram as suas próprias mãos e braços astrais que estavam trabalhando.¹⁹ O corpo astral, segundo dizem, pode afastar-se vários metros da sua contraparte física...

Quando os negócios que trouxeram a família para São Petersburgo foram concluídos, eles se mudaram para a mansão rural de Rugodevo, comprada recentemente pelo falecido esposo de Vera. HPB permaneceu ali cerca de um ano.

Vera escreve:

Quando nos instalamos na mansão de minha propriedade, parecíamos haver entrado num mundo mágico. Ficamos tão habituados com a movimentação inexplicável dos móveis, o transporte misterioso das coisas de um lugar para outro e a interferência na nossa vida cotidiana de uma forma desconhecida, mas *racional*, que logo começamos a considerar essa força como

algo quase comum, muitas vezes dando pouca atenção a coisas que outras pessoas consideravam milagrosas. O hábito, realmente, é algo muito poderoso!

Certa manhã meu pai desceu para tomar o seu chá matinal com um olhar estranho no rosto. Fiquei preocupada por vê-lo tão aborrecido e pálido, como se estivesse doente; entretanto ele me tranquilizou. “Não estou doente, mas, sim, agitado e confuso. Não dormi esta noite. Logo após ter ido para minha cama, a sua mãe veio ao meu quarto. Eu a vi subitamente, olhando para mim de modo afetuoso. Eu me sentei e estava prestes a saltar para perto dela quando ela fez um gesto com a mão e pediu-me que não a tocasse. A voz, o rosto, o modo como se comportava, tudo era dela. Até o hábito de franzir um pouco a testa quando falava!”

Ele disse que se recordava de cada palavra da conversa; no entanto não quis contar o que ela tinha dito. Várias vezes, depois, ele expressou a vontade de vê-la novamente, mas isso nunca mais aconteceu.²⁰

A vida quieta e pacífica das irmãs em Rugovedo terminou com a doença terrível que atingiu a sra. Blavatsky. Anos antes, talvez durante as suas viagens solitárias pelas estepes da Rússia, ela havia sofrido um grande ferimento. Nunca foi possível saber como isso aconteceu. É suficiente dizer que essa ferida profunda reabria de tempos em tempos, e nessas ocasiões ela sofria intensamente, muitas vezes com convulsões e transe de morte aparente. A doença costumava durar de três a quatro dias, e então HPB ficava curada tão subitamente quanto havia adoecido, como se uma mão invisível houvesse fechado a ferida, e nenhum vestígio da enfermidade permanecia. Mas a família, aflita, não sabia, inicialmente, dessa estranha peculiaridade, e seu medo e seu desespero eram, na verdade, muito grandes. Foi chamado um médico de uma cidade vizinha. Mas ele nada pôde fazer, não só devido ao seu desconhecimento sobre cirurgias como também pelas características especiais do fenômeno, que o deixaram quase incapaz de agir, aterrorizado diante do que viu. Ele mal havia examinado o ferimento da paciente — postada diante dele em completa inconsciência — quando, subitamente, viu uma grande mão de cor escura entre a sua própria mão e o ferimento que estava se preparando para tratar. O ferimento, aberto, era próximo do coração, e a mão continuava se movendo lentamente, com intervalos variados, desde o pescoço até a cintura. Para aumentar ainda mais o seu terror, subitamente começou um barulho tão terrível no quarto, uma confusão tão grande de sons e ruídos vindos do teto, do chão, das janelas e de cada peça de mobília, que ele pediu para não ser deixado sozinho no local com a paciente desacordada.²¹

Depois da recuperação de HPB, o médico atribuiu o aparecimento da mão escura à fraca luz que havia no quarto e à chama trêmula das velas, explicação que se tornou motivo de riso em toda a região durante vários meses.

Vera continua: “Na primavera de 1860, as duas irmãs deixaram Rugovedo, indo para o Cáucaso, a fim de visitar os seus avós... Durante a viagem de três semanas de Moscou para Tiflis... ocorreram muitas

manifestações estranhas”, mas ela afirma que a mais notável teve lugar “em Zadonsk... um lugar de peregrinação onde estão preservados os sagrados restos mortais de São Tilhon”. O que aconteceu, no entanto, foi suprimido pela censura russa que impediu a sua publicação em *The Truth about H.P. Blavatsky* (*A Verdade sobre H.P. Blavatsky*). Felizmente o texto foi recuperado do manuscrito original de Vera quando Sinnett preparava a publicação de *Incidents* (*Incidentes*). Aqui está o que a censura cortou:

[Em Zadonsk] fizemos uma parada para descansar, e eu forcei a minha irmã preguiçosa a acompanhar-me à igreja a fim de ouvir a missa. Soubemos que naquele dia o serviço da igreja seria realizado próximo dos restos mortais mencionados por [um dos três “Papas” da Rússia], o Metropolitano de Kiev, o famoso e erudito Isidoro, que tínhamos conhecido bem durante a nossa infância e juventude em Tiflis, onde ele era... o chefe espiritual de todos os arcebispos e o dirigente da Igreja na Geórgia... Durante o serviço, o venerável ancião nos reconheceu e enviou imediatamente um monge até nós com um convite para que o visitássemos na casa do senhor Arcebispo. Ele nos recebeu com grande amabilidade. Mas assim que nos sentamos na sala de visitas da Cúria Metropolitana, um turbilhão de ruídos e fortes batidas em todas as direções possíveis caiu subitamente sobre nós como uma força inusitada; cada peça da mobília, no grande salão de audiências, estalava e tremia — desde o enorme candelabro sob o teto, em que cada um dos grandes pingentes de cristal parecia estar dotado de movimento próprio, até a mesa, sob os próprios cotovelos de Sua Santidade, que estava debruçado sobre ela.

É inútil dizer como ficamos embaraçadas e confusas — embora a verdade me force a dizer que o constrangimento da minha irmã irreverente estava contrabalançando por uma expressão mais divertida do que eu gostaria. O arcebispo Isidoro viu num relance a nossa confusão e compreendeu, com sua sagacidade habitual, a verdadeira causa dela. Ele havia lido bastante a respeito das chamadas manifestações “dos espíritos” e, ao ver uma enorme poltrona deslizando em sua direção, ele riu e sentiu-se bastante interessado no fenômeno.

Depois de saber qual das irmãs possuía “este estranho poder”, o arcebispo recebeu autorização de HPB para fazer uma pergunta séria aos seus “seres invisíveis”. A resposta de HPB foi tão pertinente que ele continuou a conversar durante várias horas e, nas palavras de Vera, “expressava repetidamente seu assombro diante do conhecimento ilimitado de tais seres”.²²

Anos mais tarde, Vera reproduziu a história num esboço biográfico em russo sobre HPB, e nessa ocasião o fato não foi cortado pelo olhar atento da censura. O relato termina assim:

Isidoro abençoou minha irmã e aconselhou-a sobre seus dons excepcionais, acrescentando palavras preciosas e inesquecíveis, recordadas sempre por ela como a opinião de um sacerdote iluminado da Igreja ortodoxa. Ele disse: “Não há poder que não venha de Deus! Você não necessita ficar perturbada, a não ser que faça mal uso desse poder especial que lhe foi dado.

Não há muitos poderes ainda não explicados na Natureza? O homem não está proibido de aprendê-los. Com o tempo eles serão dominados e usados para o benefício de toda a humanidade. Que Deus abençoe você por todos os seus atos bons e amáveis.”²³

*¹ Quando o texto acima foi traduzido para o inglês, para Sinnett, HPB acrescentou: “Simplesmente porque ela estava cansada e desgostosa com a ânsia crescente por fenômenos. O que ocorreu em 1880 aconteceu também em 1850 e 1860. As pessoas nunca ficam satisfeitas com o que vêem e sempre querem mais.” (*Collected Writings*, Blavatsky, vol. 14, p. 479)

*² Cheherazade: personagem de *As Mil e Uma Noites*. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 4

Retorno ao Cáucaso

Tendo chegado a Tiflis na Primavera^{*1}, HPB viveu com os Fadeyev durante um ano, mas a convivência com sua avó querida só durou até o final de agosto, no verão, quando a boa senhora faleceu.

Uma cena fascinante da vida na casa de sua avó é dada por um visitante habitual, o general P.S. Nikolayeff:

Eles estavam vivendo na antiga mansão do príncipe Chavchavadze. O próprio prédio tinha a marca de algo peculiar, algo que lembrava a época de Catarina, a Grande. Um longo salão mal-iluminado, com os quadros da família Fadeyev e dos príncipes Dolgorukov; depois a sala de visitas, com a parede coberta de tapetes Gobelin, presente da imperatriz Catarina ao príncipe Chavchavadze; em seguida o apartamento da srta. N. [Nadya] A. Fadeyev, em si mesmo um dos mais notáveis museus [e] uma biblioteca rara e preciosa.

A emancipação dos servos não alterou de forma alguma a vida dos Fadeyev. O grupo enorme de servidores domésticos permaneceu com eles como contratados e tudo continuava como antes, com conforto e abundância. Eu gostava de visitá-los à noite. Às quinze para as onze, o [avô] se retirava... a ceia era trazida à sala de visitas, as portas eram completamente fechadas, e começava uma conversa animada. Às vezes o tema analisado era a literatura contemporânea, ou problemas atuais da vida russa; outras vezes ouvia-se o relato de algum viajante, ou o relato de algum oficial queimado pelo sol que retornara recentemente do campo de batalha... ou era novamente Radda-Bai (Helena Petrovna Blavatsky, neta de A.M. de Fadeyev) que recordava seu passado e contava episódios tempestuosos de sua vida na América.

Em certas ocasiões a conversa adquiria um tom místico; Radda-Bai parecia atrair presenças invisíveis: “As velas luziam fracamente, as figuras na... [tapeçaria] pareciam ganhar vida, e tinha-se, inconscientemente, uma sensação inquietante, enquanto o lado leste do céu já se iluminava contra o fundo escuro da noite ao sul.”²⁴

HPB foi, durante algum tempo, a Zugdidi e Kutais, e depois disso voltou para viver mais um ano com seu avô.²⁵ Ela se sustentava exercendo várias atividades comerciais. Vera conta que sua irmã era “magistral em trabalhos com agulha e hábil na feitura de belas flores artificiais”, acrescentando:

Para vender esses trabalhos, ela abriu em certa ocasião uma próspera loja. Mais tarde trabalhou com exportação de troncos de nogueira^{*2}, sendo que para isso ela se mudou para Mingrélia na costa do Mar Negro^{*3}... Enquanto vivia em Mingrélia, comprou uma casa.

Os seus poderes ocultos, enquanto isso, em vez de enfraquecerem, tornavam-se a cada dia mais fortes, e parecia que ela dominava com a sua vontade todos os tipos de manifestação. O país inteiro falava dela. As nobrezas supersticiosas de Gooriel e Mingrélia começaram logo a considerá-la uma maga, e as pessoas vinham de longe para consultá-la sobre os seus negócios privados [e também para serem curados]. Havia muito tempo ela abandonara a comunicação através de batidas, e preferia um método muito mais rápido e satisfatório — responder às pessoas verbalmente ou por meio da escrita direta.²⁶

Ao traduzir o trecho acima para Sinnett, HPB acrescentou uma explicação interessante sobre como podia ler os pensamentos das pessoas. Escrevendo na terceira pessoa, ela disse:

Isso foi feito sempre com plena consciência e simplesmente observando os pensamentos das pessoas à medida que brotavam das suas cabeças como uma espiral luminosa de fumaça, algumas vezes em jatos de algo que podia ser visto como um material radiante... [que] formava nítidas imagens à sua volta. Frequentemente esses pensamentos — e as respostas a eles — apareciam impressos no próprio cérebro de HPB, expressos em palavras ou frases, do mesmo modo como ocorre com pensamentos originais. Mas — até onde nós podemos compreender — aquelas visões eram sempre mais confiáveis, pois eram independentes e diferentes das suas próprias impressões; eram resultado de pura clarividência, e não “transferência de pensamento” que é um processo sempre sujeito a uma mistura com as nossas próprias impressões mentais mais vivas e fortes.²⁷

Enquanto estava em Mingrélia, HPB contraiu uma doença misteriosa e gradualmente perdeu peso até se transformar num verdadeiro esqueleto vivo.

O médico local mandou que retornasse a Tiflis. Viajando num barco nativo, ela desceu o rio Rion até Kutais e chegou a Tiflis quase morta. Vera conta:

Ela nunca falou sobre aquele assunto [sua doença] com ninguém. Mas logo que recuperou a saúde deixou o Cáucaso. No entanto, foi antes da sua partida da região, em 1863 [1864] que os seus poderes parecem ter mudado inteiramente.²⁸

...durante quase cinco anos tínhamos tido a oportunidade de seguir pessoalmente as várias faces de transformação da força psíquica de Helena. Em Pskov e Rugovedo ela frequentemente não podia controlar, nem mesmo parar, as manifestações. Depois disso, parecia que ela adquiria mais controle a cada dia, até que, após a sua insólita e demorada doença, ela conseguiu sujeitá-las inteiramente à sua vontade.²⁹

Os cinco anos na Rússia foram anos de intenso treinamento para Blavatsky. Entretanto, um exame do desenho a tinta reproduzido abaixo mostra que havia momentos agradáveis também. Em abril de 1862, HPB foi à Casa de Ópera de Tiflis para ver *Fausto* de Gounod, que estreara em Paris quatro anos antes. Dois dos principais cantores na produção feita em Tiflis eram Agardi e Teresina Mitrovitch ou Metrovitch, dois bons amigos de HPB. Teresina fazia o papel de Marguerite, e seu marido, um famoso baixo da época, desempenhava o papel de Mefistófeles.



3. Os Metrovitch em *Fausto*, 1862. (Arquivos da Sociedade Teosófica em Adyar.)

*1 A Primavera do hemisfério norte corresponde ao outono do hemisfério sul. (Nota Ed. Bras.)

*2 Anos depois, no entanto, na Índia, HPB compreendeu profundamente o desafio ecológico, tomando uma posição pioneira em defesa das florestas e da Natureza. Em novembro de 1879, ela

escreveu em *The Theosophist*: “Basta olhar as páginas da História para ver que a ruína e a destruição final do poder nacional seguem-se à destruição das florestas tão certamente quanto a noite segue o dia. A Natureza sempre deu os meios para o progresso humano; e as suas leis nunca podem ser violadas sem desastre.” (Nota Ed. Bras.)

*³ Vera acrescenta que “ainda [provavelmente em Odessa] ela se dedicou a um pequeno negócio de extração de tintas, através de um processo barato, e teve êxito”.

CAPÍTULO 5

As Viagens Recomeçam

Do mesmo modo como ao deixar Tiflis uma década antes, HPB disse que fugiu novamente “porque estava com o coração doente e minha alma precisava de espaço”. Eram o tédio de uma vida convencional na Rússia e a ausência de uma real liberdade que a impeliam para fora.³⁰ Ela foi a Odessa durante algum tempo. Depois disso não se pode saber com certeza a sequência das suas viagens, mas além de Irã, Síria, Líbano e Jerusalém, HPB parece ter estado mais de uma vez no Egito, na Grécia e na Itália. Talvez tenha sido nessa ocasião que estudou a Cabala sob a direção de um rabino — um profundo conhecedor do tema. Ela se correspondeu com ele até a morte dele, e seu retrato foi, sempre, algo muito precioso para ela.

Em 1867, HPB passou vários meses viajando pela Hungria e pelos Bálcãs. As cidades que visitou estão registradas em um diário de viagem que ainda existe.³¹ Suas últimas paradas foram em Veneza, Florença e Mentana,³² uma pequena cidade situada a nordeste de Roma. Mentana tem um significado histórico especial. Na longa luta pela libertação da Itália, no dia 3 de novembro de 1867, foi o local onde se travou uma importante batalha entre as forças do libertador italiano Garibaldi e as dos papistas e franceses.

Quando HPB estava em Nova Iorque, oito anos depois, um repórter ouviu falar de sua participação nesta batalha. Ele escreveu, sob o título *Mulheres Heróicas*:

A vida dela tem tido muitas vicissitudes, a amplitude das suas experiências está limitada apenas pelo mundo... na luta pela liberdade [ela] lutou sob a bandeira vitoriosa de Garibaldi. Conquistou renome por seu destemor e bravura em muitas batalhas duramente travadas, e foi elevada a uma alta posição do estado-maior do grande general. Ela ainda tem as cicatrizes de muitos ferimentos que recebeu nesse conflito. Duas vezes o seu cavalo foi morto a tiros, e ela escapou por um triz da morte imediata somente devido à sua frieza e à sua perícia incomparável. Em resumo, a sra. Blavatsky é

UMA MULHER EXTRAORDINÁRIA

Ao incluir esse recorte no seu Caderno de Recortes e Anotações, HPB escreveu com tinta: “Tudo *mentira*. Nunca estive no ‘estado-maior de Garibaldi’...”

A Sinnett, ela escreveu: “Só os Garibaldi (os filhos) e mais uns poucos garibaldinos conhecem toda a verdade. Você sabe em parte o que fiz; não sabe tudo.”³³ Em outra ocasião, ela observou: “Se fui *mandada* para lá, ou estava lá por casualidade, é uma questão que pertence a minha vida privada.”³⁴ Um dos críticos inveterados de Blavatsky, René Guenon, admite que um maçom de alto grau, John Yarker (cujos escritos HPB elogia em *Ísis Sem Véu*) “era amigo de Mazzini e Garibaldi” e “tinha visto certa vez a sra. Blavatsky no seu grupo mais próximo”.³⁵

HPB disse a Olcott que esteve em Mentana como voluntária, junto com um grupo de mulheres européias. Ele relembra que “como prova ela me mostrou onde seu braço esquerdo tinha sido quebrado em dois lugares por golpes de sabre, e fez com que eu sentisse em seu ombro direito uma bala de mosquete*¹ ainda alojada no músculo e outra em sua perna”. Ao todo ela recebeu cinco ferimentos e foi retirada de uma pilha de cadáveres. Olcott considera que esta experiência próxima da morte foi um momento decisivo do desenvolvimento de HPB, a partir do qual ela passou a poder usar mais eficientemente o eu pessoal como veículo do eu superior e interno.

No começo de 1868, aparentemente recuperada de seus ferimentos, HPB esteve em Florença. Dali ela cruzou o norte da Itália indo para os Bálcãs, e de acordo com seu relato aguardou, por algum tempo, ordens do seu mestre. Finalmente veio a ordem de prosseguir até Constantinopla e depois para a Índia,³⁶ de onde viajou para o Tibete Oriental. Considera-se que essa viagem marca sua primeira estada prolongada naquele reino misterioso.

*1 Mosquete: arma de fogo com o feitiço da espingarda, porém muito mais pesada, a ponto de ter que ser apoiada numa forquilha para ser usada. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 6

Vivendo no Tibete - I

Quando HPB encontrou pela primeira vez o seu instrutor, em Londres, em 1851, ele lhe disse que como parte da preparação para um trabalho que ele estava por começar e em que necessitava da cooperação dela HPB teria que passar três anos no Tibete. Em carta a alguém que havia perguntado por que ela tinha ido para lá, HPB respondeu:

Na verdade, não há, absolutamente, necessidade de ir ao Tibete ou à Índia para encontrar algum conhecimento e poder “que estão em estado latente em cada alma humana”; mas a aquisição desse conhecimento e desse poder mais elevados requer não somente muitos anos do mais severo estudo iluminado por uma inteligência superior, e uma audácia que não se curva diante de nenhum perigo, mas também de retiro para uma relativa solidão e associação com estudantes que buscam os mesmos objetivos, num local onde a própria natureza preserve, como o neófito, uma completa tranquilidade e, se possível, total silêncio. Onde o ar esteja livre por centenas de quilômetros de toda influência poluidora; onde a atmosfera e o magnetismo humano estejam absolutamente puros e nenhuma gota de sangue animal seja derramada.³⁷

Mesmo em partes remotas da China existem lugares assim, se a carta que segue merecer crédito. Ela foi recebida na Sociedade Teosófica de Adyar nove anos após a morte de HPB e foi publicada em *The Theosophist* em agosto de 1900, com esta introdução: “Graças à gentileza de um príncipe indiano, nós recebemos esta carta escrita a um amigo indiano por um respeitado senhor de Simla que estava viajando na China. A referência a HPB torna este texto especialmente interessante. Omitimos os nomes da carta original, que está em nosso poder.”

Rung Jung
Mahan, China
1º de janeiro de 1900

Meu caro,

A sua carta, enviada através da Sua Alteza Roja Sanhib Hira Singh, alcançou-me enquanto estava atravessando as montanhas Spiti. Agora já cruzei as montanhas e encontro-me no território de Mahan, na China. Este lugar é conhecido pelo nome de Rung Jung e está dentro do território do império chinês. O lugar tem uma grande caverna e é rodeado por altas montanhas. É a morada principal dos lamas e o retiro favorito dos *Mahatmas*. Os grandes *Rishis* o

escolheram devido a sua antiguidade e beleza, e pelo cenário encantador. O local é próprio para a contemplação divina. Não se pode encontrar um local tão adequado como esse para focar a mente.

O grande Lama [aqui é] Kut Te Hum... o guru de todos os lamas... os seus *chelas* (discípulos) estão sempre meditando e tentando absorver-se no Grande Divino. Conversando com eles vim a saber que a sra. Blavatsky havia visitado esse lugar e meditado aqui durante algum tempo. Antes eu tinha dúvidas quanto à chegada dela até aqui, mas todas minhas resistências foram superadas e agora tenho confiança na contemplação divina feita por ela neste santo lugar. A lição e instruções que recebi dos lamas deste local mostram que os pontos de vista da Sociedade Teosófica não são meramente visionários e teóricos, mas, sim, esquemas práticos...

Antes que descessem para o território que agora é chamado Índia, os brâmanes viviam numa região distante do norte, e de acordo com HPB proclamavam que suas escrituras, os Vedas, haviam sido compiladas nas margens do Lago Manasarovara, no Tibete.*¹ O próprio Buda nasceu em Kapilavastu, situado no atual Nepal, um reino vizinho ao “teto do mundo”, como o Tibete tem sido chamado.

Durante os dois mil e quinhentos anos passados desde que o Buda Sidharta Gautama morreu, seus seguidores espalharam sua filosofia pela Ásia e por várias partes do mundo, formando um grande número de escolas cujas práticas e cujas interpretações variam amplamente.³⁸ Entre os ensinamentos de Buda que são mais sutis e causam mais perplexidade está a chamada doutrina do “não-ser” (*anatman*), ou seja da inexistência de uma alma individual humana permanente, imutável, separada da vasta totalidade da vida. Muitas pessoas, especialmente no Ocidente, interpretaram isso como se o Buda não acreditasse num ser interno imortal que reencarna de vida em vida. O décimo-quarto Dalai Lama, atual líder do Budismo tibetano, falou sobre essa noção em sua primeira visita aos Estados Unidos, ao fazer uma palestra no Centro para o Estudo de Religiões Mundiais da Universidade de Harvard, dia 17 de outubro de 1979. Ele afirmou que “pela nossa própria experiência, está estabelecido que o *self* *² existe... Se aceitássemos a total inexistência de um *self*, não haveria alguém capaz de cultivar a compaixão”. E acrescentou: “Mesmo no nirvana prossegue a continuidade da consciência...”³⁹ HPB ensinava a mesma coisa.⁴⁰

O argumento usado, normalmente, para negar o fato de HPB ter vivido no Tibete, é o de que aquele país ficou fechado durante séculos contra a intrusão de estrangeiros. Além disso, se considerarmos os riscos terríveis da viagem e as passagens perigosas no alto das montanhas, cabe a pergunta: como poderia uma mulher solitária sobreviver?

Alguns fatos poucos conhecidos são importantes para contrabalançar tais objeções. No livro *Tibet, the Sacred Realm (Tibete, o Reino Sagrado)*, para o qual o Dalai Lama escreveu uma introdução, o autor, Lobsang Lhalungpa, escreve:

Embora o Tibete fosse relativamente isolado — a sua experiência histórica fez com que o país tivesse desconfiança em relação a estrangeiros e Lhasa era conhecida há séculos pelo Ocidente como “*A Cidade Proibida*” — o país estava sempre aberto aos povos vizinhos, e havia um fluxo contínuo de visitantes, peregrinos e comerciantes vindos de lugares como Mongólia, China, Butão e Ladakh. Durante os primeiros festivais budistas, a cidade adquiria o dobro do seu tamanho normal, com milhares de monges peregrinos lotando a antiga cidadela.⁴¹

HPB, com seu rosto mongólico e pele cor de oliva-amarelada, teria tido pouca dificuldade em viver em Lhasa ou qualquer outra parte do Tibete.

Quanto à segunda objeção, HPB nunca disse que viajou sozinha ou a pé como presumem os seus críticos. É provável que tenha sido acompanhada por seus instrutores, que viajavam a cavalo. Heinrich Harrer, no livro *Seven Years in Tibet (Sete Anos no Tibete)*, registra que era comum ver mulheres montando cavalos no país.⁴² A própria HPB era uma hábil cavaleira. Um dos seus instrutores escreveu a A.P. Sinnett: “Aqueles que nós queremos que nos conheçam nos encontrarão na própria fronteira.” Os outros, disse ele, “não nos encontrariam nem mesmo se fossem até Lhasa com um exército”.⁴³ É possível também entrar no Tibete de um modo menos cansativo que a via terrestre, que requer suprimentos em grande quantidade e um número suficiente de carregadores para transportá-los. Harrer viajou através do rio Indus. Além disso, a existência de mercados com venda de alimentos torna desnecessário carregar grandes estoques de comida.

Devo explicar que os instrutores de HPB não eram tibetanos, mas indianos. O seu guru individual, o *Mahatma* Morya (usualmente chamado de Mestre M.) nasceu no Punjab; o seu colega, o *Mahatma* Koot Hoomi (Mestre K.H.), nasceu em Cachemira. HPB escreveu:

Há, além dos Himalaias^{*3}, um núcleo de adeptos de várias nacionalidades. O Teshu [Panchen] Lama os conhece, e eles agem conjuntamente. Alguns deles estão com ele e permanecem desconhecidos em seu verdadeiro caráter até mesmo para os lamas — que são, na maior parte dos casos, tolos e ignorantes.⁴⁴ Meu Mestre e KH e vários outros que conheço pessoalmente estão lá, indo e vindo, pois eles estão todos em comunicação com adeptos no Egito e na Síria, e mesmo na Europa.⁴⁵

O Teshu ou Panchen Lama vivia na cidade-mosteiro de Tashilunpo, perto de Shigatse, e aparentemente foi ali que HPB iniciou sua estada no Tibete. Lhasa ficava muito mais longe da fronteira indiana. Entretanto, quer o destino do viajante fosse Lhasa ou Shigatse, algumas das passagens a serem transpostas estavam a quatro mil e duzentos metros acima do nível do mar, e a viagem era extremamente cansativa. Apesar disso, um explorador sueco do Tibete e da Ásia Central, Sven Hedin, escreveu sobre suas viagens através de “montanhas gloriosas e gigantescas, com seus picos cobertos de neve e os labirintos de vales serpentes”, que ele considera o cenário mais magnífico do mundo:

Nós penetramos cada vez mais profundamente no desconhecido, deixando para trás uma cadeia de montanhas depois da outra. E, a partir de cada nova passagem, surgia uma nova vista, mostrando paisagens selvagens e desoladas, em direção a um horizonte novo e misterioso, com um conjunto de picos cobertos de neve, arredondados ou piramidais. Aqueles que pensarem que uma viagem assim pela vasta solidão e desolação é tediosa estarão completamente enganados. Nenhum outro espetáculo no mundo poderá ser mais sublime. A cada dia de marcha, a cada légua vencida, surgem descobertas de beleza inimaginável.⁴⁶

Não é surpreendente, portanto, a afirmativa feita certa vez por HPB de que preferiria morar numa caverna do Tibete a viver em qualquer um dos chamados países “civilizados”!

Ao considerar as provas e indícios existentes — se é que eles existem — para apoiar a afirmativa feita por Blavatsky de que viveu no Tibete, temos que levar em conta que o seu conhecimento sobre o Budismo tibetano era maior do que tudo o que estava disponível ao público ou mesmo aos eruditos ocidentais. O dr. G.P. Malasekera, presidente fundador da Congregação Mundial dos Budistas (*World Fellowship of Buddhists*), declara sob o versículo “Blavatsky” na sua monumental *Encyclopedia of Buddhism* (*Enciclopédia do Budismo*): “A familiaridade dela com o Budismo tibetano e com as práticas budistas esotéricas parece estar acima de qualquer dúvida.”⁴⁷ O filósofo e instrutor japonês D.T. Suzuki, que trouxe o Zen-Budismo ao Ocidente, acreditava que “indiscutivelmente a

sra. Blavatsky tinha sido de algum modo iniciada no lado mais profundo do ensinamento Mahayana...”⁴⁸ Quanto às credenciais de Suzuki para fazer tal avaliação, em 1966, quando ele morreu aos 95 anos de idade, o *London Times* escreveu:

O dr. Suzuki era uma figura notável no campo da filosofia oriental. Ele foi um erudito de reputação internacional, e como instrutor espiritual alcançou pessoalmente a iluminação que se esforçava para difundir. Com seus vinte livros, ensinou para o Ocidente a natureza e a finalidade do Budismo-Zen. Como erudito, ele foi um mestre de textos budistas chineses e sânscritos, com um conhecimento atualizado do pensamento europeu em várias línguas.

Suzuki não influenciou somente a geração Zen, mas também muitos profissionais de várias áreas. Quando dirigiu seminários na Universidade de Columbia no final da década de 1950, entre os seus estudantes estavam psicanalistas e terapeutas como Erich Fromm e Karen Horney, assim como artistas, compositores e escritores.⁴⁹ Cerca de 50 psiquiatras e psicólogos passaram uma semana com ele em 1957. Uma das consequências da conferência foi o livro *Psychoanalysis and Zen Buddhism (Zen-Budismo e Psicanálise)*, escrito por Fromm, Suzuki e DeMartino, publicado por Harper Row.^{*4}

Ao revisarmos o contato de Suzuki com as obras de HPB, devemos mencionar que até 1927, quando seus ensaios começaram a aparecer, quase todas as escrituras budistas conhecidas e estudadas no Ocidente eram traduções da escola Theravada do Budismo do sul. Consequentemente, quando em 1910 Suzuki leu a tradução de HPB de *A Voz do Silêncio*, publicada em 1889, ele ficou surpreso. “Vi *A Voz do Silêncio* pela primeira vez quando estava em Oxford”, contou ele mais tarde a um amigo. “Obtive uma cópia e enviei-a para a sra. Suzuki (então srta. Beatrice Lane), na Universidade de Columbia, escrevendo a ela: ‘Aqui está o verdadeiro Budismo Mahayana’.”⁵⁰ Por outro lado, muitos eruditos ocidentais não consideram *A Voz do Silêncio* autêntica porque nunca viram o texto original de onde a obra foi tirada.

Uma outra evidência da elevada consideração do dr. Suzuki por HPB veio quando ele visitou os Estados Unidos em 1935. Boris de Zirkoff estivera em contato com Suzuki em virtude de alguns escritos budistas e, sabendo da sua eminente viagem aos Estados Unidos, fez todos os entendimentos através de Nyogen Senzaki, um monge budista e instrutor

em Los Angeles, para que Suzuki o visitasse em seu escritório na sede internacional da Sociedade Teosófica em Point Loma, Califórnia. Quando o filósofo japonês entrou no recinto, foi imediatamente atraído por uma fotografia ampliada de HPB pendurada na parede, e após ficar algum tempo em silêncio e meditação, virou-se para o seu anfitrião dizendo: “Ela foi alguém que alcançou.”⁵¹

Em 1989, no centésimo aniversário de *A Voz do Silêncio*, foi impressa uma edição especial da obra, para a qual o atual Dalai Lama escreveu o prefácio.⁵² Aquele foi o ano em que ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz e o Prêmio Raoul Wallenberg dos Direitos Humanos. No prefácio se lê:

Prefácio
A SENDA DO BODHISATTVA

Encontrei pela primeira vez os membros da Sociedade Teosófica há mais de 30 anos, quando visitei a Índia para participar das celebrações do 2500º aniversário de Buda. Desde então, tenho tido o prazer de compartilhar minhas ideias com teósofos de várias partes do mundo em muitas ocasiões. Tenho grande admiração pelas suas buscas espirituais.

Acredito que os indivíduos podem ser bons seres humanos sem serem espirituais. Também aceito o direito que todos têm de não quererem ser espirituais nem acreditar em uma religião determinada. Ao mesmo tempo, sempre acreditei que o desenvolvimento interior ou espiritual é necessário para uma maior felicidade humana e para aumentar nossa capacidade de beneficiar os outros. Estou feliz, portanto, de ter essa longa associação com os teósofos e de saber do lançamento da Edição de Centenário de: *A Voz do Silêncio*, este ano. Acredito que esse livro influenciou fortemente muitos buscadores e aspirantes sinceros da sabedoria e compaixão da Senda do Bodhisattva. Recebo com alegria esta Edição de Centenário e espero que ela beneficie muitas pessoas.

O 14º Dalai Lama
26 de abril de 1989



FOREWORD

THE BODHISATTVA PATH

I first met the members of the Theosophical Society more than thirty years ago, when I visited India to attend the celebrations of the 2500th anniversary of the Buddha. Ever since, I have had the pleasure of sharing my thoughts with Theosophists from various parts of the world on many occasions. I have much admiration for their spiritual pursuits.

I believe that individuals can be good human beings without necessarily being spiritual. I also accept their right in not wanting to be spiritual or to believe in a particular religion. At the same time, I have always believed that inner or spiritual development is necessary for greater human happiness and to increase our capacity to benefit others. I am therefore happy to have this long association with the Theosophists and to learn about the Centenary Edition: **THE VOICE OF THE SILENCE** which is being brought out this year. I believe that this book has strongly influenced many sincere seekers and aspirants to the wisdom and compassion of the Bodhisattva Path. I very much welcome this Centenary Edition and hope that it will benefit many more.

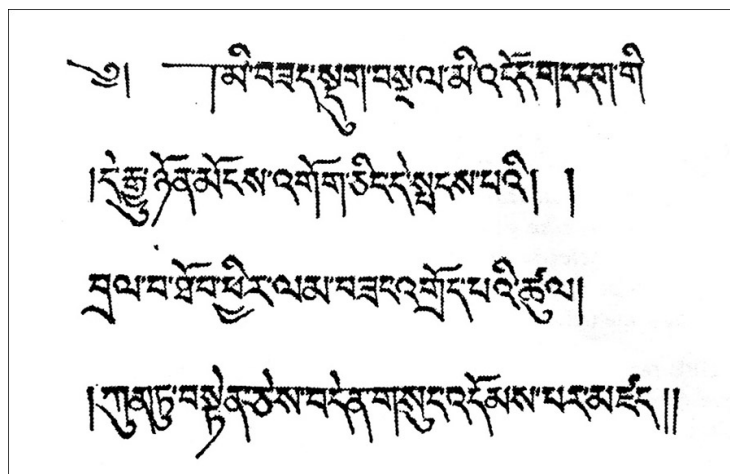
THE XIVth DALAI LAMA

April 26, 1989

4. Sinete e assinatura do 14º Dalai Lama, incluídos no prefácio de *A Voz do Silêncio*. (Concord Grove Press, Santa Barbara, Califórnia.)

Depois desse prefácio, a edição do centenário reproduz a mensagem do 9º Panchen Lama (1883-1933), escrita para a edição em inglês de 1927 de *A Voz do Silêncio*, lançada pela Sociedade Chinesa de Pesquisa Budista em Pequim.⁵³ A mensagem, ou *sutra*, como é chamada no Budismo, foi escrita a pena pelo Panchen Lama, em caligrafia tibetana.

O *sutra* a seguir foi escrito a pena em caracteres tibetanos pelo 9º Panchen Lama e foi incluído a seu pedido na edição de 1927, Pequim, China, de *A Voz do Silêncio*.



5. Caligrafia tibetana do Panchen Lama; *sutra* para a edição chinesa de *A Voz do Silêncio* de HPB. (Sociedade Chinesa de Pesquisa Budista, Pequim, China, 1927.)

Tradução:

Todos os seres desejam a libertação da dor:

Procurem, pois, pelas causas da dor
e as anulem.

Ao entrar na senda, alcança-se a libertação da dor.

Exortem, portanto, todos os seres a que entrem na senda.

O prefácio dos editores de 1927 afirma que a edição foi impressa atendendo solicitação do Pachen Lama, e que a sua equipe, juntamente com vários eruditos chineses, verificou a tradução das palavras tibetanas feitas pela sra. Blavatsky. O prefácio também menciona que ela estudou durante muitos anos em Tashilunpo e conhecia muito bem o Panchen Lama.

Foi durante essa estada no Tibete, provavelmente, que HPB estudou pela primeira vez *A Voz do Silêncio*. No prefácio ela escreve:

As páginas seguintes foram retiradas do *Livro dos Preceitos de Ouro*, uma das obras que são colocadas nas mãos dos estudantes místicos no Oriente. O conhecimento dos preceitos é obrigatório naquela escola, cujos ensinamentos são aceitos por muitos teósofos. Como conheço de memória muitos desses preceitos, o trabalho de tradução foi uma tarefa relativamente fácil para mim...

A obra de onde traduzo este texto faz parte da mesma série das “Estâncias” do *Livro de Dzian* de onde foram tirados, e no qual *A Doutrina Secreta* está baseada... Os preceitos originais estão gravados em finos quadrados; as cópias, muitas vezes, em discos. Esses discos, ou lâminas, são geralmente preservados nos altares dos templos onde funcionam as escolas conhecidas como

“contemplativas” ou *Mahayana (Yogacharya)*. Eles são escritos de várias formas, às vezes em tibetano, mas a maioria em ideogramas.

O *Livro dos Preceitos de Ouro* — alguns dos quais são pré-budistas enquanto outros são de datas posteriores — contém cerca de noventa pequenos tratados distintos. Desses, memorizei trinta e nove, anos atrás.

Para traduzir o restante, eu teria que recorrer a um grande número de papéis e apontamentos recolhidos nos últimos vinte anos e que nunca foram colocados em ordem, o que tornaria a tarefa um pouco mais fácil. Mas eles não poderiam ser todos traduzidos e dados a um mundo demasiado egoísta e apegado aos objetos dos sentidos para receber de modo correto uma ética tão elevada. Pois, a menos que um homem persevere seriamente na busca do autoconhecimento, ele nunca terá vontade de ouvir um conselho desta natureza. Portanto... foi decidido que era melhor fazer uma seleção cuidadosa apenas daqueles tratados que melhor se adaptam aos poucos verdadeiros místicos na Sociedade Teosófica, e que certamente irão atender as suas necessidades.⁵⁴

HPB fez mais do que traduzir *A Voz do Silêncio* para o inglês. Ela adicionou notas e comentários ao texto para ajudar os leitores na compreensão e no uso dos preceitos.

Durante os anos 80, dois amigos da autora, Jerome e Roseva Muratore, convidaram o lama tibetano Geshe^{*5} Lozang Jampsal para vir a sua casa em Nova Jersey. Ele vivera e estudara em Tashilunpo antes de sair do Tibete. O lama era professor de sânscrito de Roseva na Universidade de Columbia. Durante a visita, os Muratore mostraram-lhe *A Voz do Silêncio*, dirigindo a atenção dele especialmente para as notas. O efeito foi *eletrizante*. Ele se confessou surpreso ao ver que tais informações circulavam no Ocidente. Quanto a HPB, ele disse: “Ela deve ser um *bodhisattva*” (uma pessoa que está em um estágio próximo do Budado).

*1 Para informações adicionais veja *H.P. Blavatsky, Collected Writings*, ed. Boris Zirkoff (Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1950-91), vol. 3, p. 419 e também o versículo “*Vedas*” no *Glossário Teosófico* de H.P. Blavatsky, Ed. Ground, SP.

*2 *Self* significa o ser interno, o eu, o eu superior, o ser mais profundo e verdadeiro dentro de cada um. (Nota Ed. Bras.)

*3 “Além dos Himalaias” não se refere necessariamente ao Tibete. HPB nunca proclamou que o Tibete era o principal centro da “fraternidade de adeptos perfeitos”. Em *A Doutrina Secreta* ela indica que o Tibete sedia somente uma das várias escolas esotéricas, “cuja sede está além dos Himalaias, e

cujas ramificações podem ser encontradas na China, Japão, Índia, Tibete e mesmo na Síria, além da América do Sul...” (vol. 1, p. XXIII, T.H.P., Índia, 1979).

*4 Livro disponível em português. (Nota Ed. Bras.)

*5 “Geshe” é um título dado aos lamas tibetanos que alcançaram um nível elevado nos estudos budistas.

CAPÍTULO 7

Vivendo no Tibete - II

Depois dos testemunhos sobre o conhecimento que HPB tinha do Budismo tibetano, examinamos agora outros indícios da sua alegada estadia no Tibete. O primeiro foi relatado por Margaret Cousins, que ficou famosa no final dos anos 1920 ao visitar a sagrada caverna de Amarnath nos Himalaias, a quatro mil e duzentos metros acima do nível do mar. O seu artigo *Uma Peregrinação pelos Himalaias* descreve com tal profundidade de sentimentos as paisagens magníficas observadas por ela que só nos resta lamentar o fato de que este relato esteja enterrado nas páginas de uma velha revista, *World Theosophy*.⁵⁵ Num número posterior foi publicado o seguinte:

Quando a sra. Cousins retornou com segurança até Srinagar, capital do estado de Cachemira, foi convidada por um notável *sadhu* (instrutor espiritual), que naquele momento estava em Srinagar, para visitá-lo, pois ele havia ficado muito admirado com a coragem de uma senhora ao fazer a longa e perigosa viagem quase sozinha e fora da época habitual para a peregrinação. Ao longo da conversa, que abordou desde religião até filosofia e arte, a sra. Cousins perguntou ao *sadhu* se ele sabia de algum europeu que tivesse penetrado nos recessos internos dos Himalaias e entrado em contato com os grandes *Rishis* e sua sabedoria. Ele respondeu que “ele soubera de muitos poucos casos assim, pois aqueles que vinham para as montanhas não vinham buscar o mais elevado e não estavam preparados física nem espiritualmente”.

Depois ele recordou que quando estava “no começo da sua vida de disciplina nos Himalaias, uma senhora tinha encontrado os mais elevados instrutores e recebido a Sabedoria Antiga. Buscando ainda mais em sua memória, ele recordou que não era inglesa, mas russa, e finalmente lembrou o seu nome: Blavatsky. Ele não a tinha conhecido pessoalmente, mas ouvira falar das suas realizações, narradas por seus companheiros ascetas”.⁵⁶

Um tipo muito diferente de indício sobre a presença de HPB no Tibete envolve uma experiência feita na Áustria em 1885 por um destacado teósofo, o médico Franz Hartmann. A experiência foi realizada através de uma clarividente alemã, que havia trabalhado como empregada na casa dos

pais de Hartmann quando ele era criança. Ele encontrou essa mulher casualmente ao retomar para a Áustria, depois de viver na sede da Sociedade Teosófica em Adyar, durante anos. Ela o convidou a sua casa, onde se dedicava à prática de curas entre os pobres. Sendo um médico de grande experiência, Hartmann descobriu que a mulher tinha uma notável habilidade para diagnosticar doenças clarivamente pelo exame da urina do paciente. Os órgãos doentes ficavam claramente visíveis para ela. Colocando as suas mãos na coluna de Hartmann, ela permitia que o doutor compartilhasse da sua visão. Ele escreveu um relato acerca do trabalho dela, *Diagnóstico Clarividente na Medicina (The Theosophist*, fevereiro de 1887). O que nos diz respeito de modo especial, entretanto, é o seu artigo *Uma Experiência Psicométrica (The Theosophist*, março de 1887), de onde foi retirado o seguinte:

Meu último trabalho continha um relato dos poderes clarividentes de uma camponesa alemã, moradora dos subúrbios desta cidade de Kempten. Após tê-lo colocado no correio, tive a ideia de testar os poderes psicométricos dela com cartas; em seguida, fui até sua casa, armado com os seguintes documentos:

1. Uma carta da sra. Rhoda Batchelor, de Ootacamund [Índia].
2. Uma carta do coronel H.S. Olcott [de Adyar, Madras, Índia].
3. Uma carta da condessa Wachtmeister, de Ostende [Bélgica].
4. Uma “carta oculta”, possivelmente vinda de um adepto, sem carimbo, sem selos e sem qualquer indicação sobre o local onde foi escrita.

Dei a ela a carta nº 1 e pedi que a mantivesse na sua testa, permanecendo inteiramente imóvel, não pensando em nada, e que depois de algum tempo me dissesse o que havia visto. Ela me disse que não pensava que fosse ver alguma coisa, e que nunca ouvira falar de uma experiência assim, mas estava disposta a tentar.

Após certo tempo, ela começou a descrever uma pequena casa com uma varanda, situada ao lado de um morro, tendo um quarto alto cuja janela possuía uma sacada. Descreveu a mobília daquele quarto e algumas árvores que podiam ser vistas da varanda e que não crescem neste país, mas que pareciam álamos. Reconheci facilmente em sua descrição a residência da sra. Batchelor, chamada Os Lauréis (em Ooty) e os pés de eucaliptos ao redor. Ela descreveu também uma senhora vestida de roupa cinza, mas essa última eu não reconheci.

Então lhe entreguei a carta nº 2, escrita pelo coronel Olcott. Eu supunha que essa carta tivesse sido escrita no quarto pessoal do coronel e se a base das suas percepções psicométricas fosse transferência de pensamento, eu devia ter ouvido uma descrição daquele quarto. Mas, em vez disso, ela fez uma descrição do salão grande e alto que é o hall de entrada da sede Internacional da Sociedade [Teosófica] em Adyar. Descreveu os caminhos de cascalho, as árvores e o rio, com precisão extraordinária, e falou de uma peça vizinha onde “um homem com barba” estava escrevendo, e próximo dali, em direção ao rio, havia uma espécie de “jaula”, que nem ela nem eu podíamos imaginar o que fosse.

Nesse ponto do artigo de Hartmann, Olcott, como editor de *The Theosophist*, acrescentou esta nota de rodapé: “Provavelmente, já que a jaula é descrita como situada na ‘direção do rio’, isto se refere a uma pilha de escadas nativas, especialmente largas, algumas das quais, tendo sido usadas na construção de uma nova Biblioteca Sânskrita, ficaram na beira do rio fincadas com a aparência exata de uma jaula; mas desse fato circunstancial o dr. Hartmann, naturalmente, nada sabia.”

Hartmann continua:

A seguir mostrei uma carta da condessa Wachtineister, e recebi uma descrição muito boa da condessa, “bela e de olhos azuis” e de “uma senhora idosa, imponente e de aparência extremamente agradável”, em quem eu facilmente reconheci a sra. Blavatsky. Além disso, a mulher fez uma descrição da casa onde essas senhoras residiam, da grande quantidade de manuscritos “em alguma língua estrangeira” e dos móveis dos aposentos [HPB estava escrevendo *A Doutrina Secreta* nessa ocasião]. A característica mais notável foi que ela viu um certo número de estátuas e bustos em redor da casa; algo que não posso verificar, pois nunca estive em Ostende e não conheço a referida casa.

Aqui o médico inseriu uma nota: “Depois de escrever o texto acima, recebi, uma carta da condessa em resposta a minhas perguntas. Ela diz: ‘A mulher está totalmente certa em relação às estátuas. Há muitos bustos na casa’.”

A experiência crucial de Hartmann — que o preocupou muito — foi a de nº 4, a carta oculta de um adepto. Seria ela autêntica? Será que os Mestres de Sabedoria realmente existem? Hartmann continua:

Essa carta foi tirada por mim ao acaso da caixa em que eu guardava cartas similares. Depois da experiência, examinei-a e vi que era uma carta que havia encontrado certo dia sobre a minha mesa em Adyar, onde, um momento antes, não havia nada...

Foi com o coração cheio de tristes presságios em relação a coisas desagradáveis que entreguei a ela a “carta oculta”. A sua primeira exclamação foi de surpresa, maravilha e alegria. “Ah!” — ela exclamou — “O que é isto? Nunca vi coisa tão bela na minha vida!”

Aqui se segue a tradução de Hartmann das observações da clarividente, deixando de lado apenas detalhes sem importância:

Vejo diante de mim um morro ou (elevação) feito artificialmente, e sobre aquele morro um edifício que parece um templo, com um telhado alto segundo o estilo chinês.⁵⁷ O templo é de um branco esplêndido, como se fosse feito de puro mármore, e o telhado repousa sobre três pilares. No topo do telhado há um sol brilhante; — mas não! — só parece ser um sol; talvez seja uma espécie de animal. Não sei como descrevê-lo; nunca vi coisa semelhante, mas brilha como o sol.

Há um belo caminho de pedras lisas e alguns degraus levam a este templo, e estou subindo até ele. Agora estou lá e, veja, o chão é um lago, no qual se reflete a luz daquele sol que está no teto! Mas não — estou enganada, não é água, absolutamente, é uma espécie de mármore amarelado que brilha como um espelho. Agora vejo claramente! É um piso quadrado de mármore, e no centro há um ponto redondo e escuro. Tudo é muito bonito. É parecido até certo ponto com o *Walhalla* próximo de Regensburg.

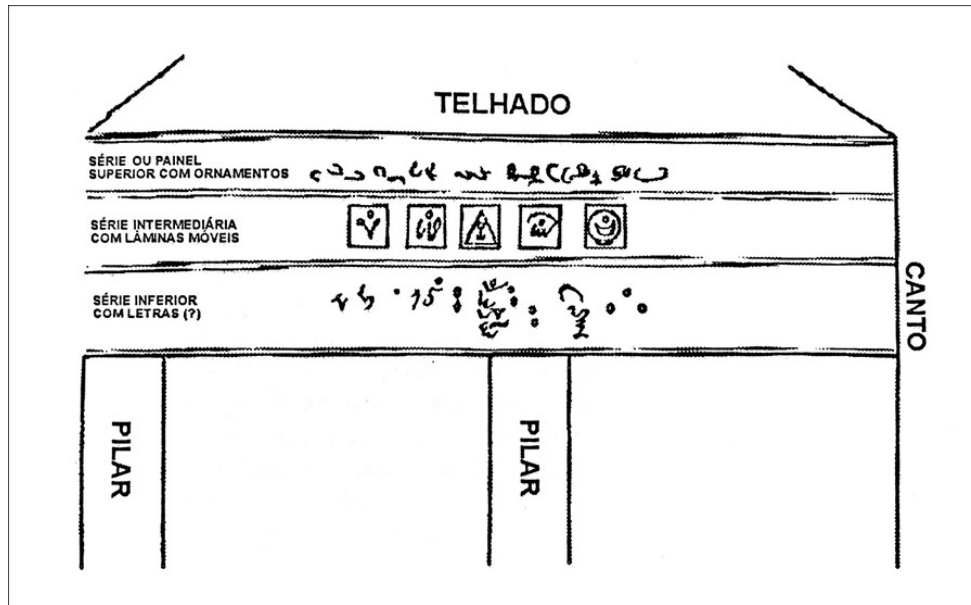
Agora estou naquele templo, e vejo dois cavalheiros olhando para algo que está na parede. Um é um homem de aparência muito agradável, mas que está vestido de uma maneira completamente diferente das pessoas deste país. Está vestido com um manto solto de branco puro, e a parte da frente dos seus sapatos aponta para cima. [Como indicado antes, os instrutores de HPB eram indianos, não tibetanos]. O outro é menor e de cabeça pelada; ele usa um casaco preto e fivelas de prata (ornamentos?) em seus sapatos.

Eles estão olhando para um quadro na parede. O quadro representa um vaso com algumas plantas tropicais; algo parecido com figueiras-da-Índia; mas muito diferente de todas as figueiras-da-Índia que já vi. O vaso não é um quadro, mas um vaso real. Inicialmente pensei que fosse pintado. Está num canto, há pinturas ornamentais nele.

Há algumas pinturas e desenhos na parede. Abaixo do teto, onde começa o forro, há um campo ou painel em que estão algumas figuras curiosas. Algumas se parecem com o número 15, outras com um V, e outras com quadrados e zeros; e há vários tipos de enfeites entre elas. Parecem números, mas não penso que sejam. Podem ser letras estranhas ou caracteres. Acima daquele campo ou painel há outro onde estão algumas figuras ou lâminas quadradas, com algumas coisas muito curiosas pintadas nelas. Elas são móveis; pelo menos penso que sejam, mas não tenho total certeza.

A seguir pedi à clarividente que desenhasse num papel as figuras que tinha visto. Não sendo uma artista, ela o fez de modo imperfeito, mas disse que era o melhor que podia. A ilustração a seguir é uma cópia do que ela desenhou. Disse-me que, quando apenas imagina uma coisa, a memória logo se perde; mas quando uma coisa é vista de forma clarividente, a imagem permanece na sua mente, e ela pode se recordar dela com todos os detalhes, sempre que quiser.

O desenho completo foi reproduzido no frontispício de *The Theosophist* de março de 1887, que publicava o testemunho do dr. Hartmann. Abaixo estão as partes pertinentes:



6. Telhado e pilares de um templo descrito por uma clarividente alemã.
(*The Theosophist*, março de 1887, capa.)

Ela continua: “Agora estes dois senhores estão saindo, e eu os acompanho. Há uma grande quantidade de árvores que parecem pinheiros. Penso que são pinheiros. Há outras árvores com folhas grandes, grossas, e cachos parecendo bastante com opúncias. Há montanhas, morros e um lago. Eles estão me levando para longe do templo. Tenho a impressão de que não saberei encontrar o caminho de volta até aqui. Há um grande desfiladeiro, e há algumas árvores que penso serem oliveiras; mas não tenho certeza, porque nunca vi oliveiras. Agora cheguei a um local onde posso ver uma cena ampla da região. Os dois senhores se foram. Aqui há algo muito antigo que parece ser uma velha parede em ruínas, parecida com o que vi no papel que você me mostrou. Acredito que você lhe dá o nome de *Esfinge* [Hartmann havia mostrado antes a ela a capa de uma revista alemã, *The Sphinx (A Esfinge)*]. Há uma espécie de pilar, e no topo dele uma estátua cuja parte superior parece uma mulher e a parte inferior do corpo parece um peixe. Ela parece estar segurando algum musgo com as mãos, ou repousando as mãos sobre ele.”

Neste momento [a clarividente] começou a rir, e quando lhe perguntei do que se tratava, ela respondeu: “Que visão engraçada! Há muita gente esquisita! São pequenas mulheres e crianças. Usam roupas muito engraçadas, e têm toucas de pele em suas cabeças. Elas têm solas amarradas a seus pés! [A clarividente nunca havia visto sandálias antes.] Estão recolhendo alguma coisa das margens do lago e colocando-a em cestas. Agora toda a cena se dissolve numa nuvem.”

Assim terminou esta significativa experiência...

Antes de enviar seu artigo para *The Theosophist*, Hartmann mandou-o a Ostende, para que fosse avaliado por HPB. No entanto, *ele não mandou o desenho feito pela mulher*. Aqui está a resposta de HPB, datada de 5 de dezembro de 1886:

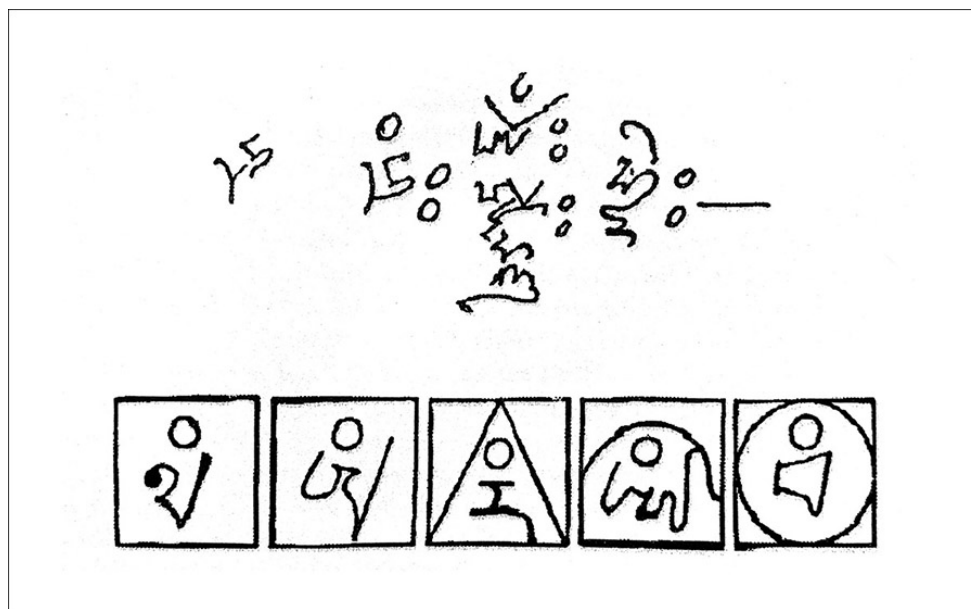
Meu caro doutor: Peço sinceramente perdão por minha aparente negligência em relação a você, meu velho amigo. Dou a minha palavra de honra, estou mortalmente envolvida com o trabalho. Cada vez que sento para escrever uma carta, todas as minhas ideias ficam dispersas e não posso continuar com *A Doutrina Secreta* naquele dia. Mas a sua carta é tão interessante que tenho que escrever sobre o que você perguntou. Você está fazendo algo excelente ao enviar essa experiência para *The Theosophist*. Ela tem uma importância enorme levando-se em conta as mentiras e acusações de Hodgson, e estou feliz por você ter conseguido esta corroboração independente; [a] luz astral não pode mentir, de forma alguma, em meu benefício.^{*1}

Falarei somente da carta número 4, pois você mesmo verificou a correção das outras três. Parece ser um templo privativo⁵⁸ do Teshu [Panchen] Lama, próximo de Tchigadze — feito com material parecido com “cimento de Madras” — ele realmente brilha como mármore e é chamado de “Shakang” [templo] nevado^{*2} se eu lembro corretamente. Não tem qualquer “sol ou cruz” no topo, mas uma espécie de dágaba^{*3} triangular, sobre três pilares, com um dragão de ouro e um globo. Mas o dragão tem em si uma suástica^{*4} que pode ter parecido a ela uma cruz comum. Não me lembro de nenhum caminho de cascalhos, nem existe algum. Mas [o templo] está numa elevação artificial, e um caminho de pedras leva até ele. Esse caminho tem degraus — não lembro quantos. (Nunca me foi permitido entrar nele); eu o vi do lado de fora, e o seu interior me foi descrito. O piso de quase todos os templos budistas (*songyas*) são feitos com uma pedra amarela polida, encontrada naquelas montanhas de Urais e no norte do Tibete na direção do território da Rússia. Não sei o nome, mas parece mármore amarelo.

O “cavalheiro” de branco pode ser o Mestre, e o homem de “cabeça pelada” pode ser algum velho monge de cabeça raspada. O manto geralmente é preto ou muito escuro (eu trouxe um de Darjeeling para Olcott), mas de onde vêm as fivelas prateadas e enfeites nos joelhos eu não sei. Eles usam, como você sabe, botas longas — até o alto da barriga da perna, feitas de feltro e muitas vezes com bordados de prata... Talvez haja uma falha da visão astral misturada com um *flash* de memória (por associação de ideias) de alguma imagem que ela tenha visto antes.

Nesses templos há sempre “quadros” móveis, onde são colocados problemas de geometria e de matemática para os discípulos que estudam astrologia e simbolismo. O “vaso” deve ser um dos muitos vasos chineses estranhos que existem nos templos, com vários objetivos. Nos cantos dos templos existem numerosas estátuas de várias divindades (*Dhyanis*). Os templos são sempre (ou quase sempre) sustentados por pilares de madeira que dividem o teto em três paralelogramos, e o espelho “Melong” de aço polido (redondo como o sol) é muitas vezes colocado no pináculo do quiosque sobre o telhado. Eu mesma pensei que fosse o sol. Também, nas cúpulas da [dágaba], há às vezes um pináculo graduado, e sobre ele um disco de ouro colocado verticalmente e um ponto com forma de pera e, frequentemente, uma lua crescente sustentando um globo com uma suástica.

Pergunte a ela se foi isto que viu, *Om tram ah hri hum*, cujas figuras são esboçadas às vezes no “espelho” Melong — (um disco de bronze ou latão) contra os maus espíritos — para o povo. [Lembrem que HPB não tinha visto os desenhos da clarividente reproduzidos na página anterior, no entanto a semelhança é quase total.] Ou talvez o que ela tenha visto foi uma fileira de pedaços de madeira (pequenos cubos) sobre os quais essas coisas são vistas:



7. Caracteres tibetanos desenhados por HPB confirmam a visão da clarividende (*The Path*, janeiro de 1896, p. 298)

Neste caso, eu sei o que ela viu. Há “pinheiros” ao redor desses templos, que são construídos expressamente onde há tais árvores, e também há opúncias, e árvores com uma fruta chinesa que os monges usam para fazer tinta. Há um lago por lá, com certeza, e muitos montanhas — onde o Mestre reside; mas próximo de Tchigadze só há morros pequenos. As estátuas de Meilha Gualpo — andrógino Senhor das Salamandras — ou dos Gênios do Ar, parecem-se com a “esfinge”; mas a parte inferior do seu corpo está perdida em nuvens, não é um Peixe, e ela não é bela, é apenas simbólica. As pescadoras usam somente “solas”, que são como sandálias, e todas elas usam toucas de pele. Isso é tudo; será suficiente? Mas ponha isso no papel.⁵⁹

Um problema especial no que foi colocado acima era decifrar — ou melhor, identificar — os estranhos caracteres que constavam no desenho da mulher alemã e na carta de HPB, pois não havia semelhança alguma com os caracteres tibetanos impressos. Para solucionar esse enigma tive que recorrer à ajuda bondosa de Wesley Needham, encarregado da vasta coleção tibetana da Universidade de Yale e um perito naquela língua. Tanto o texto de Hartmann como a carta de HPB acompanharam a pergunta. Em 8 de dezembro de 1986, Needham respondeu:

Li com muito interesse as experiências psicométricas e posso afirmar que na página 299 de *Letters of HPB to Hartmann* (*Cartas de HPB para Hartmann*) as letras tibetanas são: *Om tram ah hri hum*, no grupo do alto, arranjadas da seguinte maneira:

OM

tram ah hri
hum

Todos mantras sânscritos
em caracteres tibetanos

No grupo mais abaixo, em quadros, aparecem os mantras relacionados com os *Dhyani* Budas:

[Tibetano]

[Sânscrito]

Lam

Ratnasambhava

Yam

Amoghsiddhi

Ram

Amitabha

Kham

Vairocana

Vam

Akshobhya (Vajrasattva)

Na página onde está escrito TELHADO, os caracteres nos quadros são diferentes da página 299, e estão diante de mim. [Esses últimos são imagens móveis, alguns exemplos das quais foram dados por HPB, que não tinha visto o desenho da clarividente.]

Sob esses quadrados estão *Om tram ah hri hum*, novamente os mesmos mantras sânscritos escritos em caracteres tibetanos, com a mesma disposição gráfica. São chamados sílabas-semente, que não devem ser traduzidas [nos tipos normalmente impressos em tibetano]. Eles estão relacionados também com os cinco *Dhyani* Budas.

Fica confirmado, assim, que uma mulher alemã sem conhecimentos pôde reproduzir em tibetano sílabas-semente de um mantra budista sagrado do qual ela não possuía, provavelmente, ideia prévia alguma. O elemento catalisador para essa ação notável, e as visões que se seguiram, foi, como vimos, uma carta oculta considerada proveniente de um dos instrutores de HPB no Tibete.

Mais um passo precisa ser dado para completar o exame da experiência de Hartmann: ter certeza de que as declarações de HPB a respeito do que a clarividente viu, algumas das quais já foram verificadas nas páginas anteriores, estão corretas. Novamente foi solicitada a ajuda de Wesley Needham, de Yale. Uma lista com grande número de itens requerendo identificação foi enviada a ele. Embora a grande coleção de Yale sobre o Tibete estivesse a sua disposição, ele só pôde verificar dois dos itens. Primeiro, que “nos templos tibetanos são numerosas as imagens de *Dhyani Bodhisatvas* e Budas e, também, de divindades protetoras iradas”. Segundo, “o pináculo graduado e o disco é obviamente um *Chorten*^{*5} comum. Veja Ippolito Desidere, *An Account of Tibet (Um Relato sobre o Tibete)*, Lâmina IV, página 132”. Needham sugeriu que eu poderia checar os outros itens

com o irmão do Dalai Lama, professor Thubsten J. Norbu, da Universidade de Indiana, em Bloomington. Norbu não conseguiu ajudar.

Algum tempo depois eu soube que dois amigos, pesquisadores de Budismo, iriam à Índia e que, entre outros lugares, visitariam Dharamsala para ver o Dalai Lama. Eles ofereceram para continuar a busca das informações necessárias, mas elas não estavam disponíveis, e o secretário do Dalai Lama sugeriu que visitassem vários lamas originários do mosteiro Tashilunpo no Tibete, que fora destruído pelos chineses comunistas. O Secretário telefonou para marcar um encontro, e meus amigos foram recebidos numa audiência com sete lamas residentes, dirigidos pelo venerável Kachan Lhadkor. As questões formuladas receberam cuidadosa atenção, pois cada uma requeria a recuperação de cenas passadas há muitos anos.

Duas respostas negativas foram recebidas: o piso dos templos budistas não eram de mármore amarelo, e os lamas não reconheciam “Lhakang nevado” como o nome do templo privado de Pachen Lama. Quanto ao mais, deram respostas afirmativas: havia pinheiros e figueiras-da-índia ao redor dos templos budistas naquela área, e árvores a partir das quais os monges fabricavam tinta para escrever. Havia estátuas de Meilhu Gualpo sobre pilares, e nos telhados podiam ser encontrados dragões de ouro sustentando um globo, bem como enormes espelhos (*melongs*) de aço polido, redondos como o sol, muitas vezes com a gravação da invocação “*Om tram ah hri hum*”. Os lamas acrescentaram que os *melongs* eram feitos de “múltiplos metais”.

Os lamas não conseguiram identificar o retiro do sagrado do Panchem Lama mencionado por HPB ou porque eles não tinham conhecimento de sua existência ou não são lamas iniciados, ou porque são iniciados e portanto estão proibidos de falar da sua existência. O que dá base para essa especulação é a descrição feita por HPB do retiro privado do Panchem Lama, uma escola secreta próxima de Shigatse fundada por Tsong-ka-pa, que estava a cargo dele. Lá são preservadas valiosas obras ocultas usadas na preparação de *A Doutrina Secreta*.⁶⁰

Um local que HPB nunca reivindicou publicamente ter visitado no Tibete, é a cidade proibida de Lhasa. Desde o tempo da breve estada do Abade Huc de 1847 até 1904, quando os ingleses invadiram o Tibete durante um curto período, não se sabe de nenhuma pessoa vinda do Ocidente que tenha estado lá. A primeira mulher foi a exploradora francesa Alexandra David-Neel, que na sua quinta viagem ao Tibete (1923-1924), conseguiu o que então era considerado impossível. Entretanto, de acordo com a irmã de HPB, Vera, “é verdade que Helena esteve em Lhasa, a capital do Tibete, e no seu principal centro religioso, Shigatse... e nas montanhas Korakoram, nos Kunluns. Suas narrativas sobre esses locais, cheias de vida, provaram-no para mim muitas vezes”.⁶¹

Se HPB esteve no Tibete durante quase três anos, durante esse período seria inacreditável que ela não fosse até Lhasa, a grande meca do mundo budista. Os seus instrutores a teriam levado facilmente, disfarçada como peregrina, pois suas feições asiáticas não chamariam atenção. Mas proclamar isso publicamente, mais tarde, poderia causar dificuldades aos seus guardiões. O Panchen Lama e o Dalai Lama, naquela época, não estavam de acordo em relação à política de isolamento do Tibete do resto do mundo. O explorador Sven Hedin confirma isso: embora haja visitado o Panchen Lama e tenha sido calorosamente recebido por ele, nunca pôde entrar em Lhasa nem encontrar-se com o Dalai Lama.⁶²

Mesmo que HPB tenha sido a primeira pessoa do Ocidente, depois de Huc, a visitar Lhasa, isso não tira o brilho da magnífica conquista da sra. David-Neel⁶³, cujo livro *My Journey to Lhasa (Minha Viagem a Lhasa)* foi considerado pelo *Times Literary Supplement (Suplemento Literário do Times)* como o relato de “uma das viagens épicas dos tempos atuais”.

Um texto sem data do diário de David-Neel faz referência a sua amiga inglesa Elisabeth Morgan: “Certo dia, escrevendo [para mim], Elisabeth mencionou a palavra Teosofia e o nome Blavatsky.” Isso — David-Neel acrescentou — abriu “uma nova fase em minha vida”.⁶³ De uma outra fonte sabe-se que desde então ela compareceu a palestras sobre religiões orientais, “especialmente sobre Budismo, na Sociedade Teosófica em Paris”, e desenvolveu uma ardente ambição de explorar o Oriente.⁶⁴

*1 Em *Ísis Sem Véu* (veja vol. 1, p. 249 da edição em português) HPB explica: “Quando um psicômetra examina seu objeto, ele entra em contato com a corrente da luz astral que passa pelo objeto e que retém imagens de eventos associados à sua história. Esse passado desfila diante de seus olhos com a velocidade da luz.”

*2 A grafia correta de templo em tibetano é lhakang. A letra “l”, escrita à mão por HPB, pode ter sido vista erradamente como um “s”. Sven Hedin traduz *lha kang* como “Casa de Deus”. (Hedin, em *Trans-Himalaya*, vol. 1, p. 405).

*3 *Dágaba*: edifício memorial com a forma de uma abóbada, onde, de acordo com a tradição, se mantêm os restos mortais de um Buda ou de um Santo budista. (Nota Ed. Bras.)

*4 As suásticas são amplamente usadas no Tibete (Hedin 404; Lhalungpa, pp. 65, 77).

*5 Chorten: monumento tibetano a um budista notável, especialmente um lama. (Nota Ed. Bras.)

*6 A sra. Alexandra David-Neel recebeu o seu diploma da S.T. em Londres no dia 7 de junho de 1892. De acordo com uma carta de Annie Besant, datada de 17 de março de 1893, ela também solicitou entrada na E.E. [Daniel Caracostea, *Alexandra David-Neel's Early Acquaintances With Theosophy (Os Primeiros Contatos de Alexandra David-Neel com a Teosofia)*, Paris, 1892, tradução de Diana Dunningham-Chapotin, *Theosophical History*, julho-outubro de 1991, pp. 209-213].

CAPÍTULO 8

Vivendo no Tibete - III

Durante o período final da estada de HPB no Tibete, parece que ela esteve nas Montanhas Karakoram, ao norte de Cachemira. Estas montanhas fazem parte da grande cordilheira do Himalaia e ficam a oeste de Shigatse e Lhasa, bastante longe destas localidades. De acordo com a sua irmã, Vera, ela esteve lá com o *Mahatma* K.H., que morava com sua irmã e um sobrinho. “O *Mahatma* Morya”, escreveu Vera, “seu guru, não tinha residência permanente... e viajava constantemente, vivendo onde ele era mais necessário em cada momento”.⁶⁵ K.H. também estava frequentemente fora, em missões, e muitas vezes em Tashilunpo.⁶⁶ HPB disse que o encontrou pela primeira vez em 1868.⁶⁷

Numa carta para a sra. Hollis Billings (2 de outubro de 1881), HPB escreveu que a casa de K.H. “é no pequeno Tibete, que agora pertence a Cachemira. É uma grande construção de madeira no estilo chinês, como um pagode^{*1}, entre um lago e uma bela montanha”. HPB acrescentou que o Mestre M. também morava lá. Os dois instrutores, disse ela, raramente saíam abertamente ao mundo, “mas podem projetar suas formas astrais para qualquer parte”.⁶⁸

A casa de K.H., ou *ashram*, como Olcott a chamava, tinha mais de uma finalidade, segundo revelaram cartas do teósofo hindu Damodar a William Q. Judge. Numa experiência fora do corpo, Damodar foi levado até lá. Ele escreve:

Eu estava num lugar muito peculiar. Situado no extremo norte de Cachemira, aos pés dos Himalaias... havia somente duas casas, uma exatamente em frente à outra, e nenhum outro sinal de habitação. De uma dessas saiu... Koot Hoomi. Era sua casa. Em frente a ela estava [o Mestre M.]. O irmão K. mandou-me segui-lo. Depois de percorrer uma distância de cerca de oitocentos metros, chegamos a uma passagem subterrânea natural que existe sob os Himalaias. [Ela] é um caminho natural^{*2} do rio Indus, que passa ali com toda a sua fúria. As pessoas precisam caminhar uma de cada vez, e um passo em falso selará o destino do viajante...

Depois de andar uma distância considerável por essa passagem subterrânea, chegamos a uma superfície plana em L—K. Lá existe um edifício enorme... Esse é o Local Central Principal, onde todos da nossa Seção que são considerados merecedores de receber iniciação nos Mistérios têm que ir para sua cerimônia final e permanecer lá pelo tempo exigido. Subi com meu guru até o Grande Salão... A grandiosidade e a paz do local fazem com que um sentimento de reverência domine qualquer um. O Trono do Chefe é de um esplendor incomparável [e] tem ao seu redor uma glória indescritível, um brilho que parecia irradiar-se daquele que o ocupava.⁶⁹

Como Damodar recebia instruções de HPB quando passou por esta experiência — e também alguns anos mais tarde, quando parece tê-la vivido em seu corpo físico⁷⁰ — pode-se supor que algumas das iniciações de HPB tenham ocorrido naquele local, não só durante a sua estada que estudamos agora, mas também em uma viagem anterior ao Oriente, quando, segundo o leitor lembrará, HPB disse haver entrado no Tibete via Cachemira.

Quanto a essa sua estada no Tibete, HPB certa vez deu a Sinnett, numa carta, um relance de como foi o seu treinamento quando vivia na casa de K.H. O relato foi escrito após um rápido e nítido momento de sonho que trouxe à sua consciência todos os detalhes da sua vida diária lá.

Muito do tempo de Blavatsky havia sido dedicado a aprender dois idiomas. Um era o *senzar*, que ela descreve como “o nome místico da língua sacerdotal secreta, ou a ‘linguagem misteriosa’ dos adeptos iniciados em todo mundo”.⁷¹ Foi nessa língua que as estâncias, que são a base de *A Doutrina Secreta* e de *A Voz do Silêncio*, foram escritas originalmente — segundo as informações disponíveis.⁷²

A segunda língua era o inglês. Parece estranho que HPB tivesse que viajar até o distante Tibete para aprender inglês! Ela não havia estudado inglês na sua infância, e, mais tarde, não falava nessa língua na Inglaterra e na América do Norte? Falava o inglês de conversação, sim, mas não muito acima do nível das histórias do “fazendeiro Brown” que sua governanta de Yorkshire lhe contava, e mesmo esse ela evitava falar, porque ela adquirira o sotaque de Yorkshire, do qual as pessoas riam!

“Lembro”, disse Blavatsky a Sinnett, “como era difícil eu compreender um livro bem escrito em inglês, até o ano de 1867, quando me encontrava em Veneza”. Ao apresentar as ideias teosóficas ao mundo, ela teve a tarefa tremendamente difícil de transmitir as sutilezas da filosofia esotérica e da metafísica em uma língua ocidental, que não tinha os meios adequados para expressar tais ideias. Uma das suas tarefas diárias era traduzir frases do

senzar para o inglês. O Mestre K.H., que conhecia bem as duas línguas, corrigia o seu trabalho. Além disso, durante esse tempo, HPB conversava apenas em inglês, até com o seu próprio instrutor; mas se a sua maneira de falar “era certa ou errada”, disse ela, “não fazia diferença para ele porque ele não falava inglês, embora compreendesse, de qualquer modo, todas as palavras que saíam da minha cabeça...”

No sonho de Blavatsky “a cena muda e eu estou saindo com o Mestre, que está me enviando de volta à Europa”.⁷³ Uma fonte informa que a partida ocorreu nas montanhas Manasarovara, no Tibete.⁷⁴ Os mapas localizam essa área famosa ao sul das montanhas Karakoram.

*1 Na Índia, China, Burma e outros países asiáticos, pagode é um prédio sagrado ou templo de forma mais ou menos piramidal e telhados curvos, às vezes com vários andares. (N. Ed. Bras.)

*2 No original, *natural causeway*. *Causeway* é um caminho estreito elevado, sobre um precipício ou terreno molhado. (N. ed. bras.)

CAPÍTULO 9

Uma Visita Surpreendente

Enquanto HPB ainda estava no Tibete, sua tia Nadya teve uma experiência surpreendente em Odessa. Anos mais tarde, quando estava em Paris, Nadya narrou-a para Olcott, em Londres. Sua carta, datada de 26 de junho de 1884, foi traduzida do francês e diz o seguinte:

... quando minha sobrinha estava do outro lado do mundo... ninguém sabia onde ela se encontrava — o que nos fazia sofrer muito. Todas as buscas tinham fracassado. Estávamos quase acreditando que ela havia morrido, quando — penso que isso ocorreu no ano de 1870 ou possivelmente mais tarde — recebi uma carta de alguém que, acredito, vocês chamam de K.H., foi trazida da maneira mais incompreensível por um mensageiro de aparência asiática, que depois desapareceu diante dos meus próprios olhos. Essa carta, que pedia que eu nada temesse e anunciava que ela estava em segurança, ainda está comigo em Odessa. Ao retornar, eu a enviarei imediatamente a você, e espero que lhe seja útil.

Por favor, perdoe-me, mas é difícil, para não dizer impossível, compreender como podem existir pessoas tão estúpidas ao ponto de acreditar que a minha sobrinha, ou o senhor, inventaram os homens a quem vocês chamam de *Mahatmas*! Não sei se o senhor os conhece pessoalmente há muito tempo, mas minha sobrinha falou sobre eles comigo, e longamente, anos atrás. Ela me escreveu dizendo que os encontrara de novo e renovara as suas relações com vários deles, antes mesmo de escrever *Ísis*. Por que iria ela inventar tais personagens? Com que finalidade, e que bem eles poderiam fazer a ela se, de fato, não existissem?...

Se eu, que sempre fui e espero continuar sendo uma cristã fervorosa, acredito na existência desses homens — embora possa recusar-me a reconhecer todos os milagres atribuídos a eles — por que outros não iriam acreditar neles? Pois posso comprovar a existência de pelo menos um deles. Quem, então, pode ter escrito tal carta para dar-me conforto num momento em que necessitava muito ser tranquilizada, a não ser um dos adeptos mencionados? É verdade que não conheço a caligrafia; mas a maneira como essa carta me foi entregue foi tão fenomenal que ninguém, a não ser um adepto da ciência oculta, poderia ter feito isso. A carta prometeu o retorno de minha sobrinha — e a promessa foi devidamente cumprida. Entretanto, eu mandarei a carta a você, e, em duas semanas, o senhor a estará recebendo em Londres.⁷⁵

Dez dias mais tarde, a carta e seu envelope endereçados foram enviados para Olcott. Ambos estavam escritos em francês, em papel de arroz feito a mão, como usado em Cachemira e no Punjab.⁷⁶ Estava escrito:

Para a Ilustre,

Ilustríssima Senhora
Nadyejda Andreewna Fadeew,
Odessa

Os ilustres parentes da sra. H. Blavatsky não têm qualquer motivo para ficarem desolados. Sua irmã e sobrinha não deixou, de modo algum, este mundo. Ela está viva e deseja que aqueles a quem ama saibam que está bem e totalmente feliz no distante e desconhecido retiro que escolheu para si. Ela esteve muito enferma, mas não está mais, porque, graças à proteção de nosso Senhor Sangyas^{*1} encontrou amigos devotados que cuidam dela física e espiritualmente. As senhoras de sua casa devem, portanto, tranquilizar-se. Antes que 18 luas novas tenham surgido, ela retornará a sua família.

No envelope, na letra de Nadya, em russo, está escrito a lápis: “Recebido em Odessa, dia 7 de novembro [calendário russo], sobre Lyolinka, provavelmente do Tibete. 11 de novembro de 1870, Nadejda F.”⁷⁷

A carta foi divulgada pela primeira vez como parte do relatório de 1885 do Conselho Geral da Sociedade Teosófica com o seguinte comentário:

Tanto a carta como o envelope estão escritos na letra agora familiar do Mahatma K.H., de modo que aqueles que alegam que a sra. Blavatsky inventou, mais tarde, tanto o Mahatma como as suas cartas têm que contestar o fato de que ambos já eram conhecidos pela família da sra. Blavatsky... cinco anos antes da fundação da Sociedade Teosófica, na América do Norte.

Muitas pessoas, na Europa e na Índia, compararam cuidadosamente esta carta com outras recebidas fenomenicamente no santuário de Adyar e em outros lugares, bem como as longas cartas [de K.H.] que estão em poder do sr. Sinnett, e viram que a letra era absolutamente idêntica.⁷⁸ Mesmo Frederic Myers, da Sociedade para Pesquisa Psíquica, tomou posição favorável ao comentar a carta para a tia de HPB.⁷⁸ “Vi essa carta”, disse ele, “que certamente parece ter a letra de K.H.”.⁷⁹

Em uma carta a seus parentes (que antes estava de posse do conde Crawford e agora está em Adyar), HPB contou que seu Mestre tinha profundo respeito para com os ensinamentos de Cristo, e também que ela passou sete semanas numa floresta, perto das montanhas Karakoram. Ali ficou isolada do mundo, e só o seu instrutor vinha visitá-la diariamente, embora ela não tenha dito se ele vinha astralmente ou de outro modo. Enquanto estava lá, foi-lhe mostrada uma caverna-templo onde havia uma série de estátuas representando os grandes instrutores do mundo. Entre outras, existe, numa das passagens subterrâneas, “uma enorme estátua de bronze de Jesus perdoando Maria Madalena... Ao lado desta há uma estátua de Gautama dando água a um mendigo com as palmas de suas mãos. E

também uma outra do Buda bebendo água de um copo estendido para ele por uma prostituta-pária. *Isto Eu Sei*”.⁸⁰

*1 “Senhor Sangyas” é o título tibetano de Buda.

CAPÍTULO 10

Um Tempo de Espera

Depois de HPB deixar o Tibete, passou-se mais de um ano antes que ela se reunisse outra vez com seus parentes em Odessa. Nesse meio tempo, viajou pelo Oriente Próximo e Oriente Médio. Ela diz que foi para a Grécia e Chipre. E foi na Grécia que ela encontrou pela primeira vez o Mestre Hilarion.⁸¹ Segundo a condessa de Wachtmeister, ela estudou sob a orientação de vários Mestres na Síria e no Egito “e entrou em contato com muitos membros da Fraternidade”.⁸²

“Não tenho dúvida alguma”, escreveu o dr. Rawson, “de que a sra. Blavatsky passou a conhecer muitos, ou talvez todos os ritos, cerimônias e instruções praticadas entre os drusos do Monte Líbano na Síria, pois ela falou de coisas que eram conhecidas só pelos poucos privilegiados que haviam sido iniciados”.⁸³ O próprio Rawson havia sido iniciado lá, segundo o *Who Was Who in America (Quem Foi Quem na América)*, na edição que cobre três séculos, 1609-1896.

Na Grécia — no porto de Pireus — HPB embarcou no *SS Eunomia*, que se dirigia para as ilhas Jônias. O seu destino final era o Cairo. No entanto, o navio — carregado com pólvora e fogos de artifício — explodiu no meio da viagem. O *Lloyd* de Londres dá a data de 6 de julho de 1871. Dos quatrocentos passageiros, só dezesseis escaparam.⁸⁴ HPB perdeu todo seu dinheiro e seus pertences. O governo grego providenciou passagens para os sobreviventes até o seu destino.⁸⁵

Baseado em cartas mostradas a ele pelos parentes de HPB, Sinnett conta o que aconteceu durante esse período.

Em 1871, a sra. Blavatsky escreveu do Cairo contando a seus amigos que havia retornado recentemente da Índia e que seu navio havia naufragado em algum lugar (perto de Spezzia). Ela teve que esperar no Egito algum tempo antes de voltar para sua casa, e, nesse período, decidiu criar uma Sociedade Espírita para a investigação da mediunidade e dos fenômenos de acordo com as teorias e a filosofia de Allan Kardec, pois não havia outra maneira de dar às pessoas uma chance de verem por si mesmas como estavam enganadas. Inicialmente ela

deixaria circularem livremente os ensinamentos tal como aceitos e estabelecidos e depois, quando o público visse que não havia nenhum resultado concreto, ela daria suas próprias explicações. Para alcançar tal objetivo, ela disse que estava disposta a fazer qualquer sacrifício — até o de ser considerada durante algum tempo como uma médium. “Eles não conhecem nada melhor, e isso não me faz mal algum, pois logo mostrarei a eles a diferença entre uma médium passiva e uma trabalhadora ativa”, explicou ela.

Algumas semanas depois, diz Sinnett, outra carta foi enviada a seus amigos:

Nessa carta ela mostrava estar muito desgostosa com sua tentativa, que tinha se revelado um fracasso total. Ela havia escrito, parece, para a Inglaterra e a França pedindo um médium, mas sem qualquer sucesso. Em desespero de causa, ela tinha se rodeado de médiuns amadoras — mulheres francesas espíritas, na maior parte vigaristas maltrapilhas, quando não aventureiras, atraídas ao Egito devido à vinda de grande quantidade de engenheiros e trabalhadores chefiados pelo sr. de Lessep para trabalhar no Canal de Suez.

“Elas roubam o dinheiro da Sociedade”, escreveu HPB, “bebem como esponjas, e agora as apanhei enganando de modo vergonhoso os membros da nossa Sociedade Espírita com falsos fenômenos. Tive muitas cenas desagradáveis com várias pessoas que me acusavam de ser a única responsável por tudo isso. Então as mandei embora. A Sociedade Espírita não durou nem quinze dias — e é uma pilha de ruínas — majestosa, mas tão sugestiva como as encontradas nas tumbas dos faraós... Mas para culminar a comédia com um drama, quase fui atingida por um tiro dado por um louco — um grego — que estivera presente nas duas únicas reuniões públicas que fizemos, e que foi possuído, suponho, por algum fantasma maldoso.”⁸⁶

O original da sua última carta a respeito está nos arquivos da Sociedade Teosófica em Adyar e conclui com estas palavras: “Juro que colocarei um fim em tais sessões, pois elas são muito perigosas e não tenho a prática e a força necessárias para controlar os fantasmas maldosos que podem se aproximar dos meus amigos durante as sessões de trabalho.”⁸⁷

Após deixar o Cairo, Blavatsky viajou pela Síria,⁸⁸ Palestina e Constantinopla, reunindo-se finalmente com sua família em Odessa, em julho de 1872, onde permaneceu durante nove meses, até abril de 1873.⁸⁹ Tudo o que se sabe sobre esse período é um incidente que mais tarde HPB mencionou em uma carta para sua tia Nadya:

Nunca vou me esquecer dum dia típico, ou melhor, uma noite, em Odessa, em nossa casa, durante o jantar. A tia [Catarina de Witte] estava discutindo comigo sobre religião, e dizia firmemente que jamais um judeu ou adorador de ídolos poderia entrar no Reino dos Céus ou ser encontrado lá. Comecei então a pensar sobre essas palavras. “Se até minha tia, uma mulher tão boa, nobre e justa, foi cegada pela fé cristã a ponto de acreditar em uma injustiça tão terrível e horrorosa por parte de Deus, quais serão, então, as crenças dos outros cristãos, muitos dos quais não valem o dedo mínimo dela?”

... As diferenças de dogmas religiosos não foram criadas por santos, mas por todos os mortais pecadores [e] dividem a humanidade em nações e raças inimigas. Se não existissem dogmas, também não existiriam protestantes, católicos, budistas, bramanistas etc.; todos acreditariam em Um só Deus... e passariam a considerar-se irmãos... e teriam vergonha de matar e massacrar uns aos outros nas guerras, de torturar uns aos outros como animais, e de criar um inferno para os outros.⁹⁰

De Odessa, HPB foi a Bucareste para visitar um amigo e depois a Paris, onde viveu com seu primo Nicolau von Hahn. Entre os seus amigos estava uma médica, dra Lydia Marquette, que em Nova Iorque, dois anos depois, descreveu as atividades de Blavatsky quando estava na capital da França. Isso foi feito a pedido do coronel Olcott, que ficara preocupado com insinuações malévolas de que HPB havia levado uma “vida selvagem” em Paris. A doutora escreveu:

Nova Iorque, 26 de dezembro de 1875.

Caro Senhor:

Respondendo a suas perguntas, tenho a dizer que conheci a sra. Blavatsky em Paris no ano de 1873. Ela estava vivendo na *Rue Du Palais*, num apartamento com seu irmão (primo) Sr Hann e um amigo dele, sr. Lequeux. Eu a via quase diariamente, e, na verdade, passava uma boa parte do meu tempo com ela, quando não estava nos hospitais ou assistindo a conferências. Sou, portanto, capaz de dar um testemunho com base em conhecimento direto sobre seu comportamento. Tenho grande prazer em afirmar que o comportamento dela era sempre correto, fazendo-a merecedora de profundo respeito. Ela passava o tempo pintando ou escrevendo e raramente saía do seu quarto. Tinha poucos conhecidos, mas entre esse limitado número estavam o sr. e a sra. Leymarie. Considero a sra. Blavatsky uma das mulheres mais admiráveis e interessantes que já conheci, e desde o meu retorno da França nosso contato e amizade têm sido sempre renovados.

Respeitosamente,

Dra. L.M. Marquette⁹¹

Olcott conta que Blavatsky deixou Paris e foi para Nova Iorque: “HPB disse-me que tinha ido a Paris com a intenção de ficar lá durante algum tempo sob a proteção de um parente dela, mas certo dia recebeu dos [seus instrutores] uma ordem peremptória para ir a Nova Iorque e aguardar novas ordens naquela cidade. No dia seguinte ela embarcou com pouco dinheiro a mais do que o necessário para pagar a sua passagem.”⁹²

Vera escreveu de modo similar: “Em junho [1873] ela [HPB] estava em Paris, onde pretendia residir durante algum tempo, quando subitamente recebeu uma carta — ‘um conselho que eu não tinha nem desejo nem possibilidade de rejeitar’, como ela nos explicou em sua correspondência —

vindo de um dos seus instrutores do Extremo Oriente, no sentido de que ela fosse para a América.”

No final de junho, HPB embarcava para Nova Iorque. Um incidente, que ocorreu quando estava embarcando no navio, foi relatado anos mais tarde no *New York Times* (6 de janeiro de 1889). W. Q. Judge, que acabara de voltar de uma visita a ela em Londres, foi entrevistado por um repórter. Ao descrever a aparência de HPB, ele disse:

As características que mais chamam atenção nela são energia e grande bondade, que ela tem em quantidades iguais. Olhando para ela pode-se compreender que é o tipo de mulher capaz de fazer o que fez doze anos atrás, quando estava chegando aqui, procedente da França. Ela aportou em Havre com um bilhete de primeira classe para Nova Iorque, e com apenas dois ou três dólares de sobra, pois ela nunca carregava consigo muito dinheiro. No momento em que estava entrando a bordo do navio a vapor ela viu uma pobre mulher, acompanhada de duas crianças pequenas, chorando amargamente no cais.

“Por que você está chorando?” perguntou ela.

A mulher respondeu que o seu marido enviara-lhe dinheiro da América, onde ele estava, para permitir que ela e seus dois filhos se unissem a ele. Ela gastou esse dinheiro na compra de bilhetes de terceira classe para ela e os filhos, que não tinham nenhum valor pois haviam sido falsificados. Ela não sabia onde encontrar o vigarista que a enganara tão friamente, e estava sem qualquer dinheiro numa cidade estranha. “Venha comigo”, disse a sra. Blavatsky, que foi diretamente ao agente da companhia do navio e o induziu a trocar a sua passagem de primeira classe por passagens de terceira classe para ela própria, a pobre mulher e seus dois filhos.

Qualquer pessoa que tenha cruzado o oceano com passagem de terceira classe, em um navio cheio de imigrantes, poderá apreciar a grandeza desse sacrifício, feito por uma mulher dotada de grande sensibilidade...⁹³

Marion Meade descobriu que durante a viagem o navio “teve que enfrentar ventos vindos do oeste e mar muito agitados”. Isto causou problemas com as máquinas do navio, que ficou quatro dias parado ao sabor das ondas. “Nos navios de imigrantes”, acrescenta ela, “o local dos passageiros que viajavam em terceira classe só podia ser alcançado descendo uma longa escadaria. Quase não havia ventilação, e quando o tempo ficava ruim, as poucas aberturas eram fechadas. Duas semanas sem ar, num local superlotado, com falta de instalações higiênicas, com água e comida contaminadas e o perigo sempre latente de um naufrágio, intensificaram bastante o sofrimento dos viajantes. Relembrando a traumática experiência de HPB a bordo do *SS Eumonia*, podemos concluir que a travessia do Atlântico deve ter sido um pesadelo para ela.”⁹⁴

Para uma mulher com duas crianças, no entanto, era melhor estar a bordo do que abandonada sem dinheiro numa cidade estranha.

PARTE 4

América do Norte – Terra Pioneira

CAPÍTULO 1

Os Primeiros Dias em Nova Iorque

Ao chegar a Nova Iorque no verão*¹ de 1873, HPB não sentiu a admiração nem o medo de um imigrante. Afinal, ela já havia estado ali antes. Seria uma outra viagem de aventuras, ou vinha para ficar? Talvez nem ela mesma soubesse. A única informação que temos é que, em vinte e dois de setembro do mesmo ano, ela deu entrada nos papéis para naturalizar-se como cidadã dos Estados Unidos.¹

Em vista do seu passado de viagens constantes, os parentes de Blavatsky ficaram surpresos com este fato. Anos mais tarde, Vera observou: “Logo que ela encontrou um objetivo digno de todos os seus esforços, parou instantaneamente como um navio sem rumo que encontra finalmente um porto adequado e lança confiantemente a sua âncora para não mais navegar... Ela permaneceu fiel a este trabalho durante toda a sua vida. Dedicou a ele todo o seu tempo, a sua saúde e sua alma, depois de reconhecer que essa era a tarefa à qual estava destinada... ‘Os ideais e a fé foram perdidos em quase todas as partes’, costumava dizer. ‘A pseudociência os destruiu. As pessoas do nosso século exigem um enfoque científico, provas científicas da imortalidade do espírito. A antiga ciência esotérica as dará’.”²

A versão segundo a qual HPB deixou a França um dia depois de receber ordem neste sentido não foi inventada posteriormente, como alguns acreditam, mas é uma simples verdade corroborada após a sua morte. Olcott escreve: “Temos tido conosco em Adyar uma senhora norte-americana, a sra. Anna Ballard, uma jornalista veterana, membro vitalício do Clube da Imprensa de Nova Iorque, que, no cumprimento do seu dever profissional, conheceu HPB na primeira semana após a sua chegada a Nova Iorque. Ao longo das nossas conversas, entre muitos outros fatos menos importantes, a sra. Ballard casualmente mencionou algo que pedi que colocasse por escrito...” Aqui está o que ela escreveu:

Adyar; 17 de janeiro de 1892.

Caro Coronel Olcott:

Minha relação com a sra. Blavatsky é mais antiga do que você supõe. Eu a conheci em julho de 1873, em Nova Iorque, apenas uma semana após ela ter chegado. Na época, eu era repórter do *New York Sun*, e tinha de escrever um artigo sobre um assunto russo. Enquanto pesquisava os fatos, um amigo falou-me da chegada de uma senhora russa, e eu a procurei. Assim começou um relacionamento que durou vários anos.

Em nossa primeira conversa, contou-me que não tinha a menor intenção de deixar Paris e vir para a América até a noite anterior à sua partida, mas não disse por que veio tão apressadamente. Lembro perfeitamente bem como ela disse com um ar exultante: “Estive no Tibete.” Eu não podia compreender por que ela considerava isso mais notável do que as suas viagens ao Egito, à Índia e a outros países; no entanto, ela disse aquilo com grande animação e uma ênfase toda especial. Agora, naturalmente, sei o que a frase significava.

Anna Ballard.³

Folheando os jornais desse período, Fritz Kunz, editor do *Main Currents*, descobriu uma nota sobre HPB no *Tribune* de Nova Iorque (26 de setembro de 1873) e escreveu: “A mulher estava ativa muito antes que surgissem qualquer fama ou encantamento em torno dela devido aos seus poderes ocultos. O redator do *Tribune* conta a história de uma nobre russa que chegou na terceira classe de um navio porque tinha partilhado a sua passagem de primeira classe com alguns pobres imigrantes.”⁴

Quanto às circunstâncias da vida de Blavatsky e às pessoas com quem ela conviveu nesse período, pouco se sabia até Elizabeth Holt escrever o texto *Reminiscências de H.P. Blavatsky em 1873*, publicado no *Theosophist* em dezembro de 1931. Pela descrição da srta. Holt, aquela cidade parecia ser uma alternativa bastante pobre como possível berço de um movimento mundial, enquanto os centros culturais reconhecidos da civilização ocidental eram Londres e Paris:

A Nova Iorque de 1873, quando comparada com a cidade atual, era pequena. Você podia chegar ao extremo norte da ilha de Manhattan em veículos puxados a cavalo, e as carruagens públicas puxadas por estes animais levavam horas para fazer a viagem. Não havia pontes para cruzar os rios Leste e Hudson. Se fosse necessário cruzar, você usaria as barcas. Não havia, naturalmente, qualquer arranha-céu. O centro da cidade era dominado pela torre da Igreja da Trindade, que era a referência mais notável num raio de muitas milhas. O extremo norte da ilha era constituído principalmente de penhascos de granito, que ainda não tinham sido transformados em calçamento de ruas. Eles avançavam até a rua *Fortieth East*. Havia uma elevação da *Third Avenue* até a *Second Avenue*. Ali as pessoas desempregadas haviam construído barracas, e crianças e cabras brincavam juntas. Não havia construções na *Second Avenue* e na *Third Avenue* em alguns trechos próximos das águas do rio Leste. [A *Fifth Avenue*

e a *Broadway* eram utilizadas pelos veículos e, quando o Central Park foi aberto, no ano em que HPB chegou, houve dez milhões de visitantes.]

Os hábitos e pensamentos das pessoas eram tão diferentes dos de hoje em dia como aquela cidade de casas pequenas diferia da cidade atual, cheia de arranha-céus. Darwin e a teoria da evolução eram temas de discussões iradas. Eu lembro um sermão pregado pelo nosso clérigo — uma pessoa idosa e bondosa — sobre um horror que tinha chocado a cidade. Um teatro no Brooklyn havia sofrido um incêndio na semana anterior e cerca de trezentas pessoas, a maior parte mulheres e crianças, haviam morrido queimadas. O clérigo disse que Deus, na Sua justa cólera, tinha enviado o fogo para punir os frívolos que estavam gastando tempo em um local tão mau.

Mesmo nas relações sociais éramos vitorianos muito respeitáveis. Não havia, naturalmente, qualquer mulher que se envolvesse no mundo dos negócios; umas poucas, muito poucas, estavam começando a clamar pelos seus “direitos”; mas, quando as mulheres tinham que sair para o mundo para ganhar a vida, eram professoras, telegrafistas, costureiras de várias espécies em pequenas empresas que as remuneravam muito mal. Uma senhora que viajasse sozinha não era recebida nos melhores hotéis, sendo olhada com suspeita quando não era acompanhada por um parente masculino.

Foi provavelmente essa dificuldade em achar uma acomodação adequada que levou HPB à casa onde a encontrei. Eu sempre quis saber como ela, uma estranha chegando a Nova Iorque, havia descoberto tal casa. A casa em si mesma era única, e um produto daquela época em particular. Naqueles dias era difícil, para mulheres respeitáveis com recursos reduzidos, encontrar um lugar adequado para viver. Aconteceu então que cerca de quarenta mulheres iniciaram um pequeno empreendimento — uma comunidade em que viviam cooperativamente. Alugaram um prédio de apartamentos situado na rua *Madison*, 222 (no lado inferior do Leste), um dos primeiros construídos em Nova Iorque, creio. Sem capital e sem uma administração eficiente a experiência cooperativa fracassou depois de alguns meses.

Minha mãe e eu tínhamos passado o verão de 1873 em Saratoga. A fim de preparar-me para a escola quando ela começasse a funcionar, eu fui enviada em agosto para a casa da rua *Madison*, onde tínhamos uma amiga que me tomaria sob a sua proteção, e foi lá que conheci a sra. Blavatsky.

Até onde sei esta foi a sua primeira moradia em Nova Iorque. Ela possuía um quarto no segundo andar, e a minha amiga, um quarto duplo em frente ao dela. Dessa forma tornamo-nos vizinhas e amigas. Formávamos um grupo cooperativo. Nós nos relacionávamos com familiaridade e mantínhamos um quarto próximo da rua como sala de visita ou escritório. A posição do meu pequeno apartamento permitia que observasse bastante a sra. Blavatsky, que ficava sentada no escritório a maior parte do seu tempo; entretanto, raramente estava sozinha; ela era como um imã poderoso o suficiente para atrair à sua volta todos que podiam vir. Eu a via lá, sentada, dia após dia, enrolando os seus cigarros, fumando sem parar. Era, certamente, uma figura fora do comum. Penso que ela era mais alta do que parecia, pois era muito encorpada.^{*2} Toda a sua aparência transmitia a ideia de poder. Havia no prédio uma espécie de excitação contida devido à sua presença, uma excitação extremamente agradável e de certo modo misturada com um pouco de assombro.

Nunca olhei para a sra. Blavatsky como uma professora de ética. Exaltava-se quando as coisas pareciam-lhe erradas. Expressava a sua opinião com uma ênfase muito perturbadora. Eu nunca a vi irritada com qualquer pessoa ou coisa próxima a ela. Suas objeções eram impessoais. Quando enfrentávamos um dilema mental ou físico, íamos instintivamente até ela buscar ajuda,

porque sentíamos a sua coragem, sua informalidade, sua grande sabedoria e experiência, sua benevolência — sua simpatia pelos desvalidos.

Minha amiga, a srta. Parker, uma *lady* escocesa-irlandesa com pouco mais de trinta anos, bastante lógica e dotada de bom senso, ficou muito surpresa quando a sra. Blavatsky contou-lhe incidentes sobre a sua vida que, segundo minha amiga, eram conhecidos apenas por ela e por pessoas mortas. A mãe da srta. Parker havia morrido muitos anos antes. Quando a srta. Parker pediu à sra. Blavatsky para colocá-la em comunicação com sua mãe, ela disse que era impossível fazer isso porque sua mãe estava absorvida em coisas elevadas e progredira além dos limites em que podia ser alcançada. A sra. Blavatsky frequentemente afirmava estar sob a autoridade de poderes invisíveis; o espiritismo estava em voga naquele tempo, e as pessoas à sua volta pensavam que esses poderes invisíveis eram os seus “Espíritos Guias”. Essa era a conclusão mais natural para as pessoas que nunca haviam ouvido falar de poderes invisíveis fora da Igreja ou dos círculos espíritas.

Nessa época, a sra. Blavatsky estava muito preocupada com dinheiro; a renda que recebia regularmente do seu pai não vinha mais, e ela estava quase sem um tostão. As pessoas mais conservadoras da casa afirmavam que, afinal, ela era uma aventureira e que a falta de dinheiro não podia ser uma surpresa; mas a sra. Parker, que foi com ela até o cônsul da Rússia, assegurou-me que ela era realmente uma condessa russa;^{*3} que o cônsul conhecia sua família e tinha prometido a ela que faria tudo que pudesse para entrar em contato com os seus familiares e descobrir qual era a dificuldade. Devo dizer que a suspensão da sua renda habitual foi causada pela morte do seu pai e pelo tempo necessário para colocar em ordem os seus negócios, e que essa demora continuou até a sra. Blavatsky deixar o prédio da rua *Madison*, 222.

O proprietário da casa era um certo sr. Rinaldo, que recebia pessoalmente os aluguéis, e tornou-se conhecido por todos. Como todos os demais, ele ficou interessado em HPB e apresentou-lhe dois jovens amigos. Eles vinham vê-la muitas vezes e a ajudaram, na prática, dando-lhe trabalho. Eles sugeriram que ela fizesse cartões de propaganda com desenhos para eles e para outros; penso que os jovens tinham uma fábrica de camisas e colarinhos, pois o cartão que eu lembro melhor tinha pequenas figuras vestidas com camisas e colarinhos de sua confecção. Penso que aqueles foram os primeiros cartões com desenhos usados em Nova Iorque. A sra. Blavatsky também tentou trabalho decorativo em couro, e produziu algumas peças de fino acabamento; entretanto, elas não foram vendidas, e o trabalho em couro foi abandonado.

Olcott relata que, quando HPB vivia na rua *Madison*, ela também “se sustentava fazendo gravatas e flores artificiais para o bondoso dono de uma loja judaica. Ela sempre falava com gratidão desse pequeno homem”.⁵

A sra. Holt recorda que, algum tempo depois, ouviu dizer “que HPB foi a Ithaca para dar ao professor Corson, da Universidade de Cornell, um anel, dado a ela por um dos dirigentes misteriosos e que a identificaria como uma autêntica mensageira deles”. Hiram Corson era um notável espírita. Seu filho, Eugene, que era médico, publicou um volume da correspondência de HPB com seu pai. Na sua segunda carta, datada pelos correios como sendo de 16 de fevereiro de 1875, Blavatsky escreveu:

Estou aqui neste país, enviada pela minha Loja, em nome da presença da Verdade no espiritismo moderno, e é o meu dever mais sagrado revelar o que é [verdadeiro] e desmascarar o que não é. Talvez eu tenha chegado cem anos mais cedo... pois as pessoas parecem se preocupar cada dia menos com a verdade e a cada hora mais com o ouro, [e assim] meu fraco protesto e minhas tentativas não terão resultado.

Ela assegurou ao professor que seu interesse pelo espiritismo surgira “não por causa dos médiuns, sempre mentirosos e enganadores, instrumentos miseráveis de espíritos não-desenvolvidos da esfera inferior, do antigo Hades. Minha crença é baseada em algo mais antigo, e brota da mesma fonte de informação que era usada por Raymond Lully, Pico della Mirandola, Cornelius Agrippa, Robert Fludd, Henry More, etc., etc., todos os quais buscavam sempre um sistema que lhes abrisse ‘a mais insondável profundidade’ da natureza divina e mostrasse o real elo que mantém todas as coisas unidas. Eu vi, por fim — e há muitos anos — os anseios da minha mente serem satisfeitos por essa Teosofia^{*4} ensinada pelos anjos e por eles comunicada... para auxiliar o destino humano [esta é uma frase tipicamente judaico-cristã e cabalista]”.⁶

*1 O verão do hemisfério norte corresponde aos meses de junho a agosto. (Nota Ed. Bras.)

*2 O Dr. Alexander Wilder afirma que ela era alta (*The Word*, julho de 1908, p. 80). Sua irmã Vera diz a mesma coisa (*Russkoye Obozereniye*, dezembro de 1891, p. 578).

*3 Quando viajavam na Europa, tanto HPB como sua tia Nadya assinavam o registro dos hotéis como condessas. O primo de HPB era o conde Witte.

*4 Nove anos mais tarde, no dia 17 de novembro de 1875, a Sociedade Teosófica foi fundada. Depois disto, várias pessoas reivindicaram o crédito de haver introduzido o termo *Teosofia*. No texto acima, encontramos HPB usando essa palavra para identificar os ensinamentos que ela recebia dos seus instrutores — que não eram anjos no sentido cristão, mas homens vivos que funcionam normalmente num nível mais elevado de consciência, ao mesmo tempo em que vivem em corpos de carne e osso.

CAPÍTULO 2

O Auge do Espiritismo^{*1}

O espiritismo é rejeitado por muitas pessoas devido à sua associação com práticas estranhas, mas a palavra em si é inatacável. Ela significa apenas o oposto de materialismo, como HPB deixa claro em seu *Glossário Teosófico*:

ESPIRITISMO: em filosofia, um estado ou condição da mente oposta ao materialismo ou à concepção material das coisas. A Teosofia é uma doutrina segundo a qual tudo o que existe é animado ou formado pela alma ou espírito universal, e nem um átomo no Universo pode estar fora deste princípio onipresente. Este é o puro Espiritismo. Quanto à crença que acompanha esse nome, isto é, a crença numa constante comunicação entre vivos e mortos, seja através de poderes mediúnicos que tenhamos ou através dos chamados médiuns — isso nada mais é que a materialização do espírito e a degradação das almas humanas e divinas. Os que acreditam *em tais comunicações estão simplesmente desonrando os mortos e fazendo um constante sacrilégio*. Isso era chamado de “necromancia” nos dias de antigamente. Mas nossos espíritas modernos sentem-se ofendidos quando se diz esta simples verdade.

O espiritismo moderno começou em 1848 com o que é conhecido como “as batidas de Rochester”, ou manifestações psíquicas que rodeavam as irmãs Fox que viviam em Hydeville, Nova Iorque, não muito longe de Rochester.

Sir Arthur Conan Doyle observa em sua obra de dois volumes *History of Spiritualism (História do Espiritismo)* que: “Ou esse poder era contagioso ou estava descendo... como uma nuvem psíquica vinda do alto, manifestando-se naquelas pessoas que eram suscetíveis... Num espaço de tempo incrivelmente curto o movimento varreu todo o país, com muitas excentricidades e casos de fanatismo.”⁷ As religiões ortodoxas haviam dito apenas superficialidades sobre imortalidade e vida após a morte, enquanto os espíritas acreditavam ter a prova.

O professor R. Laurence Moore afirma que “não eram apenas os imaturos, os incultos e os crédulos que apareciam nas sessões ou círculos espíritas. O número de pessoas de destaque que comparecia a tais reuniões”

era impressionante.⁸ Mesmo distintos cientistas, como veremos, ficaram convencidos da autenticidade dos fenômenos após terem observado experiências controladas.

O Espiritismo floresceu não só nos Estados Unidos, mas também na Inglaterra, França, Alemanha e Rússia. O famoso médium Daniel Home foi em grande parte o responsável por tal sucesso na Europa. Conan Doyle escreve que “o imperador Napoleão III, a imperatriz Eugenia, o czar Alexandre, o imperador William I, da Alemanha, e os reis da Bavária e Wurttemberg ficaram igualmente convencidos desses poderes extraordinários”.⁹

O Espiritismo era uma onda irresistível na Rússia nos anos 1850; Nadya e Vera envolveram-se em experiências de escrita espírita e de mesas que viravam (levitação). Mesmo a tranquila e controlada tia Catarina uniu-se a esses círculos.¹⁰ HPB estava, então, muito longe de seu lar.

Na década de 1860, algumas sessões foram realizadas na Casa Branca. Uma delas é registrada por Carl Sandburg na sua biografia sobre Abraham Lincoln, na qual o presidente permitiu a presença de jornalistas, juntamente com o Secretário da Guerra, Stanton, e o Secretário da Marinha, Wells. Sandburg cita os longos noticiários que foram impressos em muitos jornais e a manchete: “Espiritismo na Casa Branca”.¹¹

A sra. Lincoln era uma espírita ardorosa, e o presidente tinha acesso por meio dela a uma notável médium, Nettie Colburn, a quem ele parecia consultar durante crises sérias na luta por preservar a união e libertar os escravos.¹² Certa vez perguntaram a Lincoln sua opinião a respeito da fonte de onde provinham as mensagens. Segundo uma testemunha, ele replicou: “Não tenho condições de descrever a inteligência que controla o organismo desta jovem. Ela certamente não poderia ter nenhum conhecimento [estando desperta] dos fatos que foram a mim comunicados, nem do que estava ocorrendo na reunião com o meu Gabinete antes de eu entrar nesta sessão, nem de coisas que estavam se passando no *front*, nem a respeito de eventos que eram conhecidos só por mim e que não comuniquei a mais ninguém, e que não foram revelados ao público.”¹³

“Lembramos”, observou uma testemunha desse período, “a perturbação geral na opinião pública e a inquietação entre os cientistas causadas naquele tempo pelo espiritismo... Isto representou a primeira quebra no

materialismo que enchia a mente das pessoas, obrigando-as pensar... A crença de que só existia o mundo físico foi abalada.”¹⁴

HPB aplaudiu as investigações científicas do espiritismo e, em seu artigo *As Provas da Ciência*, no *Theosophist*, de julho de 1881, dá uma impressionante relação de cientistas notáveis neste campo. Um era Alfred Russel Wallace, que, independentemente de Darwin, desenvolveu a teoria da evolução. No seu prefácio para *Miracles and Modern Spiritualism (Os Milagres e o Espiritismo Moderno)*, ele escreve:

Até o momento em que, pela primeira vez, fiquei sabendo dos fatos referentes ao espiritismo, eu tinha um firme ceticismo filosófico... Eu era um materialista tão convicto que era incapaz de conceber a ideia de uma existência espiritual... Fatos, entretanto, são coisas inflexíveis... Os fatos me venceram. Eles me compeliram a aceitar a realidade... [e] a aceitar o espiritismo.

Na lista de HPB também estava o famoso químico e físico *sir* William Crookes, que, como informa a Enciclopédia Britânica, “manteve a sua crença na realidade dos fenômenos ocultos desde a década de 1870 até a sua morte”.¹⁵ Em 1897, ele se tornou presidente da Sociedade para Pesquisa Psíquica e foi nomeado Cavaleiro do Reino nesse mesmo ano. No quinquagésimo aniversário da sua morte, o *The Scientific American* (abril de 1969) escreveu: “Em *sir* William Crookes temos um sucessor direto dos gigantes da antiguidade, homens que podiam voltar a sua atenção com igual facilidade para as diversas divisões da ciência e alcançar em cada uma delas a realização de trabalhos de grande importância. *Sir* William, com a notável combinação de diversos dons, aguda observação, uma paciente e inexaurível perícia na pesquisa, juntamente com uma mente brilhante e a imaginação de um poeta, conquistou definitivamente um local de destaque na lista de grandes cientistas ingleses.”

No seu livro *Researches in Spiritualism (Pesquisas Sobre Espiritualismo)*, Crookes descreve treze tipos de fenômenos que ele testemunhou, e comenta: “Com raras exceções, as muitas centenas de fatos que posso atestar — fatos impossíveis de imitar mesmo para um Houdini, um Boscoe ou um Anderson, com todos os recursos da maquinaria e sua prática de anos — aconteceram na minha casa, em momentos escolhidos por mim mesmo, e sob circunstâncias que impediriam o emprego de qualquer ajuda instrumental.”¹⁶

Blavatsky, Olcott e Sinnett eram amigos pessoais de Crookes. Ele e sua esposa filiaram-se à Sociedade Teosófica em 20 de novembro de 1883 e, no ano seguinte, ele passou a ser conselheiro da loja teosófica de Londres.¹⁷

HPB conclui seu texto *As Provas da Ciência* citando o livro do professor Zöllner sobre o espiritismo, *Transcendental Physics (Física Transcendental)* que publica confissões de dois notáveis mágicos profissionais da época: “Os senhores Maskelyne, de Londres, e Samuel Bellachini — que faziam suas apresentações na corte de Berlim — repetiram o que o célebre mágico francês Robert Houdin havia dito antes; isto é, que ‘as levitações sem contato, como as produzidas pelos médiuns, estavam completamente além do poder de um mágico profissional’; que isso não era o trabalho de nenhum agente humano, fosse qual fosse a sua causa.”*2

Maskelyne enfatiza: “Nunca neguei que tais manifestações espíritas sejam verdadeiras, mas disse que não havia nenhuma evidência de que os espíritos desencarnados não tivessem nada melhor a fazer do que levantar móveis ao seu redor.”

O fenômeno da levitação não é difícil de explicar diz HPB. Basta mudar a polaridade de um objeto ou de uma pessoa e ele subirá, porque a sua atração para o centro magnético da Terra — que causa a ilusão do peso — foi rompida.¹⁸ Isso pode ser feito de várias maneiras, uma das quais foi indicada anteriormente por HPB em uma carta para Hartmann. Merece ser repetida aqui, desta vez na íntegra, porque agora nos aproximamos do período em que HPB viu Olcott pela primeira vez. Isso ocorreu na famosa casa rural dos Eddy, em Vermont:

Fui enviada para a América com um propósito definido e mandada aos Eddy. Lá encontrei Olcott apaixonado pelos espíritos... Recebi ordens de fazê-lo saber que os fenômenos espíritas *sem a filosofia do Ocultismo eram perigosos e ilusórios. Provei a ele que tudo o que os médiuns* podiam fazer através dos [chamados] espíritos, outros poderiam fazer à vontade sem qualquer espírito; que as batidas, sons de sinos, leituras de pensamento, ruídos e fenômenos físicos poderiam ser feitos por qualquer um que tivesse a capacidade de agir com o seu corpo físico através dos órgãos situados no corpo astral; e eu tinha essa faculdade desde os meus quatro anos de idade, como bem sabe a minha família. Podia fazer com que móveis se movimentassem e objetos, aparentemente, voassem, pois os meus braços astrais, que os sustentavam, permaneciam invisíveis. Tudo isso ocorria mesmo antes de eu ter conhecimento dos Mestres. Bem, contei a Olcott toda a verdade. Disse-lhe que eu conhecia Adeptos, os “Irmãos”, não somente na Índia e em Ladakh, mas no Egito e na Síria —pois há “Irmãos” lá até hoje.

*1 No original, *Spiritualism*, que se refere à Escola Espírita da América e da Inglaterra, fundada pelas irmãs Fox, no século XIX, fundamentalmente fenomênica e que rechaçava quase unanimemente a doutrina da reencarnação, bem diferente do Espiritismo brasileiro e francês, baseado na Doutrina de Allan Kardec, que sustenta as doutrinas do *karma* e da reencarnação. Blavatsky ressaltava que os fenômenos de materialização desgastavam a energia vital do médium, prejudicando a sua saúde. Ela afirmou que ela mesmo era vítima desse desgaste, que acabou lhe encurtando a vida, pois havia dissipado energia vital, como afirmou: “Grande parte já foi gasta na época em que produzia meus fenômenos.” (WACHTMEISTER, *cet alli. Reminiscências de H. P. Blavatsky e de “A Doutrina Secreta”*. São Paulo: Pensamento, 1980. p. 39). (Nota Ed. Bras.)

*2 Isso parece desafiar — ou pelo menos leva a um exame mais profundo — o frequente anúncio de um prestidigitador (mágico) dos nossos dias, James Randi, de que pode produzir no palco qualquer fenômeno mediúnico, provando assim que tudo não passa de uma falsificação.

CAPÍTULO 3

Um Encontro Auspicioso

Henry Steel Olcott era um homem de vasta experiência quando, aos quarenta e dois anos de idade, conheceu HPB. Nascido em Orange, Nova Jersey, em uma família puritana, Henry frequentou a faculdade em Nova Iorque durante um ano. Depois trabalhou por dois anos numa fazenda em Ohio, após o que retornou a Nova Iorque para estudar agricultura científica.

Com pouco mais de vinte anos, ficou conhecido internacionalmente pelo seu trabalho em uma fazenda-modelo de agricultura científica, em Newark, Nova Jersey. O governo grego ofereceu-lhe uma cátedra de agricultura na Universidade de Atenas, e o governo dos Estados Unidos ofereceu a ele o cargo de diretor de agricultura. No entanto, ele preferiu trabalhar independentemente. Olcott tornou-se editor-adjunto de agricultura do *Tribune* de Nova Iorque.

Quando a Guerra Civil começou, Olcott alistou-se. De início, serviu em várias campanhas sob o comando do general Burnside; mais tarde foi nomeado Investigador Especial para combater a corrupção e o roubo no Departamento de Guerra.^{*1} Sua atividade foi tão eficiente que lhe valeu o título de Coronel. Ao terminar o inquérito, o Ministro da Guerra telegrafou-lhe dizendo:

Congratulo-o sinceramente pelo resultado do julgamento de hoje. Foi tão importante para o governo como a vitória em uma batalha.

Olcott fez um trabalho semelhante na Marinha. Mais tarde, quando Lincoln foi assassinado, foi um dos três escolhidos para investigar o crime.

Após a guerra, Olcott estudou Direito durante três anos e foi admitido no Tribunal de Nova Iorque, em 1868. Ele codificou as confusas práticas legais dos seguros e tornou-se especialista em direito alfandegário, receita, e casos que envolvessem a questão de seguros, adquirindo, dessa maneira, uma próspera clientela.²⁰

O interesse de Olcott em espiritismo originou-se nos dias em que estava trabalhando em agricultura, em Ohio, quando visitou três tios que eram espíritas fervorosos.²¹ Henry teve educação estritamente presbiteriana.

Quanto às circunstâncias que o levaram a conhecer HPB, ele escreveu em *Old Diary Leaves (Páginas de um Velho Diário)*:

Certo dia, no mês de julho de 1874, estava sentado no meu escritório de advocacia pensando sobre um caso intrincado para o qual havia sido contratado pela Corporação da Cidade de Nova Iorque, quando me ocorreu que durante anos nunca havia me interessado pelo movimento espírita. Não sei qual foi a associação de ideias que fez a minha mente passar da construção mecânica de hidrômetros para o moderno espiritismo e não sei como fui até uma banca de revistas, na esquina, onde comprei um jornal chamado *Banner of Light*. Nele li um relato de certo fenômeno incrível, a materialização das formas de fantasmas, que se dizia estar ocorrendo na cidadezinha de Chittenden, no estado de Vermont, a várias centenas de quilômetros de Nova Iorque. Percebi imediatamente que, se fosse verdade o fato de os visitantes poderem ver e até tocar e falar com parentes mortos, que tinham conseguido reconstruir os seus corpos e roupas de modo a serem temporariamente sólidos, este seria o fato mais importante da ciência física moderna. Resolvi, então, ir até lá e ver por mim mesmo. Assim o fiz e pude verificar que a história era verdadeira. Fiquei lá por três ou quatro dias, e depois retornei a Nova Iorque. Escrevi um relatório sobre minhas observações para o jornal *New York Sun*, que foi transcrito em várias partes do mundo, tão graves e interessantes eram os fatos. O editor do *New York Daily Graphic* me propôs retornar a Chittenden a serviço do jornal, acompanhado por um artista para desenhar segundo as minhas ordens, e fazer uma investigação completa dos acontecimentos. O assunto interessou-me de tal maneira que tomei as providências necessárias com relação aos compromissos que tinha no meu escritório, e no dia 17 de setembro estava de volta a “Eddy Homestead” como era chamada a propriedade, que levava o nome da família residente e proprietária. Permaneci naquela casa cheia de mistérios, rodeado de fantasmas e tendo diariamente as mais estranhas experiências, durante cerca de doze semanas — se não me falha a memória. Enquanto isso aparecia no *Daily Graphic* minhas cartas sobre os “Fantasmas de Eddy”, cada uma delas ilustrada com desenhos dos espectros que foram vistos pelo artista, o sr. Kappes, e por mim, assim como por todas as pessoas — às vezes mais de quarenta — presentes na sala de sessões.²²

Os irmãos Eddy, William e Horatio eram agricultores sem qualquer instrução. Havia um longo histórico de mediunidade em sua família. Uma ancestral deles fora presa e condenada como bruxa durante os julgamentos de Salem, em Massachusetts, em 1692. As sessões de William tomavam a forma de supostas materializações dos mortos, enquanto as de Horácio tinham um caráter diferente. Nada era cobrado para a admissão nas sessões; somente uma taxa a preço de custo pela moradia e alimentação de tantos hóspedes na casa.

O *Globe*, um jornal de Rutland, uma cidade vizinha, escreveu:

O coronel Henry S. Olcott, enviado pelo *Daily Graphic* para investigar e descrever as manifestações dos Eddy, fez surgir um sentimento que percorreu todo o país como uma brisa. Antes que a sua primeira carta enviada de Rutland aparecesse, o tema do Espiritismo jamais fora mencionado nos jornais tradicionais, desde os artigos do sr. Crookes e o panfleto do sr. Alfred Wallace na Inglaterra, que haviam deixado atônita a Europa. Agora os jornais diários de Nova Iorque discutem o assunto nos seus editoriais — quase todos eles enviaram repórteres para Chittenden e seus exemplos foram imitados pelos jornais de Chicago, Hartford, Rochester, Albany e muitas outras cidades. Qualquer que seja a verdade a respeito do caso Eddy, não há dúvidas de que a mente do público ficou muito excitada diante da questão da volta ou não dos espíritos dos mortos até nós.²³

Em Nova Iorque, os artigos de Olcott tinham tal procura que o *Graphic* vendia-os a um dólar a cópia, que foi o quanto HPB pagou por eles. Ela viajou com uma mulher francesa até os Eddy, chegando no dia catorze de outubro, e permaneceu durante duas semanas. Olcott recorda:

Lembro o dia em que nos conhecemos como se fosse ontem. Além disso registrei os fatos principais no meu livro [*People from the Other World (Pessoas do Outro Mundo)*, p. 293 e seguintes].^{*2} Era um dia ensolarado e até a casa velha e triste da fazenda parecia alegre. Ela está localizada no meio de uma paisagem adorável, num vale rodeado de encostas cobertas até seus picos por bosques verdejantes.

A hora da refeição principal era ao meio-dia na casa dos Eddy, e foi da porta de entrada do refeitório simples e desconfortável que Kappes e eu vimos HPB pela primeira vez. Ela havia chegado pouco antes do meio-dia com uma senhora franco-canadense, e elas estavam sentadas à mesa quando entramos. Meu olhar foi atraído pela blusa vermelha garibaldina que HPB usava, em forte contraste com as cores sem vida do ambiente. O seu cabelo era como se fosse um esfregão louro e espesso, que não chegava até os ombros, macio como seda e crespo até a raiz como a lã de uma ovelha Cotswold. Isso e a blusa vermelha foram as coisas que atraíram a minha atenção antes que eu examinasse as suas feições. Era um rosto calmuque^{*3} maciço, cuja impressão de poder, cultura e imperiosidade causava um contraste tão grande com as faces comuns dos que estavam na sala quanto o contraste causado por sua blusa vermelha. Detendo-me na soleira da porta, sussurrei para Kappes: “Que coisa estranha! Olhe para aquela figura, por favor!” Cruzei diretamente a sala e tomei um assento em frente a ela para me dedicar ao meu hábito preferido, o de estudar o caráter das pessoas. As duas senhoras conversavam em francês...

Terminada a refeição, as duas foram para fora da casa, e a sra. Blavatsky começou a enrolar um cigarro... Eu disse, então: “*Permettez moi, madame*” (Permita-me, senhora), e ofereci a ela o fogo para acender o seu cigarro. O nosso relacionamento começou com fumaça, mas ocasionou um fogo grande e permanente... Minha observação fora feita em francês, e nós começamos imediatamente a conversar nesse idioma... Passeando, falávamos sobre o fenômeno Eddy e de coisas de outras terras. Descobri que ela tinha sido uma grande viajante, tinha visto muitas coisas ocultas e conhecido adeptos da ciência oculta; no entanto, inicialmente, ela não me deu qualquer indicação da existência dos sábios dos Himalaias ou dos poderes que ela própria possuía. Ela falou da tendência materialista do espiritismo norte-americano, que era uma

espécie de excesso de fenômenos acompanhado por uma relativa indiferença para com a filosofia...²⁴

Em *People from the Other World*, escrito pouco depois, Olcott acrescenta:

Descobri gradualmente que aquela senhora, que merece o mais alto respeito por suas realizações brilhantes e grandes virtudes de caráter, assim como por sua elevada posição social, é uma das médiuns mais notáveis do mundo. Ao mesmo tempo, a sua mediunidade é totalmente diferente da de todas as outras pessoas que já encontrei; porque, em vez de ser controlada pelos espíritos e fazer a vontade deles, parece ser ela quem os controla para que façam o que ordenar. Não sei qual foi o segredo através do qual esse poder foi alcançado, mas posso testemunhar que ela o possui, porque tive muitas provas que não me permitem duvidar do fato.²⁵

Esse poder — ele compreendeu mais tarde — era mais uma mediação consciente do que mediunidade passiva; a primeira indicação desse fato eram as mudanças radicais das manifestações de Will Eddy quando HPB estava presente. Citando novamente *Old Diary Leaves*:

Até o aparecimento de HPB, as figuras que haviam se mostrado eram índios pele-vermelha, ou cidadãos norte-americanos ou europeus. Mas, na primeira noite depois da chegada de HPB, surgiram, diante de nós, fantasmas de outras nacionalidades: um menino servo georgiano do Cáucaso, um mercador muçulmano de Tiflis, uma jovem camponesa russa e outros. Em outra tarde manifestaram-se um cavaleiro curdo armado com uma cimitarra, pistolas e lanças... e um cavalheiro europeu usando a cruz e o colar de Santa Ana, que foi reconhecido pela sra. Blavatsky como sendo o seu tio.²⁶

O aparecimento de tais figuras na sala de sessões daqueles fazendeiros de Vermont, pobres e quase analfabetos, que não tinham dinheiro para comprar tais adereços teatrais nem a experiência para empregá-los se os tivessem, nem lojas onde pudessem comprá-los, era, para qualquer testemunha ocular, uma prova convincente de que as aparições eram autênticas...^{*4}

Só muito tempo depois fui informado de que ela as havia evocado com seus próprios poderes, muito desenvolvidos. Ela afirma o fato numa nota escrita no nosso T.S. Scrapbook (Caderno de Recortes e Anotações da S.T.), volume 1, anexada a um recorte retirado do *Spiritualist* [Londres], de janeiro de 1875.²⁷

O recorte é parte de um artigo intitulado *Formas Materializadas de Espíritos*, de Benjamin Coleman, que diz o seguinte a respeito de HPB: “A presença da condessa em várias das sessões dos Eddy provocou as manifestações mais surpreendentes, incluindo o aparecimento dos espíritos de várias pessoas conhecidas dela em outros países.” HPB acrescentou a tinta: “Sim, pois EU MESMA os chamei.”²⁸

Olcott conta que, durante a sua permanência com os Eddy, “HPB fez o possível para que eu duvidasse do valor dos fenômenos de William Eddy como prova do controle inteligente de um médium pelos espíritos. Disse que, se fossem autênticos, esses fenômenos teriam que ser o afastamento do duplo do médium, deixando o seu corpo e revestindo-se de outras aparências [projetadas inconscientemente pelos que estavam presentes, desejando ver os seres que amavam], mas eu não acreditei nela. Argumentei que as formas apresentavam muitas diversidades de altura, volume, e aparência para que fossem disfarces de William Eddy. As formas tinham de ser o que pareciam ser, os espíritos dos mortos. As nossas discussões eram muito acaloradas em certas ocasiões, pois naquele tempo eu não havia me aprofundado o suficiente na questão da natureza plástica do duplo humano para perceber a verdade nas suas sugestões, e nada sabia da teoria oriental de *Maya*”.²⁹

HPB observou que “mesmo a forma materializada do meu tio nas sessões dos Eddy era uma imagem; eu mesmo a havia produzido com minha mente, pois viera para fazer experiências, sem dizer isso a ninguém. Era como se eu tivesse lançado uma imagem externa do meu tio sobre o corpo astral do médium. Eu via e acompanhava o processo, sabia que Eddy era um médium autêntico, e os fenômenos eram completamente reais, e, portanto, quando vieram dias difíceis para ele, eu o defendi nos jornais”.³⁰

Uma das suas experiências teve, de certo modo, um êxito excessivo: “Eu evoquei a forma de alguém que considerava morto, mas que agora sei que estava vivo e bem de saúde, foi ‘Michalko’, meu criado georgiano! Ele agora vive com um parente distante em Kutasis [Kutais], segundo minha irmã me informou há dois meses, de Paris. Ele havia sido considerado morto, e eu também pensava assim, mas, levado a um hospital, ficou bom. Isso é o suficiente sobre ‘identificação de espíritos’.”³¹

Infelizmente, a explicação dada sobre a materialização dos mortos não parece aplicar-se a alguns casos. É aqui que entra o aspecto repulsivo do espiritismo. Isso ocorre quando os pensamentos dos que estão sentados nas sessões atraem para o médium os restos do corpo astral, em desintegração, jogados fora pela alma quando ela vai para os estados de consciência mais altos entre uma vida e outra. HPB escreveu o seguinte para sua irmã:

Quanto mais médiuns eu vejo — pois os Estados Unidos são um verdadeiro berçário, e o mais prolífico criadouro para médiuns e sensitivos de todas as espécies, autênticos e artificiais — mais eu vejo o perigo que rodeia a humanidade... Você lembra, Vera, como eu fiz para você uma série de experiências em Rugovedo, e como eu via frequentemente fantasmas de pessoas que haviam morado na casa, e os descrevia para você, porque você nunca podia vê-los... Bem, era a mesma coisa, noite e dia, em Vermont. Eu via e observava essas criaturas desprovidas de almas, as sombras de seus corpos terrestres, abandonados pela alma e pelo espírito, na maior parte dos casos, há muito tempo, mas que lutavam e preservavam as suas sombras semimateriais, [alimentando-as com as energias vitais de] centenas de visitantes que entravam e saíam do local, e dos próprios médiuns...

Eu ficava horrorizada ao observar o processo! Aquilo me fazia adoecer e ficar atordoada; entretanto eu tinha que olhar, e o máximo que podia fazer era manter essas criaturas desagradáveis ao alcance do meu braço. Mas era impressionante ver como os espíritos davam as boas-vindas a essas criaturas provenientes do umbral! Eles choravam e alegravam-se em volta do médium vestido com essas sombras vazias materializadas... [Isso] fazia o meu coração condoer-se deles. “Ah, se eles pudessem ver o que vejo”, desejei inúmeras vezes. Se eles soubessem que esses simulacros de homens e mulheres eram feitos inteiramente de paixões e vícios terrenos e de pensamentos mundanos dos restos da personalidade que havia existido... porque são aqueles restos que não puderam acompanhar a alma e o espírito libertados, e que foram deixados à espera de uma segunda morte na atmosfera terrestre^{*5}, que podem ser vistos por um médium comum ou pelo público.³²

É por isto que HPB diz em outro texto que os hindus e budistas advertiam desde os tempos antigos sobre as influências terríveis que surgem da comunicação com os mortos.³³

Em contraste com este “tipo inferior de manifestações... e os chavões da linguagem dos médiuns”, HPB observa que existem “fenômenos verdadeiramente maravilhosos de um nível mais elevado, onde são mostrados inteligência e conhecimento indiscutíveis”. Esses, diz ela, surgem da atividade do eu interno ou superior do sensitivo.³⁴ Em outros casos, uma alma avançada pode usar um canal puro para alcançar algum objetivo benéfico. Um exemplo disso talvez seja a experiência de Abraham Lincoln com a médium, contada anteriormente.

Uma das razões básicas por que os teósofos desencorajam a noção de que os mortos se comunicam com os vivos é que esse constante envolvimento dos mortos com o nosso mundo, com todas as suas misérias e crueldades, transformariam a vida após a morte num inferno e não num céu. A alma requer paz e um descanso espiritual entre uma vida e outra.³⁵ Isso, entretanto, não significa que estejamos separados dos nossos seres queridos que morreram. Em *A Chave Para a Teosofia*,^{*6} Blavatsky escreve:

Estamos com aquelas com quem perdemos na forma material, e muito, muito mais perto deles agora do que quando estavam vivos... Pois o puro amor divino não é meramente a flor de um coração humano, mas tem suas raízes na eternidade... o amor além-túmulo, embora vocês possam chamá-lo ilusão, possui uma potência mágica e divina que reage sobre os vivos... manifestar-se-á nos seus sonhos e, com frequência, em vários acontecimentos – em proteções e salvamentos providenciais, pois o amor é um forte escudo, não limitado pelo espaço ou tempo. [Além disso] o *karma* faz com que, mais cedo ou mais tarde, todos aqueles que se amaram com tamanha afeição espiritual reencarnem mais uma vez no mesmo grupo familiar.³⁶

*1 Olcott era particularmente hábil ao detectar fraudes. Assim, mais tarde, ao investigar o espiritismo, ele estava bem capacitado para detectar casos de charlatanismo, como veremos mais tarde. Sir Arthur Conan Doyle, o criador do extraordinariamente perspicaz Sherlock Holmes, admirava o trabalho de investigação sobre o espiritismo de Olcott. Bons exemplos disso podem ser encontrados no seu *People from the Other World* (Pessoas do Outro Mundo), pp. 106-119, 174-176. A Sociedade para Pesquisas Psíquicas, entretanto, retratou Olcott como uma testemunha ingênua dos fenômenos de HPB. (Isso não é verdadeiro, embora a memória dele possa ter falhado, às vezes, quando se lembrava de acontecimentos de anos anteriores.)

*2 Em *People from the Other World*, Olcott diz: “Já descrevi todos os fenômenos e os testes que inventei e apliquei contra fraudes”. E “é difícil pensar em qualquer precaução que ele não tenha tomado”, comentou Conan Doyle. (*History of Spiritualism*, vol. 1, p. 273.)

*3 Calmuque: relativo às tribos mongóis budistas que habitam desde a China Ocidental até o vale inferior do rio Volga. (Nota Ed. Bras.)

*4 As aparições foram desenhadas detalhadamente pelo artista Kappes para o *Graphic*, e foram, também, reproduzidas no livro *People from the Other World*. O livro está disponível hoje em uma bela edição de uma editora de Rutland, Vermont, EUA, Charles E. Tuttle Co. (1972).

*5 O professor Huston Smith observa que as comunicações dadas pelos médiuns “devem ser encaradas com grande suspeita, pois os ‘espíritos’ em questão não são almas integradas e nem mesmo mentes integradas. Consistem, principalmente, de ‘resíduos psíquicos’ que as mentes abandonam ao atravessarem o plano psíquico...” (*Forgotten Truth*, Nova Iorque, Harper Row, 1976, pp.72-73).

*6 BLAVATSKY, H.P. *A Chave para a Teosofia*, Brasília: Ed. Teosófica, 2020. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 4

Primeiro Trabalho Público

No ano anterior à fundação da Sociedade Teosófica, HPB estava defendendo a causa dos espíritas. Tendo em vista os seus verdadeiros sentimentos — bem como o perigo de tais práticas — é um desafio saber por que ela fazia isso. No entanto, no meio deles como uma aliada, talvez ela visse a possibilidade de afastá-los dessas práticas e de despertar os mais esclarecidos para uma filosofia racional que não somente explicasse o fenômeno mas também os múltiplos mistérios à nossa volta.³⁷

A sua defesa pública dos espíritos começou, como Olcott recorda, imeditamente após seu retorno a Nova Iorque, vinda de Vermont:

Um renomado médico de Nova Iorque, o dr. Beard, atraído a Chittenden pelos meus artigos no *Graphic*, formulou uma explicação bombástica e tola dos fantasmas dos Eddy, como sendo um mero truque. HPB destruiu as suas acusações numa resposta datada de 27 de outubro e publicada no *Graphic* em 30 de outubro. Sua carta foi uma defesa tão valente e brilhante dos médiuns Eddy, e seu testemunho em relação às sete “formas de espírito” reconhecidas por ela foi tão convincente, que gerou de imediato uma publicidade que nunca mais a deixaria...³⁸

Ela mantinha um tom de camaradagem brusca e desafiadora em tudo o que dizia e escrevia naqueles tempos, fascinando a todos com o seu humor inteligente e seu desprezo pelas hipocrisias sociais e todo tipo de “grosserias”, deixando-os abismados com seus poderes psíquicos. A erudição de *Ísis sem Véu* ainda não se mostrava nela, mas ela constantemente se apoiava em sua memória, onde havia guardado uma grande quantidade de recordações, com histórias de perigos pessoais e aventuras, e um conhecimento da ciência oculta muito maior que o de qualquer outra pessoa que já tenha aparecido na América do Norte, até onde sei. Ela era uma personagem totalmente diferente do que viria a ser mais tarde, quando as pessoas viram-na dedicada à grande tarefa da sua vida, para a qual todo o seu passado tinha sido apenas uma escola preparatória.³⁹

A carta de HPB para o dr. Beard abre o volume primeiro dos seus cadernos de anotações e recortes. O historiador teosófico Michael Gomes observa:

A sra. Blavatsky ainda é a maior cronista da história da Sociedade Teosófica. Os arquivos de Adyar contêm vinte grandes livros de recortes com trechos que cobrem os anos de 1874 até 1884, organizados, indubitavelmente, por HPB. Os sete primeiros volumes, com mil artigos e

referências à Sociedade Teosófica em Nova Iorque, são os mais fortemente anotados por ela e dividem-se em volumes temáticos, muitas vezes com títulos tais como “História Pré-natal e Pós-natal da Sociedade Teosófica”.⁴⁰

Após o atrito com Beard, HPB dedicou-se a minimizar um grande escândalo que ameaçava destruir o movimento espírita. Um destacado espírita, Robert Dale Owen, ex-membro do Congresso dos Estados Unidos e ex-embaixador no exterior, admitiu publicamente ter sido enganado em sessões conduzidas pelos médiuns Jennie Holmes e seu marido Nelson, nas quais o famoso espírito de Katie King teria supostamente se manifestado. O espírito havia se manifestado anteriormente em sessões mantidas por *sir* William Crookes, na Inglaterra, e quando ele apareceu nos Estados Unidos todo país foi tomado pela expectativa. A bolha arrebentou quando uma mulher, Eliza White, confessou ter-se fantasiado de Katie.⁴¹ Robert Owen tinha dado o seu poderoso testemunho garantindo a veracidade das manifestações.

Para salvar a situação, os Holmes apelaram, através de Owen, para que Olcott testasse os poderes deles.^{*1} Ele concordou e foi em companhia de HPB, que já estava na Filadélfia, onde moravam os médiuns. A primeira sessão foi realizada no dia 11 de janeiro de 1875 e a última, no dia vinte e cinco. No conjunto, todas elas foram um sucesso, mas foi somente na última noite que ocorreu uma materialização completa de Katie, estabelecendo, assim, aparentemente, a credibilidade da mediunidade de Jennie Holmes.⁴² Anos mais tarde, para sua surpresa, Olcott soube que o mérito pertencia a outra pessoa. Folheando o primeiro volume dos cadernos de anotações e recortes de HPB, viu a seguinte nota escrita a mão por ela, que, devido ao seu conteúdo, concluiu ele, “destinava-se a ser publicada após a sua morte”:

NOTA IMPORTANTE

Sim. Lamento dizer que tive que me identificar no vergonhoso episódio dos médiuns Holmes com os espíritas. Tive que salvar a situação, pois fui enviada de Paris para a América com o propósito de provar o fenômeno e sua realidade e mostrar o erro das teorias espíritas sobre os “espíritos”. Mas como poderia eu fazer isso da melhor maneira? Não queria que todas as pessoas soubessem que poderia produzir a mesma coisa pela minha vontade. Eu recebera ORDENS em contrário, e, todavia, tinha que manter viva a ideia da realidade, da veracidade e da possibilidade de tais fenômenos nos corações daqueles que, de materialistas, haviam se tornado espiritualistas e agora, devido ao desmascaramento de vários médiuns, deixavam de ser espiritualistas, voltando novamente a ser materialistas, [e] retornando ao seu ceticismo.

Esse é o motivo por que, selecionando alguns dos mais fiéis, fui até os Holmes e, auxiliada por M. e o seu poder, mostrei a face de John King e Katie King [vindos] da luz astral, produzi o fenômeno da materialização e permiti que os espíritos em geral acreditassem que isso tinha sido obtido através da mediunidade da sra. Holmes. Ela ficou terrivelmente amedrontada, pois sabia que, desta vez, a aparição era real.

Será que errei? O mundo não está preparado ainda para compreender a filosofia da Ciência Oculta — que as pessoas, primeiro, tenham certeza de que existem seres num mundo invisível, sejam “espíritos” dos mortos ou elementais, e de que há certos poderes ocultos no homem capazes de fazer dele um Deus na terra.

Quando eu estiver morta, as pessoas talvez valorizem minhas ações altruístas. Empenhei minha palavra, fazendo um voto de auxiliar as pessoas na Verdade enquanto viver — e mantereí a minha palavra. Que me critiquem e me apedrejem. Que alguns me chamem de MÉDIUM e de espírita e outros, de impostora. Dia virá em que a posteridade aprenderá a me conhecer melhor.

Oh mundo pobre, tolo, crédulo e perverso!

M. traz ordens de formar uma Sociedade — uma sociedade secreta como a Loja Rosacruz. Ele promete ajudar.

HPB⁴³

A julgar pela última frase, a nota deve ter sido escrita pouco antes de setembro de 1875, quando foi anunciada pela primeira vez a formação da Sociedade Teosófica. Houve um período relativamente breve em que os seus ensinamentos foram secretos, em virtude da distorção e do ridículo levantado pelos jornais e detratores do movimento quando ouviram falar deles.⁴⁴

Quem é o John King mencionado acima? Como HPB recebeu ordens de não revelar, inicialmente, que os fenômenos ocorridos em sua presença eram executados por ela mesma, tinha que atribuí-los a alguém, e escolheu John King, um nome conhecido dos círculos espíritas. Isso agradou a Olcott, que ainda era um espírita convicto. Ele comentou: “Os bebês não têm de ser alimentados com leite?... Não fui levado a crer inicialmente que estava tratando com espíritos desencarnados? E não foi criada uma figura inicial para dar batidas, escrever e materializar formas para mim sob o pseudônimo de John King?” Esse nome foi usado por HPB nesta época também para encobrir os nomes dos seus instrutores e agentes. “Pouco a pouco”, Olcott acrescenta, “HPB fez-me saber da existência dos adeptos orientais e dos seus poderes e provou-me com grande número de fenômenos o seu controle sobre as forças da natureza, que era [até então] atribuído a John King”.⁴⁵

Simultaneamente HPB começou a ensinar-lhe filosofia esotérica e metafísica. Ela escreveu: “Henry, recebi uma tarefa árdua e perigosa: ‘tentar’ ensinar a você, usando meu inglês pobre e capenga. Eles *devem* ter grandes esperanças em sua *intuição*, pois posso assegurar que tenho muito pouca esperança nos meus poderes oratórios ou na minha capacidade de dar uma explicação clara e definida. Compreende isso, meu amigo? Bem, faço o que posso...”⁴⁶

Olcott não foi o único a receber esses ensinamentos privativos. Em *A Doutrina Secreta* (vol. 1, p. XVIII-XIX da edição em inglês da TPH) Blavatsky relata que “uma parte considerável da filosofia”, exposta mais tarde quando ela viajou para a Índia, foi “ensinada na América, mesmo antes de *Ísis Sem Véu* ser publicada, a dois europeus e ao meu colega, coronel Olcott...” Um deles era William Q. Judge, e o outro, um advogado, C. C. Massey, que tinha vindo de Londres por um certo tempo.

Após as sessões dos Holmes em Filadélfia, HPB permaneceu lá durante muitos meses. Durante esse período ela se casou com Michael Betanely, um georgiano do Cáucaso. O seu primeiro marido, de acordo com todas as informações disponíveis, estava morto.^{*2} Olcott conta a história:

Uma de minhas cartas de Chittenden para o *Daily Graphic* despertou o interesse desse sr. B. — um súdito russo — e ele me escreveu da Filadélfia⁴⁷ expressando o seu forte desejo de encontrar minha colega e falar com ela sobre Espiritismo. Ela não fez objeção, e ele veio para Nova Iorque no final de 1875 [na verdade 1874] e se conheceram. Aconteceu que o sr. B. caiu imediatamente num estado de profunda admiração, o qual expressou verbalmente e, mais tarde, por carta, a ela e a mim. Ela passou a afastá-lo persistentemente ao perceber que ele tinha interesse matrimonial e ficou muito irritada com a sua insistência. O único efeito disso foi acentuar a devoção dele, que, por fim, ameaçou suicidar-se caso ela não aceitasse o casamento... Ele disse que nada pediria a não ser o privilégio de cuidar dela, que seu sentimento era de adoração altruísta pela sua inteligência grandiosa e que não reclamaria privilégio conjugal algum. Ele a assediou tanto — no que me parecia um ataque de loucura — que ela por fim concordou em confiar em sua palavra e ser nominalmente a sua esposa. Ficou estipulado que ela não mudaria seu nome e que seria livre e independente de todas as restrições disciplinares, como sempre... O resultado inevitável é que os dois, casados, só moraram juntos por alguns poucos meses. O esposo esqueceu os seus votos de altruísmo... e ela o deixou e não voltou mais.

Betanelly solicitou divórcio, que foi concedido, baseado na deserção da esposa. Vários anos depois, como os seus negócios fracassaram, ele retornou para a Geórgia.⁴⁸

“Durante esse período de matrimônio”, diz Olcott, “o tempo de HPB foi totalmente preenchido com artigos para a imprensa, no início sobre o espiritismo ocidental e, mais tarde, sobre [o Ocultismo] do Oriente”.⁴⁹ Grande parte dessa atividade foi realizada quando HPB estava seriamente doente de um ferimento na perna ocorrido no começo do ano quando ela caiu no chão. Profundamente preocupado, Betanelly escreveu para o general Lippitt: “O dr. Pancoast, que a estava atendendo e tentando curá-la, abandonou o caso, dizendo que ele dificilmente poderia fazer alguma coisa, uma vez que pode surgir uma paralisia ou, ainda pior, pode ser necessária a amputação da perna. Não sei o que fazer. E imagine que neste momento, tão doente, ela se mantém escrevendo, trabalhando e redigindo cartas todo o tempo, quando, segundo o conselho do médico, ela devia repousar e não sobrecarregar o seu cérebro. Acredito que a sua doença é causada, em parte, por sua falta de cuidado consigo mesma e por excesso de trabalho. Embora ajude os outros, ela não pode ou não quer ajudar-se, nem mesmo para curar a sua perna.”⁵⁰

Essa foi uma época de grande depressão e de uma provação interna para HPB, quando, segundo revelou um dos seus instrutores, seu futuro parecia estar colocado na balança e não havia nenhuma segurança.⁵¹

*1 Numa carta ao general Lippitt, recebida no dia 9 de março de 1875, HPB observa que os Holmes eram médiuns autênticos somente quando estavam em transe profundo, o que, aparentemente, não ocorria com frequência. Nas outras ocasiões, eles enganavam. (HPB Speaks, vol. 1, pp. 55-56). Entre os médiuns profissionais isso ocorria frequentemente quando seus poderes estavam numa “maré baixa”, e uma audiência raivosa exigia algo que estivesse à altura do dinheiro pago.

*2 Doze anos mais tarde se descobriu que o sr. Blavatsky havia-se retirado para a propriedade rural de seu irmão, e que estava muito vivo!

CAPÍTULO 5

Novos Rumos

Em julho de 1875, foi publicado um artigo de HPB que ela qualificou em seu caderno de anotações e recortes como “meu primeiro disparo *oculto*”.⁵² O texto foi publicado sob o título *Algumas Questões para Hiram*, e nunca teria sido escrito se ela não tivesse comprado uma propriedade rural em Long Island no verão anterior. O co-proprietário, Clemente Gerebko, quebrou o contrato e Blavatsky iniciou uma ação para recobrar as suas perdas. A firma Bergen, Jacobs e Ivins tratou do caso. William Ivins foi o advogado de HPB no julgamento, que ocorreu diante de um júri, no dia 26 de abril de 1875. Era um jovem advogado naquela ocasião, mas, mais tarde, teria destaque na sua atividade profissional e cívica. Durante este período ele registrou algumas das circunstâncias do julgamento:

Naqueles dias, Long Island ficava muito distante de Nova Iorque, pois o sistema de transportes era limitado. O calendário desse julgamento era muito lento, e todas as partes envolvidas tinham que esperar a sua vez para serem ouvidas. Como muitos dos documentos e testemunhas eram franceses, e não havia intérprete no tribunal, William S. Fales, estudante em uma firma de advocacia do general Benjamin Tracy, serviu como intérprete especial e relatou o testemunho de Blavatsky, feito em francês. Durante duas semanas, o juiz, advogados, funcionários administrativos, clientes e intérprete foram hóspedes de um monótono hotel do interior...⁵³

Ivins registrou que enquanto esperava que seu caso fosse julgado, HPB estava traduzindo para o russo *History of Civilization in England* (*História da Civilização na Inglaterra*), de H. T. Buckles, e *Origin of Species* (*Origem das Espécies*), de Darwin.⁵⁴ Também ocorreram outras coisas, acrescenta Zirkoff em *Collected Writings* (*Escritos Reunidos*), de HPB: “Ivins, além de ser um brilhante advogado, era um rato de biblioteca com uma memória fenomenal. Mais como piada do que seriamente, ele inundava sua cliente com [perguntas sobre] Ocultismo, Gnosticismo, Cabala e magia branca e negra. Fales, influenciado por Ivins, fazia longas dissertações sobre aritmética mística, astrologia, alquimia, simbolismo medieval, neoplatonismo, rosacruzianismo e quaternários.”⁵⁵

Quanto ao julgamento, alguns detalhes foram dados por Charles R. Flint, amigo de Ivins e Fales durante muito tempo, no seu livro *Memories of an Active Life* (*Memórias de uma Vida Ativa*):

... A senhora, que era sua própria testemunha principal, testemunhou de modo completamente diferente do que seus advogados pensavam que ela faria... Como advogados cautelosos, eles haviam trabalhado com a senhora antes do julgamento e haviam-na aconselhado sobre quais pontos enfatizar; mas, para seu desconforto, quando a testemunha foi chamada, ela tomou o seu próprio rumo e avançou por linhas de argumentação completamente opostas às instruções que havia recebido. Quando os advogados reclamaram, explicou que um “familiar” seu, a quem ela chamava Tom [John] King, permanecia a seu lado [invisível para todos a não ser para ela], e a auxiliava no seu depoimento. Após a Corte ter aceitado julgar o caso, a senhora deixou a cidade, mas escreveu várias cartas a Ivins, perguntando a ele sobre o progresso da ação, e, finalmente, deixou-o estupefato quando lhe deu o esboço de uma opinião que, disse ela, a Corte emitiria dentro de alguns dias, com uma decisão a seu favor. Confirmando a sua predição, a Corte deu uma sentença sustentando o seu direito de modo similar ao que ela havia indicado em sua carta.⁵⁶

Ivins e Fales pertenciam a uma prestigiada sociedade de debates no Brooklyn e, numa tarde, encontraram-se com outros três membros, Frederick Hinrichs, James Robinson e Charles Adams. Anos mais tarde, Hinrichs, na época um destacado reformador político, escreveu o seguinte a respeito dessa reunião:

[Eles] sugeriram jocosamente uns aos outros que escrevessem um artigo místico sobre Teosofia, ciência esotérica e temas relacionados. Eu estava lendo *Zanoni* — um livro sobre rosacrucianismo — e sobre a vida de Paracelso; por isso, escrevi especialmente nesta linha. A senhora [HPB] alegava ser rosacruz, e [então Fales] deu ao artigo que ele havia composto, a partir das nossas três ou quatro contribuições separadas e sem relação entre si, o título de rosacrucianismo. Fales também criou o acróstico “Hiraf” a partir das nossas iniciais [dando esse nome como o do autor do texto]. Todos nós rimos muito do artigo composto e o enviamos para a sra. Blavatsky em Boston. Ela o publicou em dois números do seu periódico, e, recordo isso bem, escreveu dois elogiosos editoriais sobre “Hiraf”. Teósofos disseram-nos que nós jovens tínhamos escrito melhor do que julgávamos e que fomos provavelmente inspirados por poderes mais altos. Nada sei a respeito disso, embora talvez tenha sido assim. O certo é que “Hiraf” foi extensamente citado como uma autoridade em várias publicações impressas...⁵⁷

O periódico ao qual Hinrichs refere-se é *The Spiritual Scientist* (*O Cientista Espiritual*) publicado em Boston pelo editor E. Gerry Brown. Atraídos pela crítica corajosa sobre os males do Espiritismo, Blavatsky e Olcott contribuíram com artigos e apoio financeiro.⁵⁸

O ensaio de “Hiraf” foi publicado nas edições de 12 e 8 de julho do *Spiritual Scientist*, e a resposta de HPB seguiu-se nos dois números

seguintes. Foi o primeiro anúncio por parte dela sobre a existência de fraternidades de adeptos. “Eu estou contando”, diz ela, “um pouco do pouco que reuni nas minhas longas viagens percorrendo o Oriente em várias direções — aquele berço do Ocultismo”. Seguem-se alguns trechos:

Entre as numerosas ciências pesquisadas por um bem-disciplinado exército de estudantes atentos do século atual, nenhuma foi mais ridicularizada do que a mais antiga delas — a ciência das ciências, a venerável origem de todos os modernos pigmeus [o Ocultismo]. Em geral, o Ocultismo é como uma poderosa arma de dois gumes nas mãos de alguém que não esteja preparado para devotar sua vida inteira a ele. A teoria do Ocultismo, se não for baseada numa sólida prática, sempre será — aos olhos dos que têm preconceitos contra esta causa pouco popular — uma especulação tola e louca, que só serve para agradar os ouvidos de mulheres velhas e ignorantes. Quando olhamos para trás e vemos como foi tratado o Ocultismo nos últimos trinta anos... como podemos ter esperanças de que o Ocultismo... que permanece em relação ao Espiritismo como o infinito está para o finito... poderá facilmente ganhar terreno onde o próprio Espiritismo é objeto de zombaria?...

Hiraf tem dúvidas sobre se existem na Inglaterra, ou em outro lugar qualquer, o que chamamos de colégios regulares para neófitos dessa Ciência Secreta. Eu digo, com base em conhecimento pessoal, que estes lugares existem no Oriente — na Índia, na Ásia Menor, e em outros países...

A real, a completa Cabala [oriental] das primeiras eras da humanidade está nas mãos de uns poucos filósofos orientais. Onde eles estão, quem são eles, é algo que está além do que me é permitido revelar... A única coisa que posso dizer é que tal corpo existe, e que a localização das suas fraternidades nunca será revelada a outros países até o dia em que a humanidade em massa despertar da letargia espiritual e abrir seus olhos cegos à luz fascinante da verdade.⁵⁹

Olcott comentou que, naquele momento em que o mundo ocidental estava entusiasmado com o surgimento espetacular da ciência moderna, as pessoas ficavam assombradas ao ouvirem dizer que existia uma ciência antiga e que havia seres humanos vivos neste mundo que conheciam os seus segredos.

Seguiram-se outros artigos de HPB sobre o Ocultismo oriental. Um escritor observa:

Os espíritas de 1875 não sabiam nada desses assuntos. Basta folhear as páginas dos jornais devotados aos fenômenos espíritas e à religião para descobrir o contraste chocante entre as fantasias psíquicas do espiritismo convencional e o vigor filosófico dos escritos da sra. Blavatsky... Vinte e sete anos de sessões espíritas não trouxeram nenhum progresso real, somente um acúmulo trivial de mensagens psíquicas, sem qualquer importância particular, salvo a maneira miraculosa com que era feita a comunicação.⁶⁰

Dos cinco homens que formaram a sigla Hiraf, três — Ivins, Hinrichs e Robinson (até a sua morte prematura) — continuaram em contato com Blavatsky. Em 1912, conversando com um amigo mútuo, Ivins qualificou-a

como uma “mulher maravilhosa [que] possuía as mais brilhantes qualidades de todas as mulheres que havia conhecido. Ele lamentava a decisão dela de dedicar toda a sua vida a formar uma sociedade e acreditava que se HPB tivesse dedicado o seu tempo exclusivamente a escrever teria adquirido renome e vivido uma vida muito mais tranquila. Ele aceitava o fato de que ela possuía dons psíquicos de grande poder, mas pensava que ela poderia ter usado seus talentos a serviço da literatura em geral em vez de ir para a Índia ensinar religião... Ele a havia visto executar muitos fenômenos e não podia questionar o seu dom supremo naquele campo. Sua única crítica era que HPB poderia estar enganada ao empreender a tarefa ingrata de convencer as pessoas de que há outros planos de existência”.⁶¹

Se HPB tivesse seguido o seu conselho, ela teria certamente vivido uma vida mais tranquila e teria tido menos inimigos, especialmente entre os espíritas, pois, quando ela começou a escrever abertamente sobre os perigos da mediunidade, os jornais espíritas iniciaram uma campanha vingativa para atacar o caráter pessoal de HPB, que durou vários anos. Quando ela morreu em 1891, o *Religio-Philosophical Journal* escreveu que “como monstruosidade moral, ela não tem rival entre o sexo feminino neste país. As fraudes espúrias que ela produzia para gratificar o seu amor pelo engano e sua ambição, e para encobrir os seus pecados verdadeiros, terminaram com a sua morte”.^{*162}

Na primavera de 1875, Blavatsky escreveu no seu caderno de anotações e recortes:

Recebi ordem de começar a contar ao público a verdade sobre os fenômenos & seus médiuns. E agora o meu martírio vai começar. Terei contra mim todos os espíritas, além dos cristãos e dos céticos! Seja feita a Tua Vontade, ó M...!

HPB escreveu para a esposa do professor Corson, Caroline, em março de 1876, a respeito das calúnias vindas dos “meus piores inimigos, os espíritas e os médiuns... [que] não deixavam de fazer nenhuma baixeza, nenhuma infâmia... Na verdade estarei feliz se, perdendo minha reputação, tiver salvado milhões que estão agora perdidos na ilusão de que todos os espíritos que se comunicam com eles são anjos de pureza, *espíritos desencarnados*... A verdade vem à luz de modo muito lento, lamentavelmente; mas é impossível esconder a luz debaixo de um vaso.”⁶³

*¹ Estes fatos ocorreram em um momento específico da história do movimento espírita, no final do século dezenove. O espiritismo evoluiu muito desde então. Hoje, as discordâncias não causam tanta desarmonia e se dá mais importância ao que há de comum entre os dois movimentos. Muitos espíritas estudam teosofia, e numerosos teósofos veem com simpatia o movimento espírita. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 6

Chega Outro Colega

Não muito depois que Henry Steel Olcott e HPB retornaram a Nova Iorque, no verão de 1875 (julho ou agosto), entrou em cena outro cofundador da Sociedade Teosófica. Era um irlandês de nascimento com vinte e quatro anos de idade, chamado William Q. Judge.

Judge tinha lido o livro de Olcott *People from the Other World* (*Pessoas do Outro Mundo*) [uma série de artigos sobre os Eddy publicados no *Daily Graphic*] e, após ter escrito para o seu autor, foi convidado para encontrar-se com HPB em sua casa em *Irving Place* 46.*¹ Ele foi, mais tarde, responsável pela difusão e crescimento da Sociedade Teosófica na América.

Judge esteve em contato estreito com os teósofos de Dublin e era considerado por eles seu herói especial. William Butler Yeats e George Russel (Æ), os principais líderes do influente Renascimento Literário Irlandês, estavam ativamente associados à Sociedade Teosófica de Dublin.⁶⁴ Em *Ulysses*,⁶⁵ James Joyce fala da consideração do grupo por “Judge, o mais nobre romano entre eles todos”. Após a sua morte, Russel escreveu: “Judge era o homem mais impressionante que conheci, não por nenhum ar de dignidade, mas simplesmente pelo que ele era.”⁶⁶

Quanto à juventude de Judge, muito pouco se sabe. Ele nasceu em Dublin, no dia 13 de abril de 1851. Sua mãe, Alice Mary Quan, morreu quando ele ainda era criança, durante o parto do seu sétimo filho. Seu pai, Frederick Judge, foi maçom e interessava-se por misticismo. William adoeceu mortalmente quando tinha sete anos. Num resumo da vida de Judge está registrado que “o médico declarou que o pequeno doente estava agonizando e, então, declarou que havia morrido; mas, na explosão de tristeza que se seguiu a esse anúncio, descobriu-se que a criança tinha revivido...”⁶⁷

Durante a convalescença, o menino revelou aptidões e conhecimentos nunca mostrados antes, deixando os mais velhos assombrados, perguntando-se como e quando ele havia aprendido

todas essas coisas novas. Ele parecia o mesmo, e, todavia, não era o mesmo; a família teve que conhecê-lo de novo, e apesar de ninguém saber que ele já aprendera a ler, depois da sua recuperação, aos oito anos, nós o encontramos devorando o conteúdo de todos os livros que podia obter referentes a mesmerismo, frenologia, personalidades, religião, magia, rosacrucianismo, e profundamente interessado no Livro do Apocalipse [na Bíblia], tentando descobrir o seu real significado...

Ele era frágil, sem ser doente, mas indomável e com uma perseverança muita acima da sua idade. Um episódio da sua infância ilustra esses traços. Ele estava com outros meninos na margem de um rio. Seus companheiros nadaram para uma ilha um pouco afastada da margem, de onde gritavam e faziam pouco do seu companheiro mais moço, que não sabia nadar... Ele mergulhou na água, resolveu a ir até a ilha ou morrer. Quando não conseguiu mais dar pé na água, ele afundou, tocou o fundo, andou alguns passos no leito do rio, subiu, é claro, esperneou, afundou, deu um passo após o outro, repetiu o processo, e, assim, lutando, subindo, afundando, esperneando, e, acima de tudo, prendendo a respiração, ele, de fato, alcançou a ilha, onde foi retirado semi-inconsciente pelos atônitos companheiros.⁶⁸

Esta atitude de não ter medo, de uma persistência indomável, manifestou-se depois, quando Judge suportou grandes provas e dificuldades para levar adiante o trabalho nos Estados Unidos, sem ninguém para ajudá-lo.

Quando William estava com treze anos, a família Judge emigrou para os Estados Unidos e estabeleceu-se no Brooklyn, em Nova Iorque. William tentou terminar os seus estudos antes de começar a trabalhar. Finalmente se tornou um funcionário do escritório de advocacia de George P. Andrews, que mais tarde veio a ser juiz da Suprema Corte de Nova Iorque. Em abril de 1872 naturalizou-se, e, um mês depois, foi admitido no Tribunal Estadual de Nova Iorque.

Por ocasião da morte de HPB, Judge descreveu o seu primeiro encontro com ela:

Foram os seus olhos que me atraíram, os olhos de alguém que devo ter conhecido em vidas ocorridas há muito tempo. Ela me reconheceu na primeira hora, e, desde então, nunca mais seu olhar se modificou. Não vim até ela como um questionador de filosofias, nem como alguém no escuro, ansiando pelas luzes que escolas e teorias fantasiosas obscureceram, mas como alguém que havia peregrinado durante muito tempo através dos corredores da vida, e estava procurando os amigos que pudessem mostrar onde os planos para o trabalho tinham sido ocultados. E, atendendo lealmente a este pedido, ela respondeu, revelando mais uma vez os planos, sem usar palavras para explicar, simplesmente apontando para eles e voltando para a sua tarefa. Era como se na tarde anterior tivéssemos nos afastado, deixando algum detalhe do trabalho empreendido com uma meta comum; éramos instrutor e discípulo, a irmã mais velha e o irmão mais novo, ambos voltados para a mesma finalidade,^{*2} mas ela com o conhecimento e o poder que pertencem somente aos leões e sábios. E então, à primeira vista, considere-me salvo. Outras pessoas, eu sei, teriam olhado com suspeita para um fenômeno que não pudessem

verificar, e, embora seja verdade que elas apresentavam muitas alegações capazes de questionar sábios e deuses, era somente devido à sua cegueira que não conseguiam ver o olhar de leão, o coração de diamante de HPB.⁶⁹

De acordo com um amigo íntimo, Judge dizia frequentemente que “nunca teve uma existência realmente consciente até *Ísis* retirar o véu para ele”.⁷⁰ HPB era conhecida por esse nome pelos seus amigos mais íntimos em Nova Iorque.

*1 Têm sido publicadas datas conflitantes do ano em que W. Q. Judge conheceu HPB, pois ela morou somente por pouco tempo em *Irving Place*, em novembro de 1874 e do verão até o outono de 1875. A data de 1875, entretanto, está claramente implícita em declarações de Judge e de outros. Veja *The Path (A Senda)*, de junho de 1891, p. 66; *Lucifer*, de 15 de junho de 1891, p. 290; A.P. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky (Incidentes na Vida da Senhora Blavatsky)*, pp. 186-87; *The Theosophist*, de novembro de 1892, p.73; *The Irish Theosophist*, de 15 de março de 1896, pp. 112-13; *Theosophy*, de junho de 1896, p. 76; Michael Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement (O Alvorecer do Movimento Teosófico)*, p. 84; Eek e de Zirkoff, *William Q. Judge: Theosophical Pioneer (William Q. Judge: Pioneiro Teosófico)*, p. 6.

De uma carta manuscrita de William Q. Judge para a Sra. Cape [penso que foi escrita em outubro de 1893]: “Em 1874, quis olhar mais em detalhe o Espiritismo e encontrei o livro do coronel Olcott, *People from the Other World*. Escrevi a ele pedindo o endereço de um médium. Ele respondeu dizendo que não conhecia nenhum, mas tinha uma amiga, a sra. Blavatsky, que lhe havia solicitado que me pusesse em contato com ela. Eu fui até *Irving Place* 46, em Nova Iorque, e a conheci. Pouco depois, durante uma reunião em sua casa, H.P. Blavatsky pediu que eu consultasse o coronel Olcott, que estava do outro lado da sala, sobre a ideia de fundar uma sociedade. Assim o fiz e, então, convoquei uma reunião, a qual dirigiu provisoriamente, e indiquei Olcott como presidente permanente, e ele foi eleito. Ele então assumiu a direção e indicou-me como secretário e fui eleito. Esse foi o começo da Sociedade Teosófica.” (William Q. Judge.)

*2 HPB disse certa vez que “Judge era uma parte dela há várias idades”. *Letters That Have Helped Me (Cartas que Me Ajudaram)*, p. 277. Carta de Londres de HPB para Judge, do dia 23 de outubro de 1889, reimpressa em *The Theosophical Forum*, de junho de 1932, pp. 192-193. O original está nos arquivos da S.T. em Pasadena, Califórnia, EUA.

CAPÍTULO 7

O Nascimento de Um Movimento

Ao folhear o caderno de anotações e recortes de HPB, encontramos a seguinte anotação com sua letra, datada de junho de 1875:

Ordens recebidas da Índia mandam estabelecer uma sociedade filosófico-religiosa & escolher um nome para ela — e também escolher Olcott.⁷¹

No dia 7 de setembro de 1875, dezesseis ou dezessete pessoas reuniram-se na casa de HPB em *Irving Place* 46 para ouvir uma conferência de George H. Felt, um engenheiro e arquiteto, sobre *O Cânone Perdido das Proporções dos Egípcios, Gregos e Romanos*.⁷² A palestra foi recebida entusiasticamente, e Olcott escreveu num pedaço de papel: “Não seria uma boa ideia formar uma sociedade para este tipo de estudo?”^{*1} Ele passou o papel a William Q. Judge que o passou a HPB, e ela acenou com a cabeça concordando. Judge sugeriu que Olcott fosse o presidente, e este, por sua vez, sugeriu Judge como secretário. A reunião foi suspensa até a noite seguinte.

Um registro desse primeiro encontro apareceu em um jornal de Nova Iorque e foi reimpresso em *Nineteenth Century Miracles (Milagres do Século Dezenove)*, de Emma Hardinge Britten, de onde foi retirado o seguinte:

Um movimento de grande importância foi iniciado há pouco em Nova Iorque sob a direção do coronel Henry S. Olcott, com a organização de uma sociedade que será conhecida como Sociedade Teosófica.^{*2} A sugestão surgiu sem qualquer premeditação, e foi feita no dia 7 na residência da sra. Blavatsky, onde um grupo de dezessete damas e cavalheiros havia-se reunido para ouvir o sr. George Henry Felt, cuja descoberta das figuras geométricas da cabala egípcia pode ser considerada uma das mais surpreendentes realizações do intelecto humano. A reunião incluía várias pessoas de grande conhecimento e algumas com grande influência pessoal. Os diretores comerciais de duas publicações religiosas; os coeditores de duas revistas literárias; um doutor em Direito de Oxford, um venerável erudito judeu e viajante de reputação; um redator de editoriais de um dos jornais diários de Nova Iorque; o presidente da Sociedade Espírita de Nova Iorque; o sr. C. C. Massey, um visitante inglês [advogado]; a sra. Emma Hardinge Britten e o dr. Britten; dois advogados de Nova Iorque, além do coronel Olcott; o

sócio de uma editora da Filadélfia; um médico bem conhecido [dr. Seth Pancoast] e, mais notável de todos, a própria sra. Blavatsky, compreendiam a audiência do sr. Felt...⁷³

*Meeting held at
No 46 Irving Place
on
Wednesday Evening, September 8th. 1875.*

*In consequence of a proposal of Col. Henry D. Clark, that
a society be formed for the study and elucidation of the
occultism, the Cabala, the Tarot and gemstones etc.
and these present resolved themselves into a meeting,
and, upon motion of Mr. W. L. Judge it was
Resolved, that Col. H. D. Clark take the chair
Upon motion it was also
Resolved, that Mr. W. L. Judge act as secretary
The Chair then called for the names of the persons
present who would agree to form and belong to a society
such as had been mentioned. The following persons handed
their names to the Society:*

*Col. Clark, John W. L. Harcourt, Chas. Sotheran,
Dr. Chas. F. Simmons, H. D. Warrack, C. F. Murray
of London, W. L. Alden, J. H. Felt, Dr. S. Pancoast,
Dr. Writton, Mrs. E. H. Writton, Henry J. Writton, John
W. L. Judge, W. L. Judge, the Chair*

*Upon motion of Mr. W. L. Judge it was
Resolved, that a committee of three be appointed
by the chair to draft a constitution and by laws and to
report the same at the next meeting.*

*Upon motion it was
Resolved, that the chair be added to the constitution
The Chair then appointed Messrs. H. J. Writton, W. L.
Judge and C. F. Murray to the said committee.*

*Upon motion it was
Resolved, that no new members could be received
until September 13th. at the same place, at 8 & 9 PM.*

*H. D. Clark Chairman
W. L. Judge Secretary*

8. Ata da primeira reunião da Sociedade Teosófica em Nova Iorque, em 8 de setembro de 1875. (Arquivos da Sociedade Teosófica, Pasadena, Califórnia.)

Entre os presentes, mas não citados no registro acima, estavam William Livingston Alden, um redator de editoriais para o *New York Times*; John Storer Cobb, editor de *New Era*, órgão dos judeus reformados; Charles Sotheran, um estudioso, editor de *American Bibliopolist* e maçom de grau elevado.

Nas reuniões posteriores, os estatutos foram aprovados e os dirigentes, eleitos. Olcott foi escolhido presidente, e o dr. Pancoast e George Felt vice-presidentes. HPB concordou em trabalhar como secretária correspondente, Sotheran como bibliotecário e Judge como conselheiro. A escolha de um

nome para a sociedade foi difícil. Folheando as páginas de um dicionário, Sotheran encontrou a palavra *Theosophy* (Teosofia), que foi aceita por unanimidade.

A palavra tem uma história venerável que remonta aos neoplatônicos, e mais tarde foi usada pelos cristãos místicos.⁷⁴ Derivada das palavras gregas *theos*, “deus”, e *sophia*, “sabedoria”, ela significa “sabedoria divina, aquela possuída pelos deuses”.⁷⁵

Tentar definir os termos mais especificamente é uma tarefa difícil, como admite o professor Ralph Hannon num artigo sobre o assunto:

Responder à questão “O que é Teosofia?” é parte da história da Sociedade Teosófica desde o seu começo. No primeiro número de *The Theosophist*, a sra. Blavatsky escreveu um longo artigo respondendo a esta questão. Numerosas tentativas foram feitas. Em muitas ocasiões me tem sido feita a mesma pergunta tanto por membros como por não-membros. Tenho receio de que minhas várias respostas tenham sempre deixado algum grau de dúvida. Só recentemente comecei a compreender que estava tentando isso de forma demasiado rígida. A resposta, tal como acontece com todas as coisas, é realmente uma hierarquia; um sistema de vários níveis limitado somente pela nossa capacidade de compreender. Em outras palavras, “O que é Teosofia?” é um *koan*. É dito a nós no Zen que “um *koan* é uma formulação... que aponta para a verdade última. Os koans não podem ser solucionados com o uso do raciocínio lógico, mas somente pelo despertar de um nível mais profundo da mente, situado além do intelecto discursivo.”⁷⁶

O professor Hanon abre o seu artigo com um trecho dos escritos do sr. Judge:

A força da Teosofia está no fato de que ela não é definível. Isso significa que a evolução, progredindo lentamente, trará à luz novos aspectos das velhas verdades, impedindo desta forma quaisquer dogmas ou “definições inequívocas”.⁷⁷

Como filosofia prática e ética, entretanto, a Teosofia *pode* ser definida, como indica Blavatsky numa carta para a Convenção Anual dos Teósofos norte-americanos:

Muitos dos que jamais ouviram falar da Sociedade são teósofos sem o saberem; pois a essência da Teosofia é a perfeita harmonização do divino com o humano no homem, o ajustamento das suas qualidades e aspirações divinas, e o controle destas sobre as paixões terrestres e animais. Bondade, ausência de todo sentimento mau ou egoísmo, caridade, boa vontade para com todos os seres e justiça perfeita tanto para os outros como para si mesmo são as principais características. Aquele que ensina Teosofia está pregando o evangelho da boa vontade, e o inverso disso é também verdadeiro — aquele que prega o evangelho da boa vontade ensina Teosofia.⁷⁸

Ela observa em outro texto que “há uma diferença notável entre as igrejas cristãs e a nossa sociedade: enquanto qualquer indivíduo batizado, criança ou adulto, é chamado de cristão, nós sempre traçamos uma linha divisória clara e nítida entre um *teósofo* e um simples membro da S.T. Um teósofo, para nós, é alguém que faz da Teosofia uma força viva em sua vida.”⁷⁹ Numa outra ocasião, ela parafraseou a expressão “generoso é aquele que age generosamente”, dizendo: “teósofo é aquele que age teosoficamente”.⁸⁰

Podemos perguntar que bons trabalhos de natureza prática a própria Sociedade Teosófica realizou ao buscar a realização dos seus objetivos. Na mesma carta de 1888, HPB respondeu:

Os teósofos são necessariamente amigos de todos os movimentos pelo melhoramento das condições da humanidade, sejam eles intelectuais ou simplesmente práticos. Nós somos amigos de todos os que lutam contra o alcoolismo, contra a crueldade para com os animais, contra as injustiças para com as mulheres, contra a corrupção na sociedade ou no governo, apesar de não nos envolvermos com a política. Somos amigos dos que exercem a caridade prática, que buscam levantar um pouco o tremendo peso da miséria que está esmagando os pobres. Mas, na nossa qualidade de teósofos, não podemos nos engajar em nenhuma dessas grandes tarefas em particular. Como indivíduos podemos fazer isso, mas como teósofos temos um trabalho mais importante e muito mais difícil a fazer...

A função do teósofo é abrir os corações e as mentes dos homens para a caridade, a justiça e a generosidade, atributos que pertencem especificamente ao reino humano e são naturais no homem, quando ele já tem desenvolvidas as qualidades do ser humano. A Teosofia ensina o homem-animal a ser um homem-humano; e quando as pessoas tiverem aprendido a pensar e a sentir da forma como verdadeiros seres humanos devem sentir e pensar, elas agirão humanitariamente, e trabalhos de caridade, justiça e generosidade serão feitos espontaneamente por todos.⁸¹

O movimento teosófico tem três objetivos, como foi revelado em nosso Prefácio. São os seguintes:

1. Formar o núcleo de uma fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
2. O estudo de religiões, filosofias e ciências antigas e modernas e a demonstração da importância de tal estudo; e
3. A investigação das leis inexplicadas da Natureza e dos poderes psíquicos latentes no homem.

Para o ingresso na S.T. era exigida apenas a concordância com o primeiro objetivo. Não era necessário acreditar em *karma*, reencarnação,

existência dos Mestres, ou qualquer outro ensinamento. O fato de a Sociedade não ter qualquer credo foi definido nos anos 1880 na Corte de Justiça norte-americana, quando foi concedido um decreto de incorporação à Sociedade Teosófica de St. Louis. O juiz August W. Alexander despachou: “A peticionária não é um corpo religioso no sentido estatutário... ensinar meramente religiões não é um trabalho religioso, de acordo com os estatutos. Deve ser notado que no artigo 2º da constituição dessa Sociedade, a palavra religião é usada no plural. Ensinar religiões é educativo e, não, religioso. ‘Promover o estudo de religiões’ é, em parte, promover o estudo da história do homem. Acrescento a afirmação suplementar de que a Sociedade não tem um credo religioso nem pratica qualquer culto.”⁸²

Geralmente se considera que a data de criação da S.T. é 17 de novembro de 1875, quando o seu presidente proferiu o discurso inaugural, setenta dias após a Sociedade ter sido proposta inicialmente. As palavras de abertura provaram ser proféticas: “No futuro, quando o historiador imparcial escrever um relato sobre o progresso das ideias religiosas no século atual, a formação desta Sociedade Teosófica, cuja primeira reunião, de acordo com os seus princípios formais, estamos fazendo agora, não passará sem ser noticiada.”

Quando HPB incluiu no seu caderno de anotações e recortes os recém-publicados Preâmbulo e Estatutos da Sociedade Teosófica, ela escreveu exultante:

A Criança Nasceu! Hosana!⁸³

Quinze anos depois, quando vivia em Londres, HPB foi convidada pelo editor de uma importante publicação norte-americana, *The North American Review*, para contribuir com um ensaio sobre “o progresso recente da Teosofia”. Sob este título, seu artigo apareceu em agosto de 1890, descrevendo as vitórias fenomenais que atingiram, profundamente, vários campos do pensamento humano. Estamos levando em consideração aqui somente as causas que contribuíram para tal sucesso. Ela observou:

O movimento teosófico era uma necessidade da época. Ele foi difundido devido ao seu próprio impulso, e nada deve a métodos adventícios. Desde o início não teve dinheiro, nem doações, nem patrocínio governamental ou social para seu proveito. Esse movimento apelou para certos instintos e aspirações humanos, e defendeu um elevado ideal de aperfeiçoamento, que estava

em conflito com os interesses escusos da sociedade, os quais estavam destinados a combatê-la...

Aceitando com gratidão os resultados do estudo científico e a exposição pública dos erros teológicos, e adotando os métodos e as máximas da ciência, os seus defensores tentam salvar do desastre a preciosa porção de verdade que pode ser encontrada em cada uma delas. Descartando a teoria do milagre e do sobrenatural, eles tentam estabelecer os laços que unem toda a família das religiões existentes no mundo e promover a sua reconciliação comum com a ciência...

Durante muitos anos a “grande órfã”, a Humanidade, tem gritado em meio às trevas pedindo orientação e luz. Entre os esplendores crescentes do progresso puramente material de uma sociedade que nutriu o intelecto, mas deixou o espírito sem alimento algum, a Humanidade, sentindo vagamente a sua origem e pressagiando o seu destino, estendeu para o Oriente suas mãos vazias expressando uma necessidade que somente uma filosofia espiritual pode atender. Sofrendo devido às divisões, aos ciúmes e aos ódios que destroem a sua própria vida, a Humanidade tem clamado por um alicerce seguro sobre o qual construir a solidariedade que ela sente, e por alguma base metafísica sobre a qual os seus ideais sociais mais elevados possam erguer-se com segurança... Essa é a meta que a Teosofia decidiu atingir.

*1 A narrativa que William Q.Judge fez deste episódio é ligeiramente diferente. Veja a nota de pé de página à p. 164 desta edição. (Nota Ed. Bras.)

*2 O nome só foi decidido na reunião de 13 de setembro.

CAPÍTULO 8

Uma Mudança Psicofisiológica

No final da primavera de 1875^{*1}, e antes que a Sociedade Teosófica fosse fundada, HPB viveu aquilo que Olcott qualificou de “uma mudança psicofisiológica maravilhosa... sobre a qual não estou autorizado a falar”.⁸⁴ Entretanto, sem que ele soubesse, HPB escreveu sobre esta mudança várias vezes aos seus parentes em 1876, quando, após um lapso de três anos, a sua correspondência com eles foi retomada. Ela havia deixado de informá-los das suas muitas mudanças de endereço e as buscas deles tinham sido infrutíferas.⁸⁵

Atualizando as informações conhecidas por Vera, HPB informou-a do sério ferimento sofrido na perna no início de 1875, e disse que o seu instrutor hindu a tinha curado nas vésperas da amputação. Continuando, ela conta:

Foi justamente nessa ocasião que [comecei] a sentir uma dualidade muito estranha. Várias vezes por dia sinto que além de mim há alguém, completamente diferente de mim, presente em meu corpo. Nunca perco a consciência da minha personalidade; o que sinto é como se eu ficasse em silêncio e o outro ser — aquele que se aloja em mim — estivesse falando com a minha língua.

Por exemplo, eu sei que nunca estive nos lugares que são descritos pelo “meu outro eu”, mas esse outro eu — o segundo eu — não mente quando fala sobre lugares e coisas desconhecidas para mim, porque ele de fato as viu e as conhece bem. Eu desisto; que o meu destino me conduza com sua doce vontade; e, além disso, o que poderia fazer? Seria completamente ridículo se eu quisesse negar o conhecimento demonstrado pelo meu número 2, fazendo as pessoas que me rodeiam pensarem que as mantenho desinformadas devido à minha modéstia.

À noite, quando estou sozinha na minha cama, toda a vida do meu número 2 passa diante dos meus olhos, e eu não vejo a mim mesma em absoluto, mas uma pessoa completamente diferente — diferente na raça e diferente nos sentimentos. Mas qual é a utilidade de estar falando a respeito disso? Isso é suficiente para enlouquecer alguém. Eu tento ... esquecer o caráter estranho da minha situação. Isso não é nenhuma mediunidade e não representa de modo algum um poder impuro; pois tem uma influência demasiado forte sobre todos nós, levando-nos a rumos melhores.⁸⁶

Mais tarde ela informaria sua família a respeito do número 2, ou seja, seu instrutor:

Vejo este hindu todos os dias, assim como poderia ver qualquer outra pessoa viva, com a única diferença que ele me parece mais etéreo e mais transparente. Antes eu mantinha silêncio sobre estas aparições, pensando que fossem alucinações. Mas agora estas aparições tornaram-se visíveis também para outras pessoas. Ele (o hindu) aparece e nos aconselha a respeito da nossa conduta e dos nossos escritos. Ele, evidentemente, sabe tudo o que está acontecendo, até mesmo os pensamentos das outras pessoas, e faz com que eu expresse esse conhecimento. Algumas vezes parece-me que ele ocupa totalmente o meu ser, simplesmente entrando em mim como uma essência volátil, penetrando pelos meus poros e se dissolvendo em mim.^{*2} Então, nós dois somos capazes de falar com outras pessoas, e começo a compreender e lembrar ciências e línguas — tudo aquilo sobre o que ele me instrui, mesmo quando ele não está mais comigo.⁸⁷

Aparentemente, a fonte da inspiração não é atribuída apenas aos seus instrutores, pois HPB disse às vezes a Vera: “Não sou eu quem falo e escrevo. É alguma coisa dentro de mim, meu Eu superior e luminoso, que pensa e escreve para mim.”⁸⁸

O grau de preocupação por que a família de HPB passou inicialmente, ao receber essa e outras cartas dela, foi revelado por Vera após a morte de sua irmã num artigo para um periódico russo, *H.P. Blavatsky — Um Esboço Biográfico*:

Ela nos surpreendia com narrativas sobre a “Sociedade de Fraternidade Universal”, planejada por ela, e sobre os seus estudos a respeito das filosofias antigas dos povos do Oriente — acerca das quais ela havia começado a escrever um grande tratado, *Ísis Sem Véu*. Lembro como se fosse hoje que essas novidades nos espantavam. Eu positivamente não sabia o que pensar, como explicar tais fantasias... Seus parentes, no início, não acreditavam nessas histórias e até muito tempo depois consideravam os seus escritos com ceticismo, vendo-os — para falar honestamente — como resultado de manipulação e fraude!... Eu sempre considerei minha irmã uma mulher inteligente, capaz, mas quando a vi, repentinamente, escrevendo sobre essa ciência desconhecida até então, pensei que ela estivesse mal da cabeça... Fiquei um pouco mais aliviada pelo fato de que Helena Petrovna ocasionalmente me mandava os seus artigos publicados pela imprensa norte-americana, junto com comentários a respeito deles, o que me assegurava que não havia necessidade de removê-la imediatamente para um asilo de lunáticos.

Quanto ao instrutor de HPB, Vera escreveu:

Ela que nunca havia se submetido a ninguém, ela que desde a sua mais tenra infância somente se deixou levar pela sua própria vontade em tudo — subitamente, encontrou um homem, um senhor e soberano diante de cuja vontade ela se curvava silenciosamente! E, por sinal, que tipo de homem! Uma espécie de feiticeiro, um semi-místico hindu das margens do Ganges! Eu não entendia nada!... Tenho que admitir que minha falta de compreensão continua até hoje. Apesar

das visitas que fiz a ela quase anualmente durante os últimos cinco anos — visitas que duravam meses e durante os quais eu vivia debaixo do seu teto — compreendi muito pouco de todas as suas cuidadosas explicações. E hoje, como há quinze anos, eu me admiro muito mais do fenômeno inexplicável do profundo conhecimento que desceu sobre ela, como que vindo do céu, do que com as maravilhas atribuídas a ela pelos teósofos.⁸⁹

Olcott também ficou confuso diante do conhecimento repentinamente adquirido por HPB ao escrever *Ísis* e, sem informá-la, escreveu, em francês, uma longa carta a Nadya, inquirindo-a a respeito da formação educacional de sua sobrinha.⁹⁰ Aqui está a resposta, datada de 8 de maio de 1877:

(HPB) recebeu a educação de uma moça de boa família. Ela foi bem educada, mas não era uma erudita, e sua educação formal foi praticamente nula. Porém a riqueza surpreendente da sua natureza intelectual, a delicadeza e a rapidez do seu pensamento, a sua maravilhosa facilidade para compreender, captar e assimilar os assuntos mais difíceis, que exigiriam de qualquer outra pessoa alguns anos de estudo laborioso; e uma inteligência muito desenvolvida, junto com um caráter leal, reto, franco, enérgico, deram a ela uma superioridade tão surpreendente e a elevaram a um nível tão acima da maioria inexpressiva das sociedades humanas, que ela atraía, inevitavelmente, a atenção geral, e conseqüentemente a inveja e a animosidade de todos aqueles que, na sua inferioridade trivial, sentiam-se feridos pelo esplendor da inteligência e dos talentos desta mulher realmente maravilhosa.

Você me pergunta que línguas ela estudou. Desde a infância, além do russo, sua língua nativa, ela conhecia apenas o francês e o inglês. Muito depois, durante as suas viagens pela Europa, ela captou um pouco de italiano. A última vez que a vi, quatro anos [atrás], era só isso que ela conhecia com relação a línguas; quanto a isso eu estou positivamente certa, posso lhe assegurar. Quanto às insondáveis profundezas de sua erudição quatro anos depois, como digo, não havia qualquer sinal dela antes, nem mesmo o menor indício.⁹¹

Se realmente HPB estudou todos esses assuntos por si mesma, não parece surpreendente que ela dê o crédito de todo o seu conhecimento aos místicos *mahatmas*, sem reivindicar nenhum crédito para si mesma? Dois anos antes da sua morte ela expressou pesar por ser a primeira a introduzir no Ocidente a existência de tais almas avançadas. Em *A Chave Para a Teosofia*, ela escreveu:

Todas as sociedades falsas e espúrias, com propósitos comerciais, declaram agora ser guiadas e direcionadas por “Mestres”... Milhares de pessoas foram impedidas de entrar no caminho da verdade e da luz em vista do descrédito e das más referências que tais vergonhas, trapaças e fraudes trouxeram a todo este assunto. [A autora] preferiria diante disso que as pessoas pensassem seriamente que o único lugar em que há *mahatmas* é a massa cinzenta do seu cérebro de escritora, e que, em resumo, ela os criou das profundezas da sua própria consciência interna, em vez de ver os seus nomes e o seu grande ideal tão vergonhosamente profanados como atualmente... É só porque ela jamais quis apresentar-se diante da sua própria consciência

como um corvo que desfila coberto com penas de pavão que ela, até hoje, tem insistido na verdade [com relação à fonte do conhecimento].⁹²

*1 Correspondente ao outono do hemisfério sul. (Nota Ed. Bras.)

*2 Essa ocupação em certas ocasiões de um corpo humano por um sábio é conhecida na Índia como Avesa, e no Tibete como Tulku. [Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 1, pp. 269-270 (*A História da Sociedade Teosófica*, dois volumes, Brasília: Editora Teosófica); BARBOKA Geoffrey, *H.P. Blavatsky, Tibete e Tulku*, Editora Teosófica; Blavatsky; *Isis Unveiled*, ed. de Zirkoff, introdução, pp. 11-12.

CAPÍTULO 9

Como HPB Escreveu *Ísis Sem Véu*

“O começo de *Ísis* não podia ser mais comum nem mais despretensioso”, recorda o coronel Olcott. “Um dia, no verão de 1875, HPB mostrou-me algumas folhas manuscritas e disse: ‘Escrevi isso na noite passada “cumprindo ordens”, mas não tenho a menor ideia do que poderá ser. Talvez seja para um artigo de jornal, talvez para um livro, talvez para nada; de qualquer maneira, fiz o que me mandaram fazer’. E ela colocou o manuscrito numa gaveta e não disse mais nada sobre ele durante algum tempo.”⁹³

Que ela pretendia fazer algum escrito muito sério parece evidente numa carta escrita no início de 1875 para o professor Corson: “As indicações mostram que estamos no limiar de uma época em que mil mistérios serão revelados, e o tempo necessário para iluminar o mundo dependerá, pelo menos em parte, de agentes tão frágeis e mortais como os seus escritos e os meus, e os escritos de outros trabalhadores dedicados.”⁹⁴

Em setembro daquele ano, Blavatsky passou várias semanas na casa dos Corson em Ithaca, onde prosseguiu trabalhando em *Ísis*. Novas informações relativas a essa visita foram descobertas recentemente por Michael Gomes nos documentos de Corson, preservados em Cornell.⁹⁵ Até então, a principal fonte de informações estava no volume publicado e comentado pelo filho de Corson, Eugene, com as cartas de HPB para o seu pai. Com relação ao prestígio do professor em Cornell, o dr. Andrew White, presidente da instituição, escreveu que ele foi “em muitos aspectos o professor mais importante que a Universidade de Cornell já teve, gozando de uma grande reputação por suas conferências e escritos sobre a literatura inglesa”.⁹⁶

Corson foi levado ao espiritismo pela morte súbita da sua filha de dezesseis anos, e uma das razões para convidar HPB para a sua casa era contatar essa moça. Ele escreveu a seu filho na época: “Eu tinha a

expectativa de que faríamos algumas ‘sessões’ juntos, mas HPB não está disposta a isso, e é decididamente contrária a qualquer coisa desse tipo.” Sua primeira impressão foi: “Ela é uma mulher inteligente, mas ignora todos os encantos e amenidades da vida. Ela é um urso russo.”⁹⁷

Eugene registrou que HPB “passava o tempo todo sentada na sua escrivaninha, escrevendo, escrevendo, escrevendo a maior parte do dia e entrando noite adentro, respondendo com longas cartas a enorme correspondência recebida. Ela começou a escrever *Ísis Sem Véu* aqui, escrevendo vinte e cinco páginas de papel almaço por dia. Ela não possuía livros para consultar, pois a biblioteca do meu pai era quase exclusivamente de literatura inglesa... e ela raramente o consultava acerca de alguma coisa”.⁹⁸ Numa entrevista com o escritor Charles Lazenby, o professor Corson confirma isto:

Ela me mantinha cheio de espanto e curiosidade em relação ao que viria em seguida. Possuía um conhecimento profundo de tudo, e o seu método de trabalho era totalmente fora do comum. Podia escrever na cama, a partir das nove horas da manhã, fumando inumeráveis cigarros, e citando literalmente longos parágrafos de dezenas de livros dos quais tenho certeza não havia cópias naquele tempo na América, traduzindo facilmente de várias línguas, e, ocasionalmente, indo até o meu escritório para saber como converter para o inglês literário alguma expressão idiomática do mundo antigo, pois nessa ocasião ela não havia ainda adquirido a fluência de estilo que vemos em *A Doutrina Secreta*.⁹⁹

A neta do professor, Pauline Corson Coad, lembra ter escutado que seu avô não conseguia entender como HPB obtinha as suas estatísticas, mas eles logo constataram que a mão escura e magra de um indiano surgia da face interior do tampo da mesa e escrevia rapidamente as anotações de que ela precisava, os quais, ao serem conferidas, sempre estavam corretas.¹⁰⁰

Quanto às citações feitas em *Ísis* por HPB, o professor Corson observa:

Ela mesma contou-me que as copiava enquanto elas apareciam diante dos seus olhos em outro plano de existência objetiva, e que ela via claramente a página do livro e a citação de que necessitava, e simplesmente traduzia o que via para o inglês... As centenas de livros que ela citava não estavam certamente na minha biblioteca e muitos deles nem na América; alguns deles eram muito raros e difíceis de obter na Europa, e caso as suas citações fossem de memória, isso, então, seria ainda mais fantástico do que escrever copiando do éter. Os fatos eram maravilhosos, e as explicações devem, necessariamente, confundir aqueles cuja consciência é de um tipo mais comum.¹⁰¹

Olcott relata que, em Nova Iorque, ao continuar o trabalho em *Ísis*, Blavatsky usava os livros disponíveis, sendo alguns da própria biblioteca

dele. Quanto ao resto, ele diz que ela retirava da Luz Astral, ou dos seus instrutores adeptos, ou usando os sentidos da sua alma. Ele comenta: “Como eu sei isso? Por trabalhar dois anos com ela em *Ísis* e muitos anos mais em outros trabalhos literários.”¹⁰²

Marion Meade sustenta que a visita a Corson terminou com um atrito e que HPB perdeu a amizade do professor. Meade apresenta como prova uma carta de Blavatsky para Corson: “Esta é a terceira carta que lhe escrevo e nem uma palavra de resposta. Você está aborrecido?”¹⁰³ Mas temos agora a resposta de Corson. Nela, ele assegura que sua resposta deve ter sido perdida. “Por que deveria eu ficar aborrecido? Não nos separamos como grandes amigos? Não nos tornamos melhores amigos quando estávamos juntos? E desde a sua partida sempre me senti solitário e desejei que você voltasse.” Anos depois, quando lhe perguntaram qual era a mais significativa de todas as pessoas notáveis que conhecera, ele respondeu mencionando a sra. Blavatsky.¹⁰⁴

De volta a Nova Iorque, o trabalho em *Ísis* continuou num ritmo acelerado, e HPB não pôde sair de casa durante seis meses. Ela escreveu a Nadya dizendo que trabalhava dezessete horas por dia e alimentava-se de mingau de aveia. “Em vez de mingau de aveia”, a tia replicou, “coma um bife mal passado e presunto, mas não arruíne a si mesma...”¹⁰⁵

Apesar do trabalho enorme na produção de *Ísis* — que atingiu mil e duzentas páginas impressas em tipo pequeno — HPB aparentemente não tinha a ambição de tornar-se popular ou uma escritora de sucesso, pois afirmou no prefácio:

Para mostrar que não nos escapa a gravidade da nossa tarefa, podemos dizer antecipadamente que não será estranho se os seguintes setores se lançarem contra nós:

Os cristãos, que constatarão que questionamos a autenticidade das evidências a respeito da sua fé.^{*1}

Os cientistas, que verão as suas pretensões de infalibilidade colocadas no mesmo nível das da Igreja Católica Romana, e que, em certos assuntos, verão os sábios e filósofos do mundo antigo colocados em uma posição superior à deles.

Os pseudocientistas, naturalmente, nos denunciarão furiosamente.

Os sacerdotes e os livres-pensadores constatarão que não aceitamos os seus atos, mas exigimos o reconhecimento de toda a verdade.

Homens de letras e várias autoridades, que escondem suas verdadeiras crenças para não contrariar os preconceitos populares.

Os mercenários e parasitas da imprensa, que prostituem o seu nobre poder e degradam uma profissão honrosa, encontrarão motivos para ridicularizar coisas que são maravilhosas demais para eles entenderem. Pois, para eles, o preço de um parágrafo é maior do que o valor da sinceridade.

De muitos virá uma crítica honesta; de muitos — impropérios. Mas estamos olhando para o futuro... estamos trabalhando para um amanhã mais brilhante.¹⁰⁶

Esse amanhã mais brilhante, ela indica em outro lugar, não é algo que se encontre numa esquina, nem mesmo no século vinte. O século vinte e um teria possibilidades, pensava ela, caso certas condições fossem atendidas.¹⁰⁷

*1 No prefácio do Volume 2, *Theology (Teologia)*, HPB escreveu: “Este volume não contém nenhuma palavra contra os puros ensinamentos de Jesus, mas denuncia impiedosamente o seu rebaixamento e sua transformação em sistemas eclesiásticos perniciosos, que arruinam a fé do homem em sua imortalidade e em seu Deus, e que subvertem as regras morais.”

CAPÍTULO 10

“Um Livro Que Contém Uma Revolução”

Durante uma tarde de outono, em 1876, o professor Alexander Wilder,¹⁰⁸ eminente filósofo platônico, arqueólogo, escritor, educador e médico praticante, estava em sua casa em Newark, Nova Jersey, quando a campainha da porta tocou e chegou um visitante não convidado, o coronel Olcott.

No artigo *Como Ísis Foi Escrita*, publicado em 1908, Wilder relata que Olcott “tinha-me sido indicado pelo sr. J.W. Bouton”, um editor para quem Wilder havia revisado e preparado alguns livros. Olcott explicou a ele que “a sra. Blavatsky compilara um trabalho sobre assuntos ocultos e filosóficos, e que o sr. Bouton tinha sido consultado sobre a possibilidade de publicá-lo. Jamais poderei entender por que ele foi procurar-me”, pois ninguém podia pensar que “eu tivesse qualquer interesse em coisas fora do comum” ou que sentisse “uma forte paixão pela especulação mística e pela filosofia transcendental. Penso que mesmo o coronel Olcott deve ter sido pego um pouco de surpresa.”

Wilder continua:

O sr. Bouton havia partido para a Inglaterra poucos dias antes, e eu o visitara várias vezes, tendo até mesmo ido a Newark dar-lhe os votos de boa viagem na manhã em que ele partiu. Entretanto, ele não me disse nem uma palavra a respeito do manuscrito. Será que ele esperava que eu o lesse, ou estava apenas tentando esquivar-se dele, em vez de simplesmente recusá-lo? Estou agora inclinado a opinar que ele enviou o coronel Olcott a mim para evitar ter de dizer “Não.” Na ocasião, entretanto, eu supunha que, embora esse procedimento profissional, mais indicado, o sr. Bouton realmente pensava que eu deveria examinar o trabalho, e aceitei a tarefa. Era, na verdade, um documento de peso e que mostrava uma pesquisa num campo muito extenso, requerendo diligência [e] familiaridade com os vários temas... Considerando que eu me sentia moralmente obrigado a agir em defesa dos interesses do sr. Bouton, não mostrei nenhuma simpatia além do que considerava justo demonstrar. Considerava minha obrigação ser rigoroso. Em meu parecer afirmei que o manuscrito era o produto de uma grande pesquisa, e que, tendo em vista o pensamento corrente, ele continha uma revolução, mas acrescentei que julgava a obra muito longa para ser uma publicação rentável. O sr. Bouton, entretanto, logo concordou em publicar o trabalho.

Como o manuscrito era demasiado longo, a tarefa de Wilder foi resumir o trabalho, mas ele removeu “somente os termos e assuntos que pudessem ser considerados supérfluos... ficou claro que ele fez somente um ‘trabalho de amor’.”

Ele continua:

O coronel Olcott desejava muito que eu conhecesse pessoalmente a sra. Blavatsky [e após muita hesitação] eu o acompanhei até a sua residência na Forty-Seventh Street... Ela não se parecia, nas maneiras e na aparência, com o que eu tinha esperado. Era alta, mas não era corpulenta; suas feições tinham as marcas e características de alguém que tinha visto muitas coisas, pensado, viajado e experimentado muito... Era esplêndida conversando e sentia-se à vontade em qualquer assunto que abordássemos. Ela falava inglês com fluência de alguém que está perfeitamente familiarizado com a língua e pensa nela. Para mim era o mesmo que falar com qualquer homem meu conhecido. Ela estava sempre apta a pegar uma ideia do modo como fora expressa e mostrar os seus próprios pensamentos a respeito, clara e concisamente, e muitas vezes com ênfase... Ela prontamente deixava de lado, como “*flapdoodle*”,^{*1} qualquer coisa que ela não aprovasse nem lhe inspirasse respeito. Eu nunca tinha ouvido nem encontrado o termo antes.

Depois do trabalho ser impresso e colocado à venda, houve uma discussão sobre o seu verdadeiro autor. Muitos não acreditavam que a sra. Blavatsky pudesse ser suficientemente bem-informada ou intelectualmente capaz de tal produção... Disseram-me que um clérigo em Nova Iorque, membro da Igreja greco-russa, afirmava que eu era o seu verdadeiro autor... ninguém familiarizado com o meu estilo de escrever jamais poderia atribuir a mim a autoria de *Ísis Sem Véu*.¹⁰⁹

Wilder também desmentiu o rumor lançado pelos espíritas, e reproduzido como um fato em biografias modernas de HPB, de que *Ísis* teria sido tirado dos manuscritos do barão Joseph Henry Louis de Palm deixados em seu baú quando ele morreu.¹¹⁰ O barão, quando doente, foi ajudado pelos teósofos, e Olcott até mesmo hospedou-o em sua casa. O conteúdo desse baú eram ações e escrituras, sem qualquer valor, de propriedades subaquáticas, deixadas em testamento para a S.T., bem como algumas camisas que o barão tinha roubado de Olcott, com o nome deste último apagado. Ao investigar melhor, Olcott descobriu que ele era um homem procurado em várias cidades europeias.

De Palm deixou uma coisa que provou ser de valor inestimável para as futuras gerações de norte-americanos: ele legou ao coronel Olcott, como presidente da Sociedade Teosófica, o seu cadáver, o primeiro corpo a ser cremado nos Estados Unidos. Tal fato teve repercussão em duas ocasiões — a primeira, no seu funeral no Templo Maçônico de Nova Iorque, no dia 29

de maio de 1876, e a segunda, quando, seis meses depois, seu corpo foi incinerado no recém-construído crematório do dr. Francis Le Moyne, planejado para o seu uso pessoal quando ele morresse. A cremação, realizada no dia seis de dezembro, na cidade de Washington, a oeste da Pensilvânia, mereceu reportagem de destaque em sete mil jornais dos Estados Unidos e do exterior.¹¹¹ A S.T. foi amplamente condenada por introduzir no país um costume pagão e sacrílego.

Olcott compareceu, e alguns pesquisadores registram, também, a presença de HPB. Mas, no mesmo dia do evento, ela escreveu a Wilder: “Olcott estará em casa sexta-feira à noite, eu penso; e eu *não* poderia ir, embora eles me esperem lá hoje. Para falar a verdade, não vejo sentido em gastar 40 ou 50 dólares pelo prazer de ver um homem ser queimado. Eu já vi na Índia um número suficiente de corpos vivos e mortos serem queimados.”¹¹²

Durante essa época, foi escolhido um título para *Ísis*. Seu significado está numa inscrição antiga, bem conhecida, na estátua de Ísis: “Eu sou tudo que foi e tudo que será, pois nenhum mortal jamais levantou o meu véu.” O título escolhido não era o de *Ísis Sem Véu*, mas um mais modesto. “Meu título era *O Véu de Ísis*”, escreveu HPB, “e ele foi usado em todo o primeiro volume” — e continua até hoje.¹¹³ Mas quando o segundo volume estava pronto para ser impresso ela recebeu a seguinte carta de Bouton, datada de 8 de maio de 1877:

Nosso amigo em comum, Sotheran, veio me visitar ontem e durante a nossa conversa sugeriu algo, que, considerando a sua origem, é realmente digno de ser levado em conta. Parece haver um outro livro, muito bom, publicado na Inglaterra sob o título de “*Véu de Ísis*”... Por estranho que pareça, Sotheran e eu tivemos ao mesmo tempo a ideia de que será melhor mudar um pouco o nosso título, e ambos chegamos exatamente ao mesmo, isto é *Ísis Sem Véu*, que me parece, em muitos aspectos, muito melhor que o outro título, pois tem em si mesmo um significado que o outro não possui.¹¹⁴

O extravagante subtítulo também foi, provavelmente, uma invenção de Bouton: *A Master Key the Mysteries of Ancient and Modern Science and Theology* (*Uma Chave-Mestra para os Mistérios da Ciência e da Teologia Antigas e Modernas*). HPB desaprovou a ambos, o título e o subtítulo:

“Quem pretendeu alguma vez que o livro fosse isto ou qualquer coisa semelhante? A autora, certamente, não.”¹¹⁵ (Os direitos autorais estavam

em nome de Bouton, e Blavatsky nunca teve controle sobre as placas impressoras.)

Ao dar de presente um exemplar ao cientista Alfred Russel Wallace, HPB escreveu:

Meu título é um termo incorreto pois não revelo os segredos arcanos da temível deusa — Ísis. Desnecessário dizer a você, que viveu no Oriente, que os mistérios decisivos e secretos jamais são dados ao público em geral... Se eu não descobri totalmente a deusa de Sais, ^{*2} espero pelo menos ter indicado suficientemente onde o Véu do seu santuário poderá ser levantado, [pois] só lá poderá ser descoberto o segredo dos segredos: o que é o homem, sua origem, seus poderes e seu destino.¹¹⁶

Wallace respondeu:

... Surrey
1º de janeiro de 1878

Prezada Senhora,

Agradeço-lhe muito pelo seu generoso presente de dois volumes muito bonitos. Eu só pude ler até agora um capítulo aqui e ali. Estou fascinado pela grande erudição revelada e pelos assuntos de grande interesse tratados neles. Além disso, o seu domínio sobre todas as sutilezas da nossa língua é tamanho que você não precisa temer críticas a esse respeito. O seu livro abrirá a muitos espíritos um mundo inteiro de ideias novas e, inevitavelmente, terá grande valor na investigação que está sendo agora realizada tão seriamente...

(Assinado) Alfred R. Wallace¹¹⁷

Ísis foi publicada em setembro de 1877, e os dois volumes foram dedicados à “Sociedade Teosófica, que foi fundada em Nova Iorque, no ano de 1875 para promover o estudo dos assuntos tratados neles”. Foi um sucesso instantâneo, e ninguém ficou mais surpreso que Helena Blavatsky. O *American Bookseller* escreveu: “A venda... é algo sem precedentes para uma obra desta espécie; a edição inteira”, de mil exemplares, “esgotou-se dez dias após a publicação... A demanda foi notável, e muito além das expectativas dos editores”.¹¹⁸ Seguiram-se várias reimpressões. (*Ísis* nunca ficou sem ser impressa e atualmente está publicada simultaneamente por três Editoras diferentes.^{*3}) Aqui estão alguns dos comentários na imprensa norte-americana:

É preciso admitir que ela é uma mulher notável, que leu mais, viu mais e pensou mais do que os homens mais sábios. O seu trabalho está cheio de citações provindas de mais de dez línguas diferentes, não com o propósito de mera demonstração de erudição, mas para fundamentar as suas opiniões peculiares... Suas páginas têm notas de rodapé colocando, como autoridades que

ela leva em conta, alguns dos mais profundos escritores do passado... [O trabalho] exige uma atenção séria dos pensadores e merece uma leitura analítica.

Boston Evening Transcript

Um ensaio de leitura extremamente agradável, exaustivo, de suprema importância para o restabelecimento da filosofia hermética num mundo que acredita tê-la ultrapassado.

N.Y. World

Um livro maravilhoso tanto pelo tema como pela abordagem. Uma ideia da raridade e da extensão dos seus conteúdos pode ser formada quando somente o seu índice remissivo ocupa 50 páginas, e nos aventuramos a dizer que tal índice nunca foi compilado antes por qualquer ser humano... [Este], certamente, será atrativo para todos que estão interessados na história, na teologia e nos mistérios do mundo antigo.

Daily Graphic

Quem ler todo o livro cuidadosamente ficará sabendo tudo a respeito do maravilhoso e do místico, exceto, talvez as palavras-chave... É fácil prever a recepção deste livro. Com suas peculiaridades marcantes, sua audácia, sua versatilidade e a variedade prodigiosa de assuntos que ele domina e apresenta é uma das produções mais notáveis do século.

New York Herald

O editor do *New York Times* escreveu a Bouton que lamentava não poder comentar *Ísis*, porque seu jornal “tinha um santo horror da sra. Blavatsky e das suas cartas”.¹¹⁹ Todavia, em Londres, o *Public Opinion*, cujas críticas severas eram temidas por escritores e artistas, chamou-a de “a obra mais extraordinária do século dezenove”.¹²⁰ O renomado editor e livreiro Bernard Quaritch escreveu a Bouton (em 27 de dezembro de 1877) que “o livro evidentemente abrirá caminho na Inglaterra e irá se transformar num clássico. Estou muito satisfeito por ser o seu agente inglês”.¹²¹

Difícilmente alguém iria pensar que o famoso filósofo inglês Herbert Spencer leria *Ísis*. Aqui está uma anotação feita por HPB no diário de Olcott, quando ele estava ausente:

Dia 19 de outubro [1878]. Uma certa srta. Potter, alta, jovem, intelectual, filha de um milionário, veio com um cartão de apresentação de E.K. [Emily Kislingbury], de Londres. Insistia em ver-me. Passou a metade da sua vida com a família de Herbert Spencer. Conheceu Huxley e Tyndall. Interessada em Teosofia, tem dúvidas em relação ao Espiritismo. Ela e suas oito irmãs são todas materialistas. Herbert Spencer leu *Ísis* e encontrou no livro algumas ideias novas, originais e bonitas.¹²²

O dr. John A. Weisse, o profundo estudioso que escreveu *Origin, Progress, and Destiny of the English Language and Literature* (*Origem, Progresso, e Destino da Língua e Literatura Inglesas*), afirma naquela obra

que *Ísis* é “um reservatório de novas frases e fatos, relatados tão brilhantemente que mesmo o não iniciado pode lê-los com interesse”. Em sua lista analítica, ele comparou a linguagem usada por um certo número de autores notáveis e considerou o inglês de HPB, como comenta Olcott, “praticamente idêntico ao do dr. Samuel Johnson, o que permite dizer que o seu inglês é tão classicamente perfeito quanto se poderia esperar”.¹²³

“HPB recebeu muitas homenagens como resultado da publicação de *Ísis Sem Véu*”, registra W.Q. Judge. Uma delas foi o presente de um exemplar muito antigo da *Bhagavad-Gitā*, encadernado em madrepérola e ouro, de um príncipe indiano.¹²⁴

Outro reconhecimento criou sensação entre os maçons norte-americanos quando eles souberam que a famosa sra. Blavatsky havia recebido um diploma dos seus irmãos maçons da Inglaterra, conferindo-lhe o título de membro de uma ordem maçônica. Alguns duvidaram que esse título tivesse sido dado a ela. HPB respondeu aos céticos num jornal maçônico, aproveitando a ocasião para comparar a maçonaria oriental com a sua contraparte ocidental. Pesquisas recentes revelaram novos fatos a respeito desse título. Gomes escreve:

Sotheran havia escrito entusiasticamente a respeito dela para seus irmãos maçons na Inglaterra, inclusive John Yarker, o Grão-mestre do Antigo e Primitivo Rito de Pedreiros Livres. Em reconhecimento à erudição mostrada em *Ísis*, Yarker enviou a Blavatsky o certificado do mais alto posto da Maçonaria de Adoção,^{*4} o de Princesa Coroada... Sotheran solenemente informou aos leitores de *Banner of Light (Bandeira de Luz)* [de 2 de fevereiro de 1878]: “Esta é a maior honra maçônica que se pode conferir a uma mulher, e sua concessão deveria ser lembrada pela maçonaria como um evento de importância histórica.” Quando a sua adequação para receber tais graus foi questionada, o próprio Yarker declarou: “Eu não dei à sra. Blavatsky nenhum grau além daquele que ela estava habilitada a receber por todas as regras e regulamentos internacionais do que é chamado de Maçonaria de Alto Grau. Ao mesmo tempo estou bem consciente de que ela recebeu de fontes mais antigas muitas distinções que não foram dadas por mim.”¹²⁵

Ísis Sem Véu tem dois volumes:^{*5} o primeiro intitulado *Ciência* e o segundo, *Religião*. O prefácio do Volume I abre com estas palavras:

A obra que agora submetemos ao julgamento público é fruto de uma relação de certo modo estreita com os Adeptos Orientais e do estudo de sua ciência. É oferecido àqueles que estão dispostos a aceitar a Verdade onde quer que ela se encontre e a defendê-la até mesmo diante dos preconceitos populares. Seu objetivo é auxiliar o estudante a descobrir os princípios vitais que inspiram os sistemas filosóficos dos tempos antigos... Busca fazer justiça e falar a verdade sem malícia nem preconceito. Mas não mostra misericórdia para com o erro dos poderosos,

nem reverência para com a autoridade usurpada. Reclama, para um passado espoliado, o crédito de suas conquistas, que foi suprimido por muito tempo. Exige a restituição dos mantos usados por empréstimo, e faz a defesa de reputações caluniadas mas gloriosas. Nenhuma das suas críticas a qualquer forma de culto, fé religiosa ou hipóteses científicas tem outro sentido. Homens e partidos, seitas e escolas são coisas efêmeras no mundo. Somente a Verdade, assentada no alto da rocha adamantina, é eterna e suprema.

No Prefácio do Volume II, HPB escreve:

Se fosse possível, manteríamos esta obra fora do alcance de muitos cristãos, a quem sua leitura não beneficiaria e para os quais ela não foi escrita. Aludimos àqueles cuja fé nas suas respectivas igrejas é pura e sincera e àqueles cuja vida sem pecado reflete o glorioso exemplo do Profeta de Nazaré, por meio de quem o espírito da Verdade falou alto à humanidade... Esses têm enobrecido o Cristianismo, mas eles teriam lançado a mesma luz sobre qualquer outra fé que pudessem ter professado... Eles podem ser encontrados hoje no púlpito e nos bancos de igreja, num palácio ou numa choupana; mas o crescimento do materialismo, da superficialidade e da hipocrisia está diminuindo rapidamente o seu número. Sua caridade e simplicidade, e sua fé quase infantil na infalibilidade da sua Bíblia, seus dogmas e seu clero, colocam em plena atividade todas as virtudes que são inerentes à nossa natureza comum... Nós temos sempre evitado debates com eles, pois poderíamos ser culpados da crueldade de ferir os seus sentimentos; nem roubaríamos de um leigo a sua confiança cega, pois somente ela torna possível para ele uma vida santa e uma morte serena.

No último capítulo de *Ísis* são encontrados os famosos “Dez Pontos de *Ísis*”, enunciados por HPB, que assim nos introduz a eles:

Para compreender os princípios envolvidos na lei natural... o leitor deve ter em mente as proposições fundamentais da filosofia oriental que temos elucidado sucessivamente. Vamos recapitular em poucas palavras:

1. Não há milagre. Tudo acontece como resultado de uma lei eterna, imutável e sempre ativa.
2. A natureza é trina: há uma natureza visível, objetiva; uma natureza invisível, intrínseca, que dá energia, modelo exato da outra e o seu princípio vital; e acima dessas duas, o espírito, fonte de todas as forças, só ele eterno e indestrutível.
3. O homem também é trino: ele tem o seu corpo físico e objetivo; seu corpo astral e vitalizador (ou alma), o homem real; ^{*6} e esses dois são dinamizados e iluminados por um terceiro — o espírito soberano, imortal. Quando o homem real consegue dissolver-se neste último, torna-se uma entidade imortal [consciente].
4. A magia, como ciência, é o conhecimento desses princípios e do caminho pelo qual a onisciência e a onipotência do espírito, e o controle deste sobre as forças da natureza, podem ser adquiridos pelo indivíduo enquanto ainda vive no seu corpo físico. A magia, como arte, é a aplicação prática desse conhecimento.
5. O conhecimento arcano mal aplicado é feitiçaria. Usado para o bem é a verdadeira magia ou sabedoria.
6. A mediunidade é o oposto de adepto. O médium é um instrumento passivo de influências exteriores, enquanto o adepto controla ativamente a si próprio e a todas as forças inferiores.
7. Todas as coisas que já existiram, existem, ou existirão têm seu registro na luz astral — na lousa do Universo invisível — e o iniciado adepto, usando a visão do seu próprio espírito,

- pode saber tudo o que já foi conhecido ou pode vir a ser conhecido [no nosso Universo solar].
8. As raças humanas diferem nas suas aptidões espirituais assim como na cor, estatura e outras característica externas; em alguns povos prevalece a clarividência, em outros, a mediunidade.
 9. Uma fase da habilidade mágica é a retirada voluntária e consciente do homem interno (forma astral) do homem externo (corpo físico). No caso de alguns médiuns esse afastamento ocorre, mas é algo inconsciente e involuntário... Nem o tempo nem o espaço oferecem obstáculos aos movimentos da forma astral em deslocamento. O taumaturgo, completamente hábil na ciência oculta, pode fazer o seu próprio corpo físico parecer que desaparece, ou tomar, aparentemente, qualquer outra forma da sua escolha. Ele pode tornar visível a sua forma astral, ou dar a ela aparências estranhas...
 10. A pedra angular da magia é um conhecimento prático e profundo do magnetismo e da eletricidade, das suas qualidades, correlações e potencialidades.
- Para resumir tudo em poucas palavras, magia é a sabedoria espiritual; a natureza é a auxiliar material, a discípula e servidora do mago. Um princípio vital comum permeia todas as coisas, e ele é controlado pela vontade humana aperfeiçoada... O adepto pode controlar as sensações e alterar as condições dos corpos físicos e astrais de outras pessoas que não sejam adeptos; ele também pode governar e usar, conforme a sua escolha, os espíritos dos elementos. Ele não pode controlar o espírito imortal de nenhum ser humano, vivo ou morto, pois tais espíritos são como centelhas de uma Essência Divina e não estão sujeitos a qualquer dominação externa.¹²⁶

Embora a reencarnação seja claramente ensinada em *Ísis*, a autora não a descreve como em suas obras posteriores, mas contenta-se em abrir caminho para uma visão mais simpática desse antigo princípio numa sociedade anti-reencarnacionista. Quando aparece, HPB usa a palavra *metempsicose* para referir-se a ela. Essa palavra foi usada durante séculos no Ocidente para ensinar que os seres humanos vivem muitas vidas antes de alcançar a perfeição. Outra palavra usada no Ocidente para renascimento é *transmigração*. Esta palavra tem limitações, pois foi usada para indicar que um ser humano pode retornar aos reinos inferiores. No Oriente essa ideia prevalece, pois é usada pelos sacerdotes como uma ameaça de que as pessoas retornarão como animais se não obedecerem às estritas regras das suas castas. A Teosofia sustenta que “uma vez ser humano, sempre humano”. Uma vez desperto num indivíduo o estado de autoconsciência e tendo-se tornado uma entidade responsável, ele não pode regredir para o estágio animal, pois atingiu o ponto do não-retorno.

Na época em que HPB escreveu *Ísis*, ela evitava usar a palavra *reencarnação*, porque ela era usada pelo espírita francês Allan Kardec, que acreditava em renascimento imediato, sem período de repouso entre uma vida e outra.¹²⁷ Por isso, em várias ocasiões, quando HPB usa a palavra *reencarnação* em *Ísis*, ela nega a veracidade de tal ensinamento.

Consequentemente, alguns de seus críticos dizem que Blavatsky não acreditava em reencarnação até que ela deixou os Estados Unidos, em 1878, e passou a viver na Índia. As seguintes palavras de *Ísis* revelam o contrário:

A doutrina da metempsicose tem sido bastante ridicularizada pelos homens da ciência e rejeitada pelos teólogos; entretanto, se tivesse sido convenientemente compreendida em sua aplicação à indestrutibilidade da matéria e à imortalidade do espírito, teria sido percebido que ela é uma concepção sublime... Não houve filósofo de algum destaque que não aceitasse esta doutrina da metempsicose, como foi ensinada pelos brâmanes, budistas e, mais tarde, pelos pitagóricos... [Os padres da igreja] Orígenes e Clemente de Alexandria, Sinésio e Calcídio, todos acreditavam nela; e também os gnósticos, que são, sem hesitação, proclamados pela história como o grupo mais refinado, erudito e esclarecido de homens, todos acreditavam na metempsicose... Se a metempsicose pitagórica fosse explicada completamente e comparada com a moderna teoria da evolução, cada “elo perdido” na cadeia desta última seria encontrado. Mas nenhum dos nossos cientistas aceitaria perder o seu precioso tempo com as divagações dos antigos.¹²⁸

A finalidade da evolução humana através da reencarnação é identificada em outro trecho de *Ísis*:

Esta filosofia ensina que a natureza nunca deixa seu trabalho por terminar; se fracassou na primeira tentativa, ela tenta novamente. Quando a Natureza desenvolve um embrião humano, a intenção é que o homem venha a ser perfeito — física, intelectual e espiritualmente. Seu corpo foi feito para amadurecer, ser usado até o fim e morrer; a sua mente para desabrochar, amadurecer e ser harmoniosamente equilibrada; seu espírito divino deve ser iluminado e harmonizar-se facilmente com o homem interno. Nenhum ser humano completa o seu grande círculo, ou o “círculo da necessidade”, até que tudo isso tenha se realizado... Assim como numa corrida os retardatários esforçam-se e caminham lentamente na primeira quarta parte do trajeto enquanto os vitoriosos ultrapassam a linha de chegada, assim também na corrida [em direção à] imortalidade [consciente], algumas almas ultrapassam todas as outras e alcançam o fim, enquanto miríades de competidores estão lutando sob o peso da matéria, próximos ao ponto de partida. Alguns infelizes desistem inteiramente e perdem toda a chance de obter o prêmio; alguns voltam sobre os seus passos e começam novamente... Desse modo, assim como gira uma roda, há uma sucessão regular de morte e nascimento...¹²⁹

O editor de *Ísis* ficou tão “surpreso e feliz” com a venda, escreve Olcott, “que, no domingo, 10 de fevereiro de 1878, na minha presença, ele ofereceu [a HPB] 5.000 dólares pelos direitos autorais referentes à edição de uma obra em um só volume, se ela a escrevesse [e] tirasse um pouco mais o véu de *Ísis*. Ele pretendia imprimir somente 100 cópias e vender cada uma por 100 dólares. Embora ela necessitasse bastante de dinheiro”, diz Olcott, “recusou a oferta com o argumento de que não tinha permissão naquele momento para divulgar mais nenhum dos segredos arcanos além dos que já

tinha feito em *Ísis*.”¹³⁰ Entretanto, parece haver muito mais nos volumes de *Ísis* do que uma leitura superficial revela, pois “em *Ísis*”, ela certa vez observou, “as explicações de uma centena de mistérios estão semi-enterradas... esperando somente pela aplicação da inteligência, guiada por um pouco de conhecimento oculto, para vir à luz do dia”.¹³¹

Em outra ocasião ela escreveu que “a despeito de pequenas omissões” ela sustentava que *Ísis Sem Véu* “contém uma massa original de informação a respeito de assuntos ocultos nunca antes divulgada... Defendo as ideias e os ensinamentos contidos nesta obra, sem nenhum receio de ser acusada de pretenciosa, pois *nem as ideias, nem os ensinamentos são meus*, como sempre declarei, e sustento que ambos são de grande valor para os místicos e estudantes de Teosofia”.¹³²

*1 *Flapdoodle*: neste contexto significa “bobagem”. (Nota Ed. Bras.)

*2 Sais: cidade antiga do norte do Egito, no delta do Nilo. (Nota Ed. Bras.)

*3 O livro está publicado por três Editoras diferentes somente na língua inglesa. Além disso, a obra continua sendo vendida em muitos outros idiomas, inclusive o português. (Nota Ed. Bras.)

*4 Maçonaria de Adoção: Maçonaria de Mulheres, criada em 1774 pelo Grande Oriente da França. (Nota Ed. Bras.)

*5 A edição em português tem quatro volumes: os dois primeiros sobre Ciência e os dois últimos sobre Teologia. (Nota Ed. Bras.)

*6 Mais tarde, foi atribuída na filosofia teosófica uma divisão setenária aos princípios do homem.

CAPÍTULO 11

A Lamaseria

“Desde o final de 1876 até 1878, a Sociedade Teosófica, como corporação, foi relativamente inativa”, recorda Olcott, continuando:

Seus estatutos tornaram-se letra morta, as reuniões quase cessaram... Os sinais da sua influência crescente são encontrados no aumento da correspondência para os seus fundadores, vinda dos Estados Unidos e do exterior, nos seus polêmicos artigos na imprensa, o estabelecimento de lojas da Sociedade em Londres e Corfu,^{*1} e o início de contatos com simpatizantes na Índia e no Ceilão.^{*2} Os espíritas influentes que se haviam unido a nós no começo afastaram-se todos; nossas reuniões, numa sala alugada no *Mott Memorial Hall*, na Madison Avenue, Nova Iorque, eram feitas sem periodicidade; as taxas antes exigidas para a filiação dos membros foram abolidas... todavia, a ideia nunca foi mais vigorosa, nem o movimento mais cheio de vitalidade do que quando ele ficou totalmente despido dos aspectos corporativos externos e o seu espírito estava comprimido dentro de nossos cérebros, almas e corações.

A verdadeira sede era a casa de HPB na esquina da *Eight Avenue* com a *Forty-Seventh Street*, que se tornou “o salão mais atrativo da metrópole”. HPB mudara-se para lá em junho de 1876, ou talvez um ou dois meses mais tarde.¹³³ Um repórter de Nova Iorque chamou a casa de “Lamaseria de Nova Iorque”.¹³⁴ Olcott observa:

Não estou exagerando quando digo que em nenhuma outra casa de Nova Iorque poderia ser encontrado um clima tão sem superficialidades mundanas. As diferenças sociais dos nossos visitantes eram deixadas do lado de fora da porta; ricos ou pobres, cristãos, judeus ou infiéis, eruditos ou desinformados, os nossos visitantes recebiam o mesmo voto caloroso de boas-vindas e uma atenção paciente para com suas dúvidas sobre religiões e outros assuntos. HPB nasceu nobre e aristocrata e sentia-se completamente à vontade na mais alta sociedade. Ao mesmo tempo, era tão profundamente democrática e altruísta que manifestava uma hospitalidade calorosa em relação ao mais humilde dos que a procuravam.¹³⁵

David Curtis, um dos repórteres mais eficazes de Nova Iorque, recorda que na casa de HPB podia-se encontrar “sacerdotes católicos romanos, atrizes, médicos, militares, comerciantes, condessas estrangeiras, artistas, e, ocasionalmente, asiáticos”, acrescentando:

Quase todos eram indescritivelmente pagãos. Quase todos eram intelectualmente brilhantes. Quase todos eram rebeldes contra alguma regra convencional, quer fossem boêmios declarados ou não. E todos consideravam a sra. Blavatsky uma líder incontestável em matéria de rebelião intelectual... Qualquer assunto imaginável na terra, nos céus, ou nas dimensões mais profundas abaixo da terra eram discutidas lá com uma mistura de bom humor e filosofia que não é encontrada de forma alguma nos dois enormes volumes de *Ísis Sem Véu*.¹³⁶

Olcott observa que também vinham rabinos: “Eu conheci um rabino judeu que passava horas e tardes inteiras em companhia de HPB discutindo a Cabala, e ouvi-o dizer a ela que embora tivesse estudado a ciência secreta da sua religião durante trinta anos, ela tinha ensinado a ele coisas que nunca havia sonhado, lançando uma luz clara sobre passagens que nem mesmo os seus melhores instrutores jamais haviam compreendido.”¹³⁷

Entre os espíritos rebeldes que visitavam a Lamaseria, HPB traçou um limite em relação à questão da violência. Ela incluiu no seu *caderno de anotações e recortes* um texto intitulado *In Open Revolt (Em Revolta Aberta)*, do *New York Herald* (de 6 de setembro de 1878) em que havia declarações de Charles Sotheran estimulando um grupo de grevistas a usar métodos extremos. Ela comentou: “Um teósofo que se torna um organizador de motins, encorajando revoluções e *assassinato*, um amigo dos *communards**³ — não é um membro adequado para a nossa Sociedade. Ele tem que sair!”¹³⁸ Espalhadas em seus escritos encontramos frases com força similar contra as atividades dos anarquistas e niilistas, especialmente na Rússia, onde eles abriram espaço para o comunismo.

Uma descrição intrigante de HPB, feita por um repórter de Connecticut que visitou a Lamaseria, foi publicada no *Hartford Daily Times* (em 2 de dezembro de 1878):

Sua fisionomia é rara e estranha. Uma combinação de estados de alma parece interferir constantemente nos seus traços. Ela nunca parece estar completamente absorvida num assunto. Há na expressão dos seus olhos uma aguda, alerta, sutil subcorrente de sentimento e percepção. Isso nos transmitiu na ocasião, e nos transmite até hoje, a ideia de dupla personalidade; como se ela estivesse aqui e, ao mesmo tempo, não estivesse; falando aqui e, no entanto, pensando, ou agindo, muito longe... Toda a sua personalidade expressa autocontrole, poder e um certo *sang froid**⁴ que se aproxima de uma indiferença masculina, sem por um momento ultrapassar os limites da delicadeza feminina...

Passando os olhos sobre uma pilha de cartas que o servente tinha acabado de trazer, exclamei: “Que correspondência imensa deve ter a senhora! E em tantas línguas diferentes! Conte-nos: em que língua a senhora pensa?”

“Numa língua própria minha, que não é russo, francês, nem é alguma que você conheça.”

Olcott exclamou: “Pode ser a dos números pitagóricos, que podem falar; ou alguma língua morta empregada por raças que podem ter alcançado um grau de civilização em que o atual gramofone seja para eles a coisa mais comum. Quem sabe se HPB não encontrará, em algum momento, uma folha de estanho^{*5} em algum futuro museu de ‘escavações recentes’, que [irá] falar a ela na mesma língua dos seus pensamentos?”

Foi na noite seguinte... que ela nos mostrou o seu álbum, guardado como um tesouro precioso, contendo os retratos dos membros da Sociedade Teosófica em outros países. Foi, na verdade, uma das mais finas coleções de rostos intelectuais, cultos e refinados, que tivemos o prazer de examinar. Homens e mulheres de cada país lá estavam representados. Todos os tipos de fisionomia, desde um velho general inglês até um filósofo indiano, com suas feições delicadas, nítidas, um rosto expressivo e uma forma maravilhosamente perfeita...

Pode ser que uma das gravuras do álbum fosse a que está na página seguinte, desenhada por W.Q. Judge do edifício onde funcionava a Lamaseria.

O edifício ainda existe.¹³⁹ A fachada mais estreita está na *Eight Avenue*, e no primeiro andar, sobre as lojas, situava-se o conjunto de cômodos pertencentes a HPB — um, dos dois apartamentos situados naquele andar. As duas janelas da frente, à direita, e outra, na esquina, abrem-se para uma grande sala onde os visitantes se reuniam e onde HPB escrevia. Uma reprodução do desenho de Judge apareceu numa série intitulada *Habitations of HPB (Residências de HPB)*, na sua revista *Path*, onde ele destacou:

Foi nesse andar, nesta grande sala, que *Ísis Sem Véu* foi escrita até o final. Lá aconteceram tantos fenômenos extraordinários que seria necessário escrever vários livros para descrevê-los. “A música astral e os sinos” eram ouvidos tantas vezes que os autodenominados críticos sábios diziam que eram produzidos por uma criada andando de um lado para outro no salão com um instrumento: o que é um absurdo para aqueles que, como eu, estiveram lá e ouviram todas essas coisas. No canto do salão em frente à *Eight Avenue* havia uma coruja empalhada que às vezes piscava... Era um lugar modesto, numa parte modesta e agitada de uma grande cidade; mas quanta coisa foi feita ali e que forças poderosas atuaram dentro dessas quatro paredes enquanto a personalidade conhecida como Helena P. Blavatsky morou ali!¹⁴⁰



9. Desenho de William Quan Judge que mostra o prédio da "Lamaseria", em Nova Iorque. (*The Path*, novembro de 1893, p. 238.)



10. A sala de jantar da "Lamaseria".

Olcott também morava na Lamaseria. A irmã dele, Belle Mitchell, ocupava o andar de cima com seu marido e filhos. Eles também moraram no prédio de apartamentos da *West Thirty-Fourth Street* onde Blavatsky e Olcott tinham residido. Belle era muito apegada a HPB, e quando uma certa sra. Frederica Showers, da Inglaterra, escreveu uma carta desrespeitosa publicada em *The Spiritualist*, de Londres (em 8 de março de 1878), atacando o caráter de HPB e chamando-a de mentirosa, Belle escreveu uma resposta indignada. Olcott deve tê-la considerado muito longa para ser publicada e nunca a enviou para *The Spiritualist*, mas ele a publicou mais tarde em *The Theosophist*. Um trecho dela:

Não sou budista, brâmane, teósofa nem espírita, mas simplesmente ligada à Igreja Presbiteriana, em cujo meio fui educada e pretendo morrer. Sou irmã do cel. H. S. Olcott, esposa e mãe de família; e quero acrescentar que não sou uma tola, alguém que pudesse ser “dominada psicologicamente” pela sra. Blavatsky. Mas sou uma mulher que clama por justiça para com outra mulher... Tenho desfrutado da amizade da sra. Blavatsky ao longo dos últimos três anos e, há um certo tempo, ocupo um apartamento com a minha família sob o mesmo teto que ela. Será que se pode conceber que uma mãe deixaria seus filhos morarem com um monstro, que é como a sra. Showers a descreve? Comigo ela tem sido, em todas as ocasiões, amigável, espontânea e familiar; e posso afirmar que eu, e somente eu tenho livre entrada aos seus aposentos de dia ou de noite... E, quando nos seus momentos de maior atividade todas as pessoas são afastadas, ela me permite ter livre acesso a ela.

Eu vejo na sra. Blavatsky uma mulher verdadeira, honesta, devotada de corpo e alma ao que ela julga ser uma causa sagrada; não medindo qualquer sacrifício para o seu avanço, e influenciando a todos em volta dela em direção a uma vida boa, pura e caridosa... Quanto aos curiosos e maravilhosos fenômenos que tenho visto a sra. Blavatsky produzir sem qualquer premeditação ou preparação, não é necessário que eu fale sobre eles.¹⁴¹

Mais tarde ela descreveu alguns dos fenômenos que testemunhou num artigo intitulado *Senhora Blavatsky*.¹⁴²

As demonstrações de leis e forças psíquicas eram sempre feitas reservadamente por HPB. Os primeiros membros da S.T. afastaram-se, diz Olcott, porque ela se “recusava a fazer até o menor dos fenômenos em nossas reuniões.”¹⁴³ Numa carta a Aksakov, na Rússia, escrita em abril de 1875 — seis meses antes da fundação da S.T. — Blavatsky escreveu: “Percebi que não há como convencer as pessoas somente com fatos suspeitos, e que mesmo qualquer fato autêntico apresenta um ou outro ponto fraco ao qual é fácil para os oponentes se agarrarem. Esta é a razão por que baixei a regra de não permitir, em nenhum caso, que pessoas de fora utilizem os meus poderes psíquicos. Exceto Olcott e dois ou três

amigos muito íntimos, ninguém mais tem visto o que acontece à minha volta.”¹⁴⁴

O número de testemunhas cresceu mais tarde, depois que *Ísis* foi escrita. Olcott escreveu a C.C. Massey e W. Stainton Moses, em Londres, que às vezes seis ou oito pessoas estavam presentes e que a variedade e o número de fenômenos excediam tudo o que ele tinha visto antes.¹⁴⁵

Em seu tributo à memória de HPB, Olcott especula sobre a razão por que ela realizava fenômenos para ele:

[A produção de *Ísis*], com suas numerosas citações e sua estranha erudição, foi para mim, realmente, um milagre suficiente para me convencer, de uma vez por todas, de que ela possuía dons psíquicos do mais alto nível. Mas havia ainda muitas provas além desta. Muitas e muitas vezes, nós dois estávamos trabalhando sozinhos em nossas mesas até tarde da noite, e ela exemplificava suas descrições de poderes ocultos no homem e na natureza com fenômenos experimentais improvisados. Agora, quando olho para trás, posso ver que esses fenômenos foram convenientemente escolhidos com a finalidade específica de me educar na ciência psíquica, assim como nos laboratórios as experiências de Tyndall, Faraday, ou Crookes são planejadas para levar o aluno a seguir passo a passo o currículo da física ou da química... Ela queria apenas a minha ajuda literária no seu livro; e, para fazer-me compreender as leis ocultas envolvidas no momento da discussão, ela demonstrava experimentalmente a base científica onde se apoiava.¹⁴⁶

Em uma carta para Nadya, tia de HPB, Olcott descreveu alguns dos fenômenos que a sobrinha dela executava nesse período. Nadya respondeu:

Eles são muito curiosos e extraordinários, verdadeiras maravilhas; mas não são únicos ou excepcionais. Muitas vezes me contaram, e inúmeras vezes li, em trabalhos que tratam do Espiritismo, sagrado ou profano, narrativas surpreendentes de fenômenos que se parecem com os que você menciona na sua carta, mas foram geralmente ocorrências isoladas ou provindas de fontes diferentes. Porém, tanta força concentrada num único indivíduo — todo um conjunto das mais extraordinárias manifestações emanando de uma só fonte, como é o caso da sra. Blavatsky — constitui certamente algo muitíssimo raro e, talvez, sem comparação. Eu a conheço há muito tempo e sei que ela possui um [tal] poder, o mais forte que encontrei, mas, enquanto ela esteve aqui, esse poder encontrava-se num estágio muito inferior ao alcançado por ela agora.¹⁴⁷

Muitos fenômenos desse período são descritos no primeiro volume de *Old Diary Leaves (Páginas de Um Velho Diário)*. A famosa fundadora do *Gotham Book Mart*, em Nova Iorque, Frances Steloff, certa vez mandou um exemplar para o matemático russo P.D. Ouspensky, autor de *Tertium Organum* e notável discípulo de Gurdjieff. Ele respondeu:

Cara sra. Steloff,

Agradeço muito o seu livro e o seu desejo de auxiliar-me, mas eu já possuía uma cópia dele. Deste modo, estou-lhe devolvendo o livro com meus agradecimentos. Adquiri este livro na Inglaterra e li-o pela primeira vez no ano em que Olcott faleceu, 1907. Sempre o considerei como o livro mais estranho do Universo, porque, apesar de tudo o que as pessoas possam dizer, tenho sempre a sensação de que Olcott não mentiu, e isso é o mais notável.

Cordialmente,
P.D. Ouspensky¹⁴⁸

Olcott fornece uma classificação setenária dos fenômenos que HPB produzia naqueles dias:

1. Aqueles cuja produção exige um conhecimento das qualidades últimas da matéria, da força de coesão que aglomera os átomos: especialmente um conhecimento do *Akasha*, sua composição, conteúdo e potencialidade.
2. Aqueles que se relacionam com os poderes dos elementais [forças invisíveis da natureza] quando estes são transformados em servidores da vontade humana.
3. Aqueles em que a sugestão hipnótica, por meio da transferência de pensamento, cria sensações ilusórias de visão, som e tato. [Em *Ísis*, vol. 2, p. 588^{*6} isto é chamado de “alucinação mesmérica”.]
4. Aqueles que envolvem a arte de criar imagens objetivas, pictóricas ou escritas... por exemplo, a precipitação de um retrato ou de um escrito sobre papel ou outra superfície material, ou de uma carta, imagem, ou de uma outra marca sobre a pele humana.
5. Aqueles que dizem respeito à leitura do pensamento e à clarividência do passado ou do futuro.
6. Aqueles que surgem da colaboração voluntária entre a mente dela e as mentes de outras pessoas vivas possuidoras de dons iguais ou maiores do que ela mesma...
7. Aqueles que são do tipo mais elevado; seja por percepção espiritual, seja por intuição ou inspiração... ela alcançava os arquivos do conhecimento humano que existem no registro [mais elevado] da Luz Astral, chamado de registro *akáshico*.¹⁴⁹

Judge também testemunhou muitos dos fenômenos realizados em Nova Iorque. Em 1º de março de 1884, numa carta para Damodar, um dos trabalhadores teosóficos ativos na Índia, ele escreveu:

Eu já a vi fazer com que os objetos de um quarto se movessem sem auxílio de ninguém. Certa vez uma colher de prata veio até suas mãos de aposentos distantes através de duas paredes e três salas, diante dos nossos olhos, por sua simples e silenciosa vontade. Em outra ocasião, ela retirou da parede uma dúzia de garrafas de tinta que eu queria usar para pintar a sua sala. Em outra, uma carta foi entregue a ela fechada em um envelope selado, e, no instante seguinte, a carta estava nas mãos dela, enquanto o envelope continuava fechado; a mesma carta, segurada entre seus dedos, foi instantaneamente duplicada e suspensa verticalmente, ficando, assim, em suas mãos duas cartas que eram exatamente iguais uma à outra. E ainda mais, o seu anel de três safiras foi retirado, dado a uma senhora que queria usá-lo durante um certo tempo, foi levado embora por esta, e, no entanto, ao afastar-se a senhora, o anel verdadeiro permanecia no dedo

de HPB, e só uma reprodução ilusória dele havia sido levada. E assim sucessivamente. Poderíamos citar centenas de exemplos.

Mas tudo empalidece e fica ofuscado diante das horas gloriosas passadas ouvindo as palavras daqueles Seres iluminados que vinham quase sempre tarde da noite quando tudo estava tranquilo, e conversavam longamente com H.S.O. e comigo... Era entre a meia-noite e as 4 horas da madrugada que eu os ouvia e via mais frequentemente enquanto estive com ela em Nova Iorque.¹⁵⁰

A maior parte dos fenômenos acima mencionados encaixam-se no primeiro item da classificação setenária de Olcott. A explicação desses fenômenos foi dada, surpreendentemente, por um *chela* de um desses adeptos em uma carta a John Smith, professor de química na Universidade de Sidney e presidente da *Royal Society* em *New South Wales*. Em outubro de 1893, ela foi publicada em *The Theosophist*. Em agosto de 1959, sessenta anos depois, foi reimpressa nos *Proceedings of the Royal Australian Chemical Institute (Anais do Instituto Real de Química Australiano)* num ensaio intitulado *O Professor John Smith e a Teosofia*, por J.L. Davidge. Dizia a carta do chela:

O fenômeno de “osmosear” [extrair] sua carta do envelope selado no qual ela estava costurada com uma linha, e substituí-la pela própria resposta [do Mestre], sem ter rasgado o selo ou a linha, deve ser considerado em primeiro lugar. É uma daquelas provas definitivas da completa familiaridade e do controle que os nossos adeptos orientais têm das relações atômicas, em comparação com os cientistas ocidentais modernos... Esse poder foi empregado na formação de uma carta vinda pelo ar no seu quarto [em Bombaim, no dia 1º de fevereiro de 1882]; no caso de outras cartas que vieram pelo ar; da chuva de rosas; do anel de ouro, que saltou do centro de uma rosa musgosa...; do anel de safira duplicado para uma senhora de posição social elevada aqui, pouco tempo atrás, e outros exemplos. A solução é encontrada no fato de que a “força de coesão”... de um grupo qualquer de átomos... pode ser interrompida e novamente estabelecida.

A matéria pode ser definida como sendo o *Akasha* (Éter) condensado; e que, na atomização, diferencia-se, assim como partículas aquosas se diferenciam das de vapor superaquecido quando condensadas. Restaure a matéria diferenciada a um estado anterior de matéria indiferenciada e não há qualquer dificuldade em ver como ela passa através dos interstícios^{*7} de uma substância no estado diferenciado, do mesmo modo como nós concebemos facilmente a viagem da eletricidade e de outras forças através dos seus condutores. A verdadeira questão consiste em ser capaz de interromper, pelo uso da vontade, e restaurar novamente as relações atômicas de uma dada substância: de colocar os átomos tão longe uns dos outros que ficam invisíveis, e, todavia, mantê-los numa suspensão polarizada, ou dentro de um raio de atração, a fim de que eles voltem às suas afinidades coesivas anteriores e recomponham a substância.¹⁵¹

Uma vez desintegrado e tornado invisível, acrescenta Judge, um objeto pode ser enviado “seguindo uma corrente formada no éter a qualquer lugar

da terra. No ponto desejado, a força dispersiva é retirada, e, imediatamente, a coesão recompõe-se e o objeto aparece intacto”.¹⁵²

Existem duas maneiras de realizar o fenômeno de a matéria passar através da matéria, tal como o de uma pedra atravessar uma parede sólida, explica Judge: primeiro, “quando um objeto pequeno é desintegrado por meios ocultos e é passado através de outros objetos”, ou segundo, “se ele tem que ser transportado sem ser desintegrado, então, qualquer obstáculo denso no caminho é desintegrado durante um espaço de tempo suficiente para permitir que ele passe”. Para citar um exemplo, ele observa que HPB o “fazia olhar um pequeno objeto tal como um anel, e colocando-o sobre a mesa fazia-o aparecer, sem que ela o tocasse, dentro de uma gaveta previamente trancada a chave, próxima dali. Nesse exemplo, ou ela desintegrou o objeto e fez com que ele passasse para dentro da gaveta, ou desintegrou um pedaço suficientemente grande da gaveta”, para que o anel pudesse passar através dela.¹⁵³

Nem sempre o que prendia a atenção de HPB, enquanto ela viveu na Lamaseria, era uma filosofia profunda ou fenômenos — como revela esta história contada por Olcott:

O sino astral certa vez soou com um efeito patético quando o seu canário de estimação morreu, e HPB ficou deprimida e chorou. “Era só uma pequena fêmea de canário”, Olcott recorda, “que não tinha muito a ser admirada pela beleza, mas era uma dona de casa surpreendentemente diligente...” Ele comprou um canário macho como parceiro para ela, um cantor esplêndido, e escreveu sobre o casal:

Deixávamos que eles voassem pelo quarto à vontade, e o canário nos recompensava encarapitando-se na moldura de um quadro próximo à nossa mesa de trabalho para cantar muito melodiosamente. A canária pousava na nossa mesa sem medo, chilreando bem debaixo dos nossos narizes, pegando e levando para o ninho construído próximo ao teto, acima do ornamento de bronze do lustre, qualquer pedacinho de linha ou material semelhante. Ela gostava especialmente dos pequenos pedaços de papel cortados por HPB antes de colar os recortes e reajustar as páginas de papel almaço dos seus manuscritos. A pequena “Jenny” esperava, às vezes, que a sua dona cortasse um pedaço de papel e o jogasse na mesa ou no chão, e então voava até ele e o levava, acompanhada por uma canção de aprovação do seu bonito esposo, “Pip”.

Por fim a construção do ninho terminou, e Jenny começou a ficar sentada no ninho acima da nossa mesa, com a sua cabecinha aparecendo sobre o ornamento de bronze no tubo de gás. Pip cantava suavemente, e nós esperávamos que os ovos chocassem com um interesse prazenteiro. As semanas passavam. Jenny continuava sentada e nós esperávamos, mas nenhum passarinho

aparecia, e ficávamos imaginando o que podia estar acontecendo. Até que, um dia, quando o pássaro estava ausente, procurando sementes e água, coloquei uma cadeira em cima de nossa escrivaninha, HPB a segurou e eu subi para dar uma espiada. O ninho estava absolutamente vazio... HPB deu, então, a única explicação possível: “Jenny estava chocando as suas próprias ilusões”... ela havia se persuadido de que havia posto ovos, e que era seu dever chocá-los.¹⁵⁴

O canto de “Pip” não era a única música que se ouvia na Lamaseria. Ocasionalmente HPB tocava piano. Olcott escreve:

Era uma pianista esplêndida, tocando com um tom e uma expressão — simplesmente magníficos. Suas mãos eram modelos — inclusive literalmente — para um escultor, e nunca despertavam tanta admiração como quando voavam sobre o teclado para produzir as suas melodias mágicas. Ela era uma discípula de Moscheles... Às vezes sentava em uma escuridão quase completa, sem ninguém no quarto além de mim, e tirava do instrumento doces improvisações que faziam com que embarcássemos na fantasia de que estávamos ouvindo os Gandharvas — os corais celestiais.¹⁵⁵

O dr. Eugene Corson relata que a sua mãe lhe contou “como HPB sentava e improvisava ao piano com grande perícia, mostrando uma eficiência notável para alguém que só tocava de vez em quando, como se o espírito pudesse governar seus movimentos”.¹⁵⁶ Isso acontecia em Ithaca, Nova Iorque, em 1875.

*1 Uma ilha grega. (Nota Ed. Bras.)

*2 Atual Sri Lanka (Nota Ed. Bras.)

*3 *Communards*: membros ou simpatizantes da Comuna de Paris, a insurreição na França de 1871. (Nota Ed. Bras.)

*4 *Sang froid*: sangue frio em francês. (Nota Ed. Bras.)

*5 O estanho era usado naqueles dias para as gravações fonográficas.

*6 Da edição em inglês. (Nota Ed. Bras.)

*7 A ciência moderna ensina que os interstícios entre os átomos de um objeto sólido são tão grandes, relativamente falando, como o espaço existente entre os planetas! Consequentemente a matéria sólida é uma ilusão.

CAPÍTULO 12

Uma Grande Decisão

No volume um de *Old Diary Leaves*, Olcott recorda uma experiência que “teve consequências de grande importância no curso da minha vida”:

Nosso trabalho em *Ísis* aquela noite estava terminado. Eu havia desejado boa noite a HPB e retirara-me para o meu quarto de dormir. Como sempre fazia, fechei a porta, sentei-me para ler e fumar, e logo estava absorto no meu livro, que, se lembro bem, era *Travels in Yucatan* (*Viagens em Yucatan*), de Stephens... Minha cadeira e mesa estavam à esquerda da porta, minha cama desmontável à direita, a janela em frente à porta e, sobre a mesa, um lampião a gás.

Eu estava lendo silenciosamente, com toda minha atenção centrada no livro... De repente, como eu lia com o meu ombro um pouco afastado da porta, surgiu no canto do meu olho direito uma luminosidade branca; voltei minha cabeça, deixei cair atônito o meu livro, e vi elevar-se diante de mim, com grande estatura, um oriental vestido com trajes brancos, usando um pano de cabeça ou turbante de um tecido listado cor de âmbar, bordado a mão com fios de seda amarela. Seus cabelos longos e negros caíam do turbante até os ombros; sua barba negra, partida verticalmente no queixo de acordo com o uso em Rajput, estava torcida nas pontas e levada por sobre as orelhas; os seus olhos eram animados pelo fogo da alma; olhos que eram ao mesmo tempo benignos e penetrantes; olhos de um mentor e de um juiz, mas suavizados pelo amor de um pai que olha para um filho necessitado de conselho e orientação. Ele era um homem tão imponente, tão dotado da majestade da força moral, tão luminosamente espiritual, tão evidentemente acima da humanidade mediana, que me senti envergonhado em sua presença, e curvei a minha cabeça, e dobrei o meu joelho como se faz diante de um deus ou de um personagem com a aparência de um deus. Uma mão foi posta levemente na minha cabeça, e uma voz doce, mas forte, pediu que eu me sentasse. Quando levantei os meus olhos, a Presença estava sentada na outra cadeira atrás da mesa.

Ele me disse que viera no momento decisivo, quando eu precisava dele; que minhas ações tinham me trazido até este ponto; que dependia somente de mim se ele e eu nos encontraríamos mais vezes nesta vida como co-trabalhadores pelo bem da humanidade; que um grande trabalho estava sendo feito pela humanidade, e eu tinha o direito de participar dele se desejasse; que um misterioso laço, que não me seria explicado agora, colocara juntos minha colega e eu; um laço que não podia ser partido, por mais que em certas ocasiões ele pudesse ser forçado. Ele me contou coisas a respeito de HPB que não devo repetir, bem como coisas a meu respeito que não interessam a outras pessoas. Quanto tempo ele esteve lá, eu não poderia dizer: pode ter sido meia hora ou uma hora: mas para mim parece ter sido um minuto, pois não notei a passagem do tempo.

Por fim ele se levantou, enquanto eu admirava a sua grande altura e observava uma espécie de esplendor em sua fisionomia — não um brilho externo, mas o brilho suave de uma luz interna — a luz do espírito. Subitamente surgiu o pensamento na minha mente: “Não será isso apenas

uma alucinação, será que HPB lançou sobre mim um encantamento hipnótico? Eu gostaria de ter algum objeto tangível para poder provar a mim mesmo que ele realmente esteve aqui; algo que eu pudesse segurar depois de ele partir!” O Mestre sorriu bondosamente como se tivesse lido o meu pensamento, desenrolou a *feh*ta da sua cabeça e gentilmente me saudou com um adeus e partiu: sua cadeira estava vazia; eu, sozinho, entregue às minhas emoções! Não completamente só, pois na mesa estava uma prova tangível e perene de que não havia sido “enganado” ou psicologicamente iludido, mas tinha estado frente a frente com um dos Irmãos mais Velhos da Humanidade, com um dos Mestres da nossa raça de aprendizes lentos.¹⁵⁷

Esta experiência de Olcott, disse ele, foi o fator principal na sua decisão de ir para a Índia com HPB. A importância desta decisão, tanto para o Ocidente como para o Oriente, ficará clara na Parte 5, “Missão na Índia”.

CAPÍTULO 13

Últimos Dias na América

HPB tornou-se cidadã americana no dia 8 de julho de 1878. “No dia seguinte os jornais americanos”, recorda Olcott, “estavam cheios de relatos sobre o evento, e foram enviados repórteres para entrevistar a nova cidadã, que fez rir a todos com as suas opiniões ingênuas sobre a política e os políticos”.¹⁵⁸ O repórter do *Daily Graphic* registrou suas declarações:

Sim, tornei-me cidadã dos Estados Unidos e devo dizer que me sinto orgulhosa deste título. Você pergunta por que renunciei ao meu país? Respondo que foi porque amo a liberdade. Hoje há muito pouca liberdade na Rússia. Aqui é o contrário. Lá estive sujeita a grandes aborrecimentos e fui multada tantas vezes que posso calcular seguramente a soma de 10.000 dólares, incluindo pequenas ofensas. Este é na verdade um grande país, mas que tem um grande obstáculo. As pessoas são muito astutas, há muita corrupção.¹⁵⁹

HPB falou novamente da sua cidadania quando a *Bombay Gazette* referiu-se a ela como sendo uma baronesa russa e *The Times of India* disse que ela proclamava ser uma princesa. Ela então escreveu para a *Gazette*:

Meu objetivo é fazer com que a *Gazette* desista da coroa de baronesa, que foi colocada sem consulta sobre a minha cabeça republicana. Saibam, por favor, de uma vez por todas, que eu não sou “condessa”, “princesa” nem uma modesta “baronesa”, seja o que for que eu tenha sido antes de julho último. Naquela época eu me tornei uma simples cidadã dos Estados Unidos da América — um título que valorizo mais do que qualquer outro que me pudesse ser conferido por rei ou imperador... minha experiência das coisas em geral, e das penas de pavão em particular, levou-me a desenvolver um forte desprezo por títulos, pois parece que fora dos limites das suas próprias terras natais, príncipes russos, condes poloneses, marqueses italianos e barões alemães são muito mais fáceis de encontrar dentro dos distritos policiais do que fora deles... Nunca disse ser nada que não pudesse comprovar — uma mulher honesta, e agora uma cidadã da América do Norte, o meu país de adoção, e a única terra em todo o mundo em que há verdadeira liberdade.¹⁶⁰

Por que, então, ela deixou a sua terra adotiva? De acordo com Judge:

Disseram os seus detratores que ela deixou aqui uma terra estéril devido a um impulso súbito e sem uma meta clara. Mas a verdade é o contrário... Ela sempre havia dito que teria que ir para a Índia logo que a Sociedade estivesse em andamento aqui e *Ísis* tivesse sido terminada. E, algum tempo depois, quando já estava na Índia, suas muitas cartas para mim expressavam a intenção

de [ir] para a Inglaterra para iniciar lá o movimento ativo e externamente, pois havia sido decidido que três grandes pontos da superfície do mundo — Índia, Inglaterra e América — deveriam ser centros ativos do trabalho teosófico.

Quanto a deixar a América e ir para a Índia, disse eu posso falar com conhecimento, pois... atendendo à sua solicitação, redigi o contrato para a publicação [de *Ísis*] firmado entre ela e os seus editores em Nova Iorque... Quando esse documento foi assinado, ela me disse na rua: “Agora tenho que ir para a Índia.”¹⁶¹

Assim como aconteceu com a fundação da S.T., HPB não iniciou ativamente os preparativos de uma mudança para o Oriente, mas esperou que Olcott sugerisse a ideia. Ele explica como o caminho se abriu:

Numa noite de 1877 chegou [à Lamaseria] um viajante norte-americano que estivera recentemente na Índia. De modo aparentemente casual, sentou-se em uma posição que fazia com que, ao olhar em sua direção, eu enxergasse na parede atrás dele, a fotografia emoldurada de dois cavalheiros hindus com quem eu havia feito a travessia do Atlântico em 1870. Tirei-a da parede, mostrei-a, e perguntei-lhe se conhecia algum dos dois. Ele reconheceu Moolji Thackersey e disse que o havia encontrado recentemente em Bombaim. Anotei o endereço e enviei pelo correio uma carta para Moolji falando da nossa Sociedade, do nosso amor pela Índia e da causa desse nosso sentimento. Ele respondeu em termos bastante entusiásticos, aceitou o diploma de membro que lhe foi oferecido, e falou-me de um grande pandit (erudito) e reformador hindu [Swami Dayanand Saraswati], que havia começado um poderoso movimento chamado “Arya Samaj”, pelo reerguimento da religião védica pura.

Ao mesmo tempo ele falou em termos bastante favoráveis de um certo Hurrychund Chintamon, presidente da Arya Samaj em Bombaim, com o qual passei a corresponder-me desde então; e cuja atitude hostil em relação a nós, quando chegamos a Bombaim, é uma questão que pertence à história... O sr. Hurrychund, ao ler minhas explicações sobre nossos pontos de vista quanto à impessoalidade de Deus — um Princípio Eterno e Onipresente que, sob diferentes nomes era o mesmo em todas as religiões — escreveu-me dizendo que os princípios da Arya Samaj eram idênticos aos nossos, e [ele] sugeria que, nesse caso, era inútil manter duas sociedades quando, unindo-as, poderíamos aumentar nossos poderes e utilidade e nossas chances de sucesso... Assim, tendo explicado o assunto para os meus colegas em Nova Iorque, nosso Conselho, em maio de 1878, aprovou unir as duas sociedades e mudar a nossa denominação para “Sociedade Teosófica da Arya Samaj”...

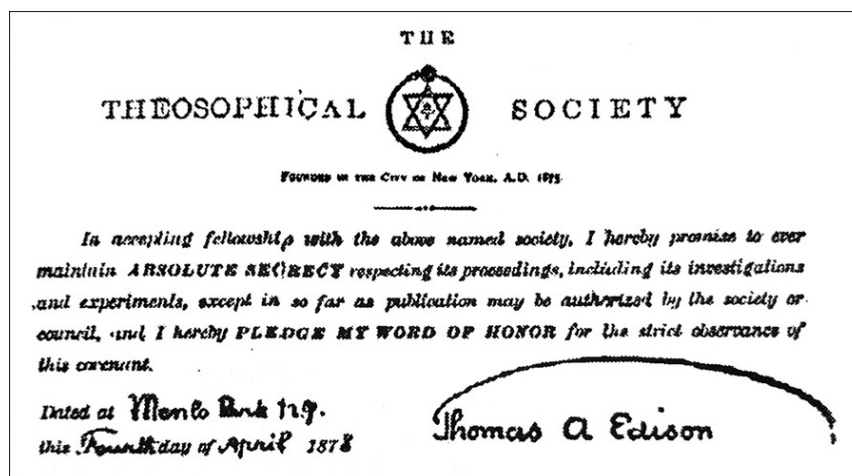
Tudo ia bem, mas, no devido tempo, recebi da Índia uma tradução para o inglês das regras e doutrinas da Arya Samaj... o que produziu em nós um grande choque — pelo menos em mim... Era evidente que a Samaj não era de caráter idêntico à nossa Sociedade, mas, sim, uma nova seita do Hinduísmo — uma seita védica que aceitava a autoridade de Swami Dayanand como juiz supremo para dizer que porções dos *Vedas* e *Shastras* eram ou não infalíveis. A impossibilidade de levar adiante a união pretendida tornou-se manifesta, e nós imediatamente comunicamos isso aos nossos colegas indianos... A Sociedade Teosófica reassumiu seu status original, e uma nova sociedade foi fundada para aqueles que queriam continuar ligados à Arya Samaj.¹⁶²

A associação com a Arya Samaj, a despeito das dificuldades, deu-nos uma desculpa para a viagem à Índia. Antes da partida, HPB usou a oportunidade para contra-atacar o ponto de vista, difundido pelos missionários salvadores de almas, segundo o qual os hindus e outros orientais eram selvagens ignorantes.

Foi no ano da partida, 1878, que Thomas Edison tornou-se membro da Sociedade Teosófica. Olcott relembra:

No dia 5 de abril, T. A. Edison enviou-me, assinado, o seu pedido de ingresso na S.T. Eu o vira mostrando as suas invenções elétricas na Exposição de Paris daquele ano; eu era o secretário honorário do Comitê Nacional de Cidadãos, formado por solicitação do governo francês, para persuadir o Congresso dos Estados Unidos a aprovar a participação do nosso país na primeira exposição mundial das indústrias desde a queda do império e a fundação da República Francesa.*¹ Edison e eu iniciamos um diálogo sobre forças ocultas, e interessei-me muito quando ele afirmou que havia feito algumas experiências naquela direção. Seu objetivo era tentar ver se um pêndulo, suspenso na parede do seu laboratório particular, podia ser movido pela força da vontade.¹⁶³

Naqueles dias era exigida, dos possíveis membros, uma promessa de segredo, porque, como foi mencionado antes, a Sociedade tinha sido exposta a situações difíceis devido à publicação de histórias falsas sobre seus procedimentos. Aqui está o compromisso de Edison:¹⁶⁴



11. Fac-símile da promessa de segredo assinada por Thomas Edison ao filiar-se à Sociedade Teosófica em 1878. (*The Theosophist*, agosto de 1931, p. 657, Sociedade Teosófica, Arquivos de Adyar.) Diz o texto: "Ao aceitar minha filiação à Sociedade mencionada acima, prometo manter sempre SEGREDO ABSOLUTO com relação aos seus procedimentos, inclusive sobre suas pesquisas e experiências, exceto quando a sua publicação for autorizada pela Sociedade ou por seu Conselho, e EMPENHO MINHA PALAVRA DE HONRA ao afirmar que mantereí estrita obediência a este compromisso. Menlo Park, 4 de abril de 1878. Thomas A. Edison."

HPB tinha falado a Nadya sobre a filiação de Edison, e escreveu a ela no dia 3 de julho:

Naturalmente Edison manteve todas as promessas e as manterá. O tolo Dobrovolsky omitiu grande parte do meu artigo [sobre Edison, no *Pravda*.]¹⁶⁵ inclusive, certamente, a parte mais interessante. [Edison] realizou verdadeiros milagres. Krishnavarma ensinou-lhe mais duas coisas, de modo que usando no pescoço um aparelho mecânico pequeno, quase invisível, um surdo poderá ouvir bastante bem.

Krishnavarma era um hindu do Punjab que estava passando uma temporada na Lamaseria, e também tinha acompanhado Blavatsky e Olcott numa viagem de negócios a Mineápolis. Enquanto esteve lá, continua HPB:

Todas as senhoras caminhavam em procissão diante das janelas do nosso hotel e do terraço onde estávamos sentados, a fim de olhar Krishnavarma. Ele era notavelmente belo... embora escuro como a cor do café. Com uma vestimenta longa e branca de musselina e um estreito turbante branco na cabeça, diamantes no pescoço e descalço, ele era realmente uma visão curiosa entre os norte-americanos com suas casacas negras e gravatas brancas. Os fotógrafos pediram que eu consentisse que eles tirassem fotos dele, mas ele recusou, e todos ficaram admirados com o seu bom e puro inglês. Deus sabe a sua idade. Quando alguém o vê pela primeira vez ele não parece ter mais de 25, mas há momentos em que parece tão velho como um homem de 100 anos.¹⁶⁶

Quanto à influência da Teosofia sobre a filosofia de Edison, trinta anos depois ele descreveu seus pontos de vista metafísicos numa entrevista dada à revista *Scientific American*. Archibald Keightley, médico, fez uma profunda comparação com *A Doutrina Secreta* e mostrou nove pontos de semelhança.¹⁶⁷ Pouco antes da morte de Edison, os repórteres perguntaram a ele se acreditava na sobrevivência após a morte. Ele respondeu: “A única forma de sobrevivência que posso conceber é começar um novo ciclo de vida.”¹⁶⁸

HPB teve uma experiência estranha em abril de 1878, quando Edison se tornou membro da Sociedade Teosófica. Ela escreveu a Vera:

Eu não escrevi a você durante um mês. Pode imaginar a causa disso? Numa bela manhã de terça-feira, em abril, levantei como sempre e sentei-me na minha mesa para escrever aos meus correspondentes californianos. Subitamente, apenas um segundo depois, como me pareceu, percebi que por uma razão misteriosa eu estava no meu quarto de dormir, deitada na minha cama; e que já era noite e não mais de manhã. À minha volta vi alguns dos nossos teósofos e médicos olhando para mim com rostos confusos, e Olcott e sua irmã, a sra. Mitchell — a melhor amiga que tenho aqui — ambos pálidos, tristes, e enrugados como se tivessem sido fervidos numa panela.

“Qual é o problema? O que aconteceu?” — perguntei. Em vez de responderem, eles me cobriram de perguntas: Qual era o problema comigo? Eu não tinha nada a dizer. Não tinha havido nada comigo. Não me lembrava de coisa alguma, mas era certamente estranho que poucos momentos antes fosse terça-feira de manhã e agora eles diziam que era o anoitecer de sábado; e quanto a mim, esses quatro dias de inconsciência parecem ter sido apenas um piscar de olhos. Eu estava calçada com um belo par de sapatos! Imagine só, todos pensavam que eu estivesse morta e estavam prestes a queimar este meu templo desmantelado. Mas nisto, o Mestre telegrafou de Bombaim para Olcott dizendo: “Não tenham medo. Ela não está doente, mas repousando. Ela se excedeu no trabalho. O seu corpo necessita de repouso, mas agora ela ficará bem.” O Mestre estava certo... Mas é simplesmente terrível pensar quanto trabalho está acumulado agora.¹⁶⁹

Era maio quando foram recebidas ordens de começar os preparativos para a partida final rumo à Índia.¹⁷⁰ Em dezembro, quando finalmente Blavatsky e Olcott partiram, estava previsto que, em princípio, essa mudança seria apenas experimental. Eles foram acompanhados por dois ingleses: Rosa Bates, uma professora, e Edward Wimbridge, um artista e arquiteto, indicado como “um membro do Comitê da Sociedade Teosófica para visitar terras estrangeiras”.¹⁷¹

Olcott indicou como presidente interino, para atuar na sua ausência, o general Abner Doubleday. Filho de um membro do Congresso dos Estados

Unidos, Doubleday nasceu em Nova Iorque, em 1819. Quando irrompeu a Guerra Civil, ele era o segundo no comando do Forte Sumter, e instalou o primeiro canhão para defender o forte. Ele serviu com honra em muitas campanhas e teve uma estátua de bronze erigida em sua homenagem por causa do seu heroísmo na Batalha de Gettysburg. Engenheiro famoso, Doubleday foi o criador do sistema de cremalheira*² e cabo usado nos bondes dos morros de São Francisco, na Califórnia.

Além da indicação de Doubleday para presidente da S.T., Olcott escolheu William Q. Judge como tesoureiro temporário e secretário correspondente.¹⁷² Ele havia planejado ir para a Índia com os outros, e foi uma decisão emocionalmente arrasadora a de dizer não. Ele escreveu para Damodar: “Dei minha palavra de honra de que seguiria esta senda; e como disse HPB ou M. certa vez, ‘a palavra de honra é incômoda’.” O problema dizia respeito à sua esposa: “Não lhe parece mesquinho da minha parte sair por aí deixando dívidas por pagar e uma mulher sem recursos que a meu pedido deixou uma bem paga posição de professora para casar comigo? Ela não pode recuperar a posição. Não me parece algo justo, não consigo ver justiça nisso.” A esposa dele, “uma cristã de crenças bem definidas..., odeia a S.T. e HPB e não quer conversar sobre qualquer assunto religioso”, escreveu.¹⁷³ Mais tarde, entretanto, ela auxiliou o marido em seu trabalho teosófico e em 1925, alguns anos após a morte dele, filiou-se à Loja Unida de Teósofos.¹⁷⁴

Quando o dia da viagem se aproximou, a residência da *Forty-Seventh Street* transformou-se no cenário de uma atividade tumultuosa. No dia 9 de dezembro os móveis foram leiloados por muito pouco. Os repórteres estavam sempre indo e vindo. No dia 10 de dezembro o *New York Herald* escreveu: “A esta sala de visitas vieram estrangeiros de todas as partes do mundo, e alguns dos melhores cidadãos de Nova Iorque a visitavam frequentemente.” O repórter do *Daily Graphic* perguntou a HPB se ela havia, realmente, decidido partir. “Sim”, disse ela, “e vou deixar a Lamaseria onde passei tantas horas tão felizes... Ficarei imensamente feliz em ver o meu querido lar indiano novamente”.¹⁷⁵

Antes de partir, Olcott visitou Edison em *Menlo Park* e, no dia seguinte, voltou com um fonógrafo pesando quarenta quilos. Na recepção de despedida na Lamaseria, dia quinze, segundo Olcott, “muitos dos nossos

membros e amigos, entre eles um certo sr. Johnston, que Edison tinha mandado como seu representante pessoal (pois ele estava totalmente impossibilitado de comparecer), gravaram, no receptor de voz, mensagens para os nossos irmãos conhecidos e desconhecidos da Índia... Entre essas vozes foram gravadas as vozes de HPB — uma gravação muita bem feita e clara — a minha, do sr. Judge e do seu irmão John, do professor Alex Wilder”, e uma longa lista de outras pessoas, “algumas bem conhecidas como as de escritores, jornalistas, pintores, escultores, músicos e assim por diante”. O registro das vozes, infelizmente, não sobreviveu à passagem do tempo.

“Dezessete de dezembro foi o nosso último dia em solo americano”, escreveu Olcott. No seu diário, HPB registrou: “Grande dia! Olcott fez as malas... O que vem a seguir? Tudo escuro — mas tranquilo.” “E então”, diz o coronel, “vem escrito: em letras grandes, o grito de alegria partido do coração: CONSUMMATUM EST!”¹⁷⁶ As palavras de *João 19:30* foram supostamente as últimas palavras de Cristo na cruz: “Está consumado.”

O parágrafo de fechamento de HPB diz: “Olcott retornou às 19h com as passagens para o navio britânico, o *Canadá*, e escreveu cartas até às 23h30. Curtis e Judge vieram no começo da noite... Perto da meia-noite HSO e HPB deixaram o candelabro”, sob o qual tanto trabalho foi feito, “e foram conduzidos numa carruagem para o navio a vapor”.

Ao todo, haviam passado cinco anos e meio desde que Blavatsky, uma imigrante russa desconhecida, chegou ao litoral norte-americano. Agora ela estava partindo para nunca mais voltar. Olhando retrospectivamente, parece notável que tantas coisas tenham sido realizadas em tão pouco tempo.

*¹ Em 1979, no centésimo aniversário da lâmpada elétrica, os arquivos de Edison em Madison, Nova Jersey, mostravam, entre outros documentos de 1879, um recibo oficial da Sociedade Teosófica provando que Edison havia pago a sua contribuição anual.

*² Cremalheira: tipo de linha ferroviária em que existe um trilho dentado, no qual são engrenadas as rodas motrizes, também dentadas, e utilizado em rampas fortes. (Nota Ed. Bras.)

PARTE 5

Missão na Índia

CAPÍTULO 1

O Despertar do Oriente

O dr. Edward Conze, que partilhou com Giuseppe Tucci a honra de ser um dos dois principais eruditos budistas da época atual, fez um reconhecimento surpreendente em seu livro *Buddhism: Its Essence and Development* (*Budismo: Sua Essência e Desenvolvimento*):

O ano de 1875 é marcado por um evento de grande importância:¹ a sra. Blavatsky e o coronel Olcott fundaram a Sociedade Teosófica. Suas atividades aceleraram o influxo do conhecimento nas mentes oscilantes dos próprios asiáticos. Naquele período, a civilização europeia, uma mistura de ciência e comércio, de Cristianismo e militarismo, parecia ser extremamente sólida... Um número crescente de homens educados na Índia e em Sri Lanka [ex-Ceilão] sentia, como os japoneses faziam na mesma época, que não tinham outra alternativa senão adotar o sistema ocidental com tudo que ele impunha. Os missionários cristãos tinham em vista rápida conversões em massa.

Mas, então, a maré mudou, súbita e inesperadamente. Uns poucos membros da raça dominante, homens e mulheres brancos da Rússia, América e Inglaterra, os teósofos, apareceram entre os habitantes da Índia e Sri Lanka para proclamar a sua admiração pela antiga sabedoria do Oriente. A sra. Blavatsky falou acerca do Budismo [e Hinduísmo] em termos do mais alto louvor, o coronel Olcott escreveu um *Buddhist Catechism* (*Catecismo Budista*^{*1}), e A. P. Sinnett publicou um livro de muito sucesso, no qual todos os tipos de ideias misteriosas, mas fascinantes, estavam presentes como “Budismo Esotérico”...^{*2} Com essa intervenção oportuna, a Sociedade Teosófica prestou um grande serviço à causa budista.²

Em *Oriental Religions and American Thought* (*Religiões Orientais e Pensamento Americano*), o professor Carl Jackson escreve algo semelhante:

Enfraquecidos pela decadência interna e dominados pelo regime estrangeiro e pelos ataques dos missionários, tanto o Hinduísmo como o Budismo estavam no seu momento de maior fragilidade no último século dezanove, com a juventude mais culta fugindo rapidamente das suas tradições. O reerguimento surpreendente de ambos, [no qual] a Sociedade Teosófica desempenhou um papel importante ao estimular o desejo por renovação, foi um dos acontecimentos mais significativos daquele período.³

Nos anos 1940, o renomado presidente-filósofo da Índia, S. Radhakrishnan, expressou o mesmo ponto de vista:

Quando, com todas as espécies de fracassos políticos e quebras econômicas, nós (indianos) estávamos suspeitando dos valores e da vitalidade da nossa cultura, quando tudo e todos ao nosso redor, inclusive o sistema educacional, desacreditava do valor da cultura indiana, o movimento teosófico prestou um grande serviço ao valorizar aqueles valores e ideias. A importância da influência do movimento teosófico na sociedade indiana em geral é incalculável.⁴

Em reconhecimento ao que o movimento teosófico fez pela Índia, em 1975 o governo emitiu um selo especial comemorando o centésimo aniversário de fundação da S.T. O selo mostra o símbolo da sociedade e seu lema: “Não há religião superior à verdade.”



12. Selo comemorativo da Índia, emitido em 1975, mostrando o símbolo da Sociedade Teosófica. (Arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.)

Se os hindus na Índia e os budistas em Sri Lanka [ex-Ceilão], Birmânia^{*3} e Japão — em todos esses países os teósofos trabalharam pelo reerguimento — tinham perdido, naquela época, a fé na sua tradição e sucumbido às influências estrangeiras, eles não poderiam ser também uma presa fácil do comunismo que mais tarde varreu toda Ásia? Os ingleses estavam sempre temerosos que isso pudesse acontecer na Índia.

Os norte-americanos não têm consciência de que um dos seus compatriotas, o coronel Olcott, colaborando com HPB e seus instrutores adeptos, desempenhou um papel decisivo no renascimento da cultura e da religião tradicionais desses países. Um artigo publicado no *New York Herald Tribune* (de 18 de fevereiro de 1962) por Martin G. Berck, das Nações Unidas, aborda um renascimento semelhante no Sri Lanka.

Por toda ilha do Ceilão [Sri Lanka], desde a antiga capital Anuradhapura até o venerado pico de Shri Pada, lâmpadas de latão polidas foram acesas ontem quando os budistas fizeram um intervalo para prestar homenagens religiosas a um norte-americano... Com tal cerimônia, os budistas do Ceilão assinalavam a morte, em 17 de fevereiro de 1907, do coronel Henry Steel Olcott, a quem eles consideram uma pessoa-chave e uma figura santa no renascimento da sua religião e da sua cultura nacional.

Em 1968, Sri Lanka emitiu um selo lembrando o trabalho de Olcott ao promover a educação e o Budismo na ilha. Em 1880 só existiam duas escolas budistas no Ceilão, quando HPB e Olcott o visitaram; todas as outras eram controladas por missionários — ou por igrejas cristãs — que haviam quase extinto o Budismo na ilha. Em 1900, em grande parte devido aos esforços de Olcott, já existiam duzentas escolas budistas.⁵ Além do retrato de Olcott, o selo mostra a bandeira budista que ele desenhou. Blavatsky explicou que até então os budistas “não possuíam um símbolo, tal como a cruz dada aos cristãos, e, conseqüentemente, faltava um sinal essencial da relação comum que os unia uns aos outros”. A bandeira foi um dos muitos exemplos, disse ela, da força fraternal que o movimento teosófico tentava evocar nesses povos.⁶

Olcott foi tão bem-sucedido em reviver o Budismo lá, e também na Birmânia, que, em 1888, um comitê nacional de monges budistas japoneses convidou-o para fazer o mesmo no Japão e enviou um representante à Índia para acompanhá-lo até este país. Num discurso dirigido aos teósofos, o delegado fazia um apelo para que Olcott “colocasse coragem no coração de nossos jovens para provar, aos graduados das nossas escolas e universidades e àqueles que haviam sido enviados para a América e Europa para serem educados, que a ciência ocidental não é infalível, e não é uma substituta, mas a irmã natural da religião”. Com o patrocínio conjunto das nove principais seitas budistas japonesas, Olcott fez uma turnê de quatro meses de conferências em toda a ilha. O fato despertou tamanho interesse que se transformou em um grande acontecimento nacional.⁷

Quanto à Índia, no dia 27 de junho de 1885, numa palestra em homenagem ao terceiro aniversário da Sociedade Teosófica de Bengala, diante de setecentas pessoas, Olcott fez um levantamento das condições anteriores e posteriores à chegada dos teósofos ao país. Ele os fez lembrar que as antigas escolas dos gurus brâmanes haviam sido fechadas, e que as preciosas escrituras estavam “envelhecendo nas prateleiras por falta de compradores... e para completar o quadro de desolação nacional, o Panteão da Teologia Hindu, repleto de deuses, tornara-se um amontoado de velhas imagens em pedra, sem vida e sem sentido, desprezadas pelos jovens imaturos das escolas e das universidades modernas... Isso continua igual? Olhem pelo país, examinem os jornais locais e outra literatura atual e respondam... Os livros antigos encontram compradores, e novas edições são exigidas; escolas de sânscrito são reabertas... Há o começo de uma convicção na mente hindu de que os seus antepassados eram sábios e bons, e sua terra-mãe, ‘o berço de artes e credos’.”⁸

Neste mesmo ano houve o nascimento do Congresso Nacional indiano, o qual, sob a orientação de Mohandas Gandhi, tornou-se um poder dominante que conduziu ao momento histórico da libertação da Índia. “No começo”, contou Gandhi ao seu biógrafo Louis Fischer, os “principais congressistas eram teósofos”.⁹ De fato, um deles, Allan O. Hume, foi saudado como o Pai do Congresso. Gandhi escreveu em seu livro *Hind Swaraj*, sobre o regime nacional indiano: “É impossível esquecer o que o sr. Hume escreveu, como ele nos fez entrar em ação e com que esforço ele nos despertou, a fim de que alcançássemos os objetivos do Congresso.”¹⁰

Quanto à Teosofia, Gandhi explicou ao seu biógrafo Louis Fisher:

A Teosofia é o ensinamento da sra. Blavatsky. É o que o Hinduísmo tem de melhor. A Teosofia é a fraternidade humana... Jinnah e outros líderes muçulmanos foram certa vez membros do Congresso. Eles o deixaram quando sentiram o toque protetor do Hinduísmo... Eles não encontraram a fraternidade humana entre os hindus. Eles dizem que o Islã é a fraternidade humana. O fato é que o Islã é a fraternidade dos muçulmanos. A Teosofia é a fraternidade humana.¹¹

Como a Sociedade Teosófica não atua em questões políticas, a participação dos teósofos no Congresso era executada individualmente, como cidadãos. HPB escreveu:

Este corpo político extraordinário foi planejado por alguns dos nossos membros anglo-indianos e hindus segundo o modelo e as linhas da Sociedade Teosófica, e foi dirigido, no começo, pelos nossos próprios colegas; homens de grande influência no império indiano... Nós despertamos o espírito adormecido... dos hindus; esse Congresso foi uma das maneiras encontradas pela nova vida para expressar-se.¹²

Blavatsky acreditava que a hora da independência da Índia ainda estava distante, pois observou numa carta a Sinnett: “...o Mestre diz que a hora da retirada de vocês, ingleses, ainda não chegou nem chegará — até o próximo século e ‘numa época em que Dennie já poderia ser um homem velho’, como K.H. disse algum tempo atrás.”¹³ Dennie era o filho de Sinnett, nascido em 1868; ele teria setenta e nove anos se tivesse vivido até 1947, quando a Índia tornou-se independente.

O primeiro contato de Gandhi com os teósofos aconteceu em 1889, quando ele estava em Londres estudando Direito. Até então, como observa o professor James Hunt em *Gandhi in London (Gandhi em Londres)*, ele estava mais interessado em moda do que em tornar-se advogado. Ele estava “dominado pela mentalidade colonial que o levou a afastar-se das maneiras indianas e adotar as do Ocidente”. Durante esse período, ele aprendeu a dançar, começou a interessar-se por música ocidental, tomou lições de dicção e estudou francês,¹⁴ e acreditava de coração que os indianos deviam tornar-se semelhantes aos ingleses. “Foi através da Teosofia”, continua Hunt, “que Gandhi foi induzido a estudar a sua própria tradição. A mesma mudança de atitude ocorreu em muitos indianos...”¹⁵

Em sua *Autobiografia*, Gandhi relata que “no final do meu segundo ano na Inglaterra, encontrei dois teósofos, que eram irmãos...”¹⁶ Eles me falaram sobre a *Gītā*... Convidaram-me para ler a versão original com eles. Senti-me envergonhado, pois não havia lido o poema divino nem em sânscrito nem em *gujarati*... Comecei a ler a *Gītā* com eles”.¹⁷ A *Bhagavad-Gītā* tornou-se o livro mais importante da sua vida,¹⁸ influenciando todas as suas decisões na longa luta pela libertação da Índia do domínio britânico. Ele afirmou que sua filosofia de *Ahimsa* (inofensividade; não-violência) tinha suas bases naquela escritura.¹⁹

Gandhi relata que os dois teósofos que lhe mostraram a *Gītā* também o levaram, em certa ocasião, à loja Blavatsky e o apresentaram à sra. Blavatsky e à sra. Besant.*⁴ Ele disse: “Lembro que li, sob a [orientação] dos irmãos, o livro da sra. Blavatsky *A Chave Para a Teosofia*.”^{*5} Esse livro

estimulou em mim o desejo de ler livros sobre Hinduísmo e desfez a noção alimentada pelos missionários de que o Hinduísmo era cheio de superstições.”²⁰

Foi em novembro de 1889 que Gandhi conheceu HPB. Ele disse que não se associou à S.T. naquela ocasião porque “com meu escasso conhecimento da minha própria religião não queria pertencer a qualquer instituição religiosa”. Entretanto, um ano e meio depois, no dia 26 de março de 1891, ele se tornou membro da loja Blavatsky.²¹ Três meses depois, em 12 de junho, ele retornou à Índia.

Quando Gandhi foi para a África do Sul, em 1893, entrou em contato mais estreito com os teósofos da S.T. de Johannesburg: “Eu tinha discussões religiosas com eles todos os dias. Costumava-se ler livros teosóficos, e algumas vezes tive a oportunidade de falar em suas reuniões.”²² Em 1895, ele escreveu: “Pretendo difundir tanto quanto possível as informações sobre Teosofia.”²³

Jawaharlal Nehru tornou-se membro da S.T. e, como Gandhi, interessou-se, no início, pelas grandes escrituras da Índia por meio de contatos teosóficos. Na sua autobiografia *Toward Freedom (Em Direção à Liberdade)*, ele relata que, aos onze anos de idade, o seu novo tutor, Ferdinand Brooks, passou a cuidar dele:

Ele me colocou sob uma nova influência que foi muito poderosa durante algum tempo. Era a Teosofia. Ele costumava fazer reuniões semanais de teósofos nos seus salões, às quais eu comparecia, e gradualmente mergulhei na fraseologia teosófica e nas suas ideias. Havia debates metafísicos e discussões sobre reencarnação, corpo astral e outros corpos sutis, auras, sobre a doutrina do *karma*; faziam-se referências não somente aos grandes livros da sra. Blavatsky e de outros teósofos mas também às escrituras hindus, ao *Dhammapada* budista, Pitágoras, Apolônio [de] Tiana e vários filósofos e místicos. Eu não compreendia muita coisa daquilo que era dito, mas tudo me parecia muito misterioso e fascinante, e eu sentia que ali estavam as chaves para os segredos do Universo. Pela primeira vez comecei a pensar, consciente e deliberadamente, sobre religiões e outros mundos. A religião hindu, principalmente, subiu na minha estima; não a parte ritualística ou cerimonial, mas os seus grandes livros, os *Upanishads* e a *Bhagavad-Gitā*... Tornei-me membro da Sociedade Teosófica aos treze anos, e a própria sra. Besant realizou a cerimônia de iniciação... Não tenho nenhuma dúvida de que aqueles anos com F. T. Brooks deixaram uma profunda impressão em mim, e sinto que tenho um débito para com ele e para com a Teosofia.²⁴

Em 1983, a filha de Nehru, a primeira ministra Indira Gandhi, proferiu a Conferência Besant na S.T. de Adyar. Ela observou:

A Sociedade Teosófica é uma comunidade de buscadores. A sua contribuição para o renascimento cultural e político da Índia é bem conhecida. A suave força da busca da verdade permitiu à Índia resistir à oposição e aos embustes nos primeiros anos. Talvez tenha sido isso que atraiu meu pai para a S. T. ... e provavelmente a mensagem da Teosofia teve muito a ver com o universalismo dele, com a sua reverência para com as mais diversas fês e a sua repugnância por qualquer espécie de fanatismo.²⁵

O sentimento de universalismo que a Teosofia cultiva está amparado no primeiro objetivo do movimento, a fraternidade universal. No artigo *Nossos Três Objetivos* (*Lucifer*, setembro de 1889), HPB avalia o que já havia sido conseguido na Índia com relação a esse objetivo:

Quando chegamos à Índia, em fevereiro de 1879, não havia qualquer unidade entre as raças e seitas da Península, nem um sentido de interesse público comum entre as várias seitas do antigo Hinduísmo, nem entre elas e os credos do Islã, Jainismo, Budismo e Zoroastrismo...

Dez anos se passaram e o que vemos?... Cento e vinte e cinco lojas da nossa Sociedade surgiram somente na Índia, sendo cada uma delas um núcleo da nossa ideia de fraternidade, um centro de unidade religiosa e social... O crescimento deste sentimento bondoso tem-se dado de muitas maneiras: primeiro, na mistura sem precedentes de raças, castas e seitas nas convenções anuais da Sociedade Teosófica;^{*6} segundo, no rápido crescimento da literatura teosófica advogando as nossas visões altruístas, na fundação de vários jornais e revistas em várias línguas [nativas], e na rápida cessação de polêmicas sectárias.

Na Índia, o trabalho do movimento teosófico superou em alguma medida os preconceitos existentes entre o governo britânico e os indianos. Olcott dá este exemplo:

No dia 4 de março [de 1880], uma senhora europeia do norte da Índia, esposa de um alto oficial militar, foi admitida na Sociedade, e eu menciono o fato apenas para recordar uma circunstância que revela a lacuna nas relações sociais entre as duas raças. Após a cerimônia de admissão da candidata estar concluída, fiz um convite para que vários dos nossos membros parses e hindus mais inteligentes expressassem algum sentimento de boa vontade e fraternidade que eles gostariam que a nossa nova associada transmitisse aos nossos colegas em Londres. Curtas comunicações foram feitas... de um bom gosto excelente e em um inglês perfeito. A sra. M. ficou atônita e encantada — disse ela — por encontrar tanta inteligência entre os indianos. Nos seus dezoito anos de residência na Índia nunca havia falado com qualquer hindu, exceto os seus criados. E ela era a esposa de um oficial de alto posto.²⁶

É interessante notar que, no século dezenove, a Sociedade Teosófica não foi a primeira a levantar na Índia a ideia de uma fraternidade universal. Um célebre iogue, Ramalingam, iniciou uma experiência no mesmo sentido em 1867, no sul da Índia. Ele atraiu milhares de seguidores que estavam, entretanto, mais interessados nos milagres que, segundo diziam, ele

realizava. Um dos seus discípulos, Pandit Vellayu, da Universidade da Presidência de Madras, declarou em 1882 que seu instrutor dizia, repetidamente, aos seus seguidores, antes da sua morte em 1874:

Vocês não estão aptos a tornarem-se membros dessa Sociedade de Fraternidade Universal. Os reais membros desta Fraternidade estão morando muito distante, no norte da Índia. Vocês não me ouvem. Vocês não seguem os princípios dos meus ensinamentos. Vocês parecem decididos a não se deixar convencer por mim. PORÉM, NÃO ESTÁ LONGE O MOMENTO EM QUE PESSOAS DA RÚSSIA, DA AMÉRICA (esses dois países eram sempre citados) e de outras terras estrangeiras VIRÃO ATÉ A ÍNDIA E PREGARÃO A VOCÊS A MESMA DOUTRINA DA FRATERNIDADE UNIVERSAL. Somente então conhecerão e apreciarão as grandes verdades que eu tenho inutilmente tentado fazer vocês aceitarem. E irão logo constatar que OS IRMÃOS QUE VIVEM NO DISTANTE NORTE produzirão grandes maravilhas na Índia e, assim, concederão incalculáveis benefícios ao nosso país.

O Pandit Vellayu acrescenta: “Essa profecia, na minha opinião, acaba de ser literalmente cumprida. O fato de existirem *Mahatmas* no norte não é uma ideia nova entre nós, os hindus; e o estranho fato de a chegada à Índia da sra. Blavatsky e do coronel Olcott, vindos da Rússia e da América, ter sido predita [em 1874] cinco anos antes, é uma prova indiscutível de que o meu Guru estava em comunicação com esses *Mahatmas* sob cuja orientação a Sociedade Teosófica foi fundada posteriormente.”²⁷

*1 OLCOTT H. S. *Catecismo Budista*, Brasília: Ed. Teosófica, 2019. (Nota Ed. Bras.)

*2 *Budismo Esotérico*, H. S. Olcott, Ed. Pensamento. (Nota Ed. Bras.)

*3 Atual Mianmar, oeste da Tailândia. (Nota Ed. Bras.)

*4 Annie Besant era uma famosa socialista fabiana que se associou aos teósofos após escrever um comentário sobre *A Doutrina Secreta* para um jornal britânico. Veja Parte 6, capítulo 10.

*5 Na página 259 de *Mahatma Gandhi, Volume I: The Early Phase (Mahatma Gandhi, Volume 1: A Fase Inicial)*, Pyarelal declara: “Perto do final de 1890, ele foi apresentado à sra. Blavatsky e à sra. Besant. Ele leu *A Doutrina Secreta* da sra. Blavatsky, e no dia 26 de março de 1891, inscreveu-se como membro da loja Blavatsky.” [BLAVATSKY, H.P. *A Chave para a Teosofia*, Brasília: Ed. Teosófica, 2020. (Nota Ed. Bras.)]

*6 Um inglês que estava presente na convenção da S.T. em Adyar, em dezembro de 1885, escreveu a um amigo em Londres: “Havia cerca de oitenta delegados presentes, homens que haviam viajado milhares de quilômetros para virem até aqui. Eu fiquei muito admirado com a representatividade deles. Havia vários juizes, pregadores, professores e vice-presidentes de universidades e havia

relativamente poucos que não eram graduados em universidades, modelados pelo estilo da Universidade de Londres. Quase todos os delegados mantinham as suas castas e pintavam as suas testas de acordo com elas. Quando consideramos que essas diferentes castas nunca se encontraram em qualquer outra plataforma antes que a Teosofia chegasse aqui, podemos avaliar a importância do que a Sociedade está fazendo na Índia.” (Sinnett, *Incidents*, p.10)

CAPÍTULO 2

A Chegada em Bombaim

HPB e Olcott chegaram a Bombaim no dia 16 de fevereiro de 1879. Dois meses haviam-se passado desde que deixaram Nova Iorque. Após duas semanas de trabalho intenso com os teósofos em Londres, eles embarcaram para a Índia. A viagem foi tão acidentada que mesmo HPB, que *raramente* ficava enjoada, esteve alguns dias de cama.

À noite, após o navio ter ancorado no porto de Bombaim, foi realizada uma reunião com a presença de trezentos indianos. O professor de Religião Oriental Robert Ellwood, no livro *Alternative Altars (Altares Alternativos)*, cita palavras de Olcott sobre “esses primeiros dias maravilhosos em terras asiáticas”:

Todas as tardes realizávamos uma reunião improvisada e discutíamos os problemas mais complicados de filosofia, metafísica e ciência. Vivíamos e respirávamos numa atmosfera mental formada pelos ideais espirituais mais elevados... Os visitantes lotavam o nosso bangalô e ficavam até tarde da noite discutindo questões religiosas. Velhos e novos, eram todos iguais; e assim, desde a nossa chegada, começamos logo a nossa ligação com os hindus, para conhecer a diferença entre o ideal de vida ocidental e o ideal oriental, e a maior dignidade deste último. Questões de riqueza, cor, negócios ou política dificilmente cruzavam a soleira da nossa porta; a Alma era o tema que mantinha aceso o fogo dos nossos debates...

Fanáticos, se quiserem considerar assim; loucos entusiastas; sonhadores de sonhos impraticáveis... os nossos sonhos, todavia, eram de perfeição humana, os nossos anseios de sabedoria divina, a nossa única esperança era auxiliar a humanidade a ter um pensamento mais elevado e uma vida mais nobre. À sombra das palmeiras, éramos visitados pessoalmente pelos *Mahatmas*; e sua presença inspiradora tornava-nos fortes para prosseguirmos na senda que estávamos trilhando.²⁸

Logo após a chegada houve um período de adaptação. HPB e Olcott mudaram-se para a sua nova casa em Girgaum Backroad, no setor indiano de Bombaim, onde pessoas brancas raramente pisavam. Durante os dois anos seguintes, essa casa foi a sede da S.T. Arranjou-se um servidor chamado Babula, que permaneceria com Blavatsky durante toda estadia

dela na Índia. Babula, um rapaz gujarati de quinze anos de idade, conhecia diversas línguas e, segundo se diz, aprendeu francês com HPB.²⁹

Uma série de aventuras estranhas desse período, envolvendo HPB, Moolji Tchackersey e Olcott estão registrados em *Old Diary Leaves* (*Páginas de Um Velho Diário*), de onde este relato foi retirado:

[No dia 25 de março, HPB] pediu a Moolji que mandasse vir uma charrete e, quando esta chegou, embarcou nela com ele. Ela se recusou a responder às perguntas dele sobre onde estavam indo, dizendo simplesmente para virar à direita, ou à esquerda, ou seguir em frente, como ela indicasse. O que aconteceu foi contado por Moolji na sua volta no começo da noite. Ela havia determinado que o percurso fosse percorrido [fazendo] numerosas voltas em ruas e estradas fora da cidade, até chegarem a um dos subúrbios de Bombaim, distante oito ou dez milhas, num bosque de coníferas... Moolji conhecia o lugar porque havia cremado o corpo de sua mãe naquela vizinhança. Estradas e caminhos cruzavam-se uns aos outros confusamente na floresta, mas HPB nunca vacilou no seu percurso e fez com que o cocheiro desse voltas e voltas até que chegaram à beira do mar. Finalmente, para surpresa de Moolji, eles foram levados até o portão de uma propriedade particular, com um jardim de rosas maravilhoso em frente a um belo bangalô com varandas espaçosas na parte de trás, no lado leste.

HPB desceu e disse a Moolji que esperasse por ela ali e que não se atrevesse, por nada deste mundo, a ir até a casa. Assim, ele esperou sem entender nada; porque, mesmo sendo morador antigo de Bombaim, nunca havia visto ou ouvido falar de tal propriedade. Ele chamou um dos vários jardineiros que estavam cuidando das flores, mas o homem não quis lhe contar nada a respeito do nome do seu chefe, há quanto tempo ele vivia ali, nem quando o bangalô tinha sido construído; uma coisa muito incomum entre os hindus. HPB havia caminhado diretamente até a casa, sendo recebida cordialmente na porta por um hindu alto de aparência impressionante e distinta, vestido inteiramente de branco, e eles haviam entrado. Após algum tempo os dois reapareceram, e o estranho misterioso lhe deu adeus, oferecendo-lhe um grande ramalhete de rosas, trazido por um dos jardineiros para o seu chefe com esse propósito, e HPB juntou-se novamente aos seus acompanhantes, reentrando na charrete e dando ordem ao cocheiro de que voltasse para casa. Tudo que Moolji pôde saber de HPB é que o estranho era um ocultista com quem ela estava em contato e tinha negócios a tratar naquele dia... Para nós a parte mais estranha da história era que, até onde sabíamos, não havia possibilidade alguma de HPB conhecer esse subúrbio e o caminho até ele, pois, desde que chegara a Bombaim, ela nunca havia saído de casa sozinha, contudo mostrara uma completa familiaridade com ambos. Não tínhamos como saber se tal bangalô existia ou não, a não ser pelo testemunho de Moolji.

Ele ficou tão impressionado com o ocorrido [que sempre o repetia] a seus amigos na cidade, o que levou um deles, que alegava conhecer perfeitamente o subúrbio em questão, a apostar 100 rúpias como não existia tal bangalô à beira do mar, e como ele não seria capaz de levar ninguém até ele. Quando HPB ouviu falar disso, ela se propôs a apostar com Moolji que ele perderia a aposta; diante disso, ele, dizendo que era capaz de lembrar cada passo do caminho por onde tinham ido, aceitou a aposta, e eu, imediatamente, pedi uma carruagem onde nós três entramos... Demos a ele todo o tempo que quis para fazer a sua busca, mas ele se sentiu completamente desorientado e [depois de várias horas circulando e dando voltas] deu-se por vencido. E assim voltamos para casa.

HPB contou a todos nós que Moolji teria encontrado o bangalô místico se não tivesse sido colocado um encantamento para impedir a sua visão, e que, além disso, o bangalô, como todos os outros pontos habitados por Adeptos, eram sempre protegidos contra a intromissão de estranhos por um círculo de ilusão formado a sua volta e protegido e mantido em ação por servidores elementais [ou espíritos da natureza]. Esse bangalô em particular estava constantemente guardado por um agente de confiança, e era usado como lugar de repouso e ponto de encontro dos Gurus e *Chelas* quando em viagem. [Ela disse mais]: “Todas as antigas e bibliotecas subterrâneas, e aqueles vastos tesouros, que devem ficar ocultos até o *karma* permitir que eles sejam restituídos ao uso humano, são protegidos dos profanos pela percepção ilusória de rochas sólidas, ou de um solo muito duro, ou de um abismo aterrador, ou algum outro obstáculo...”³⁰

Nas semanas que se seguiram, HPB e seu grupo viajaram para as famosas Cavernas de Karli; e então, indo para o norte, visitaram a região Rajput, além de Allahabad e muitos outros lugares.³¹ De Agra, HPB escreveu para o professor Wilder nos Estados Unidos:

Agra, 28 de abril de 1879.

Meu caro doutor e querido amigo,

Como lamento que você não esteja conosco! Frequentemente penso em você e me pergunto se a sua alma poética e arqueológica não entraria em êxtase se estivesse viajando conosco... Aqui, durante o último mês, estivemos viajando de trem, carro de bois, elefante, camelo e bote. Parando um ou três dias em cada cidade, vila ou forte; vendo a Índia subterrânea, não a externa... Na verdade, desde o começo de março, estamos sendo fritados, torrados e tostados. Mas oh! existe a inefável friagem e glória das manhãs e de após o pôr do sol. A lua da América é, na sua melhor fase, quando comparada com a da Índia, como de uma lamparina fumacenta de óleo de oliva. Nós levantamos às quatro horas da madrugada e estamos na cama às nove. Viajamos mais de noite do que durante a manhã e a tarde...³²

CAPÍTULO 3

Resistência a Mudanças

No começo de maio de 1879, o grupo retornou a Bombaim. Ouvindo a descrição entusiástica de Olcott de tudo o que havia acontecido, dificilmente alguém suspeitaria que, corroendo-o internamente, houvesse a ideia de que ele havia cometido um grande erro ao ir para a Índia. Uma carta dessa época, recebida do seu instrutor *mahátmico*, revela isso:

Já que você chegou à conclusão de que foi um “ato de loucura” deixar o seu país e vir até aqui da maneira como o fez, presumivelmente devido aos relatos feitos pelo sr. Hurrychund Chintamon e por Moolji Thackersey, que você sabe não serem verdadeiros, será melhor para todos nós que cheguemos a um entendimento o mais cedo possível. Para começar, o seu desejo mais ardente era conhecer a Índia...

Não imagine o que não pode ocorrer; não pense que será auxiliado no último momento. Se você não está disposto a passar pela sua primeira provação e defender os seus direitos de futuro Adepto forçando as circunstâncias a se curvarem diante de você, estará completamente despreparado para quaisquer provas posteriores.

A ... fotografia do seu filho [no quarto de Olcott] sempre o estará atraindo para que volte à América.³³

Um grande fator de desânimo era o fato de os indianos negarem-se teimosamente a cooperar para a restauração da sua própria cultura. As vitórias significativas registradas nos últimos capítulos não surgiram da noite para o dia. Assim, em 1881, HPB tinha boas razões para escrever:

Nos últimos seis anos [desde 1875], temos afirmado publicamente que o *Yoga* indiano^{*1} foi, e é, uma ciência verdadeira, fato endossado e confirmado por milhares de provas experimentais; e que, embora em pequeno número, os verdadeiros iogues indianos ainda podem ser encontrados quando a pessoa certa os busca da maneira certa. Esperávamos que tais afirmações fossem desafiadas somente pelos europeus... mas o fato de que os hindus... os herdeiros dos antigos filósofos também as negarem e ridicularizarem é muito amargo para ser engolido. Não obstante, lançamos a nossa mensagem, não num sussurro, mas corajosamente. A nossa voz voltou quase sem eco do grande vazio indiano. Raramente uma alma corajosa levantava-se para dizer que estávamos certos, que o yoga era verdadeiro e que ainda há iogues autênticos. Disseram-nos que a Índia estava morta, que toda luz espiritual tinha-se apagado da sua tocha, e que a ciência moderna havia comprovado que o yoga era uma coisa antiga e tola... Mas quando

se viu que não éramos silenciados por provas contrárias, e que nenhuma prova desse tipo poderia ser dada, apareceram os primeiros sinais de uma mudança na corrente de opinião.³⁴

Era desencorajador, também, o fato de que durante dezoito meses, desde a sua chegada, HPB esteve sob a vigilância do serviço secreto britânico, porque era vista como uma possível espiã russa. Olcott também era suspeito. Cada movimento deles era observado; as cartas e os telegramas que chegavam eram lidos e os que saíam eram muitas vezes confiscados. A russofobia estava no auge devido ao êxito do exército russo na região além do Cáspio, e o destino do Afeganistão estava em questão.³⁵ HPB escreveu à sra. Burr, nos Estados Unidos, depois que esta lamentou-se do extravio de sua correspondência: “Hurrah para a velha, poderosa, forte, destemida e invencível Inglaterra! A ideia de que a mera sombra do urso russo tem contornos ameaçadores que são descobertos por este rei dos animais, o Leão Britânico, até mesmo nas dobras das roupas de uma velha mulher russa, fazendo-o levantar as suas orelhas, abanar a sua poderosa cauda e rugir — é algo suficiente para mostrar a qualquer mente perspicaz todo o enorme poder da força britânica.”³⁶ Muitos dos indianos, influenciados por essas suspeitas, não queriam associar-se aos teósofos.³⁷

Durante toda a sua estadia na Índia, HPB foi alvo de calúnias vindas dos missionários, que viam nas suas atividades uma ameaça ao seu direito “dado por deus” de salvar os pagãos. Certa vez ela observou:

O teste da filosofia [de alguém] sempre é mais eficaz quando ocorre sob circunstâncias que “testam as almas dos homens”; qualquer um pode ser encantadoramente sereno estando longe do campo de batalha. Deixe qualquer um que deseje a coroa do mártir vir para a Índia e o Ceilão ajudar-nos a tentar estabelecer uma sociedade na base da Tolerância e da Fraternidade. Ele descobrirá, então, de que substância é feito o cristão médio.³⁸

Certa vez, alguém que havia recebido uma carta de um Mestre expressou surpresa porque ele se referia ao movimento teosófico como uma “causa desesperada”.^{*2} Ele replicou: “O que quis dizer ao usar a expressão ‘causa desesperada’ é que, ao olharmos a magnitude da tarefa a ser realizada pelos nossos trabalhadores teosóficos, e especialmente as múltiplas forças reunidas, e ainda por reunir, em oposição a ela, pode-se muito bem compará-la a um daqueles esforços desesperados feitos contra obstáculos aparentemente invencíveis que o verdadeiro soldado considera glorioso empreender.”³⁹

Tendo Olcott resistido com sucesso à tentação de retornar à América, os fundadores logo mobilizaram as suas forças e entraram em ação com a publicação de uma revista mensal, *The Theosophist*, com HPB como editora. A revista ganhou circulação internacional, atraindo muitos leitores ocidentais que jamais haviam ouvido falar em Teosofia antes. O primeiro número apareceu em outubro de 1879.

As razões para a publicação eram várias. “Desde que chegamos aqui”, escreveu HPB ao general Doubleday (em 16 de julho de 1879), “fomos gradualmente excluídos dos jornais locais e tratados com negligência e indiferença calculadas”.⁴⁰ O editorial de abertura indica outras razões:

A rápida expansão da Sociedade Teosófica a partir da América para vários países asiáticos e europeus; a dificuldade crescente e a despesa em manter correspondência por carta com membros tão espalhados; a necessidade de um órgão através do qual os eruditos orientais possam comunicar o seu conhecimento ao mundo ocidental, e através do qual, especialmente, a grandeza das religiões [hindu], budista, parse e outras possa ser exposta pelos seus únicos intérpretes competentes, seus próprios sacerdotes ou eruditos; e, finalmente, a necessidade de um lugar onde se reúnam os fatos — especialmente os relacionados com o Ocultismo — coletados pelos amigos da Sociedade entre países diferentes...

Nossa revista busca ser lida tanto por filósofos profundos quanto por leigos. Alguns gostarão de seguir os eruditos através dos meandros das sutilezas metafísicas e das traduções de manuscritos antigos, outros de receber instrução por meio de lendas e contos de teor místico. Nossas páginas serão como os pratos múltiplos de um banquete, onde cada desejo poderá ser satisfeito e ninguém sairá com fome. As necessidades práticas da vida são para muitos leitores mais urgentes do que as espirituais, e as nossas páginas mostrarão amplamente que o nosso propósito não é negligenciá-las.

Os textos escritos por HPB para *The Theosophist* durante os seis anos em que foi sua editora foram numerosos, e cinco volumes dos seus *Collected Writings* foram dedicados a eles. Entretanto, Beatrice Hastings, uma famosa crítica literária, era de opinião que toda a revista deveria ser reeditada:

Certamente nunca houve uma revista mais fascinante do que *The Theosophist* sob a editoria de HPB! As pessoas interessadas em literatura que desejarem saber o que ela era entre conspirações devem ler esta [revista]. Ela devia ser reeditada integralmente, sem ninguém cortar o que julga permanente; pois tudo nela é permanente, a vida da Sociedade estava nela.⁴¹

A sra. Hastings ficaria feliz se soubesse que os volumes 1 e 2 foram reproduzidos em edições populares.⁴²

No segundo número de *The Theosophist* (novembro de 1879), HPB escreveu uma apresentação para um artigo sobre o que é hoje chamado de

ecologia, um tema cuja importância poucos percebiam naquela época. O artigo escrito por Forester^{*3} é intitulado *A Floresta Indiana*. Reproduzo o seguinte da introdução de HPB, A Ruína da Índia:

O amor por nosso país adotivo leva-nos a dar, nestas páginas, de tempos em tempos, grande importância a este assunto de conservação florestal. Nossa viagem em direção ao norte em abril passado, ao longo de 2.000 milhas de campos ressecados, em cuja atmosfera queimante o olho humano descansa com a visão de uma árvore verde aqui e ali, foi uma experiência extremamente dolorosa. Não é necessária a imaginação de um poeta, mas apenas a previsão precisa de um estatístico para ver, neste solo sem árvores e queimado pelo sol, o presságio do fim e da ruína, a menos que sejam tomadas imediatamente as medidas necessárias para ajudar a pródiga natureza a cobrir novamente o topo das montanhas com vegetação...

Na América do Norte, onde foi feita a maior parte das nossas observações, a destruição descontrolada das florestas tem sido um horror. Distritos inteiros têm tido todas as suas árvores destruídas com o uso do fogo apenas para obter mais terra para a lavoura. As 90 mil milhas de ferrovias e 80.000 de linhas de telégrafos causaram o desmatamento de vastas regiões, para garantir o abastecimento de postes e estacas.

Todos os patriotas hindus lamentam a decadência do seu país, mas poucos compreendem a causa real do fato. Mais do que a dominação estrangeira, o excesso de impostos, ou a economia descuidada e de rapina, a causa está na destruição das florestas. O desmatamento das montanhas e encostas é um crime contra a nação e vai dizimar a população mais eficazmente do que seria possível fazer pela espada de qualquer invasor estrangeiro...

Basta olhar as páginas da História para ver que a ruína e a destruição final do poder nacional seguem-se à destruição das florestas tão certamente quanto a noite segue o dia. A Natureza sempre deu os meios para o progresso humano; e as suas leis nunca podem ser violadas sem desastre. Um grande patriota indiano escreveu-nos alguns meses atrás dizendo: “Este pobre país está morrendo lentamente por falta de cereais.” Isso, lamentavelmente, é a pura verdade; e quem quiser descobrir um grande segredo sobre por que os cereais fazem falta, a pobreza aumenta, os cursos d’água secam, e a fome e a doença se espalham pela Terra em muitas partes, deveria ler o texto de *Forester* neste número.

O gerente de *The Theosophist* — e colaborador frequente das suas páginas — era Damodar K. Mavalankar, que se filiara havia pouco à S.T. Ele ficou tão impressionado ao ler *Ísis Sem Véu* que visitou a sede de Bombaim para apresentar os seus cumprimentos à autora. Filho de um brâmane rico, Damodar renunciou pouco depois à sua casta e, mais tarde, também à sua renda de 50.000 rúpias, quando a família insistiu que ele abandonasse a Teosofia.⁴³

Olcott escreveu:

Damodar uniu-se à S.T durante a estação das chuvas, e o estimado rapaz costumava vir nos ver no fim da tarde, vestido com uma capa branca de borracha à prova d’água e perneiras, capuz na cabeça e uma lanterna na mão, com água pingando da ponta do seu longo nariz. Ele era tão

franzino como Sarah Bernhardt, com faces muito magras, e suas pernas como HPB costumava dizer — eram como dois grafites de lápis. Até onde sua aparência mostrava, ele estava longe de parecer um homem da sociedade que pudesse tornar-se um *Mahatma* ou ficar a milhares de quilômetros em um *ashram* verdadeiro. Mas as aparências eram tão falsas neste caso como têm sido com outros membros que pareciam ser infinitamente superiores a ele do ponto de vista da espiritualidade, mas comprovaram ser o oposto...

Quando jovem, estando próximo da morte devido a uma febre, debatendo-se, em pleno delírio, ele teve uma visão de um sábio benigno que chegou, tomou a sua mão, e disse que ele não iria morrer, mas viveria para fazer um trabalho útil. Após o encontro com HPB, a sua terna gradualmente se abriu e ele reconheceu, naquele que nós chamamos de Mestre K.H., aquele que o visitara durante sua crise quando jovem. Isso tornou definitiva a sua devoção à nossa causa...⁴⁴

Depois de ler *Ísis* e ingressar na S.T., Damodar escreveu:

Não é exagero dizer que sou um homem realmente vivo há somente alguns meses; pois entre a vida como me parece agora e a vida como a compreendia antes, há um abismo intransponível...

Eu aspirava somente por mais Zamindarias, ^{*4} posição social e pela gratificação de desejos e apetites...

O estudo da Teosofia lançou uma luz sobre mim com relação ao meu país, à minha religião e ao meu dever. E tornei-me um hindu melhor do que jamais fui. Ouvi, de modo similar, os meus irmãos parses dizerem que são melhores zoroastristas desde que se uniram à Sociedade Teosófica. Vi também os budistas escreverem inúmeras vezes à Sociedade para dizer que o estudo da Teosofia fez com que eles apreciassem melhor a sua religião. E assim este estudo faz cada homem respeitar mais sua própria religião. Ela lhe dá uma visão que atravessa a letra morta e mostra claramente o espírito... Se olhamos para todas as religiões no seu aspecto popular, elas parecem ser antagônicas entre si em vários detalhes. Nenhuma concorda com a outra... Precisa haver... um território comum em que todos os sistemas religiosos encontrem seu alicerce. E a verdade é que este território comum está no fundo de todas as religiões.⁴⁵

Damodar foi o primeiro a introduzir, na terminologia teosófica, o termo *Mahatma* em relação aos adeptos dos Himalaias. Anteriormente, eles eram mencionados como os Irmãos. Entretanto, *mahatma* não é uma palavra criada recentemente; era usada na antiga Índia para designar os seres sábios.⁴⁶ No artigo de HPB intitulado *Mahatmas e Chelas (The Theosophist)*, julho de 1884), ela dá a seguinte definição:

Um *Mahatma* é um personagem que, por treinamento e educação especial, desenvolveu as faculdades mais altas e atingiu aquele conhecimento que a humanidade comum adquirirá depois de ter passado por uma série inumerável de reencarnações durante o processo de evolução cósmica, desde que, naturalmente, ela não entre em choque durante este processo com os propósitos da Natureza, causando a sua própria aniquilação.

*1 O Yoga mencionado acima é o *Raja-Yoga*, ensinado em escrituras como a *Bhagavad-Gītā* e os *Upanishads*. HPB define-o no seu Glossário Teosófico como “o verdadeiro sistema de desenvolvimento psíquico e espiritual e de união com o nosso Eu Superior ou o Espírito Supremo, como os profanos costumam dizer”. “*Raja-Yoga*”, ela acrescenta, “é oposto ao *Hatha-Yoga*, ao treinamento físico ou psicofisiológico no ascetismo”, que se baseia em grande parte em posturas corporais e exercícios respiratórios.

*2 No original, *Forlorn Hope*, que pode ser traduzido também como última esperança, ou missão impossível. (Nota Ed. Bras.)

*3 Um pseudônimo cujo significado poderia ser traduzido como “defensor de florestas”. (Nota Ed. Bras.)

*4 Aquisição de mais terras.

CAPÍTULO 4

Viagens ao Norte

Damodar juntou-se à casa da sede da S.T. em Bombaim e desde então viveu com Olcott e HPB. Em dezembro de 1879 ele os acompanhou na segunda viagem para o norte e, nessa ocasião, visitaram Alfred Percy Sinnett e sua esposa, Patience, que iriam desempenhar papéis importantes no trabalho do movimento durante os anos seguintes. Sinnett foi o editor de *The Pioneer*, um dos jornais mais influentes da Índia e que era considerado porta-voz do governo.

“Nove dias depois de desembarcarmos em Bombaim”, conta Olcott, Sinnett escreveu a ele “expressando o desejo de conhecer HPB e a mim, caso fôssemos ao norte do país, e de publicar quaisquer fatos interessantes da nossa missão na Índia. Como toda a imprensa na Índia, *The Pioneer* tinha registrado a nossa chegada”. Sinnett acrescentou que o seu interesse no oculto estava em descobrir as leis que estão por trás dos notáveis fenômenos que tinha testemunhado certa vez em Londres. As explicações dadas então eram “uma mistura confusa de afirmações e de teorias”.⁴⁷

Os Sinnett estavam agora em sua casa em Allahabad, a capital de inverno do vice-rei e do seu governo. O grupo de teósofos chegou lá no dia quatro de dezembro e permaneceu durante quase duas semanas. Foi o seu primeiro contato real com o governo britânico na Índia. Olcott escreveu:

A recepção oferecida pelos Sinnett foi muito agradável, e antes que a sra. Sinnett tivesse falado uma dúzia de frases já sabíamos que havíamos ganho uma amiga de grande valor. Um juiz da Alta Corte e o diretor do Ensino Público estavam entre os convidados naquele dia. A sra. Alice Gordon apareceu no dia 7, após uma longa viagem para ver HPB, e pouco a pouco fomos conhecendo a maior parte dos anglo-indianos daquele local que valia a pena conhecer por sua inteligência e abertura mental. Alguns deles eram fascinantes, mas nenhum nos atraía tanto como os Sinnett e a sra. Gordon, então na plenitude de sua beleza e com uma inteligência cintilante... É um costume rigoroso no Anglo-Índia que o recém-chegado visite os residentes, mas como HPB não visitava ninguém, aqueles que a quisessem conhecer tinham que ignorar o costume e visitá-la quantas vezes quisessem.⁴⁸

Durante a sua estada, HPB conheceu Allan Hume, um secretário de governo aposentado, que se tornou outro amigo do movimento durante muitos anos. Mais tarde se tornou o pai do Congresso Nacional indiano.

A parada seguinte foi Benares, onde Olcott foi homenageado pelos eruditos daquela cidade pelo seu trabalho fazendo reviver o interesse pela literatura sânscrita e pela filosofia indiana. “A partir desse encontro”, registrou ele, “passei a admirar e respeitar o professor G. Thibaut, Ph.D., Diretor da Universidade de Benares, e um velho pupilo e *protégé* do professor Max Müller. Era um homem muito agradável, profundo conhecedor do sânscrito, mas que não tinha pretensão ou pomposidade...”⁴⁹

Naquela noite o professor encontrou HPB numa pequena reunião. De acordo com o relato de Olcott, quando surgiu o assunto do yoga, ele disse a ela, com o seu forte sotaque alemão:

“Sra. Blavatsky, esses eruditos [de Benares] dizem-me que, sem dúvida, antigamente, havia iogues que de fato tinham desenvolvido os *Siddhis*^{*1} descritos nos *Shastras*; e que eles podiam fazer coisas maravilhosas como fazer cair uma chuva de rosas numa sala como esta; mas agora ninguém mais consegue fazer isso...” Mal ele havia terminado de pronunciar a última palavra quando HPB ergueu-se de sua cadeira, olhou desdenhosamente para ele e explodiu dizendo: “Oh, eles dizem isso? Falam que ninguém mais pode fazer isso agora? Bem, mostrarei a eles e você poderá dizer-lhes, da minha parte, que se os hindus modernos se sentissem menos atraídos pelos mestres ocidentais, tivessem menos amor pelos seus próprios vícios e fossem mais parecidos com os seus ancestrais em muitas coisas, não teriam que fazer essa confissão humilhante, nem fazer com que um velho hipopótamo ocidental em forma de mulher tivesse que comprovar a verdade dos seus *Shastras*.” E depois, fechando firmemente os seus lábios e murmurando alguma coisa, ela levantou a sua mão direita no ar com um gesto imperioso, e bang! sobre a cabeça dos que ali estavam reunidos caiu cerca de uma dúzia de rosas...”⁵⁰

A discussão continuou, então com intensidade renovada. A [escola de filosofia indiana] *Sankhya* era o assunto, e Thibaut fez a HPB muitas perguntas, que ela respondeu tão satisfatoriamente que o professor afirmou que nem mesmo Max Müller, ou qualquer outro orientalista, tinha explicado tão claramente para ele o verdadeiro significado da filosofia *Sankhya* como ela, e agradeceu-lhe muito por isso.

No final da noite, num intervalo da conversa, ele se voltou para HPB e perguntou, já que não tivera sorte em obter uma das rosas que tinham caído tão inesperadamente, se ele podia ser presenteado com uma “como lembrança desta noite agradável?”... Provavelmente o seu pensamento secreto era de que ela não estaria preparada para uma segunda demonstração, se esta fosse solicitada inesperadamente! “Oh! sim, certamente”, disse ela, “tantas quantas você

quiser”. E fazendo outro dos seus gestos largos, fez cair outra chuva de flores; uma rosa caiu exatamente sobre a cabeça do professor.⁵¹

O principal motivo para irem a Benares naquela época foi ver o *swami*^{*2} Dayanand Saraswati, dirigente da Arya Samaj, com quem os teósofos ainda estavam associados. Damodar chegou a Benares antes de HPB e Olcott e visitou o *swami*.

Tudo que se segue está relatado numa carta de Damodar para William Q. Judge, datada de 24 de janeiro de 1880. Durante a conversa, Damodar perguntou a Dayanand se ele já tinha ouvido falar de uma mulher asiática chamada Maji. A razão para essa pergunta era que, vários meses antes da visita de Damodar, um discípulo desta mulher, o *Pandit*^{*3} M.V. Pandeia, tinha escrito a HPB a respeito dela. O *swami* disse que não conhecia Maji e nada sabia sobre ela.

Ora, quando HPB visitou o *swami*, ela fez a mesma pergunta. E Damodar ficou surpreso ao ouvi-lo dizer que a conhecia bem e que acompanharia HPB e seu grupo ao seu *ashram*, distante um ou dois quilômetros das margens do Ganges. Quando o dia da visita chegou, HPB não pôde ir porque estava doente. Quando Maji foi informada disso, ela olhou de relance e com empatia para Olcott, porque ambos sentiam a presença dela. Maji disse, então, que embora nunca houvesse visitado europeus, ela mesma iria ver HPB uma ou duas vezes antes que os teósofos deixassem Benares.

Na sua primeira visita, Maji perguntou a HPB se ela sabia que ambas tinham o mesmo guru. HPB pediu provas. De acordo com Damodar, “ela disse que o guru da senhora [HPB] havia nascido no Punjab, mas vivia, geralmente, no sul da Índia, especialmente no Ceilão. Ele tem cerca de 300 anos de idade⁵² e tem um companheiro com mais ou menos a mesma idade, embora ambos pareçam ter menos de quarenta anos”.

Ao partir, Maji prometeu vir novamente, antes que os teósofos deixassem Benares. Na segunda visita, HPB não se juntou imediatamente ao grupo. Damodar relatou a Judge que o “cel. Olcott então fez a Maji algumas perguntas a respeito de HPB. E Maji disse que ela não era o que

parecia ser. O seu homem interior^{*4} já tinha vindo duas vezes num corpo hindu e agora estava no seu terceiro corpo”. Maji também revelou que, até aquele momento, ela mesma “nunca havia visto um europeu; entretanto, tendo sido avisada pelo seu guru sobre a senhora, veio vê-la. Eu então perguntei se a HPB verdadeira ainda estava no corpo, mas ela se recusou a responder, acrescentando, somente, que ela — Maji — era inferior a HPB”.

Damodar escreveu a Judge sobre uma conversa a sós com Maji:

Primeiro ela me testou tentando fazer com que eu desistisse dos meus objetivos; mas quando isso tudo falhou, contou-me que se eu quisesse fazer qualquer progresso espiritual e ver qualquer um dos nossos Irmãos, tinha que confiar inteiramente em HPB. Ninguém mais era capaz de levar-me pela senda correta. Se tivesse que ir sozinho a qualquer parte, eu poderia peregrinar aqui e ali por anos atrás de gurus, mas seria totalmente inútil... E assim você verá como é importante para mim estar sempre com a senhora [Blavatsky]. Eu presentira desde o começo tudo o que Maji contou-me. Apenas dois ou três dias depois, solicitei admissão na Sociedade e disse a HPB o que realmente sentia: que a considerava a minha benfeitora, a reverenciava como meu Guru e a amava como a uma mãe... A seguir consultei *swamiji* [Dayanand] com relação a mim mesmo, [e] ele, sem que lhe contasse uma palavra do que Maji havia me dito, disse-me que fizesse logo a mesma coisa, ou seja, que colocasse minha fé em HPB.⁵³

Mais tarde Damodar teve uma boa oportunidade de referir-se a Maji ao escrever um artigo em *The Theosophist* (outubro de 1883), *Mulheres Podem Tornar-se Adeptos?* Entre outras, ele mencionou que havia “uma elevada adepta em Wepase”, e uma terceira mulher, grande iniciada, no sul da Índia, chamada Ouvaiyan.⁵⁴ Subba Row confirma isso com outros exemplos e, indo até além do adepto, afirma que “há uma mulher que está na lista dos *Chohans* [grandes sábios]... Ela fez muitas descobertas originais”.

Vindos de Benares, os teósofos passaram outra semana com os Sinnett, que se tornaram membros da S.T. no dia vinte e seis de dezembro. O grupo retornou a Bombaim no dia trinta, chegando no dia do Ano Novo de 1880.

Em janeiro, HPB recebeu notícias da Rússia contando que a sua primeira carta, da série *Caves and Jungles of Hindostan* (*Cavernas e Florestas do Hindustão*), acabara de ser publicada e causava uma grande sensação.⁵⁵ A série continuou durante alguns anos, e Olcott relata que, na Europa, em 1884, ele encontrou dois nobres russos, jovens e ricos, que haviam ido à Índia após a leitura da série. As histórias encantaram e fascinaram a todos na Rússia, disseram eles.⁵⁶

*¹ Em uma nota de pé de página de *A Voz do Silêncio*, HPB define a palavra sânscrita *Siddhis*, como “faculdades psíquicas, os poderes incomuns no homem”. “Há duas espécies de *Siddhis*”, explica ela. “Uma é inferior, vulgar, de energias psíquicas e mentais; a outra é aquela que permite o mais elevado treinamento dos poderes espirituais.”

*² *Swami*: em sânscrito, título honorífico dado a um instrutor hindu. (Nota Ed. Bras.)

*³ *Pandit*: erudito. (Nota Ed. Bras.)

*⁴ A expressão “seu homem interior” foi explicada no capítulo “Uma Mudança Psicofisiológica”, da Parte 4.

CAPÍTULO 5

Entre os Budistas

Desde a época em que HPB e Olcott desembarcaram em Bombaim, habitantes do Sri Lanka^{*1} solicitaram-lhes que visitassem seu país. Isso só foi possível em maio de 1880. O grupo de teósofos lá permaneceu durante três meses, e a população vinha aclamá-los em massa a cada cidade que visitavam.

Surpreendentemente, o povo da ilha tinha ouvido falar de Blavatsky e Olcott antes de eles irem à Índia. O notável budista britânico Dennis Lingwood conta a fascinante história:

Na década de 1870, o maior orador da história de Sri Lanka, Megethuvatte Gunananda, procurou neutralizar com suas conferências a influência dos missionários no local. Os cristãos organizaram, então, um enorme encontro público em Panadura, determinados a silenciar de uma vez por todas esse antagonista formidável. Gunananda foi desafiado a enfrentar num debate aberto os oradores cristãos mais instruídos. Sozinho, mas sem medo, ele teve que fazer frente às forças reunidas da ortodoxia cristã, e a sua eloquência foi tão impressionante, o seu raciocínio tão poderoso, que os seus oponentes foram vergonhosamente derrotados. As repercussões desse debate histórico foram sentidas até na América, e poucos anos depois ele recebeu uma carta de um coronel norte-americano e de uma senhora russa, nobre de nascimento, expressando satisfação pela vitória e comunicando a fundação da Sociedade Teosófica, em 1875, na cidade de Nova Iorque. Junto com a carta vieram os dois grossos volumes de Ísis Sem Véu. Gunananda de imediato passou a corresponder-se regularmente com os dois simpatizantes estrangeiros e começou a traduzir as cartas deles e trechos de Ísis Sem Véu para o idioma sinhala.^{*2} Essas traduções circulavam por toda ilha, e, com isso, há muito tempo, os nomes de H. S. Olcott e H. P. Blavatsky eram repetidos com prazer e admiração em cada casa budista.⁵⁷

Foi por ocasião da sua primeira visita ao Sri Lanka que HPB e Olcott “tomaram *pansil*” (tornaram-se formalmente budistas). Esta atitude, mais tarde, levou a algumas incompreensões, embora HPB esclarecesse cuidadosamente a sua posição:

É verdade que considero a filosofia de Gautama Buda como o sistema mais sublime, o mais puro, e, acima de tudo, o mais lógico de todos. Mas o sistema foi distorcido durante séculos pela ambição e fanatismo dos sacerdotes e transformou-se numa religião popular. E prefiro

muito mais apegar-me à fonte mãe a depender dos numerosos riachos que fluem dela... Gautama, na sua reforma e protesto contra os abusos dos astutos brâmanes, baseou-se inteiramente no significado esotérico das grandes escrituras primitivas.⁵⁸

Durante essa visita ao Sri Lanka, foi criado um grande número de lojas da S.T., e muitos habitantes locais associaram-se à Sociedade Teosófica. Um deles foi um rapaz de dezesseis anos que se transformou no principal missionário budista da nossa época, Anagarika Dharmapala — uma figura marcante no trabalho pelo renascimento espiritual da Ásia. Escrevendo na revista *Asia* (em setembro de 1927), ele fala do seu segundo encontro com HPB:

Em dezembro de 1884, a sra. Blavatsky e o coronel Olcott visitaram novamente Colombo [no Sri Lanka] a caminho de Madras. Eu procurei meu pai e disse-lhe que desejava ir a Madras para trabalhar com eles. Inicialmente ele aceitou. Mas, no dia da minha partida, anunciou solenemente que tinha tido um sonho mau e não podia permitir que eu partisse. O monge chefe, e outros monges, que eu conhecia desde a infância, meus avós, todos se opunham. Embora não soubesse o que fazer, o meu coração estava determinado a fazer essa viagem, que, eu sentia, iria me conduzir para uma nova vida. A sra. Blavatsky enfrentou os sacerdotes e toda a minha família. Ela era uma mulher maravilhosa, com uma energia e uma força de vontade que superavam todos os obstáculos... E, assim, a família foi vencida...

Certa ocasião ela me contou que, desde que eu fosse física e mentalmente puro, poderia entrar em contato com os adeptos dos Himalaias. E então, aos dezenove anos, decidi dedicar a minha vida ao estudo da ciência oculta. Entretanto, em Madras, a sra. Blavatsky se opôs ao meu plano. “Será muito mais sábio para você que dedique toda a sua vida ao serviço da humanidade”, ela disse. “Em primeiro lugar aprenda páli, a língua sagrada do Buda.” Naquele tempo os escritos em páli eram pouco conhecidos.

Dharmapala deu mais detalhes sobre o seu contato com os teósofos, e HPB, numa carta escrita em 1924, quando se tornou membro da Associação Blavatsky, em Londres:

Eu li *The Theosophist* desde o seu primeiro número e resolvi dedicar-me, durante toda a minha vida, ao estudo da doutrina dos *Arhats*... para levar a vida de auto-abnegação proclamada pelo Senhor Buda. Li o artigo de HPB intitulado *Chelas e Chelas Leigos* em *The Theosophist*, o que me deu força para viver uma vida elevada. Os Mestres sobre os quais Sinnett havia escrito em *Occult World* (*O Mundo Oculto*^{*3}) eram para mim seres vivos reais; entreguei a minha vida a eles e, silenciosamente, jurei levar a vida de um chela. HPB ajudou-me muito no meu esforço... HPB cuidou de mim até o dia de sua partida [de Adyar]. Ela me escreveu dizendo que eu seguisse a luz que está dentro de mim. Segui o seu conselho rigorosamente e tenho a felicidade de poder testemunhar os poderes maravilhosos da iluminação mística que ela possuía...

O amor por todos os seres vivos, grandes ou pequenos, o desejo de renunciar aos prazeres sensoriais que impedem o progresso no reino da espiritualidade e um esforço extremo por praticar ações nobres pelo melhoramento da humanidade, esquecendo o eu, têm sido para mim

uma espécie de sustento espiritual partilhado desde que entrei em contato com a personalidade maravilhosa de HPB.⁵⁹

*1 Sri Lanka: antigo Ceilão. (Nota Ed. Bras.)

*2 Normalmente se considera *Ísis Sem Véu* como um livro que introduz a filosofia teosófica para o público ocidental. Parece interessante que não somente Gunananda tenha sido atraído por essa obra, mas também indianos como Damodar Mavalankar e, mais tarde, o erudito brâmane T. Subba Row e os seus colegas de Madras que, como resultado, tornaram-se teósofos.

*3 BLAVATSKY, H.P. *O Mundo Oculto*, Brasília: Ed. Teosófica, 2000. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 6

Simla, a Capital de Verão

HPB esteve em Simla em várias ocasiões, durante os anos seguintes, visitando os Sinnett e os Hume. Edward Buck afirma em *Simla, Past and Present* que Hume, um ex-secretário do governo e mais tarde fundador do Congresso Nacional indiano, era um personagem notável, de habilidade e poder mental excepcionais, “embora não estivesse livre das excentricidades que às vezes acompanham o gênio”. A casa de Hume, o castelo Rothney, no alto da colina Jakko, era um dos mais belos prédios de Simla, e só era acessível depois de uma subida difícil, que recompensava o esforço, pois dela se tinha “uma ampla vistas dos picos nevados do Tibete”.

Hume era um famoso ornitologista, diz Buck: “Muitos pássaros desconhecidos para a ciência foram descobertos por ele ou por seus colaboradores. Todos os espécimes eram trazidos para o ‘castelo Rothney’ e lá arrumados e classificados nos armários que cobriam as paredes da sala utilizada como museu.” Entretanto, Buck menciona que, quando Hume tornou-se teósofo, “foram enviados telegramas aos coletores de pássaros para que parassem o trabalho e não atirassem mais nas aves...; um dos princípios básicos daquela doutrina era não tirar a vida...”⁶⁰

Hume tornou-se presidente da Sociedade Teosófica Eclética em Simla. Em resposta a uma carta em que alguém perguntava sobre a existência dos adeptos teosóficos e que bem eles estavam fazendo, ele escreveu:

Eu agora sei que os Irmãos existem, mas as provas que tive são puramente subjetivas e, portanto, inúteis para qualquer um a não ser para mim mesmo — a menos que você acredite ser uma prova o fato de que eu, aqui em Simla, recebo cartas vindas de um deles, meu instrutor imediato, que caem repentinamente sobre minha mesa quando estou sozinho na minha casa e a sra. Blavatsky, o cel. Olcott e os outros *chelas*, etc., estão a milhares de quilômetros de distância...

Quanto ao bem que os Irmãos têm feito, seja a mim mesmo ou aos outros... se você considerar a fundação da Sociedade Teosófica como uma coisa boa, então essa, de qualquer forma, será uma das coisas boas feitas pelos Irmãos para os outros, e se pensar que é uma coisa boa para mim o fato de ter-me afastado de todos os objetos de desejo mundano e que me devoto agora

inteiramente a tentar fazer coisas boas para os outros, então, suponho, podemos dizer que esta é uma coisa boa que os Irmãos me ajudaram a fazer.⁶¹

Quando a *Saturday Review* de Londres descreveu HPB como “uma aventureira inescrupulosa”, Hume escreveu uma longa carta em sua defesa, que o periódico negou-se a publicar:

Vocês podem chamar realmente de aventureiros pessoas que não somente não ganham dinheiro algum com a causa que abraçaram, mas, ao contrário, gastam nela cada tostão que conseguem poupar dos seus recursos pessoais? Se a resposta for negativa, certamente o cel. Olcott e a sra. Blavatsky não são aventureiros, pois tenho plena certeza de que eles gastaram na Sociedade Teosófica 2.000 libras esterlinas a mais do que o total de receitas. As contas têm sido regularmente submetidas a auditorias, impressas e publicadas, de modo que qualquer um pode verificar por si mesmo este assunto.⁶²

HPB visitou Simla pela primeira vez no outono de 1880, quando passou seis semanas com os Sinnett em Brightland, a casa deles. Muitos dos fenômenos atribuídos a ela nesse período são descritos no primeiro livro de Sinnett, *O Mundo Oculto*, que teve uma grande repercussão na Inglaterra. As descrições de dois dos fenômenos a seguir foram feitas por Olcott no dia quatro de outubro, um dia depois dos fatos. Os relatos foram enviados pelo correio para Damodar, em Bombaim, que os fez circular em caráter privado entre os trabalhadores da S.T. de lá. De alguma forma, *The Times of India* conseguiu uma cópia e publicou-a, para grande desconforto das partes envolvidas:

Ontem foi um grande dia quanto a fenômenos da senhora. Pela manhã, ela, o sr. Sinnett e sua esposa, o major Henderson, o sr. Syed Mahnzood (Juiz Distrital), a sra. Reed de Ajmere e eu fomos a um piquenique [nas florestas próximas a Brightland, para o que tivemos que caminhar três ou quatro milhas]. Embora [HPB] nunca tivesse estado antes em Simla, ela nos guiou dizendo para onde deveríamos ir, descrevendo certo moinho pequeno que os Sinnett, o major Henderson e mesmo os [habitantes nativos] afirmavam não existir. Ela mencionou também um pequeno templo tibetano que estaria perto desse local. Atingimos o ponto que ela havia descrito e encontramos o moinho — por volta das dez horas da manhã; sentamo-nos na sombra e os criados serviram um lanche. Quando o sr. Mahmood uniu-se ao grupo, as cestas já estavam prontas; de modo que, ao tomarmos chá, descobrimos que havia uma xícara e um pires a menos. Alguém pediu à sra. Blavatsky que produzisse uma por mágica. Ela consentiu; e, depois de olhar para o terreno aqui e ali, chamou o major Henderson para que trouxesse uma faca e cavasse o local para o qual ela estava apontando. Ele constatou que a terra era dura e cheia de pequenas raízes provenientes de uma árvore jovem de cedro próxima dali. Ele as cortou e puxou até uma profundidade de cerca de vinte centímetros, quando algo de cor branca foi visto no solo escuro; continuou cavando, e o que se viu! — uma xícara decorada em verde e dourado, combinando exatamente com as outras que os criados da sra. Sinnett haviam trazido.

A sra. [HPB] pediu ao major que cavasse um pouco mais; assim fazendo, encontrou um pires que combinava com a xícara. Eles estavam envolvidos pela terra, naturalmente, como as pedras dali, e as raízes do cedro formavam como que uma rede ao seu redor, e uma das raízes, tão grossa como o seu dedo mínimo, teve que ser cortada para que fosse retirado o pires.

O major Henderson pediu-lhe, então, que explicasse o fato cientificamente; ela, no entanto, respondeu que não podia fazê-lo, pois ele ainda não era um teósofo. Ele disse que pretendia tornar-se um. “Quando?” perguntou ela. “Amanhã”, ele replicou. A sra. Sinnett perguntou: “Por que não hoje?” “Sim, eu o farei”, disse o major; “sra. [HPB], faça então com que surja neste local um diploma!” “Se eu o fizer, você realmente se juntará a nós?” “Sim, eu o farei.” “Então você o terá.” Ela olhou aqui e ali e caminhou perto de nós por alguns momentos; em seguida sentou-se na extremidade de um pequeno banco. “Se você quer o diploma, deve procurá-lo pessoalmente; o ‘Irmão’ que está me auxiliando disse-me que ele está enrolado, amarrado com cerca de 15 metros de um fio azul e coberto com uma trepadeira”, informou ela ao major. Todo o grupo foi procurar e logo o major Henderson, ao elevar os galhos mais baixos de um cedro do Himalaia ainda jovem e afastar suas folhas, falou: “Eu o encontrei!” E era verdade — lá estava um dos nossos diplomas, preenchido com o nome do major Philip D. Henderson como Membro Correspondente, e uma carta oficial no papel timbrado da nossa sede, ESCRITA COM A MINHA PRÓPRIA LETRA e assinada “Cordialmente — (havia então caracteres tibetanos) em nome de H. S. Olcott, Presidente da Sociedade Teosófica!” Imaginem o meu espanto! A carta estava datada de 2/3 de outubro — referindo-se à hora (ou noite) entre os dois dias, e mencionava a conversa que havia ocorrido entre a sra. Blavatsky e o major Henderson.⁶³

Olcott relata em *Old Diary Leaves*:

Para completar essa parte da minha narrativa, quero registrar que a sra. Sinnett e eu, chegando a casa antes, na volta do nosso passeio, fomos direto até a cristaleira, onde encontramos as três outras xícaras (das doze originais), que ela deixara separadas numa prateleira acima por estarem com as suas asas quebradas e outros danos. A sétima xícara, materializada no piquenique, portanto, não fazia parte do conjunto das quebradas.⁶⁴

Havia então, agora, treze xícaras, dez intactas e três quebradas. A que foi duplicada ainda existe com seu pires e foi exposta na cidade de Nova Iorque com outras recordações de HPB, no Hotel Statler Hilton, em novembro de 1975, quando o centésimo aniversário da fundação da Sociedade foi comemorado no local do seu nascimento.

Sinnett discute no livro *O Mundo Oculto* as possíveis explicações alternativas para o fenômeno da xícara e do pires:

Se eles não foram depositados por um agente oculto, deveriam ter sido enterrados anteriormente. Ora, eu já descrevi o tipo de solo de onde eles foram retirados; certamente esteve intacto durante anos devido à característica da vegetação que os envolvia. Mas seria possível pensar, num primeiro momento, que de uma outra parte do terreno em declive, uma espécie de túnel pudesse ter sido escavado e, através dele, a xícara e o pires terem sido colocados no local em que foram encontrados. Essa hipótese é dificilmente sustentável,

considerando-se a sua inviabilidade física. Se o túnel fosse suficientemente grande, teria deixado vestígios que não estavam perceptíveis no solo — e que não foram descobertos mesmo quando o terreno foi pesquisado, logo depois, em função dessa hipótese. A verdade é que a teoria do sepultamento prévio dos objetos é insustentável tendo em vista o fato de que a busca da xícara e do pires — entre miríades de coisas que poderiam ser solicitadas — nunca poderia ter sido prevista. Ela foi provocada por circunstâncias que surgiram ao sabor do momento. Se nenhuma pessoa extra tivesse se juntado a nós no último minuto, o número de xícaras e de pires empacotados pelos criados teria sido suficiente para as nossas necessidades, e nenhuma atenção teria sido focada sobre eles. [Além disso] foram os criados, sem o conhecimento de qualquer um dos convidados, que escolheram as xícaras entre outras que também poderiam ter sido selecionadas.⁶⁵

Com relação à carta oficial que acompanhava o diploma do major Henderson, e que tanto assombrou Olcott, que viu nela a réplica da sua própria letra, certa vez dois altos funcionários públicos de Baroda, o juiz Gadgil e o sr. Kirtane, perguntaram a HPB de que modo tais materializações podiam ser feitas. Isso foi em 1882, quando ela visitou Baroda com Olcott. Relata Olcott:

Ela explicou que, como as imagens de todos os objetos e acontecimentos estavam armazenadas na luz astral, não era necessário que ela tivesse visto a pessoa ou conhecido a escrita, a imagem que ela desejava precipitar; bastava apenas que ela fosse colocada na pista para que as encontrasse e as materializasse. Eles lhe pediram insistentemente que fizesse uma demonstração para eles. “Bem”, ela disse finalmente, “digam-me o nome de um homem ou de uma mulher muito hostil à Sociedade Teosófica, alguém que nem Olcott nem eu jamais tenhamos conhecido pessoalmente”. Imediatamente eles mencionaram o sr... um residente britânico, que dedicava a nós e à nossa Sociedade um ódio especial, e que nunca perdia a oportunidade de dizer coisas desagradáveis a nosso respeito...

[Então] tomando uma folha de papel da mesa, [ela] pediu aos cavalheiros que fizessem nela uma marca de identificação. Recebendo-a de volta, ela disse: “Agora ponham-me de frente para a residência dele.” Eles o fizeram. Ela colocou o papel entre as duas mãos (segurando-o horizontalmente), permaneceu quieta por um momento, entregou-o a nós e foi sentar-se. Gritos de surpresa partiram dos dois homens ao verem, naquilo que era há pouco apenas uma folha de papel vazia, uma carta endereçada a mim, escrita a mão, e que levava a assinatura do residente britânico naquela Corte. Era uma caligrafia pequena, muito peculiar, e a assinatura era mais um rabisco do que o nome de um homem...

Pensei que [Gadgil e Kirtane] explodiriam numa gargalhada quando eles lessem o conteúdo da carta. Era endereçada a “Meu caro coronel Olcott”, pedindo-me perdão pelas coisas maliciosas que havia dito contra nós e solicitando uma assinatura da “nossa revista de renome mundial, *The Theosophist*”, e dizia que ele gostaria de tornar-se membro da Sociedade Teosófica: estava assinada com um “cordialmente” antes do seu nome. Ela nunca havia visto uma linha escrita por esse cavalheiro, nem sua assinatura, nunca o encontrara em carne e osso, e a nota foi precipitada naquele pedaço de papel seguro entre as suas mãos, estando ela parada no meio do quarto, em plena luz do dia, com três testemunhas olhando para tudo.⁶⁶

Durante a visita a Simla, Olcott achou oportuno iniciar uma correspondência com o governo do vice-rei britânico, solicitando o afastamento dos agentes do serviço secreto que seguiam cada passo deles. O governo não somente concordou com isso, mas aproveitou a presença de HPB, solicitando-lhe que traduzisse para o inglês alguns documentos russos.⁶⁷

A vida de HPB em Simla, nessa época, era um ciclo contínuo de visitas, piqueniques e jantares. Era tratada como uma celebridade. O fator de atração, é claro, era a expectativa de testemunhar a manifestação de seus poderes ocultos, e poucos iam embora decepcionados.

CAPÍTULO 7

Em Relação aos Fenômenos

De todos os fenômenos produzidos por HPB durante a sua visita a Simla, o mais importante, na avaliação de Sinnett, foi o começo da correspondência entre ele e os Adeptos do Himalaia. Mil e trezentas páginas dessas cartas estão guardadas agora no departamento de manuscritos raros da Biblioteca Britânica. Sinnett revela como iniciou a correspondência no seu livro *O Mundo Oculto*:

Um dia perguntei à sra. Blavatsky se ela poderia entregar uma carta a um dos Irmãos, caso eu resolvesse escrever uma, explicando meus pontos de vista. Eu pensava que isso dificilmente seria possível, pois sabia quão inacessíveis eram, geralmente, os Irmãos; mas como ela disse que tentaria, escrevi uma carta, endereçando-a “ao Irmão Desconhecido”, e a entreguei a ela para ver se haveria algum retorno... A ideia que tinha em mente especificamente era a de que de todos os testes e fenômenos que se poderia imaginar, o melhor seria a aparição em nossa presença, na Índia, de um exemplar do *Times* de Londres no mesmo dia da sua publicação...

Passaram-se um ou dois dias antes que eu ouvisse falar algo a respeito da minha carta, embora a sra. Blavatsky me avisasse que eu teria uma resposta. Depois disso, soube que ela não tinha conseguido encontrar um Irmão que quisesse receber a comunicação.⁶⁸ Aqueles a quem ela solicitou primeiro se recusaram a perder tempo com o assunto. Finalmente, o seu telégrafo psicológico trouxe-lhe uma resposta favorável de um dos Irmãos com quem há algum tempo ela não se comunicava. Ele estava disposto a receber a carta e responder a ela.⁶⁹

Esse Irmão era o Mestre K.H. Ele respondeu:

É precisamente porque um teste com o jornal de Londres fecharia a boca dos céticos que a ideia é impensável... Se concordássemos com o seu desejo, você sabe, realmente, que consequências haveria? A sombra que segue todas as inovações humanas avança inexoravelmente; porém, são poucos os que percebem, em algum momento, a sua aproximação. Que expectativa poderiam ter aqueles que gostariam de oferecer ao mundo uma inovação, a qual, devido à ignorância humana, caso fosse considerada autêntica, com certeza seria atribuída àquelas forças negras em que dois terços da humanidade ainda acreditam e das quais têm medo? Você diz que a metade de Londres iria converter-se se você pudesse mostrar lá um *Pioneer* na mesma data da sua publicação. Lamento dizer que, se as pessoas acreditassem no fato, matariam você antes que pudesse dar uma volta pelo Hyde Park, e se o fato não fosse aceito como verdadeiro, o mínimo que poderia acontecer seria a perda da sua reputação e do seu bom nome por propagar tais ideias...

E sem um conhecimento completo do *Akas[ha]*, das suas combinações e propriedades, como a ciência poderia explicar tal fenômeno? Nós não duvidamos de que os homens da sua ciência possam ser convencidos. No entanto, primeiro os fatos têm que ser demonstrados a eles, esses fatos primeiro têm de tornar-se propriedade deles, têm de ser comprovados de acordo com os seus próprios métodos de investigação, antes que estejam dispostos a aceitá-los como fatos. Testes após testes seriam solicitados e teriam que ser feitos; e eles esperariam que cada fenômeno fosse mais maravilhoso que o anterior. Você observa diariamente que ninguém acredita a não ser que seja uma testemunha visual. Seria o tempo de vida de um homem suficiente para satisfazer todos os céticos?...

Como muitos outros, você nos critica pelo nosso segredo. No entanto, nós conhecemos alguma coisa sobre a natureza humana, porque a experiência de longos séculos — sim, eras — nos ensinou... Os preconceitos do mundo têm que ser vencidos passo a passo, e não de repente. Assim como a respeitável antiguidade teve mais que um Sócrates, o vago futuro dará nascimento a mais de um mártir. E basta lembrarmos das recentes perseguições de médiuns na Inglaterra, da queima de supostas feiticeiras e feiticeiros na América do Sul, na Rússia e nas fronteiras da Espanha, para termos certeza de que a única salvação dos conhecedores autênticos das ciências ocultas está no ceticismo do público: os charlatães e os prestidigitadores profissionais são escudos naturais dos “adeptos”. A segurança pública somente é preservada quando mantemos em segredo as terríveis armas que de outra forma poderiam ser usadas contra ela, e que, como já lhe contei, iriam tornar-se mortais nas mãos dos perversos e dos egoístas.⁷⁰

Em resposta, foi perguntado ao Mestre K.H.: “Que bem, então, será alcançado pelos meus amigos e por mim mesmo através dessas ciências ocultas?” A resposta foi:

Quando os indianos virem os ingleses, e mesmo alguns dos seus mais altos funcionários na Índia, interessados em sua ciência e filosofias ancestrais, eles mesmos passarão a estudar abertamente esses conhecimentos. E quando eles começarem a verificar que aqueles fenômenos antigos e divinos não são milagres, mas efeitos científicos, a superstição desaparecerá. Assim, o mal mais grave que agora oprime e retarda o renascimento da civilização indiana desaparecerá, com o tempo.⁷¹

Bons efeitos apareceram entre os investigadores ocidentais de mente aberta. Quando um hindu escreveu a *The Theosophist* afirmando que os poderes do Yoga eram de importância apenas secundária, HPB respondeu: “Para finalidades fenomenológicas, sim — com toda certeza. Mas o nosso irmão indiano tem que lembrar que o Ocidente nada sabe sobre a existência desse poder no homem; e, enquanto não o conhecer, não haverá pesquisa científica verdadeira, especialmente no campo da psicologia.”⁷² É importante, acrescentou ela, demonstrar que fenômenos ocultos podem ser produzidos “sem quartos escuros, espíritos, médiuns, sem nada da parafernália usual”.⁷³

Além disso, como HPB escreveu ao professor Corson no início do ano de 1875, se as aparências indicassem que os teósofos propõem “dogmas não sustentados por provas vivas... logo chegaríamos ao extremo atual das igrejas sectárias”. Ela continua:

Aquele que alcança as alturas sublimes da Sabedoria e da Intuição não requer mais o apoio desses fenômenos, da mesma forma que um filhote de águia não necessita continuar debaixo das asas de sua mãe depois que as penas de suas asas cresceram; mas as águias mentais são poucas, os pardais titubeantes são muitos, e aqueles que podem elevar-se acima das nuvens da dúvida não devem desprezar as necessidades de seus irmãos mais fracos. Os milagres de Jesus abriram caminho para o nascimento da religião cristã, animaram sua infância, confortaram, consolaram e armaram os seus pregadores patrísticos...^{*174}

A condessa Wachtmeister relata: “Muitas pessoas têm-me dito, em diferentes ocasiões, que é uma tolice que os ‘fenômenos’ tenham estado ligados em algum momento à Sociedade Teosófica ou que HPB tenha perdido o seu tempo com trivialidades como estas.” A essas observações, ela responde:

HPB tem dado invariavelmente a mesma resposta; que no tempo em que a Sociedade foi criada era necessário atrair a atenção do público para o fato, e que os fenômenos serviam a esse objetivo mais eficientemente do que qualquer outra coisa poderia ter feito. Se HPB tivesse aparecido desde o início como uma instrutora de filosofia, pouquíssimos estudantes seriam atraídos para o seu lado... Mas, uma vez introduzido esse elemento maravilhoso, foi difícil libertar-se dele quando o seu propósito já havia sido alcançado. Todos vinham ansiosos por ter a sua curiosidade gratificada, e, quando desapontados, iam embora indignados e raivosos.⁷⁵

Parece completamente evidente que esse risco foi bem compreendido, conhecido e calculado anteriormente. Um crítico contra-ataca, entretanto, afirmando que só depois de os “supostos milagres de HPB terem sido desmascarados, graças principalmente à Sociedade para Pesquisa Psíquica, é que Blavatsky passou a falar depreciativamente deles”.⁷⁶ É fácil refutar essa ideia citando uma declaração feita por Blavatsky e seus instrutores muito antes das investigações da S.P.P., como veremos.

A primeira carta de K.H. para Sinnett demonstra a intensidade do envolvimento deste último em pesquisas psíquicas. HPB menciona numa carta escrita de Simla para a sra. Hollis Billings (em 2 de outubro de 1881) que Sinnett está “sempre ansioso por fenômenos”.⁷⁷ O Mahatma M. escreveu com franqueza para ele em fevereiro de 1882:

Tente atravessar o grande maya contra o qual os estudantes do oculto, em todo o mundo, são sempre advertidos pelos seus instrutores — a ânsia por fenômenos. É como o desejo por bebidas fortes ou pelo ópio, que cresce quando atendido. Os espíritas estão bêbados com eles; eles são bebedores taumatúrgicos. Se você não puder ficar satisfeito sem fenômenos, nunca aprenderá a nossa filosofia... mas se escolher a sabedoria, todas as outras coisas virão por acréscimo, no devido tempo... Vamos falar como homens sensíveis. Por que deveríamos brincar com uma caixa de surpresas; nossas barbas já não estão crescidas?⁷⁸

HPB adota um tom semelhante numa carta dirigida a um teósofo:

Vocês são crianças que querem maravilhas? Vocês têm tão pouca fé que necessitam de estímulos constantes, como um fogo que se extingue necessita de combustível!... Vocês deixariam que o núcleo de uma esplêndida Sociedade morresse em suas mãos assim como um homem doente nas mãos de um charlatão? Vocês não deveriam esquecer jamais que para nós é uma coisa muito séria usar os nossos poderes e levantar as temíveis sentinelas que estão no limiar. Elas não podem nos ferir, mas podem se vingar precipitando-se contra o neófito desprotegido. Vocês são como crianças brincando com fogo porque ele é atraente e belo, quando deveriam ser homens que estudam filosofia devido ao amor que sentem por ela. (*The Path*, agosto de 1892, p. 161.)

A própria HPB escreveu a Sinnett (em 20 de junho de 1882) a respeito do “plano específico e obstinado [dele] de levar o público em geral, e os anglo-indianos em particular, a saber de cada fenômeno que ocorre”:

Bato-me do modo mais decidido, enfático e sem concessões contra o seu eterno desejo de colocar tudo o que eu faço (quanto aos fenômenos idiotas) em função do esclarecimento do povo em relação a esse assunto. EU NÃO ME IMPORTO COM A OPINIÃO PÚBLICA. Desprezo completamente e de todo coração a sra. Grundy ^{*2} e não moveria um dedo para saber se os William Beresford ou os respeitáveis “qual é mesmo o nome deles” pensam bem ou mal de mim com relação aos fenômenos realizados. Recuso-me a fazer proselitismo deles com base no pouco auto-respeito e dignidade que o meu dever para com aqueles que estão além e para com a causa ainda me permite reter. Eu não os converterei, certamente, onde quer que os nomes dos Irmãos estejam misturados com um fenômeno. Seus nomes já foram suficientemente enlameados; eles têm sido mal usados e desrespeitados por todos os que escrevem por dinheiro na Índia. Atualmente as pessoas chamam seus cães e gatos pelo nome de “Koot-hoomi”...⁷⁹

Na segunda carta de K.H. a Sinnett ele se esforça para que o seu correspondente siga estritamente as prioridades: “...você tem pretendido sempre eliminar a ideia de uma fraternidade universal, questionando a sua utilidade e recomendando a remodelação da S.T. nos moldes de um colégio feito para estudar Ocultismo. Isso, meu respeitado e estimado amigo e irmão, nunca ocorrerá!”⁸⁰ Neste ponto o *Maha Chohan*,⁸¹ o instrutor de K.H. e M., foi ainda mais enfático:

Devemos nós dedicar-nos a ensinar a alguns poucos europeus, que vivem na abundância — muitos deles carregados com as dádivas de uma fortuna imerecida — a explicação racional dos fenômenos de campainhas soando no ar, da materialização de xícaras, do telefone espiritual e da formação do corpo astral, e deixar os numerosos milhões de ignorantes, de pobres e desprezados, humildes e oprimidos, tomarem conta de si mesmos e de sua vida futura da melhor forma que puderem? Nunca, antes pereça a S.T com seus dois infelizes fundadores, do que permitirmos que ela se transforme em mera academia de magia, um centro de ocultismo... [E é de nós] que se espera aprovação para que a S. T. abandone seu nobre título de Fraternidade da Humanidade e torne-se uma simples escola de psicologia ? Não, não, bons irmãos, vocês já estão equivocados há demasiado tempo.⁸²

A nossa discussão não ficaria completa se não considerássemos o papel que os poderes psíquicos cumprem no desenvolvimento do ser humano. Numa carta enviada à convenção anual dos teósofos norte-americanos, em 1891, HPB refere-se aos norte-americanos como precursores de uma nova raça:

O psiquismo, com toda a sua fascinação e seus perigos, está necessariamente desenvolvendo-se entre vocês, e vocês devem tomar cuidado para que o psíquico não ultrapasse o desenvolvimento manásico [mental] e espiritual. As capacidades psíquicas, quando mantidas perfeitamente sob controle, supervisionadas e dirigidas pelo princípio manásico [mental], são auxiliares valiosas no desenvolvimento. Mas, correndo sem rumo, controlando em vez de serem controladas, usando em vez de serem usadas, essas capacidades conduzem o estudante às ilusões mais perigosas e certamente à destruição moral.⁸³

De que modo os poderes psíquicos são auxiliares valiosos no desenvolvimento? Através do desenvolvimento natural dos poderes e da consequente expansão da consciência, diz HPB, “uma pessoa torna-se gradualmente una com o TODO UNIVERSAL”.⁸⁴ Ela também indica que com “novos sentidos e novos poderes... pode ser feito um bem infinitamente maior do que sem eles”.⁸⁵ Assim, quando Buda alcançou a iluminação e começou o seu trabalho para redimir a humanidade, diz-se que Ele recebeu uma série de dons supranormais. Entre esses estava o ouvido divino, ou clariaudiência; a visão divina, ou uma forma altamente desenvolvida de clarividência; a telepatia, ou o conhecimento da mente de outros seres humanos; e, por último, a recordação dos seus nascimentos anteriores.⁸⁶ Ele podia, sem erro, perceber as necessidades psicológicas e espirituais de cada pessoa que encontrava e da raça humana como um todo.

Esses poderes seriam realmente dons? “Nos tempos antigos”, responde Blavatsky, “homens como Krishna, Gautama Buda, Jesus Cristo, Paulo, Apolônio de Tiana, Plotino, Porfírio e outros como eles... por passarem suas

vidas inteiras em pureza, estudo e auto-sacrifício, com provações, privações e autodisciplina, alcançaram a iluminação divina e poderes aparentemente super-humanos”.⁸⁷ Este fato contrasta profundamente com a falta de treino nesses assuntos dos médiuns e canalizadores modernos!

*¹ Patrística: ciência que estuda a doutrina dos Santos Padres e a história dessa doutrina. (Nota Ed. Bras.)

*² A sra. Grundy era uma personagem da peça teatral de Thomas Morton, *Speed the Plough* (1798) e passou a ser para a sociedade um sinônimo de censura despótica das condutas pessoais fora do comum.

CAPÍTULO 8

Viagens Difíceis

Após a visita a Simla no outono de 1880, Blavatsky e Olcott viajaram por um grande número de cidades e vilas do norte, onde o coronel fazia conferências sobre Teosofia. Enquanto isso os Sinnett retornaram a sua casa em Allahabad. Os fundadores reuniram-se a eles no começo de dezembro e novamente no Natal. Durante essas viagens, HPB contraiu a febre Punjab, e também a febre da dengue,^{*1} considerada mais dolorosa do que as torturas da Inquisição.

O ano novo trouxe os fundadores de volta a Bombaim. Durante a ausência deles, a sede da S.T. tinha sido transferida para um subúrbio, Breach Candy. O novo bangalô, chamado de Ninho do Corvo [ver a foto nº 29 nas páginas centrais], era espaçoso e oferecia uma visão ampla do mar e da terra, proporcionando mais paz do que eles haviam tido na parte nativa da cidade, densamente povoada, onde eram constantemente incomodados por visitantes.⁸⁸

Em março, Sinnett e sua esposa foram para Londres em férias. Lá ele terminou *The Occult World (O Mundo Oculto)*, publicado em junho. Retornando para a Índia em junho, ele recebeu uma longa carta de K.H. Esse foi o começo de uma longa correspondência sobre assuntos filosóficos, científicos e metafísicos que lhe possibilitou escrever, por fim, *Esoteric Buddhism (O Budismo Esotérico)*.

Em geral é desconhecido o fato de que alguns dos ensinamentos metafísicos dados a Sinnett não começaram com as cartas recebidas de K.H., mas vieram da própria HPB. Em *The Early Days of Theosophy in Europe (Os Primeiros Tempos da Teosofia na Europa)*, Sinnett menciona essas instruções e dá exemplos do que ela ensinou a Hume e a ele mesmo em Simla⁸⁹ no verão de 1881. Algo particularmente interessante é que o seu livro de notas, contendo esses detalhes e muito mais, está reproduzido no apêndice de *The Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett (As Cartas de*

H.P. Blavatsky para A.P. Sinnett).⁹⁰ Mas o editor, aparentemente sem saber que os ensinamentos ali contidos foram dados pessoalmente por HPB, atribuiu-os diretamente aos Mestres. Ali está delineada pela primeira vez a constituição setenária do homem e, ao listar suas divisões, HPB usou a terminologia tibetana e sânscrita bem como seus equivalentes em inglês. Sinnett relata que quando HPB ensinou a Hume e a ele próprio, ela era uma defensora intransigente da pronúncia correta das palavras tibetanas.

Quando o livro *O Budismo Esotérico* foi publicado, abriu-se um mundo novo de ideias a respeito da evolução humana e cósmica. Nesse período, em Londres, uma testemunha, Francesca Arundale, relata que o livro ao ser publicado “tomou de assalto o mundo teológico e científico”. Ela acrescenta: “O efeito de *O Budismo Esotérico* e os ensinamentos teosóficos posteriores sobre a imprensa teológica e literária dificilmente podem ser avaliados no dia de hoje. *Karma* e reencarnação, termos desconhecidos até então, eram comentados inúmeras vezes nos sermões e discursos por muitos líderes da igreja. Os jornais estavam repletos de alusões críticas ou condenatórias às novas ideias, mas essas ideias vinham para ficar, e a semente assim semeada deu frutos abundantes.”⁹¹

Na correspondência metafísica de K.H. com Sinnett, este último foi advertido:

O conhecimento só pode ser comunicado gradualmente; e alguns dos segredos mais elevados — se fossem de fato expostos, mesmo no seu ouvido bem preparado — poderiam parecer a você algo sem nenhum sentido... A ciência oculta não é algo cujos segredos possam ser comunicados de súbito, pela escrita ou mesmo por uma comunicação verbal. Se fosse assim, todos os “Irmãos” o fariam, publicariam um *Manual* que pudesse ser ensinado nas escolas como a gramática. É um engano comum das pessoas pensar que nós rodeamos a nós próprios e a nossos poderes de mistério por nossa vontade, que nós queremos manter nosso conhecimento para nós mesmos, e por nossa vontade nos recusamos, “intencional e deliberadamente” a comunicá-los. A verdade é que até que o neófito atinja a condição necessária para alcançar um determinado grau de iluminação, muitos segredos, se não todos, são incomunicáveis. A receptividade tem que ser igual ao desejo de instrução. A iluminação tem que vir de dentro.⁹²

No final do verão e no começo do outono de 1881, HPB esteve durante vários meses em Simla com os Hume, no castelo Rothney, e perto do fim de

outubro foi para Lahore, onde se diz que viu o Mestre M. Logo após ela começou uma extensa viagem pelo norte da Índia, obedecendo a ordens do seu instrutor. Como Olcott nessa época estava em Sri Lanka, essa foi a primeira ocasião em que HPB esteve sozinha visitando cidades e criando lojas da S.T.

Depois de outras viagens, HPB retornou à sede de Bombaim no fim de novembro. No dia 31 de março de 1882, partiu para Allahabad e, mais tarde, viajou para Calcutá onde foi convidada a hospedar-se no palácio do marajá. Na mesma noite, foi fundada a Sociedade Teosófica de Bengala. Olcott havia precedido HPB em Calcutá e feito uma conferência um dia antes sobre o tema *Teosofia, a Base Científica da Religião*.

No dia dezenove de abril, Blavatsky e Olcott viajaram de navio para Madras,^{*2} uma viagem que teria consequências importantes uma vez que, em breve, Madras passaria a ser a sede da S.T. Nessa visita foi fundada a S.T. de Madras, e T. Subba Row conheceu HPB.

Para ter-se alguma ideia de como eram difíceis as viagens pela Índia para formar lojas da S.T., pode ser interessante ressaltar uma viagem, realizada em maio, de Nellore para Guntur. HPB e seu grupo tiveram inicialmente que tomar um barco-casa no Canal Buckingham e, depois, viajar oitenta e oito quilômetros ao longo de um terreno tão perigoso que Blavatsky e Olcott foram carregados em palanquins^{*3} através de regiões infestadas de cobras. Rios profundos eram vadeados com o auxílio de seis trabalhadores hindus balançando precariamente os palanquins em varapaus que repousavam nas suas cabeças para que os seus ocupantes não se molhassem. Chegando em Guntur, toda a população — salvo as crianças e enfermos — saudou os viajantes. Quando retornaram ao Canal Buckingham e a Nellore, eles viajaram cento e vinte e cinco quilômetros em carroções puxados por bois em estradas precárias, cheias de buracos, até a estação ferroviária mais próxima, onde descobriram que o trem para Madras — seu próximo destino — estava com doze horas de atraso.⁹³

Os membros da nova S.T. de Madras solicitavam com insistência aos fundadores que mudassem a sede central de Bombaim para a sua cidade. Isso foi decidido, finalmente, ao comprar-se uma propriedade no subúrbio de Adyar em 17 de novembro de 1882, exatamente sete anos após a fundação da S.T. em Nova Iorque, no dia 17 de novembro de 1875. Antes

da mudança para Madras, HPB ficou muito enferma em Bombaim com nefrite. Ela escreveu para os seus parentes:

Meu sangue está transformado em água; ele se esvai e forma bolsas como as dos cangurus. Tudo isso é o resultado, primeiro, do calor e da umidade de Bombaim; e segundo, das minhas constantes irritações, perturbações e problemas. Comecei a ficar tão nervosa que até mesmo os passos leves dos pés descalços de Damodar me causavam palpitações no coração. Forcei o [dr.] Dudley a concordar que eu poderia morrer a qualquer momento como resultado de alguma excitação; sem elas eu poderia durar mais um ano ou dois. Será isso possível com a vida que levo?... M. quer que eu [saia daqui] até o fim de setembro... para onde eu não sei! Provavelmente para algum lugar nos Himalaias.⁹⁴

Quando melhorou o suficiente para poder viajar, HPB deixou Bombaim indo para Sikkim. Numa carta ao príncipe Dondoukov, na Rússia, ela dá detalhes:

Sikkim, Ghum,
1 de outubro de 1882
a 13.000 pés, sob as nuvens

Como você vê... estou na solidão de Ghum^{*4} E o que é Ghum? É uma montanha no Sikkim e um mosteiro onde os lamas se hospedam em seu caminho para o Tibete... Os médicos me afastaram de Bombaim, pois no começo de setembro eu estava morrendo de uma doença do fígado e dos rins; fui então para as montanhas. Passando por Benares, peguei as suas coisas de bronze, empacotei-as, e enviei a caixa para Allahabad. Depois fui via Calcutá e Chandernagore para Cooch-Bihar (o Rajá é teósofo). Lá tive febre durante três dias, por causa da mudança súbita do tempo — um calor terrível deu lugar a frio, chuvas e neblina. Uma dúzia de babus teósofos de Calcutá acompanhou-me, junto com três budistas do Ceilão e da Birmânia. Todo esse grupo, de pés descalços e peitos desnudos, vindo dos vales tropicais do Hindustão, adoeceu com o frio. Sozinha, sendo russa, reanimei-me e fiquei bem. Mas, das quinze pessoas, só os quatro teósofos-budistas e um, vindo do Nepal, acompanharam-me até Sikkim — todos os outros ficaram para trás. Como você sabe, Sikkim é um estado independente entre o Tibete, Cooch-Bihar e o Butão... Eu solicitara ao (Ministério das Relações Exteriores um salvo-conduto para entrar no Sikkim. Mas o pedido foi recusado. O secretário Grant escreveu: “Nós não faremos qualquer objeção à sua ida ao Tibete e à sua passagem do território britânico para o lado de lá; entretanto, além do nosso território, não podemos responder por sua segurança...” Ao que respondi: “Você não me concedeu um salvo-conduto; bem, vá para o inferno. Eu vou de qualquer modo.”

Já era tarde demais para ir até Shigatse, a capital do Tashi Lama, e decidi ir para a Lamaseria que fica a quatro dias de Darjeeling (uma segunda Simla), situada na própria fronteira do Tibete. Fui para lá a pé, porque é impossível ir de carruagem, a menos que ela seja montada sobre um iaque, e nós escalamos e engatinhamos não quatro, mas oito dias inteiros. Em certas ocasiões eles me carregavam numa “cadeirinha”, uma espécie de palanquim feito de uma cadeira de braços, e várias vezes quase me jogaram no abismo; mas nós chegamos mesmo assim, não no Tibete ainda, mas na sua fronteira.

Mas agora vem a parte engraçada. A fronteira é um rio de correnteza rápida com uma ponte de bambu balançando sobre ele; do outro lado estão as barracas de militares com guardas de fronteira, uma Lamaseria e um vilarejo. É um desfiladeiro muito estreito onde dificilmente dez homens podem passar lado a lado. Encontramos no lado do Butão dois ingleses disfarçados de monges-mendicantes. Eu imediatamente os reconheci, e também a alguns indianos do Departamento de Inspeção —quase uma caravana. Soubemos que havia uma semana eles estavam esperando em vão autorização para passar para o outro lado...

Alguém me disse: “Foi inútil você ter vindo, eles não a deixarão passar.” “Veremos”, respondi. Enviei pelo meu teósofo de Burma uma carta de Pha Luen Ugan Yatcha, o lama do mosteiro de Pamionchi, endereçada ao Dirigente da Lamaseria à nossa frente (Pe-ma-in), e eles o deixaram passar. Em uma hora, o próprio lama-chefe, que mais parecia um esqueleto seco, veio até mim, e *gelungs*^{*5} trouxeram-me chá com manteiga e todas as espécies de iguarias como presente. Depois dessa bebida e da cálida recepção, eles me acompanharam, com todas as honras, para cruzar a ponte e ir até a sua casa, juntamente com os três homens do Ceilão; mas os ingleses tiveram que permanecer onde estavam! Meu único receio era que eles não me deixassem voltar. Permaneci lá durante três dias, vivendo numa pequena casa ao pé das paredes do mosteiro, e falava dia e noite com os *gelungs* e o Superior (uma encarnação de Sakya-Buddha); passei horas na sua biblioteca onde não permitiam a entrada de mulheres — uma prova tocante de que a minha beleza é perfeitamente inofensiva —, e o Superior reconheceu publicamente em mim uma encarnação feminina de um dos Bodhisattvas, o que me deixou muito orgulhosa. Então chegou uma carta de Koot Hoomi, e os guias me levaram de volta por outra estrada até a ponte... e me levaram para Sikkim e através dele, até onde me encontro atualmente, numa outra lamaseria, a trinta e sete quilômetros de Darjeeling.⁹⁵

Em determinado ponto das suas viagens pelo Sikkim, HPB permaneceu no ashram dos seus instrutores. Quando retornou a Darjeeling — onde, por razões de saúde, recomendaram que repousasse durante dois meses — ela escreveu para Sinnett no dia nove de outubro:

Ah, que par de dias abençoados! Era como nos velhos tempos... o mesmo tipo de cabana de madeira, dividida em três compartimentos destinados a servirem como quartos, e sustentada na floresta sobre quatro “pernas de pelicano”; os mesmos *chelas* amarelos passando sem qualquer ruído; o mesmo eterno “gul-gul-gul” emitido pelo cachimbo inextinguível do meu chefe; a mesma voz doce e familiar de K.H. (cuja voz é ainda mais doce e cujo rosto é ainda mais fino e transparente); o mesmo tipo de objetos servindo como móveis — peles, travesseiros estufados de cauda de iaque, os pratos para o sal, o chá etc. Bem, quando voltei para Darjeeling, mandada embora por eles — para “fora do alcance dos *chelas*, que podiam ficar apaixonados por minha beleza”, disse-me o meu amável chefe —, no dia seguinte recebi a nota que lhe envio vinda do subcomissário, dizendo-me que não podia ir para o Tibete!! Ele trancou a porta do estábulo depois do cavalo haver saído.⁹⁶

Darjeeling, uma estação britânica nas montanhas, era uma residência de verão para os funcionários civis e um local de descanso para as suas famílias. Uma das atrações era a visão magnífica das montanhas dos

Himalaias situadas cerca de sessenta e quatro quilômetros ao norte. Enquanto lá esteve, HPB viveu na mesma casa com vários teósofos que haviam chegado recentemente do sul. Um deles, Mohini Chatterjee, um advogado de Calcutá e descendente do grande reformador hindu Raja Rammohun Roy, foi um dos mais brilhantes teósofos do primeiro período da S.T. na Índia. No artigo *The Himalayan Brothers — Do They Exist? (Os Irmãos do Himalaia — Eles Realmente Existem?)* [*The Theosophist*, dezembro de 1883], Mohini registra as suas experiências nessa época:

Durante minha visita a Darjeeling, hospedei-me na mesma casa com vários teósofos... a maioria deles tão cheios de dúvidas com relação aos *Mahatmas* do Himalaia quanto eu mesmo estava naquela época. Encontrei em Darjeeling pessoas que reivindicavam serem *chelas* dos Irmãos do Himalaia e terem visto e vivido com eles durante anos. Riam diante de nossa perplexidade. Um deles mostrou-nos um retrato, admiravelmente bem executado, de um homem que parecia ser uma pessoa eminentemente santa e que, foi-me dito, era o *Mahatma* Koothoomi (agora meu venerado Mestre), a quem o livro do sr. Sinnett *O Mundo Oculto* é dedicado.

Poucos dias após a minha chegada, um mascate tibetano chamado Sundook veio casualmente até nossa casa para vender suas coisas. Sundook era bem conhecido há anos em Darjeeling e nas vizinhanças como um comerciante itinerante de bugigangas tibetanas, e visitava o país todos os anos no exercício de sua profissão. Ele veio à casa várias vezes durante nossa estadia ali e parecia-nos, por sua simplicidade, seu comportamento digno e suas maneiras aprazíveis, ser um homem naturalmente cavalheiro. Ninguém podia descobrir nele qualquer traço de caráter que fosse, mesmo remotamente, aliado aos selvagens incivilizados, como os tibetanos são considerados pelos europeus.

Como HPB estava fora de Darjeeling nessa época, essa parecia uma oportunidade excelente para obter um testemunho independente, através de Sundook, quanto à possível existência de *mahatmas* no Tibete. Mohini continua:

No primeiro dia fizemos algumas perguntas gerais a ele sobre o Tibete e a seita Gelugpa, à qual disse que pertencia, e suas respostas corroboraram as afirmações de Bogle, Turnour e outros viajantes. No segundo dia perguntamos se tinha ouvido falar de alguma pessoa no Tibete que possuísse poderes extraordinários, além dos grandes lamas. Disse que tais homens existiam; que não eram lamas regulares, mas muito superiores a eles, e que viviam geralmente nas montanhas — mais além de Tchigatzé e também nas proximidades da cidade de Lhassa. Esses homens, disse, produzem muitos e maravilhosos fenômenos ou “milagres” e alguns de seus *chelas*, ou lótus, como são chamados no Tibete, curam os doentes dando-lhes para comer o arroz que descascaram com suas próprias mãos etc.

Então um de nós teve uma ideia gloriosa. Sem dizer uma palavra, o retrato acima mencionado do *Mahatma* K.H. foi-lhe mostrado. Ele o olhou por alguns segundos e, então, como se

subitamente o reconhecesse, fez uma profunda reverência ao retrato e disse que era a imagem de um *Chohan* (*Mahatma*) que ele havia visto...

Disse que havia visto o *Mahatma* em questão acompanhado por um grupo numeroso de *gylungs*,^{*6} mais ou menos na mesma época do ano anterior (início de outubro de 1881) num lugar chamado Giansi, dois dias de viagem ao sul de Tchigatze, onde o narrador tinha ido fazer compras para o seu comércio. Ao ser inquirido sobre o nome do *Mahatma*, disse, para nossa enorme surpresa: “Eles são chamados Koothum-pa.” Sendo interrogado minuciosamente e perguntado o que queria dizer com “eles”, e se estava nomeando um homem ou muitos, respondeu que Koothum-pas eram muitos, mas havia apenas um homem ou chefe entre eles com esse nome; os discípulos são sempre chamados pelo nome de seu guru. Daí que, sendo o nome do último Koot-hum, o de seus discípulos era “Koothum-pa”. Um dicionário tibetano lançou luz sobre essa explicação — encontramos que a palavra “pa” significa “homem”; “Bod-pa” é um “homem de Bod ou Tibete” etc. Analogamente, Koothum-pa significa homem ou discípulo de Koothoom ou Hoothoomi.

Ao ser-lhe dito que o povo da Índia recusava-se a acreditar que havia homens como os “Irmãos” no Tibete, Sundook ofereceu-se para levar qualquer testemunha voluntária àquele país e convencer-nos, através dela, da veracidade da sua existência...

Ao ser-lhe mostrado um curioso rosário de contas pertencente à sra. Blavatsky, o mascate disse que ele só podia ser obtido por aqueles a quem o Tesshu [ou Panchen] Lama presentearse, uma vez que não podiam ser comprados por qualquer quantidade de dinheiro em parte alguma.⁹⁷

Tem sido perguntado por que, depois que o Tibete passou a ser explorado pelos chineses que invadiram o país em 1950, os Mestres não foram encontrados em parte alguma. Mesmo na década de 1920, Alexandra David-Neel registra que ela nunca viu esses *mahatmas* hindus durante as suas viagens por lá.

Nicholas Roerich, que também viajou pelo Tibete no ano de 1920, tampouco os encontrou, embora tenha encontrado um lama peregrino que lhe contou muitas coisas acerca do verdadeiro Tibete. Certo dia Roerich perguntou: “Você tem encontrado Azaras e Kutumphas?”

O lama replicou:

Muitas pessoas do nosso povo encontraram durante as suas vidas os *Azaras* e os *Kuthumpas* e o povo das neves que os serve. Só recentemente os *Azaras* deixaram de ser vistos nas cidades. Estão todos reunidos nas montanhas. Muito altos, com longos cabelos e barbas, eles se parecem externamente com os hindus...

Os *Kuthumpas* não são mais vistos hoje em dia. Antes eles apareciam quase abertamente no distrito de Tsang [Tchigatse] e em Manasarowar, quando os peregrinos iam para um lugar sagrado, Kailasa. Mesmo o povo das neves é visto raramente hoje em dia. As pessoas comuns, na sua ignorância, confundem-nos com aparições. Há razões profundas para que, agora, os Grandes Seres não apareçam tão abertamente. Meu velho instrutor contou-me muito a respeito da sabedoria dos *Azaras*. Nós conhecemos vários lugares onde esses Grandes Seres vivem, mas, neste momento, esses lugares estão desertos. Alguma grande razão, um grande mistério.

Roerich então perguntou: “Lama, é verdade que os ashrams foram transferidos para longe das vizinhanças de Tchigatse?”

“Este mistério não pode ser revelado”, respondeu o lama. “Eu já disse antes que os *Azaras* não podem mais ser encontrados em Tsang.”

Ficou claro a partir das palavras do lama que o Tibete estava naquele momento num ciclo descendente. Ele disse: “Muitos lamas envergam as roupas lamaístas; no entanto, a sua vida interna é pior do que a de um leigo. Muitas vezes, entre muitos milhares de lamas, você poderá encontrar somente uns poucos indivíduos isolados, com quem você pode conversar sobre assuntos elevados e esperar deles uma resposta valiosa. Mas isso não é assim também na sua própria religião?”⁹⁸

Em meados de novembro, depois de retornar a Darjeeling, HPB foi a Allahabad para permanecer algum tempo com os Sinnett e de lá retornou a Bombaim. Logo depois, entretanto, ela escolheu Madras para sua residência permanente.

*1 Dengue: doença infecciosa aguda, caracterizada por febre, dores musculares e ósseas. (Nota Ed. Bras.)

*2 Madras: atual Chennai. (Nota Ed. Bras.)

*3 Liteiras cobertas transportadas por varapaus repousando nos ombros dos carregadores.

*4 “Não no Sikkim, mas na Índia britânica, uma estação de Darjeeling pela ferrovia da montanha. Há em Ghum um mosteiro tibetano, e muitos turistas de Darjeeling visitam agora o mosteiro.” (*HPB Speaks*, vol. II; nota de rodapé da p. 102).

*5 *Gelungs*: monges. Essa palavra também é usada com a grafia *gylungs*. (Nota Ed. Bras.)

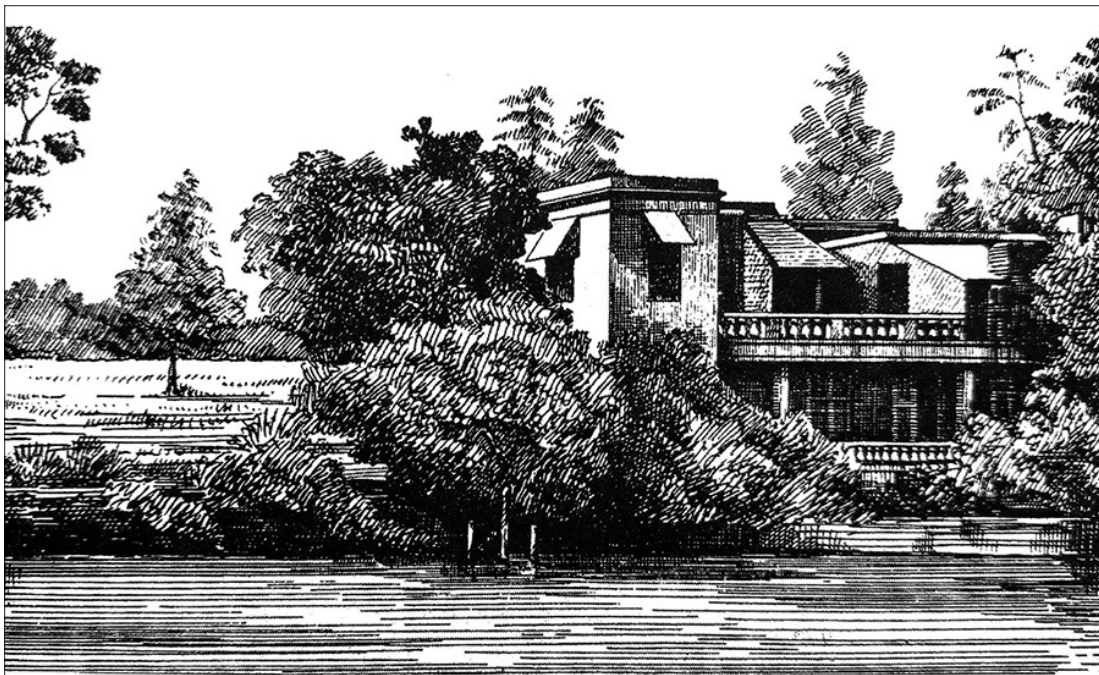
*6 *Gylungs*: monges. Esta palavra também é usada com a grafia *gelungs*. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 9

A Mudança Para Madras

Embora durante a maior parte do ano o clima em Madras seja insuportavelmente quente e úmido, o mês de dezembro é muito agradável. Foi em 19 de dezembro de 1882 que Blavatsky e Olcott chegaram à nova sede da Sociedade Teosófica. HPB escreveu para Nadya na Rússia:

Como é maravilhoso aqui. Que ar! Que noites! E que maravilhosa quietude! Aqui não existe a pressa das cidades e os gritos das ruas. Estou sentada agora no andar de baixo e escrevendo — vejo o oceano, cintilante e sem limites, como se estivesse vivo... Quando ele está quieto e tranquilo, não há beleza mais encantadora no mundo, especialmente numa noite de lua cheia. Contra o céu profundo, azul escuro, a lua aqui parece ter duas vezes o seu tamanho e dez vezes mais brilho do que a sua pequena bola de madrepérola européia.⁹⁹



13. Desenho feito por William Quan Judge da sede da Sociedade Teosófica em Adyar, 1884. (*The Path*, junho de 1892, p. 75.)

Durante a sua visita em 1884, Judge desenhou a gravura acima, mostrando a sede da S.T. em Adyar, Madras, quando HPB vivia lá.¹⁰⁰ O quarto de dormir de HPB está no segundo andar. Mais tarde o prédio foi alterado para acomodar a biblioteca da S.T. até que ela tivesse um prédio próprio.

Hoje em dia a S.T. em Adyar destaca-se especialmente por causa da biblioteca. HPB refere-se a ela no seu artigo *Recent Progress in Theosophy* (*North American Review*, agosto de 1890):

A nossa biblioteca de Adyar, fundada pelo trabalho dedicado do nosso presidente, coronel H. S. Olcott, é o ponto mais alto e a glória da nossa Sociedade Teosófica. Embora só exista há três anos, ela já adquiriu uma vasta coleção de trabalhos orientais de grande valor com 3.046 volumes, além de 2.000 trabalhos em línguas europeias e uma série de manuscritos raros em folhas de palma.

Quase cem anos depois, em 1982, o professor Harold Coward, chefe do departamento de estudos religiosos da Universidade de Calgary, no Canadá, visitou a biblioteca e revelou que ela continha “uma grande e bem organizada coleção de cerca de 17.300 manuscritos e 160.000 livros”, e o distinto sanscritista de Harvard, Daniel Ingalls, refere-se à biblioteca como “um dos principais repositórios de manuscritos sânscritos do mundo”¹⁰¹ O objetivo de Olcott era “reviver a tradição hindu e budista na Índia e no Ceilão... Desse modo foi dada importância a textos budistas e hindus no tempo em que esse material tradicional era desprezado devido ao impacto da cultura britânica”.¹⁰²

É interessante registrar que Subba Row — que era sem dúvida o mais brilhante e mais erudito teósofo hindu — só teve conhecimento da literatura sânskrita depois de entrar em contato com HPB e Olcott. Quando estudante, recebeu a bolsa de estudos *Lord Elphinstone* na Presidência do Colégio de Madras, e, mais tarde, recebeu o prêmio *Elphinstone* para ensaios escritos em inglês e ainda outro prêmio em psicologia,¹⁰³ mas ele não mostrava nenhum interesse por misticismo, metafísica, ou clássicos religiosos indianos. Após a morte de Subba Row com apenas trinta e quatro anos de idade, Olcott perguntou à mãe dele (que era uma culta senhora brâmane)¹⁰⁴ a respeito dessa questão:

Ela me contou que o seu filho começou a falar sobre metafísica depois de conhecer e ligar-se aos fundadores da Sociedade Teosófica; uma relação que começou com uma correspondência

entre ele, HPB e Damodar, e que se tornou pessoal depois que os fundadores o conheceram em 1882, em Madras. Era como se um depósito de experiência oculta, há muito esquecido, tivesse sido aberto subitamente para ele; lembrou-se do seu nascimento anterior; reconheceu o seu Guru e, em seguida, manteve contato com ele e com outros *Mahatmas*; com alguns pessoalmente na nossa sede, com outros em diferentes lugares e por correspondência. Ele contou à sua mãe que HPB era uma grande iogue, e que tinha visto muitos fenômenos estranhos na presença dela.¹⁰⁵

Subba Row escreveu a um amigo pessoal:

As Fraternidades Ocultas em todas as partes do mundo definiram como regra agora que a admissão às suas fileiras deve ser buscada através da Sociedade Teosófica. Não estou fazendo uma confidência indevida ao dizer a você que sei pessoalmente de muitos casos de *Chelas* — um deles um elevado *Chela*... que foram obrigados por seus Gurus a unir-se à Sociedade sob pena de serem abandonados por eles.¹⁰⁶

Isso está de acordo com o que um dos Mahatmas escreveu para Sinnett: “Há algo mais nesse movimento do que você pode suspeitar, pois o trabalho da S.T. está ligado a um trabalho similar realizado secretamente em todas as partes do mundo.”¹⁰⁷

Quanto a Subba Row, ele se tornou cada vez menos útil à causa teosófica devido ao predomínio em sua mente de um sentimento exclusivista em relação ao Bramanismo. Na época do relatório desfavorável de Hodgson e da S. P. P. com relação aos fenômenos de HPB, Subba Row disse a ela:

Você é culpada do crime mais terrível. Você revelou segredos do Ocultismo — os mais sagrados e os mais ocultos. É preferível que você seja sacrificada a sacrificar aquilo que nunca se destinou a mentes europeias. As pessoas tinham confiança demais em você. Era tempo de lançar dúvida em suas mentes. De outra forma, as pessoas teriam tirado de você tudo o que você sabe.¹⁰⁸

Numa época mais feliz, por volta do Ano Novo de 1882, Subba Row estava presente quando um estranho visitou HPB na sede central da S.T. Levando em conta o passado daquele homem, qualquer um pensaria ser improvável que ele cruzasse o patamar de um centro teosófico de trabalho. O seu nome era R. Jagannathia, e ele mesmo conta o que ocorreu:

Fui apresentado a HPB pelo sr. Damodar K. Mavalankar, no salão principal do prédio da Sociedade Teosófica, como sendo “R.J.” e “Veritas” de *The Philosophic Inquirer*. Ela estava sentada numa cadeira, rodeada por um pequeno grupo de admiradores. A primeira impressão que tive dela foi que não era alguém dessa terra, pois possuía um par de olhos brilhantes mas terríveis, sob as curvas acentuadas das sobrancelhas. Ela era uma mulher no corpo, mas um homem na fala, terrena na aparência, celestial na realidade...

“Ah!”, exclamou ela, “eu esperava que você viesse até mim algum dia”. Perguntei-lhe como poderia esperar-me, se ela era teósofa e eu um ateu. Ela pediu ao sr. Damodar que lhe trouxesse o seu caderno de anotações e recortes e mostrou-me recortes das minhas conferências sobre “Kapila, Buddha e Shankara”, e disse que ela estava lendo com todo cuidado as minhas contribuições para *The Philosophic Inquirer*, que ela apreciava, pois revelavam um espírito de busca da Verdade. Como o secularismo era insuficiente para satisfazer as minhas aspirações mais elevadas, ela deduziu sensatamente que eu a procuraria para obter mais luz sobre o problema dos problemas — o mistério da vida e da morte. HPB então me perguntou o que gostaria de saber. Coloquei a ela questões que segundo todas as aparências eram difíceis, as quais eu havia formulado cuidadosamente na noite anterior. Como membro da Sociedade Nacional Secular da Inglaterra, eu alimentava a ideia de que os problemas que propunha eram insolúveis e que sobrecarregariam seu intelecto fino e filosófico.

Para minha grande admiração, ela enfrentou pergunta após pergunta e respondeu a cada uma delas de maneira elaborada e satisfatória. Ela ocupou quase três horas [daquele dia] na solução das minhas questões. A grande quantidade de fatos que citou para sustentar os seus fortes e incontestáveis argumentos históricos, filosóficos e científicos confundiram meu pobre intelecto.

Toda a audiência estava fascinada. E não posso omitir algo característico das suas respostas. O seu domínio dos vários assuntos era tamanho que todas as questões marginais que poderiam surgir já eram respondidas por antecipação. No segundo e terceiro dia ficamos ocupados assim durante horas na presença da mesma audiência, visto que o interesse crescia diariamente à medida que as minhas perguntas ficavam mais e mais difíceis e as suas respostas cada vez mais eficazes e satisfatórias...

No terceiro dia, após responder às questões nas quais eu empregara muita atenção e pensamento, trazendo à tona toda a força do meu conhecimento e do meu aprendizado ateus, ela me perguntou alegremente se eu tinha mais alguma coisa a dizer. Prontamente e sem reservas respondi que “o meu estoque havia terminado”; isso provocou gargalhadas de vários minutos em todo o grupo.

Eu tinha uma ideia de que a Teosofia era algo parecido com as muitas religiões do mundo, e que o conhecimento e criatividade de HPB podiam ser um pouco maiores do que as de um estudante comum. Envolvido por essa ideia apressada, eu “fui tosquiado e saí tosquiado”. Fiquei feliz por ter sido derrotado por ela, já que minha derrota foi um grande ganho para mim, porque me abriu os olhos para o terreno escorregadio em que eu estava. Em três dias ela despedaçou os meus sete anos de teorias ateístas...

Aquela gigante em sabedoria, poder e intelecto perguntou-me o que eu pensava da Teosofia, e auxiliaria à Sociedade Teosófica e auxiliaria o movimento caso fosse convencido da verdade da Teosofia. Ela disse que fundara a Sociedade Teosófica sob as ordens do seu guru, um *Mahatma* indiano, um *Rishi*, e que viera para disseminar o conhecimento de “*Brahma-Vidya*”, a Religião-Sabedoria. Mas para seu desgosto muitos hindus letrados e inteligentes mantinham-se indiferentes ao movimento e olhavam-na com alguma suspeita devido à sua origem ocidental e à sua raça diferente.

Prontamente respondi que me uniria, trabalharia e morreria pela Causa sagrada, enquanto uma centelha de vida existisse nesse corpo... Tenho trabalhado pela Sociedade Teosófica desde então, sempre consciente do aspecto sagrado da minha promessa a HPB, [que] abriu meus olhos e iluminou a minha ignorância. Ela despertou a minha atenção para as joias preciosas e brilhantes do conhecimento, profundamente enterradas nas minas da sabedoria oriental. Ela me

deu um conselho amável e maternal ao dizer que eu devia ler os *Upanishads*, que foram para Schopenhauer “consolo na vida e na morte”.¹⁰⁹

Em contraste com os anos anteriores de viagens, 1883 marcou um período em que HPB permaneceu na sede a maior parte do ano. Isso lhe deu mais tempo para dedicar-se a *The Theosophist* e escrever naquele ano mais de setecentas páginas dos seus *Collected Writings*. A ampla variedade de assuntos abordados por ela pode ser constatada ao dar-se uma olhada rápida nos títulos de alguns dos seus artigos, que incluem “*A Religião do Futuro*”, “*Os Fantemas da Ciência*”, “*Moralidade e Panteísmo*”, “*O Poder de Cura*”, “*Chelas e Chelas Leigos*”, “*Transmigração dos Átomos Vitais*”, “*O Princípio Setenário no Esoterismo*”, “*Zoroastrismo à Luz da Filosofia Oculta*”, “*Projeção do Duplo*”, “*O Essencial da Religião*”, “*A Árvore Sagrada do Kumbum*”, “*A Explicação Racional dos Jejuns*” e “*A Alma das Coisas*”. “*O Princípio Setenário no Esoterismo*” relata a natureza setenária da humanidade e do cosmos, um ensinamento básico da Teosofia. Quando aplicado aos seres humanos, refere-se tecnicamente aos seus sete princípios. A tabela seguinte adaptada de *A Chave para a Teosofia*, de HPB, e as palavras em itálico são termos sânscritos equivalentes aos termos em português.¹¹⁰

O QUATERNÁRIO MORTAL

1. Corpo físico (*rupa*)
2. Corpo astral (*linga sarira*)
3. Vida ou princípio vital (*prana*)
4. Desejos e paixões animais (*kama rupa*)

A TRÍADE IMORTAL

5. Mente (*manas*)
6. Alma espiritual (*buddhi*)
7. Espírito (*ātma*)

É dito que *manas*, ou a mente, torna-se dupla durante as encarnações; a parte que está unida ao quaternário é chamada de *manas* inferior, ou a mente do cérebro; a que está unida a *buddhi* e *ātma* é chamada de *manas* superior ou mente intuitiva. Citando HPB: “O estado futuro e o destino *kármico* do homem dependem de *manas* gravitar mais para baixo, em direção a *kama rupa*, sede do princípio animal, ou para cima em direção a *buddhi*, o ego espiritual.” De *buddhi* fluem a voz da consciência e os sentimentos de amor e de compaixão universal. HPB define *ātma* como o princípio que é “uno com o Absoluto, e que é como sua radiação”.¹¹¹

Esses sete princípios foram descritos no livro de Sinnett sobre Teosofia, o *Budismo Esotérico* (1883). Os leitores ficaram atônitos. Só a divisão dupla em corpo e alma era mencionada nas igrejas protestantes e na católica, e mesmo assim não estava claro se o homem é uma alma e *tem* um corpo, ou o inverso. Muitas pessoas foram convencidas de que elas eram os seus corpos porque a igreja lhes ensinou que para alcançar o céu, sua carne e ossos precisam ser ressuscitados! Consequentemente a alma tornou-se algo vago que flutua ao redor, exercendo pouca influência em suas vidas.

A Teosofia afirma que a divisão setenária não é exclusiva dos seres humanos, mas que se aplica a todos os outros reinos da natureza, inclusive o mineral. As diferenças nos reinos dependem de quantos dos sete princípios estão latentes e de quantos estão ativos. Somente nos indivíduos aperfeiçoados todos esses princípios estão despertados plenamente. O que é comum a todos os níveis é que tudo está vivo e evoluindo, e tudo tem poder de registrar e refletir impressões.

É graças a esse último poder que se pode compreender a ciência da psicomетria. O artigo *A Alma das Coisas*, no *Theosophist*, trata das pesquisas psicométricas do geólogo norte-americano professor William Denton, registradas em sua obra em três volumes com o mesmo título. Numa carta a Nadya, HPB descreve outro exemplo desse poder fascinante:

Eu recebi o seu pacote de *Novoye Vremya* e fui para a cama um pouco depois das dez (você sabe que levanto às cinco). Peguei, sem escolher, um dos jornais apenas aquele que estava mais próximo — estiquei-me e passei a pensar profundamente num certo livro sânscrito que parecia poder ajudar-me a fazer uma boa brincadeira com Max Müller na minha revista. Veja que eu não estava de modo algum pensando em você naquele momento. E o jornal estava todo o tempo no travesseiro atrás da minha cabeça, cobrindo parcialmente a minha testa. Foi quando, subitamente, senti-me transportada para uma casa estranha e, no entanto, familiar. O quarto que via era novo para mim, mas a mesa no meio dele era uma velha conhecida. E lá, sentada à

mesa, eu vi você — você, minha querida companheira, sentada, fumando o seu cigarro e profundamente absorta em pensamentos. A ceia estava servida na mesa; no entanto não havia mais ninguém no quarto. Pareceu-me somente que vislumbrei a tia [Catarina] saindo pela porta. Então você levantou a sua mão e, pegando um jornal da mesa, colocou-o de lado. Eu só tive tempo de ler o nome do jornal, *Herald of Odessa*; depois tudo desapareceu. Para mim nada nesse episódio pareceu estranho, mas aqui está algo estranho de fato:

Eu estava completamente certa de que era um número do *Novoye Vremya* que eu tinha pego. Por outro lado, tendo notado na minha visão algumas fatias de pão preto ao seu lado, subitamente me deu um desejo tão grande de provar esse pão — mesmo que fosse uma pequena migalha que cheguei a sentir o gosto na minha boca. Pensei comigo mesma: o que tudo isso significa? Qual será a causa de tal fantasia? E para livrar-me daquele desejo que não podia ser satisfeito, abri o jornal e comecei a ler. Então, oh! era, na verdade, o *Herald of Odessa* e, não, em absoluto, o *Novoye Vremya* que estava em minhas mãos. Além disso, pedacinhos do pão preto que eu desejava estavam presos a ele!

Dessa forma, ao tocarem a minha testa, esses fragmentos transmitiram à minha consciência toda a cena como ela provavelmente aconteceu, no preciso momento em que eles ficaram grudados no jornal. Neste caso as migalhas do pão de centeio tomaram o lugar de uma máquina fotográfica. Aqueles pedaços de pão seco proporcionaram-me um prazer muito grande, porque me transportaram por um breve momento até você. Fui envolvida completamente pela atmosfera da casa e, na minha alegria, lambi a maior migalha; as outras menores estão aqui, eu as cortei porque estavam grudadas no papel; e mando-as de volta para você. Que elas retornem para casa com algo da minha própria alma.¹¹²

O interesse de Nadya por Teosofia amadureceu com o tempo, e em agosto de 1883 ela teve participação decisiva na formação de uma loja da S.T. em Odessa, da qual ela se tornou presidente.¹¹³

CAPÍTULO 10

Uma Necessidade de Mudar

Durante o ano de 1883, a S.T. de Londres deu a HPB e a Olcott muitos motivos para preocupações devido a conflitos de opiniões entre seus membros. Os Sinnett viviam lá, agora, porque em novembro de 1882 o sr. Sinnett havia sido avisado oficialmente pelo proprietário do *Pioneer* de que os seus serviços como editor não eram mais necessários. A família então viajou para a Europa em março de 1883 e depois de visitar a Itália chegou a Londres em meados de maio.

Em janeiro, a loja de Londres havia elegido uma nova presidente, a sra. Anna Bonus Kingsford, que, junto com seu colega Edward Maitland, era mais simpática aos gnósticos cristãos e às filosofias herméticas do Egito do que aos ensinamentos orientais, que os Sinnett e muitos outros membros preferiam. Embora ela duvidasse da existência dos Mestres, estes apoiavam a sua presidência e seu interesse pelos ensinamentos esotéricos ocidentais.¹¹⁴ Os livros de Kingsford sobre o cristianismo esotérico eram muito populares, particularmente *The Perfect Way or the Finding of Christ* (*O Caminho Perfeito ou a Descoberta de Cristo*), publicado em 1882. Os Mestres também elogiaram o seu trabalho corajoso contra a prática da vivisseção.¹¹⁵ Quando jovem, ela havia tomado parte numa caçada de raposa, mas a visão do corpo dilacerado do animal fez com que passasse a ser contrário a todas as formas de crueldades, um sentimento que se intensificou quando estudava medicina em Paris, onde era obrigada a assistir a tortura dolorosa de animais.

A loja de Londres não era a única na Europa com problemas naquela época, como revela a carta abaixo, escrita por HPB a Emile de Morsier, que havia se queixado a ela das facções opostas existentes na loja de Paris (17 de maio de 1883):

Minha cara irmã e amiga, sim, você é excessivamente impressionável e entusiasmada, mas os excessos nos outros não me influenciam, e nada poderá fazer-me sair do meu caminho depois

que iniciei uma jornada. Você quer saber por quê? Porque há uns vinte anos eu perdi a fé na humanidade em relação aos indivíduos, e amo-a coletivamente e trabalho de modo universal, e não individual. Tenho meu próprio modo de fazer isso. Não acredito mais na perfeição; não acredito mais na infalibilidade nem em personalidades imaculadas.

Cada um de nós é um pedaço de carvão, mais ou menos escuro e, desculpe-me, fedorento. Entretanto, dificilmente haverá um pedaço tão vil e sujo que não possua átomos com o germe de um futuro diamante. Eu mantenho os meus olhos fixos nesses átomos, e não vejo o resto, e não quero ver. Como trabalho para os outros e não para mim mesma, permito-me usar esses átomos para a causa comum. Assim, não vejo, nem verei, no sr. Fortin nada a não ser o seu talento e a sua habilidade prática na demonstração da verdade. Ele tem um conhecimento científico notável, e sua esposa é uma pessoa muito especial. E não vejo por que, mesmo que ele fosse muitas vezes pior do que realmente é, eu não poderia usá-lo para a causa comum,^{*1} o bem geral da humanidade... Tudo tem o seu lado bom e o seu lado mau. Vamos tomar o que é bom e usar apenas o que é útil, e vamos deixar o que é mau quebrar o seu próprio pescoço... Nossa Sociedade prega a fraternidade e o amor universais, mas deixa as suas lojas livres para concordarem ou não umas com as outras... Por que vocês não poderiam, vocês que estão em choque com Leymarie e com o dr. Fortin... fazer um esforço para estabelecer uma loja separada que vocês poderiam chamar, por exemplo, em contraposição ao “Grupo Científico da Sociedade Teosófica” do dr. Fortin de o “Grupo Noológico”^{*2} da Sociedade Teosófica” ou algo semelhante? Nós precisamos de tais grupos independentes de pesquisas e de experimentação... Há espaço para todos. Continuem a trabalhar sem se preocupar com os outros... A Câmara de Deputados é uma, porém, quantos partidos diferentes ela contém! Todos eles estão trabalhando ou acreditam que estão (o que é a mesma coisa) pela França e têm a glória do seu país mais ou menos em vista. Trabalhem, portanto, pela Verdade. Nenhum átomo do seu trabalho será perdido.¹¹⁶

Em dezembro HPB adoeceu e apareceu de muletas durante a convenção anual da S.T., em Adyar, realizada naquele mês. A sua condição piorou e no início de 1884 os médicos advertiram que, a não ser que mudasse de clima por algum tempo, ela morreria em três meses. Foram tomadas então providências para que Olcott a acompanhasse até a França. Ele tinha questões a resolver em Londres com o governo inglês em nome dos nativos do Ceilão [Sri Lanka] para garantir a liberdade religiosa que lhes era negada havia vários séculos. Ele esperava, também, que, enquanto estivesse lá, pudesse arbitrar uma solução pacífica para os problemas existentes na S.T. de Londres.

T. Subba Row foi escolhido gerente de *The Theosophist* na ausência de HPB, e um Comitê de Controle foi formado para lidar com os negócios da Sociedade durante a ausência dos fundadores. O dr. Franz Hartmann, médico que chegara dos EUA a Adyar em dezembro, onde permaneceu por cerca de um ano, foi uma figura importante no Comitê.

Nascido em 1838 na Bavária, Hartmann emigrou para os Estados Unidos quando ainda era um jovem médico e naturalizou-se cidadão norte-americano. Nessa época o espiritismo causava grande entusiasmo, mas Hartmann, convencido de que se tratava de fraudes, não demonstrava nenhum grande interesse até que testemunhou algumas sessões notáveis. Ele escreve na sua autobiografia:

Enquanto minha perplexidade estava no auge e eu não tinha esperança de conhecer alguma coisa certa sobre essas manifestações, um exemplar da revista *The Theosophist* caiu em minhas mãos. Continha um artigo que descrevia a constituição setenária do homem várias vezes mencionada em Teosofia como os sete princípios do homem. Aquilo chegou a mim como uma revelação e pareceu-me dar a chave para aqueles mistérios cuja explicação vinha buscando, em vão, há tanto tempo. Fiquei deliciado com essa descoberta, e meu maior desejo era conhecer pessoalmente a sra. Blavatsky e aprender com ela mais coisas sobre os segredos da vida e da morte.¹¹⁷ [Depois de escrever a ela, recebeu uma carta de Olcott convidando-o a ir até Adyar.]

No primeiro dia após minha chegada a Adyar, recebi por meio da sra. Blavatsky um teste inesperado e não solicitado. Fui até o seu quarto e encontrei-a escrevendo. Não desejando perturbá-la, sentei-me perto de uma janela e pensei em uma senhora, minha amiga, que morrera em Gavelston alguns anos atrás, imaginando o que teria acontecido com os seus “princípios”. Notei que a sra. Blavatsky havia virado o seu papel e parecia brincar com o seu lápis distraidamente, com um olhar distante. Ela, então, passou-me a folha que continha a resposta à minha questão num desenho representando o corpo de minha amiga estendido no chão e um elemental de pé ao seu lado observando a saída da alma astral, enquanto a passagem do seu espírito para esferas mais elevadas estava representada por um arco-íris.

[Hartmann acrescenta:] eu via frequentemente evidências do poder oculto de H.P. Blavatsky¹¹⁸... mas para mim o [mais] surpreendente de todos os fenômenos foi o fato de que me descobri capaz de escrever artigos sobre assuntos ocultos para *The Theosophist*, e pude dar sem qualquer preparação prévia palestras públicas na Índia e mais tarde na América, Alemanha e Itália, onde encontrava auditórios interessados e apreciativos, embora eu nunca tivesse feito palestras públicas antes de chegar na Índia.

Quando mais velho, Hartmann escreveu trabalhos eruditos sobre assuntos metafísicos e ficou conhecido especialmente por seu livro *Life of Paracelsus (A Vida de Paracelso)*.¹¹⁹

Uma das funções do Comitê de Controle era supervisionar as atividades de dois empregados — um casal, Emma e Alexis Coulomb — que viviam na S.T., primeiro em Bombaim e agora em Madras. Emma era governanta e Alexis, um hábil carpinteiro e um bom artífice. Antes de chegar à Índia eles viveram certo tempo no Ceilão [Sri Lanka], ficaram muito pobres e pediram auxílio a HPB. Ela conhecera Emma nos dias do Cairo, quando a própria HPB estava em sérias dificuldades financeiras, após o naufrágio na costa da

Grécia. Como a sra. Coulomb, na época srta. Cutting, a auxiliara amavelmente, era natural que HPB agisse agora da mesma forma.

Em 1884, enquanto HPB e Olcott estavam na Europa, o Comitê de Controle despediu o casal por conduta desonrosa, sendo que o mau uso dos recursos financeiros da Sociedade era uma das acusações. Fumegando de raiva, os Coulomb refugiaram-se com os missionários cristãos em Madras. Depois de certo tempo, os missionários anunciaram que os Coulomb haviam confessado terem visto HPB produzir fenômenos fraudulentos. A sra. Coulomb também declarou que, ao conhecer HPB no Cairo, descobriu que ela era uma mulher de pouca moral. Todavia, em 1879, quando vivia no Ceilão, em resposta a um ataque a HPB que apareceu nos jornais, a sra. Coulomb escreveu esta defesa corajosa no jornal anglo-indiano local *Times* (de 5 de junho de 1879):

Eu não conheço intimamente nenhum membro da Sociedade [Teosófica], exceto a sra. Blavatsky. Conheci essa senhora nos últimos oito anos, e preciso dizer a verdade: não há nada contra o seu caráter. Vivíamos na mesma cidade e, ao contrário, ela era considerada uma das mulheres mais inteligentes da época. A sra. B. é música, pintora, linguista, escritora, e posso dizer que poucas senhoras, e também poucos senhores possuem um conhecimento tão amplo das coisas como a sra. Blavatsky.¹²⁰

Enquanto Blavatsky e Olcott faziam seus preparativos para viajar à Europa, possibilidades de problemas com os Coulomb estavam longe de suas mentes. Eles deixaram a Índia no dia 20 de fevereiro de 1884, acompanhados pelo criado de HPB, Babula, e vários outros hindus, inclusive Mohini. Partindo de Bombaim, chegaram a Marselha em 12 de março.

*1 Noológico é derivado da palavra grega *nous*, que significa “mente-alma” (*buddhi-manas*); em Teosofia, refere-se à alma mais elevada ou natureza búdica.

*2 Temos acima uma resposta ao questionamento frequentemente levantado sobre o motivo pelo qual HPB, com os seus supostos poderes ocultos, oferecia sua amizade a indivíduos que, mais tarde, tomavam-se seus inimigos. Certa vez ela citou Sêneca: “Será um erro do outro se ele for ingrato, mas será meu erro se não lhe der ajuda. Antes de encontrar um homem que seja grato, vou ajudar muitos que não o são.” [*The Theosophical Society: Its Mission and Future (A Sociedade Teosófica: Sua Missão e Futuro)*, *Lucifer*, agosto de 1888, p. 29]

CAPÍTULO 11

Visitando a Europa

Os sete meses que HPB e Olcott permaneceram na Europa, durante 1884, não foram uma época de repouso e quietude como seu médico havia recomendado, mas um período de intensa atividade, durante o qual a Teosofia ganhou um apoio respeitável e foi tema constante nos círculos intelectuais. Os dois fundadores eram procurados por todo lugar onde fossem. O terceiro fundador, William Q. Judge, viera da América em viagem para a Índia e passou vários meses na França com HPB, “tendo recebido ordem do Mestre”, disse ela, “de parar aqui e auxiliar-me a escrever *A Doutrina Secreta*.”¹²¹

Após desembarcar em Marselha, Blavatsky e Olcott passaram uma semana em Nice como hóspedes de *lady* Caithness (duquesa de Pomar) no palácio de Tiranty, uma das suas residências. Espanhola de nascimento, ela casou primeiro com o duque de Pomar e, depois da sua morte, com o conde de Caithness. Quando este último faleceu, ela se estabeleceu em Paris, onde fundou a *Société Théosophique d’Orient et d’Occident*.

De Nice, HPB e Olcott viajaram a Paris e foram recebidos por Judge e Mohini. Os quatro ficaram hospedados na *rue Notre-Dame des Champs*, 46 em acomodações oferecidas por *lady* Caithness, e esse foi o quartel-general de HPB durante todo o período em que ela permaneceu em Paris.

“A missão dos teósofos na Europa recebeu uma atenção considerável da grande imprensa”, registra Michael Gomes. “No dia 1º de abril, o jornal de Victor Hugo, *Le Rappel*, publicou um artigo de três colunas sobre a difusão da Teosofia, e *Le Temps* seguiu-o no dia seguinte. O jornal *Le Matin* publicou em 21 de abril um artigo de meia coluna sobre a chegada dos teósofos vindos de todas as partes para encontrar-se em Paris.”¹²²

No mesmo dia, o *British Morning News*, em Paris, publicava uma entrevista com HPB e anunciava que uma grande *conversazione* em sua

honra seria realizada no dia 10 de maio na “esplêndida e luxuosa” casa de *lady* Caithness no bairro Faubourg St. Germain, de Paris.

Judge escreveu para Olcott, que tinha deixado Paris logo após sua chegada, com destino a Londres:

Os Estados Unidos logo estarão cheios de notícias sobre você e ela. Th. Child, que escreve semanalmente uma coluna para o *N. Y. Sun*, marcou um encontro para esta noite, e o correspondente do “*Chicago Tribune*” marcou outro.¹²³

HPB fez várias palestras em diversas residências de Paris, e o conteúdo delas foi reunido mais tarde pela condessa de Caithness no livro *The Mystery of the Ages*.¹²⁴

Em Londres, Olcott marcou uma reunião da S. T. para o dia 7 de abril para eleger novos dirigentes e resolver a disputa entre as facções Kingsford e Sinnett. HPB foi convidada a comparecer mas recusou.¹²⁵ Na noite anterior, em Paris, HPB e Judge lembravam os dias em Nova Iorque. No dia seguinte Judge escreveu para Laura Holloway, uma amiga em Nova Iorque:

Estávamos sentados quando senti o velho sinal de que viria uma mensagem do Mestre e vi que ela [HPB] estava ouvindo. Ela disse: “Judge, o Mestre me pede para tentar imaginar qual seria a ordem mais extraordinária que ele poderia dar agora.” Eu disse: “Que a sra. Kingsford deva ser escolhida como presidente da loja de Londres.” “Tente novamente” [disse HPB]. “Que HPB deveria ir para Londres.” Isso estava certo, e ele mandou que ela tomasse o trem expresso das 19h45, dando as horas exatas em que ela chegaria nas diferentes estações e por fim a Londres. Tudo isso estava correto, e nós não tínhamos a programação dos trens em casa. Ela não gostou nem um pouco da ordem recebida, e posso dizer a você, conhecendo o seu estado de saúde e seu grande peso, que aquela viagem foi terrível. Mas, na noite passada, eu a levei até a estação e a vi entrar no trem com uma pequena sacola. Havia algum objetivo especial nisto, pois ela poderia ter ido com Olcott...

Durante todo tempo ela confessou a sua incapacidade de compreender por que ela estava sendo mandada, o que os londrinos pensariam disso depois da sua recusa, e pensava que Olcott, quando a visse, certamente teria vontade de blasfemar. Mas a situação em Londres é séria e pode ser [que] eles tenham a intenção de produzir fenômenos lá para obter uma boa solução. Portanto, estou sozinho aqui nesta casa e irei trabalhar um pouco no livro [*A Doutrina Secreta*].¹²⁶

As eleições já haviam sido realizadas quando HPB chegou na reunião em Londres; a sra. Kingsford ficara irritada por não ser mais a presidente e um certo sr. Finch ter ocupado o seu lugar, com Sinnett como o vice-presidente e secretário e Francesca Arundale como tesoureira. A atmosfera

ficara carregada com o conflito. Um membro recente da S.T., o clérigo britânico Charles Leadbeater, registrou o que aconteceu então:

... súbita e bruscamente a porta em frente a nós se abriu, e uma senhora robusta, vestida de preto, entrou rapidamente e sentou-se no final do nosso banco. Ela sentou e ouviu durante alguns minutos as alterações vindas da tribuna e começou a demonstrar claros sinais de impaciência. Como não parecia haver nenhuma perspectiva de melhora para a situação, ela se levantou de um salto, e gritou, num tom de comando militar, uma palavra, “Mohini!”, e dirigiu-se diretamente para o corredor. O soberbo e digno Mohini veio correndo pela longa sala o mais rápido que pode e tão logo alcançou o corredor jogou-se de bruços no chão aos pés da senhora vestida de preto.

Muitas pessoas levantaram-se confusas, não sabendo o que estava acontecendo; mas um momento depois o próprio sr. Sinnett correu até a porta, saiu, trocou algumas palavras e, então, voltando para a sala, ficou de pé no final do nosso banco e falou com uma voz retumbante as palavras-chave: “Deixem-me apresentar à loja de Londres a sra. Blavatsky.” A cena foi indescritível; os membros turbulentamente deliciados, mas ao mesmo tempo ainda meio-espantados, aglomeraram-se ao redor da nossa grande fundadora, alguns beijando a sua mão, vários ajoelhando-se diante dela, e dois ou três choravam histericamente.¹²⁷

HPB assumiu a direção da reunião, exigindo uma explicação para a situação inconveniente das coisas. Em particular, trocou ideias com os novos dirigentes e foi feito um acordo no sentido de que a sra. Kingsford formaria um novo grupo denominado loja Hermética, e a loja de Londres continuaria como antes.

Mary Gebhard de Elberfeld, Alemanha, que estava presente na reunião, deu mais tarde o seu testemunho:

No último dia 7 de abril, presente numa reunião da Sociedade Teosófica, nos salões do sr. Finch, na Estalagem Lincoln, tive uma visão em que vi o *Mahatma* M. Naquele momento eu estava ouvindo atentamente o discurso de abertura do coronel Olcott na reunião da Sociedade. Eu vi de pé ao meu lado direito, um pouco em frente, alguém muito alto, majestoso, a quem reconheci imediatamente como o *Mahatma*, cujo retrato eu tinha visto em posse do sr. Sinnett. Ele não estava vestido de branco, mas me parecia ser de algum pano escuro com listras coloridas, que envergava ao redor do seu corpo. A visão durou somente alguns segundos. Até onde posso lembrar, as únicas pessoas além de mim que viram o *Mahatma* [presente na reunião] foram o coronel Olcott, o sr. Mohini, e é claro, a sra. Blavatsky.

A sra. Gebhard acrescenta que foi diante desse personagem que Mohini se prostrou, e não de HPB.¹²⁸

HPB permaneceu em Londres por uma semana, hospedando-se na casa dos Sinnett, em Ladbroke Gardens, onde encontrou muitos dos teósofos londrinos.¹²⁹ Ela visitou também o laboratório de *sir* William Crookes.

Quando partiu para Paris, ela foi acompanhada na travessia do canal por Mary Gebhard e o filho desta, Arthur.¹³⁰

De volta a Paris, HPB sentiu-se impelida certo dia a ir à igreja russa. Ela escreveu para a sua família:

Fiquei parada lá, com minha boca bem aberta, como se estivesse parada diante da minha querida mãe, a quem não tenho visto há anos e que não me reconheceria!... Eu não acredito em quaisquer dogmas, não gosto de nenhum ritual, mas meus sentimentos em relação à nossa própria igreja e suas cerimônias são completamente diferentes. Sou levada a pensar que falta ao meu cérebro o seu sétimo freio. Provavelmente isto está no meu sangue... Eu certamente sempre diria: mil vezes preferível o Budismo, um ensinamento puramente moral, em perfeita harmonia com os ensinamentos de Cristo, em vez do moderno Catolicismo ou do Protestantismo. Mas com a fé da Igreja Russa eu nem comparo o Budismo. Não posso evitá-lo. Assim é esta minha natureza tola e inconsistente.¹³¹

Depois da *conversazione* na casa de *lady* Caithness dia dez de maio, HPB foi com Mohini e Judge para uma bela propriedade francesa situada em Enghien, não muito distante de Paris, onde permaneceram por cerca de três semanas. Enquanto esteve lá, ela escreveu para os seus parentes, que não via há doze anos, pedindo que eles a visitassem em Paris e Enghien:

Fugi dos meus amigos cosmopolitas, dos repórteres e de outros perguntadores molestos, deixando Paris para passar alguns dias em Enghien, Villa Croisac, propriedade pertencente aos meus queridos amigos conde e condessa d'Adhémar. Eles são amigos verdadeiros, que não cuidam de mim somente por causa dos fenômenos, que não lhes interessam. Aqui tenho toda uma *enfilade* de quartos para mim, e que estão à disposição de vocês... A condessa é uma mulher encantadora: é uma norte-americana muito rica [de Kentucky], muito agradável e despretensiosa. O seu marido, embora seja um grande aristocrata e defensor dos interesses tradicionais da nobreza, também é muito simples nas suas atitudes.¹³²

Pouco foi registrado da estadia de HPB em Enghien, exceto o que existe num artigo de Judge, do qual retiramos alguns extratos:

Foram proporcionadas todas as facilidades à nossa querida amiga, e lá ela continuou seus escritos, enquanto eu, sentado no mesmo quarto, atendendo à sua solicitação, lia cuidadosamente *Ísis Sem Véu*, assinalando [os termos principais] ao pé de cada página, pois ela desejava usar o material na preparação de *A Doutrina Secreta*...

Era costume todas as noites passar algum tempo conversando na sala de visitas, e lá, assim como no salão de jantar, ocorriam alguns fenômenos que, realmente, não eram mais interessantes que as palavras de HPB, fossem elas espirituosas, sérias ou divertidas. Muitas vezes a irmã da condessa d'Adhémar tocava o piano de uma maneira que encantava até mesmo HPB, uma juíza de alto nível. Lembro-me bem de uma melodia, lançada recentemente em Paris, que a agradava imensamente, de modo que ela a solicitava frequentemente. A música sugeria uma aspiração muito elevada e concepções grandiosas sobre a natureza. Havia muitas

discussões animadas com o conde de um lado e HPB de outro, e com frequência, bem no meio delas, ela se voltava subitamente para Mohini e para mim, que estávamos sentados escutando, e repetia para nós os pensamentos exatos que estavam passando em nossos cérebros...

[Uma] noite, quando todos nós estávamos na sala de visitas há algum tempo, sentados, sem qualquer luz acesa, com a lua brilhando sobre o lago e toda Natureza em silêncio, HPB caiu num estado meditativo. Pouco depois ela se levantou e ficou de pé no canto da janela olhando para a água. Por um momento um relâmpago de luz suave penetrou na sala e ela, calmamente, sorriu. A condessa d'Adhémar escreveu-me, depois da morte de HPB, recordando essa noite:

HPB parecia absorta em seus pensamentos, quando subitamente levantou-se da sua cadeira, avançou para a janela aberta e levantou o braço com um gesto de comando; uma música suave foi ouvida à distância, e veio avançando mais e mais até encher a sala onde todos nós estávamos com acordes adoráveis. Mohini jogou-se aos pés de HPB, beijou a borda do seu manto, uma ação que nos pareceu uma demonstração adequada da profunda admiração e respeito que todos nós sentíamos por aquele ser maravilhoso cuja perda nunca deixaremos de lamentar.

Essa música astral era muitíssimo nítida para todos nós, e o conde em particular reparou na sua beleza e delicadeza enquanto ela desaparecia ao longe.¹³³

Vera e Nadya chegaram da Rússia não muito depois de HPB ter retornado a Paris, permanecendo com ela até o fim de junho. Vera foi o agente causador de uma experiência realizada em particular por HPB, mas divulgada na Inglaterra e na Rússia. O testemunho das pessoas que estiveram presentes apareceu no periódico britânico *Light* (de 12 de julho de 1884), de onde foi retirado o que segue:

Os abaixo-assinados certificam a veracidade do seguinte fenômeno: Na manhã do dia 11 de junho do corrente ano, estávamos presentes na sala de recepção da Sociedade Teosófica em Paris, na *rue Notre Dame de Champs*, 46, quando o carteiro entregou uma carta. A porta da sala onde estávamos sentados permanecia aberta de modo que podíamos ver o saguão; vimos o criado responder à campainha, receber a carta do carteiro e trazê-la até nós, colocando-a nas mãos da sra. Jelihovsky [a irmã de HPB, Vera], que a jogou na sua frente na mesa redonda em volta da qual estávamos sentados. A carta estava endereçada a uma senhora, parente da sra. Blavatsky [sua tia Nadya], que estava aqui de visita, e havia sido enviada por outro parente na Rússia [tia Catarina]. Estavam presentes na sala a sra. de Morsier, secretária-geral da *Société Théosophique d'Orient et d'Occident*, M. Solovyov, filho de um notável historiador russo e *attaché* da Corte Imperial, ele também um escritor bem conhecido; o coronel Olcott, o sr. W.Q. Judge, Mohini, Babu e várias outras pessoas. A sra. Blavatsky também estava sentada junto à mesa. A sra. Jelihovsky pediu [a HPB], num impulso momentâneo e súbito, que lesse o conteúdo da carta antes que o seu selo fosse quebrado...

Diante do desafio, a sra. Blavatsky pegou imediatamente a carta fechada, segurou-a contra a sua testa e leu em voz alta o que dizia ser o seu conteúdo. Ela, a seguir, escreveu esse suposto conteúdo na página do verso, que estava em branco, de uma carta velha que estava na mesa. Depois disse que daria aos presentes uma prova ainda mais clara de que era capaz de exercer o seu poder psíquico dentro do envelope fechado, uma vez que a sua irmã ainda ria do seu poder e a desafiava. Afirmando que o seu próprio nome aparecia ao longo da carta, disse que o

sublinharia através do envelope com lápis vermelho. Para fazer isso, escreveu o seu nome na velha carta (onde havia feito uma transcrição do alegado conteúdo da carta lacrada), juntamente com um duplo triângulo entrelaçado ou o “selo de Salomão” abaixo da assinatura, que ela também havia copiado. Isso foi feito em virtude da observação de sua irmã de que a sua correspondente dificilmente teria assinado, alguma vez, seu nome por extenso ao escrever a parentes, e que nisso pelo menos a sra. Blavatsky teria cometido um erro. “No entanto”, [HPB] replicou, “eu farei essas duas marcas aparecerem nos lugares correspondentes dentro da carta”.

Ela colocou a seguir a carta fechada ao lado da cópia aberta, sobre a mesa, e as suas mãos sobre ambas, para fazer (como ela disse) uma ponte, através da qual as correntes de força psíquica pudessem passar. Depois, com suas feições mostrando uma expressão de intensa concentração mental, ela manteve a sua mão imóvel por alguns instantes, após o que, jogando a carta fechada por sobre a mesa para sua irmã, disse, “*Tiens, c’est fait*. A experiência foi concluída com sucesso”... Quando o envelope foi aberto pela senhora para a qual estava endereçada, constatou-se que a sra. Blavatsky tinha de fato transcrito o seu conteúdo; que o seu nome estava lá; que ela realmente o sublinhara em vermelho como havia prometido, e que um triângulo duplo estava reproduzido debaixo da assinatura da remetente, que estava por extenso como a sra. Blavatsky havia descrito.

Observamos outro fato de interesse excepcional. Um pequeno defeito no desenho de um dos dois triângulos entrelaçados, traçados pela sra. Blavatsky, tinha sido fielmente reproduzido dentro da carta fechada. [Os nomes das testemunhas presentes estão listados.]

Vera perguntou a Olcott como HPB havia feito a transferência do risco vermelho do seu lápis para a carta dentro do envelope selado. Ele respondeu:

Para analisar tal fenômeno, precisamos compreender que, entre os poderes humanos ocultos, virtualmente desconhecidos e não investigados, está o poder de atrair, deslocar e mover átomos. Assim, nesse caso, a sra. Blavatsky traçou, sem separar, os átomos do seu lápis, absorveu-os na sua força vital nervosa, fez com que eles circulassem através do seu corpo como uma corrente elétrica, da mão direita para os dedos da mão esquerda, e os fez passar, então, através das aberturas microscópicas encontradas em todo papel, e os fixou nos pontos que havia definido antes pela sua vontade concentrada.

O que está acima apareceu num informe de Vera sobre os fenômenos de Paris, enviado a um periódico russo e reproduzido em *Rebus*.¹³⁴ Essa é a primeira vez que é traduzido do russo, assim como o que segue, retirado da mesma fonte:

Estávamos todos sentados juntos, poucos dias atrás, quando o secretário da Sociedade, sr. Judge, recebeu na sua correspondência uma carta vinda da América, que ele abriu imediatamente. A primeira coisa que atraiu sua atenção não era o conteúdo da carta, mas o fato de que várias palavras estavam sublinhadas em tinta vermelha, e havia uma frase escrita com a mesma tinta, cruzando a folha diagonalmente, assinada pelo nome familiar do Mestre... O primeiro pensamento que passou pela minha mente foi de que isso poderia ter sido feito pelo remetente, mas logo mudei de opinião. Cerca de dois dias depois, a sra. Blavatsky ouvia um

jovem hóspede..., o sr. Bertram Keightley, lamentar-se amargamente da sua mãe, que estava insistindo para que ele retornasse à sua casa de Liverpool, ou continuasse a sua viagem através do continente, empreendida por razões de saúde. “Minha mãe está terrivelmente receosa de que eu possa deixar tudo de lado e seguir você até Madras”, disse ele... O carteiro tocou a campainha neste momento e, entre outras cartas, havia uma da sra. Keightley para o seu filho. Ele a abriu sem muita pressa, mas subitamente o seu rosto ficou vermelho, e ele pareceu surpreso e amedrontado. Na carta, as palavras de sua mãe, mencionando o respeito e a obediência que os filhos devem ter para com os seus pais estavam sublinhadas com tinta vermelha e tinham uma assinatura familiar...

A sra. de M[orsier], secretária da loja da Sociedade em Paris... contou-me sobre uma carta do Mestre chegada em momento decisivo, que ela encontrou junto com o seu envelope peculiar, fechada dentro de outra carta que não tinha relação com ela. Essa carta impediu-a de cometer suicídio e transformou-a em uma teósofa devotada.¹³⁵

Em outra colaboração para o periódico russo, Vera registrou uma conversa com a sua irmã sobre a possibilidade de criar objetos por meio de poderes psíquicos. Quando Vera expressou uma forte descrença em tal fenômeno, HPB replicou: “Bem, então não acredite. Eu não me preocupo muito com a crença nessas coisas sem importância.” Vera, que tinha cinco filhos para sustentar e frequentemente enfrentava dificuldades financeiras terríveis, observou:

Argumentei, zangada, que isso não era em absoluto destituído de importância. Que se ela criava tão facilmente ouro e pedras preciosas, então ela devia me enriquecer. Minha irmã riu, dizendo que isso seria feitiçaria e que causaria mal para todos os envolvidos. “O seu *karma* e o meu é sermos pobres e precisamos carregar isso. Se eu tentasse enriquecer você ou eu por tais meios, arruinaria nós duas, não necessariamente na vida atual, mas em séculos seguintes.” Ao responder a pergunta “Por que, então, você dá aos outros esses presentes maléficos se eles trazem o mal?” Ela me assegurou que essas coisas absurdas, que era autorizada a fazer, visavam convencer materialistas de cabeça dura — que nunca compreenderiam coisa alguma se alguém não lhes colocasse os pingos nos “i” — de que o homem tem poderes imensos dentro de si.¹³⁶

Em seu artigo *Será a Criação Possível ao Homem?* (*The Theosophist*, dezembro de 1881) HPB observa que os objetos produzidos psiquicamente não aparecem do nada, mas de matéria preexistente num estado sublimado. A sua materialização não é mais milagrosa do que a condensação de nuvens de vapor em forma de chuva e, em seguida, gelo, ou a cristalização do carbono líquido em diamante. Às vezes a matéria utilizada na criação de objetos já estava em estado sólido, como acontecia quando, para delícia das crianças, HPB deslocava átomos de um molho de chaves para fazer um apito. A irmã de Olcott, Belle Mitchell, relata um certo número de

experiências semelhantes feitas nos dias de Nova Iorque, quando os Mitchell viviam no mesmo prédio de apartamentos que HPB.¹³⁷

No final de junho de 1884, HPB viajou de Paris para Londres. Um dia antes da partida, ela escreveu a um conhecido seu, russo: “Amanhã estarei indo para Londres e sacudindo a poeira de Paris dos meus pés... Estou doente e não estou no meu melhor estado de espírito. Nesses momentos é só a Teosofia que me permite ir em frente.”¹³⁸

Nadya, Vera e a sra. Morsier estavam na estação no seu embarque. Mais tarde, HPB escreveu para sua tia:

Minha querida, minha preciosa Nadejda Andreyevna! Há muitos anos que eu não chorava, mas agora chorei todas as lágrimas que tinha ao perder vocês duas de vista. Pensei que meu coração iria arrebentar e senti-me muito fraca. Felizmente alguns bondosos cidadãos franceses, que estavam no mesmo compartimento, trouxeram-me um pouco de água na estação seguinte e cuidaram de mim o melhor que puderam. Em Boulogne, Olcott veio ao meu encontro e ficou quase chorando ao ver como eu estava doente. Ele temia que você e Vera pensassem que ele é alguém sem coração porque não veio até Paris para me buscar. Mas o pobre não podia saber que eu estava tão mal. Você sabe que sempre estou fraca.

Passei uma noite em Boulogne e, na manhã seguinte, mais cinco dos nossos teósofos vieram da Inglaterra para cuidar de mim... Eu fui virtualmente carregada até o navio e, também, ao sair dele, fui levada triunfalmente para Londres. Quase não podia respirar, mas mesmo assim tivemos uma recepção à noite, à qual compareceram quarenta ou cinquenta velhos conhecidos. O povo inglês não é inconstante; as pessoas possuem muita constância e lealdade. Na estação de Charing Cross, Mohini e Keightley quase mataram de susto os ingleses ao prostrarem-se diante de mim como se eu fosse um ídolo. Isso me fez ficar muito zangada — essa tentação do destino.¹³⁹

Mohini tinha uma razão particular para prostrar-se. Em março, recebera do seu Mestre a seguinte carta:

Para Mohini, apenas.

As aparências contam muito entre os “*Pelings*” [europeus]. É preciso impressioná-los externamente para que uma impressão regular, duradoura e interior possa ocorrer. Lembre e tente compreender por que espero que faça o seguinte:

Quando Upasika^{*1} [HPB] chegar, você a encontrará e a receberá como se estivessem na Índia e ela fosse a sua própria mãe. Não deve dar importância à multidão de franceses e outros. Você precisa impressioná-los; e se o Coronel perguntar-lhe por que, responda-lhe que é o homem interior, o habitante interno que você saúda, não HPB, pois foi avisado sobre isso por nós. E saiba, para sua própria instrução, que Alguém muito maior que eu [O *Maha Chohan*] amavelmente concordou em examinar toda a situação através da aparência dela, e depois de visitar, ocasionalmente, através do mesmo canal, Paris e outros lugares onde possam residir membros estrangeiros. Você, assim, a saudará ao vê-la e ao deixá-la durante todo o tempo em

que você estiver em Paris^{*2} — a despeito dos comentários e da própria surpresa dela. Este é um teste.¹⁴⁰

Em maio, após o seu retorno de Londres para Paris, Mohini recebeu outra carta da mesma fonte, agora em Paris:

Seu comportamento em relação a *Upasika* é tão infantil que é de fato calculado para criar uma impressão pior até mesmo do que a própria atitude irreverente dela quando deixada inteiramente por si mesma.^{*3} Não esqueça de que todos os bons frutos que são reservados à nossa Índia... devem-se aos esforços individuais dela. Dificilmente você poderá demonstrar-lhe suficiente respeito e gratidão, ou mais do que ela merece. É melhor deixar que os ingleses saibam de todo o bem que ela está alcançando moralmente do que estar sempre os divertindo com histórias que apenas podem mostrá-la sob uma luz infantil, excêntrica, e fazendo-os rir ou mesmo sorrir às custas dela... Você é o representante da Índia que deve ser regenerada. Deve, portanto, mostrar a postura de um filósofo, se quiser ser um chela e não a postura de um jovem risonho.¹⁴¹

Em Londres, HPB permaneceu durante seis meses no número 77, *Elgin Crescent, Notting Hill*, casa de Francesca Arundale e de sua velha mãe. Uma descrição íntima desse período é feita em *My Guest — H.P. Blavatsky* (*Minha Hóspede — H.P. Blavatsky*), de Francesca e no seu *In Memorium*, um tributo escrito na época da morte de HPB. Dessas duas fontes foi retirado o que segue:

Enquanto estive conosco, ela costumava dedicar o começo do dia a escrever; começava normalmente às sete horas, frequentemente ainda mais cedo, e continuava até as três ou quatro horas da tarde, com um pequeno intervalo para o almoço. Então começava o período de recepção, que ia até tarde da noite, com uma constante sucessão de visitantes. Muitos, naturalmente, atraídos pela fama dos seus grandes poderes, vinham apenas por curiosidade. Naquela época, a Sociedade para Pesquisa Psíquica (S.P.P.) não havia publicado seu famoso relatório, e alguns dos seus membros vinham com frequência em busca dos sinais e maravilhas que tanto queriam observar.

Os momentos mais agradáveis que eu tinha eram sempre de manhã cedo. Ela parecia mais acessível, sua boca apresentava curvas suaves, e os seus olhos bondosos e brilhantes pareciam sempre compreender e simpatizar não somente com aquilo que alguém dizia, mas também com aquilo que não dizia. Nunca tive receio de HPB, apesar da linguagem muito forte que ela usava às vezes. Eu sempre sentia que era uma linguagem forte apenas na superfície.

Posso mencionar inúmeros exemplos de fenômenos [que ela fazia], mas sabendo do pequeno valor que a própria sra. Blavatsky dava a essas coisas, seria um mau tributo a sua memória falar disso, pois é a parte menos importante do seu trabalho. Entretanto, os caçadores de fenômenos, os que vinham só para vê-los e ficar maravilhados, eram apenas uma parte da grande multidão. Muitas mentes ativas, engajadas no estudo científico ou filosófico, vinham uma e outra vez atraídas pelo poder de um intelecto que mostrava a sua vasta força pela maneira como tratava os muitos assuntos colocados diante de si. Professores de aspecto solene vinham de Cambridge

e passavam de vez em quando uma tarde em sua companhia, e eu ainda posso ver hoje seu corpo avantajado, vestido de roupão, na grande poltrona, com uma cesta de tabaco ao seu lado, respondendo a perguntas profundas e eruditas sobre teorias cosmogônicas e sobre as leis que governam a matéria.

[Conta Francesca:] uma descrição muito boa dessas reuniões diárias foi feita pela sra. Campbell Praed em seu livro *Affinities, a Romance of Today* (*Afinidades: um Romance de Hoje*),¹⁴² Mohini Chatterji respondia frequentemente às questões sobre filosofia indiana. Poucas vezes encontrei alguém que pudesse dar explicações tão claras e convincentes com uma linguagem tão bonita. As palestras dele eram muito concorridas, e nós raramente fechávamos as portas antes de uma ou duas horas da madrugada.¹⁴³

Pode ser que Mohini fosse influenciado em certas ocasiões por alguém maior do que ele. Numa carta para Sinnett, escrita antes que o grupo teosófico deixasse a Índia em direção à Europa, HPB sugeriu que isto iria ocorrer: “Não cometa o erro, caro chefe, de confundir o Mohini que *you* conhece com o Mohini que virá... O embaixador será investido tanto com uma roupa *interna* quanto com uma roupa *externa*.”¹⁴⁴

Mohini escreveu o livro *Man: Fragments of a Forgotten History* (*Homem: Fragmentos de uma História Esquecida*) em colaboração com a sra. Laura Holloway.¹⁴⁵ Holloway viera recentemente de Nova Iorque para conhecer os teósofos em Londres e, durante algum tempo, viveu com HPB na casa dos Arundale. Judge a conhecera nos Estados Unidos e estava entusiasmado com as suas possibilidades como futura trabalhadora do movimento. Antes da chegada dela, ele escreveu para Olcott sobre o seu “trabalho literário bem como as suas habilidades psíquicas, da mesma espécie que tornou HPB tão notável”. Quando HPB ouviu falar da sua vinda, disse: “Oh, meu Deus, se eu encontrasse nela uma SUCESSORA, como eu morreria FELIZ!”¹⁴⁶

No entanto, a sra. Holloway não correspondeu às expectativas. Numa carta de um dos Mestres a Francesca Arundale, ele escreveu:

Primeiro, em relação a sua amiga — sra. H, pobre criança! Ao colocar tão constantemente sua personalidade acima de seu Eu mais interno e melhor — embora ela não saiba disso —, fez tudo que pôde, na semana passada, para afastar-se de nós para sempre... Como ela diz, seus métodos não são nossos métodos, nem ela pode compreendê-los. Com sua personalidade tão

presa às suas ideias sobre o que é ou não adequado, ela certamente não pode compreender nossos atos no nosso plano de vida.

Diga a ela, com toda delicadeza, que se HPB (por exemplo) errou na noite anterior — como sempre faz, do ponto de vista do Ocidente, com seus eternos impulsos naturais, aparentemente tão rudes e indelicados — ela o fez acima de tudo sob a ordem direta de seu Mestre. Ela nunca para um momento para avaliar se as coisas são adequadas quando se trata de obedecer a tais ordens. Aos olhos de vocês, da parcela civilizada e culta da sociedade, [mostrar seus verdadeiros sentimentos numa reunião social] é um pecado imperdoável; ao nosso olhar — isto é, de asiáticos incultos —, é a maior das virtudes; pois, antes que se tornasse um hábito nela, costumava sofrer em sua natureza ocidental, e o fazia como um auto-sacrifício de sua reputação pessoal.¹⁴⁷

Enquanto HPB estava em plena atividade em Paris e Londres, Olcott viajava frequentemente, realizando suas próprias missões, fazendo palestras e tentando captar o interesse de pessoas notáveis para a Teosofia. Como está registrado no seu diário, entre os dias 9 e 20 de abril [de 1884], teve encontros com *sir* Edwin Arnold; Camille Flammarion, o astrônomo; Oscar Wilde; o professor John Couch Adams, descobridor do planeta Netuno; *sir* William Crookes; Robert Browning; *sir* Oliver Lodge; Matthew Arnold, e *lord* e *lady* Borthwick. Mais tarde Olcott visitou os Borthwick em sua casa na Escócia e organizou uma loja da S.T. em Edinburgh.¹⁴⁸ Em maio, a convite de *lord* John Francis Russell, o irmão mais velho do notável matemático e filósofo Bertrand Russell, ele fez uma palestra na Universidade de Oxford diante dos colegas e amigos do seu hospedeiro.¹⁴⁹

Em meados de abril, um membro norte-americano da Sociedade para Pesquisas Psíquicas (S.P.P.) ofereceu um jantar a Olcott no clube *Junior Athenaeum*, convidando membros ilustres da Sociedade para encontrá-lo.¹⁵⁰ Entre eles estava o conhecido ensaísta e poeta Frederic Myers, autor do livro *Human Personality and Its Survival After Bodily Death* (*A Personalidade Humana e Sua Sobrevivência Após a Morte do Corpo*), um clássico nessa área. Myers havia entrado para a S.T. no ano anterior. Em maio, Olcott esteve presente numa reunião da S.P.P. em Cambridge, onde conheceu o seu presidente, Henry Sidgwick, professor de Filosofia Moral naquela Universidade. Mais tarde, nesse mês, Olcott declarou à S.P.P. que estava disposto a ser interrogado como testemunha dos fenômenos produzidos na América e na Índia através da atuação de HPB e dos seus instrutores. Ele teve uma série de entrevistas com um comitê especial formado com esse propósito. Mohini e Sinnett também foram ouvidos.

Em uma das entrevistas, Myers perguntou a Olcott se ele poderia persuadir HPB a realizar alguns fenômenos psíquicos na presença desse tal comitê. Quando as entrevistas foram publicadas, uma nota de rodapé dava a sua resposta: “Ninguém poderá convencer-me disso, a menos que o Mestre me dê ordens no sentido de que eu me sacrifique outra vez — H.P. Blavatsky.”¹⁵¹

Por que ela recusou? A seguinte experiência, relatada por Francesca Arundale, talvez dê a resposta. A ocasião foi uma visita de Myers à casa de Francesca quando HPB estava presente:

[HPB] e o seu visitante começaram a falar sobre fenômenos, tema em que o sr. Myers estava muito interessado. “Eu gostaria que a senhora me desse uma prova do seu poder oculto”, disse ele. “Não poderá fazer alguma coisa que venha provar que há essas forças ocultas das quais você fala?” “Qual seria a vantagem disso?” perguntou a sra. Blavatsky. “Mesmo que você visse ou ouvisse, não ficaria convencido.” “Faça um teste comigo”, ele replicou. Ela olhou para ele um momento daquela maneira estranha e penetrante que possuía, e disse voltando-se para mim: “Traga-me um pote de lavar os dedos com um pouco de água dentro.” Eles estavam sentados em plena luz de uma tarde de verão. HPB estava à direita de Myers, que estava sentado numa pequena cadeira a cerca de um metro de distância. Eu trouxe o pote solicitado, e ela me pediu que o colocasse num banquinho bem em frente ao sr. Myers e bastante distante dela, o que fiz. Sentamos por alguns momentos numa calma expectativa; então, pareceram surgir quatro ou cinco notas musicais do pote, semelhantes ao som do que chamamos de “sinos astrais”. Era evidente que o sr. Myers ficara atônito. Ele olhava para Blavatsky, que estava com suas mãos cruzadas e apoiadas no colo, e dela desviava o olhar para o pote diante dele. Não havia qualquer conexão visível entre os dois. Novamente soaram, clara e cristalinamente, as notas do sino astral, sem que houvesse qualquer movimento por parte da sra. Blavatsky.

Ele se voltou para mim e podia-se notar que estava completamente confuso em relação à maneira como os sons podiam estar sendo produzidos. HPB sorriu e disse: “Nada muito maravilhoso, somente um pequeno conhecimento de como dirigir certas forças da Natureza.” Quando o sr. Myers estava saindo, voltou-se para mim e disse: “Sra. Arundale, nunca mais duvidarei.” Mas o que é uma mente instável e que está sempre em dúvida! Menos de quinze dias depois, ele escreveu dizendo que não estava convencido, e que os sons poderiam ter sido produzidos dessa ou de outra maneira. HPB não ficou nem um pouco perturbada. Na verdade, ela disse apenas: “Eu sabia disso, mas decidi fazer o que ele havia-me pedido.”¹⁵²

Sempre há diferentes explicações possíveis para fenômenos, e por isso é tão difícil provar a existência das forças ocultas. A ciência oficial, entretanto, tem frequentemente o mesmo problema quando tenta explicar fenômenos *físicos*. De fato, de acordo com o destacado cientista Gregory Bateson, “*A ciência experimenta, mas não prova.*” Ela está sempre limitada aos instrumentos que usa. Ao inventar um telescópio ou microscópio mais poderoso, ou ao construir um ciclotron^{*4} mais longo, objetos nunca antes

detectados serão percebidos, e as teorias aceitas podem necessitar de alterações às vezes radicais.¹⁵³ Em *A Doutrina Secreta*,^{*5} HPB observa:

Devido à própria natureza das coisas, a ciência não pode revelar o mistério do Universo ao nosso redor. É verdade que a ciência pode recolher, classificar e fazer generalizações sobre esses fenômenos. Mas os ocultistas, argumentando a partir de dados metafísicos aceitos, declaram que o buscador ousado que quiser experimentar os segredos mais íntimos da Natureza deve, para isso, transcender as estreitas limitações dos sentidos e transferir a sua consciência até a região do númeno,^{*6} à esfera das causas primárias. Para conseguir isso, deve desenvolver faculdades que estão absolutamente adormecidas — salvo em casos excepcionais — na constituição da raça humana atual.

Ao comparar a ciência ocidental com a oriental, o dr. Walt Anderson observa: “Nós, no Ocidente, estamos tão orgulhosos de nossas máquinas que acreditamos que elas podem descobrir a verdade. Muitos físicos parecem não ter concebido a ideia de que a realidade revelada em suas pesquisas e teorias poderia ser experimentada.” Ele acrescenta que, no Ocidente, “o Cosmo é explorado por ciclotrons, lasers e telescópios”, enquanto a ciência oriental “foi largamente não-técnica, confiando apenas nos instrumentos do corpo e da mente humanos disciplinados”, como ocorre nas práticas de uma meditação profunda.¹⁵⁴

No grande clássico hindu *Yoga Sutras*, de Patañjali, há a seguinte instrução: “Concentrando a sua mente em objetos minúsculos, ocultos ou distantes, em cada departamento da Natureza, o asceta adquire um completo conhecimento com relação a eles.” O comentarista afirma que “o termo *conhecimento*, do modo como é usado aqui, tem um significado maior do que o que estamos habituados a atribuir a ele. A palavra implica uma plena identificação da mente, durante qualquer extensão de tempo, com qualquer objeto ou assunto a que a atenção é dirigida”.¹⁵⁵

Podemos imaginar um cientista moderno dedicado a tal prática? O *Science Digest* (de julho de 1982) conta que “nenhum físico mundialmente famoso tomou tão a sério as constatações feitas pela filosofia mística do Oriente quanto Brian Josephson, da Universidade de Cambridge, ganhador do prêmio Nobel de Física em 1978”, acrescentando que Josephson “tinha conquistado a sua enorme reputação científica graças à possibilidade de que ele alcançasse visões intuitivas da realidade objetiva através da prática das técnicas tradicionais de meditação oriental”.

Treinar e aperfeiçoar o instrumento humano como receptor da verdade não é uma tarefa fácil, mas, como escreve um dos *mahatmas*:

Creia-me, há um momento na vida de um adepto em que as dificuldades que ele enfrenta são mil vezes recompensadas. Para adquirir mais conhecimento, ele não tem mais que passar por um processo lento e minucioso de investigação e comparação de vários objetos, mas alcança uma visão intuitiva, implícita e instantânea de todas as verdades básicas... O adepto vê, sente e vive na própria fonte de todas as verdades fundamentais...¹⁵⁶

Por outro lado, relances de intuição podem resolver muitos problemas menores quando testados pela lógica da razão e pelas evidências disponíveis.

No dia 21 de abril, Blavatsky e Olcott foram homenageados pela S.T. de Londres com uma brilhante recepção no *Prince's Hall*, em Picadilly. O informe do fato, publicado em *The Theosophist*, em outubro de 1884, afirma:

Convites para essa conversa ou “reunião aberta”, foram expedidos pelos funcionários da nossa loja de Londres, e foi tão grande a pressão do público que uma edição de mais 500 convites esgotou-se muito rapidamente, e tiveram de ser preparados outros. Nunca houve antes tantos homens e mulheres eminentes em uma reunião teosófica. Estavam presentes o embaixador russo, o primeiro-secretário da Embaixada da França, o embaixador holandês, o embaixador da Romênia, o côsul-geral da Rússia no Egito, o subsecretário de Estado para a Índia, representantes do Ministério das Colônias, da equipe do Chanceler de Arrecadações, do Ministério da Índia e de outros departamentos do governo. Havia um certo número de homens e mulheres da nobreza britânica, nobres estrangeiros, representantes do mundo da ciência e da literatura — e entre eles estavam o dr. Ginsberg, do Museu Britânico, que expôs ao mundo a fraude do manuscrito Shapira, e o professor William Crookes, membro da S.T.

A seguir há uma lista de outros notáveis, inclusive Oscar Wilde.

O discurso de abertura foi feito por Olcott e “incluiu uma breve revisão histórica das origens e progressos da Sociedade Teosófica e das ideias que ela representa, juntamente com uma avaliação do que foi alcançado até o momento em cada um dos três níveis de trabalho contemplados nos três objetivos da Sociedade”. A segunda palestra foi feita por Mohini, que explicou o relacionamento da Índia com o movimento teosófico e por que a Europa deveria interessar-se por ele. Sinnett fez a palestra final sobre o tema: *A Filosofia Esotérica do Oriente*.

HPB escreveu a Nadya depois do evento:

Eu nunca ficarei bem, nem mesmo aqui. Isto não é viver, mas uma espécie de louco torvelinho da manhã até a noite. A escritora russa Olga Alexandrovna de Novikoff convocou sozinha toda

a Londres oficial, exceto o [primeiro-] ministro Gladstone, que, segundo o jornal *St. James Gazette* “teme-me tanto quanto me admira”. O que você acha disso? É uma espécie de charme!

No dia nove de agosto, a convite da S.P.P., HPB, acompanhada por Francesca Arundale e Mohini, foi até Cambridge para uma visita de vários dias. O professor Sidgwick escreveu:

Nossa impressão favorável sobre a sra. Blavatsky foi mantida. Se as sensibilidades pessoais podem ser confiáveis, ela é autêntica, com uma natureza intelectual tão vigorosa quanto suas emoções, e com um desejo real de fazer bem à humanidade. Essa impressão é ainda mais digna de nota pelo fato de que ela não é atraente externamente.¹⁵⁷

Nessa ocasião, Blavatsky conheceu o membro da S.P.P. Richard Hodgson, um jovem professor graduado em Cambridge. Em breve, ele seria selecionado como pesquisador da S.P.P. na Índia sobre os fenômenos produzidos por HPB e seus instrutores.¹⁵⁸ Olcott havia convidado a S.P.P. a fazer essa investigação, mas HPB tinha sérias dúvidas sobre a sabedoria desta decisão.¹⁵⁹

No meio de agosto, HPB deixou a Inglaterra e foi para Elberfeld, na Alemanha, onde Olcott constituíra uma S.T. alemã imediatamente antes da chegada dela. HPB hospedou-se na residência de Gustav e Mary Gebhard durante sete semanas. Estava acompanhada de Laura Holloway, Mohini, Bertram Keightley e membros da família Arundale.

Os Gebhard desempenharam um papel muito importante na história do movimento teosófico. Gustav Gebhard era um banqueiro e fabricante de seda bastante rico. Era conhecido como *cônsul Gebhard*, pois havia sido cônsul no Irã. Linguista notável, falava francês e inglês perfeitamente. Foi na sua primeira viagem de negócios a Nova Iorque que conheceu a sua futura esposa, agora chamada Mary Gebhard. A mãe de Mary era irlandesa e seu pai, um major britânico. Mary sentia uma atração natural pela filosofia e pelo Ocultismo, e estudou hebraico em Elberfeld com um clérigo com o objetivo de facilitar suas pesquisas sobre a Cabala. Tornou-se então discípula do celebrado cabalista Eliphas Levi até a morte dele em 1875. Ao ter conhecimento da fundação da S.T., correspondeu-se com Olcott e filiou-se à Sociedade. Os Gebhard tiveram sete filhos, e a maioria deles tornou-se teósofo.¹⁶⁰

A sra. Arundale faz uma descrição encantadora da viagem feita de Londres até Elberfeld:

Não há palavras suficientes para expressar a amabilidade da nossa anfitriã. Ela pagou as despesas de todo o grupo, e, em algumas das principais paradas da viagem, fomos servidos com cestas de frutas, limonada e sanduíches deliciosos. Éramos um grupo alegre. HPB estava no auge da sua alegria, e no grande carro-restaurante ecoavam risos agradáveis e uma conversa brilhante. Aquele tempo passado em Elberfeld é uma página feliz a ser recordada...¹⁶¹

Durante a estada de HPB com os Gebhard, Solovyov visitou-a várias vezes. O professor Elliott Coues, do *Smithsonian Institute* de Washington, nos Estados Unidos, também a visitou. Ele havia conhecido Olcott em Londres, em junho, e filiou-se à S.T. em julho. Nadya veio com um amigo, Gustav Zorn — secretário da S.T. em Odessa¹⁶² para ficar quase um mês, assim como os Sinnett.

Frederic Myers chegou no final de agosto, quando HPB estava gravemente doente. James Webb, que pesquisou os papéis de Myers, descobriu que “em 9 de setembro Myers informou a C. C. Massey que gastara cinco dias e meio examinando HPB, então doente na cama, e que sua confiança nela havia crescido imensamente”.¹⁶³

Poucos dias depois explodiu uma bomba. Chegaram notícias de que um órgão missionário, o *Madras Christian College Magazine*, publicara no dia onze de setembro um artigo intitulado *O Colapso de Koot Hoomi* baseado na correspondência liberada para o editor pelos Coulomb, que haviam sido expulsos de Adyar vários meses antes. A correspondência continha cartas supostamente escritas para eles por Blavatsky enquanto ela estava em viagem pela Índia, dando ordens de fazer fenômenos fraudulentos em Adyar. Cópias antecipadas do artigo foram enviadas para os principais jornais indianos e causaram sensação. Em algumas cidades, centenas de cartazes foram colocados em público anunciando “A Queda da Senhora Blavatsky. Suas Intrigas e Mentiras Reveladas”.¹⁶⁴

O *Times* de Londres publicou a notícia dia vinte de setembro, e a resposta de HPB foi publicada no dia nove de outubro:

Senhor, com referência à alegada revelação, em Madras, de uma conspiração desonrosa feita por mim e duas pessoas de nome Coulomb com o objetivo de enganar o público com fenômenos ocultos, tenho a dizer que as cartas que teriam sido escritas por mim certamente não são minhas. Reconheço algumas frases, aqui e ali, retiradas de velhas notas minhas sobre diferentes assuntos, mas elas estão misturadas com interpelações que pervertem inteiramente seu significado. Com essas exceções, todas as cartas foram forjadas.

Os que forjaram as cartas devem estar totalmente desinformados sobre a realidade indiana, porque pretendem que eu tenha escrito sobre um “Marajá de Lahore”, quando qualquer menino

de escola indiano sabe que tal pessoa não existe.

Com relação às ideias dos [Coulomb] de que eu tentei promover a “prosperidade financeira” da Sociedade Teosófica por meio de fenômenos ocultos, eu afirmo que nunca, em momento algum, recebi ou tentei receber de qualquer pessoa dinheiro para mim mesma ou para a Sociedade, usando esses meios. Desafio qualquer um que venha a público e prove o contrário. O dinheiro que recebi foi ganho através da minha atividade literária, e esses rendimentos, e o que sobrou da minha propriedade herdada quando fui para a Índia, têm sido usados para a Sociedade Teosófica. Hoje sou uma mulher mais pobre do que era quando, com outras pessoas, fundei a Sociedade Teosófica. — Da sua servidora obediente,

H.P. Blavatsky
77 Elgin Crescent, Notting Hill, W.,
7 de outubro¹⁶⁵

Deve ser mencionado, neste ponto, que em maio, enquanto HPB ainda estava em Paris, ela havia sido avisada de que a sra. Coulomb estava dizendo em Adyar que Blavatsky havia escrito para ela cartas incriminadoras. HPB conta isso na seguinte carta para Sinnett:

... quando Subba Row escreveu para mim em Paris dizendo que eu procurasse lembrar bem se, alguma vez, eu havia escrito para ela [a sra. Coulomb] alguma carta que me comprometesse — pois, nesse caso, seria melhor que comprássemos tal carta por qualquer preço, em vez de permitir que ela arruinasse a minha imagem e talvez a da S.T. —, respondi a ele (em maio de 1884) que *nunca havia escrito para ela nada* que pudesse ter medo de ver publicado. Que ela *mentia* e podia fazer o que quisesse.¹⁶⁶

HPB também escreveu a Olcott: “Se eu tivesse sido tão burra” a ponto de escrever tais cartas aos Coulomb, “nunca teria ido para a Europa; teria movimentado o céu e a terra para impedir que o Comitê de Controle expulsasse os dois [Coulomb]. E teria retornado ao primeiro sinal de perigo”.¹⁶⁷

A sra. Arundale recorda:

Foi no final de setembro que a sra. Blavatsky voltou novamente até nós por um curto período de tempo, antes de ir para a casa do sr. e da sra. Oakley, e previamente à ida deles para a Índia. Ela estava muito deprimida e sentia-se bastante mal, quase esgotada, com o problema que tinha enfrentado. Numa carta que ela me escreveu naquele tempo, pouco antes de deixar Elberfeld, ela diz: “Renunciei ao meu cargo de secretária correspondente na Sociedade: eu me desliguei dele publicamente, porque penso que enquanto estiver à frente da Sociedade serei alvo de ataques e a Sociedade será afetada por isso... Meu coração — se é que resta alguma coisa dele — está desolado por causa dessa decisão. Mas eu tinha que me sacrificar pelo bem da Sociedade. A causa está acima de pessoas e personalidades.”¹⁶⁸

*1 *Upasika* significa discípula.

*2 Isso seria muito difícil para HPB suportar. O juiz Khandalavala disse certa vez dela: “Ela rejeitava toda louvação e qualquer espécie de reverência que tentavam lhe fazer. Certa vez um membro hindu procurou-a para tocar os seus pés e fazer uma prostração, quando ela subitamente se levantou da cadeira e repreendeu-o, dizendo: ‘Eu não sou uma santa — não pense em me adorar’.” (*The Theosophist*, julho de 1929.)

*3 Na página de rosto da cópia de Blavatsky de *A Voz do Silêncio*, ela escreveu as seguintes palavras: “De HPB para H.P. Blavatsky, sem atenciosas saudações”. (*The Theosophist*, junho de 1946.)

*4 *Ciclotron*: em física, acelerador de partículas que usa um campo magnético. (Nota Ed. Bras.)

*5 Veja Vol. II, p. 187 da edição em português da Editora Pensamento. (Nota Ed. Bras.)

*6 *Númeno*: do grego, *noûmenon*. É o objeto inteligível, em oposição ao objeto que se conhece por meio dos sentidos. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 12

O Caso Coulomb – Hodgson

Embora o relatório Hodgson para a Sociedade para Pesquisa Psíquica não tenha sido liberado até dezembro de 1885, ele é baseado em grande parte nas acusações feitas pelos Coulomb em 1884; por isso os dois fatos devem ser considerados em conjunto.

Uma avaliação detalhada do tema já não parece ser tão essencial, no entanto, porque cem anos depois, — em 1986 — a própria S.P.P. distribuiu uma comunicação afirmando que “o *desmascaramento* da ocultista russa de nascimento, sra. H.P. Blavatsky, feita pela S.P.P. em 1885, ficava sob sérias dúvidas com a publicação na revista da S.P.P. (vol. 53, abril de 1986) de uma crítica incisiva ao relatório de 1885”, feita pelo dr. Vernon Harrison, “um membro muito conceituado da S.P.P.”

De acordo com o comunicado feito à imprensa:

Uma das questões centrais do caso foi uma discussão sobre dois conjuntos de cartas. Um deles, apresentado por dois empregados demitidos da sede da Sociedade Teosófica na Índia, reunia cartas supostamente escritas à mão pela sra. Blavatsky, que a implicavam em fenômenos psíquicos fraudulentos. O outro conjunto reunia cartas ostensivamente escritas em defesa da Sociedade Teosófica por membros de uma fraternidade oriental, popularmente conhecidos como *Mahatmas*. O dr. Hodgson aceitou a autenticidade do primeiro conjunto [mas] alegou que as cartas dos *Mahatmas* eram falsificações produzidas pela sra. Blavatsky e aliados ocasionais.

O dr. Harrison^{*1}, ao contrário, sugere que as cartas incriminadoras é que eram falsificações feitas por vingança pelos antigos empregados; enquanto que a maior parte das Cartas dos *Mahatmas*, agora preservadas na Biblioteca Britânica, não têm a letra da sra. Blavatsky, disfarçada ou não.

A análise detalhada do dr. Harrison sobre as provas gráficas pode ser lida no seu longo relatório. As provas de Hodgson sobre a escrita a mão foram consideradas por Harrison como “tão fracas, distorcidas e confusas que com elas seria possível mostrar que foi a sra. Blavatsky que escreveu Huckleberry Finn^{*2} — ou que o Presidente Eisenhower escreveu as cartas dos *Mahatmas*”.¹⁶⁹

A conclusão de Harrison de que HPB não escreveu as cartas dos *Mahatmas* é sustentada independentemente em três outras investigações de peritos. O que segue são alguns pontos elucidativos do caso Coulomb-Hodgson.

No início de 1884, quando estava-se preparando para deixar a Índia e ir à Europa, HPB fez uma visita ao príncipe Harisinghji, em Varel. Ela foi acompanhada por Mohini, dr. Hartmann e Emma Coulomb, que havia feito um pedido especial para ser incluída no grupo. Em ocasiões anteriores, Coulomb tentara, em vão, obter duas mil rúpias desse rico rajá e esperava ter sucesso daquela vez. Quando HPB descobriu essa última tentativa, repreendeu-a; Coulomb ficou furiosa e jurou vingança, dizendo: “Eu não a perderei pelo resto da minha vida, e a prejudicarei tanto quanto puder.”¹⁷⁰

Não era surpresa para HPB que Coulomb nutrisse sentimentos de vingança em relação a ela. HPB escreveu para Sinnett:

Ela começou a construir o seu plano de traição em 1880, desde o primeiro dia em que chegou a Bombaim (na sede central da S. T.) com seu marido, ambos descalços, sem dinheiro e mortos de fome. Ela se ofereceu para vender os meus segredos para o rev. Bowen do *Bombaim Guardian*, em julho de 1880, e ela os vendeu realmente para o rev. Patterson em maio de 1885... Por que devo me lamentar? O Mestre não deixou para mim a escolha de: ou seguir os ditames do Senhor Buda, que nos diz que devemos alimentar mesmo uma serpente esfomeada pondo de lado todo o medo ainda que ela se volte e pique a mão que a alimenta, ou enfrentar o *karma* que, com certeza, punirá aquele que vira as costas para o pecado e a miséria, ou deixa de ajudar o pecador ou o sofredor.¹⁷¹

Antes de HPB partir para a Europa, Coulomb solicitou que ela e o marido fossem os únicos a ter acesso aos quartos de Blavatsky no segundo andar, a fim de protegê-los contra o mal. Quando HPB declarou que já havia dado permissão ao dr. Hartmann para usar sua biblioteca, Emma Coulomb ficou muito nervosa, dizendo que se ele ou qualquer outro pudesse entrar, ela não “poderia responder por nada” que pudesse acontecer. HPB, então, concordou com seus desejos.¹⁷²

De todos que estavam em Adyar, Olcott era o que menos suspeitava dos Coulomb, que eram muito amáveis com ele. Eles trabalhavam duro e

faziam bem os seus trabalhos. No dia cinco de abril, quando ele estava viajando de trem com Mohini, de Paris para Londres, ele recebeu fenomenalmente*³ essa carta de um dos Mestres:

Não fique surpreso com nada que possa ouvir de Adyar. Nem desencorajado. É possível — pois tentaremos intervir dentro dos limites do *karma* — que você tenha que enfrentar grandes aborrecimentos domésticos. Você abrigou uma traidora e uma inimiga debaixo do seu teto durante muitos anos, e o grupo dos missionários está mais do que pronto para dar a ela qualquer ajuda de que necessite. Toda uma conspiração está em andamento. Ela está enlouquecida pelo aparecimento do sr. Lane Fox e pelos poderes que você deu ao Comitê de Controle.¹⁷³

Na Índia, no dia vinte e seis de abril, uma outra carta foi entregue fenomenalmente ao dr. Hartmann, diretor do Comitê de Controle:

Já há algum tempo, a mulher entrou em contato — conversas diplomáticas regulares — com os inimigos da causa, certos [missionários]. Ela tem a esperança de obter mais do que 2.000 rúpias deles, se ajudá-los a arruinar ou pelo menos prejudicar a Sociedade, difamando a reputação dos fundadores. Daí surgiram as insinuações de “portas falsas” e de truques. Além disso, quando necessário, portas falsas serão encontradas, como, algumas vezes, o têm sido... Mantenha tudo o que foi dito em caráter estritamente confidencial se você deseja ser o mais forte. Não deixe que ela suspeite que você sabe, e se você quer o meu conselho, seja prudente. Todavia, aja sem demora.¹⁷⁴

O Comitê não agiu imediatamente, mas quando o fez, tomou medidas extremas. No dia quatorze de maio foi realizado um julgamento, e os Coulomb foram acusados de má conduta, incluindo extorsão, chantagem, calúnia e mau uso dos fundos da Sociedade. O casal foi expulso sem contestar as acusações.¹⁷⁵ O Comitê estava alegre por finalmente livrar-se do casal problemático; mas, humilhados e ardendo em desejo de vingança, os Coulomb foram diretamente para os braços abertos dos missionários cristãos.

Escreve R.A.V. Morris:

Os missionários obtinham todas as coisas à sua maneira. Tendo atrás de prestígio da raça governante, podiam persuadir a si mesmos de que o Bramanismo, sendo o credo de uma raça “inferior”, era necessariamente uma religião inferior, condenada, inevitavelmente, no decorrer do tempo, a ser substituída pelo Cristianismo. Consequentemente, quando começou a publicação de *The Theosophist* e um movimento ativo pela revitalização das religiões nativas em sua pureza original passou a ser impulsionado por um grupo de europeus [e um norte-americano], os missionários reconheceram a ameaça à sua dominação religiosa e racial e adotaram as táticas desonrosas de difamar a reputação da sua principal oponente com a finalidade de eliminar a ela própria e à sua Sociedade do campo de ação.¹⁷⁶

O Comitê de Controle tinha estado, na verdade, prestes a expulsar os Coulomb várias semanas antes, mas conteve-se quando recebeu esta carta de K.H.:

Enquanto alguém não tiver desenvolvido um perfeito senso de justiça, é preferível que ele erre do lado da misericórdia a cometer o menor ato de injustiça. A sra. Coulomb é uma médium e, como tal, irresponsável por muitas coisas que diz ou faz. Ao mesmo tempo ela é bondosa e caridosa. Alguém tem de saber como agir em relação a ela para torná-la uma boa amiga. Ela tem as suas próprias fraquezas, mas os seus maus efeitos podem ser minimizados exercendo na sua mente uma influência moral através de um sentimento amigo e bondoso. A sua natureza mediúnica é um auxílio nessa direção, se for tirada uma vantagem adequada disto. É meu desejo, portanto, que ela continue encarregada das atividades da casa, com o Comitê de Controle exercendo, é claro, uma supervisão adequada; e vendo, juntamente com ela, que nenhuma despesa desnecessária seja feita. É necessário que seja realizada uma grande reforma, que poderá ser feita com o auxílio e, não, com o antagonismo da sra. Coulomb... Mostre esta à sra. C. a fim de que ela possa cooperar com você.¹⁷⁷

Quando o Comitê ordenou aos Coulomb que saíssem, o casal recusou-se a fazê-lo antes que HPB retornasse. O Comitê, então, mandou um telegrama a Paris pedindo o consentimento dela. HPB, aparentemente, deu uma permissão relutante, pois mandou o seguinte telegrama para os Coulomb: “Pena que vão embora. Boa sorte.”¹⁷⁸

Uma vez afastados os Coulomb, o Comitê assumiu imediatamente o segundo andar da Sede, e os seus integrantes ficaram estupefatos ao ver o que Alexis Coulomb havia feito enquanto de posse do quarto.^{*4} Quando chegou de Londres com total autorização de Olcott e Blavatsky para tomar conta da situação, Judge fez uma investigação minuciosa. Ao entrar no dormitório de HPB, ele encontrou um buraco inacabado na parede que separava o dormitório da biblioteca e da sala de reuniões privadas. Esta última havia sido acrescentada um ano antes. Ao lado dessa sala de reuniões havia um gabinete chamado *santuário*, que abrigava os retratos dos instrutores indianos e alguns objetos que recordavam a passagem de HPB pelo Tibete. Era um cenário de vários *apports* (uma palavra usada frequentemente em pesquisa psíquica para designar objetos levados fenomenalmente de um lugar para outro). Coulomb tinha, obviamente, a

intenção de que o furo que ele fez se abrisse atrás do gabinete, pois quando os Coulomb afirmaram serem os cúmplices de HPB na produção de falsos fenômenos, disseram que um deles ficava junto ao buraco e colocava objetos ou cartas no santuário.

Coulomb não teve tempo de completar o buraco. Judge disse que o trabalho era recente, pois os cantos não haviam sido lixados e os restos da parede ainda estavam no chão. No dormitório, Coulomb havia colocado um pequeno armário com um falso painel no fundo, ocultando o orifício que não havia sido terminado. Judge escreve:

Mas o painel móvel era muito novo para funcionar e era preciso bater nele violentamente para mostrar que estava lá. Ele estava sem aplainar, sem lixar e não havia sido pintado. Coulomb foi demitido antes que tivesse tempo para terminá-lo. Na sala que se abria para as escadas, ele tinha feito um painel dissimulado... que não foi terminado e tinha que ser usada muita força para que se abrisse, e isso só acontecia se fosse usado um malho. Ele fez também um outro painel móvel no quarto da frente... Tive que usar um grande martelo e uma lima para abri-lo. Todas essas coisas foram descobertas e examinadas na presença de muitas pessoas, que então escreveram as suas opiniões num livro que coloquei com essa finalidade, e que agora está à disposição na sede central.

Tudo isso havia sido feito, evidentemente, depois dos fatos alegados, para adequá-los à teoria de que eram fraudulentos. Ficou claro que isto foi feito por dinheiro, pois, poucos dias depois de completarmos nossa investigação, o diretor do colégio cristão veio até o local — algo que nunca havia feito — e pediu que tanto ele como seus amigos pudessem ver o quarto e o santuário. Ele quase implorou para que eles pudessem subir, com o que não concordávamos, pois víamos que ele desejava apenas terminar o que chamava de “revelação de fatos”. Então o dr. Hartmann perguntou-lhe, na minha presença, quanto ele havia pago a Coulomb para que fizesse tal serviço, e ele replicou, colhido de surpresa, que havia pago algo como cem rúpias. Tal fato reforça a afirmativa do dr. Hartmann¹⁷⁹ de que Coulomb veio até ele [depois de ter sido expulso da S.T] — e disse que ele, Coulomb, teria dez mil rúpias à sua disposição caso arruinasse a Sociedade. Ele apenas exagerou o valor para ver se Hartmann lhe daria mais alguma coisa para ficar calado.¹⁸⁰

O testemunho de Judge foi publicado em dois periódicos de Boston¹⁸¹ e, aparentemente, não foi conhecido por Hodgson e investigadores posteriores. Hodgson entrou em cena seis meses depois dos Coulomb terem sido expulsos pela S.T. Naquele momento, a confusão causada por Alexis Coulomb havia sido sanada, e o buraco na parede já estava fechado.

Quanto à suposta correspondência entre HPB e a sra. Coulomb, o dr. Vernon Harrison descobriu uma semelhança notável entre a escrita manual de Alexis Coulomb e a da sra. Blavatsky. Consequentemente, não deve ter sido difícil para ele forjar os trechos incriminadores dessas cartas.¹⁸² Ao fazer suas investigações independentes, Harrison aparentemente não sabia que os teósofos que viviam em Adyar tinham plena consciência da semelhança entre as duas escritas. HPB certa vez escreveu a Sinnett:

A escrita a mão de Alex Coulomb é naturalmente semelhante à minha. Todos sabemos como Damodar foi enganado certa vez por uma ordem supostamente escrita por mim para que subisse a escada e fosse me procurar no meu quarto de dormir em Bombaim, quando eu estava em Allahabad. Foi um truque de Coulomb, que considerou muito divertido poder enganar “um *chela*” — e tinha preparado algo que parecia comigo deitada na minha cama, e, conseguindo espantar Damodar, passou depois três dias rindo dele. A intenção de Coulomb não era fazer qualquer fenômeno, mas simplesmente “uma boa farsa” (*une bonne farce*), e ele fazia muitas. Se ele podia imitar tão bem a minha letra em um bilhete, por que não poderia copiar (ele teve quatro anos para aprender a fazer isso) qualquer pedaço dos meus bilhetes para a sra. Coulomb no mesmo tipo de papel, com as interpolações que quisesse? O fato de ela estar se preparando para fazer uma traição desde 1880 é uma prova disso... Eu vi Coulomb copiando um desses meus bilhetes, na mesa dele, em uma cena mostrada a mim pelo Mestre na luz astral. Você acha que acreditarão nessa minha afirmativa? Então, qual a utilidade de fazê-la!¹⁸³

O dr. Harrison destaca que “é um erro grosseiro de procedimento o fato de Hodgson, aparentemente, nunca ter examinado os escritos de M. ou da sra. Coulomb, e que ele tenha omitido alguns deles... no seu relatório das cartas que supostamente incriminavam HPB”. Deste ponto em diante, Harrison declara: “Ele perde todo o direito de ser considerado um investigador imparcial. Ele se torna, na verdade, uma testemunha hostil e deve ser tratado como tal.”¹⁸⁴

Para piorar as coisas, a correspondência entre Blavatsky e Coulomb desapareceu completamente. A última pessoa que se sabe que viu as cartas foi o cientista Elliott Coues, que morreu em 1899. Michael Gomes conta isso em uma série de três artigos sobre o *Caso Coulomb* (1884-1984) publicada em *The Theosophist*:

William Emmette Coleman, um ardente espiritualista, na sua *Revisão Histórica da Sociedade Teosófica*, menciona que Elliott Coues, um ex-membro que havia sido expulso da S.T. em 1889, “obteve do editor da revista *Christian College* as cartas originais de HPB e outros documentos obtidos por ele da sra. Coulomb, incluindo cartas muito importantes da sra. Blavatsky que até recentemente não haviam sido publicadas”.¹⁸⁵

Coues tinha uma boa razão para desejar essas cartas, pois a sra. Blavatsky o processara devido às declarações injuriosas feitas por ele em 20 de julho de 1890 no *New York Sun*... Um cheque de vinte e cinco libras esterlinas endossado para W. E. Coleman no dia 21 de novembro de 1890 está entre os papéis de Coues na Sociedade Histórica do Estado de Wisconsin, mas não as cartas. Coues escreveu no verso do cheque: “*Preço dos originais das cartas de Blavatsky compradas por mim do sr. George Patterson através do sr. W. E. Coleman.*”¹⁸⁶

O dr. Harrison observa que o fato de as cartas Blavatsky-Coulomb nunca terem sido usadas por Coues na sua defesa, e agora não se encontrarem entre os seus papéis, é uma forte evidência de que “as cartas foram, na verdade, forjadas — e de que, como consequência, o testemunho dado pelos Coulomb era completamente não confiável... Hodgson aceitou o testemunho dos Coulomb sem qualquer questionamento, e se ele for desconsiderado, muito da sua argumentação cai por terra”.¹⁸⁷

Esse testemunho incluía não só as supostas cartas de Blavatsky para os Coulomb, mas dizia respeito a numerosos fenômenos produzidos na Índia por HPB ou pelos seus instrutores. Nesses casos os Coulomb afirmam ter participado da conspiração. As cartas e a descrição dos fenômenos estão registrados em *Some Account of My Association with Madame Blavatsky from 1872-1884* (*Alguns Relatos da Minha Associação com a Senhora Blavatsky de 1872-1884*) da sra. Coulomb. Uma análise detalhada foi feita por Beatrice Hastings (uma notável crítica literária não-teósofo) em seu livreto de cem páginas *The Coulomb Pamphlet* (*O Panfleto Coulomb*) de onde foi retirado o que segue:

O que faltou à sra. Coulomb foi a habilidade de montar adequadamente uma história completa a partir da mistura de fatos publicados e bem conhecidos,¹⁸⁸ semi-verdades, mentiras e calúnias, além de uma série de cartas parcialmente autênticas e parcialmente inventadas. Mas naquela época ninguém podia fazer isso; os fatos e as partes autênticas derrotariam as armações mais ardilosas. A sra. C. tinha de tentar adaptar circunstâncias bem conhecidas a uma visão falsa. E o resultado foi uma verdadeira confusão, [deixando o leitor] a imaginar, afinal, de que modo alguém poderia, em sã consciência, aceitar tal documento como prova.¹⁸⁹

Talvez seja por isto que a história da sra. Coulomb jamais foi reimpressa e é muito pouco mencionada por Hodgson no seu relatório de duzentas páginas, embora ela fosse sua principal testemunha. Walter Carrithers, que passou muitos anos pesquisando o caso Coulomb-Hodgson, e que sob o pseudônimo de Adlai Waterman escreveu *Obituary, the Hodgson Report* (*Obituário, O Relatório Hodgson*),¹⁹⁰ revelou numa carta particular que nas suas investigações iniciais não estava convencido de nada que os teósofos

disseram em defesa de HPB, até ler o livreto da sra. Coulomb. Naquele momento, ele constatou que Coulomb estava mentindo.¹⁹¹

Uma coisa que Hastings deixou passar, e que parece ter escapado à atenção de todos até recentemente, é a peculiaridade de certas palavras nas cartas. Antes, deve ser explicado que a pretensa correspondência de HPB com a sra. Coulomb foi na sua maior parte em francês — num mau francês, como muitos observaram, enquanto que o francês de HPB é famoso por sua elegância e pureza. Um exemplo desse francês pobre é que as palavras *au revoir*, universalmente conhecidas, foram grafadas inúmeras vezes *a revoir*.¹⁹² O que foi omitido até aqui é que outra língua foi empregada deformada: o italiano. Jean Overton Fuller observou isso, pela primeira vez, enquanto pesquisava para a sua recente biografia de HPB. No exemplo seguinte, cada palavra, exceto *de* é italiano [embora Giuseppe deva ser grafado com “G”]: “*Per l’ amore de San Giuseppe fatte l’affare bene*” (Pelo amor de São José, faça bem a coisa). É inimaginável que HPB tivesse apelado por auxílio a São José.

Fuller escreve: “Não necessitamos perguntar se os Coulomb tinham um passado no qual a língua italiana tivesse alguma parte. No seu panfleto a sra. Coulomb deixa escapar que eles não foram diretamente do Cairo para o Ceilão, mas passaram primeiro por Calcutá, onde ela deu lições de italiano para *lady Temple*.”¹⁹³

A questão sobre onde a sra. Coulomb aprendeu *inicialmente* o italiano parece ser um mistério. Fuller pensava que talvez fosse na Riviera francesa, onde os italianos vão frequentemente. Mas cinquenta anos antes, Hastings escreveu, como se a informação não tivesse importância: “Ela era de origem levantina, falava italiano, mas conhecia algum inglês e francês.”¹⁹⁴

Hodgson trouxe consigo, para Londres, algumas das pretensas cartas entre Blavatsky e Coulomb para serem examinadas por grafólogos peritos,¹⁹⁵ que as declararam autênticas. O comentário de Blavatsky, feito para a sra. Sinnett, foi:

Ah, eles têm que ser famosos, esses peritos... O mundo inteiro deverá curvar-se diante das suas decisões e críticas. Mas há pelo menos uma pessoa que eles nunca podem convencer... e essa é H.P. Blavatsky. Se o DEUS de Israel; e Moisés, Maomé e todos os profetas, com Jesus e a Virgem Maria, viessem até mim e dissessem que eu escrevi uma linha daquelas instruções infames para Coulomb — eu diria diante deles — “bobagem — eu não fiz isso”... até hoje nunca me permitiram ver uma dessas cartas.¹⁹⁶

Em resposta à carta que recebeu a seguir da sra. Sinnett, HPB replicou:

... enquanto agradeço a você, apreciando imensamente a grande bondade do seu coração que dita palavras tais como — “se amanhã eu chegasse à conclusão de que você escreveu aquelas cartas infames, ainda assim eu amaria você” — respondo — tenho esperança de que você não iria fazer isso, para o seu próprio bem... Se eu tivesse sido culpada *uma só vez* de uma fraude deliberada e proposital, especialmente se as pessoas enganadas fossem os meus melhores e mais verdadeiros amigos — não deveriam ter nenhum “amor” por alguém como eu; no melhor dos casos — piedade ou eterno desprezo...

Eu não teria me importado nem um pouco pela minha reputação pessoal, não fosse o fato de que cada bola de lama atirada contra mim passa por mim e atinge a pobre S.T. com seus ingredientes mal cheirosos.¹⁹⁷

A outra acusação a ser avaliada é a de que HPB escreveu as cartas dos *Mahatmas*. Hodgson usou os serviços de dois peritos grafologistas, F. G. Netherclift e Richard Sims, para fazer a comparação da escrita de HPB com as cartas que se diziam ser de K.H. O dr. Harrison escreve que esses peritos “chegaram à conclusão de que esses documentos NÃO foram escritos pela sra. Blavatsky... [Mas] Hodgson não aproveitou tais declarações...” Ele disse que após a investigação dos escritos de K.H. na Índia, ele havia concluído que, com poucas exceções, aqueles haviam sido escritos pela sra. Blavatsky. “Na minha chegada à Inglaterra”, escreveu Hodgson, “fiquei surpreso ao constatar que o sr. Netherclift tinha uma opinião diferente a respeito dos escritos de K.H. examinados por ele”.

“O relatório final”, diz Harrison, “foi suspenso enquanto mais provas eram obtidas e [eu cito]: ‘o resultado foi que o sr. Netherclift chegou à conclusão de que os documentos foram escritos sem dúvida, pela sra. Blavatsky’. O sr. Sims, do Museu Britânico, adequou sua posição a isso”. Harrison comenta: “Considero os flagrantes e bem-sucedidos esforços de Hodgson para influenciar o julgamento dos seus peritos altamente inadequados. Nenhum tribunal inglês aceitaria um relatório feito em tais circunstâncias.”¹⁹⁸

No seu relatório de vinte e cinco páginas, Harrison fez um novo exame dos vários escritos envolvidos e providenciou gráficos para ilustrar seu ponto de vista. Sua opinião é a seguinte: “Não posso encontrar nenhuma evidência clara de que HPB escreveu as cartas de K.H., e encontro [evidências] significativas de que ela não as escreveu. Não sei quem escreveu as cartas dos *Mahatmas*, mas não acho razoável pensar que a sra.

Blavatsky as escreveu — pelo menos a maior parte delas. Esta é a minha opinião profissional.”¹⁹⁹

Dois outros grafólogos peritos — um no século dezenove e outro no século vinte — analisaram a escrita de K.H. e de HPB, e as conclusões de ambos confirmam as afirmativas de Harrison. O primeiro foi o dr. Ernst Shutze, calígrafo da corte de sua majestade Wilhelm I, imperador da Alemanha. Em 1886, Gustav Gebhard submeteu a ele duas cartas, uma vinda de HPB e a outra do Mestre K.H., recebida por ele em 1884 enquanto HPB estava visitando a sua família. Na carta anexa ao seu parecer, o dr. Shutze declara enfaticamente: “*Se você tivesse acreditado que as duas cartas vieram da mesma mão, você teria cometido um erro tremendo.*” No parecer de Shutze, ele demonstra que a “diferença entre elas é tão evidente que eu, absolutamente, não poderia chegar à conclusão de que elas foram escritas pela mesma mão”.²⁰⁰

O segundo calígrafo foi o dr. Paul L. Kirk do Departamento de Criminologia da Universidade da Califórnia, um dos melhores peritos em grafia nos Estados Unidos. Em 1963, três exemplos de escrita manual foram submetidos a ele: Uma grafia de HPB, outra de K.H. e a terceira de Damodar, a quem Hodgson acusava de ter escrito algumas das cartas dos *Mahatmas*. (Os exemplos foram tirados do próprio relatório de Hodgson, mas os nomes dos autores foram suprimidos.) O dr. Kirk informou numa carta, datada de 17 de fevereiro de 1964, que o material submetido a ele tinha sido escrito por três pessoas diferentes.²⁰¹

Os resultados de um outro tipo de investigação foram apresentados por Charles Marshall, num ensaio lido na Conferência de Professores de Língua Moderna realizada em Leningrado em janeiro de 1980. O documento, que apoia fortemente a tese de que HPB não foi a autora das cartas dos *Mahatmas*, é intitulado *As Cartas dos Mahatmas — Uma Investigação Sintática Sobre a Possibilidade de Falsificação*^{*5} por Helena Petrovna Blavatsky, uma ocultista do Século Dezenove.²⁰² Marshall explicou que essa investigação utilizou “um computador para a análise dos exemplos da escrita de H.P. Blavatsky, dos *Mahatmas* K.H. e M., mais um grupo de controle de outros escritos datados de meados dos anos 1880”. Ele foi além ao dizer que “as comparações foram feitas com diversos parâmetros, incluindo o número de sílabas nas palavras, o número de palavras numa

frase e a frequência com que aparecem grupos de preposições e conjunções”. Esta técnica, ou outra similar, foi aplicada no passado para testar a autenticidade da autoria de certas epístolas atribuídas a São Paulo e de uma peça atribuída a Shakespeare.²⁰³

O exame de Hodgson sobre o motivo existente por trás das alegadas fraudes de HPB é particularmente esclarecedor. Seria egoísmo? — ele perguntou. O conhecimento do seu caráter sugeriria que essa suposição é insustentável. Seria ela uma impostora, pura e simplesmente? “Ela é, na verdade, um raro estudo psicológico, quase tão raro como o de um ‘*Mahatma*’!” — ele escreve. “Ela era extraordinariamente desagradável quando falava na ideia avassaladora de que talvez seu trabalho de ‘vinte anos’ pudesse ser destruído através da sra. Coulomb.” Seria isto uma mania religiosa, continuou ele, um desejo mórbido de notoriedade? Ele mesmo deu uma resposta a esta questão:

Confesso que o problema de qual seriam as suas motivações... causou-me muita perplexidade... O motivo sórdido de ganho pecuniário poderia ser uma solução ainda menos satisfatória do que a hipótese de uma mania religiosa... Mas eu era incapaz de adotar até mesmo essa hipótese e harmonizá-la com a minha compreensão do seu caráter.

Por fim, eu abri os olhos numa conversa casual... Não posso dizer, de minha parte, após as minhas experiências pessoais com a sra. Blavatsky, que tenha qualquer dúvida de que seu objetivo real é a proteção dos interesses russos.²⁰⁴

Qual foi a conversa casual com HPB que abriu os olhos de Hodgson? Ele a informara das notícias de um movimento recente de tropas russas no Afeganistão, que ameaçavam a Índia com uma possível invasão. Ela expressou inquietação: “Isso seria um golpe mortal na Sociedade [Teosófica].” Hodgson considerou isso uma “injúria inesperada” contra o próprio país dela, um encobrimento das suas reais simpatias.²⁰⁵ Ele não podia imaginar que a reação dela mostrava uma preocupação autêntica com o bem-estar do movimento teosófico. Ela escreveu para Sinnett: “Apesar de o governo inglês na Índia parecer-me ruim em alguns aspectos — devido ao seu caráter insensível — os russos seriam, no entanto, mil vezes piores.”²⁰⁶

Embora Hodgson levantasse a questão da motivação de HPB, ninguém parece ter questionado os motivos *dele* ao escrever um relatório que segundo a revista da S.P.P. (citando o dr. Harrison) estava “crivado de declarações tendenciosas, conjeturas consideradas como fatos ou fatos prováveis, testemunhos sem provas, dados por testemunhas anônimas,

provas selecionadas e *flagrantes falsidades*” [itálico de S. Cranston]. Todavia, de acordo com HPB, quando Hodgson veio pela primeira vez a Adyar ele parecia um “jovem excelente e honesto”,²⁰⁷ e podemos presumir que naquela época ele queria, sinceramente, descobrir os fatos por trás dos fenômenos produzidos na Índia. Poderia o seu motivo ser o mesmo que ele havia atribuído a HPB — a saber, o amor por um país? Há um ditado que afirma “vale tudo no amor e na guerra”. Há anos estava em andamento uma guerra fria entre a Rússia e a Inglaterra em torno do acesso às fronteiras da Índia. Hodgson admite que antes da “conversa com HPB”, em que “ele abriu os olhos”, ele não tinha “qualquer interesse nas manobras políticas da Ásia Central”. Mas agora ele estava certo de que HPB estava engajada num trabalho de espionagem para o czar, e, como uma espiã é uma pessoa perigosa, ela tinha que ser desmascarada.

Cooper-Oakley, que nessa época estava na Índia e compareceu a um jantar a que Hodgson estava presente, teria dito sobre ele: “Ele estava furioso, comportando-se como um louco. Ele fulminou HPB, insistindo que ela era uma espiã russa... capaz de qualquer crime.”²⁰⁸

Parece significativo que, na primeira apresentação pública, no início das suas investigações, Hodgson tenha apresentado a teoria da espionagem. Sendo um australiano, ele escolheu o *Melbourne Age* (12 de setembro de 1885) para a sua apresentação, intitulada: *Sociedade Teosófica, uma Intriga Russa ou um Movimento Religioso?* Foram apresentados motivos políticos russos que supostamente estavam por trás “do imenso e fraudulento sistema trabalhado pela sra. Blavatsky com a assistência dos Coulomb e de vários outros”.²⁰⁹

Olcott transmitiu as notícias a HPB que estava na Europa — e ela escreveu a Sinnett:

Ou esta acusação de ser uma espiã é oficial e legalmente desmentida —ou tenho que deixar tudo e dizer adeus a todos... Pois não poderei suportar isso mais tempo, sr. Sinnett; tudo tem um limite, e as minhas costas sofridas recusam-se a carregar qualquer fardo mais pesado. E você também sabe que na minha opinião um espião é cem vezes pior do que um ladrão... [Essa acusação] exila-me para sempre da Índia... e compromete todos os hindus — todos aqueles que são mais próximos e devotados a mim.²¹⁰

Isso foi escrito em novembro de 1885, justamente um mês antes do Relatório

Hodgson ter sido divulgado pela S.P.P. Em julho de 1886, ela escreveu para Olcott:

Quanto à minha volta para a Índia... Se você quiser que eu volte, terá, antes, de levar Hodgson a uma Corte de Justiça por ter[-me] acusado de ser uma espiã russa. A atitude que tomarei em relação às outras coisas (*Mahatmas* e fenômenos) é recusar qualquer discussão sobre esses temas. As acusações têm bases políticas e caluniosas e não base metafísica. Uma coisa nada tem a ver com a outra... Sinnett disse que há advogados prontos para estudarem o caso; meu caso é bom e certo. Eles estão todos atônitos por não apresentarmos uma ação contra Hodgson e a S.P.P. E os advogados dizem que não é necessário ir a Londres para isso. Eu posso dar uma procuração para me representarem. Mas se eu não fizer isso, no momento em que retornar à Índia haverá uma nova conspiração e escândalo.²¹¹

Olcott, ele próprio um advogado, raciocinou de outra forma, e nenhuma ação legal foi iniciada. Hoje, poucos acreditam que HPB tenha sido uma espiã. O importante agora é como os pontos de vista de Hodgson sobre o assunto podem ter determinado o tipo de relatório que ele escreveu.

Para fazer plena justiça a Hodgson, deve ser repetido que, quando ele chegou à Índia para começar a sua investigação na sede da S.T. em Adyar, sua atitude era amistosa, sem qualquer ceticismo ou suspeita. Seus amigos ingleses, que o conheceram antes da sua vinda para a Índia, diziam que ele carregava na sua maleta o livro *O Mundo Oculto*, de Sinnett, e falava entusiasticamente dos ensinamentos teosóficos.²¹²

Para encerrar essa discussão a respeito do Relatório Hodgson, cabe oferecer mais alguns trechos do artigo do dr. Vernon Harrison no Journal da S.P.P.:*6

Durante anos Hodgson tem sido apresentado como exemplo de um pesquisador psíquico perfeito, e seu modo de fazer um relatório como um modelo do que devia ser um relatório sobre psiquismo... Ao contrário, o Relatório Hodgson é um documento altamente tendencioso, perdendo todo o direito de representar a imparcialidade científica. Ele é o discurso de um Conselho Condenatório que não hesitou em selecionar evidências que se adaptavam à sua conclusão, ignorando e suprimindo tudo o que pudesse contradizer a sua tese. O Conselho de Defesa nunca foi ouvido. Eu não posso isentar o Comitê da S.P.P. do fato de haver publicado este relatório totalmente falho. Eles parecem ter apenas carimbado e aceitado automaticamente as opiniões de Hodgson; não foi feita nenhuma tentativa séria para examinar suas conclusões ou mesmo para ler criticamente o seu relatório. Se tivessem feito isso, seus erros de procedimento, suas inconsistências, seu raciocínio falso e tendencioso, sua hostilidade em

relação ao assunto tratado e seu desprezo pelos “nativos” e outras testemunhas teriam se tornado evidentes; e o caso deveria ter sido levado de volta para mais estudos...

É algo tremendamente assombroso como Hodgson foi capaz de enganar tão completamente não somente Netherclift e o sr. Sims do Museu Britânico, mas também homens e mulheres do calibre de Myers, Gurney e a sra. Sidgwick — para não falar de várias gerações de pesquisadores psíquicos desde a publicação do Relatório de 1885.

*¹ Dr. Harrison é um perito em grafia e falsificações, e durante dez anos foi o gerente de pesquisa de Thomas De La Rue, impressores de notas de dinheiro, passaportes, selos etc., para o governo britânico.

*² Alusão ao famoso romance do escritor norte-americano Mark Twain, *As Aventuras de Huckleberry Finn*. (Nota Ed. Bras.)

*³ Fenomenalmente: isto é, por meio de um fenômeno psíquico conhecido como materialização. (Nota Ed. Bras.)

*⁴ Durante suas atividades na sede da S.T., Coulomb estava sempre batendo um martelo para consertar alguma coisa, e os membros do Comitê não prestaram atenção nos ruídos que ouviam. Eles sabiam que uma goteira no teto tinha que ser eliminada.

*⁵ HPB aponta com ironia que quando os seus críticos referem-se às cartas dos Mahatmas como sendo falsificações, eles estão reconhecendo tacitamente o fato de que os Mestres existem, pois como poderia ela falsificar a caligrafia de seres inexistentes?

*⁶ Ver a obra de Vernon Harrison, *PhD*, intitulada: *H.P. Blavatsky e a Sociedade para Pesquisas Psíquicas*, Brasília: Ed. Teosófica, 2015. Este livro traz a história da análise criteriosa e imparcial sobre a autenticidade das *Cartas dos Mahatmas*, trazendo à luz da ciência o valor incontestado do trabalho da autora. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 13

A Despedida da Índia

Apesar das predições de que não ousaria retornar e enfrentar seus acusadores, HPB preparou-se para deixar Londres com destino à Índia. Numa entrevista publicada na *Pall Mall Gazette* (23 de outubro de 1884), ela disse: “Estou retornando à Índia para processar esses difamadores do meu caráter, esses fabricantes de cartas.” Para sua família na Rússia, ela escreveu:

Tudo mudou. Um vento hostil está soprando sobre nós. Que cura, e que saúde é possível para mim? Tenho que voltar rapidamente ao clima que é fatal para mim. É inevitável. Mesmo que eu precise pagar por isso com a minha vida, tenho que esclarecer esses esquemas e calúnias pois não é só a mim que fazem mal; eles abalam a confiança das pessoas no nosso trabalho e na Sociedade, para a qual eu dei toda minha alma. Portanto, como poderia preocupar-me pela minha vida?... Mais de mil pessoas levantaram-se em minha defesa. Não só cartas, mas telegramas custando milhares de rúpias foram enviados para o *Times* de Londres. Quanto à Índia, a guerra lá é mais que uma guerra de jornais. Cerca de duzentos estudantes indianos cancelaram suas matrículas na Universidade Cristã cujo jornal imprimiu essas maravilhosas cartas atribuídas a mim...

A sra. Novikov trouxe Mackenzie Wallace para ver-me; ele viveu na Rússia, escreveu um livro excelente sobre a Rússia e fala muito bem o russo. Ele está sendo enviado como secretário do vice-rei, *Lord Dufferin*. Ele me deu uma carta de apresentação para Nubar Pasha, do Cairo, solicitando que ele me auxilie a encontrar informações sobre os Coulomb.²¹³

Deve ser lembrado que foi no Cairo que HPB conheceu a sra. Coulomb. Nubar Pasha era um importante egiptologista e primeiro-ministro do Egito na época em que HPB o conheceu.

HPB começou a viagem para a Índia no dia trinta e um, via Alexandria, Port Said, Cairo e Ceilão [Sri Lanka]. Foi acompanhada pelos Cooper-Oakley e, em Port Said, juntou-se ao grupo o clérigo britânico Charles Leadbeater, que pretendia viver e trabalhar em Adyar. No Cairo, onde permaneceu por dez dias, Blavatsky foi acolhida majestosamente pela “nata da sociedade”.²¹⁴ Nubar Pasha e várias outras pessoas uniram-se à S.T., e o primeiro-ministro foi declarado Membro de Honra.²¹⁵ A sra. Isabel Cooper-

-Oakley contou mais tarde:

HPB foi uma companheira de viagem fascinante, pois sua informação variada sobre todas as partes do Egito era ao mesmo tempo extensa e extraordinária. Gostaria de ter espaço para entrar nos detalhes desse tempo passado no Cairo, os passeios através dos bazares exóticos e pitorescos, e sua descrição das pessoas e seus costumes. Especialmente interessante foi uma longa tarde passada no Museu Boulak, nas margens do Nilo, quando HPB assombrou com seu conhecimento o bem conhecido egiptólogo Maspero, e enquanto ele ia andando pelo Museu, ela apontava os graus dos reis Iniciados, e como eles eram conhecidos do ponto de vista esotérico.²¹⁶

Quanto à investigação dos Coulomb, HPB passou um cabograma para Olcott no dia 24 de novembro. “Sucesso completo. Foras-da-lei. Provas legais.” Uma carta mandada a seguir explicava as atividades fraudulentas deles.²¹⁷

A sra. Cooper-Oakley escreveu:

Ao deixar o Cairo, HPB foi diretamente para Suez. O sr. Oakley permaneceu no Cairo para obter os documentos da polícia acerca dos Coulomb; o sr. Leadbeater uniu-se a nós em Suez. Depois de esperarmos dois dias pelo navio a vapor, partimos para Madras. Eu raramente me envergonho dos meus compatriotas, mas confesso que tive razão para isso quando, durante aqueles quinze dias, os primeiros panfletos escritos pelos missionários circulavam a bordo do navio, e ouvia-se todo tipo de observação insultuosa a respeito de HPB.

As boas-vindas recebidas quando o navio aportou na Índia foram um contraste completo, continua ela: “Uma delegação, acompanhada por uma banda de instrumentos de sopro, veio a bordo em botes para encontrar-nos... Ao desembarcarmos no cais, havia centenas de pessoas à espera de HPB, e nós fomos literalmente rebocados por membros entusiasmados numa carruagem decorada com papéis, rosas etc., e fomos, então, rodeados por uma multidão de sorridentes faces escuras.”²¹⁸

Eles foram conduzidos até o *Pacheappah's Hall*, onde foi entregue uma carta a HPB assinada por trezentos estudantes da Universidade de Madras, inclusive da Universidade Cristã, que tinha publicado as acusações dos Coulomb. Em parte dela se lê:

Você dedicou a sua vida ao trabalho altruísta de disseminar as verdades da Filosofia Oculta. Você jogou uma enxurrada de luz sobre os mistérios sagrados da nossa velha Religião e Filosofia, apresentando ao mundo a sua maravilhosa obra *Ísis Sem Véu*. Pela sua obra, o nosso querido coronel foi levado a empreender esse gigantesco trabalho de Amor — a revivificação das chamas quase mortas da religião e espiritualidade nos altares de *Aryavarta*.^{*1 219}

Olcott recorda:

Ela me pressionava constantemente para que a levasse até um juiz, ou um advogado, não importava qual, para fazer seu depoimento e, assim, iniciar nossa ação, mas eu claramente recusei. Contei-lhe que dentro de poucos dias a Convenção iria se reunir, e que o nosso principal dever era colocar o caso diante dos delegados, formar um comitê especial com os nossos melhores advogados e deixar que eles decidissem os passos a serem tomados; que ela e eu tínhamos unido de tal maneira as nossas personalidades à Sociedade que não deveríamos nos mover até saber os desejos dos nossos colegas. Ela ficou aborrecida, enfureceu-se e insistiu. Mas não alterei minha posição, e quando ela ameaçou ir à luta sozinha para limpar “as manchas do seu caráter”, eu disse que, neste caso, renunciaria ao meu cargo e deixaria que a Convenção decidisse entre nós: eu conhecia muito sobre prática legal para fazer algo tão tolo. Ela então cedeu.²²⁰

Na Convenção foi formado um comitê especial com quatorze advogados da Sociedade, juízes e políticos para determinar o curso a seguir. O relatório deles para a Convenção dizia: “A sra. Blavatsky não deve acionar os seus difamadores numa Corte de Justiça.”²²¹ Na discussão que se seguiu, os primeiros argumentos oferecidos para a inação foram: primeiro que, ao longo do curso de um julgamento, o ridículo poderia recair sobre os nomes sagrados dos Mestres²²² e, segundo, que a validade de um fenômeno oculto não poderia ser provada num tribunal. O relatório do Comitê foi recebido com aplausos. Olcott acrescenta que na apresentação de HPB na noite seguinte, diante de uma audiência de mil e quinhentas pessoas que compareceram à comemoração do nono aniversário da Sociedade, ela foi aplaudida repetidamente, e cada alusão a ela nos discursos dos diversos oradores provocava um grande entusiasmo.²²³

Entretanto, HPB estava longe de sentir-se entusiasmada com a decisão de não iniciar um processo contra os Coulomb. A sua visita ao Cairo com esse propósito tinha sido em vão. Ela temia que, na opinião do mundo, a sua recusa em processar fosse interpretada dali em diante como uma confissão de culpa e que isso tivesse reflexos sobre a S.T. como um todo.

No final de janeiro de 1885, HPB adoeceu tão seriamente que Olcott, que havia ido para Burma, foi chamado de volta. A sra. Cooper-Oakley conta:

Durante aquelas três semanas em que cuidei dela, passei horas e dias de muita ansiedade à medida que ela piorava cada vez mais até que entrou em estado de coma, e os médicos disseram que não havia mais esperança. Isso prova quão maravilhosa era a influência protetora de HPB, doente ou saudável; pois, embora eu estivesse completamente sozinha com ela, perto

do teto da casa... noite após noite eu peregrinava para cá e para lá no terraço para obter um pouco de ar fresco entre as 3 e 4 horas da madrugada e admirar o nascer do sol sobre a Baía de Bengala, e me sentia completamente sem receio, embora ela estivesse a um passo da morte; eu não podia sequer imaginar qualquer sensação de medo estando perto de HPB. Finalmente veio a noite crítica em que os médicos declararam que nada mais podia ser feito. Ela estava em estado de coma há muitas horas. Os médicos disseram que iria morrer naquela condição, e eu sabia que, humanamente falando, aquela noite poderia ser a última. [O marido de Isabel Oakley já havia ido até Madras para obter a permissão para a cremação do corpo.]²²⁴

Não posso contar aqui o que aconteceu, uma experiência que nunca poderei esquecer; mas por volta das 8 horas da manhã, HPB subitamente abriu os olhos e pediu a sua refeição matinal. Em dois dias era a primeira vez que ela falava normalmente. Fui procurar o médico, cujo espanto diante de uma mudança tão surpreendente foi muito grande. HPB disse: “Ah! doutor, você não acredita nos nossos grandes Mestres.”²²⁵

A experiência que a sra. Cooper-Oakley absteve-se de mencionar foi testemunhada por outros. Durante a noite,

no recinto externo estavam sentados, sussurrando, os dois Cooper-Oakley, Damodar Mavalankar, Bawaji D. Nath e o dr. Franz Hartmann, esperando algum chamado de HPB. Subitamente apareceu na varanda, completamente materializado, o Mestre M.; ele passou rapidamente através do recinto para dentro do quarto de HPB. Enquanto isso, os que estavam no recinto externo se afastaram... Quando HPB recuperou-se, ela contou aos seus amigos mais íntimos como o seu Mestre chegara e dera-lhe duas opções — a primeira seria morrer em paz, com o fim do seu martírio, e a segunda, viver mais alguns anos para [escrever] *A Doutrina Secreta*...²²⁶

Um século mais tarde, discutindo a decisão dos delegados da Convenção de 1885 da S.T., o dr. Harrison observou que ele não podia isentá-los de falha “ao não permitirem à sua fundadora uma defesa justa, pois pareciam estar preocupados somente em salvar as suas próprias reputações. Fosse ou não uma impostora, HPB tinha o direito de ser ouvida honestamente. Ela nunca conseguiu isso. Se ela tivesse tido o apoio legal e técnico que pediu, tanto Hodgson como a Sociedade para Pesquisa Psíquica enfrentariam problemas terríveis”, e os Coulomb também.²²⁷

Em 21 de março de 1885, HPB enviou a seguinte carta para o Conselho Geral da Sociedade Teosófica:

Senhores,

A renúncia ao meu cargo na S.T., que entreguei no dia 27 de setembro de 1884, e que retirei devido ao rogo e à solicitação insistente de amigos da Sociedade, preciso renovar agora, incondicionalmente. Minha doença atual é considerada mortal pelos médicos que me assistem; não me resta mesmo mais do que um ano de vida. Sob tais circunstâncias seria uma ironia pretender cumprir o dever de secretária correspondente; e preciso insistir em que deixem que

me afaste. Desejo dedicar os dias que me restam a outros pensamentos e estar livre para buscar uma mudança de clima que, penso, me faria bem.

Eu deixo a todos e a cada um de vocês, e a todos os meus amigos e simpatizantes, minha despedida afetuosa. Se essas forem as minhas últimas palavras, imploraria a todos vocês que deem atenção ao bem-estar da humanidade e ao seu próprio *karma*, que sejam verdadeiros com a Sociedade e não permitam que ela seja destruída pelo inimigo. Fraternal e cordialmente, na vida ou na morte,

H.P. Blavatsky²²⁸

Quando a renúncia foi publicada em *The Theosophist*, abaixo estava o atestado dado pela sua médica:

Certifico por meio deste que a sra. Blavatsky está absolutamente sem condições de suportar a agitação e os aborrecimentos a que está exposta em Madras. A condição do seu coração exige uma quietude perfeita e um clima adequado. Recomendo, portanto, que ela vá imediatamente para a Europa e permaneça num local de clima temperado, em algum lugar silencioso.

Mary Sharlieb, Médica e Licenciada em Ciências, Londres.

A decisão de deixar Adyar não foi tomada por HPB. Na verdade, foi tomada sob protesto, pois ela não aceitava abandonar voluntariamente o trabalho da Teosofia na Índia. A decisão veio daqueles que estavam preocupados com a sua saúde, bem como de outros que tinham perdido a fé na missão dela e consideravam a sua presença contínua em Adyar um estorvo.²²⁹

Uma das principais causas disso era o próprio Hodgson. Além da sua obrigação de investigador da S.P.P., ele procurava instilar nas mentes dos teósofos que encontrava, em todos os locais onde ia, que havia provado que “tudo era uma fraude” no que dizia respeito a HPB.²³⁰ Ele deve ter sido uma pessoa muito persuasiva, pois, antes que tivesse deixado a Índia no final de março de 1885, havia convencido até mesmo os dirigentes em Adyar a retirar duas das publicações da S.T. sobre o caso Coulomb que defendiam HPB. Ele mesmo relatou essa vitória.²³¹

Em trinta e um de março, HPB deixou a Índia para nunca mais voltar. Ela partiu para Nápoles, acompanhada por Mary Flynn, o *chela* hindu Bawaji e o dr. Hartmann.

Em junho, Olcott escreveu para a srta. Arundale em Londres:

Foi iniciado aqui [em Adyar] um levantamento de dinheiro para pagamento das despesas com a doença de HPB (mais de 70 libras esterlinas), e para a sua recente mudança de residência, incluindo verba para a sua subsistência até que ela receba o que deve vir de Moscou pelo seu

trabalho literário. Mas com os seus dedos atacados pela gota, o seu coração fraco e a taxa elevada de albumina, duvido que ela seja capaz de produzir muita coisa de agora em diante. Temos que considerá-la nossa protegida, e ver se ela está sendo tratada com carinho. Pobre mulher — após dedicar-se tão duramente ao trabalho, ela não merecia ser afastada dessa maneira do seu lar, talvez para morrer com um estigma de desgraça sobre o seu nome brilhante!²³²

O Relatório Hodgson foi publicado somente no final de 1885. As consequências foram surpreendentes, como registra o dr. Hartmann na sua autobiografia. O escândalo “fez com que a existência da S.T. e dos ensinamentos teosóficos fossem conhecidos em todo mundo; conseqüentemente, milhares de pessoas procuraram e leram os livros da sra. Blavatsky e ficaram familiarizados com as suas visões, enquanto que se isso não ocorresse, teriam ficado ignorantes desses ensinamentos durante todas as suas vidas”.²³³ Especialmente nos Estados Unidos, o movimento ganhou uma vida nova.²³⁴ Somente quatro meses após a publicação das conclusões de Hodgson, saiu em Nova Iorque o primeiro número da revista *Path* de W. Q. Judge. O mesmo aconteceu em Londres, onde a revista de HPB, denominada *Lucifer*, começou a ser publicada. Nos últimos anos, Francesca Arundale observava: “...nos primeiros tempos, quando os eventos desfavoráveis, um após outro, pareciam ameaçar a própria existência do movimento, nós exclamávamos ‘isso certamente será a morte da Sociedade Teosófica’, mas temos observado desde então que como uma fênix, ela ressurgiu de todos os seus sofrimentos para uma nova vida, e torna-se mais forte com os golpes a que tem que resistir.”²³⁵ Essas observações foram confirmadas por estatísticas no artigo de Blavatsky, de 1890, *O Progresso Recente em Teosofia* publicado em *North American Review*. Ela escreveu:

Para evitarmos a prolixidade, podemos começar com o ano de 1884, quando foi feito contra nós o ataque da Sociedade para Pesquisa Psíquica de Londres. No relatório oficial daquele ano consta que no dia 31 de dezembro de 1884 existiam, em todas as partes do mundo, 104 lojas credenciadas da Sociedade Teosófica. No ano de 1885, como resposta aos nossos caluniadores, mais dezessete lojas foram criadas; em 1886, mais quinze; em 1887, vinte e duas; em 1888, vinte e uma... Até junho de 1890, encontramos nos nossos registros oficiais mais de 200 lojas... E se nenhuma conspiração e nenhum ataque pôde até agora sacudir seriamente a Sociedade nem impedir seu movimento, nada mais o fará. Cabe-nos apenas repetir, agradecidos, parafraseando um pouco o adágio cristão agora tão aplicável ao nosso movimento: “O sangue dos mártires é a semente da Teosofia.” Esta Sociedade fez um trabalho muito bom, e os grãos de boa qualidade são demasiado visíveis no meio das pilhas da palha que foi admitida, para que não esteja concluído agora um alicerce seguro do templo da verdade, tanto no futuro imediato como no futuro distante.²³⁶

Entretanto, nada disso parecia claro quando HPB despediu-se da Índia em 1885, e o ano seguinte estava destinado a ser um período de provações terríveis para ela do ponto de vista pessoal.

*1 *Aryavarta* é o nome antigo da Índia.

PARTE 6

Os Horizontes Abrem-se no Ocidente

CAPÍTULO 1

O Primeiro Ano no Continente

Ao deixar a Índia com destino a Nápoles, em março de 1885, HPB não tinha planos definidos sobre onde se estabelecer permanentemente. Indiferente a lugares, sua constante preocupação era escrever *A Doutrina Secreta*. Mesmo doente, trabalhou a bordo do navio no manuscrito do livro. O dr. Hartmann, que a acompanhou na viagem junto com Mary Flinn e Bawaji, afirma que “frequentemente eram encontradas pela manhã, em sua mesa, pilhas de folhas com notas” referentes ao livro, antes que ela iniciasse o trabalho.¹

Após a chegada a Nápoles em vinte e três de abril, os viajantes deslocaram-se para as proximidades de Torre del Greco e hospedaram-se no Hotel do Vesúvio, que tinha esse nome em função da famosa montanha que se eleva à distância. Perto dali estão as ruínas de Pompéia, uma vítima trágica da erupção do vulcão na época romana.

Os três meses passados na Itália foram difíceis. Na pressa para afastar HPB da Índia, muitos objetos necessários a ela foram deixados para trás, inclusive os seus preciosos óculos. Ela sofria ataques frequentes de reumatismo devido à umidade, e as condições para escrever eram difíceis. Por isso ela decidiu mudar-se para Würzburg, no norte da Bavária. HPB escreveu para Sinnett:

Eu não quero estar em nenhum dos grandes centros da Europa, mas preciso ter um quarto aquecido e seco, mesmo que esteja frio lá fora... Gosto de Würzburg. É próximo de Heidelberg e Nuremberg, e de todos os centros em que um dos Mestres [K.H.] viveu, e foi Ele que aconselhou ao meu Mestre que me enviasse para lá.² Felizmente recebi da Rússia alguns milhares de francos [pelos seus escritos], e alguns amigos enviaram-me contribuições de 500 ou 400 rúpias da Índia... Pretendo alugar um conjunto agradável de salas, e feliz será o dia em que você estiver junto ao meu samovar...³

Durante a viagem, HPB passou uma semana em Roma e outra com Solovyov e a sra. Morsier em Cergues, na Suíça. Em meados de agosto, ela chegou a Würzburg, acompanhada somente por Bawaji, pois o dr.

Hartmann e a srta. Flynn haviam deixado o grupo antes. Logo a seguir ela escreveu de novo a Sinnett:

Quanto a mim, estou decidida a permanecer quieta. Posso fazer muito mais permanecendo na sombra do que tornando-me outra vez proeminente no nosso movimento. Vou-me esconder em locais desconhecidos e escrever, escrever, escrever, e ensinar a quem quiser aprender. Já que o Mestre forçou-me a viver, que agora eu viva e morra em relativa paz. É evidente que Ele quer que eu ainda trabalhe pela S.T., já que não me permite fazer um contrato com Katkov — o que colocaria, anualmente, pelo menos 40.000 francos no meu bolso — se eu escrevesse exclusivamente para o seu jornal. Ele não permitiu que eu assinasse tal contrato no último ano em Paris, quando foi-me proposto, e não aceita que eu o faça agora porque — diz Ele — meu tempo “terá que ser ocupado de outra maneira”.⁴

Apesar do desejo de HPB de ter sossego, as notícias sobre onde ela estava logo se espalharam. Em agosto, Solovyov e sua cunhada vieram vê-la durante várias semanas. Em setembro, Francesca Arundale e Mohini visitaram-na, e a tia de HPB, Nadya, também a visitou nessa ocasião. Foram seguidos pelo dr. Hartmann, professor Sellin, Arthur Gebhard e vários outros.

O presidente da Sociedade na Alemanha, dr. William Hübbe-Schleiden, fez cinco visitas. Simpático e sempre jovial, ele era um hóspede bem-vindo onde quer que fosse. Hübbe-Schleiden era um erudito e escritor que havia estudado Direito e Economia Política quando jovem e viajara bastante em explorações geográficas. Tinha sido adido no consulado-geral alemão em Londres. Em 1886 ele fundou uma revista metafísica, *The Sphinx*, que editou durante vinte e dois anos.⁵

Vários anos depois das suas visitas a HPB, perguntaram a Hübbe-Schleiden a respeito de suas observações sobre o modo pelo qual HPB havia escrito *A Doutrina Secreta*. Aqui está parte do que ele escreveu:

Quando a visitei em outubro de 1885... ela não tinha quase nenhum livro, talvez meia dúzia de volumes... Eu a vi escrevendo frases como se estivesse copiando de algo colocado diante dela, onde, no entanto, eu não podia ver nada...

Vi boa quantidade da bem conhecida caligrafia, em cor azul, de K.H. nas correções e anotações dos manuscritos dela, bem como nos livros que estavam ocasionalmente na sua mesa de trabalho. E eu notava isso principalmente de manhã, antes que ela começasse a trabalhar. Eu dormia num divã no escritório dela, depois que ela havia-se retirado à noite. O divã ficava muito perto da mesa de trabalho. Lembro-me bem do meu assombro, certa manhã, quando me levantei e encontrei muitas páginas escritas em papel almaço, com aquela letra escrita com lápis azul no manuscrito dela, sobre a escrivinha. Não sei como essas páginas tinham ido até lá, mas eu não as havia visto antes de ir dormir, e nenhuma pessoa tinha estado fisicamente no quarto durante a noite, pois tenho o sono leve.

Devo dizer, no entanto, que o meu ponto de vista de então é o mesmo de hoje. Nunca julguei e nunca julgarei o valor ou a origem de qualquer produção mental a partir da forma e da maneira como foi feita. E por essa razão abstenho-me de dar minha opinião, mas penso e digo: “Esperarei até que *A Doutrina Secreta* seja terminada e possa lê-la tranquilamente. Esse será o meu teste, o único que terá valor.”⁶

Hübbe-Schleiden também menciona ter estado presente quando HPB estava escrevendo o seu artigo *Os Animais têm Almas?* publicado em três partes em *The Theosophist* (janeiro, fevereiro e março de 1886).⁷ Embora durante séculos a Igreja Católica tenha afirmado e ensinado que os animais não têm almas, Blavatsky revela que São Paulo e os Antigos Padres da Igreja afirmavam o contrário. Esse não é um mero debate teológico. Quando a Igreja passou posteriormente a negar a vida e a imortalidade da alma nas criaturas inferiores, os cristãos não tiveram mais escrúpulos em fazer os animais trabalharem em excesso nas fazendas, caçá-los por esporte, ou apanhá-los em armadilhas para fazer deles adornos de mulheres. Na sociedade tecnológica em que vivemos hoje em dia, as galinhas são confinadas desumanamente como máquinas colocadoras de ovos, enquanto outros animais são sujeitos a torturas terríveis e mortes cruéis nos laboratórios. Em 31 de dezembro de 1979, *New York Times Magazine* revelou que a quantidade anual de experimentos com animais nos Estados Unidos era de 64 milhões, incluindo 400.000 cachorros, 200.000 gatos e milhares de cavalos e pôneis.

AV, o jornal da Sociedade Americana Contra a Vivissecção, publicou em outubro de 1982 o trabalho escrito por HPB cem anos antes, *Os Animais têm Almas?* Havia um artigo do dr. Liam Brophy, um erudito que residia em Dublin e era um colaborador frequente do jornal citado. A respeito da monografia de HPB, ele diz:

[Este é] um dos pronunciamentos mais eruditos e convincentes sobre o tema dos espíritos animais publicados até hoje, [abrangendo] desde Bíblia e os Padres da Igreja até os Livros Sagrados do Oriente, a filosofia Escolástica e a literatura moderna... Helena Blavatsky prova que as mais altas autoridades cristãs, como São Paulo e São José Crisóstomo, também acreditavam na ressurreição das almas dos animais... Ela cita inúmeros textos de São Paulo como prova de que o apóstolo, falando aos gentios, acreditava num pós-vida para os animais e sustentava que o homem e o animal são iguais na Terra em relação ao sofrimento (“toda criação geme”) durante o seu esforço de evolução em direção à meta... Pode ser surpreendente para alguns o fato de que aquela grande teósofa provou que o Papa Benedito XIV acreditava nos milagres da ressurreição específica dos animais, e considerava-a tão autêntica quanto a ressurreição do Cristo.

Essa escritora teve ocasião de usar a citação acima num livro anterior, do qual foi enviado a Brophy um exemplar de cortesia. Em sua resposta (datada de 25 de fevereiro de 1985), Brophy observa:

Estou convencido de que o longo e erudito artigo de H.P. Blavatsky foi inspirado do além. Ele mostra um conhecimento da filosofia escolástica estupendo e quase impossível para alguém que levou uma vida tão ativa e cheia de peregrinações como ela.

Quanto ao movimento contra a vivissecção, os teósofos desempenharam nele um papel influente durante anos. Um deles foi *lord* Hugh Dowding, o famoso marechal do ar, que chefiou a batalha da Bretanha na Segunda Guerra Mundial e que ajudou a salvar a Inglaterra da invasão nazista. Ele levou adiante a luta pelos direitos dos animais mesmo na Casa dos *Lords*, onde, em 18 de julho de 1957, ele fez uma palestra muito divulgada sobre o tema *Experiências Dolorosas em Animais*. Na sua conclusão ele aplicou a filosofia teosófica da reencarnação:

Acredito firmemente que as experiências dolorosas com animais são moralmente erradas, e que é basicamente imoral fazer o mal para alcançar o bem, mesmo que ficasse provado que a humanidade se beneficia do sofrimento imposto aos animais... Não posso deixar de lado este assunto sem fazer uma referência ao seu aspecto esotérico — o lugar do reino animal no esquema geral das coisas, a responsabilidade dos homens em relação aos animais e os resultados da incapacidade humana de assumir a sua responsabilidade... Toda vida é UNA, e todas as manifestações dela com que entramos em contato estão subindo pela escada da evolução. Os animais são os nossos irmãos e irmãs menores e também estão na escada, alguns poucos degraus abaixo de nós. Uma parte importante das nossas responsabilidades consiste em auxiliá-los na sua ascensão, e em não retardar seu desenvolvimento explorando cruelmente o seu desamparo.

O Fundo Lord Dowding para Pesquisa Sem Crueldade concedeu 400.000 dólares a dezenas de cientistas para que investigassem métodos alternativos de experimentação que não necessitassem do sacrifício de vidas animais.⁸

A esposa de *lord* Dowding, *lady* Muriel, também teósofa, fundou um movimento de grande expansão social chamado *Beauty Without Cruelty* (*Beleza Sem Crueldade*) com o objetivo de eliminar experiências com animais para testar cosméticos e tornar ilegal a captura de animais por armadilhas — uma experiência torturante que causa mortes lentas e dolorosas. Na sua autobiografia, *Beauty — Not the Beast*, *lady* Muriel fala do seu trabalho.⁹

O artigo de Liam Brophy no jornal *AV* conclui com este trecho selecionado do texto *Os Animais têm Almas?*, de HPB: “Quando o mundo estiver convencido de que os animais são criaturas tão eternas como nós, a vivissecção e outras atrocidades que diariamente são impostas a essas pobres criaturas [cessarão, pois os governos serão forçados a] proibir essas práticas bárbaras e vergonhosas.”

A situação de HPB em Würzburg não estava satisfatória. Embora Louise tomasse conta da casa, Bawaji tinha pouca experiência em responder à correspondência, atender às necessidades dos visitantes, prover assistência médica e atuar em inúmeros detalhes como seriam naturalmente as funções de um secretário pessoal. Ao escrever *A Doutrina Secreta*, era indispensável estar livre de distrações.

Foi nessas condições que entrou em cena a condessa Constance Wachtmeister. A condessa descendia de uma antiga família francesa. O seu pai era o marquês de Bourbel. Em 1863 ela casara com um primo, o conde Carl Wachtmeister, que, na época, morava em Londres na condição de representante sueco e norueguês na Corte britânica. Mais tarde, ele se tornou ministro das relações exteriores, e o rei da Suécia deu à sua esposa o título de “Senhora da Terra”. Após a morte do seu marido, em 1871, a condessa pesquisou sobre o espiritismo, mas considerou-o insatisfatório. Depois de ler *Ísis Sem Véu* em 1880, uniu-se à Sociedade Teosófica em Londres, onde encontrou HPB em 1884, por ocasião de uma viagem inesperada dela, vinda de Paris.¹⁰ Em Enghien, HPB contou a ela “muitas coisas que eu pensava que só eu sabia, e terminou dizendo que em um prazo de dois anos eu iria dedicar a minha vida completamente à Teosofia. Nessa ocasião eu tinha razões para considerar isso impossível...”¹¹

Nas páginas que se seguem, a história do relacionamento da condessa com HPB foi extraída do seu livro *Reminiscências de H.P. Blavatsky e de A Doutrina Secreta*, publicado em 1893.

Quando deixou a Suécia no outono de 1885, a condessa não tinha nenhuma intenção de visitar Blavatsky em Würzburg. O seu destino era a

Itália, onde pretendia passar o inverno com alguns amigos. Na rota para a Itália, a condessa fez uma visita aos Gebhard em Elberfeld. A sra. Gebhard pediu-lhe que atrasasse sua viagem à Itália e visitasse HPB, pois tinha recebido uma carta onde ela falava das condições difíceis em que vivia. A condessa escreveu oferecendo-se para passar um mês com “a velha senhora”, como os íntimos a chamavam. Blavatsky, polidamente, recusou, dizendo que não possuía um quarto para a visitante e que estava ocupada em escrever *A Doutrina Secreta*. Quando a condessa estava se preparando para deixar Elberfeld, com uma carruagem esperando-a na porta, chegou o seguinte telegrama: “Venha a Würzburg já, espero-a imediatamente. Blavatsky.” Na chegada da condessa, HPB disse: “Tenho que lhe pedir desculpas por ter-me comportado tão estranhamente... pois tenho somente um dormitório e pensei que, como a senhora é uma pessoa tão fina, não aceitaria compartilhá-lo comigo... mas depois de colocar a carta no correio, o Mestre falou comigo e disse que eu devia pedir a você que viesse imediatamente.”

A condessa abandonou as suas férias e passou a dormir no único dormitório de HPB, dividido por uma cortina de grande tamanho para manter a privacidade. Assim começou um relacionamento que continuaria por muitos anos e, com exceção de uma ou duas viagens de negócios da condessa, as duas viveram na mesma casa até a morte de Blavatsky.

A condessa descreve as circunstâncias nas quais *A Doutrina Secreta* foi escrita:

A circunstância que mais chamou minha atenção e despertou meu assombro, quando comecei a auxiliar a sra. Blavatsky como sua secretária e obtive alguns vislumbres do seu trabalho em *A Doutrina Secreta*, foi o tamanho reduzido da sua biblioteca itinerante. Os seus manuscritos estavam plenos de referências, trechos e citações de uma grande quantidade de obras raras sobre os mais diversos assuntos...

Pouco depois da minha chegada a Würzburg, ela me perguntou se conhecia alguém que pudesse ir para ela até a Biblioteca [de Oxford]. Eu sabia de alguém a quem podia fazer este pedido, e um amigo meu verificou uma passagem que HPB havia visto na luz astral, confirmando que o título do livro, o capítulo, a página e números estavam anotados corretamente.

Certa ocasião ela pediu-me uma tarefa muito difícil, a de verificar uma passagem tirada de um manuscrito no Vaticano. Como um conhecido meu tinha um membro da família no Vaticano, consegui, com alguma dificuldade, verificar a passagem. Duas palavras estavam erradas, mas todo o restante estava correto e, algo bastante estranho, disseram-me que essas duas palavras estavam bastante borradas e por isso era difícil decifrá-las. Esses são apenas alguns dos poucos exemplos escolhidos entre muitos. Quando HPB desejava alguma informação definida sobre

um assunto importante no seu trabalho, essa informação certamente chegava até ela de uma maneira ou de outra, seja através de uma mensagem ou recado de um amigo à distância, ou em um jornal ou uma revista, ou enquanto lia casualmente algum livro. E isso acontecia com tal frequência e em momentos tão apropriados que não cabe considerá-los mera coincidência. Mas, sempre que possível, ela usava os meios normais e não os extraordinários para não empregar os seus poderes desnecessariamente.¹²

À medida que os dias passavam e os visitantes sucediam-se, a condessa descobriu que “para cada um, ela era diferente”, explicando:

Eu nunca a vi tratar duas pessoas da mesma forma. As fraquezas no caráter de cada pessoa eram conhecidas por ela imediatamente, e a maneira extraordinária como ela testava essas pessoas era algo surpreendente. Aqueles que viviam em contato diário com ela adquiriam gradualmente o conhecimento de si mesmos, e aqueles que decidiam aproveitar a maneira prática como ela ensinava conseguiam fazer progressos. Mas, para muitos dos seus pupilos, o progresso era algo incômodo, pois nunca é agradável ficar frente a frente com a sua própria fraqueza. Assim, muitos se afastavam dela, mas aqueles que conseguiam passar pelo teste e permaneciam fiéis a ela percebiam dentro de si aquele desenvolvimento interno que leva ao ocultismo.

Em relação a como esse método operou em seu próprio caso, Wachtmeister revelou:

Ao aproximar-me dela eu era uma mulher do mundo, e havia sido como uma criança mimada pelo destino. Devido ao cargo político ocupado pelo meu marido, eu tinha um lugar de destaque na sociedade. Por isso foi necessário um longo tempo para compreender como eram vazios os objetivos que eu tinha visto até aquele momento como os mais desejáveis na vida, e foram necessários muito treinamento e muitas batalhas duras comigo mesma antes que pudesse vencer a satisfação egoísta criada inevitavelmente por uma vida cômoda, cheia de facilidades, e uma alta posição social. Isso tudo tinha que ser “jogado fora”, como dizia a própria HPB.¹³

Nos últimos dias de dezembro de 1885, quando fazia apenas um mês que a condessa estava vivendo com Blavatsky, foi publicado o Relatório Hodgson. O professor Sellin trouxe uma cópia a HPB na véspera do Ano Novo.¹⁴ Já era esperado um relatório desfavorável, mas o que chegou era devastador; duzentas páginas de “provas” de fenômenos fraudulentos de HPB. “Vá embora antes que você fique maculada pela minha vergonha”, disse ela à condessa. “Você não pode ficar aqui com esta mulher arruinada... que será apontada por toda parte como vigarista e impostora.”¹⁵

“Há uma coisa que me consola”, escreveu HPB a um teósofo nos Estados Unidos, “toda a carga está caindo sobre mim, e os Mestres são

considerados *mitos* fabricados. Muito melhor assim. Os seus nomes já foram profanados demais e por muito tempo”.¹⁶

No dia 6 de janeiro de 1886, poucos dias depois de HPB receber o relatório, chegou uma carta de Hübbe-Schleiden. Ele estava muito confuso com as alegações de Hodgson de que certas expressões usadas por K.H. em suas cartas eram usadas também nas cartas de Blavatsky, o que sugeria que ela fosse a autora daquelas cartas. Estranhamente — segundo ela escreveu a Sinnett no mesmo dia — exatamente na noite anterior ela havia revivido num sonho uma cena dos tempos passados no Tibete, quando K.H. ensinava-lhe inglês diariamente. Quando chegou a carta do respeitável doutor chegou naquela manhã, a finalidade do sonho tornou-se clara. Era natural que algumas das suas expressões fossem como as de K.H.; ele as havia ensinado a ela!¹⁷

Logo em seguida Hübbe-Schleiden visitou HPB em Würzburg. Depois da visita, ao sair, ele ficou assombrado ao encontrar as seguintes declarações precipitadas na sua cópia do relatório de Hodgson:

Caso isto possa ser de alguma utilidade ao dr. Hübbe-Schleiden — embora eu duvide disso — eu, o humildemente abaixo-assinado faquir, certifico que *A Doutrina Secreta* é ditada a *Upasika* [HPB] em parte por mim mesmo & em parte por meu Irmão K.H.

M

Imagino se esta minha nota merece ou não ocupar um lugar de destaque entre os documentos reproduzidos [por Hodgson], e com qual das peculiaridades do estilo blavatsquiano de escrever¹⁸ ela se parecerá mais. Esta nota pretende apenas demonstrar ao dr. que “quanto mais provas são dadas, menos elas merecem crédito”. Que ele aceite o meu conselho e não torne públicos esses dois documentos. É para sua informação pessoal que o abaixo-assinado tem o prazer de afirmar que quando *A Doutrina Secreta* estiver pronta, será a tríplice produção de M, de Upasika, e do mais humilde servidor do doutor,^{*1}

K.H.¹⁹

Seis anos mais tarde, essas declarações foram publicadas na revista *The Path* (abril de 1893).

Depois da divulgação do Relatório Hodgson, lembra Wachtmeister:

Parecia que a Sociedade tinha recebido um golpe fatal. A cada dia chegavam novas renúncias de membros que até então haviam parecido luzes brilhantes na Sociedade, ou cartas cheias de insultos de homens e mulheres que até aquele momento tinham usado a máscara da amizade. O restante dos membros da S. T. estava mais ou menos paralisado, e todos queriam manter-se quietos e fora de vista, para que a lama não fosse arremessada neles. Mas umas poucas estrelas brilhantes reluziam através das trevas, joias de amigos que mantinham uma atitude firme e

verdadeira apesar de tudo, e foram, certamente, as suas manifestações de simpatia e amor que mantiveram HPB viva.²⁰

Uma delas foi esta carta de 5 de fevereiro de William Q. Judge, de Nova Iorque, para HPB, a respeito do relatório da S.P.P.:

Então eles fizeram um informe sobre você. Você é um cadáver. Você está esmagada, você é apenas uma fabricante de *Mahatmas*. Mas eles também a elogiam, pois você permanecerá sempre como a chefe, a mais interessante, a maior, a mais maravilhosa e hábil impostora e organizadora de grandes movimentos que jamais apareceu em qualquer época, seja para trazer bênção ou maldição. Cagliostro não teve uma honra como essa! Bem, você merece honrarias; eu só teria preferido que elas não viessem acompanhadas por mentiras tão vis e tanto lixo que colocaram sobre você...

Eu terei escrito, antes de você receber esta, uma carta para o *Boston Index*, que reimprimiu o relatório. Você deve ter observado que Hodgson deixou-me de lado. E, no entanto, sou um fator importante. Eu estava lá. Examinei tudo, tive tudo sob controle, e digo que não havia qualquer abertura por trás do santuário. E quanto às cartas de , você sabe que tenho muitas que vieram até mim com uma escrita semelhante à minha. Como eles explicarão isso? Será que iludi a mim mesmo? E assim por diante.

Você pode contar comigo neste ponto para toda ajuda que considerar necessária. Você lembra que eu estava com você em Enghien no dia em que aconteceu um dos fenômenos. Eles não investigaram aquela época em que eu recebia cartas do carteiro com mensagens dentro delas...

Mas as pessoas aqui não estão perturbadas com esse relatório. Elas veem que a verdade perpassa todo nosso movimento e não são influenciáveis por relatórios e autoridades como em outros lugares... [Em] Boston e Cincinnati há um interesse grande e crescente. Eles me veem de volta da Índia ainda acreditando e desmentindo aquilo que eles chamam de “imposturas”.²¹

Na carta seguinte, de 18 de fevereiro, enviada pela condessa para Sinnett, anexando a carta de Judge, torna-se evidente o quanto era raro, nessa época, HPB receber tal voto de confiança:

Esta manhã o correio trouxe algumas cartas desagradáveis como de costume, mas, o Céu seja louvado, pelo menos posso enviar-lhe uma carta realmente boa, que fez bem ao coração da Velha Senhora, após todo o lixo e as pedras que têm sido jogadas nela recentemente. O sr. Judge tem dez anos de experiência com os fenômenos dela e, no entanto, não grita “FRAUDE!” como Bawaji. A sra. B. quer que você leia esta carta para ele e Mohini.²²

Os dois, Bawaji e Mohini, viviam em Londres durante esse período, e estavam entre aqueles que se voltaram contra HPB.

Wachtmeister registra que “não é de admirar que o trabalho em *A Doutrina Secreta* tenha tido uma parada durante esses dias tempestuosos”, e que, quando finalmente ele foi recommçado, o desapego e a tranquilidade mental necessários eram difíceis de alcançar. Ela continua:

HPB disse para mim certa noite: “Você não pode imaginar o que é sentir tantos pensamentos e energias hostis dirigidas contra si; é como ser perfurada por milhares de agulhas, e tenho que construir continuamente uma parede de proteção em torno de mim.” Perguntei a ela se sabia de onde vinham esses pensamentos de inimizade; ela respondeu: “Sim, infelizmente, eu sei, e estou sempre tentando fechar os meus olhos para não ver e não saber”; e, para provar que esse era o caso, ela me citava passagens de cartas que tinham sido escritas, as quais chegavam, de fato, um ou dois dias depois, e eu era capaz de verificar a exatidão das frases citadas.

Certo dia, durante essa época, ao entrar no quarto em que HPB escrevia, encontrei o chão coberto de folhas manuscritas descartadas. Perguntei a ela o significado daquela confusão, e ela replicou: “Sim, eu tentei escrever corretamente esta página doze vezes, e, a cada vez, o Mestre diz que está errada. Penso que vou enlouquecer escrevendo isso tantas vezes, mas deixe-me só; não quero parar até que a tenha feito corretamente, mesmo que tenha que trabalhar a noite toda.”

Eu trouxe uma xícara de café para reanimá-la e apoiá-la, e depois deixei-a prosseguir na sua tarefa desgastante. Uma hora mais tarde ouvi sua voz me chamando, e, ao entrar, constatei que, para sua satisfação, finalmente, a passagem estava completa. Mas o trabalho havia sido terrível, e os resultados nessa época eram, muitas vezes, pequenos e incertos.

Enquanto ela se recostava, apreciando seu cigarro com uma sensação de alívio depois daquele esforço tão árduo, eu me apoiei no braço da sua poltrona e perguntei por que ela cometia tantos erros ao tentar escrever o que lhe estava sendo dado. Ela disse: “Bem, veja, o que faço é o seguinte: produzo algo que só poderia descrever como uma espécie de vácuo no ar diante de mim, e fixo a minha visão e minha vontade nele, e cena após cena passa diante de mim, como retratos sucessivos projetados num diorama ou, se necessito de uma informação de algum livro, concentro a mente com força, a contraparte do livro aparece, e retiro dele aquilo que necessito. Quanto mais completamente a minha mente estiver livre de distrações e sofrimentos, mais energia e mais precisão ela tem, e mais facilmente eu posso fazer a tarefa. Mas hoje, após todas as humilhações que sofri por causa da carta de X, eu não conseguia concentrar-me adequadamente, e cada vez que tentava transcrever as citações elas saíam erradas. O Mestre diz que agora estão certas, e, sendo assim, vamos tomar um pouco de chá.”²³

O chá servido às sete horas marcava o fim de um dia de trabalho. Após isso, recorda a condessa:

Nós passávamos noites agradáveis juntas. Sentada confortavelmente na sua grande poltrona, HPB costumava arrumar suas cartas para um jogo de paciência, para descansar a sua mente, como ela dizia. Parecia que o processo mecânico de colocar as cartas na mesa permitia à sua mente libertar-se da pressão do trabalho concentrado ao longo do dia. Ela nunca gostava de falar em Teosofia à noite. A tensão mental durante o dia era tão severa que ela precisava acima de tudo repousar, e, por isso, eu conseguia o maior número de jornais e revistas que podia, e deles eu lia artigos e passagens que pensava iriam alegrá-la ou interessá-la. Às nove da noite ela ia para a cama, espalhava seus jornais russos ao seu redor e lia-os até tarde da noite.²⁴

É difícil descrever HPB nesses momentos de descontração, pois seus fotografos revelaram apenas o lado sério do seu temperamento.²⁵ Frequentemente, nesses momentos, revela a condessa, “uma natureza

infantil e brilhante parecia envolvê-la e um alegre espírito de brincadeira parecia cintilar nas suas feições e produzia a expressão mais fascinante que já vi em um rosto humano”.²⁶ As fotos tampouco mostram o aspecto do seu caráter que foi descrito por Walter Old:

Ela conversava de modo adorável e seu jeito espontâneo era extremamente atraente. Na verdade, ouvi dizer que a mulher mais bela da Inglaterra pareceria uma flor desbotada, pintada na parede, na presença desta personalidade notável... Quando ria, abria sua boca e seus olhos amplamente, com o abandono de uma criança. Eu nunca vi uma mulher de idade madura rir com a naturalidade de uma criança como ela.²⁷

*1 Mais humilde servidor” — essa era uma maneira usual de terminar as cartas na linguagem do século dezenove. (Nota Ed. Bras.)



1. Helena Andreyevna Fadayev von Hahn,
mãe de HPB (1814-1842).



2. HPB, quando jovem (Sociedade
Teosófica, Arquivos de Pasadena)



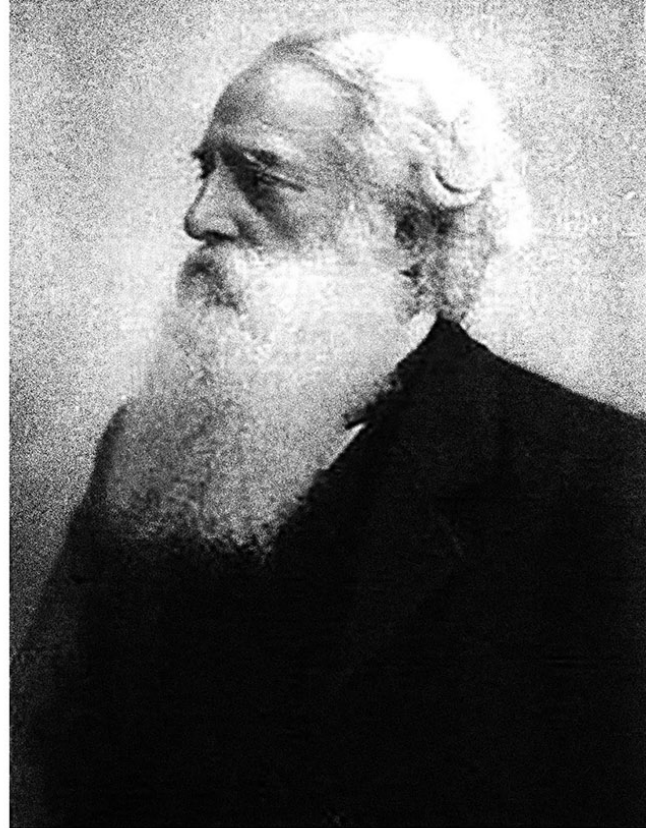
3. Nadyezhda (Nadya) Fadayev,
tia de HPB (1829-1919).



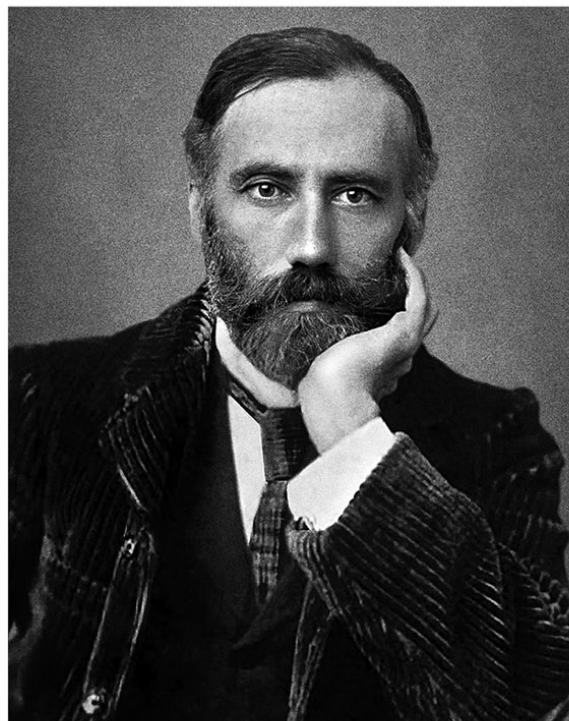
4. Vera Petrovna de Zhelihovsky,
irmã de HPB (1835-1896). (Sociedade
Teosófica, Arquivos de Pasadena)



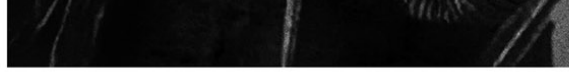
5. Fotografia de HPB com dedicatória para o professor Hiram Corson, da Universidade Cornell, por volta de 1875.



6. Henry Steel Olcott, presidente-fundador da Sociedade Teosófica (1832-1907).



7. William Quan Judge, co-fundador da Sociedade Teosófica (1851-1906)



teosofica (1891-1896).
(Sociedade Teosófica,
Arquivos de Pasadena)



8. William Quond Judge, 1884, Ceilão (Sri Lanka). A fotografia, tirada no mesmo ano em que Soloyov conheceu Judge, nega a descrição sobre ele. August Lindstrom, um escultor, que nunca o havia visto, fez a seguinte observação, ao preparar a máscara mortuária de Judge: "Esta é a notável combinação que descobri: uma tremenda força de vontade com uma gentileza igualmente grande; um espírito totalmente prático e adaptável ao lado de uma natureza altamente idealista, e um intelecto gigantesco junto com altruísmo e modéstia."

(*Letters That Have Helped Me*, Theosophy Company, pp. 299-300. Fotografia doada pela sra. Alice Judge, esposa de William Q. Judge, para Eloise Ives, Loja Unida de Teósofos, cidade de Nova Iorque)

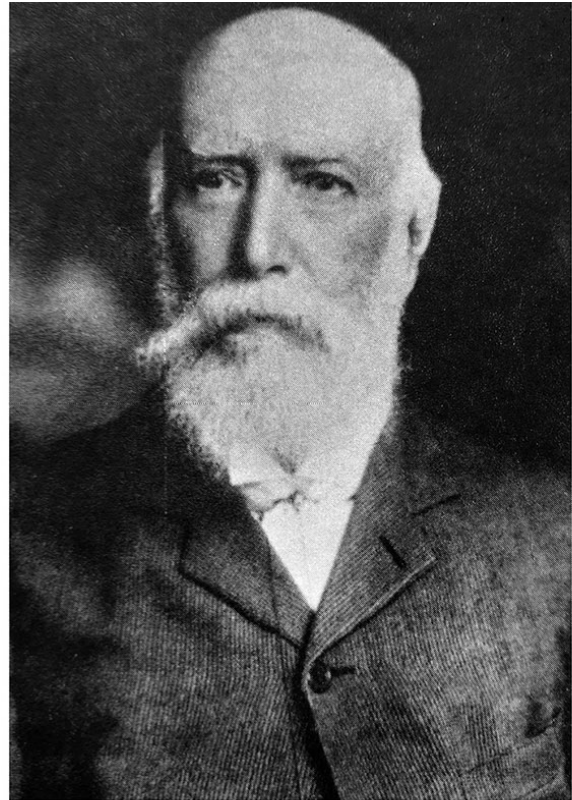




9. HPB durante a viagem de Nova
Iorque para a Índia, 1878.



10. Patience Sinnett (? -1908)



11. Alfred Percy Sinnett (1840-1921)





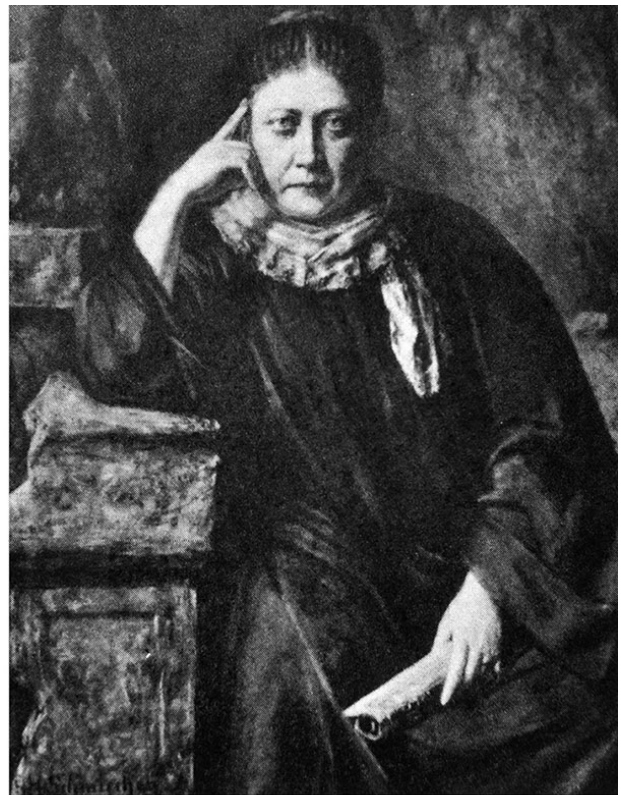
12. Damodar K. Mavalankar (1857-?)



13. Senhora Blavtasky, no Ceilão
(Sri Lanka), 1880. (Sociedade
Teosófica, Arquivos de Adyar)



14. Anagarika H. Dharmapala, missionário Budista (1864-1933). (Sociedade Teosófica, Wheaton, Arquivos de Illinois)



15. Retrato de HPB feito por Hermann Schmiechen, 1885. (A.P. Sinnett, *Incidents in the life of Madame Blavatsky*)



16. Cordelia Conant



16. Condessa Constance
Wachtmeister (1839-1910).



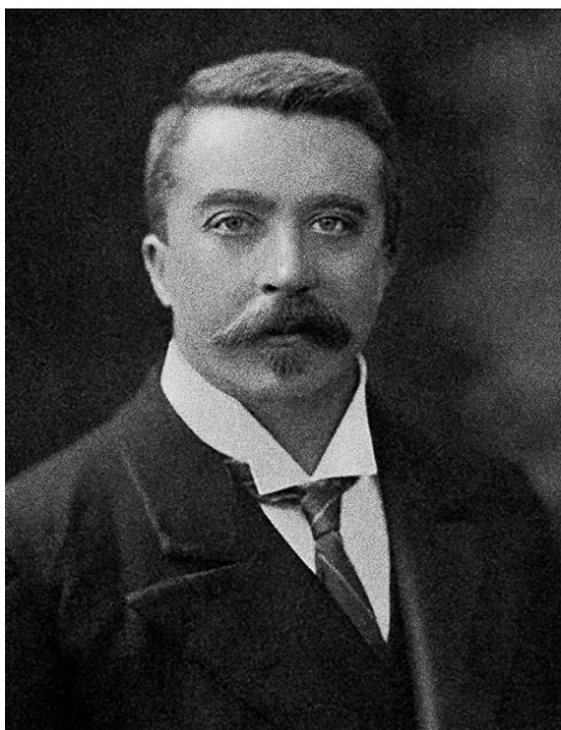
17. HPB em "Maycot", Upper Norwood,
Londres, Inglaterra, 1887.



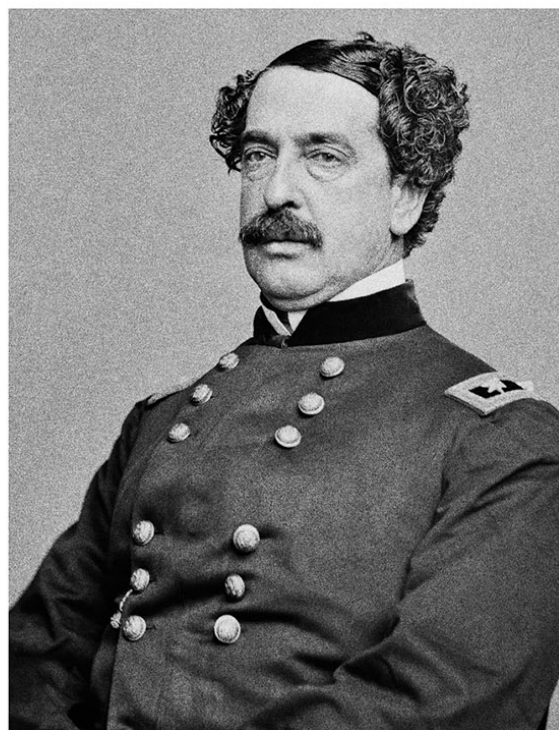
18. Dra. Anna Bonus Kingsford (1846-1888).
(Edward Maitland, Anna Kingsford –
Her Life, Letters, Diary And Work)



19. Archibald Keightley (1859-1930).
(Sociedade Teosófica, Arquivos
de Pasadena)



20. Bertram Keightley (1860-1945)



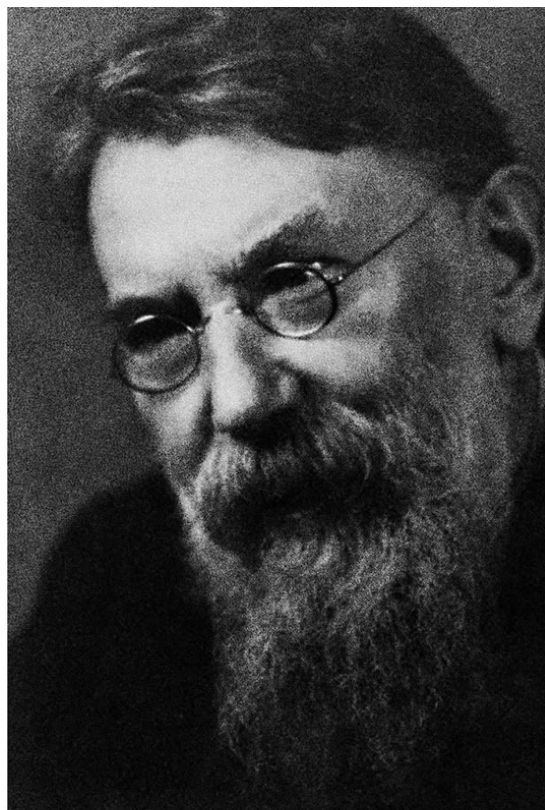
21. General Abner Doubleday

20. Bertrand Russell (1872-1970).
(The Theosophist, setembro de 1909)

21. General Alfred Dreyfus,
(1819-1893).



22. William Butler Yeats (1865-1939).
(Fotografia tirada por Beresford,
por volta de 1905)



23. Æ, pseudônimo de George
William Russel (1867-1935)

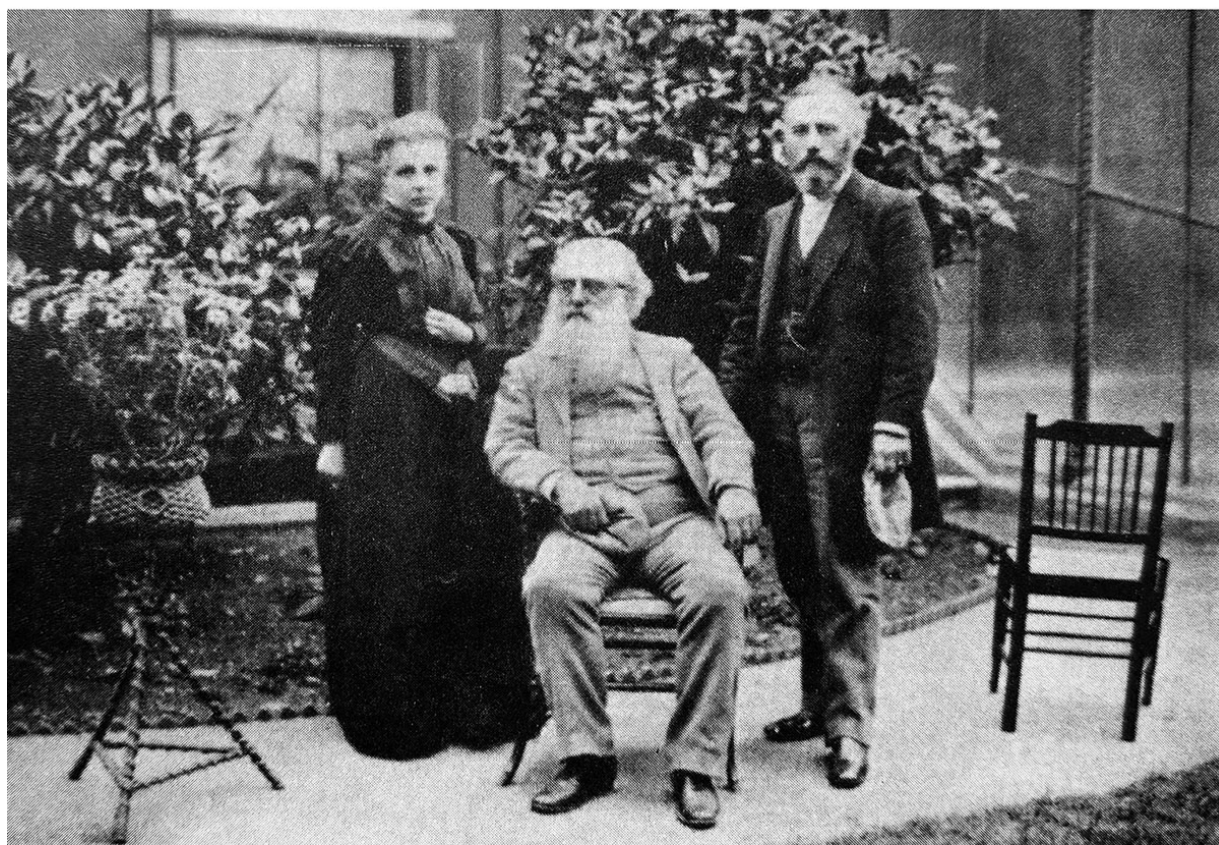


24. Annie Besant (1847-1933). (Sociedade Teosófica, Wheaton, Arquivos de Illinois)

25. Isabel Cooper-Oakley (1854-1914).
(*The Path*, julho de 1894, p. 122)



26. HPB em seu carrinho, na Avenue Road, 19, Londres, Inglaterra.



27. Besant, Olcott e Judge no jardim da sede da S.T., em Londres,
Inglaterra (H.S. Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 4, p. 412)



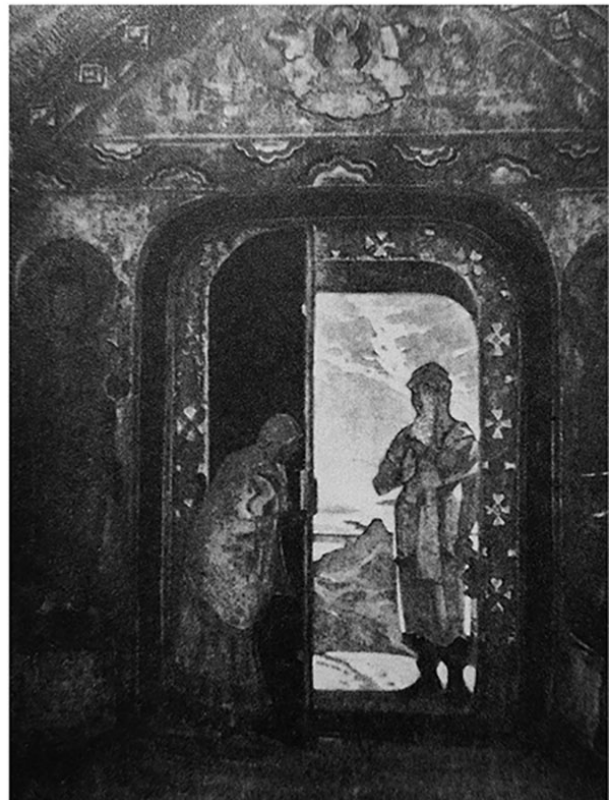
28. A famosa foto "esfinge", feita por Resta em 1889.
(Sociedade Teosófica, Arquivos de Pasadena)



29. O "Ninho do Corvo", Bombaim, Índia.
(Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Índia).



30. Residência de HPB e sede da S.T.:
Lansdowne Road, 17, Londres, Inglaterra;
fotografia tirada em 1957.



31. "O Mensageiro", quadro pintado em 1931 por Nicholas
Roerich. Descrição: A pessoa que abre a porta representa
a "Humanidade", enquanto que o visitante na soleira é
Helena Petrovna Blavatsky. HPB veste roupas azuis tendo

atrás de si um majestoso céu azul-púrpura e um horizonte dourado. As montanhas e o solo cobertos de neve refletem a cor do céu. (A obra faz parte da coleção de propriedade particular da Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai, Índia.)

CAPÍTULO 2

“O lago da Teosofia”

A história de Würzburg não estará completa se não abordarmos mais detalhes sobre a visita de Solovyov em agosto e setembro de 1885 e a causa da sua entrada em cena naquele momento.

Ele conheceu Blavatsky na primavera de 1884 em Paris. Algumas semanas mais tarde ela escrevia para um conhecido:

Você recebeu visita de um cavalheiro que lhe era desconhecido, mas muito conhecido na Rússia. Ele é meu amigo e meu colega na Teosofia. Seu nome é Vsevolod Sergueyevich Solovyov e é autor de muitos romances históricos. Ele é um autêntico teósofo — não apenas um membro da Sociedade Teosófica. E eu vejo uma grande diferença entre os dois.²⁸

No entanto, dois anos mais tarde, numa carta dirigida a Sinnett (em 3 de março de 1886), HPB referiu-se a ele como o “lago da Teosofia” — numa referência, é claro, ao patife shakespeariano cujas mentiras levaram Otelo a estrangular a sua bela e casta esposa, Desdemona, e também levou à loucura todos que, naquele drama, ofereciam resistência às suas ambições.

A versão de Solovyov da sua relação com HPB foi registrada pela primeira vez numa série de artigos publicados em *Russky Vvestnik*, em 1892, e publicada em livro no ano seguinte. Em 1895, uma tradução inglesa feita por Walter Leaf foi publicada em Londres com o título *A Modern Priestess of Isis (Uma Sacerdotisa Moderna de Ísis)*, em nome da Sociedade para Pesquisa Psíquica.²⁹ Como a tradução foi, desde então, considerada pelos críticos de HPB como uma das principais fontes de informação sobre a sua vida, os biógrafos de HPB são obrigados a investigar sua validade.

O professor Sidgwick explica, numa nota introdutória, por que a S.P.P. patrocinou o livro. Inicialmente, diz ele, só certas partes relativas à pesquisa psíquica deviam ser impressas nos Anais da Sociedade, mas, ele continua:

Numa avaliação posterior pareceu-nos claramente proveitoso, se possível, que a maior parte da interessante narrativa do sr. Solovyov fosse colocada à disposição dos leitores ingleses. Para os

leitores ingleses que estivessem interessados em saber algo mais sobre a sra. Blavatsky, não seria interessante ver mais provas de que ela era uma charlatã — uma questão já julgada e decidida — mas, sim, algumas explicações sobre o sucesso extraordinário da sua impostura; e a vívida descrição feita pelo sr. Solovyov das qualidades combinadas da sua natureza feminina — sua habilidade sutil e audácia impulsiva, seu vigor intelectual e vitalidade elástica, sua bondade autêntica, afetividade e, (em certas ocasiões) uma ternura persuasiva — eram elementos importantes e exigiam explicações que só um compatriota dela poderia fornecer. Não tenho condições de dizer se é provável que a Sociedade Teosófica dure muito. Mas mesmo que ela se extinguísse no próximo ano, os seus vinte anos de existência seriam um fenômeno de algum interesse para um historiador da sociedade europeia no século dezenove. E não há outro livro escrito que jogue tanta luz na sua origem do que *A Modern Priestess of Isis*.

Embora Sidgwick acreditasse que a história de Solovyov fosse particularmente valiosa por que procedia de um compatriota de HPB, será interessante mostrar também a opinião de dois colegas russos sobre o livro e o principal assunto dele, Helena Blavatsky.

O primeiro é o famoso matemático P. D. Ouspensky, o destacado discípulo de Gurdjieff. Citaremos trechos do livro de *Ouspensky The Fourth Dimension (A Quarta Dimensão)*, publicado na Rússia em 1918:

As várias “denúncias” contra Blavatsky até agora impressas lembram a história dos pardais que, reunidos em torno de uvas pintadas em uma parede, gritam que foram enganados pois as uvas não são comestíveis, e que tudo é uma fraude etc. O livro de Vsevolod Solovyov *A Modern Priestess of Isis*, que tem sido para muitas pessoas a única fonte de informação sobre Blavatsky, está cheio de malevolência mesquinha e não consiste em nada mais que narrativas no estilo policial, com descrições de espionagem, intromissões indevidas, interrogatório de criados, em resumo, de detalhes triviais infundáveis que o leitor não pode verificar. E, enquanto isso, o autor não diz uma só palavra sobre o que é *o mais importante*: os livros de Blavatsky, sua vida e suas ideias.

H.P. Blavatsky foi uma personalidade notável, alguém que só um grande artista poderia descrever em toda sua plenitude e complexidade... Quanto ao movimento teosófico, seus aspectos positivos são muito importantes. Ele uniu e trouxe à luz muitos estudos que antes estavam separados e fragmentados. Mostra às pessoas um caminho para fora do beco sem saída do materialismo. Introduz palavras e conceitos novos que abrem nossas mentes para questões eternas, como os mistérios da morte, o enigma da existência, e nos mantêm conscientes deles, não permitindo que os esqueçamos. Ele incentiva o homem a viver no Eterno e a não ficar satisfeito com o que é temporal... Essas são percepções intuitivas, que não podem ser negadas.³⁰

O segundo russo a ser levado em conta é Victor Bourenine, um famoso materialista e cético dos anos 1890. Suas críticas aos artigos de Solovyov no *Russky Vjestnik*, de onde o que se segue foi retirado, apareceram publicadas no *Novoye Vremya (Novos Tempos)* de São Petersburgo, em 30 de dezembro de 1892:

Há dois Solovyov na moderna literatura russa, o sr. Vladinzir Solovyov, conhecido como o “filósofo”, e o sr. Vsevolod Solovyov, conhecido como “o irmão do filósofo”. As palavras “o irmão do filósofo” sugerem por si mesmas o fato de que o sr. Vsevolod Solovyov não tem um nome literário próprio ou, pelo menos, que seu nome não significa nada em particular. No entanto, esse romancista trabalhou o mesmo número de anos que seu irmão, o filósofo, isto é, se não estou enganado, durante cerca de vinte anos — e, além disso, ele trabalhou muito intensamente. O sr. Vsevolod Solovyov, como se sabe, publicou muitos romances históricos, onde retratou os costumes e a vida russa de todas as épocas...

Já a força literária da falecida sra. Blavatsky não se situa entre os talentos comuns, o que se prova com seus artigos escritos com o pseudônimo de Radda Bai, publicados no *Russian Herald* sob a editoria de Katkov; artigos que, na minha opinião, são centenas de vezes mais interessantes e talentosos do que os romances semi-históricos de Vsevolod Solovyov e todos os seus escritos fantásticos e não fantásticos.*¹

É possível que eu esteja errado, mas, enquanto lia as revelações de Solovyov [em *A Modern Priestess*], cheguei muitas vezes à mesma conclusão: ou o sr. Vsevolod Solovyov não é bem exato nas suas narrativas sobre o seu relacionamento com a sra. Blavatsky, distorcendo um tanto os fatos, e “simpatizando com pequenas mentiras” em geral, para usar a expressão de uma certa comédia, ou, durante o seu conhecimento com a sacerdotisa de Ísis — eu desejaria encontrar uma expressão refinada —, a sua saúde não estava bem como devia. Que o leitor julgue por si mesmo.

Depois seguem-se trechos de cartas escritas por Solovyov para Blavatsky, que ele esqueceu que havia escrito, mas que demonstram claramente que sua história é fabricada. Bourenine disse que ele obteve cópias dessas cartas de uma parente de HPB. Esta parente era sua irmã, Vera Zhelihovsky, e as cartas foram publicadas por ela mais tarde numa resposta às acusações de Solovyov.

Agora voltamos ao livro *A Modern Priestess of Isis*. Se Solovyov esperava escrever um trabalho que ficasse na história como um retrato exato de seu relacionamento com HPB e os teósofos, dificilmente poderia ter escolhido um começo mais infeliz.

Ele diz ter chegado a Paris em maio de 1884, numa época em que estava envolvido, entre outras coisas, com misticismo e literatura oculta. Ele lembrava as narrativas interessantes de Radda Bai (HPB) no *Rusky Vjestnik* e perguntava-se se poderia conhecê-la na Índia, onde ela tinha ido morar. Mas justamente neste momento, segundo a sua narrativa, um amigo seu mostrou-lhe uma comunicação no *Le Matin* anunciando que Blavatsky chegara, vinda de Nice uns poucos dias antes, e que havia ido morar na *Rue Notre-Dame-de-Champs*, para onde muitas pessoas estavam indo com intenção de visitar a celebridade. Solovyov relembra várias vezes aos seus

leitores que isso era, na verdade, uma propaganda feita por Blavatsky para chamar atenção para sua presença em Paris e que isso jamais ocorreu, pois quando ele a visitou não encontrou multidões batendo à sua porta.³¹

A maior parte dos fatos relatados por Solovyov são ficção. Primeiro, não é verdade que HPB chegara a Paris poucos dias antes, pois ela tinha vindo havia cinco semanas. Segundo, ela não tinha necessidade de pagar anúncios: a edição de primeiro de abril do jornal *Le Rappel* trazia uma reportagem de três colunas a respeito dos teósofos, seguido pelo *Le Temps* no dia dois e pelo *Le Matin* no dia vinte e um. O repórter Gil Blis entrevistou HPB em seis de maio e, no dia onze de maio, o correspondente em Paris do *London World* cobriu uma *conversazione* realizada pela duquesa de Pomar.³² HPB não recebia bem toda essa atenção; ela viera à Europa devido ao conselho urgente da sua médica de obter um repouso absolutamente indispensável.

Solovyov afirma que o apartamento que HPB alugou na *Rue Notre-Dame-de-Champs* estava situado num bairro decadente e que a casa tinha um aspecto pouco apresentável. No entanto, aquela moradia foi oferecida graciosamente pela duquesa de Pomar e era destinada a abrigar seus hóspedes importantes durante sua estadia em Paris e dificilmente poderia corresponder a essa descrição.

No topo de uma “escadaria escura, escura”, Solovyov encontrou uma figura suja com um turbante oriental, que o conduziu a uma “salinha pequena e escura”. Era Babula, o criado de HPB. Solovyov, mais tarde, descreve essa figura suja com o “rosto horroroso de um velhaco” do “mais consumado patife; um relance no seu rosto era o bastante para convencer alguém disso”.³³ O fato é que a duquesa de Pomar deliciava-se em circular com Babula ao lado do seu cocheiro quando se deslocava por Paris. Em Enghien, a condessa d’Adhémar recrutava-o para servir os hóspedes em sua sala de visitas, enquanto Francesca Arundale, ao escrever sobre a estadia de HPB em sua casa, em Londres, alguns meses depois, menciona: “Há também um membro muito importante do contingente indiano, de nome Babula, criado de HPB; com seu turbante pitoresco e roupa branca, ele criava uma pequena sensação em *Crescent*; e, à tarde, quando o chá era servido, o samovar russo de HPB resplandecia na mesa, e Babula servia

xícaras de chá e bolos doces aos visitantes, a nossa era, certamente, uma casa suburbana sem igual em Londres.”³⁴

Deve ser lembrado que Judge estava, nessa época, morando com Blavatsky em Paris, antes de partir para a Índia. A crítica literária Beatrice Hastings, autora de *Solovyov's Fraud* (*A Fraude de Solovyov*), achou estranho que Solovyov não fizesse nenhuma menção a ele.³⁵ Acontece que o fez, mas Walter Leaf achou melhor omiti-la da sua tradução.

Solovyov relata que, certo dia, enquanto estava visitando HPB, “soou a campainha na porta e um cavalheiro entrou — entretanto não havia nada de gentil nele. Um homem de meia-idade, com cabelo vermelho, vestido pobremente, com uma aparência rude e um rosto feio e repulsivo — ele produziu em mim uma impressão desagradável”.³⁶ Após HPB havê-lo apresentado como sendo o sr. Judge, ela perguntou a Solovyov, em particular, o que achara dele. “Não gostaria de estar sozinho com ele num local deserto”, replicou. Ele colocou, depois, essas palavras na boca de HPB:

“Ele era o maior patife e vigarista; na sua consciência pesava, provavelmente, mais de um crime sério e, apesar disso, a partir do momento em que se tornou teósofo, ele sofreu uma mudança completa; agora ele é um santo.”

“Mas por que ele tem um rosto tão repulsivo?” teria perguntado Solovyov.

“É bastante compreensível; toda sua vida deixou marcas em suas feições. O rosto é um espelho da alma, e isso não é apenas uma frase, mas uma realidade, e naturalmente ele necessita de muito tempo para eliminar das suas feições essa praga!”

Poderia HPB ter dito alguma dessas frases propositadamente? Temos que lembrar que Judge tinha somente vinte e quatro anos quando se tornou teósofo. Ele viera da Irlanda aos quatorze anos. Tinha trabalhado duro como caixeiro, estudado Direito e fora admitido no tribunal com a idade de vinte e um anos. Agora ele tinha trinta e três.³⁶ Há um retrato dele tirado em Sri Lanka em 1884 — no mesmo ano que Solovyov escrevia sobre esses acontecimentos (veja nas páginas centrais a fotografia de número 8).

Judge não tinha cabelo ruivo, mas, pela fotografia, ele estava prematuramente grisalho. O arquiteto norte-americano Claude Bragdon, em sua obra *Episodes from an Unwritten History* (*Episódios de uma História Não-Escrita*), menciona a “presença envolvente” desse “belo irlandês-americano”, e o bem conhecido autor irlandês George Russell (cujo pseudônimo era Æ), numa carta para Carrie Rea, fala de Judge como “a [pessoa] mais sábia e doce que jamais encontrei... Tenho mais reverência por ele do que [por] qualquer outro ser humano que conheço.”³⁷

Tendo em vista a descrição de Judge e de outros personagens no livro de Solovyov, pode-se apreciar uma carta conjunta escrita por Vera Johnston (sobrinha de HPB) e por seu marido Charles, impressa no *Pall Mall Gazette* (em 18 de fevereiro de 1895), quando a S.P.P. patrocinou pela primeira vez a publicação do livro de Solovyov. Eles observam que Solovyov havia escrito muitos *romances* na Rússia, mas o único traduzido para o inglês tinha sido *A Modern Priestess of Isis*. O professor Sidgwick estava certo; ele era realmente divertido!

Foi em Paris que Solovyov conheceu a irmã de HPB, Vera, e um relacionamento íntimo perdurou entre eles durante vários anos. Numerosas cartas foram trocadas. Solovyov, aparentemente, tinha esquecido esses sete ou oito anos de troca de correspondência quando escreveu *A Modern Priestess of Isis*. Vera guardou todas as cartas dele e também algumas que ele havia escrito para HPB, e que esta havia entregue para Vera. Além disso, após a morte de Blavatsky, Vera recebeu dos Arquivos de Adyar mais cartas de Solovyov para HPB. Quando os artigos dele sobre a sua irmã foram publicados em 1892, no *Russky Vvestnik*, Vera escreveu uma longa resposta. Ninguém quis publicá-la, embora ela fosse uma escritora muito conhecida. Por isso ela mesma a publicou num pequeno livro sob o título *H.P. Blavatsky and a Modern Priestess of Truth* (*H.P. Blavatsky e uma Sacerdotisa Moderna da Verdade*).

Quando os artigos de Solovyov foram publicados em forma de livro, ele já não podia ignorar o livreto de Vera. Assim, incluiu trechos dele no Apêndice A e no Apêndice B, acrescentando a sua resposta. Entretanto algumas das cartas mais comprometedoras que ele escreveu para HPB não foram incluídas. Isso se tornou evidente quando Cathy Young traduziu para

o inglês o livreto de Vera. A tradução cobre 110 páginas datilografadas, e isso não é tudo, porque há outros materiais dos parentes de HPB a respeito.

Para que se tenha um conhecimento básico essencial, é necessário lembrar rapidamente os sentimentos alegados por Solovyov a respeito da Teosofia e de HPB. Ele declara logo no início do seu livro que era prudente em relação às credenciais dela. Quando ela falava do seu Mestre, ele diz que “imediatamente sentia algo, uma espécie de falsidade intangível”. Embora fascinado pelos seus olhos maravilhosos “eu estava completamente insatisfeito”. Quando, logo depois, ele se uniu à Sociedade Teosófica, sua “‘iniciação’ pareceu ser uma piada de mau gosto, que provocou uma espécie de sentimento de vergonha e mesmo de repugnância... Eu só tinha vontade de sair para uma atmosfera mais pura”.³⁸

Essa atitude alegada deveria ser comparada com as cartas de Solovyov para HPB e Vera e também com a correspondência de HPB com vários grupos envolvidos.

“Não faz muito tempo que vim para Londres”, HPB escreveu para Nadya, “mas já recebi duas cartas lamentáveis de Solovyov. A única coisa que ele me pede é que cuide dele e não o esqueça. Ele me disse que nunca amou tanto alguém fora da sua família como ele ama esta pobre velha”.³⁹

Após ter lido a tradução francesa de *Ísis*, Solovyov escreveu para Vera (7 de julho de 1884): “Li a segunda parte de *Ísis Sem Véu* e agora estou convencido que é um verdadeiro prodígio.” Vera declara que ele dizia frequentemente a ela que parecia desnecessário falar de outros “milagres” de sua irmã além deste que ela tinha realizado ao escrever o livro.⁴⁰

Solovyov passou uma semana em Elberfeld. Após seu retorno a Paris, ele recebeu uma longa carta de Blavatsky e no final dela, estava materializada uma nota de K.H. com “seu costumeiro lápis azul”. Ambas são citadas em *A Modern Priestess*. Nos comentários que se seguem, temos o romancista no seu melhor tom dramático:

Eu estava tão irritado pelo “pós-escrito astral” de Koot Hoomi que num primeiro momento eu estava inclinado a pedir imediatamente à sra. Blavatsky que esquecesse tudo sobre a minha existência. Mas eu teria me arrependido se seguisse esse meu primeiro impulso; pois naquele mesmo dia, na casa da sra. Morsier, encontrei os teósofos franceses mais convincentes e honestos; e eles, apesar de a fraude ser tão óbvia, admitiram que o pós-escrito era um trabalho autêntico, não das mãos da “Senhora”, mas sim de Koot Hoomi.

Esta cegueira absoluta da parte de pessoas que eram perfeitamente racionais em tudo, exceto com relação à impecabilidade da “Senhora”, forçou-me, finalmente, a aderir ao meu plano

original. Acontecesse o que acontecesse, eu recolheria provas de todas estas fraudes que fossem suficientes não só para mim, mas para todos esses crédulos cegos. Eu não daria mais oportunidades à simpatia e à piedade involuntárias que, apesar de tudo, ainda me atraíam para Helena Petrovna. Eu me ocuparia em primeiro lugar da sra. Blavatsky, a ladra de almas, que estava tentando roubar também a minha alma. Ela estava me enganando sob o véu da amizade e da devoção pessoais; ela estava tentando enredar-me e explorar-me, e assim minhas mãos ficavam livres.⁴¹

Como é frágil a memória humana! Aqui está o começo de uma carta de Solovyov para HPB em resposta à sua carta e ao pós-escrito de K.H.:

Cara Helena Petrovna,

Acabo de receber a sua carta. Acredite ou não, nem a própria carta nem mesmo o pós-escrito de K.H. me surpreenderam. Eu irei causar uma sensação com ela por meio da sra. Morsier...

Quando HPB recebeu as primeiras novidades do escândalo Coulomb durante sua estada em Elberfeld e decidiu retornar imediatamente à Índia, Solovyov escreveu a Vera (30 de outubro): “Amanhã HP deixa Liverpool, e depois irá ao Egito e à Índia. O fato de que ela ainda esteja viva e, além disso, capaz de viajar por distâncias tão longas nesta época do ano, parece-me um milagre! Ou melhor, *mais uma prova de que os Mahatmas existem!*...”⁴²

Agora vem o período em que HPB havia voltado à Europa. Em *A Modern Priestess*, Solovyov declara que, em Würzburg, ele logo arrancou uma confissão de Blavatsky sobre suas atividades fraudulentas ao longo de vários anos. Ela teria dito que Olcott era um cúmplice, assim como Damodar, Mohini e mesmo Subba Row! Uma coisa que os críticos de HPB quase sempre citam apareceu num artigo do *Newsweek* (24 de setembro de 1975) por ocasião do centenário da fundação da Sociedade Teosófica em Nova Iorque:

Leões e águias em cada quadrante do globo transformaram-se em asnos obedientes ao meu assobio e sacodem suas grandes orelhas à medida que toco a melodia!

Completamente frustrado, Solovyov deixou Würzburg no início de setembro. Ele jurou que não teria mais nada a ver com HPB e nunca mais escreveria sobre ela novamente. Ele acrescentou: “Eu ainda recebia cartas da sra. Blavatsky, primeiro em Paris e depois em São Petersburgo. Ela não podia admitir que as nossas relações tivessem chegado ao fim, e que eu lhe dera adeus para sempre.”⁴³

O “para sempre” consistiu em três ou quatro semanas. Solovyov escreveu de Paris no dia 8 de outubro de 1885:

Cara Helena Petrovna,

...fiz amizade com a sra. [Juliette] Adam, e conversei muito com ela a seu respeito. Eu a deixei muito interessada e ela me contou que a sua *Revue* está aberta não somente para a Teosofia mas também para a sua defesa, pessoalmente, se for necessário...

Hoje passei a manhã com Richet,^{*3} e novamente falei muito sobre você, com relação a Myers e à Sociedade para Pesquisa Psíquica. Posso afirmar, claramente, que *convenci Richet da realidade do seu poder pessoal e dos fenômenos que provêm de você*. Ele me fez três perguntas de modo categórico. Às duas primeiras respondi afirmativamente. Com respeito à terceira eu disse que estaria em condições de responder afirmativamente, sem qualquer problema, em dois ou três meses. Mas não tenho dúvidas de que a responderei afirmativamente, e então, você verá! Será um triunfo tal que todos os psíquicos serão postos de lado...

Seu cordialmente devotado,
Vs. Solovyov⁴⁴

Walter Leaf, no prefácio do livro de Solovyov, admite que a carta anterior levanta questões muito sérias em sua mente:

Isso implica, até onde posso julgar, uma real incoerência de Solovyov; implica que ele não descreveu corretamente a sua própria atitude mental após as conversas em Würzburg. Confesso que não estou satisfeito com a explicação dele de que toda a carta é apenas uma brincadeira. De fato, sob tais circunstâncias, o próprio “tom de brincadeira” requer explicação.⁴⁵

O fato de que a carta de 8 de outubro não era uma piada de Solovyov é estranhamente revelado no próprio livro *A Modern Priestess*, onde, em outro trecho, ele cita uma carta em francês recebida de Charles Richet. Traduzida, lê-se:

Quando o conheci, você me disse: “Não julgue apressadamente; ela tem demonstrado coisas que são sensacionais para mim, e minha opinião ainda não é definitiva, mas penso que ela é uma mulher extraordinária, dotada de um poder excepcional. Espere, e eu darei a você uma explicação mais completa.”⁴⁶

É evidente que em algum ponto Solovyov, de fato, voltou-se contra HPB. O que foi que precipitou essa reviravolta?

Deve-se notar que na sua carta de 8 de outubro ele estava esperando que alguma coisa acontecesse nos próximos meses que “será um triunfo tal que todos os psíquicos [o pessoal da S.P.P.] serão postos de lado”. Nessa carta ele se gaba para HPB de como ele é importante para ela ao fazer com que pessoas tão notáveis como Adam e Richet tenham interesse nela. Era como

se estivesse dizendo que agora ele estava fazendo muito por ela, e que ela deveria fazer alguma coisa por ele. O que ele queria? Por que correu tanto atrás dela e passou semanas junto a ela em Würzburg?

Em julho de 1885, HPB escreveu para Vera: “Eu estou viajando com [Solovyov] na Suíça. Realmente não sei o que o faz ser tão apegado a mim. Na verdade, não posso auxiliá-lo de modo algum. Dificilmente poderia ajudá-lo a concretizar qualquer uma das suas esperanças. Pobre homem, tenho pena dele.” Isso foi publicado em *The Path* (julho de 1895), com uma nota do editor que afirma que Solovyov “tornou-se seu inimigo mais amargo, pois todas as súplicas dele para que ela o aceitasse como um *Chela* foram totalmente rejeitadas”.

Vera escreve em seu livreto a respeito do livro *A Modern Priestess*, de Solovyov:

Está registrado no meu diário que ninguém pedia à minha irmã “audiências secretas” tão persistentemente como ele — o que ele nunca menciona... Nós, os íntimos de H.P. Blavatsky, sabemos muito bem não somente o conteúdo dessas conversas mas até mesmo muitos detalhes, vindos dela ou parcialmente dele próprio, pois em suas conversas comigo ele era frequentemente franco e sincero. Ele teria suplicado a ela, inúmeras vezes, que partilhasse com ele o seu conhecimento de um fenômeno puramente demonstrativo; sua ambição era retornar à Rússia como o arquétipo do “Príncipe Mago” de seu romance “O Mago”...

Helena disse para nós: “Bem, eu estou confusa — o que devo fazer com Solovyov? Ele nunca me deixa só, implora que eu lhe ensine fenômenos — mas como estas coisas podem ser ensinadas?! ‘Como você produz esse som musical no ar?’ Bem, o que posso dizer a ele? ‘Bem’, digo, ‘exatamente o que você vê: eu movo a minha mão no ar e a música chega...’⁴⁷ O que mais posso dizer a ele? Que ele passe pelas coisas por que passei na Índia, e talvez ele adquira esses poderes também! Assim como está, ele só gasta o meu tempo e o dele...”

Numa outra ocasião, lembro-me, HP [Helena Petrovna] estava até mesmo irritada, e disse para nós depois que ele saiu: “Que homem surpreendente ele é! Agora ele diz ‘por que você ensinou a Olcott e não quer ensinar-me!’ Nunca ensinei nada a Olcott; na verdade, ele é um magnetizador de nascença.” Não há dúvida de que o coronel era, de fato, um magnetizador muito poderoso. Nós o vimos curar muitas pessoas. Por exemplo, ele curou meu reumatismo e curou também o próprio Solovyov, como este mesmo declarou na época.⁴⁸

Na Índia, diz-se que ele curou centenas de pessoas.⁴⁹

Depois de Solovyov ter deixado Würzburg, ele diz que foi inundado de cartas de HPB. O fato parece ser que ele nada recebeu dela e compreendeu que a sua carta de oito de outubro, afinal, não a tinha impressionado.

Solovyov buscou, então, criar problemas para HPB na própria família dela. Começou incutindo em Vera a ideia de que a Teosofia era antagônica ao Cristianismo. Vera relata isso ao explicar:

Quando o sr. Solovyov chegou a São Petersburgo no outono de 1885, nós o recebemos como um amigo sincero e ele nos visitava todos os dias. Sua correspondência constante comigo e com minhas filhas mais velhas tinha sido muito interessante. Sua conversa animada, seus pontos de vista originais e sua sinceridade nos interessavam muito... Foi nessa ocasião que ouvimos pela primeira vez expressões hostis em relação à minha irmã e à causa dela.⁵⁰

HPB avisou a Sinnett que havia recebido de Vera “uma carta trovejante, onde me chama de *renegada*, ‘um sacrílego Juliano, o Apóstata’, e um ‘Judas’ de Cristo”.⁵¹ Blavatsky replicou: “É evidente que [Solovyov] está muito furioso, pois não conseguiu tirar de mim o que esperava, e inventou a desculpa do anticristianismo. Você sabe do que se trata: sou inimiga dos excessos eclesiásticos dos protestantes e dos católicos. *O ideal do Cristo crucificado brilha para mim a cada dia de modo mais claro e puro...*” (itálico de S. Cranston).⁵²

Solovyov deu então mais passos no sentido de elevar até um ponto febril o ódio de Vera e suas filhas contra HPB. Vera explica que, embora Solovyov diga em *A Modern Priestess* que ela estava de mal com HPB nessa ocasião, “ele não conta quem foi o responsável por isso; quem havia, em função dos seus próprios objetivos, criado essa tensão entre nós, alimentando-a com mentiras e calúnias, chegando ao ponto de dizer que minha irmã e um amigo íntimo meu tinham[-me] acusado de haver escondido o dinheiro do nosso falecido pai”. Ela acrescenta: “Minha confusão foi tal que não me lembrei de que nem minha irmã nem qualquer um dos meus amigos poderia ter dito isso, pois sabiam que, no momento da sua morte, meu pai estava residindo com seus outros filhos em Stravropol, a mil milhas de distância de Tiflis, de onde, naquela época, não me afastei.”⁵³

Helena tentou recuperar as relações com a sua irmã e disse numa carta: “Há algo que posso dizer, Vera, e é que eu posso profetizar o seguinte: você irá lamentar amargamente a confiança depositada em Solovyov e sua amizade com ele, mas será demasiado tarde!... Eu também o amei como se fosse meu irmão!” E Vera conta: “Oh! Quantas vezes lembrei disso desde então, e com que amargura relembro essa profecia de HPB agora que já vi o que esse ‘miserável’ é capaz de fazer!”⁵⁴

Não satisfeito em jogar uma irmã contra a outra, Solovyov foi mais longe e destruiu a confiança da sra. Morsier e da maior parte dos membros da S.T. em Paris em relação à HPB e à Teosofia.

Durante esse período HPB também teve sérios problemas com Mohini e Bawaji. Lisonjeados e adulados pelos teósofos na Europa, eles passaram a comportar-se como gurus. Por toda a parte a que eles iam, os estudantes até então leais à causa teosófica se voltavam contra ela. A correspondência de HPB nessa época revela até que ponto eles causaram confusão no movimento e na vida pessoal dos seus membros.

Um ano mais tarde, HPB escreveu a Julia Campbell Planck, uma nova e promissora teósofa norte-americana:

Sim, o trabalho trouxe injúria, ignomínia de todas as espécies, ódio, maldade e maledicência sobre mim. Se isso viesse de pessoas de fora eu pouco me importaria. Mas, é triste dizer, os “teósofos” são os primeiros a me cortarem em pedaços. Os nossos pássaros místicos são tão sábios que sujam o seu próprio ninho em vez de deixá-lo de lado e escolherem outro. Realmente, “há muitas mansões” na casa do nosso Pai, mas para o mundo nós somos uma. E é bastante desagradável que eu tenha criado um “Frankenstein” que em seguida voltou-se contra mim tentando fazer-me em pedaços! Bem, que assim seja, pois esse é o meu *Karma*. “Barkis”^{*4} está disposta” até mesmo a tornar-se o estrume dos campos teosóficos, desde que esses campos produzam algum dia.

A carta acima apareceu em *The Irish Theosophist* (fevereiro de 1895) com este comentário: “HPB disse, certa vez, que a expressão ‘Barkis está disposta’^{*5} era um mantra feito inconscientemente por Dickens [em *David Copperfield*]. Ela o usava em certas ocasiões para certas pessoas a quem via (ou a quem escrevia) pela primeira vez. Falado, tinha uma força peculiar que elevava aquele que o ouvia dos seus lábios, devido à maneira como ela o usava.”

Depois que Solovyov viajou de Paris para a Rússia, cessaram todos os contatos com ele. Covarde como era, ele esperou sete anos para escrever *A Modern Priestess*, quando HPB já não estava viva para poder refutar sua história.

Quanto ao que ocorreu a Vera depois de HPB ter morrido, Boris de Zirkoff relata que “o sofrimento que ela teve” após Solovyov ter publicado *A Modern Priestess of Isis*, em 1892 e 1893, “destruiu sua saúde e apressou a sua morte”.⁵⁵ Ela faleceu em 1896, um ano depois de o livro ter sido publicado em inglês. O aspecto positivo foi que Vera relatou que na Rússia o livro de Solovyov aumentou muito o interesse em HPB e no seu trabalho teosófico, e ela recebeu muitas perguntas sobre onde as obras da sua irmã podiam ser obtidas. O artigo *Literatura Oculta na Rússia*,

publicado num livro recente sobre arte moderna, afirma que como resultado da resposta ardorosa de Vera aos artigos de Solovyov, “a popularidade de Blavatsky cresceu”.⁵⁶

Olhando a bibliografia deste volume, sob o item “Zhelihovsky”, torna-se evidente o enorme mérito de Vera por ter registrado tanta informação sobre a vida de HPB. Sem essa testemunha direta, a História teria perdido grande parte da juventude de Blavatsky e muitas fases da sua vida posterior.

*1 No momento em que este livro ia para a impressão, Vsevolod Solovyov estava quase esquecido na Rússia, embora o seu ilustre irmão fosse bem lembrado. Quando o livro *A Chave Para a Teosofia* de Blavatsky foi publicado, em 1889, este último fez um longo comentário sobre a obra no *Russkoye Obozreniye* (*Revista Russa*, agosto de 1890, pp. 881-886). (Veja Blavatsky, *Collected Writings*, vol. 7, p. 334). [Em 1994 as obras completas de Vsevolod Solovyov foram reeditadas.]

*2 August Lindstrom, o escultor que fez a máscara mortuária de Judge, observou: “Considero o nariz o melhor indicador do caráter em um rosto. O nariz era seu traço mais distinto, mostrava grande poder e ao mesmo tempo um controle completo sobre qualquer pensamento e ato e, embora forte, ele é de um tipo delicado e sensível. Sua boca mostrava, em igual proporção, ternura e firmeza. O seu maxilar também dá evidência de força de vontade. O seu cabelo era macio e mostrava refinamento e gentileza. O conjunto mostrava um refinamento harmonioso, sem qualquer defeito presente, e um exame cuidadoso de cada aspecto da sua cabeça comprova que ele era um grande e nobre homem. Se tal homem dedicou sua vida à Sociedade Teosófica, penso que ela deve ter uma grande missão e pedirei para ser admitido como membro.” (William Q. Judge, *Letters That Have Helped Me — Cartas Que Me Auxiliaram*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, pp. 299-300.)

*3 Charles Richet (1850-1933), notável fisiologista e pesquisador psíquico, recebeu, em 1913, o Prêmio Nobel em Fisiologia e Medicina.

*4 Neste caso, Barkis significa a própria HPB. (Nota Ed. Bras.)

*5 No original em inglês: *Barkis is willing*. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 3

Mudando de Residência Para o Oeste

Na primavera de 1886, encontramos HPB em vésperas de uma grande mudança de residência. Naquele momento, entretanto, era só uma escapada do verão quente Wuzburg. Ela havia decidido passar o verão com Vera e sua filha mais velha, ambas agora reconciliadas com HPB e felizes por isto. A intenção era ir para Ostende, uma cidade à beira-mar, na Bélgica. Como a condessa Wachtmeister estava na Suécia em viagem de negócios, HPB foi acompanhada por uma visitante recente, Emily Kislingbury, uma velha amiga inglesa que estava em Nova Iorque quando a S.T. foi fundada. O sr. Gebhard encontrou o grupo em Colônia e persuadiu-o a visitar sua casa em Elberfeld.

HPB pretendia permanecer apenas alguns dias, mas deslocou seu tornozelo e ficou durante dois meses sem caminhar e com dores. Vera e sua filha chegaram em meados de maio e permaneceram até julho, quando viajaram com ela para Ostende. A sobrinha de HPB, também chamada de Vera, mais tarde recordou o incidente que havia ocorrido na casa dos Gebhard:

Geralmente, ao descer de manhã cedo ... eu encontrava minha tia profundamente mergulhada no trabalho. Até onde sei, ela nunca escrevia àquela hora da manhã, mas revia cuidadosamente o que tinha sido escrito na noite anterior. Um dia percebi traços de uma grande perplexidade em seu rosto. Não querendo perturbá-la, sentei-me silenciosamente e esperei que ela falasse... Finalmente, ela me chamou: “Vera”, disse ela, “será que você pode dizer-me o que é *pi*?” Um pouco atônica diante da pergunta, eu disse que pensava que “*pie*”^{*1} era um tipo de prato da cozinha britânica: “Por favor, não seja tola”, disse ela impaciente, “não compreende que estou-me dirigindo a você em sua condição de erudita em matemática? Venha e veja isto.”

Olhei a página que estava diante dela na mesa, vi que estava coberta com figuras e cálculos, e logo percebi que a fórmula $\pi = 3,14159$ estava mal colocada em todos os cálculos. Estava escrito $\pi = 31,4159$. Com grande alegria e triunfo, apressei-me a avisá-la do seu equívoco. “Aí está!” ela exclamou. “Esta confusão com uma vírgula [,] aborreceu-me durante toda manhã. Ontem eu estava apressada em copiar o que via, e hoje, logo que olhei para a página percebi de modo vago, mas intensamente, que havia algo de errado. Não podia lembrar onde estava realmente a vírgula quando vi este número.”

Conhecendo muito pouco sobre Teosofia em geral e sobre a maneira com que a minha tia escrevia, especialmente naquela época, fiquei naturalmente chocada com o fato de que ela não fosse capaz de corrigir um erro tão pequeno nos cálculos extremamente complexos que ela havia anotado com a sua própria mão.

“Você ainda está muito verde”, disse ela, “se pensa que de fato eu conheço e compreendo todas as coisas que escrevo. Quantas vezes terei que repetir a você e à sua mãe que as coisas que escrevo são ditadas a mim, [e] que às vezes vejo, diante dos meus olhos, manuscritos, números e palavras que desconheço completamente?” Ao ler, anos depois *A Doutrina Secreta*, eu reconheci a página em questão. Era uma das páginas onde se discute a astronomia hindu.⁵⁷

As três chegaram a Ostende em pleno verão, quando as acomodações são caras e escassas. Após o retorno de Vera e sua filha à Rússia, e até que a condessa voltasse, em agosto, HPB ficou só com a sua empregada — exceto durante uma visita feita pelo sr. Sinnett.⁵⁸ Ela escreveu para sua irmã dizendo: “Vou dedicar-me só ao meu trabalho, agora que estou sozinha. Em vez de ser uma judia errante, irei transformar-me num ‘caranguejo eremita’, num monstro marinho petrificado, preso às areias da costa. Vou escrever, escrever — meu único consolo! Aliás, felizes são as pessoas que podem andar. Que vida esta de estar sempre doente — e sem pernas, ainda por cima.”⁵⁹

Um ano e meio mais tarde, a saúde dela estava muito melhor. Ela escreveu ao juiz Khandalavala: “A vida que me resta viver não é muito longa, e nestes três anos aprendi a ter paciência. Minha saúde está melhor, mas de uma maneira geral continua definitivamente destruída. Só estou bem quando *sentto e escrevo*. Não posso nem caminhar nem ficar em pé mais do que um minuto.” Ela tinha problemas renais crônicos que lhe causavam inchaços nas pernas, e seus joelhos sofriam tanto de artrite que cada passo causava-lhe dores terríveis.⁶⁰

Pode parecer estranho para alguns que HPB, dotada de uma saúde vigorosa quando fazia as suas viagens pelo mundo durante a juventude, estivesse doente com tanta frequência e que durante os últimos cinco anos da sua vida ficasse praticamente confinada à cadeira onde escrevia. Malcolm W. Browne, ensaísta científico do *New York Times*, avaliou esse problema em relação a grande número de pessoas famosas no seu artigo de 10 de março de 1981, *A Doença Tem Sua Virtude?*

Ele escreveu:

Em uma das cartas escritas em 1940 a um velho amigo seu, o físico Rudolf Ehrmann, Einstein descreveu o seu ataque mais recente de dor abdominal aguda. Einstein sofreu dores

intermitentemente durante 30 anos, e embora fosse atribuído a problemas com a vesícula biliar, o problema nunca foi curado... “Quando eu sofro uma crise”, disse Einstein, “posso trabalhar muitas vezes com grande eficácia. Parece que não é muito bom para a imaginação que a gente se sinta muito bem. Pelo menos os deuses parecem ter uma atitude bastante favorável a mim quando eles espremem a minha vesícula biliar...”

Sigmund Freud, outro sofredor crônico de dores abdominais, escreveu: “Eu já vi que não consigo ser muito produtivo quando estou com boa saúde. Ao contrário, necessito de um certo grau de desconforto, do qual eu gostaria de me ver livre.”

Browne relata ainda que no livro *Creative Malady (Doença Criativa)* sir George Pickering, eminente professor de medicina, apresenta uma análise surpreendente da doença que acompanhou Charles Darwin durante a maior parte da sua vida adulta:

Durante os cinco anos em que Darwin cruzou as costas da América do Sul a bordo do *Beagle*, ele tinha, aparentemente, uma boa saúde, pois suportou os rigores da viagem melhor do que muitos membros profissionais da sua tripulação. Mas quando chegou a época de estabelecer-se na Inglaterra, casar, e começar a escrever a sua teoria da evolução, Darwin adoeceu. Dos 33 anos até sua morte, 40 anos mais tarde, ele sofreu ataques de náuseas, tremores e desmaios, necessitando de um repouso constante e trabalhando só poucas horas por dia. [Isso permitia a ele] ter isolamento e estar livre de distrações para pensar o Universo.

Resumindo a sua tese, Browne observa: “Na realidade, a doença, de uma forma ou de outra, parece ser muito comum no ponto mais alto da criatividade científica, como o que ocorreu com grandes artistas como Dostoevsky, Proust, Van Gogh e Berlioz.”

A condessa Wachtmeister reuniu-se a HPB quase no final do verão, quando já era hora de retornar a Würzburg. No entanto, elas decidiram permanecer em Ostende, que ficava a pouca distância de Londres e dos teósofos daquela cidade. Vários deles a visitaram, inclusive Anna Kingsford e seu amigo Edward Maitland. A condessa escreve:

Eles passaram quinze dias conosco. [Tanto a sra. Kingsford como HPB] estavam normalmente ocupadas com seus respectivos trabalhos durante o dia, mas, à noite, tinham conversas deliciosas, e era-me interessante ouvir diferentes pontos de *A Doutrina Secreta* discutidos dos pontos de vista do ocultismo oriental e do ocultismo ocidental. Os poderosos intelectos dessas duas mulheres notáveis engajavam-se em discussões animadas, partindo de dois polos aparentemente opostos. Pouco a pouco os fios da sua conversa pareciam aproximar-se um do

outro, até que finalmente eles se fundiam numa unidade. Novas questões surgiam então — e eram abordadas da mesma maneira magistral.⁶¹

Durante esse mesmo período foi publicado o livro *Incidents in the Life of Madame Blavatsky (Incidentes na Vida da Senhora Blavatsky)*, de Sinnett. Ao comentar essa obra, um escritor observa:

O senso comum e a evidente sinceridade deste livro auxiliaram o público leitor a ver HPB como uma pessoa extraordinária, mas extremamente humana e ternamente simpática, entregando-se firmemente de todo coração à causa que para ela era sagrada. Ela aparece nas suas páginas como uma lutadora de boa índole, que não busca vingança, inabalável diante das montanhas de ódio e calúnia que se amontoavam sobre ela, e uma pessoa cuja vida diária estava cheia de fenômenos assombrosos e rodeada de mistério. *Incidents* teve uma repercussão ampla e profunda, transmutando positivamente a curiosidade despertada pelo relatório adverso da S.P.P. e trazendo muitas pessoas para dentro da Sociedade.⁶²

O trabalho em *A Doutrina Secreta* prosseguia rapidamente, mas HPB não estava satisfeita com a qualidade da tinta de escrever que havia para comprar em Ostende, e então procurou uma fórmula melhor e a fabricou ela mesma — assim como havia feito antes, na Rússia.*² Como a notícia das virtudes dessa nova tinta espalhou-se, foi necessário fabricar maior quantidade, e logo a atividade de fabricar tinta tornou-se um pequeno negócio para HPB. O dr. J. D. Buck, teósofo norte-americano, soube desse fato pela própria condessa em 1894, quando ela estava numa turnê de palestras nos Estados Unidos.⁶³ De acordo com o seu relato, uma mulher pobre veio certa vez até a porta de HPB e pediu ajuda. Ela relata: “Profundamente tocada pela história da pobre mulher, HPB colocou a sua mão no grande bolso do chambre que vestia ao trabalhar e o encontrou vazio. Ela então lembrou-se da sua produção de tinta e chamou alto: ‘Venha aqui, Constance! Passe a ela o negócio das tintas, isto irá ajudá-la’, — e assim foi feito.”⁶⁴

O dr. Buck, que era um médico notável em sua época e também um teósofo destacado, conta-nos outra história sobre o período de Ostende:

Um amigo meu, que fez mais descobertas sobre a antiga Cabala do que qualquer outra pessoa conhecida nos tempos modernos, tendo-se devotado durante mais de vinte anos a esta linha especial de trabalho, levantou certa vez algumas questões sobre suas próprias pesquisas, e disse que tinha dúvidas de que alguma pessoa viva pudesse responder a seus questionamentos. Sugeriu que ele escrevesse a HPB a respeito do assunto, e após alguma demora ele o fez. O resultado foi um manuscrito de quase quarenta páginas de letras apertadas respondendo a todas as questões que havia levantado e acrescentando muitas informações que o deixaram

completamente estupefato. Esse amigo meu não é e nunca foi membro da S.T, mas até hoje ele declara sua convicção de que HPB foi a mulher mais profunda e maravilhosa da época atual e de todos os tempos. Ele, que trabalhou como especialista durante metade da sua vida num campo temático desconhecido, viu que HPB estava perfeitamente familiarizada com todo o seu trabalho.⁶⁵

Esse amigo era J. Ralston Skinner, o autor de *A Key to the Hebrew-Egyptian Mystery in the Source of Measures (Uma Chave Para o Mistério Hebreu-Egípcio da Origem das Medidas)*, publicado em 1875, uma obra citada frequentemente em *A Doutrina Secreta* e que continua sendo reeditada.⁶⁶ Durante um século, os historiadores teosóficos procuraram a correspondência entre ele e HPB. Ela foi localizada recentemente nos arquivos da Biblioteca Teológica Andover-Harvard, da Universidade de Harvard. As cartas foram todas escritas de Ostende no período em foco. A descoberta foi feita pelo dr. Ananda Wickremeratne, de Sri Lanka, um graduado de Oxford e bolsista do Centro Harvard para o Estudo de Religiões Mundiais ao investigar os registros existentes em Harvard sobre a influência do movimento teosófico no sudeste da Ásia.

O dr. John Carman, diretor do Centro, escreve:

Parece-me claro, depois de falar com o dr. Wickremeratne e outros, que ainda há muito por ser feito nesta área. Tenho a esperança de que o dr. Wickremeratne faça, durante o seu tempo aqui, algum trabalho preparatório para esta tarefa, especialmente o levantamento, em Harvard e na área de Boston, de materiais relevantes para a história da Teosofia.⁶⁷

Em sua carta, Carman menciona uma palestra dada pelo dr. Wickremeratne num colóquio quinzenal. O panfleto convidando para o evento fala do papel-chave que os teósofos desempenharam ao “conquistarem um lugar permanente e quase sagrado na historiografia do sul da Ásia”.⁶⁸

Quando as cartas de HPB para Skinner eram copiadas para este livro, estavam em condições tão frágeis que logo se despedaçavam. A Biblioteca empregou trabalho profissional para restaurar as cartas, e a conclusão desse trabalho foi anunciado em *The Harvard Divinity Bulletin* (dezembro de 1983-janeiro de 1984) num artigo intitulado *Cartas Perfeitas: A Coleção Skinner Restaurada*. Foram mostradas fotos de uma das cartas antes e depois da restauração.

Em uma carta de 17 de fevereiro de 1887, HPB escreve a Skinner a respeito do seu livro *The Source of Measures*:

Você descobriu uma chave para a linguagem universal [da filosofia esotérica]. Você fez mais do que qualquer homem vivo nessa direção... mas ela é apenas uma das sete chaves que menciono em *Ísis Sem Véu*... no entanto, você parece desprezar inteiramente a primeira das chaves — a única que revela a parte mais antiga, metafísica e abstrata da filosofia, os *paradigmas* de todas as coisas, os modelos divinos e espirituais dos aspectos fisiológicos e astronômicos de tudo. [É interessante que ela usava a palavra *paradigma*, tão frequente no pensamento de vanguarda de hoje em dia.]

Depois de dar exemplos de como as chaves esotéricas podem abrir certas portas fechadas, ela se refere à ideia de Skinner de que ela própria, mais do que os Mestres, era a origem desta sabedoria:

Diga-me por que você tem a impressão de que eu estava mentindo em relação aos Mestres? Alguém pode mentir a respeito de homens vivos? E por que iria eu inventá-los ou continuar sustentando a “invenção” se durante 12 anos, e especialmente nos últimos três anos, fui martirizada em função das verdades que revelei? Ah, prezado senhor, nenhuma mulher em sã consciência, nem tampouco um homem, poderia entrar voluntariamente em um inferno destes, persistindo em suportar espíritas, cristãos, materialistas, cientistas e o mundo inteiro — além de dois terços de nossos próprios teósofos — contra si, se não tivesse sido forçada a fazer isso, como eu fui, pelo meu juramento e pelos meus votos. Perdi amigos, perdi meu país, dinheiro e saúde, para servir apenas como estrume para os campos da Teosofia do futuro.

Skinner escreveu uma terceira parte para o livro *The Source of Measures*, e o seu manuscrito tinha 350 páginas. O texto termina com as seguintes palavras: “Eu, Ralston Skinner, enviarei este original manuscrito para a sra. Blavatsky, em Ostende, no dia 10 de janeiro de 1887.” Isso foi feito. O manuscrito está nos arquivos de Adyar, e contém muitas anotações feitas por ela. Skinner disse que HPB poderia usar o trabalho como se fosse dela, mas ela recusou na carta do dia 17 de fevereiro, dizendo: “Como poderei usar alguma coisa sem acrescentar aspas? Como poderei citá-lo deixando de lado o seu nome?” *A Doutrina Secreta* inclui longas citações deste trabalho de Skinner.⁶⁹

Entre as cartas de Skinner que estão em Harvard há uma fotografia de HPB, no verso da qual aparecem estas palavras:

Para o meu correspondente conhecido há pouco — que é meu amigo há muito, muito tempo, sr. Ralston Skinner, com um sentimento crescente de simpatia, admiração, gratidão e profunda amizade,

H.P. Blavatsky
Londres, maio de 1887.

Nos primeiros dias de janeiro de 1887, HPB transmitiu a Sinnett algumas notícias curiosas que acabara de receber:

Os jornais russos estão novamente cheios de notícias sobre mim. Parece que “minha mão” salvou de um perigo mortal um senhor que estava dedicado a caluniar-me e a chamar todos os meus escritos de MENTIRAS. [A notícia] é intitulada *A Mão Misteriosa*... Minha tia... escreveu-me para perguntar se fui eu, ou o Chozain (Mestre) quem fez isso. O incidente descrito aconteceu no outono de 1886.⁷⁰

O artigo intitulado *A Mão Misteriosa* apareceu pela primeira vez no jornal *Listok*, de São Petersburgo, depois em *Rebus* e em boa parte da imprensa russa. Os protagonistas da história eram todos bem conhecidos em São Petersburgo. A tradução é a seguinte:

Estávamos sentados confortavelmente na vasta varanda da nossa residência de verão, perto de São Petersburgo. Havia passado um pouco do meio-dia quando, depois de almoçar cedo, descansávamos fumando charutos e cigarros ao ar livre. Havia anúncios de uma tempestade no ar, a atmosfera à nossa volta estava pesada... tudo estava imóvel e silencioso. A nossa querida anfitriã, Marya Nikolaevne, tinha trazido um livro e começado a ler uma narrativa escrita por “Radda Bai” [HPB] sobre *As Montanhas Azuis de Nilgiri*.^{*3} Todos ouvíamos com prazer... Colocando o volume de lado, ela olhou para nós todos e então pronunciou suavemente:

“Que maravilha!”

“Mas, sem dúvida, tudo o que Radda Bai escreve... são bobagens e contos de fadas!” — disse friamente um senhor presente... Piotre Petrovitch, um orador infatigável e fascinante... “O que para ela é verdade, para mim não passa de absurdo.”

Estávamos olhando com surpresa para o orador quando, subitamente, enquanto ele pronunciava a última frase, vimos que ele dava um olhar nervoso para o seu braço direito, que estava repousado sobre o corrimão da varanda. Então, para grande surpresa nossa, ele saltou da sua cadeira como se tivesse sido mordido por uma víbora. Correu pela escada abaixo, examinou nervosamente cada canto do pequeno jardim em frente a nós, olhou para a varanda e para o seu teto, e finalmente retornou à varanda muito pálida, como se tivesse visto um fantasma.

“Qual é o problema?” — perguntou Marya Nikolaevne, muito alarmada. Em vez de responder, Piotre Petrovitch continuou silenciosamente sua busca. Examinou mais uma vez o terreno abaixo da escada, olhou para a floresta e, por fim, começou a mover-se entre as cadeiras, olhando para debaixo delas... “Vocês viram alguém?” — ele perguntou. Nós olhamos uns para os outros, atônitos e respondemos a uma só voz: “Absolutamente ninguém!”

“Mas eu vi alguém... e também uma mão”, disse ele, com a voz trêmula...

“Indiscutivelmente era a mão de uma mulher, branca com a pele semitransparente cruzada por veias azuis. Pareceu-me que alguém aproximou-se de mim vindo do jardim em frente, segurou-me o cotovelo, exatamente neste lugar, e tendo pressionado três vezes o meu braço tentou tirar-me da varanda puxando-me para o jardim.” Enquanto dizia isso, Piotre Petrovitch respirava apressadamente e estava horrivelmente pálido...

“Agora talvez você tenha mais cuidado ao desmentir as absurdas histórias indianas! Foi a forma astral de ‘Radda Bai’ que puxou o seu braço para sugerir que você não deve ficar

caluniando as pessoas!” ... Ele não respondeu, mas manteve-se preocupado e silencioso, olhando de vez em quando de modo desconfiado para a manga direita do seu casaco, no ponto em que tinha visto a mão misteriosa. Pouco depois ele não pôde mais suportar a ansiedade. Deixando outra vez a cadeira de braços, foi novamente para o pequeno jardim diante da varanda, já com algo da sua animação natural, e começou a contar-nos novamente a história. Todos nós começamos a rir alegremente com o cético.

Enquanto isso a atmosfera tornara-se ainda mais pesada e estava cheia de eletricidade. Uma grande nuvem escura pairava sobre as nossas cabeças, negra e ameaçadora. Dela nasceu um raio que caiu exatamente na casa de onde tínhamos saído. Ficamos surpresos e assustados, porque bem diante dos nossos olhos a enorme chaminé do telhado caiu aos pedaços e desapareceu, com tijolos e argamassa rolando estrondosamente do alto da casa para baixo até o nosso terraço. Mais terrível ainda, o pilar onde Piotre Petrovitch havia-se encostado, enquanto estava sentado na cadeira, subitamente inclinou-se e caiu com um rangido sinistro, e todo o telhado, grande e pesado, desabou e caiu com um barulho terrível em nossa varanda... Nós ficamos mudos de horror e surpresa!

“A mão, a mão dela ... estou dizendo! Aquela mão estava-me puxando para fora da varanda, vocês sabem!” — repetia ele interminavelmente para cada um de nós com a face pálida de terror, e os olhos muito abertos. Nós estávamos “assustados demais para fazer qualquer observação”.

Isso porque eles haviam sido salvos, também, ao seguirem Piotre até o jardim.⁷¹

HPB estava só quando chegou o Ano Novo de 1887. Ela havia enviado a condessa Wachtmeister a Londres para resolver alguns negócios particulares. Enquanto estava lá, a condessa recebeu uma carta de HPB abordando o futuro da S.T. A carta começava revelando que Blavatsky havia tido “uma longa conversa com o Mestre — a primeira depois de um longo, longo tempo”, e ele havia-lhe explicado:

... toda Sociedade [Europa e América] está sob uma provação cruel. Aqueles que passarem por ela ilesos terão a sua recompensa. Aqueles que permanecerem inativos ou passivos e aqueles que derem as costas também terão a sua. É uma prova final e suprema. Mas há novidades. Se não retornar à Índia para morrer lá neste outono, terei de formar até novembro próximo um núcleo de verdadeiros teósofos, uma escola minha, sem qualquer secretário, somente eu, sozinha, com tantos místicos quantos puder reunir para instruir. Posso parar aqui, ou ir para a Inglaterra, ou para onde quiser.⁷²

Parece significativo o fato de que pouco tempo depois disto Bertram Keightley visitou HPB em Ostende. Ele conta:

Fui lá para falar a HPB sobre a necessidade de ela se instalar em Londres e formar um centro de trabalho pela causa da Teosofia. Havia seis pessoas, no total, que estavam profundamente insatisfeitas com a inércia que parecia tomar conta da Sociedade na Inglaterra, e nós tínhamos chegado à conclusão de que somente HPB podia dar-nos um auxílio eficiente para recuperar a energia do movimento, iniciando um trabalho ativo e sabiamente dirigido.⁷³

Esse pequeno grupo de jovens teósofos estava-se reunindo regularmente por iniciativa própria e, tendo chegado a um impasse nos seus estudos teosóficos, sentia que só HPB poderia solucionar seus problemas. Foi feita uma segunda visita, desta vez pelo dr. Archibald Keightley, para fazer mais pressão sobre HPB no sentido de que ela fosse para Londres. Sinnett desaprovava fortemente a mudança.⁷⁴ Blavatsky tinha escrito a ele antes:

Você pede o meu conselho a respeito das questões da loja de Londres. Agora que você me colocou a questão, talvez goste de ouvir o que o Mestre disse várias vezes sobre a loja de Londres. Não poderei repetir as palavras dele, mas você poderá encontrar o espírito delas no texto bíblico do Apocalipse, 3:15 e 16.^{*4} Você pode julgar, e posso deixar que você chegue às suas próprias conclusões. Portanto, qualquer coisa que crie um novo impulso é melhor que a inércia. Se você continuar um pouco mais nesse estado de letargia, a sua loja de Londres estará, antes que o ano termine, coberta de musgo e lodo...⁷⁵

Outro problema com a direção de Sinnett, aponta Bert Keightley, era que ele acreditava que “a Teosofia deveria ficar inteiramente reservada para aquilo que era conhecido tecnicamente na Inglaterra como a ‘Sociedade’. Ou seja, para aquilo que o sr. Gladstone chamava de ‘classes’ por oposição a ‘massas’, ou para jovens usando luvas e pessoas de casaca”. Ao contrário, Bert diz que os membros jovens da loja de Londres “acreditavam que para a Teosofia cumprir um dia a sua missão no mundo ela deveria ser dirigida à massa dos povos, aos trabalhadores manuais e funcionários de escritório, que mesmo sem estudos metafísicos, são perfeitamente capazes de compreender os princípios fundamentais da Teosofia...”⁷⁶

Como providência final para induzir HPB a mudar-se para Londres, um certo número de membros escreveu-lhe apelos individuais. Em resposta, ela mandou uma longa carta coletiva, dizendo em um trecho: “Se eu puder ajudar, que eu seja usada como o seu mais humilde pilar, ou como massa para as suas trolhas e colheres de pedreiro aumentarem e remendarem as paredes rachadas da pobre loja de Londres. Mas se os pedreiros^{*5} não colocarem antes o seu material em ordem e não prepararem os tijolos, o que poderá fazer o cimento sozinho?”⁷⁷

Tendo concordado em ir, sua primeira intenção era ir a Londres dia vinte e sete de março e permanecer lá durante o verão. A condessa iria à Suécia vender sua propriedade e depois passaria a morar permanentemente com HPB.

Dez dias antes de deixar Ostende, HPB ficou inconsciente enquanto estava sentada em sua cadeira. Isso acontecia repetidamente, e o médico diagnosticou uma séria insuficiência renal. Mary Gebhard veio de Elberfeld e revezou-se com a condessa no atendimento da paciente. Como o médico local acreditava que o caso era irreversível, a condessa telegrafou a um teósofo de Londres, dr. Ashton Ellis, que veio imediatamente e massageou durante três dias os órgãos paralisados de HPB. Isso causou um alívio temporário, mas logo ficou claro que HPB estava morrendo. A sra. Gebhard recomendou que fosse feito um testamento, porque morrer sem tal documento num país estrangeiro causaria complicações intermináveis. Para isso o cônsul norte-americano viria no dia seguinte, junto com um advogado e o médico belga.

Durante a vigília noturna, a condessa ficou horrorizada ao sentir o odor típico da morte que às vezes precede o desenlace. Ela não tinha esperanças de que HPB vivesse até o nascer do dia. Vencida pela exaustão, dormiu no seu posto de vigilância. Na manhã seguinte, a condessa ficou atônita ao encontrar HPB sentada na cama, pedindo a sua refeição matinal. Durante a noite, contou ela, fora-lhe oferecida uma escolha: morrer, a opção fácil, ou continuar o trabalho com o risco de enfrentar dificuldades maiores que as encontradas até aquele momento.⁷⁸

Quando o advogado, o médico e o cônsul chegaram, encontraram um grupo de pessoas alegres e animadas. O médico repetia sem parar: “Mas ela deveria estar morta... deveria estar morta.” Ele nunca havia visto um caso como aquele em que ocorresse a recuperação. A redação do testamento foi fácil até que o advogado compreendeu que HPB tinha deixado todos os seus bens materiais para a condessa e nada para os seus parentes. Temendo que a condessa tivesse exercido uma influência indevida sobre a sua mente, ele objetou, mas HPB se opôs a ele veementemente. A sra. Gebhard, para evitar uma discussão desagradável, disse gentilmente ao advogado: “Talvez, se você souber o valor total dos bens que a sra. Blavatsky está legando, não terá mais objeções contra o testamento tal como ela deseja, pois se a sra. Blavatsky tivesse morrido esta noite, não haveria dinheiro suficiente para pagar as despesas do seu funeral.”

O grupo separou-se várias horas depois. Ao partir, o cônsul norte-americano disse, rindo: “Bem, penso que este foi um trabalho bastante

cansativo para uma mulher que está morrendo!”⁷⁹

HPB deu, certa vez, uma indicação sobre a maneira aparentemente miraculosa como essas suas recuperações ocorriam, escrevendo em *A Doutrina Secreta*.^{*6}

Nós dizemos e sustentamos que o SOM, por um lado, é um tremendo poder oculto. Que é uma força estupenda, e a menor potencialidade dela, quando dirigida com conhecimento oculto, sempre será muito superior à eletricidade gerada por 1 milhão de Niágaras. Podem ser produzidos sons de natureza capazes de erguer no ar a pirâmide de Quéops, ou de revivificar com novas energias e vigor um homem que está morrendo ou inclusive dando o seu último suspiro.

Pois o som gera, ou melhor, atrai e junta os elementos que produzem o ozônio cuja fabricação está além da química normal, mas pertence à Alquimia. Ele pode até mesmo ressuscitar um homem ou um animal cujo “corpo vital” astral não tenha sido separado irreversivelmente do corpo físico pelo corte do “cordão” magnético ou *ódico*.^{*7} Tendo sido salva três vezes da morte por esse poder, a escritora pode ser considerada alguém que conhece pessoalmente alguma coisa sobre isso.

Isso, acrescenta HPB, pode parecer “demasiadamente *não-científico* para ser levado em conta”.⁸⁰ No entanto, há pouco, no século vinte, a ciência demonstrou a levitação de objetos pelo som. A Administração Nacional do Espaço e da Aeronáutica (NASA), dos Estados Unidos, vem usando o som para produzir levitação, fazer girar e movimentar objetos no espaço desde agosto de 1979. Foram publicados mais de vinte trabalhos científicos descrevendo o sucesso das pesquisas da NASA nesta área, entre eles *Levitação Acústica Estabilizada de Materiais Densos Usando Sirenes de Grande Poder*, onde se incluem fotografias de objetos como bolas de aço suspensas no espaço vazio.⁸¹ A pesquisa está sendo conduzida pelo Laboratório de Propulsão a Jato do Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena, através de um contrato com a NASA.

Dia 1º de maio de 1887, HPB viajou de Ostende para Londres. O seu destino era uma pequena cabana chamada Maycott em *Upper Norwood*, que se tornou o centro das atividades teosóficas durante vários meses até que foram obtidas instalações maiores. Assim começou uma nova era de trabalho ativo pela Teosofia no mundo ocidental.

*1 *Pie*, “torta” em inglês, tem a mesma pronúncia que *pi* naquele idioma. (Nota Ed. Bras.)

*2 Blavatsky era muito exigente em relação ao material necessário para escrever. Tinha motivos para isso, porque quando o manuscrito de *A Doutrina Secreta* ficou completo, tinha 90 centímetros de altura, todo escrito a mão! A srta. Arundale relata que certa vez recebeu uma carta urgente de HPB, então na França: “Não posso obter em Paris a espécie de papel de que necessito. Por favor, vá a Oxford Street e envie-me uma resma.” (*My Guest*, p. 29.)

*3 Veja o livro *O País das Montanhas Azuis*, de H.P. Blavatsky, Ed. Thot, Brasília, 1989. (Nota Ed. Bras.)

*4 “Aquele que tem ouvidos que ouça o que o Espírito diz às igrejas.... Eu conheço a tua conduta, não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar da minha boca.” (Apocalipse, 3:13, 15-16.)

*5 Pedreiros: *masons*, no original, significa também maçons. HPB pode haver feito aqui uma alusão indireta à tradição maçônica. (Nota Ed. Bras.)

*6 Vol. II, pp. 266-67 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*7 A palavra *ódico*, que vem do termo cabalístico *od*, refere-se à vibração “vertical” da corrente astral, sob a influência do eu superior de um ser humano. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 4

Primeiros Meses em Londres

Bertram Keightley, no seu relato de como foi escrita *A Doutrina Secreta*, conta os últimos dias passados em Ostende e os primeiros dias em Maycott:

A mudança foi efetuada sem qualquer incidente desfavorável, embora o empacotamento dos seus livros, papéis, manuscritos etc., fosse uma tarefa verdadeiramente terrível, pois HPB continuou escrevendo até o último momento e bastava que um livro, papel, ou porção qualquer do manuscrito tivesse sido cuidadosamente empacotado no fundo de alguma caixa para que ela precisasse dele com urgência e insistisse em obtê-lo a qualquer custo. No entanto, conseguimos empacotar tudo, chegamos a Maycott e, em menos de duas horas, HPB tinha disponíveis todos os seus materiais para escrever e estava trabalhando duro de novo. A sua capacidade de trabalho era surpreendente; desde manhã cedo até o cair da tarde ela ficava sentada em sua escrivaninha. E mesmo quando estava muito doente, a tal ponto que outras pessoas em situação idêntica estariam deitadas imóveis em suas camas, ela lutava resolutamente levando adiante a tarefa que havia iniciado.⁸²

Três semanas após a chegada de HPB a Londres, nasceu uma nova loja teosófica. Olcott relata que “um grupo de quatorze pessoas mais jovens tinha-se reunido para formar a loja Blavatsky, que passou a ser famosa mundialmente. A escolha do título foi uma forma de manifestação pública de lealdade àquela cujo nome tinha sido tão manchado na conspiração Coulomb-Missionários”.⁸³ O livro de atas da loja Blavatsky, ao registrar a primeira reunião formal no dia dezanove de maio, declara: “*que a finalidade da loja seja o serviço ativo*”.⁸⁴

O encontro seguinte ocorreu no dia vinte e cinco de maio, onde foram tomadas as decisões de criar uma revista e formar uma empresa editora. Bertram Keightley, em seu livro *Reminiscences (Reminiscências)*, conta por que foi decidida a edição da revista:

[HPB] viu que seria necessário pelo menos um ano ou mais para que *A Doutrina Secreta* estivesse pronta para ser publicada. [Por isso ela] considerou indispensável que durante esse tempo fosse feita alguma propaganda pública ou ação externa; e a única maneira de causarmos impacto era começando a publicação de uma revista sob a direção editorial de HPB. Assim decidimos começar tal revista com o nome de *Lucifer: o Portador da Luz*, e começamos a trabalhar nos preparativos do empreendimento.⁸⁵

Lucifer tinha como coeditora a romancista Mabel Collins, que havia colocado no papel o clássico teosófico *Luz no Caminho*. Foi na casa de HPB, Maycott, que a nova aventura começou.

Embora Sinnett não aprovasse o retorno de HPB para Londres, mais tarde ele veria isso de forma diferente. Em *The Review of Reviews* (junho de 1891), na época da morte dela, ele observou:

... durante os anos finais da sua vida, o seu poder e influência pessoal sobre todos à sua volta têm aumentado constantemente. Suas recepções têm sido cheias de gente, seu espírito e energia... recuperaram seu antigo vigor, e iniciativas de todo tipo foram tomadas em volta dela para impulsionar o movimento teosófico e dar uma resposta prática aos críticos que supunham que o interesse que a sra. Blavatsky despertava girava só em torno dos “fenômenos”, autênticos ou não... mas o fato é que nesses últimos anos as suas energias estão dedicadas inteiramente ao ensino da filosofia e da ética teosófica, e nenhum frequentador casual de suas recepções ou conferências foi, alguma vez, encorajado a esperar a menor manifestação de mistérios ocultos.

HPB explica essa nova política em *Lucifer* (fevereiro de 1888):

Os “fenômenos ocultos”... não produziram o efeito desejado... Supunha-se que pessoas inteligentes, especialmente homens de ciência, iriam pelo menos reconhecer a existência de um campo de pesquisa novo e profundamente interessante, quando testemunhassem os efeitos físicos produzidos pela força da vontade, algo que eles não eram capazes de admitir. Supunha-se que os teólogos dariam boas-vindas à prova de que eles necessitavam tanto e tão tristemente nesses dias agnósticos, de que o espírito e a alma não são meros produtos de sua imaginação... mas entidades tão reais como o corpo, e muito mais importantes. Essas expectativas não se confirmaram. Os fenômenos foram mal interpretados e deturpados, tanto em sua natureza como em seu propósito...

Certamente é verdadeiro que esses fenômenos despertavam curiosidade nas mentes daqueles que os testemunhavam, mas, infelizmente, para a maior parte deles, isso foi perda de tempo. A maior parte das testemunhas desenvolveu um apetite insaciável pelos fenômenos em si mesmos, sem qualquer intenção de estudar a filosofia ou a ciência de cuja verdade e de cujo poder os fenômenos eram apenas exemplos triviais e, por assim dizer, casuais... Exceto em alguns poucos casos isolados, eles [só] foram recebidos como supostos milagres, ou trabalho do demônio, ou truques vulgares, ou fatos extraordinários e divertidos, ou como exibições dos “fantasmas” que se apresentam nas sessões espíritas e alimentam-se das energias vitais dos médiuns e dos espectadores.

Um ocultista pode produzir fenômenos, mas não pode abastecer o mundo com cérebros, nem com a inteligência e a boa fé necessárias para compreendê-los e apreciá-los. Portanto, não há nada surpreendente no fato de que tenha chegado a ordem de abandonar os fenômenos e deixar que as ideias teosóficas permaneçam de pé pelos seus próprios méritos.

Logo depois de mudar-se para Maycott, HPB enviou para análise aos Keightley — ambos graduados pela Universidade de Cambridge — o manuscrito completo de *A Doutrina Secreta*, cujas folhas formavam uma pilha com 90 centímetros de altura. Após terem ficado muito tempo com o manuscrito, eles concluíram que era um trabalho extraordinário, mas cuja apresentação estava “sem planejamento, estrutura ou organização”. HPB encarregou-os de melhorar isso. Não desejando alterar o manuscrito original, eles fizeram com que ele fosse datilografado e trabalharam na nova cópia.⁸⁶

Em 1889, quando o dr. Keightley compareceu à convenção da S.T. nos Estados Unidos, foi entrevistado pelo *New York Times*. O tema de *A Doutrina Secreta* apareceu quando o repórter perguntou se HPB “atualmente produzia algum dos fenômenos de poderes ocultos atribuídos a ela no passado”. Keightley respondeu:

Muito raramente, exceto quando ocorrem de uma maneira natural durante o trabalho... Enquanto trabalhava em *A Doutrina Secreta*, a sra. Blavatsky [logo que chegou da Índia] não tinha um só livro de referência perto dela e, no entanto, frequentemente fazia longas citações de duzentas ou trezentas palavras de várias obras, citando o autor, o livro e a página de forma tão precisa como se fosse uma informação instantânea. Fiquei um pouco inquieto com isso e perguntei-lhe: “Você não acha melhor que eu verifique a exatidão dessas citações?”

“Certamente, se você quiser fazer isso”, replicou ela. Então peguei uma porção delas e fui ao Museu Britânico, o único lugar onde eu sabia que tais livros estavam acessíveis. Lá constatei que as citações eram exatas nos mínimos detalhes, exceto em um ou, talvez, dois exemplos em que não encontrei a passagem citada na página que tinha sido mencionada. Digamos, por exemplo, que a página especificada fosse a 307. A citação não estava lá. Mas, agindo de acordo com uma ideia que me ocorreu, passei para a 703, e ali encontrei tal citação, palavra por palavra. A causa de tal transposição era que os números ficam inversos sob a luz astral, que apresenta as coisas exatamente como se estivessem mostradas em um espelho. Ela nem sempre se dava ao trabalho de reverter cuidadosamente o processo, quando estava fisicamente muito cansada...

As citações referidas eram principalmente do Jornal da Sociedade Asiática de Calcutá, muitas delas dos textos do coronel Wilford, trabalhos publicados há não mais de cinquenta ou sessenta anos, e que não são excessivamente raros, mas que estavam de posse de muito poucas pessoas e, certamente, não em poder dela; nem foram consultados por ela durante seu trabalho exceto através da luz astral do modo como indiquei.⁸⁷

Muitos outros assuntos foram discutidos, mas quando os leitores do *Times* abriram seus jornais no dia seguinte, eles encontraram a entrevista sob a seguinte manchete:

Através da qual alguém pode
citar o que não leu.

Entre os visitantes do verão de 1887 esteve Alexander Fullerton, dos Estados Unidos. Trabalhador ativo da S.T. em Nova Iorque, braço direito de Judge na edição da revista *The Path*, ele abandonara a sua carreira de clérigo episcopal para trabalhar em tempo integral pela Teosofia.⁸⁸ Ele conta:

Lembro bem das minhas primeiras palavras com [HPB], em agosto de 1887. Disse a ela que, naturalmente, eu sentia algum nervosismo por estar na presença de alguém que podia ler qualquer pensamento. Ela replicou que uma atitude dessas seria desonesta. Eu disse que não chamaria exatamente “desonesto”, embora pudesse ser indelicado ou uma intromissão na intimidade alheia. Ela respondeu que não, que isso seria desonesto; que ela não tinha mais direito de conhecer os segredos de outras pessoas sem o seu consentimento do que de tirar o dinheiro do bolso alheio; e que nunca usou tal poder a não ser que a própria pessoa pedisse, ou que as circunstâncias a forçassem a isso.⁸⁹

CAPÍTULO 5

Um Encontro com HPB

Charles Johnston, um jovem irlandês, visitou HPB enquanto ela vivia em Maycott. Ele foi um dos fundadores da Sociedade Teosófica em Dublin, à qual pertenceram William Butler Yeats e outros escritores irlandeses. Hoje em dia, Johnston é mais conhecido pelas suas inspiradas traduções de alguns clássicos hindus.⁹⁰

Ele aprendeu sânscrito enquanto se preparava para assumir um posto no Serviço Civil Indiano, e depois de retornar da Índia ensinou o idioma em Londres. Um livro seu a respeito dessa antiga língua recebeu elogios do orientalista Max Müller. Na virada do século, e até muitos anos depois, Johnston viveu em Nova Iorque, onde trabalhou ativamente no movimento teosófico e ensinou sânscrito na Universidade de Columbia.

Segue-se uma versão resumida da sua entrevista com HPB:

Conheci a velha e querida “HPB”, como ela fazia com que todos os seus amigos a chamassem, na primavera de 1887. Alguns discípulos seus tinham alugado uma casa bonita em Norwood, de onde se via a enorme cúpula de vidro e as torres gêmeas do Palácio de Cristal, brilhando acima de um labirinto de ruas e terraços. Londres, mesmo suja, era bela. HPB estava terminando seu trabalho diário. A primeira visão que tive foi a do seu cabelo ondulado enquanto se voltava, e depois dos seus olhos maravilhosamente poderosos quando me dava as boas-vindas: “Meu querido amigo, estou tão feliz em vê-lo! Venha conversar comigo! Você chegou justamente a tempo de tomar um pouco de chá!” Então, um grito agudo por “Louise” fez sua empregada doméstica suíça aparecer para receber uma grande quantidade de ordens, em francês.

Quando ficamos comodamente sozinhos, ela me contou uma história fascinante sobre a devoção de Louise. HPB tinha ficado, em algum lugar, desprovida da sua fonte de renda, penso que foi na Bélgica, e as coisas ficaram bastante difíceis por um tempo. Um cavalheiro rico pediu para ver a famosa feiticeira russa e deu uma gorjeta generosa à sua empregada doméstica. Logo depois que ele partiu, Louise apareceu ruborizada e pedindo desculpas: “Talvez a senhora não fique ofendida”, ela gaguejou, “mas eu não preciso do dinheiro”; e tentou transferir a gorjeta para a sua patroa.

A chegada de Louise cortou a história, e HPB mudou de assunto com um sorriso cheio de humor e ironia: “Naturalmente você já leu o Relatório da S.P.P. — a Sociedade de Pesquisa de Fantasma — e sabe que sou uma espiã russa, a campeã de fraudes dos tempos atuais?”

Sim, eu havia lido o relatório. Mas já conhecera o seu conteúdo anteriormente. Havia estado na reunião onde ele foi lido pela primeira vez, dois anos antes. Mas até onde posso ver [Hodgson] nunca investigou realmente qualquer fenômeno oculto completamente. Ele simplesmente investigou lembranças fracas e confusas deles nas mentes de testemunhas indiferentes. [Myers] veio até nós, depois da reunião, e perguntou-me sorrindo o que eu pensava do relatório. Respondi que era a coisa mais injusta e unilateral que eu ouvira alguma vez, e que se já não fosse um membro da Sociedade Teosófica, teria me unido a ela diante da força de tal ataque. Ele deu um sorriso pálido e mudou de assunto.

“A coisa engraçada a respeito dos pesquisadores psíquicos”, disse eu, “é que eles provaram para si mesmos que a maioria desses poderes mágicos são exatamente o que você diz que são, e eles parecem ter adotado em conjunto, para não dizer roubado, o seu ensinamento sobre a Luz Astral. Pegue a coisa que eles mais ridicularizaram: as viagens dos adeptos e dos seus discípulos em corpo astral. Você sabe como eles são severos com o pobre Damodar e suas viagens em corpo astral de uma parte da Índia para a outra e mesmo da Índia para Londres. Bem, eles mesmos têm provas perfeitamente consistentes sobre esses fatos. Conheço um membro do comitê deles, um professor de Física, que descobriu a transferência de pensamento e fez as primeiras experiências nessa área. Ele me mostrou um bom número de documentos ainda não publicados, e entre eles havia uma narrativa dessas viagens astrais, feitas de modo completamente consciente. Penso que o viajante astral foi um jovem médico, mas isso é apenas um detalhe. O ponto principal é que ele escreveu um diário das suas visitas, e um registro delas foi feito também pela pessoa que ele visitava, e os dois relatos coincidem perfeitamente. Eles têm toda a coisa devidamente autenticada e impressa, e já quando você diz exatamente a mesma coisa eles a chamam de impostora. Por quê?”

“Eles nunca farão muito. Eles ficam muito presos a linhas materiais”, disse HPB, “e são muito temerosos. Esse é o motivo secreto pelo qual eles se voltaram contra mim. Eles têm medo de causar um terremoto se disserem que nossos fenômenos são verdadeiros. Imagine o que isso significaria! Bem, isso praticamente submeteria a ciência moderna aos nossos *Mahatmas* e a tudo que tenho ensinado sobre os habitantes do mundo oculto e os seus poderes tremendos”.

Nunca vi admiração e reverência mais autêntica em um rosto humano, do que quando ela falava a respeito do seu Mestre. Perguntei algo a respeito da idade dele. Ela respondeu: “Meu caro, não posso dizer com exatidão, pois não sei. Mas posso contar a você o seguinte. Eu o conheci quando tinha vinte anos — em 1851. Ele era um homem jovem no auge da sua força. Agora eu sou uma mulher velha, mas ele não está nem um só dia mais velho. Isto é o que posso dizer. Você pode tirar as suas próprias conclusões.”

Ela contou-me então alguma coisa sobre outros Mestres e adeptos que havia conhecido — pois ela fazia uma diferença, como se os adeptos fossem os capitães do mundo oculto, e os Mestres, os generais. Ela havia conhecido adeptos de várias raças, do norte e do sul da Índia, Tibete, Pérsia, China, Egito; de várias nações europeias, da Grécia, Hungria, Itália, Inglaterra; de certos povos da América do Sul onde, ela dizia, havia uma Loja de Adeptos.

“Segundo essa tradição, os conquistadores espanhóis encontraram a cidade de ouro de *Manoah* ou *El Dorado*”, disse ela. “A raça tem uma origem comum com os antigos egípcios, e os adeptos ainda preservam em segredo inviolável o lugar onde moram. Há certos membros das lojas que passam de centro em centro, mantendo permanentes linhas de contato entre eles. Mas eles estão sempre conectados de outras maneiras.”

“Em seus corpos astrais?” — “Sim”, ela respondeu, “e de outras maneiras ainda mais elevadas. Eles têm em comum sua vida e seu poder. À medida que se elevam espiritualmente, eles se colocam acima das diferenças de raça, e para eles há uma só humanidade comum a todos. A

série é ininterrupta. Os adeptos são uma necessidade na Natureza e na super-natureza. Eles são os elos entre os homens e os deuses; e a palavra ‘deuses’ refere-se às almas de grandes adeptos e Mestres de raças e idades anteriores, e assim por diante, até o limiar do Nirvana. A continuidade é ininterrupta”.

“E o que eles fazem?”

“Você dificilmente poderia compreender, a não ser que fosse um adepto. Mas eles sustentam e mantêm ativa a vida espiritual da humanidade.”

“Como os adeptos guiam as almas dos homens?”

“De muitas maneiras, mas principalmente dando ensinamentos diretamente às suas almas, no mundo espiritual. É difícil entender isso. Mas é compreensível. Em certos intervalos regulares, eles tentam transmitir ao mundo como um todo um conhecimento correto das coisas espirituais. Um deles vem à frente para ensinar as massas, e é considerado, segundo a tradição, o fundador de uma religião. Krishna foi um desses Mestres; e Zoroastro; assim também foram Buda e Shankaracharya, o grande sábio do sul da Índia. E o Nazareno [Jesus].”

“Os adeptos têm algum registro secreto de suas vidas?”

“Eles têm que ter”, ela respondeu, “pois eles têm registros das vidas de todos os Iniciados. Certa vez eu estava numa grande caverna-templo nas montanhas do Himalaia, com o meu Mestre. Lá havia muitas estátuas de adeptos e, apontando para um deles, ele disse: ‘Este é aquele que você chama de Jesus. Nós o consideramos um dos maiores entre nós’.”

“Mas esse não é o único trabalho dos adeptos. Em períodos muito mais curtos, eles enviam um mensageiro para tentar transmitir ensinamentos ao mundo. Tais períodos acontecem no último quarto de cada século, e a Sociedade Teosófica representa o seu trabalho para esta época.”

“Como isso beneficia a humanidade?”

“Qual é o benefício, para você, de conhecer as leis da vida? Isso não o auxilia a escapar da doença e da morte? Bem, há uma doença da alma e uma morte da alma. Só o verdadeiro ensinamento da vida pode curar isto. As igrejas dogmáticas, com o seu inferno e condenação, o céu de metal^{*1}, seu fogo e enxofre, tornaram quase impossível aos seres pensantes acreditar na imortalidade da alma. E se eles não acreditam numa vida após a morte, então não terão vida após a morte. Esta é a Lei?”

“Como é possível que aquilo que as pessoas acreditam as afete? Qualquer coisa que pensem pode ser verdadeira ou falsa.”

“As crenças das pessoas as afetam da seguinte maneira. A vida após a morte é determinada pelas aspirações e pelo desenvolvimento espiritual que ocorre no mundo sutil. De acordo com o crescimento de cada um [em nosso mundo], assim será a sua vida no pós-morte. Ela é o complemento da sua vida aqui. Todos os anseios espirituais não-satisfeitos, todos os desejos por uma vida mais elevada, todas as aspirações e sonhos por coisas nobres florescem na vida espiritual, e então a alma tem o seu dia, porque a vida na terra é a sua noite. Mas se você não tem aspirações nem anseios mais elevados, nem acredita em qualquer tipo de vida após a morte, então não há substância para a sua vida espiritual; sua alma é uma folha em branco.”

“O que acontece a você então?”

“Você irá reencarnar imediatamente, quase sem qualquer intervalo, e sem alcançar a consciência no outro mundo.”

“O que mais vocês — como teósofos — ensinam?”

“Bem, meu senhor! Parece que estou passando por um exame completo esta noite”, respondeu ela com um sorriso. “Nós ensinamos algo muito antigo e que precisa ser ensinado. Ensinamos a

fraternidade universal.”

“Não vamos perder-nos em noções. Explique exatamente o que você quer dizer com isso.”

“Vou pegar um fato concreto”, disse ela. “Consideremos os ingleses. Como eles são cruéis! Como maltratam os meus pobres hindus!”

“Eu sempre pensei que eles fizeram bastante bem para a Índia do ponto de vista material”, objetei.

“Mas qual é a utilidade de benefícios materiais se você é desprezado e tripudiado moralmente todo o tempo? Se os seus ideais de honra nacional e glória forem esmagados na lama, e se você tiver de sentir todo o tempo que é uma raça inferior — uma ordem inferior de mortais? Os ingleses os chamam de porcos e acreditam sinceramente nisso. Bem, a fraternidade universal seria exatamente o contrário disto. Nenhum benefício material, por maior que seja, pode compensar a ferida nas suas almas e o esmagamento dos seus ideais. Há também outro aspecto nessa questão, que os teósofos sempre apontam. Não há realmente ‘raças inferiores’, pois todos são um na nossa humanidade comum; e como todos nós tivemos encarnações em cada uma dessas raças, devemos ser mais fraternais com elas. Estes povos são os nossos protegidos, foram confiados a nós; e o que fazemos? Nós invadimos suas terras e atiramos neles diante de suas próprias casas, ultrajamos suas mulheres e roubamos os seus bens, e depois, com uma expressão amável e hipócrita no rosto, viramos as costas e dizemos que estamos fazendo isso para o bem deles. Mas há uma lei justa; ‘a língua falsa sofrerá com a sua mentira; o saqueador rouba para entregar-se. Você não progredirá enquanto não pagar tudo o que deve’.”

“Então os adeptos a mandaram para ensinar isto?”

“Sim, isto e outras coisas — coisas que são muito importantes, e em pouco tempo serão ainda mais importantes. Há o perigo da magia negra, para a qual todo o mundo, especialmente a América, está correndo tão rapidamente quanto pode. Só um conhecimento amplo da real natureza psíquica e espiritual do homem poderá salvar a humanidade de graves perigos.”

“Histórias de feiticeiras neste chamado século dezenove, nesta era iluminada?”

“Sim, senhor! Histórias de feiticeiras nesta era iluminada! E guarde bem as minhas palavras! Você terá histórias de feiticeiras como a Idade Média jamais sonhou. Países inteiros cairão sem perceber na magia negra,^{*2} com boas intenções, sem dúvida, mas preparando o caminho para o inferno, mesmo assim! Você não vê o mal tremendo do culto ao hipnotismo? O hipnotismo e a sugestão são poderes grandes e perigosos, exatamente porque a vítima nunca sabe quando está sujeita a eles; sua vontade é roubada. Essas coisas podem começar com objetivos bons e propósitos corretos. Mas sou uma mulher velha e já vi muito da vida humana em muitos países, e gostaria imensamente de poder acreditar que esses poderes serão utilizados apenas para o bem! Se você pudesse prever o que eu prevejo, você começaria, de corpo e alma, a difundir o ensinamento da fraternidade universal. Ele é a única garantia!”

“Mas como a fraternidade universal pode defender as pessoas do hipnotismo?”

“Pela purificação dos corações das pessoas que fariam mau uso dele. E a fraternidade universal tem como base a alma comum. É porque há uma alma comum a todos os homens que a fraternidade, ou mesmo uma compreensão comum, é possível. Se fizermos os homens apoiarem-se sobre esta base, eles serão salvos. Há um poder divino em cada homem, que rege a sua vida e que ninguém pode influenciar para o mal — nem mesmo o maior mago. Que os homens coloquem as suas vidas sob essa orientação e não terão nada a temer de homem algum nem do demônio.”

“E agora, meu caro, já é tarde e estou ficando com sono. Portanto tenho que desejar-lhe uma boa noite!”

E a Velha Senhora despediu-se de mim com o ar majestoso que possuía e que nunca a deixou, porque era parte dela mesma. Ela foi a mais perfeita aristocrata que jamais conheci.⁹¹

*1 Alusão a ruas pavimentadas com ouro.

*2 Hitler e os principais dirigentes nazistas usavam as artes da magia, segundo se diz, ao executarem as políticas adotadas pelo Terceiro *Reich*. A lavagem cerebral hipnótica era uma prática comum.

CAPÍTULO 6

Lansdowne Road, 17

Após quatro meses em Maycott, a loja Blavatsky já precisava de instalações maiores e mais próximas do centro de Londres. Os Keightley acharam o lugar exato em *Lansdowne Road*, 17, um prédio de três andares rodeado por belos jardins.⁹² (Veja a foto nº 30 nas páginas centrais.)

A mudança para a nova sede, em setembro de 1887, ocorreu simultaneamente ao lançamento solene da bela revista *Lucifer*. O formato da publicação e a sua capa bonita faziam um forte contraste com *The Theosophist*, com suas páginas sobrecarregadas de letras pequenas e papel de má qualidade.

O título da revista chocou muitas pessoas, inclusive os parentes de HPB, devido à associação popular de *Lucifer* com o demônio ou com os anjos caídos. Ela deu uma ampla explicação sobre a palavra no editorial de abertura da revista, *O Que é Um Nome?* Mas ela expressou melhor seu ponto de vista em uma carta à sua família:

Por que me criticam por ter dado à minha revista o nome de *Lucifer*? É um nome esplêndido! *Lux*, *Lucis* — luz; *ferre* — carregar; “o portador da luz” — o que poderia ser melhor que isso?... é somente devido a *Paraíso Perdido*, de Milton, que *Lucifer* tornou-se sinônimo de anjos caídos. O primeiro objetivo da minha revista será o de remover honestamente a mancha da incompreensão em relação a este nome, que foi usado pelos antigos cristãos para referir-se a Cristo...

Eosphoros dos gregos, *Lucifer* dos romanos — esses são os nomes de [Vênus], a estrela da manhã que anuncia o sol brilhante... Será que Cristo, referindo-se a si mesmo, não disse: “Eu, Jesus... sou a brilhante Estrela da Manhã?” (Apocalipse, 22:16)... que a nossa revista também, como a pálida e pura estrela da alvorada, antecipe o nascer do sol da verdade — a combinação de todas as desarmonias, de todas as interpretações ao pé da letra, em uma só luz da verdade transmitida pelo espírito.⁹³

Para evitar dogmatismo, a revista abriu, igualmente, as suas páginas a teósofos e não teósofos, como Blavatsky indica no seu artigo *O Que é a Verdade?* (*Lucifer*, fevereiro de 1888): “O mais puro materialista encontrará hospitalidade na nossa revista; sim, mesmo aqueles que não tiveram

escrúpulos em encher páginas com observações pessoais e desprezo a nosso respeito, distorcendo as doutrinas da Teosofia que é tão cara a nós.” Numa série de quinze partes, Lucifer publicou uma novela que satirizava alguns dirigentes teosóficos, com Blavatsky retratada como uma “espécie de papagaio mediúnico”, para usar as palavras dela própria.⁹⁴ *The Talking Image of URUR (A Imagem Falante de URUR)* foi escrita por Franz Hartmann e mais tarde apareceu como um livro.⁹⁵

A condessa Wachtmeister retornou da Suécia em setembro de 1887 para assumir novas responsabilidades à frente de uma nova editora, *Theosophical Publishing Company*, localizada em *Duke Street*. Pouco antes do seu retorno, HPB recebeu uma carta do filho da condessa, Carl, pedindo um conselho sobre um problema pessoal referente à sua saúde. Dia onze de setembro ela respondeu:

Meu caro Conde,

Respondo apenas agora porque não quis responder com base em minha própria cabeça. O conselho é o seguinte: leve uma vida tão regular quanto possível — indo para a cama mais cedo do que tarde. Entre no Conservatório de Leipzig tentando estabelecer um acordo inicial para ter menos horas de estudo por motivos de saúde. Se você fizer exercícios corporais pela manhã ou à noite será o suficiente... mas tente manter os seus pensamentos concentrados e voltados para a música — ou melhor, para a *harmonia*. Porque a *harmonia* mental, psíquica e espiritual, banhando sua alma, irá ter uma forte influência na parte fisiológica do sistema. É quando um homem está sendo jogado para lá e para cá pelos seus pensamentos ou não pode concentrá-los em nada concreto que a desarmonia e, a partir dela, a doença, aparecem no corpo. Agarre-se com força à música e à sua filosofia e todas as outras filosofias virão até você naturalmente.

Espero que tenha-me entendido, mas, se sua mãe estiver com você, ela explicará as palavras do Mestre.

Desejando êxito e saúde, agradecendo pela confiança, sempre sua amiga, fraternalmente,

H.P. Blavatsky⁹⁶

O conde alcançou destaque em sua carreira de compositor. Escreveu diversas sinfonias e duas óperas, incluindo uma ópera oratório sobre a vida de Buda. Um dos seus instrutores parece ter sido Vincent d'Indy. O conde morreu com oitenta e dois anos de idade.⁹⁷

Blavatsky falou em outra ocasião da influência da harmonia, ou da falta dela, no sistema fisiológico: “Metade, senão dois terços de nossas doenças são fruto da nossa imaginação e dos nossos medos. Destruam estes últimos e dêem outra direção à imaginação e a natureza fará o resto.”^{*1} Ela

acrescenta, entretanto, que não devemos ser demasiado arrogantes ao pretender eliminar com o pensamento “as doenças que — sob o risco de se tornarem fatais — necessitam cirurgias e médicos treinados”.⁹⁸

Um dos adeptos teosóficos admite que na era atual “há grandes triunfos da ciência... na cura das doenças”, mas observa que esses esforços “são quase todos dirigidos aos *efeitos* e não eliminam as *causas* dos males... No futuro, ao abrir-se a flor da nossa civilização, novas doenças e desordens surpreendentes surgirão de causas profundamente enraizadas nas mentes dos homens e que só podem ser eliminadas pela prática da vida espiritual”.⁹⁹

HPB nunca alegou possuir o poder de curar doenças, mas há indícios de que ela possuía conhecimentos nesta área. Alice Cleather aborda o tema em seu livro *H.P. Blavatsky As I Knew Her* (*H.P. Blavatsky Como Eu a Conheci*). Logo após a morte de Blavatsky, a sra. Cleather fez uma consulta com o dr. Z. Mennell, o médico de HPB em Londres, e anotou:

Foi uma visita inesquecível, que durou quase duas horas (ele manteve uma sala de espera cheia de pacientes enquanto nós conversávamos). Muito pouco foi dito sobre minha própria saúde... Mas falamos muito acerca de HPB. Ele me contou que ela tinha sido uma grande inspiração para ele em seu trabalho como médico. Ela lhe ensinou muito sobre a natureza do corpo e dos seus poderes — particularmente do *cérebro*. Algumas coisas que ela demonstrou a ele com seu próprio organismo estavam tão além do campo de conhecimento da ciência médica que seria inútil apresentá-las diante do Colégio de Médicos, no qual penso que ele era um membro de destaque. Ele contou-me que tinha falado de um exemplo a eles, mas foi recebido com um ceticismo tão obstinado e irreversível que nunca mais repetiu a tentativa.¹⁰⁰

Quanto ao poder curativo de HPB, um exemplo é relatado por Archibald Keightley em *Reminiscences of H.P. Blavatsky*. Ele conta que ficou doente de uma espécie de erisipela, acompanhada por uma febre alta, após um esforço muito intenso no trabalho teosófico:

O médico da sra. Blavatsky havia vindo visitá-la e examinou-me. Não sei o que ele disse, mas enquanto eu estava deitado, num estado de torpor, percebi que a sra. Blavatsky havia subido dois lances de uma escada bastante íngreme (ela nunca subia um degrau a menos que fosse indispensável, devido à intensa dor que isto causava) e que tinha vindo para julgar por si mesma a avaliação que o seu médico fizera do meu caso. Ela sentou-se, olhou para mim, e falou enquanto segurava um copo de água em suas mãos; depois bebi aquela água. Ela então desceu as escadas fazendo um sinal para que eu a acompanhasse. Eu descí, obedeci às ordens de deitar-me no sofá da sala dela, onde foram colocadas cobertas sobre mim. Permaneci lá durante algum tempo enquanto ela trabalhava escrevendo, sentada à mesa em sua grande cadeira, com suas costas viradas para mim. Não sei dizer quanto tempo fiquei assim, mas subitamente passou pela minha cabeça um raio de luz de um vermelho profundo, como um

relâmpago. Eu me ergui espantado, num gesto automático, e ouvi a voz dela através das costas da cadeira: “Deite-se, para que se preocupar?” Assim o fiz e dormi. Mais tarde fui para o andar de cima para dormir em uma cama. Novamente adormeci e na manhã seguinte estava muito bem, apenas um pouco trêmulo. Então me enviaram a Richmond, e fui proibido de retornar até que estivesse forte.¹⁰¹

Também em *Reminiscences* Keightley dá-nos um relato interessante das reuniões da loja Blavatsky, quando ela estava localizada em *Lansdowne Road*:

As discussões eram informais. Todos sentávamos em volta e fazíamos perguntas à sra. Blavatsky... Uma das coisas que nos encantava ocorria quando a sra. Blavatsky respondia pelo método socrático — fazendo uma outra pergunta e buscando informação por sua vez. Era um método muito efetivo e frequentemente confundia quem havia feito a pergunta inicial. Se houvesse uma busca autêntica de informação por parte do perguntador, ela não poupava esforços para dar toda a informação de que dispunha. Mas se a pergunta era feita para aborrecê-la ou confundi-la, o assunto terminava mal para o perguntador. As reuniões eram muito longas, mas a sra. Blavatsky gostava das disputas de destreza mental.

Havia pessoas de muitos países diferentes naquele auditório nas noites de quinta-feira, e ninguém poderia prever quem estaria presente. Às vezes havia visitantes fisicamente invisíveis, vistos por alguns mas não por outros. Os resultados eram curiosos. A sra. Blavatsky sofria muito com o frio, e sua sala era, por isso, mantida bastante aquecida, de modo que durante as reuniões a temperatura era, muitas vezes, desagradavelmente quente. Certa noite, antes do início da reunião, constatei, ao descer, que a sala estava fria como uma casa de gelo, embora as luzes e o fogo estivessem bem acesos. Chamei a atenção de HPB para esse fato, mas ela reagiu com uma gargalhada e disse: “Ah! um amigo meu veio ver-me e esqueceu de remover a sua atmosfera.”

Em outra ocasião, lembro que as peças da casa foram enchendo gradualmente até que não havia mais nenhum assento vago. No sofá estava sentado um hindu de aparência distinta, com toda sua roupa e turbante. As discussões prosseguiram e aparentemente o nosso distinto hóspede parecia seguir inteligentemente as colocações feitas por cada um dos interlocutores. O presidente da loja chegou muito tarde, naquela noite, e olhou ao redor procurando um assento. Caminhou até o sofá e sentou-se nele justamente no meio do distinto hindu, que, prontamente, e com alguma surpresa, emitiu um ruído sibilante e desapareceu.¹⁰²

Entre uma reunião e outra e durante o dia a loja Blavatsky era uma colmeia de atividades, segundo registra um trabalhador residente, o teósofo irlandês Claude Falls Wright. Além dos sucessivos visitantes havia sempre um certo número de trabalhadores voluntários ao redor, que ajudavam de várias maneiras. Certo dia, um grupo de trabalhadores fez uma reunião fechada para discutir algo que eles consideravam ser um problema urgente. Tendo chegado a um impasse, uma garota, que estava entre os voluntários mais jovens, bateu à porta de HPB e pediu que ela resolvesse a questão:

“Minha senhora”, disse ela, “qual é a coisa mais importante e necessária no estudo da Teosofia?”

“Bom senso, minha querida.”

“E o que a senhora colocaria em segundo lugar?”

“Um senso de humor.”

“E em terceiro, senhora?” Neste ponto a paciência já devia estar chegando ao fim.

“Ah, só MAIS bom senso!”¹⁰³

Durante esse período, HPB raramente saía, mas no começo de janeiro de 1889 a condessa Wachtmeister e o artista americano Edmund Russell¹⁰⁴ a pressionaram para que visitasse o estúdio do notável fotógrafo londrino Enrico Resta para que ele tirasse algumas fotografias dela. Uma delas é a famosa foto conhecida como *a esfinge*. Anos mais tarde, Resta contou a história da visita numa carta a John Coats, na época presidente da S.T. em Londres:

Uma manhã (8 de janeiro de 1889)... eu estava no meu estúdio... muito ocupado tirando fotografias, quando um assistente meu disse-me sussurrando que uma senhora desejava ser fotografada o mais rápido possível, pois tinha pouco tempo... Entraram a sra. Blavatsky e a condessa Wachtmeister. A primeira senhora sentou-se imediatamente numa pequena mesa e percebi que colocava a sua mão direita em seu bolso enquanto enrolava uma cigarro que vocês verão nas fotos... Sem qualquer “arranjo de estúdio”, a sra. Blavatsky disse que desejava olhar a câmara naquela posição natural, e eu, tremendamente impressionado com a personalidade e expressão dela, tirei seis fotografias, que para minha alegria foram um sucesso. A sra. Blavatsky levantou-se e agradeceu-me por tê-la atendido tão rapidamente, dizendo que certo artista havia recomendado o meu trabalho. As provas foram enviadas e voltaram com uma carta expressando satisfação com os resultados e, como vocês sabem, muitos milhares delas foram impressas para a Sociedade Teosófica... Ocasionalmente eu recebia um convite simples para fazer uma visita informal a essa grande senhora, e a conversa abordava a vida em todos os seus aspectos, ou talvez o ilimitado poder do bem, ou ela mostrava um amável interesse pelo meu trabalho, que eu amava. Alguns anos depois desisti do estúdio, e os únicos negativos que decidi manter comigo foram estes [anexos]. Foram guardados como algo muito valioso e estão em perfeitas condições, mas agora, que sou um velho de 85 anos, sinto que esses emblemas realistas de uma grande personagem não devem mais ser retidos por mim.¹⁰⁵

Um dos visitantes de HPB nos tempos de Londres era um rico aristocrata da Espanha, José Xifré, amigo íntimo da rainha Isabel II e do rei Afonso XII. Há relatos de que o rei, no seu leito de morte, qualificou Xifré como o único amigo desinteressado que havia tido em sua vida.¹⁰⁶ Com relação ao seu primeiro encontro com HPB, Xifré disse que um relance dos olhos dela “penetrou e destruiu a personalidade que eu tinha sido até aquele momento” e que “as ideias, tendências e preconceitos, marcados com força maior ou

menor, desapareceram... Não tentarei explicar esse fato aparentemente surpreendente [mas este] como todos os outros, está baseado na grande lei do *karma*... A ela devo tudo o que sei... Ao conhecê-la, alcancei ao mesmo tempo uma amável tranquilidade e um equilíbrio moral.”¹⁰⁷

Em outra ocasião, ele disse que HPB havia salvo duas vezes a sua vida. Um desses incidentes ocorreu quando estava deixando Londres e indo para o continente. Ela disse: “Você não vai viajar hoje.” Xifré replicou que tinha que partir. Quando Blavatsky insistiu que ele não devia ir, ele respondeu: “Mas, *tenho* que ir, é absolutamente necessário que eu vá. Não posso postergar a minha partida.” “Você não irá, você precisa permanecer esta noite em Londres”, ela ordenou. Ele obedeceu relutante. No dia seguinte, os jornais noticiavam que o trem do correio noturno, que Xifré teria tomado, tinha sofrido um desastre terrível.¹⁰⁸

Apesar da oposição da Igreja católica, Xifré, com vários associados, propagou ativamente a Teosofia na Espanha. No fim de 1889, estavam prontas as traduções espanholas de *Ísis Sem Véu*, *O Budismo Esotérico*, *Luz no Caminho* e *A Chave Para a Teosofia*.¹⁰⁹ Um panfleto intitulado *O Que é Teosofia?* foi distribuído nas universidades, bibliotecas e clubes da Espanha. Em maio de 1893, uma revista teosófica, *Sophia*, foi lançada em Madrid e sua publicação continuou durante dezessete anos. Zirkoff observa que “talvez o resultado maior e mais duradouro do trabalho incansável de José Xifré, em cooperação com alguns poucos amigos e colaboradores em quem confiava plenamente, tenha sido uma excelente tradução espanhola de *A Doutrina Secreta*, cujo primeiro volume apareceu em 1895”.¹¹⁰ O trabalho teosófico de Xifré foi afinal silenciado quando ele perdeu a sua fortuna, um fato que ele acreditou ter sido provocado pela Igreja Católica.¹¹¹

Na Inglaterra, a Igreja Anglicana teve papel central na proibição da revista *Lucifer* onde quer que ela estivesse à venda. Sem dúvida, a Igreja sentiu-se particularmente ofendida pelo editorial do número de dezembro de 1887, *Saudações de Lucifer ao Arcebispo de Canterbury!*, no qual foram apresentadas provas que “em quase todos os pontos as doutrinas da Igreja estão em direta oposição aos ensinamentos de Jesus”. O editorial conclui da seguinte forma:

E agora, meu Senhor Primaz, já colocamos muito respeitosamente para sua apreciação os principais pontos de diferença e discordância entre a Teosofia e as igrejas cristãs, e falamos da unidade entre a Teosofia e os ensinamentos de Jesus. O senhor ouviu nossa profissão de fé, soube das nossas queixas e dos protestos que fazemos em relação ao cristianismo dogmático. Nós, um punhado de indivíduos humildes, que não possuímos riquezas materiais, nem influência sobre o mundo, mas somos fortes em nosso conhecimento, estamos unidos na esperança de fazer o trabalho que o senhor diz que o seu MESTRE atribuiu à sua igreja, mas que é tão tristemente deixado de lado por aquele rico e dominante colosso — a Igreja Cristã.

Nós perguntamos se o senhor chamará isto de presunção. Será que nesta Terra onde há liberdade de opinião, de expressão e de iniciativas, o senhor não terá outra reação além do costumeiro anátema que a igreja reserva aos reformadores? Ou podemos esperar que as lições amargas da experiência que essa política deu às igrejas no passado tenham alterado os corações e esclarecido as concepções dos seus dirigentes; e que no próximo ano, 1888, os cristãos nos estenderão suas mãos com um sentimento solidário e de boa vontade? Isso seria apenas o justo reconhecimento de que esse corpo relativamente pequeno, chamado Sociedade Teosófica, não é um pioneiro do anticristo, nem fruto do Mal, como a Igreja o vê, mas, sim, um ajudante prático, talvez o salvador do Cristianismo, e que só está se esforçando por fazer o trabalho que Jesus, assim como Buda e outros “filhos de Deus” que o precederam, recomendou a todos os seus seguidores, mas que as igrejas, tendo caído no dogmatismo, estão completamente incapazes de realizar.

Entretanto, se Sua Graça puder provar que estamos fazendo uma injustiça contra a Igreja que o senhor dirige, ou contra a popular Teologia, prometemos reconhecer publicamente o nosso erro. Contudo, “QUEM CALA CONSENTE”.¹¹²

O arcebispo permaneceu em silêncio. Cartas recebidas pela revista *Lucifer* mostraram uma ampla aprovação do ousado editorial. A revista teve uma reimpressão de quinze mil exemplares, o que pareceu ser um desafio a mais para que a Igreja reformasse a si mesma.

No número de dezembro de *Lucifer* também apareceu o segundo texto, da série de três, escrita por HPB e intitulada *O Caráter Esotérico dos Evangelhos* — mais uma causa de oposição à Teosofia para aqueles que tomavam literalmente os ensinamentos de Jesus.¹¹³

HPB destaca que segundo os próprios evangelhos Jesus ensinava aos seus discípulos uma doutrina esotérica, ou secreta: “A vós vos foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas” (Marcos, 4:11). E “Jesus expunha todas as coisas aos seus discípulos em particular”, mas aos outros “nada falava a não ser em

parábolas” (Marcos, 4:33-34). No Novo Testamento nós temos as parábolas, mas quem conhece os significados internos delas?

Blavatsky disse que os ensinamentos esotéricos foram preservados e ensinados pelos gnósticos cristãos, que, por sua vez, os haviam recebido dos discípulos de Jesus. Poderemos imaginar como tais declarações chocaram os cristãos na época de HPB, pois eles haviam aprendido que o gnosticismo era uma heresia perigosa surgida dentro da Igreja Católica no século segundo. Os primeiros padres da Igreja destruíram, durante vários séculos, todos os textos gnósticos que encontravam. Muitas vezes, quem era gnóstico recebia pena de morte, e tudo que se podia saber sobre essa religião vinha dos relatos distorcidos de escritores cristãos. A própria palavra *gnóstico* chegou às futuras gerações como algo contaminado pela peste.

Historiadores imparciais, como Gibbon, pensavam de outra maneira. HPB citou palavras de Gibbon no sentido de que os gnósticos eram “os mais instruídos sob a denominação cristã” e que não se satisfaziam em serem apenas crentes. Nem eles ficavam contentes com mero conhecimento, mas buscavam uma experiência direta e pessoal da Gnose.¹¹⁴ A palavra *gnóstico* vem da palavra grega que significa “conhecimento”.

Desde o tempo de HPB, estudiosos imparciais tornaram-se cada vez mais conscientes do valor da literatura gnóstica. Um desses eruditos, o reverendo A.A.F. Lamplugh, escreveu na introdução à sua tradução do tratado gnóstico *Codex-Brucisnus*, publicado em 1918 com o título de *A Gnose da Luz*: “Investigações recentes desafiaram... os tradicionais ‘fatos’. Para alguns hoje, e para muitos no futuro, a questão central não é de que modo uma heresia particularmente tola e licenciosa surgiu dentro da Igreja; mas a questão é — e será — por que razões a Igreja levantou-se contra o grande movimento gnóstico, e como essas ideias dinâmicas da gnose transformaram-se em dogmas cristalizados?”¹¹⁵ De maneira similar, Carl Jung pensava que “as ideias centrais do Cristianismo estão alicerçadas na filosofia gnóstica”.¹¹⁶ Todos os que conhecem os seus escritos sabem quão profundamente ele estudou os ensinamentos e símbolos gnósticos.

Em *Ísis Sem Véu*,^{*2} HPB menciona que no evangelho de São João e nos Atos de São Paulo, o Novo Testamento apresenta grande número de

expressões gnósticas, como admitem os eruditos hoje em dia. É interessante saber que há duas citações contidas nas atas da loja Blavatsky no ano de 1889, registrando que, em doze de outubro, HPB falou à loja sobre o evangelho de São João e que, no dia vinte e quatro de outubro, ela falou sobre o tema de Jesus e São João.

A confirmação mais clara da visão teosófica de que os ensinamentos secretos de Jesus eram estudados e reverenciados pelos antigos gnósticos surgiu em meados do século vinte. Em 1945, na encosta de um morro junto a Nag Hammadi, uma cidade no Nilo a cerca de quinhentos quilômetros do Cairo, um agricultor árabe chamado Muhammad Ali e seus irmãos fizeram uma descoberta extraordinária. Desmontando dos seus camelos em busca de um solo especial para fertilizar suas plantações, ao cavarem junto a uma grande pedra num velho cemitério copta, bateram numa grande jarra de barro com quase um metro de altura. Muhammad hesitou em partir a jarra, imaginando que um *jinn*, espírito, podia estar residindo nele. Mas ele pensou que podia haver ouro e esfaçalhou a jarra, ficando decepcionado ao encontrar treze livros encadernados em couro, além de uma massa de papiros soltos, todos manuscritos. Ao retornar à sua casa, ele atirou tudo perto do forno, e sua mãe usou muitos deles para animar o fogo.

O modo como o material finalmente chamou a atenção das autoridades no Egito — e dos eruditos em todo o mundo — é uma história dramática, excitante, cheia de intrigas e, no mundo acadêmico cristão, batalhas ciumentas, para saber quem o traduziria primeiro.¹¹⁷ O público em geral não teve mais conhecimento da descoberta até 1979, quando o livro de Elaine Pagels *The Gnostic Gospels (Os Evangelhos Gnósticos)* foi publicado. Tendo aprendido o copta na Universidade de Harvard, Pagels tinha sido enviada pela Universidade para estudar os documentos de Nag Hammadi. O seu livro, amplamente aclamado, recebeu o prêmio do Círculo Nacional de Críticos de Livros e foi selecionado como o Livro-do-Mês, nos Estados Unidos. *The New Yorker* qualificou-o como “um estudo intelectualmente elegante e conciso... A economia de palavras com que ela evoca o mundo do Cristianismo antigo é maravilhosa”.

“Aqueles que reverenciaram e passaram adiante os escritos [de Nag Hammadi]”, diz Pagels, “não se consideravam hereges, mas gnósticos — isto é, cristãos que possuem conhecimento (gnose) sobre os ensinamentos

secrets de Jesus — um ensinamento escondido da maioria dos crentes, até que eles provassem ser espiritualmente maduros”. Ela menciona o versículo citado antes do evangelho de São Marcos, em que Jesus diz aos seus discípulos: “A vós vos foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas” (Marcos 4, 11).

Em *Os Evangelhos Gnósticos*, Pagels observa que as “ideias que costumamos associar com religiões orientais emergiram no Ocidente, no primeiro século, através do movimento gnóstico, mas foram suprimidas e condenadas por polemistas como Irineu”. A reencarnação destacava-se entre essas ideias embora a fonte não estivesse em religiões orientais e, sim, de acordo com os gnósticos, no próprio Cristianismo original. O professor Geddes MacGregor declara no seu livro *Reincarnation and Christianity (A Reencarnação e o Cristianismo)* que os pontos de vista reencarnacionistas eram lugar comum no clima gnóstico em que o Cristianismo nasceu e desenvolveu-se.¹¹⁸ Com relação aos textos de Nag Hammadi, o egiptólogo francês Jean Doresse revela que eles ensinam que “o homem precisa passar por sucessivos nascimentos antes de atingir a sua meta”.¹¹⁹

Outro texto copta citado por Pagels em relação a outras inter-relações, é *Pistis Sophia*.^{*3} Descoberto em meados do século dezoito, contém muitas páginas em que o próprio Cristo instruiu seus discípulos sobre vários aspectos da reencarnação¹²⁰ [e outros ensinamentos dos mistérios que são posteriores à ressurreição]. G.R.S. Mead, o erudito secretário de HPB, foi o primeiro a traduzir para o inglês *Pistis Sophia* a partir da versão em latim. Antes da sua publicação como livro, cerca de metade do texto foi publicada em várias partes em *Lucifer*, e HPB escreveu quarenta páginas de comentários em sua revista.¹²¹

O trabalho da Teosofia no campo do Cristianismo esotérico foi reconhecido na *Encyclopaedia Britannica* num artigo sobre o Cristianismo pelo historiador da religião Ernst Wilhelm Benz. Na seção *Correntes Modernas do Cristianismo Esotérico*, Benz inclui a Teosofia, definindo-a como “caracterizada principalmente por uma combinação de tradições e ensinamentos cristãos e elevadas religiões asiáticas”. Ele conclui a seção com um comentário surpreendente: “Muitos eruditos estão convencidos de que, no século vinte, é necessário um Cristianismo esotérico para cumprir uma tarefa positiva como um contra movimento capaz de compensar a

perda de substância espiritual na organização institucional, social e dogmaticamente estática da Igreja.”¹²²

Um pensamento final sobre as descobertas de *Pistis Sophia* e da escrituras de *Nag Hammadi*. A julgar pelas aparências, foi de modo inteiramente casual que *Pistis Sophia* e as escrituras de *Nag Hammadi* vieram à luz. Também foi assim com os manuscritos do Mar Morto, que causaram tanta agitação entre os eruditos. Em *Ísis Sem Véu*,^{*4} HPB cita Max Müller, que escreveu nos anos 1860:

A ciência da religião está só começando... Durante os últimos cinquenta anos, documentos autênticos das religiões mais importantes do mundo foram recuperados de maneira inesperada e quase miraculosa. Agora temos diante de nós os livros canônicos do Budismo; o *Zend Avesta* de Zoroastro não é mais um livro desconhecido, e os hinos do *Rig Veda* revelaram um conjunto de religiões anteriores às primeiras origens daquela mitologia que, em Homero e Hesíodo, parece-nos um conjunto de ruínas.

HPB acrescenta numa nota de pé de página:

Um dos fatos mais surpreendentes que observamos é que os estudantes envolvidos em pesquisa profunda não atribuem a frequente ocorrência dessas descobertas “inesperadas e quase miraculosas” de documentos importantes, nos momentos mais oportunos, a nenhum propósito pré-determinado. Será tão estranho pensar que os guardiões da sabedoria “pagã”, vendo que chegou o momento certo, façam com que o documento, livro, ou relíquia necessários cheguem como que por acaso às mãos do homem certo?

Ficamos imaginando quantos outros documentos, livros ou relíquias ainda estão longe do nosso alcance, esperando o momento correto para serem revelados.

*1 Foi só nos últimos trinta ou quarenta anos que a ciência médica tomou conhecimento das causas psicossomáticas de muitas das nossas doenças. Se parece que HPB exagerava ao dizer que a metade ou dois terços das nossas doenças são causadas pela imaginação e medos, convém reparar na seguinte observação feita pelo médico Edward B. Kitfield, que, em 1989, foi escolhido pelos médicos de Maine como “clínico geral do ano”. Disse ele: “Três quartas partes do que aparece no consultório do médico tem base na psicologia. Se vocês cuidarem bem de si mesmos, física e emocionalmente, não terão necessidade de nós... As emoções regulam o sistema imunológico.” Sentimentos negativos inibem essa ação. (Bangor Daily News, 8 de julho de 1989.)

*2 *Ísis Sem Véu*, vol. 2, p. 205 da ed. em inglês.

*³ *Pistis Sophia*, tradução e interpretação de Raul Branco, Brasília: Editora Teosófica, 4ª edição, 2021.

*⁴ Vol. 2, p. 26, da edição em inglês.

CAPÍTULO 7

A Previsão das Guerras Mundiais?

Discutindo o sonho profético de Carl Jung sobre a Primeira Grande Guerra Mundial,¹²³ Lewis Mumford escreveu em *The New Yorker* (23 de maio de 1964): “Este sonho, fantástico quando visto retrospectivamente, pois foi logo confirmado pelos fatos, pode ser colocado na mesma categoria da visão da sra. Blavatsky, muito anterior e inclusive mais realista, da destruição de cidades por explosões nucleares.” Essa visão é encontrada na história *Visões Cármicas*, de HPB (*Lucifer*, junho de 1888).

Na ocasião em que a história foi escrita não haviam acontecido guerras maiores na Europa durante duas décadas, e essa paz continuaria por mais vinte e cinco anos. Os observadores europeus estavam encorajados a prever um milênio de paz, prosperidade e progresso científico. E foi nessa realidade que o texto de HPB previu o morticínio da Primeira Grande Guerra e um período subsequente, em que as forças armadas teriam armamentos capazes de destruir milhões de pessoas instantaneamente.

A primeira parte de *Visões Cármicas* gira em torno de Clóvis, um governante do século quinto que fundou o reino dos francos e fez de Paris sua capital. A segunda parte focaliza Clóvis renascendo como um monarca que, embora isso não seja mencionado na história, se parece fortemente com Frederick III, muito amado, mas condenado a um final trágico. Após um reinado de apenas noventa e nove dias, Frederick morreu em virtude de um câncer na garganta em junho de 1888, mesmo mês em que *Visões Cármicas* foi publicado. Seu pai, Wilhelm I, havia morrido antes naquele mesmo ano. O editorial de *Lucifer* para o Ano Novo de 1889 comenta:

Um ano atrás foi dito que 1888 seria uma combinação sombria de números, o que foi comprovado mais tarde... Quase todas as nações passaram por alguma calamidade terrível. O que ocorreu na Alemanha chamou atenção em relação a outros países. Foi em 1888 que o império alcançou, virtualmente, o seu 18º ano de unificação. Foi durante a combinação fatal de quatro números 8 que ela perdeu dois imperadores, e plantou as sementes para muitas consequências *kármicas* terríveis.

Uma consequência terrível foi que quando Clóvis, reencarnado como Frederick III, morreu, o herdeiro do trono foi seu filho mais velho, imperador Wilhelm II, que ficou famoso pela Primeira Guerra Mundial e foi um dos principais responsáveis por aquele conflito horrível. (Wilhelm II era metade britânico, pois sua mãe, a rainha no tempo de Frederick, era a filha mais velha da rainha Vitória.)

Visões Kármicas tem início numa guerra campal de Clóvis, que tinha sido batizado recentemente como cristão em Rheims. Ele havia infligido, pouco antes, uma derrota brutal a uma tribo germânica, os *Alemanni*, e os prisioneiros foram trazidos até ele para que os julgasse conforme considerasse adequado. Uma vidente pagã narrou audaciosamente muitos crimes cometidos por ele para alcançar o reinado sobre os francos. Com relação à tribo germânica, que ele havia acabado de dizimar, ela profetizou: “Você nascerá entre os seus atuais inimigos e sofrerá as mesmas torturas que infligiu a eles. Toda a combinação de poder e glória de que os privou seria sua no futuro, todavia nunca a alcançará!” O rei jogou a profetiza no chão, e, quando ele levantou a sua lança assassina, ela gritou: “Eu o amaldiçoo! Que a minha agonia seja dez vezes maior em você!” A lança atravessou a garganta da vítima, pregando a sua cabeça no solo. O sangue espirrou para todos os lados, cobrindo Clóvis e seus amigos.

A seguir vamos encontrar Clóvis renascendo na Alemanha como Frederick. Nos parágrafos iniciais são descritos os períodos felizes de sua juventude e maturidade, seguidos de relances da sua luta contra a doença fatal — a traqueotomia feita em sua garganta deixou-o permanentemente sem fala. Nesse período ele era o único herdeiro ao trono. Seu pai havia sido rei da Prússia, mas depois da guerra franco-prussiana, e devido às políticas nacionalistas de Bismark, era agora o primeiro imperador da Alemanha unificada. A história que se segue, usando as palavras de HPB, é apresentada de forma resumida:

Uma alma-ego renasce entre milhões de outras almas; para a riqueza ou pobreza, quem sabe! Presa nesta sua nova forma humana, cresce com ela, e juntas as duas tornam-se, por fim, conscientes da existência. São felizes os anos do desabrochar da sua juventude.

Certo dia, um inimigo arrogante e ousado ameaça o reino de seu pai, e os instintos selvagens de antigo guerreiro despertam nessa alma-ego, fazendo com que o seu ego de barro puxe sua espada de soldado, enquanto assegura a ele que está em defesa do seu país. Eles fazem do inimigo derrotado um tapete para os seus pés e transformam o pequeno reino do seu pai num

grande império. Convencidos de que não podem obter mais nada no momento, eles retornam ao retiro e à terra de sonhos do seu doce lar.

Mas um dia maligno sobrevém no drama da existência. Seu corpo forte fica estendido na cama torturado pela dor. Sua alma-ego adormecida não encontra mais repouso nem mesmo durante o sono. Quente e febril, seu corpo sacode-se numa agonia interminável. Porém, através da agonia mental da alma, lá está agora um homem transformado.

[Ele tem uma visão da guerra franco-prussiana, na qual ele dirige o exército do seu país contra a França.] Ele vê milhares de corpos dilacerados cobrindo o solo, rasgados e despedaçados pelas armas mortais inventadas pela ciência e civilização, e abençoadas pelos servidores do seu Deus para que sejam eficazes. Ele vê as velhas mães que perderam a luz de suas almas; e famílias que perderam as mãos que as alimentavam. Ele contempla jovens viúvas arremessadas no mundo enorme e frio, e órfãos esmolando aos milhares pelas ruas. Ele encontra as jovens filhas dos seus soldados mais bravos e antigos trocando os seus pobres andrajos de luto pelas roupas excessivamente enfeitadas e de mau gosto da prostituição, e a alma-ego sacode-se na sua forma adormecida. O seu coração é atravessado pelos gemidos dos famintos; seus olhos ficam cegos pela fumaça das choupanas queimadas, das casas destruídas, de vilas e cidades que agora são ruínas fumegantes.

E no seu sonho terrível lembra-se daquele momento de insanidade em sua vida de soldado, quando de pé sobre um amontoado de mortos ou quase mortos, brandindo na sua mão direita uma espada desnuda, vermelha até o punho com sangue ainda quente, e na esquerda, as bandeiras arrancadas das mãos dos guerreiros moribundos aos seus pés, havia emitido em voz muito forte um louvor ao trono do Deus Todo-Poderoso, dando graças pela vitória que acabava de obter!

“O que trouxeram a ti ou à tua terra natal essas vitórias sangrentas!” — sussurra a alma nele. “Uma população vestida em armaduras de ferro”, é a resposta. O que é o teu futuro reino, agora? Uma legião de fantoches de guerra, uma coletividade transformada em uma grande besta selvagem. Uma besta que, como o mar mais adiante, descansa tristemente agora, apenas para cair com uma fúria maior ainda sobre o primeiro inimigo que lhe seja indicado. Indicado por quem? *É como se um demônio orgulhoso e cruel, assumindo uma súbita autoridade, encarnasse a Ambição e o Poder, tendo esmagado com mão de ferro as mentes de todo um país.*¹²⁴ [destacado por S. Cranston.]

O mundo inteiro silencia em grande expectativa. Não há esposa ou mãe que não seja perseguida em seus sonhos pela negra e lúgubre nuvem de tormenta que paira sobre toda a Europa. A nuvem está se aproximando. Está cada vez mais perto. Ah, angústia e horror! Predigo mais uma vez para a terra o sofrimento que já testemunhei. Leio o destino fatal na testa da tenra juventude europeia! Mas se eu viver e tiver o poder, nunca, oh, nunca mais, o meu país tomará parte novamente numa guerra!

E agora a mão do Destino está sobre o leito coberto de dor. Finalmente soou a hora para o cumprimento da lei da Natureza. O velho [rei] não existe mais, e o homem jovem é a partir de agora um monarca. Sem voz e desamparado, ele é, no entanto, um soberano; o senhor autocrático de milhões de súditos. O destino cruel erigiu para ele um trono sobre uma sepultura aberta, e chama-o para a glória e para o poder. Devorado pelo sofrimento, ele se vê subitamente coroado. A forma física gasta é arrastada violentamente do sul balsâmico para o norte frígido, onde apressa-se para reinar e apressa-se para morrer. No palácio móvel [do trem] o carro luxuoso está cheio de plantas exóticas. O seu balançar monótono embala o ocupante cansado e o faz dormir. Ele viaja por períodos insondáveis de tempo, e vive, e sente, e respira sob as

formas e personagens mais contrastantes. Assim, “morte” torna-se para ele uma palavra sem sentido, um som sem valor.

“Qual é meu passado? Por que sofro?” — pergunta a alma-ego. Um longo pergaminho e desenrolado e revela uma série de seres mortais, em cada um dos quais a alma-ego reconhece uma das suas moradias no passado. Quando chega à última, a alma-ego vê uma mão manchada de sangue cometendo infindáveis ações de crueldade e traição, e treme.

“Qual é o meu futuro?” — pergunta desesperada a alma-ego. “É estar para sempre mergulhada em lágrimas e privada de esperança?”

Não recebeu nenhuma resposta. Mas o sonhador sente-se em um turbilhão que atravessa o espaço. A alma-ego vê a si mesma mais forte e saudável do que nunca. Sim, ela não é mais a forma alta e nobre com a qual está familiarizada, mas o corpo de outra pessoa, de quem ela ainda nada conhece. [Ele toma conhecimento da destruição por pneumo-dynovril^{125*} dos últimos dois milhões de soldados no campo de batalha, na parte ocidental do globo.]

Tudo em volta parece estranhamente mudado. Ambição, avidez ou inveja — que recebiam o nome incorreto de patriotismo — não existem mais. O egoísmo cruel cedeu lugar a um altruísmo justo. As guerras não são mais possíveis, porque os exércitos foram abolidos. Os soldados transformaram-se em agricultores diligentes e zelosos das terras, e o mundo inteiro canta uma canção de alegria arrebatadora. Reinos e países à sua volta vivem agora como irmãos. A grande hora gloriosa chegou, finalmente! Aquilo que ele dificilmente ousava esperar e pensar, no silêncio das suas noites longas e sofridas, agora está concretizado. A grande maldição foi retirada, e o mundo foi absolvido e redimido em sua regeneração!

Ele faz um esforço intenso — e é ele mesmo novamente. Incitado pela alma-ego para RELEMBRAR e AGIR de acordo, ele ergue os seus braços para o céu e jura, diante de toda a natureza, preservar a paz até o final dos seus dias — em seu próprio país, pelo menos.

Ele fantasia em seu sonho que um bater de tambores distante e gritos longos são os sons arrebatados de resposta e agradecimento pelo juramento feito há pouco. Um choque abrupto, ruído alto e, quando os olhos abrem-se, a alma-ego olha espantada através deles. O olhar atento encontra a face solene do médico oferecendo o remédio usual. O trem para. Ele se levanta do seu assento, mais fraco e cansado do que nunca, para ver ao seu redor [honrando o novo monarca] fileiras infindáveis de tropas armadas com uma arma de destruição nova e ainda mais mortífera — pronta para o campo de batalha.¹²⁶

*¹ Na narrativa de HPB, resumida aqui, a destruição é instantânea. Veja *Collected Writings*, vol. IX, T.P.H., 1962, p. 338. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 8

A Doutrina Secreta

O volume um de *A Doutrina Secreta* foi publicado em 1º de novembro de 1888 e o volume dois em 28 de dezembro de 1888.*¹ No subtítulo lê-se: *Síntese da Ciência, da Religião e da Filosofia*. O primeiro volume, *Cosmogênese*, descreve como os mundos surgem — ou melhor, renascem após seus períodos de repouso — e também como o nosso globo em particular e seus reinos inferiores evoluíram até esta época em que a forma humana está sendo desenvolvida. O segundo volume, *Antropogênese*, discute as evoluções posteriores daquela forma; a iluminação da mente pela encarnação de algumas almas humanas vindas de mundos anteriores; a subsequente evolução das raças primitivas até o período atual; e o futuro desenvolvimento para aquelas raças, caso o grande projeto original seja executado. Cada volume é dividido em três partes: *As Estâncias de Dzyan*; *A Evolução do Simbolismo*; e *A Ciência e a Doutrina Secreta Comparadas*.

HPB escreve:

Tais verdades não são, de modo algum, expostas com o caráter de revelação; nem a autora tem a pretensão de fazer-se passar por uma reveladora de conhecimentos místicos que fossem agora trazidos à luz pela primeira vez na história. A matéria contida nesta obra encontra-se esparsa nos milhares de volumes que encerram as Escrituras das grandes religiões asiáticas e das primitivas religiões europeias — oculta sob hieróglifos e símbolos, e até então despercebida por causa desse véu. O que se faz é reunir as mais antigas doutrinas e sobre elas formar um conjunto harmônico e contínuo. A única vantagem em que supero os meus predecessores é a de não precisar recorrer a especulações ou teorias pessoais. Porque esta obra não apresenta mais do que uma exposição parcial de ensinamentos recebidos de estudantes mais adiantados, com o único acréscimo no que concerne a alguns pormenores, dos resultados do meu próprio estudo e observação...¹²⁷

É inútil dizer que tal sistema [de ciência oculta] não é o fruto da imaginação ou da fantasia de um ou mais indivíduos isolados. Constitui-se dos anais ininterruptos de milhares de gerações de videntes, cujas experiências cuidadosas têm ocorrido para verificar e comprovar as tradições, transmitidas oralmente de uma a outra raça primitiva, acerca dos ensinamentos de Seres superiores e excelsos que velaram sobre a infância da Humanidade. Durante muitos séculos, os “Homens Sábios” da [nossa raça atual], pertencentes ao grupo sobrevivente que

escapou do último cataclismo e das convulsões dos continentes, passaram a vida aprendendo, não ensinando.

Como o faziam?... examinando, submetendo a provas e verificando, em cada um dos departamentos da natureza, as tradições antigas, por meio das visões independentes dos grandes adeptos; isto é, dos homens que desenvolveram e aperfeiçoaram, no mais alto grau possível, seus organismos físico, mental, psíquico e espiritual. O que um adepto via só era aceito depois de confrontado e comprovado com as visões de outros adeptos, obtidas em condições que lhes conferissem uma evidência independente — e por séculos de experiências... A visão cintilante daqueles Iniciados foi até o próprio âmago da matéria, descobriu e perscrutou a alma das coisas, ali onde um observador comum e profano, por mais arguto que fosse, não teria percebido senão a aparência externa da forma. Mas a ciência atual não crê na “alma das coisas”, e por isso repugnará todo o sistema da cosmogonia antiga... [Ela acredita] que o Universo e tudo que há nele foi construído gradualmente pelas forças cegas inerentes na matéria.¹²⁸

No Proêmio de *A Doutrina Secreta*, HPB estabelece três proposições fundamentais sobre as quais toda a obra está baseada:

(a) Um Princípio Onipresente, Sem Limites, Eterno e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo... Para que possa compreender mais claramente estas ideias, o leitor deve adotar como ponto de partida o postulado de que há uma Realidade Absoluta que antecede tudo o que é manifestado ou condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna... é a Raiz sem Raiz de “tudo quanto foi, é e será”.

(b) A Eternidade do Universo *in toto*, como plano sem limites; que é periodicamente “o cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo constantemente”, chamados “as Estrelas que se manifestam” e “as Centelhas da Eternidade”. [*A Doutrina Secreta* também afirma] a eternidade do Peregrino... “Peregrino” é o nome dado à nossa Mônada durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno que existe em nós, sendo uma parcela indivisível do todo integral — o Espírito Universal, de que emana e em que é absorvida no final do ciclo...

Esta segunda afirmativa da *Doutrina Secreta* é a da universalidade absoluta daquela lei de periodicidade, de fluxo e refluxo, de crescimento e decadência, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da Natureza. Alternativas tais como Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Vigília são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção, que será fácil compreender por que divisamos nelas uma das leis absolutamente fundamentais do Universo.

(c) A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma — centelha daquela criadora — através do Ciclo de Encarnação (ou “Necessidade”) de acordo com a lei Cíclica e Cármica, durante todo esse período. Em outras palavras, nenhuma... Alma divina pode ter uma existência (consciente) independente, antes que a centelha, emanada da Essência pura... da ALMA SUPREMA haja: primeiro, passado por todas as formas elementais pertencentes ao mundo fenomenal... e segundo, adquirido a individualidade, inicialmente por impulso natural e depois à custa dos próprios esforços, conscientemente dirigidos e regulados pelo *karma*, e escalando assim todos os graus de inteligência, desde o Manas inferior até o

Manas superior (ou Mente), desde o mineral e a planta ao Arcanjo mais sublime (*Dhyani-Buddha*). A Doutrina axial da Filosofia Esotérica não admite a concessão de privilégios nem de dons especiais aos homens, salvo aqueles que forem conquistados pelo próprio Ego com o seu esforço e mérito pessoal, ao longo de uma série de metempsicoses e reencarnações...

Tais são os conceitos fundamentais em que se assenta a *Doutrina Secreta*... Quando o leitor os houver compreendido claramente, e percebido a luz que esparge sobre todos os problemas da vida, mais nenhuma justificação será necessária aos seus olhos, pois a verdade será tão evidente como o sol no céu.¹²⁹

Os temas do *karma* e da reencarnação são apresentados na terceira proposição. Aqui está o que HPB diz em outra parte de *A Doutrina Secreta*:

Só os reencarnacionistas e os que creem no *karma* percebem, vagamente, que todo o segredo da Vida está na série inquebrável de suas manifestações... Os que creem no *karma* não podem deixar de crer no Destino que cada homem, do berço ao túmulo, tece ao redor de si mesmo, fio por fio, como a aranha tece a sua teia... Essa lei, nem consciente nem inconscientemente, não predestina nada nem ninguém... O *karma* não cria nada, nem planeja coisa alguma. É o homem que combina e cria as causas; a lei *kármica* regula os efeitos, e este ajustamento não é um ato, senão a harmonia universal, que sempre tende a retomar sua posição original, como um galho de árvore que, vergado à força, volta a endireitar-se com um vigor equivalente. Se acontece que ele desloca o nosso braço, ao tentar dobrá-lo para fora de sua posição normal, devemos dizer que foi o galho que molestou o braço, ou que foi a nossa própria insensatez a causa do mal?¹³⁰

O *karma* jamais tratou de destruir a liberdade individual e intelectual... Não envolve os seus decretos em obscuridade para confundir intencionalmente o homem, nem pune os que ousam enfrentar os seus mistérios. Ao contrário, quem por meio do estudo e da meditação descobre os seus caminhos intrincados e lança um pouco de luz nestas sendas escuras, em cujas sinuosidades tantos homens sucumbem porque ignoram o labirinto da vida, esse trabalha em benefício de seus semelhantes...¹³¹

Os que creem no *karma* não podem ser considerados ateus ou materialistas — e muito menos fatalistas... É uma doutrina que explica a origem do mal e enaltece os nossos conceitos do que deve ser a Justiça divina e imutável, ao invés de degradar a Divindade desconhecida e incognoscível, convertendo-a no tirano cruel e caprichoso chamado Providência.¹³²

Um ocultista ou filósofo não falará de bondade ou de crueldade da Providência; mas, identificando-a com *karma-Nêmesis*, não deixará de ensinar que ela protege os bons e vela por eles, nesta vida como nas futuras, e que pune os que praticam más ações — sim, até o seu sétimo renascimento — por tanto tempo, na verdade, quanto dure o efeito da perturbação que tenham lançado, ainda que seja sobre o átomo mais insignificante do Mundo Infinito da Harmonia. Porque o único decreto do *karma* — decreto eterno e imutável — é a harmonia completa no Mundo da Matéria, assim como no Mundo do Espírito. Não é, portanto, o *karma* que pune ou recompensa, mas somos nós mesmos que nos recompensamos ou punimos, segundo trabalhemos com a Natureza, pela Natureza e de acordo com a Natureza, obedecendo-lhe às leis de que depende essa harmonia, ou transgredindo estas leis.¹³³

[Conectados com os trabalhos do *karma* estão] as tábuas invisíveis da Luz Astral, “o grande museu de quadros da eternidade”, um registro fiel de cada uma das ações e até de cada um dos pensamentos do homem... Como está dito em *Ísis*, esse repositório divino e invisível é o *Livro da Vida*... Os Anais Eternos não são um sonho platônico: vemos registros idênticos no mundo

da matéria grosseira. “Uma sombra nunca se projeta sobre um muro sem deixar nele um traço permanente que se pode tornar visível com a utilização de processos adequados”, diz o dr. Draper. “Sobre as paredes de nossos recintos mais privados”, continua ele, “ali onde nos orgulhamos de que não pode jamais penetrar o olho intruso, onde acreditamos que a nossa intimidade não pode ser profanada, subsistem os vestígios de todos os nossos atos, as silhuetas de tudo quanto fizemos”. Os drs. Jevons e Babbage creem que cada pensamento desloca as partículas do cérebro, pondo-as em movimento e disseminando-as pelo Universo; creem também que “cada partícula da matéria existente deve ser um registro de tudo quanto aconteceu”. (*Principles of Science — Princípios de Ciência*, vol. II, p. 455.)¹³⁴

Assim, diz HPB, “a antiga doutrina começa a adquirir foros de cidadania nas especulações do mundo científico”.¹³⁵

É uma lei da dinâmica oculta que “uma quantidade de energia desenvolvida no plano espiritual produz efeitos muito maiores que a mesma quantidade aplicada no plano físico da existência objetiva”. [Assim] a supressão de uma só causa nociva eliminaria não um, mas numerosos efeitos maléficos. E se uma Fraternidade ou ainda várias fraternidades podem não ser suficientes para impedir que as nações [no futuro] se degolem mutuamente de vez em quando, a unidade de pensamento e de ação e as investigações filosóficas nos mistérios do ser impediriam sempre algumas... de gerar causas adicionais de infortúnio em um mundo tão cheio de males e de dor... Semelhante estado de coisas deve perdurar... até que comecemos a pautar os nossos atos de acordo com a voz interior, em vez de seguirmos sempre os impulsos externos... Quanto mais forte a união entre o reflexo mortal do HOMEM e o seu [Eu Divino interno], menos perigosas serão as condições externas e as reencarnações seguintes.¹³⁶

O *karma* está intimamente, ou melhor, indissolúvelmente unido à Lei de Renascimento ou de Reencarnação da mesma Individualidade espiritual, em uma longa e quase interminável série de personalidades. Estas últimas são como os diversos personagens representados pelo mesmo ator; identificando-se o ator com cada um deles e sendo assim também identificado pelo público durante o espaço de algumas horas. O homem interno, ou real, que personifica tais caracteres, sabe durante todo aquele tempo que ele é Hamlet só pelo breve prazo de alguns atos da peça teatral, os quais representam, entretanto, no plano da ilusão humana, toda a vida de Hamlet. Sabe também que, na noite anterior, foi o Rei Lear, e que este, por sua vez, sucedeu a Otelo, que representou em outra ocasião; ainda que se suponha que o personagem exterior e visível ignora esta circunstância.

Na vida atual essa ignorância é, infelizmente, bastante real. Todavia, a Individualidade permanente tem pleno conhecimento do fato, embora, devido à atrofia do Olho “espiritual” no corpo físico, aquele conhecimento seja incapaz de registrar a si mesmo na consciência da falsa [ou ilusória] personalidade... “O que faz parte das nossas almas é eterno”, diz Thackeray... e embora “o repositório” do cérebro físico possa esquecer acontecimentos no curso de uma vida terrestre, a massa de recordações coletivas jamais abandonará a Alma Divina que em nós habita. Seus murmúrios podem ser demasiado tênues, o som de suas palavras demasiado distante do plano que os nossos sentidos físicos percebem; mas a sombra dos acontecimentos que foram, tanto quanto a dos acontecimentos que virão, está dentro do campo de suas faculdades perceptivas e sempre presente diante da sua visão mental...¹³⁷

Na segunda proposição de *A Doutrina Secreta* é dito que a mônada imortal ou alma dentro de nós será absorvida pelo Espírito Universal no fim do nosso mundo. Nos ensinamentos orientais essa absorção é mencionada como a entrada no *Nirvāna* e expõe a antiga questão sobre se isso significa ou não a aniquilação individual. No século dezenove os orientalistas acreditavam que isso acontecia. Em *A Doutrina Secreta* está a resposta:

Supor que o *Nirvāna* é aniquilamento equivale a considerar também aniquilado um homem que está imerso em um profundo sono sem sonhos... que ele, também, está aniquilado... Reabsorção não é, de maneira alguma, “um sono sem sonhos”, mas, ao contrário, existência absoluta, uma unidade não condicionada ou um estado que a linguagem humana é absolutamente incapaz de descrever... A mente humana, em seu estado atual de desenvolvimento... alcança o plano do pensamento. Ela vacila diante da fronteira do Absoluto e da Eternidade incompreensíveis...

Nem a Individualidade é... perdida por causa da reabsorção. Pois o estado paranirvânico, embora infinito — do ponto de vista humano — tem um limite na eternidade. Depois de o haver alcançado, a Mônada ressurgirá dali como um ser ainda mais perfeito, num plano muito mais elevado, para recomeçar o seu ciclo de atividade perfeita... Porque está dito nos “*Slokas*” Sagrados: “O Fio Radiante, que é imperecível e só se dissolve no *Nirvāna*, emerge de novo em sua integridade no dia em que a Grande Lei chama outra vez todos os seres à atividade.”

Em cada um de nós o fio áureo da vida ininterrupta é o *Sutratma*, o fio luminoso da Mônada impessoal e imortal, através do qual os [frutos espirituais] de todas as nossas vidas terrestres... estão enfiados como pérolas — conforme a bela e sugestiva expressão da filosofia Vedantina.¹³⁸

HPB deixou claro que mesmo que a Mônada humana seja absorvida no *Nirvāna*, a sua individualidade não é necessariamente absorvida de modo total. Em *Transactions of The Blavatsky Lodge*^{*2}, por exemplo, ela diz sobre o *Nirvāna*: “Tudo se torna uno, todas as individualidades estão imersas no uno, porém cada uma delas conhece a si mesma; na verdade, um ensinamento misterioso.”¹³⁹ *A Doutrina Secreta* explica:

Mais cedo ou mais tarde, tudo quanto agora parece existir, existirá real e verdadeiramente no estado de [*Paranirvāna*].^{*3} Mas há uma grande diferença entre o “ser” consciente e o inconsciente. A condição de [*Paranirvāna*] sem o *Paramartha*, a consciência que analisa a si mesma... não é a bem-aventurança, mas simplesmente a extinção (por Sete Eternidades). Assim, uma bola de ferro exposta aos raios ardentes do sol esquentaria completamente, mas não sente nem percebe o calor, como sucede com o homem. Só “com uma inteligência clara, não obscurecida pela personalidade, e com a assimilação do mérito de múltiplas existências consagradas ao Ser em sua coletividade (todo Universo vivo e sensível)”, é que poderemos libertar-nos da existência pessoal, emergindo, tornando-se uno com o Absoluto, e continuando em plena posse de *Paramartha* [Autoconsciência].¹⁴⁰

Se esta colheita de vidas passadas não fosse preservada, então cada Universo, quando renascesse, teria que partir da linha de saída, sem qualquer experiência anterior para basear-se. Em outra parte HPB diz que quando as grandes almas recebem a sua iniciação final “cada Ego tem que relembrar todos os ciclos das suas encarnações passadas, durante *Manvantaras**⁴... Ele vê a corrente das suas encarnações passadas por uma certa luz divina. Vê toda humanidade em conjunto, mas sempre há, de certo modo, uma corrente permanente que é o ‘Eu’.”¹⁴¹

Ficou demonstrado, numa notável experiência científica, que o que estamos discutindo pode realmente ser verdadeiro. Um artigo em *The New Scientist* (1º de novembro de 1982) discute as experiências do dr. David Bohm, ex-professor de Física em *Birbeck College*, Universidade de Londres. Ele fez doutorado na Universidade da Califórnia, sob a orientação do célebre Robert Oppenheimer. Quando Bohm era professor-assistente em Princeton, suas discussões com Einstein abriram um novo horizonte em sua vida. Citando um trecho de *The New Scientist*:

O último e certamente mais interessante livro de Bohm é *Wholeness and the Implicate Order* (*A Totalidade e a Ordem Implicada*, Routledge, 1980.)*⁵ A ideia central é a da “ordem dobrada, ou encoberta” [uma ideia que ocorreu a Bohm nos anos 60 enquanto ele assistia a um programa de televisão.]

Um jarro especialmente concebido na *Royal Institution* tem um cilindro rotativo no seu interior. Entre o cilindro e o próprio jarro há um espaço estreito preenchido com glicerina. O *cilindro* é girado por uma manivela no alto, e uma tinta é jogada na glicerina a partir de cima. À medida que Bohm observava a manivela fazendo o cilindro girar, ele via que a tinta escura ficava “encoberta” na glicerina viscosa e de cor clara e se tornava uma mancha quase imperceptível. A manivela, então, era movida no sentido contrário e como por milagre a gota original de tinta reaparecia; ela havia como que se “desdobrado” da glicerina, reconstituindo e recuperando a sua consistência inicial.*⁶ Bohm exclamou: “Bem, isto é o que eu quero!”

Bohm acredita agora que as formas se “explicitam” de modo similar ao todo do Universo, e depois “se dobram de novo”, e então reemergem outra vez, em uma sucessão permanente... Não há dúvida alguma de que Bohm considera a si mesmo e a cada um de nós também como formas momentaneamente explicitadas ou precipitadas que emergiram do Universo total e vão

retornar a ele, como gotas de tinta. O que está implícito nessa visão é que o nosso “desaparecimento” não é necessariamente o nosso fim.

Esse ponto de vista da evolução humana tem talvez outras implicações quando ligado à ideia de que seres autoconscientes de mundos anteriores retornam com o conhecimento adquirido naqueles mundos. Isso transforma completamente — se for verdadeiro — a ideia da evolução ensinada nos livros didáticos e científicos de que os primeiros seres humanos eram simplesmente homens das cavernas e pouco mais evoluídos do que os animais. Talvez o ponto de vista teosófico possa ser compreendido melhor usando estas analogias: uma escola começa com os professores, não com os alunos, e uma família é iniciada pelos pais e não pelos filhos — um modelo que se aplica à família humana como um todo. Aqueles que, vindos de mundos anteriores, e que encarnaram primeiro eram maiores e mais sábios.

De acordo com *A Doutrina Secreta*, nos primeiros tempos da raça humana, enquanto ela ainda vivia em pureza, um Grande Ser apareceu entre os homens e depois dele um grupo de seres semidivinos e semi-humanos:

“Colocados à parte” na gênese arcaica em função de certos objetivos, a tradição diz que neles encarnaram os mais altos *Dhyanis*, “*Munis* e *Rishis* de [mundos] prévios”, para formar o berçário dos futuros adeptos humanos, nesta Terra e durante o ciclo atual.

É sob a orientação direta e silenciosa deste MAHA (grande) GURU que todos os outros Instrutores menos divinos da humanidade passaram a ser, desde o primeiro despertar da consciência humana, os guias da humanidade primitiva. Foi através destes “filhos de Deus” que a humanidade infantil adquiriu suas primeiras noções de todas as artes e ciências, assim como do conhecimento espiritual; e foram eles que lançaram a primeira pedra fundamental daquelas antigas civilizações que são um enigma tão enorme para as gerações modernas de estudantes e eruditos. Que aqueles que duvidam desta afirmativa expliquem o mistério do conhecimento extraordinário possuído pelos antigos — os quais, alega-se, desenvolveram-se a partir dos selvagens inferiores e animais... Nenhum descendente do morador das cavernas do período paleolítico jamais poderia produzir uma ciência daquelas sem ajuda, mesmo com milênios de evolução mental e intelectual.¹⁴²

Esse “conhecimento extraordinário” inclui não só conhecimentos avançados de matemática e astronomia, mas também a habilidade de criar maravilhas arquitetônicas e obras de arte sofisticadas, como as pinturas de 16.000 anos de idade descobertas próximo a Lascaux, na França, em 1940, e os afrescos de Tassili encontrados em 1933 num *canyon* do Deserto do Saara, que Maurice Dolbier descreve como “um dos tesouros mais importantes deixados pelos nossos ancestrais pré-históricos”. Foram

descobertas pinturas identificadas como representando “dezesseis fases diferentes da arte e pelo menos trinta estilos diferentes”. Algumas das pinturas são comparáveis “às esculturas da Grécia antiga e aos trabalhos dos artistas da Renascença” pela “excelente representação da forma humana”.¹⁴³

Se, como indicado acima, a Teosofia ensina que o desenvolvimento humano neste planeta começou com o mais elevado e o melhor dos mundos anteriores, não deve ser surpresa o fato de a Teosofia também ensinar que o despertar da vida não começou na matéria, mas no espírito. O professor Theodore Roszak aborda este tema no livro *Unfinished Animal (Animal Inacabado)*, publicado por Harper & Row em 1975. No capítulo intitulado *A Doutrina Secreta da Senhora Blavatsky*, ele escreve:

Os darwinistas, afirma HPB, começaram com o “ponto médio” do progresso evolutivo total. Como não há uma dimensão espiritual em seu pensamento, o enfoque deles só pode considerar as fases biológicas mais recentes do nosso desenvolvimento físico. Mas nem mesmo o significado completo dessas fases poderá ser compreendido, enquanto elas não forem colocadas contra o pano de fundo das transformações cósmicas do espírito que as precedeu e que continua a influenciá-las. Pois a matéria existe — no sistema de HPB — apenas para ser o receptáculo do espírito; ela responde ao desdobramento das necessidades do espírito como parte do grande ciclo redentor. “O nosso planeta físico” — como ela diz — “é apenas um criado do espírito, seu senhor”. Assim, a concepção tradicional da evolução, sustentada pela Sabedoria Oculta, é apresentada na obra de Blavatsky como a “doutrina secreta”, a “revelação primária” que ela considera estar no âmago de todas as religiões e filosofias.

Neste ponto, Roszak insere uma citação retirada do livro *Ísis Sem Véu*:^{*7}

Nossos ancestrais “ignorantes” viam a lei de evolução em todo o Universo... Desde o éter universal até o espírito humano encarnado, eles viam uma série ininterrupta de seres. Essas evoluções iam do mundo do espírito para o mundo da matéria densa e, através desta última, voltavam novamente até a fonte de todas as coisas. A “descida das espécies” era para eles uma descida do espírito, a fonte primária de tudo, até a “degradação da matéria”.

Ele, então, continua:

Embora essa imersão do espírito na matéria seja, de um certo ponto de vista, uma “degradação”, ela [ocorre] com o propósito de enriquecer amplamente nossa consciência. Ao longo do nosso curso evolutivo, e durante inumeráveis encarnações pessoais, nós abrimos nosso caminho através de todos os reinos da existência: o mineral, o vegetal, o humano e o divino. E é devido a esta “colheita de experiências”, duramente conquistada, que cada ser humano torna-se um microcosmo do Universo. Na concepção de Pico della Mirandola, segundo a qual a humanidade tem as características de um camaleão, a nossa meta é fazer com que a consciência humana seja um compêndio de todas as formas possíveis de existência. Somos, deste modo, agentes para elevar a vida vegetal e animal, matéria inerte e sem mente,

até a auto percepção. E é exatamente para alcançar essa altura cósmica que o espírito faz o sacrifício da descida inicial. Nas palavras da fórmula cabalística citada várias vezes por HPB: “Uma pedra se transforma em uma planta; uma planta em um animal; um animal em um homem; um homem em um espírito; e um espírito em um Deus.”

HPB identificou a nossa era como o ponto de transição dessa evolução, em que o espírito, tendo alcançado a fase humana de sua viagem, está maduro e pronto para recuperar a memória das suas origens e obter o apoio necessário para elevar-se a si mesmo e à natureza física até o nível da divindade. Essa tarefa ainda exigirá milhares de anos de purificação e de iluminação, segundo o sistema cosmológico de HPB, mas o seu final é claro na visão dela: a visão mahayana de salvação universal. Este é um dos momentos mais inspirados de HPB.¹⁴⁴

Em 1935, cinquenta anos depois da publicação de *A Doutrina Secreta*, George Russell, numa carta dirigida ao escritor irlandês Seán O’Faoláin, mostra o interesse despertado nos círculos literários e acadêmicos pelo aparecimento daquela obra:

Você despreza HPB com demasiada facilidade ao julgá-la uma mulher falsa e cheia de truques. A fonte real de sua influência está em *A Doutrina Secreta*, um livro sobre as religiões do mundo, que sugere ou revela uma unidade subjacente entre todas as grandes religiões... é um dos livros mais fascinantes e estimulantes escritos nos últimos cem anos. É uma falta de respeito para com homens como Yeats, Maeterlinck e outros, com homens como sir William Crookes, o maior químico dos tempos modernos e membro da Sociedade Teosófica, como Carter Blake, o antropólogo, e eruditos e cientistas de muitos países que leem os livros de H.P.Blavatsky, dizer que eles foram atraídos por uma vigarista. Se você estiver algum dia na Biblioteca Nacional, na rua Kildare, e tiver umas duas horas livres, você pode ler o “Proêmio” de *A Doutrina Secreta* e então compreenderá o segredo da influência dessa mulher extraordinária sobre os seus contemporâneos... Você não deve ser influenciado por jogos de palavras vulgares... mas tente encontrar o verdadeiro segredo da influência de HPB, que ainda hoje continua mais forte que nunca, como constatei aqui em Londres ao conversar com muitos intelectuais e escritores bem conhecidos.¹⁴⁵

O cientista acima mencionado, dr. C. Carter Blake, contribuiu com um texto sobre seus contatos com HPB, incluído no livro da condessa Wachtmeister *Reminiscências de H.P. Blavatsky* e de *A Doutrina Secreta*. Um trecho do texto de Carter Blake diz:

Em termos gerais é estranho que uma mulher velha e doente, sem consultar qualquer biblioteca e não possuindo um número significativo de livros, pudesse dispor do conhecimento fora do comum que a sra. Blavatsky sem dúvida possuía. Na verdade, isto é incompreensível, a menos que ela tivesse uma capacidade mental extraordinária e tivesse passado toda sua vida estudando. Ao contrário, de muitas fontes há evidências inquestionáveis de que a educação da sra. Blavatsky não tinha ido além de um curso secundário dos dias atuais.

Mas é um fato que ela sabia mais do que eu na minha própria área da antropologia. Por exemplo, ela tinha mais informações que eu a respeito da mandíbula de Naulette. A página 744

do segundo volume de *A Doutrina Secreta*^{*8} refere-se a fatos que ela não poderia ter recolhido de qualquer livro publicado.

Na página 754, também no segundo volume de *A Doutrina Secreta*, há uma frase que começa com estas palavras: “Se nos voltarmos para o novo mundo”, e fala da existência de “mamíferos do período plioceno e a ocorrência de praias emersas do mesmo período”. Lembro que em conversa com ela em 1888, em Lansdowne Road, no tempo em que ela estava escrevendo *A Doutrina Secreta*, a sra. Blavatsky, para meu grande espanto, revelou-me que as praias emersas de Tarija eram do plioceno. Eu sempre as havia considerado pleistocênicas, seguindo a linha de pensamento de Darwin e Spotswood Wilson. O fato de que essas praias são pliocênicas ficou comprovado para mim a partir do trabalho de Gay, intitulado em italiano *Istoria Fisica de Chile*; do livro de Castlenaw sobre o Chile, e de outros livros que, até aquele momento, nunca tinham chegado às minhas mãos, apesar de eu haver feito uma especialização naquele assunto; e só quando a sra. Blavatsky me colocou na pista do plioceno eu ouvi falar deles.

Na página 755, vol. II de *A Doutrina Secreta*, a menção que ela faz sobre as pegadas de Carson, Indiana, EUA, é também interessante como uma prova de que ela não obtinha suas informações lendo o pensamento de outras pessoas. Quando a sra. Blavatsky falou das pegadas, eu não sabia delas, e o sr. G. W. Bloxam, o secretário-assistente do Instituto Antropológico, disse-me depois que nunca havia sido consultado qualquer panfleto sobre o tema na biblioteca de sua instituição.

A sra. Blavatsky tinha certamente fontes originais de informação (não menciono quais), que transcendiam o conhecimento dos especialistas nas próprias áreas de conhecimento deles.¹⁴⁶

No capítulo *A Ciência e A Doutrina Secreta*, na Parte 7 desta biografia, os testemunhos de outros cientistas, inclusive Einstein, serão levados em consideração, porque tiveram interesse nesse livro. No entanto, HPB acreditava que os cientistas em geral ignorariam os seus escritos durante algum tempo: “Eles serão levados a abandonar suas posições não por fenômenos espirituais, teosóficos, por qualquer fenômeno físico ou mesmo mental, mas simplesmente pelos enormes abismos que se abrem diariamente e que continuarão a abrir-se diante deles, à medida que uma descoberta segue-se à outra, até que eles serão finalmente derrubados por uma simples questão de bom senso.”¹⁴⁷

Será que esses abismos existem hoje na ciência moderna? “A única peça sólida de verdade científica que existe hoje, sobre a qual eu tenho plena confiança”, escreve o destacado físico e escritor dr. Lewis Thomas, é que nós somos profundamente ignorantes em relação à Natureza. “Na verdade, eu considero que esta é a maior descoberta feita nos últimos cem anos na Biologia.”¹⁴⁸ Ele não é o único a pensar assim. Em 1977 foi publicada em Oxford *The Encyclopaedia of Ignorance (A Enciclopédia da Ignorância)*, na qual eminentes cientistas fizeram um levantamento dos problemas não

resolvidos nos seus campos.¹⁴⁹ Em 1979 foi publicado um trabalho similar envolvendo a pesquisa astronômica; *Mysterious Universe: A Handbook of Astronomical Anomalies* (*Universo Misterioso: Um Manual de Anomalias Astronômicas*), por William R. Corliss.¹⁵⁰ O crítico do *New York Times* (de 2 de outubro de 1979) observa que o volume é composto “quase inteiramente de artigos divulgados em publicações científicas profissionais” e que é “uma compilação notavelmente ampla de problemas científicos sem resposta sobre o céu que está ao redor do nosso planeta”. Corliss é um especialista em anomalias da ciência, e cada um dos seus livros já publicados cobre um campo diferente da ciência.

*1 Embora o volume um estivesse nas mãos de HPB no dia 20 de outubro de 1888. Kirby Van Mater, *Secret Doctrine Centenary: Report of Proceedings* (*Centenário de A Doutrina Secreta: Relatório de Atas*), Theosophical University Press, Califórnia, EUA, 1989, p. 84.

*2 *Comentários sobre A Doutrina Secreta, Diálogos com H. P. Blavatsky*, Brasília: Editora Teosófica, 2019. (Nota Ed. Bras.)

*3 *Paranirvāna* significa “além do *Nirvāna*” ou o estágio mais elevado do *Nirvāna*.

*4 Neste contexto *Manvantara* significa ciclos passados em outros mundos.

*5 Publicado no Brasil pela Editora Pensamento. (Nota Ed. Bras.)

*6 Quando várias gotas de tinta foram acrescentadas ao líquido, ocorreu o mesmo resultado; cada gota reaparecia quando o movimento da manivela do cilindro era revertido. (Bohm, *A Totalidade...*, p. 149 da ed. em inglês.)

*7 *Ísis Sem Véu*: vol. 1, p. 285, ed. em inglês.

*8 Da edição em inglês. (N. ed. bras.)

CAPÍTULO 9

Uma Nova Trabalhadora

A primeira edição do volume I de *A Doutrina Secreta* esgotou rapidamente, sendo necessária uma nova impressão. W. T. Stead, o famoso editor do *Pall Mall Gazette* e de *The Review of Reviews*, recebeu a sua cópia da própria HPB. Ele respondeu no dia 8 de dezembro de 1888:

Você é uma grande mulher, e penso que ninguém a não ser você (seja homem ou mulher) poderia ter escrito *A Doutrina Secreta*, nem eu me sinto capaz, das profundezas da minha ignorância, de dar uma opinião sobre seu extraordinário conteúdo. Mas penso que uma senhora tão instruída e dotada não deve levantar falsos testemunhos contra o seu próximo, mesmo que tal próximo seja uma pessoa tão insignificante como eu. Você diz que sabe que lhe tenho pouca estima. Acredite-me quando digo que nisto você me caluniou. Não pretendo compreendê-la, pois você habita um espaço de dimensões maiores do que eu posso conceber, mas não sou tão tolo a ponto de não ver que você tem um gênio completamente transcendente e uma aptidão extraordinária tanto para a literatura como para a propaganda, que o resto dos seus companheiros bem pode invejar. Tenho que lhe agradecer pelo seu livro. Li apenas o prefácio e o capítulo sobre Keely, em cujas descobertas estou muito interessado,¹⁵¹ mas prometi a mim mesmo que lerei muito mais à medida que o tempo passe. Muito obrigado pela promessa de seu segundo volume.¹⁵²

Quando chegou o Volume II, Stead teve dificuldades para fazer comentários sobre a obra completa, pois os seus críticos habituais recusaram-se a empreender tal tarefa. Ele pensou, então, em Annie Besant, e ela concordou.¹⁵³ Nascida em Londres em 1847, Besant era irlandesa por parte de mãe e meio irlandesa por parte de pai. Na sua juventude tinha sido uma cristã devota e casara-se com um clérigo. Quando a sua fé nos dogmas da igreja vacilou, seu marido disse-lhe que ela teria de aceitá-los ou deixar a casa. Ela decidiu ir embora.

O seu biógrafo, professor Arthur Nethercot, escreve:

A sra. Besant era conhecida em todo mundo de língua inglesa e por muitas pessoas no continente europeu como uma das mulheres mais notáveis do seu tempo. Era uma livre-pensadora; companheira de materialistas como Charles Bradlaugh; uma agitadora nos círculos políticos radicais...; uma feminista; uma das primeiras convertidas ao socialismo fabiano, através da influência de Bernard Shaw; professora de ciência; uma escritora-jornalista-

editora...; uma reformadora social e educacional; e uma oradora cuja influência era tão poderosa e cujo encanto era tão forte que Shaw era um entre milhares que a exaltavam como a maior oradora do século. Ela se tornou depois ainda mais conhecida como líder de greves e organizadora de sindicatos — o que era tabu para o convencionalismo e conservadorismo tanto da igreja como do estado.¹⁵⁴

Em sua autobiografia de 1893, a sra. Besant recorda os diferentes estágios do seu desenvolvimento, que a conduziram até o momento em que recebeu os dois volumes de *A Doutrina Secreta*:

Cada vez mais e mais crescia em mim o sentimento de que alguma coisa além do que eu tinha era necessária para a cura da doença social. A posição socialista era adequada do ponto de vista econômico, mas onde obter a inspiração, a motivação que levaria à realização da Fraternidade Humana? Nossos esforços para organizar grupos de trabalhadores altruístas haviam fracassado. Na verdade, muito tinha sido feito, mas não havia ainda um movimento real de devoção e autossacrifício, no qual os homens trabalhariam somente por causa do Amor, e pediriam para dar e não para receber. Onde estava o material para uma ordem social mais nobre, onde estavam as pedras lapidadas para a construção do Templo do Homem? Um grande desespero me oprimia quando buscava por tal movimento e não o encontrava.

Não somente isso, pois desde 1886 estava crescendo lentamente em mim uma convicção profunda de que a minha filosofia não era suficiente; que a vida e a mente eram algo mais, muito mais, do que eu havia sonhado. A Psicologia estava avançando com passos de gigante; as experiências hipnóticas estavam revelando complexidades inesperadas na consciência humana, estranhos enigmas de personalidades múltiplas e, o mais espantoso, ação mental ativa e intensa quando o cérebro, que devia ser o gerador do pensamento, estava reduzido a um estado comatoso. Fatos e mais fatos deixavam-me perplexa... Nas trevas surgiu um raio de luz — o livro de A.P. Sinnett *O Mundo Oculto*, com as suas cartas maravilhosamente inspiradoras, expondo não o sobrenatural, mas uma Natureza que obedece a leis e mais ampla do que eu ousava imaginar.

Incluí o espiritismo no meu estudo, fiz experiências pessoais, e constatei que os fenômenos eram indubitáveis, mas que a explicação dada pelos espíritas era inaceitável.¹⁵⁵

Foi só no começo da primavera de 1889 que o sr. Stead pediu a Annie Besant que fizesse um comentário sobre *A Doutrina Secreta*. “À medida que folheava página após página”, relata ela, “o interesse tornou-se intenso, mas o assunto me parecia extremamente familiar; como a minha mente saltava em frente para antecipar a conclusão, como tudo parecia natural, como era coerente, como era sutil, e como era compreensível! Eu estava fascinada, cega pela luz, onde os fatos desconexos eram vistos como partes de um todo imenso, e todas as minhas dúvidas, enigmas, problemas, pareciam desaparecer”. “O efeito era parcialmente uma ilusão”, ela acrescentou, “pois mais tarde o cérebro teve que gradualmente assimilar aquilo que a intuição já havia captado como sendo verdade”. “Mas a luz

havia sido vista”, ela acrescentou, “naquele relâmpago de iluminação eu soube que a busca cansativa terminara e que a Verdade perfeita tinha sido encontrada.¹⁵⁶ Eu escrevi a crítica e pedi ao sr. Stead que me apresentasse à autora, e então mandei um bilhete solicitando autorização para visitá-la”.¹⁵⁷

HPB respondeu:

Eu também desejo há muito tempo conhecê-la, pois nada há no mundo que eu admire mais do que a determinação e a rara coragem de dar as suas opiniões sem medo, audazmente, diante de todo o mundo — incluindo a sra. Grundy. Estou em casa todas as noites desde a hora do nosso chá, às sete, até as onze da noite; e ficarei encantada em recebê-la a qualquer momento que você vier... Tal convite inclui, naturalmente, o sr. Burrows ou quem quer que você escolha para trazer consigo.¹⁵⁸

Herbert Burrows era um destacado socialista nessa época e um íntimo colaborador do trabalho de Besant. Besant recorda quando, numa noite de primavera, eles finalmente conheceram HPB:

Ela nos falou de viagens, de vários países, numa conversa fácil e brilhante, com os seus olhos semicerrados e seus dedos de sofisticada beleza enrolando cigarros incessantemente. Nada especial para registrar, nenhuma palavra a respeito de Ocultismo, nada misterioso; era uma mulher como qualquer outra conversando com os seus visitantes.¹⁵⁹

Visitei-a outra vez e perguntei sobre a Sociedade Teosófica, desejando participar dela, mas lutando internamente contra tal ideia, pois eu via clara e nitidamente... o que significaria essa união. Eu havia despertado a antipatia de setores consideráveis do público devido ao preconceito contra o meu trabalho na *London School Board* e agora havia um caminho mais suave diante de mim. Nele qualquer esforço para auxiliar seria elogiado e não criticado. Devia eu mergulhar num novo vórtice de disputas, transformar-me num alvo de ridículo e travar de novo uma luta exaustiva em defesa de uma verdade impopular? Teria eu de me voltar contra o materialismo e passar pela vergonha de confessar publicamente que eu havia estado errada, e tinha sido levada pelo intelecto a ignorar a Alma...?

[Mas ela venceu seus medos e decidiu unir-se à S.T.]

[A sra. Blavatsky] olhou para mim penetrantemente durante um momento. “Você leu o Relatório da Sociedade para Pesquisa Psíquica sobre mim?” “Não; que eu lembre nunca ouvi falar dele.” “Vá e leia-o, e se depois disso você voltar — então está bem.”

Pedi emprestada uma cópia do Relatório e o li e reli. Rapidamente percebi como era frágil a fundamentação em que se baseava toda a estrutura do relatório. As contínuas suposições nas quais eram baseadas as conclusões; o caráter incrível das alegações; e — pior de tudo — a fonte sórdida de onde surgiram as provas. Tudo se voltava contra a veracidade dos Coulomb; eles se qualificavam a si mesmos como participantes das supostas fraudes.¹⁶⁰

A sra. Besant tornou-se membro da S.T. junto com Herbert Burrows no dia dez de maio de 1889. Ela anunciou publicamente em *The Star* a sua

adesão. A notícia foi recebida com espanto em toda a Inglaterra. Para explicar as suas razões, ela fez duas conferências no Salão da Ciência em agosto, uma no dia quatro e outra no dia doze. A segunda, intitulada — *Por que me tornei teósofa* — circulou mais tarde em forma de panfleto. Besant repetiu diversas vezes essa mesma conferência. Gandhi recorda-se de tê-la ouvido no *Queen's Hall* do *People's Palace*, que era o grande centro comunitário dos trabalhadores em Whitechapel.¹⁶¹ A palestra incluía ensinamentos teosóficos tais como *karma*, reencarnação e sobre os Mestres de Sabedoria.

HPB transmitiu as notícias sobre a entrada da sra. Besant na S.T. aos seus parentes e acrescentou:

A minha guerra contra os materialistas e ateístas está pior do que nunca! Todos os livres-pensadores e os liberais que não aceitam Deus, todos os amigos de Bradlaugh estão em armas contra mim porque supõem que eu enfeitei a sua amada Annie Besant para que saísse da senda da verdade... As pessoas da igreja ficaram tão encantadas com a sua rejeição ao ateísmo que esqueceram até mesmo o seu ódio pessoal contra mim e louvaram a Teosofia!!!...

Que mulher de grande coração, nobre e maravilhosa ela é!... Um verdadeiro Demóstenes de saias!... Era precisamente de um grande orador ou grande oradora que necessitávamos. Eu não posso falar, assim como outros, que sabem o que dizer, mas não conseguem expressar-se.¹⁶²

Quando Besant uniu-se à S.T., para sua profunda tristeza, os livres-pensadores para os quais ela havia ganho tantas batalhas pediram-lhe que renunciasse, sob o pretexto de que a filiação aos dois movimentos era incompatível. Olcott recorda que, vários anos antes, Bradlaugh e Besant haviam agido da mesma maneira quando um ateu na Índia quis unir-se aos teósofos. Quem poderia imaginar que algum dia ela estaria no mesmo dilema!¹⁶³

CAPÍTULO 10

A Seção Esotérica

No outono de 1888, *Lucifer* trazia um anúncio da formação de uma Seção Esotérica da Sociedade Teosófica. Como presidente da S.T., o coronel Olcott explicava a finalidade e estrutura da nova seção:

1. Para promover os objetivos esotéricos da Sociedade Teosófica por meio do estudo mais profundo da filosofia esotérica, é criado por este instrumento um corpo a ser conhecido como “Seção Esotérica da Sociedade Teosófica”.
2. A constituição e a única direção desta Seção estão centradas na sra. Blavatsky, que é a sua Chefe; somente ela é responsável quanto aos resultados obtidos pelos membros; e a Seção não tem nenhuma ligação com a Sociedade Exotérica salvo através da pessoa do presidente-fundador.
3. As pessoas que desejarem unir-se a esta Seção, e que estejam dispostas a aceitar as suas regras, devem comunicar-se diretamente com: — sra. H.P. Blavatsky, *Lansdowne Road, 17, Holland Park, Londres, W.*

Na época da morte de HPB, ele recorda que havia um ou dois mil membros entusiásticos da S.E.

Uma carta de HPB para o dr. J.D.Buck, nos Estados Unidos, datada do dia 19 de dezembro de 1888, indica a finalidade e a natureza da seção interna:

A necessidade desta seção era muito sentida em toda parte. Sendo impossível apresentar muitos ensinamentos publicamente (quer seja em *Lucifer*, ou em *A Doutrina Secreta*), e havendo membros antigos e bem testados aptos para aprender certas coisas do Ocultismo — mais do que os simples estranhos — a formação de tal seção, enquanto eu estiver viva e puder ser útil às pessoas, foi muito solicitada de todos os lados. Não há espaço para despotismo e autoritarismo... nela... nem glória para mim, mas haverá uma série de mal entendidos, calúnias, suspeitas e ingratidão num futuro quase imediato; mas, se da centena de teósofos (109) que já assumiram seus compromissos, eu puder colocar na senda verdadeira e correta uma meia dúzia deles — morrerei tranquila. Muitos são chamados, poucos os escolhidos... Só posso indicar o caminho para aqueles cujos olhos, caridade e amor por toda a criação e só por ultimo pensam em si mesmos.

... a Seção Esotérica não é da terra terrena; ela não interfere na administração exotérica das lojas... Ela não exige subscrições, taxas, nem dinheiro, porque, assim como eu nada recebi, nada repassarei e preferiria morrer de fome na sarjeta do que receber um centavo pelo meu

ensinamento das verdades sagradas. O correio e material para correspondência são as únicas despesas, e estas serão pagas pelo Conselho da Loja Blavatsky, caso a minha *A Doutrina Secreta* não me trouxer o suficiente para cobrir tais despesas... Que aquele que quiser a sua herança antes de morrer — que a solicite — pois ele terá muito pouco depois que eu partir. O que tenho, ou melhor, o que me é permitido dar estou pronta a oferecer, embora não seja muito.¹⁶⁴

A recusa dela em fazer promessas grandiosas com relação às coisas maravilhosas que poderiam ocorrer se os membros se filiassem à S.E. forma um contraste completo com as atrações oferecidas pela assim chamada mística do oculto e as fabulosas importâncias que quase sempre exigem.

Antes de filiar-se à S.E., os interessados frequentemente escreviam a HPB para saber quais os compromissos que teriam. Um desses interessados quis saber se um soldado poderia tornar-se um membro. Ela respondeu: “O que é que quer dizer com ‘o soldado não é livre? É claro, nenhum soldado pode estar livre para mover o seu corpo físico para onde quer. Mas o que o ensinamento esotérico tem a ver com o homem externo? Um soldado pode estar preso à sua casa de sentinela como uma âncora ao seu navio, mas o Ego do soldado está livre para ir onde quiser e pensar o que achar melhor.” Entretanto, ela acrescenta:

Não é solicitado a nenhum homem carregar uma carga mais pesada do que possa suportar; nem fazer mais do que lhe é possível fazer... um homem amarrado por seu dever a um lugar não tem o direito de abandoná-lo para atender a outro dever; mesmo que ele seja maior do que o primeiro; pois o primeiro dever ensinado em Ocultismo é que façamos o nosso dever em desistir dele por nenhum outro dever. Perdoem esse aparente paradoxo absurdo, mas tive que repetir isso *ad nauseam usque* no último mês. “Será que corro o risco de que me mandem abandonar minha esposa, desertar dos meus filhos e lar se eu fizer o voto?” — alguém me pergunta. “Não”, eu digo, “pois aquele que é negligente numa coisa será infiel em outra. Nenhum MESTRE verdadeiro e autêntico irá aceitar um *chela* que sacrifica qualquer pessoa além de si mesmo para ir até aquele Mestre.” Se alguém, devido às circunstâncias ou a sua posição na vida, não puder tornar-se um adepto pleno nesta existência, que ele prepare a sua bagagem mental para a próxima, a fim de que esteja pronto a atender o primeiro chamado quando renascer mais uma vez.¹⁶⁵

Na Seção Esotérica não era ensinado aos membros Ocultismo prático, ou como executar fenômenos psíquicos. Também era excluído o que é chamado de magia cerimonial, tão popular hoje em dia. Em uma das cartas de HPB a Ralston Skinner, que está na coleção de Harvard, ela revela que tais cerimônias podem ser perigosas:

Eu li e reli o seu *Hebrew Egyptian Mystery (O Mistério Hebreu Egípcio)* mais de vinte vezes e recomendo-o a todos os nossos cabalistas como o rev. A.W. Ayton... e Mathers^{*1}, um cabalista muito bom, mas que perde muito de seu rumo com a magia cerimonial, que eu detesto. [Certos] diagramas geométricos e figuras têm o poder de reagir quando as criaturas dos elementos, meio cegas e sem cérebro, despertam para a atividade — poder e criaturas estas cuja existência você pode negar... Nós, da filosofia Vedanta esotérica do Hinduísmo..., sabemos o poder que certos círculos e diagramas possuem sobre os elementos. Esta é a razão por que eu acredito na magia cerimonial, mas a odeio e a temo. Tenha cuidado com certas figuras e combinações, portanto, sr. Skinner...¹⁶⁶

Observa um escritor:

Com a formação da Seção Esotérica, uma nova influência começou a ser sentida na história teosófica. Apesar de pouco ter sido impresso nas publicações teosóficas a respeito dessa Seção — pois todas as suas atividades eram realizadas sob um estrito juramento de segredo^{*2} — o efeito dessa nova organização era consolidar as energias e a devoção dos membros mais ardentes da Sociedade, o que obviamente beneficia o trabalho do Movimento. Como chefe dessa Seção, HPB estava livre dos procedimentos organizacionais em suas relações com os estudantes esotéricos, que ela considerava seus alunos, e a quem ela deu, privadamente, os ensinamentos apropriados ao ciclo de desenvolvimento interno que estavam vivendo.¹⁶⁷

Como a circulação dos ensinamentos era privativa, nenhuma tipografia comercial podia ser usada. HPB menciona o método adotado para reproduzir os documentos esotéricos numa carta a Vera, que vinha se lamentando por não ter recebido notícias de sua irmã durante muito tempo:

Deem-se ao trabalho de contar as minhas ocupações, vocês, injustas sem coração. Todo mês eu escrevo de quarenta a cinquenta páginas de “Instruções Esotéricas”, instruções em ciências secretas, que não podem ser impressas em gráficas públicas. Cinco ou seis pobres mártires voluntários entre os meus esoteristas têm que desenhar, escrever e litografar^{*3} durante as noites cerca de 320 cópias, que eu tenho que supervisionar, retificar, comparar e corrigir, para que não ocorram enganos e minhas informações ocultas não causem vergonha.

Segue-se uma longa lista de outras atividades que ela executava.¹⁶⁸

James Pryse descreve como o problema de reproduzir os ensinamentos esotéricos foi finalmente resolvido. A história começa em Los Angeles, na primavera de 1888:

Naqueles dias, muitos teósofos estavam ansiosos por tornar-se “*chelas*” ou “*chelas* leigos” entrando em comunicação com os Mestres a quem HPB representava. Não tendo dúvida de que os Mestres estavam sendo importunados por tantos pretendentes, evitei fazer qualquer tentativa para chegar até HPB ou seu Mestre, ou atrair a atenção deles para o meu ser insignificante...

Uma noite, quando estava meditando [sobre Paracelso], o rosto de HPB apareceu como em uma luz brilhante diante de mim. Eu a reconheci devido ao retrato dela que está em *Ísis*,

embora agora me parecesse muito mais velha. Pensando que aquilo que eu considerava uma representação astral correspondia a um devaneio da imaginação, tentei excluir a imagem da minha mente, mas então seu rosto mostrou impaciência, fui puxado instantaneamente do meu corpo e em seguida estava parado “no astral” diante de HPB, em Londres. Isto foi durante a manhã lá, mas ela ainda estava sentada à sua escrivaninha. Enquanto ela falava comigo, de forma muito amável, eu não podia deixar de pensar o quanto era estranho que uma mulher, aparentemente velha e mortal, pudesse ser um Adepto. Tentei tirar esse pensamento indelicado da minha mente, mas ela leu isso e, como se fosse uma resposta, o seu corpo físico tornou-se translúcido, revelando então um corpo interno maravilhoso que parecia feito de ouro derretido.

Então, subitamente, o Mestre M. apareceu diante de nós em seu *maya-virupa*.^{*4} Fiz uma profunda prostração diante dele, pois me parecia ser mais um Deus do que um homem. De algum modo eu sabia quem ele era, embora essa fosse a primeira vez que o via. Ele me falou afavelmente e disse: “Eu terei um trabalho para você em seis meses.” Ele caminhou então para o extremo do quarto, abanou a sua mão em despedida e partiu...

Seis meses depois, a promessa do Mestre foi concretizada. Meu irmão John e eu, retornando de uma viagem à América do Sul, desembarcamos em Nova Iorque. Encontramos o sr. Judge desorientado diante de um problema difícil. HPB havia encaminhado a ele as suas instruções para que as enviasse a todos os membros da S.E.; mas enviara-lhe apenas uma via, e ele não tinha como fazer as cópias necessárias. Solucionamos o problema para ele criando [uma gráfica] e imprimindo em forma de livro, as instruções.

Os dois irmãos eram tipógrafos excelentes e tinham sido editores de um certo número de pequenos jornais em cidades dos Estados Unidos. Após auxiliarem Judge, receberam ordem de HPB, de Londres, para que James criasse a editora HPB Press, em Nova Iorque, na qual não só seriam impressas as instruções da S.E., mas também livros da Sociedade e outras obras.¹⁶⁹

*1 S.L. McGregor Mathers, que poucos anos depois foi um dos fundadores da *Golden Dawn*.

*2 HPB foi acusada de fraude certa vez por manter silêncio com relação a uma informação dada a ela sob juramento. Ela respondeu: “Se eu for considerada uma impostora neste assunto, então todo Maçom, todo *Oddfellow*, todo sacerdote que recebe uma confissão, todo médico que fez juramento de Hipócrates ou advogado será um impostor.” (Blavatsky: *Collected Writings*, vol. 6, p. 289.) [Oddfellow: membro de uma sociedade secreta beneficente, Ordem Independente de Oddfellows, fundada na Inglaterra durante o século dezoito (Nota Ed. Bras.).]

*3 Litografia é um sistema de impressão sobre pedra calcária ou placa de metal. (Nota Ed. Bras.)

*4 *Mayavirupa*: em sânscrito, literalmente, “forma ilusória”. É um veículo artificial feito de matéria dos planos mental inferior e astral, e construído através do exercício da vontade de um Adepto. Este

tipo de corpo pode transportar-se a grandes distâncias e é usado por Mestres ou discípulos avançados para atuar nos planos astral e mental. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 11

Uma Conspiração em Andamento

Em junho de 1889, HPB escreveu:

Uma profecia curiosa foi feita para mim em 1879, na Índia, por um místico que me disse que cada letra do alfabeto tinha uma influência benéfica ou maléfica na vida e no trabalho de cada homem. As pessoas de nomes que começassem com uma inicial cujo som fosse adverso a uma outra pessoa, deviam ser evitadas por ela. “Qual é a letra mais adversa para mim?” — perguntei. “Tenha cuidado com a letra C”, ele replicou, “pois eu vejo três letras maiúsculas brilhando perigosamente sobre a sua cabeça. Tenha cuidado especialmente durante os próximos dez anos e proteja a Sociedade dessas influências. Elas são as iniciais de três pessoas que só pertencerão ao corpo teosófico para transformarem-se nos seus maiores inimigos.” Eu esqueci a advertência até 1884, quando os Coulomb apareceram em cena. Estarão o dr. Coues e a sra. [Mabel] Collins [Cook] preparando-se para encerrar a lista — eu imagino?¹⁷⁰

O interessante acerca desses três indivíduos é que os seus nomes partilham não somente a letra “C” como também as duas letras “Co” no começo dos seus sobrenomes. Mesmo o nome de casada de Mabel Collins, Mabel Cook, tem a mesma característica. Após ter escolhido o título para este capítulo, notei que a palavra *conspiração* também começa com estas letras!

Após retornar aos Estados Unidos, vindo da Europa, onde havia conhecido Olcott e Blavatsky em 1884 e unira-se à S.T., Coues criou um grupo da S.T. em Washington, D.C., e foi mais tarde o presidente do Comitê de Controle Norte-americano da Sociedade.*¹ Profissionalmente ele tinha sido anatomista, historiador, naturalista e ornitologista. Peter Brooks, um famoso conservacionista, diz sobre Coues: “Entre os profissionais que elevaram a ornitologia a nível de Ciência, nenhum é lembrado com tanto respeito — e mesmo admiração — quanto Elliott Coues.”¹⁷¹

A conspiração que será discutida neste capítulo começou com a aliança entre Coues, nos Estados Unidos, e Mabel Collins, em Londres, e recebeu atenção pública em duas cartas de Coues publicadas no *Religio-Philosophical Journal*, nos dias 11 de maio e 1º de junho de 1889. Na primeira carta, Coues escreve que “há cerca de quatro anos” (em 1885),

estando interessado na obra *Light on the Path* (*Luz no Caminho*^{*2}), ele “escreveu uma carta para a srta. Collins, elogiando-a e solicitando que ela revelasse a verdadeira fonte da mesma”. Isso se devia ao fato de que *Luz no Caminho*, dizia Coues, “foi ditada, supostamente, para a sra. Collins por ‘Koot Hoomi’ ou por algum outro adepto hindu que tinha a Sociedade Teosófica na palma de sua mão poderosa”. A srta. Collins respondeu prontamente, escrevendo, com a sua própria letra, que *Luz no Caminho* “fora inspirada ou ditada pela fonte indicada acima”. Coues continua dizendo que desde essa ocasião, “não houve contato algum entre a srta. Collins e eu mesmo até ontem [2 de maio de 1889], quando recebi, inesperadamente, a seguinte carta” [a carta da srta. Collins é datada de 18 de abril de 1889]:

Sinto que tenho o dever de lhe escrever sobre um assunto difícil e (para mim) doloroso, e que não devo postergá-lo por mais tempo. Você lembrará que me escreveu perguntando quem havia inspirado *Luz no Caminho*... Nessa ocasião eu estava, ao mesmo tempo, estudando a sra. Blavatsky e estudando sob a orientação dela. Eu nada sabia sobre os mistérios da Sociedade Teosófica, e estava confusa sobre por que motivo você me escrevera daquela maneira. Levei a carta até ela; e o resultado é que escrevi a resposta que ela ditou... Desejo, para aliviar a minha consciência, dizer agora que escrevi essa carta sem conhecimento próprio e apenas para agradá-la, e vejo agora que estava errada ao fazer isso. Devo declarar, além disso, que *Luz no Caminho*, de acordo com o que sei, não foi inspirado por ninguém; mas que vi o texto escrito nas paredes de um lugar que visito espiritualmente... lá eu li e transcrevi a obra. Pessoalmente nunca tive qualquer prova da existência de qualquer Mestre; embora acredite (como sempre) que a força *mahátmica* tem que existir.

Na segunda carta para o *Religio-Philosophical Journal*, Coues declara que na primeira comunicação ele não havia transcrito a carta original vinda de Collins pois “não era conveniente fazer uso dela”. Ele diz que agora a apresenta “palavra por palavra”, acrescentando, “ela está na caligrafia da sra. Cook, sem data e sem assinatura”.

A autora de *The Gates of Gold* (*Os Portões de Ouro*) é Mabel Collins, e seu texto foi ditado a ela, assim como o de *Luz no Caminho* e o de *Idyll of the White Lotus* (*O Idílio do Lótus Branco*^{*3}), por um dos adeptos que, através da sra. Blavatsky, foram os primeiros a comunicarem-se com o mundo ocidental. O nome do inspirador não pode ser dado, pois os nomes pessoais dos Mestres já foram demasiado profanados.

Coues continua: “Isso é exatamente, palavra por palavra, aquilo que a sra. Cooks diz agora ter escrito erradamente porque a sra. Blavatsky ‘pediu

e implorou’ que ela assim o fizesse, e também que escreveu o que lhe foi ditado por ela. O texto tem, sem dúvida, um toque blavatskiano.”

Essa carta de 1885, de Mabel Collins para Coues, foi forjada por ele. *Through the Gates of Gold (Através dos Portões de Ouro*^{*4}) só foi publicado em 1887! Além disso, em 1885, quando ela dizia que estava estudando sob a orientação de Blavatsky e que esta última havia ditado a resposta, HPB estava na Índia, a milhares de quilômetros de distância.¹⁷² A primeira vez que HPB viu uma cópia de *Luz no Caminho* foi em 1886, quando Arthur Gebhard deu-lhe uma cópia na Alemanha.¹⁷³

Mabel Collins negava frequentemente a autoria dos três livros mencionados, dizendo que eles haviam sido ditados a ela por um dos adeptos.¹⁷⁴ HPB identificou-o como Hilarion, um instrutor grego, e um dos que colaborou com ela em suas próprias narrativas. O fato de que Mabel Collins, uma romancista, era incapaz de produzir tais obras fica evidente por um artigo publicado no jornal londrino *Star* e citado por HPB em *Literary Jottings (Anotações Literárias)* (*Lucifer*, dezembro de 1888):

Luz no Caminho, de Mabel Collins, foi traduzido para o sânscrito, e será qualificado pelos Pundits hindus como um dos clássicos sânscritos. Tradução para o sânscrito é algo que não ocorre há pelo menos cem anos; mas o livro é suficientemente budista e oculto para satisfazer até mesmo os eruditos hindus.

“Esse pequeno livro” — uma verdadeira joia, comenta HPB — “pertence e emana da mesma escola de pensamento e de sabedoria indariana e budista que os ensinamentos contidos em *A Doutrina Secreta*”.

A falha de Coues é não mencionar em suas cartas para o *Religio-Philosophical Journal* o fato de que Mabel Collins havia sido expulsa da Seção Esotérica da S.T. Segundo HPB, ela “quebrou os seus votos, tornando-se culpada da mais negra traição e deslealdade para com o seu EU SUPERIOR. E quando não pude mais mantê-la na S.E., nem ao seu amigo Michael Angelo Lane, os dois fizeram uma convulsão em toda Sociedade com suas calúnias e falsidades”.¹⁷⁵ Collins processou HPB, mas quando o processo começou, em julho de 1890, o advogado de Blavatsky mostrou ao advogado de Collins uma carta desta última, e ele imediatamente pediu à corte que o caso fosse encerrado.¹⁷⁶ O conteúdo dessa carta jamais foi revelado.

A insatisfação de Coues com a S.T. começou quando foi abolido o Comitê de Controle sobre o qual ele atuara despoticamente durante dois anos. Em outubro de 1888, as doze lojas norte-americanas organizaram-se numa Seção Norte-americana da Sociedade Teosófica e elegeram William Q. Judge como secretário-geral.¹⁷⁷ HPB conta o que aconteceu a seguir, numa carta à irmã solteira de Charles Johnston, na Irlanda:

[Coues] vinha me escrevendo havia certo tempo e solicitando, entre outras coisas, que a S.T. na América fosse colocada sob o seu controle. Ele tem tentado jogar-me contra Judge e Olcott, e chegou ao ponto de sugerir que eu deveria juntar-me a uma conspiração para enganá-los! Pouco antes da última convenção em Chicago, ele me escreveu sugerindo que agora era hora de ele ser eleito presidente, e pediu que eu telegrafasse à Convenção dando uma ordem neste sentido.

O mais importante da sua solicitação era que eu deveria enganar toda a S.T. na América do Norte, dizendo que era o desejo do Mestre que ele fosse eleito presidente. Não necessito dizer que o seu plano falhou! E agora, como resultado disso, ele se volta contra a Sociedade e contra mim, ameaçando com todo tipo de maldade.¹⁷⁸

A ambição de Coues de dominar a Sociedade foi desmascarada em dois panfletos mencionando cartas de cientistas para HPB.¹⁷⁹ As respostas de HPB para Coues foram descobertas recentemente na coleção de Coues que está na Sociedade Histórica do Estado de Wisconsin, e que foram publicadas numa série de seis partes, por Michael Gomes no *The Canadian Theosophist* (de setembro-outubro de 1984 a setembro-outubro de 1985).

Como resultado das maquinações de Coues, a carta que credenciava a sua S.T. Gnóstica foi revogada em 22 de junho de 1889, e ele foi expulso da Sociedade.¹⁸⁰ Após sua expulsão, Coues continuou com seus ataques a HPB de uma forma mais virulenta no *Religio-Philosophical Journal*. HPB aconselhou aos teósofos: “Fiquem em silêncio se forem sábios. Aquele que parar para analisar ou mesmo tomar conhecimento desse lixo nauseante somente arrisca sujar suas mãos.”¹⁸¹ Ao manter silêncio, comentou HPB poucos meses mais tarde, ela estava somente seguindo um conselho que lhe fora dado por Coues quatro anos antes (22 de novembro de 1885):

Você é uma grande e maravilhosa mulher, a quem admiro tanto quanto aprecio... Admiro a sua resistência e persistência em suportar cargas que matariam qualquer um que não fosse a Blavatsky, alguém como nunca foi visto antes, nem jamais será... Nunca preste atenção aos seus inimigos! Eles obterão, atacando-a, uma reputação espúria e passageira que você pode permitir que eles tenham, embora não queira conferir-lhes a imortalidade que obteriam se você

se dispusesse a lutar contra eles. Quando a história começar a ser escrita, eles aparecerão, de qualquer modo, dependurados em suas saias. Sacuda-os e deixe que vão embora!

(assinado) Elliott Coues

Blavatsky respondeu: “E assim o faço.”

No final da primavera em 1890, Coues mudou suas táticas na campanha contra Blavatsky. Como os biógrafos dele, Cutright e Brodhead, colocam, ele decidiu seguir um conselho que lhe fora dado por um amigo, sr. J.A. Allen, vários anos antes: “*Enquanto você estiver no meio de uma controvérsia, seja qual for o assunto, seja quem for que esteja certo, faça uso dos grandes jornais diários e dos semanários.*”¹⁸² Coues escolheu o *Sun*, um dos principais jornais de Nova Iorque, que era influente em todo o país e editado pelo famoso jornalista Charles Dana. O ataque começou com um editorial publicado no *Sun* de 1º de junho de 1890. A Teosofia foi apresentada como uma religião enganosa, e o público foi informado de que o professor Coues “mostrava as mentiras e os truques da mulher chamada Blavatsky após ter sido durante anos um dos seus instrumentos”. Então, no dia vinte de julho, uma longa “entrevista” com Coues foi publicada no suplemento de domingo do *Sun*, com seis colunas em letra pequena no formato de página gigantesco dos jornais daquele tempo. Como um jornalista veterano relembra, o jornal reuniu “todas as calúnias que podiam ser imaginadas ou extraídas dos confins da Terra”. A “entrevista” era encabeçada pela manchete sensacionalista: “Blavatsky Sem Véu: A Rabugenta Tártara Domada Pelo Cientista Smithosoniano!” Durante os preparativos, Coues havia-se dedicado a uma “correspondência para averiguar os fatos” com todos os inimigos de HPB.¹⁸³ Daquele momento em diante, muitos biógrafos hostis retiraram da chamada entrevista mais armas para os seus arsenais.

“Todo século tem os seus falsos profetas”, disse Coues. “Como estamos em uma época feminina, é natural que o maior charlatão seja uma espécie de versão feminina de Cagliostro.”

Tanto o *Sun* como Coues enganaram o público, chamando o artigo de entrevista, quando, na verdade, ele mesmo escreveu tudo. Deste modo, o repórter imaginário fez as perguntas exatas para as quais Coues havia escrito as respostas. A coleção de Coues em Wisconsin contém a “entrevista” original datilografada. Na margem esquerda da primeira

página, na caligrafia de Coues, estão as seguintes palavras: “Cópia original do artigo preparado para o *Sun* para ocupar nove ou dez colunas, mas cortado para cerca de seis colunas impressas.” O texto estava assinado por Elliott Coues. Esta observação a tinta foi acrescentada mais tarde para identificar o documento, e o próprio Coues esqueceu que ele seria, supostamente, uma entrevista. Três das suas sugestões de subtítulos foram julgadas aparentemente muito arriscadas pelo *Sun* para serem impressas:

A Carreira de Crimes da Cossaca

Ações Negras Reveladas

Virão o Inspetor Byrnes ou Anthony Comstock^{*5} Fazer uma Visita a Nova Iorque?

Os discípulos norte-americanos mais destacados de HPB, Olcott e Judge, foram rotulados ao mesmo tempo como vítimas e como cúmplices voluntários.

Coues tentou até mesmo transmitir a impressão de que ele nunca tinha sido um membro do culto: “Confesso uma irritação natural pela maneira como o meu nome foi associado pela opinião pública com a conversa fiada dela, e o uso disso para legitimar os esquemas fraudulentos de um grupo de malandros vulgares já seria suficiente para causar indignação em qualquer homem honesto.”¹⁸⁴

Coues apresentava, como um pretensa prova da promiscuidade sexual de Blavatsky, uma carta de Richard Hodgson (agora secretário da S.P.P. norte-americana) a respeito da vida dela no Cairo em 1871-72. Ele também citava uma carta de 1885 de Emma Coulomb para o coronel John C. Bundy, agora editor do *Religio-Philosophical Journal*. “A primeira informação definitiva que tenho de sua imoralidade”, escreve Coues, “é o extrato de uma carta do falecido D.D. Home, o notável médium espírita inglês, escrita ao sr. W.E. Coleman de São Francisco. Ele a situa em Paris em 1857 ou 58 como uma mulher do submundo ligada ao príncipe Emile Wittgenstein, de quem ela teve um filho deformado, que morreu em Kieff em 1868”. Esta última acusação finalmente forçou HPB a entrar em ação. Ela escreveu uma carta, impressa em *The Path* (setembro de 1890), sob o título *A Senhora Blavatsky Apela Para a Lei*:

Ao Editor de *Path*:

Embora eu concorde plenamente com a ideia de que devemos perdoar os nossos inimigos, não deixo de fazer o “meu apelo a César”, e nesse apelo que agora é feito à lei, e não ao imperador, posso manter o mandamento de perdoar; entretanto, para a proteção do nome de um amigo morto e a tranquilidade dos teósofos no futuro, mando às cortes deste país aqueles que, não tendo o sentido do que é correto ou justo, consideram adequado divulgar calúnias perversas e infundadas.

Durante cerca de quinze anos suportei calmamente ver o meu bom nome maculado por fofocas jornalísticas de quem se delicia em explorar as peculiaridades daqueles que são conhecidos do público... Mas agora, um grande jornal metropolitano de Nova Iorque, sem ter conhecimento real dos fatos em questão, arremete e difunde diante do seu público muitas acusações contra mim, a maior parte das quais encontra a sua impugnação na minha vida durante mais de uma década. Mas quando uma delas repercute fortemente sobre o meu caráter moral e coloca em questão o nome honrado de um homem morto, um velho amigo de família, é impossível para mim permanecer silenciosa, e por isso autorizei meus advogados em Nova Iorque a entrar com um processo contra o *N.Y. Sun* por difamação e calúnia.

Esse jornal diário acusa-me de participar do submundo [em 1857 ou 1858] e de ter tido relações impróprias com o príncipe Emile Wittgenstein, com quem o jornal diz que eu tive um filho ilegítimo. A primeira parte da acusação é tão ridícula que pode provocar risadas, mas a segunda e a terceira colocam outras pessoas em situação difícil. O príncipe Wittgenstein, agora morto, era um velho amigo da minha família, a quem vi pela última vez quando tinha dezoito anos de idade, e ele e sua esposa continuaram até a sua morte mantendo uma correspondência íntima comigo. Ele era primo da falecida imperatriz da Rússia, e poucos poderiam pensar que sobre a sua sepultura fossem jogadas as sujeiras de um moderno jornal de Nova Iorque. Esse insulto a ele e a mim obriga-me, por todos os ditames de meu dever, a rebater e, também, força-me a proteger a honra de todos os teósofos que guiam as suas vidas pelos ensinamentos da Teosofia; por esta razão o meu apelo à Lei e ao júri dos meus concidadãos norte-americanos. Abandonei a minha obediência ao czar da Rússia na esperança de que a América protegeria seus cidadãos; que esta esperança não seja vã.

Foram iniciados dois processos em favor de Blavatsky, um contra Coues e outro contra o *Sun*. Ambos eram restritos à acusação de imoralidade e eram pedidos 50.000 dólares de indenização por perdas e danos morais. Devido a um calendário muito sobrecarregado, os processos foram postergados para 1891.

Em março, apareceu uma notícia no jornal *Path* de que num pré-julgamento diante do juiz Beach da Corte Suprema, o advogado do *Sun* confessou a incapacidade do seu cliente de provar a acusação de imoralidade. A notícia continua: “O caso agora parece ser somente uma questão de em quanto deverão ser fixadas as perdas e danos morais, e tudo o mais deverá, agora, aguardar até o término do julgamento.”¹⁸⁵

A confissão da incapacidade de provar o caso foi uma vitória considerável. Pouco depois, uma moção apresentada pelo advogado de HPB

no dia 27 de abril de 1891 (da qual a autora deste livro tem uma cópia fotostática, certificada por funcionários da Corte Suprema de Nova Iorque) anunciou que “certidões de médicos especialistas” estavam disponíveis para provar que as cartas difamatórias feitas por Coues eram “absolutamente sem fundamento”.¹⁸⁶ Mais especificamente, os registros também revelam, de acordo com a evidência descoberta por Walter Carrithers, de que o “advogado da querelante informou à Corte, durante os procedimentos, que ele tinha prontos os testemunhos de dois médicos ginecologistas que jurariam o fato de que a sra. Blavatsky nunca teve um filho, ao contrário do que dizem as acusações do Sun”.¹⁸⁷

O editor do *Sun*, Charles Dana, não era homem de admitir facilmente uma derrota, e era conhecido por perseguir implacavelmente os alvos da sua cólera até o fim. HPB diz que ele “perseguuiu durante anos o falecido Henry Ward Beecher” e “levou à morte ‘um homem verdadeiramente bom’, o líder da organização coletiva dos ferreiros de Cincinnati”.¹⁸⁸

Portanto, é muito significativo que Charles Dana tenha feito com que um editorial do *Sun* reconhecesse seu erro ao publicar o artigo de Coues — antes de ter a obrigação legal de publicar a retratação. HPB morreu antes de o caso ser julgado, e a sua morte encerrou automaticamente o processo. O editorial de retratação apareceu no *Sun* no dia 26 de setembro de 1892. Ele é de alguma importância, pois não é limitado às acusações de imoralidade, mas também inclui outras acusações feitas por Coues. Diz o editorial:

Imprimimos em página um artigo no qual o sr. WILLIAM Q. JUDGE trata da romântica e extraordinária carreira da falecida senhora HELENA P. BLAVATSKY. Aproveitamos a ocasião para observar que no dia 20 de julho de 1890 fomos enganados ao admitir nas colunas do *Sun* um artigo feito pelo dr. E.F. COUES, de Washington, no qual eram feitas alegações contra o caráter da senhora BLAVATSKY e também contra os seus seguidores, as quais parecem não ter fundamento. O artigo do sr. JUDGE explica todas as questões relativas à senhora BLAVATSKY tal como foram apresentadas pelo dr. COUES, e desejamos declarar que as alegações deste último, a respeito da Sociedade Teosófica e do sr. JUDGE pessoalmente, não são sustentadas por provas e não deveriam jamais ter sido impressas.¹⁸⁹

Seguem-se uns poucos extratos do longo artigo de Judge intitulado pelo *Sun* “*The Esoteric She*”:

A finalidade e os objetivos da vida dela eram romper as algemas forjadas pelos sacerdotes para prender a mente dos homens. Ela desejava que todos os homens soubessem que eles têm de carregar o peso dos seus próprios pecados, pois nenhuma outra pessoa pode fazer isso. E para isso ela trouxe ao Ocidente as velhas doutrinas orientais do *karma* e da reencarnação. Por causa

da primeira, a lei da justiça, ela disse que cada um tem que responder por si mesmo, e conforme estabelece a segunda, deve responder aqui na terra onde todos os seus atos foram cometidos... Desde 1875, a sua vida foi gasta numa tentativa constante de atrair para a Sociedade Teosófica aqueles que pudessem trabalhar altruisticamente para propagar uma ética e uma filosofia capazes de realizar a fraternidade do homem, mostrando a eles a unidade real e a não-separatividade essencial de todos os seres. E seus livros foram escritos com o objetivo declarado de fornecer material para o progresso intelectual e científico ao longo destas linhas. A teoria transmitida por ela sobre a origem, poderes e destino do homem, foi extraída de antigas fontes da Índia, e coloca-nos num pedestal mais alto do que o dado pela religião e pela ciência [ocidentais], pois dá a cada um a possibilidade de desenvolver poderes divinos internos e por fim tornar-se um colaborador da natureza...

Como cada um de nós tem que morrer algum dia, não direi que o seu passamento foi uma perda, mas sim que, se ela não tivesse vivido e feito o que fez, a humanidade não teria recebido o impulso e as ideias em direção ao bem que era sua missão apresentar e proclamar. E hoje há muitos, não, centenas de homens e mulheres devotos e ardorosos que tentam purificar suas próprias vidas e melhorar as vidas dos outros, colocando as suas esperanças e aspirações na religião de sabedoria revivida no Ocidente através dos esforços dela. Eles reconhecem com gratidão que seus bens mais valiosos são resultado da vida laboriosa e auto sacrificada dela. Se eles, por sua vez, viverem corretamente e fizerem o bem, estarão demonstrando na prática a doutrina que ela nos ensinou a cada dia e praticou a cada hora da sua vida.¹⁹⁰

*1 O Comitê de Controle Norte-americano foi criado por Olcott para administrar os assuntos da Sociedade nos Estados Unidos.

*2 *Luz no Caminho*, Mabel Collins, Brasília: Editora Teosófica, 2021. (Nota Ed. Bras.)

*3 COLLINS, Mabel. *O Idílio do Lótus Branco*. Brasília: Editora Teosófica, 2018. (Nota Ed. Bras.)

*4 COLLINS, Mabel. *Através dos Portais de Ouro*. Brasília: Editora Teosófica, 2019. (Nota Ed. Bras.)

*5 Comstock era um famoso denunciador de fraudes naquela época.

CAPÍTULO 12

HPB Cometeu Plágio?

Em 1890, enquanto o *Sun* publicava o pretenso desmascaramento de HPB por Coues, outro ataque ao caráter dela estava sendo preparado silenciosamente por um homem chamado William Emmette Coleman, que em breve espalharia amplamente a acusação de que todos os escritos de HPB eram em grande parte um plágio. É impossível calcular quantas pessoas recusaram-se a ler os escritos de Blavatsky como resultado dessa acusação. A propósito, pode parecer estranho, mas agora temos um outro “Co” a acrescentar a Coulomb, Coues e Collins!

Coleman esteve envolvido nos casos Coulomb e Coues-Collins. Foi ele quem viajou dos Estados Unidos para Londres para obter do missionário escocês Patterson os supostos originais das cartas entre HPB e Coulomb, que Coues esperava usar em sua defesa no processo que HPB estava movendo contra ele. Foi Coleman, também, que forneceu a Coues a informação que circulou na “entrevista” divulgada pelo *Sun* sobre o suposto filho ilegítimo que HPB teria tido com Wittgenstein. A carta de Coleman sobre esse assunto, datada de 31 de março de 1889, está na coleção Coues.

Por que Coleman envolveu-se dessa maneira? E por que ele difundiu essas acusações de plágio? Ele era uma pessoa desinteressada na busca da verdade? Alguém poderia pensar que sim ao ler as suas credenciais, contidas numa nota de rodapé das suas pesquisas sobre a origem dos escritos de HPB. Mas onde esse documento foi impresso? Essa nota apareceu como o Apêndice C do livro de Solovyov *A Modern Priestess of Isis*, publicado em 1895 sob o patrocínio da Sociedade para Pesquisa Psíquica (veja o Capítulo 2 desta Parte 6). No livro de Solovyov ele alcançou uma imortalidade que de outra forma não teria. As credenciais de Coleman no rodapé incluem a filiação à Sociedade Oriental Americana, à Sociedade Real Asiática da Grã-Bretanha e Irlanda, à Sociedade de Textos Páli, e ao Fundo Egípcio de Exploração. Com isso ninguém poderia

imaginar que ele era apenas um funcionário administrativo do Exército dos Estados Unidos, primeiro em Fort Leaven-worth, no Kansas, e mais tarde em San Francisco. Mas, mais importante, algo que a S.P.P. omitiu cuidadosamente — e que desde então os detratores de HPB abstém-se de mencionar — é que Coleman era um espírita de destaque na época e escrevia ataques radicais contra a Teosofia e HPB nas publicações espíritas.

Nada pode ser mais claro a respeito disso do que aquilo que o próprio Coleman escreveu para Coues no dia 8 de julho de 1890, numa carta em papel timbrado do escritório administrativo do Exército: “Eu denunciei enfaticamente e ridicularizei a teoria do Ocultismo, dos espíritos elementais etc., antes que a Sociedade Teosófica tivesse sido fundada [em 1875], e a partir daquela época sempre me opus todo o tempo, com vigor, contra a Teosofia.”¹⁹¹

No artigo *Meus Livros*, HPB fala do “material difamador proveniente da América” e diz que “tudo veio de uma e mesma fonte, bem conhecida pelos teósofos, uma pessoa [Coleman] extremamente infatigável em seus ataques pessoais contra mim nos últimos doze anos”.¹⁹²

Quanto às acusações de plágio, deve-se ter claro que, no que tange a HPB, Coleman usa o termo com abrangência muito maior do que a dada nos dicionários, cuja definição é a seguinte: “Roubar e apresentar como suas as ideias ou as palavras de outros.”¹⁹³ Isso Blavatsky nunca fez.*¹ Mas, com certeza, ela deve ter sido culpada de algo terrível, pois ao ler o parágrafo de abertura de Coleman no seu documento de agosto de 1893, encontramos:

Durante os últimos três anos, fiz uma análise mais ou menos exaustiva dos conteúdos dos escritos da senhora H.P. Blavatsky, e localizei as fontes de onde ela obteve — e na maior parte das vezes sem citar a fonte — quase todo o conteúdo do que escreveu.¹⁹⁴

O chamado “plágio” de Blavatsky é uma prática seguida por todos os escritores que publicam os frutos de suas pesquisas — mesmo o próprio Coleman. Para compreender o que foi dito acima, temos que ser capazes de distinguir entre as fontes primárias e as fontes secundárias. Se você citar um trecho de um ensaio de Emerson, por exemplo, esse ensaio será a sua fonte primária. Se, entretanto, você citar Emerson que por sua vez cita Shakespeare, esta parte do ensaio de Emerson seria chamada sua fonte secundária. Do ponto de vista de Coleman, você precisa lançar o crédito de

ambos — numa nota de rodapé ou numa nota final — não somente Shakespeare, mas também o plágio secundário, pois estariam enganando os seus leitores ao fazê-los pensar que foi você que encontrou o trecho nas obras de Shakespeare. Entretanto, citar somente as fontes primárias é uma prática legítima que muitos escritores eruditos seguem todo o tempo. Em *Ísis Sem Véu*, HPB frequentemente dava o nome somente do autor original e não da fonte secundária.

Os escritores atuais reconhecem a contribuição das fontes secundárias incluindo em suas bibliografias os nomes dos livros que consultaram na sua pesquisa. Listar tudo seria insensato, pois entre os numerosos volumes pesquisados somente uns poucos podem ser considerados dignos de menção. Se Coleman fosse aplicar a todos o critério*² que ele aplicava a HPB, ele chamaria de plagiadores a centenas de milhares de escritores.

Como era comum nos livros de seu tempo, os trabalhos de HPB não continham bibliografias. Entretanto, suas fontes secundárias eram referidas inúmeras vezes nos textos quando era citado o material principal; assim o leitor tornava-se consciente do livro como uma fonte valiosa de informação. Para ilustrar, Coleman acusa HPB de usar quarenta e quatro passagens — ele quer dizer citações — provenientes do livro de C. W. King: *The Gnostics and Their Remains* (*Os Gnósticos e o que Restou Deles*) em *Ísis* sem citar a sua origem. Todavia, ao usar *Gnostics* como fonte primária, ela dá crédito ao livro e ao seu autor em trinta e duas ocasiões.

É interessante notar que o imortal Goethe confessou ter obtido o seu material da mesma maneira que os outros escritores, mas você não saberia disso a não ser que tivesse lido uma referência obscura que o seu biógrafo Emil Ludwig descobriu:

Devo as minhas conquistas... a milhares de coisas e pessoas, que constituíram o meu material... e tudo que tive que fazer foi captar e colher o que os outros semearam para mim... O principal é ter um grande desejo de realizar a tarefa, e também perícia e perseverança. O meu trabalho é o de um ser composto que se assina Goethe.¹⁹⁵

O próprio Coleman nem sempre fazia o que pregava a respeito de dar crédito às fontes secundárias. No seu ensaio *O Domingo Não é o Real Sabat* ele reproduziu, sem citar a autoria, vários trechos de um ensaio feito por William Henry Burr. Num panfleto de dezesseis páginas, Burr, lamentando a atitude de Coleman, escreveu:

Os fatos são os seguintes: W.E.C. retirou do meu pequeno trabalho tudo o que ele citou ou resumiu vindo de Justino, Irineu, Clemente, Tertuliano, Vitorinus, Orígenes, Eusébio, Jerônimo, Lutero, Melanchthon, Baxter, Ileylin, Milton, Paley e Neander. Todas as referências feitas por ele sobre as autoridades supracitadas foram tomadas de mim, e ele não acrescentou nada à sua obra que não tenha encontrado em meu trabalho. [Publicações de Burr: 1881, Washington, D.C., EUA]

Coleman não fez qualquer referência de que o livreto de Burr existia. Burr também cita as partes que Coleman plagiou.

Coleman afirma que o propósito de HPB ao citar tantas autoridades do passado e do presente era mostrar-se “uma grande estudiosa possuidora de vasta erudição”, quando, na verdade, “a sua ignorância era profunda em todos os campos do conhecimento”. Alguém poderia perguntar-se, então, como ela podia compreender os livros difíceis que pesquisava e selecionar justamente o material correto para a sua finalidade. Beatrice Hastings observa:

[Coleman] não levou em consideração o fato de que HPB estava engajada precisamente em citar “autoridades” que pudessem sustentá-la na sua busca pelo fio da ciência oculta que se estende desde os tempos mais antigos até os modernos. Era indiferente para ela citar um velho livro ou um jornal de Nova Iorque, desde que a matéria servisse à sua finalidade. O sr. Coleman achou muito conveniente exagerar as suas citações constantes de nomes e de autoridades. A verdade é que raramente há uma página do livro sem um nome; o leitor é conduzido de autoridade em autoridade numa rápida sucessão, e fica inteiramente claro que ela está compilando, e que pretende demonstrar que não está inventando os seus assuntos. Ela dificilmente poderia citar tantos nomes sem cansar o leitor. Saber onde parar, como ela o fez, requer tato literário... O que poderia ser melhor do que reunir em um livro as informações essenciais dispersas em uma vasta biblioteca?¹⁹⁶

Seria, entretanto, um erro imaginar que os trabalhos de Blavatsky eram grandes antologias. Coleman gostaria de fazer acreditar que *Ísis*, em particular, nada mais era do que uma coleção de empréstimos de escritos de outras pessoas. É fácil provar o contrário: uma contagem, linha por linha, revela que somente 22% é material citado e que 78% é de HPB. Além disso, as citações não têm um valor primário, apenas sustentam a sua tese principal. Hoje, quando os seus livros são citados, não é a sua seleção de outros autores que é apresentada, mas, sim, o que ela escreveu

originalmente ou, como costumava afirmar, o que vinha dos seus instrutores.

Até aqui a busca de plágio por Coleman, tal como aparece no documento dele, focaliza principalmente *Ísis Sem Véu*. Depois ele se volta contra *A Doutrina Secreta* e outras obras de Helena Blavatsky. E então ele parece superar a si mesmo e perde toda credibilidade como pesquisador.

Ao discutir *Ísis*, Coleman dá o número das páginas e livros copiados, e algumas vezes também passagens paralelas; a partir daí ele não dá mais qualquer informação. Entretanto ele afirma que “as provas detalhadas e a evidência de cada afirmativa... serão apresentadas num trabalho que estou preparando para publicação — uma exposição da Teosofia como um todo”. Essa promessa foi reiterada várias vezes no texto para assegurar aos leitores que todas as provas, sem dúvida, logo seriam reveladas. Entretanto, desde a data deste documento, agosto de 1893, até a sua morte em 1909, dezesseis anos se passaram sem que o livro anunciado aparecesse. Coleman não apresentou mais notícias com relação a sua publicação nem se desculpou pela demora.

Coleman diz que *A Doutrina Secreta* “é um pedaço de *Ísis*” no sentido de que está “permeada de plágios e, em todas as suas partes, é uma representação de outros livros”. Ele lista vinte e um livros como estando entre aqueles que HPB plagiou [não citou as fontes secundárias]. Desses, somente em cinco casos ele menciona o número de “passagens retiradas por empréstimo”:

A tradução de Wilson do <i>Vishnu Purana</i>	130
<i>World-Life</i> , do professor Alexander Winchell	70
<i>Hindu Classical Dictionary</i> , de Dowson	123
<i>Mythologie de la Grece Antique</i> , de Decharme	60
<i>Qabbala</i> , de Myers	34

A Doutrina Secreta tem 1.570 páginas; os livros-fonte também são numerosos. Como alguém poderia localizar passagens paralelas neste trabalho e a fonte secundária citada, sem ter sido dada qualquer paginação? A não ser que se elaborasse um programa de computador, essa parece ser uma tarefa impossível. Entretanto, decidiu-se fazer um caso teste. Dentre os cinco livros listados acima, Coleman aponta que dois deles foram a base de *A Doutrina Secreta*: a tradução de Wilson do *Vishnu Purana* e *World-Life* de Alexander Winchell, professor de geologia e paleontologia da Universidade de Michigan. O trabalho deste último foi escolhido porque, sendo sobre Ciência, possuía um conteúdo bem organizado (com capítulos sobre o sol e a lua, por exemplo) e poderia ser confrontado com *A Doutrina Secreta*, usando o enorme índice remissivo de 396 páginas da D.S. na edição dos *Collected Writings* de Blavatsky. Uma pesquisadora-assistente, que modestamente pediu para continuar anônima, ofereceu-se para empreender essa tarefa tediosa e gastou de duas a três horas diárias num trabalho que durou seis meses. No meio do caminho ela lamentou que “era muito decepcionante ficar procurando por alguma coisa que você não podia encontrar”. Entretanto, ela encontrou uns poucos textos não reconhecidos, retirados de fontes secundárias — não as setenta páginas que Coleman apregoava, mas seis (veja a Nota 197 da Parte 6, ao final do livro). Não admira que Coleman nunca tenha escrito o seu livro! Ele calculou bem: as pessoas acreditariam na sua proclamada pesquisa sem as provas prometidas.

Uma descoberta que Coleman teve orgulho de anunciar foi a de que ele localizara as fontes das *Estâncias de Dzryan*, sobre as quais, diz HPB, *A Doutrina Secreta* e *A Voz do Silêncio* foram baseadas. As *Estâncias*, diz Coleman eram “o trabalho da sra. Blavatsky — uma compilação de várias fontes em palavras dela”. As evidências de Coleman seriam dadas no seu prometido livro, que nunca apareceu.

Muitos, além de Coleman, proclamaram ter identificado a origem das Estâncias. O erudito secretário particular de HPB, G.R.S. Mead, trocou certa vez correspondência com Max Müller sobre esse assunto. George Mead, que obteve bacharelado e mestrado com distinção em Cambridge, onde se especializou em grego e latim, e também estudou filosofia em Oxford, escreveu, mais tarde, livros sobre Gnosticismo, filosofia hermética e as origens do Cristianismo.¹⁹⁸ O relato de Mead de sua correspondência

com Max Müller apareceu em *The Theosophist Review* (março de 1904) da qual Mead era o editor, e lê-se o seguinte:

Dez anos atrás, ou mais, o falecido professor Max Müller, com quem todos os admiradores dos Livros Sagrados do Oriente têm um profundo débito de gratidão, publicou o seu extremamente instrutivo conjunto de *Conferências Gifford*, intitulado *Teosofia ou Religião Psicológica*. Eu comentei em detalhes esses textos numa série de três artigos em *Review*. O velho professor escreveu-me sobre o assunto uma nota amável, exceto em um ou dois pontos, e trocamos várias cartas.

Ele então disse que estava surpreso ao ver que eu desperdiçava — em sua opinião — o que ele chamava amavelmente de minhas habilidades com a “Teosofia”, quando havia diante de mim todo um campo de estudos orientais no qual ele gentilmente pensava que eu poderia fazer um trabalho útil. Acima de tudo, ele não podia entender por que eu dava tanta importância àquela charlatã, a senhora Blavatsky, que tinha feito tanto mal à causa dos genuínos estudos orientais com as suas paródias de Budismo e Vedanta que ela tinha misturado com ideias ocidentais.

Toda a Teosofia era um *rechauffé*^{*3} de traduções mal compreendidas de textos sânscritos e pális.

A isso respondi dizendo que não tinha nenhum objetivo exceto servir a causa da verdade, e que se ele pudesse me convencer de que a Teosofia da sra. Blavatsky era apenas uma manipulação, talentosa ou ignorante, de textos pális e sânscritos, eu faria tudo que pudesse para fazer com que isso fosse conhecido por todo o mundo teosófico... Pedi a ele, portanto, a gentileza de indicar quais eram, na sua opinião, os textos originais em sânscrito ou páli, ou em qualquer outra língua, nos quais teriam sido baseadas as “*Estâncias de Dzyan*” e os seus comentários em *A Doutrina Secreta*, ou qualquer um dos três tratados contidos em *A Voz do Silêncio*. Eu mesmo estivera procurando durante anos por qualquer traço dos originais ou de fragmentos que se assemelhassem a eles, e nada havia encontrado. Se pudéssemos ter os originais, seria o suficiente; era o material que queríamos.

O professor Max Müller respondeu numa pequena nota, apontando dois versos de *A Voz do Silêncio* que considerava completamente ocidentais em pensamento, e que, desta forma, evidenciavam a sua falta de autenticidade.

Respondi lamentando muito que ele não houvesse indicado os textos em que estivesse baseada qualquer frase dos *Preceitos* ou estância do *Livro de Dzyan*; entretanto, eu gostaria de publicar a sua crítica, reservando-me o direito de comentá-la.

O professor Max Müller respondeu então rapidamente, pedindo muito que eu não fizesse isso, mas que lhe devolvesse a sua carta, pois ele desejava escrever algo mais digno da *[Theosophical] Review*. Eu, é claro, mandei de volta a carta dele, mas estou esperando desde aquele dia e até hoje pela prova prometida de que HPB, em suas criações literárias maravilhosas, não fez mais do que reunir farrapos de traduções mal compreendidas e incongruentes de modo a formar uma fantástica roupa de palhaço ou colcha de retalhos que só um tolo seria capaz de usar. E posso acrescentar que a oferta continua de pé para todo e qualquer orientalista que deseje defender o ponto de vista — para mim — ridículo do falecido Nestor^{*4} do orientalismo.

Chamo conscientemente essas passagens incrustadas em suas obras de criações literárias maravilhosas, não do ponto de vista do entusiasta que nada conhece de literatura oriental ou dos grandes sistemas cosmogônicos do passado, ou da Teosofia das religiões mundiais, mas

sim com o julgamento maduro de alguém que vem estudando exatamente estes assuntos há cerca de vinte anos...

As Estâncias [de Dzyan em *A Doutrina Secreta*] mostram uma cosmogênese e uma antropogênese que na sua extensão e detalhe superam em muito qualquer registro existente de tais coisas vindo do passado; elas não podem ser consideradas uma montagem inteligente de fragmentos arcaicos desconectados, preservados ainda hoje nos livros sagrados e obras de escritores clássicos. Elas têm uma individualidade própria e, no entanto, têm a marca da antiguidade e a garantia de uma economia que o mundo ocidental pensa ter ultrapassado há muito. Além disso, elas estão imersas numa atmosfera de exposição aparentemente traduzida ou parafraseada das línguas do Extremo Oriente, produzindo uma impressão geral de autenticidade que é irresistível para um erudito que tenha vencido seus preconceitos iniciais o suficiente para estudá-las.

Na introdução de *A Doutrina Secreta*,^{*5} HPB fala daqueles que não dariam crédito aos seus escritos, alegando que eles haviam sido plagiados de outros escritores como Eliphas Levy e Paracelso, e do Budismo e do Bramanismo.^{*6} Ela responde:

É o mesmo que acusar Renan de haver roubado dos Evangelhos a sua *Vie de Jesus*, e Max Müdler os seus Livros Sagrados do Oriente... das filosofias dos brâmanes e de Gautama, o Buda.

Mas ao público em geral e aos leitores de *A Doutrina Secreta* posso repetir o que nunca deixei de afirmar e que agora sintetizo nas palavras de Montaigne:

EU FIZ APENAS UM RAMALHETE DE FLORES ESCOLHIDAS, E NELE NADA EXISTE DE MEU A NÃO SER O LAÇO QUE AS PRENDE.

No seu último artigo, *Meus Livros*, HPB repete as palavras de Montaigne e pergunta se alguém poderia dizer que ela “não pagou o preço devido pelo laço”.

Quanto à fonte das *Estâncias de Dzyan*, uma notícia notável foi publicada em 1983 — o mistério havia sido solucionado pelo tibetólogo David Reigle. Ele escreveu no seu livreto de setenta páginas *The Books of Kiu-te (Os Livros de Kiu-te, Wizards Bookshelf, San Diego, Califórnia, EUA, 1983)*:

Os Livros de Kiu-te são descritos na obra monumental de H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, como uma série de obras altamente ocultas, algumas das quais eram públicas e outras eram secretas. *Os Livros de Kiu-te*, afirma-se, estão em algum mosteiro tibetano Gelugpa. *A Doutrina Secreta* inclui *The Book of Dzyan (O Livro de Dzyan)*, do qual um certo número de *Estâncias* foi traduzido para constituir o núcleo da obra. Consta que *O Livro de Dzyan* é o primeiro volume dos comentários sobre os *Livros de Kiu-te* secretos e ao mesmo tempo um glossário dos *Livros de Kiu-te* públicos.

Embora a informação acima tenha sido conhecida no final do século dezenove, até agora a identidade dos *Livros de Kiu-te* continua sendo um mistério. Nem os mais ilustrados tibetanos, nem os estudiosos ocidentais, conhecem algo a respeito desses livros com esse nome. Eles eram, portanto, rotulados como produtos da imaginação de H.P. Blavatsky, como tudo o mais em *A Doutrina Secreta*. Mas simplesmente seguindo as referências dadas por ela ao citar esses livros, eles foram agora positivamente identificados. Como ela disse, eles, de fato, fazem parte da biblioteca de qualquer mosteiro tibetano *Gelugpa*, bem como de outras seitas (*Kargyudpa*,

Nyingmapa e *Sakyapa*) e eles, na verdade, são obras altamente ocultas, sendo considerados em toda tradição do Budismo tibetano como a codificação dos ensinamentos secretos do Buda. Como se verá, só a ortografia do termo frustrou tentativas anteriores de identificá-los.

HPB às vezes se refere aos livros como “Kiu-te”, termo usado pelo monge capuchinho Horace della Penna no começo dos anos 1700. Hoje eles são conhecidos como o Kanjur, a porção maior do cânone tibetano. A persistente pesquisa de Reigle o levou a outras descobertas que ele registra em seu livro.

*1 Quando Ralston Skinner deu de presente a HPB o seu manuscrito da Parte Três de *Origens das Medidas*, ele disse que ela poderia usar o texto como se fosse dela. Ela recusou, dizendo: “Como poderei citar sem as devidas aspas?.... Como posso eu citar e deixar de lado o seu nome?” (17 de fevereiro de 1886, Coleção Ralston, Biblioteca Teológica de Andover-Harvard, Universidade de Harvard.)

*2 Com toda a gritaria de Coleman nos artigos publicados em jornais espíritas a respeito do suposto plágio de Blavatsky, ele a convenceu de que ela havia quebrado algumas “regras literárias” importantes, e por isso ela explica em *Meus Livros* que ignorava essas regras quando escreveu *Ísis*. Ela estava respondendo especificamente ao artigo de Coleman que foi publicado em abril de 1891 em *The Golden Way*. O longo artigo em resposta, escrito onze dias antes de sua morte, foi o último escrito por ela nesta encarnação. Considerando o estado de saúde dela naquela ocasião, é incrível que ainda pudesse ter tanta energia.

*3 Um requentado. (Nota Ed. Bras.)

*4 Nestor: figuradamente, “velho sábio”. A expressão vem da Grécia antiga. (Nota Ed. Bras.)

*5 Volume 1, p. XLV, da edição em inglês. (Nota Ed. Bras.)

*6 Descobriu-se que a pessoa que fez essa acusação foi o próprio Coleman. Isso apareceu no artigo dele *A Fraude Esplêndida*, publicada no *Daily Examiner* de San Francisco (8 de julho de 1888).

CAPÍTULO 13

Novos Livros e Novos Lugares

No final da primavera de 1889, o caso Coues-Collins tinha arrefecido, mas outros eventos — felizmente de natureza diferente — estavam ocorrendo. HPB escreveu para seus amigos na França: “Meu médico exige que eu repouse pelo menos durante quinze dias. Necessito uma mudança de ar.”¹⁹⁹ Ela recebeu um convite para ir a Fontainebleau, não muito distante de Paris. O oferecimento veio de uma amiga norte-americana, esposa de um senador dos E.U.A., a sra. Ida Chandler que estava morando lá com sua filha. HPB permaneceu lá por três semanas.

Logo após a sua chegada ela escreveu duas cartas encantadoras para Nadya relatando os benefícios da mudança sobre ela. Quando elas foram publicados no *New Path* (em novembro de 1895), o editor comentou que as cartas revelavam “como a senhora Blavatsky era aberta a novas impressões, mesmo na sua idade avançada”. HPB escreveu:

O ar delicioso, impregnado pelos odores da resina da floresta de pinheiros e aquecido pelo sol, ao qual fico exposta dias inteiros enquanto passeio no parque adorável, tem-me reanimado, tem trazido de volta a minha antiga resistência perdida. Imagine, vários teósofos vieram ontem de Londres para me ver, e por isso fomos todos visitar o castelo. Dos cinquenta e oito enormes quartos do palácio, percorri quarenta e cinco com estas minhas próprias pernas que não pedi emprestadas a ninguém!! Nunca caminhei tanto nos últimos cinco anos!

Subi os degraus da entrada de onde Napoleão I separava-se da sua guarda pessoal; examinei os apartamentos da pobre Maria Antonieta, seu quarto de dormir e os travesseiros onde repousava a sua cabeça condenada; vi o salão de bailes, a gallerie de François I, e os quartos das jovens damas Gabrielle d'Estrée e Diane de Poitiers, e os quartos de Madame Maintenon, e o berço de cetim de *le petit roi de Rome* todo roído pelas traças, e muitas outras coisas. Os tapetes gobelinos, a porcelana de Sevres e algumas das pinturas são perfeitas maravilhas!... Também pus os meus dedos na mesa em que Napoleão assinou a sua renúncia. Mas acima de tudo, gostei dos quadros bordados com seda para *les demoiselles*^{*1} de St. Cyr por Madame Maintenon. Estou profundamente orgulhosa de haver caminhado sozinha por todo o palácio. Pense nisso, pois desde sua estadia em Würzburg eu quase perdi as minhas pernas; e agora, você vê, posso andar muito bem...

Mas que árvores há nesta *doyen des forêts*!^{*2} Nunca esquecerei este bosque vigoroso. Carvalhos gigantescos e pinheiros escoceses, e todos com nomes históricos. Aqui pode-se ver

carvalhos de Molière, de Richelieu, de Montesquieu, de Mazarin, de Beranger. Também um carvalho de Henri III e duas velhas árvores enormes com setecentos anos de idade dos dois irmãos Faramond. Eu simplesmente passei dias inteiros na floresta. Eles me levavam lá numa cadeira de rodas ou me conduziam num landô.^{*3} É tudo tão adorável aqui que não sinto qualquer desejo de ir ver a Exposição.

Recentemente, um teósofo francês, Jean-Paul Guignette, foi até Fontainebleau para investigar velhos registros e ver o que poderia encontrar a respeito da visita de HPB. Ele encontrou um dado no *L'Abeille de Fontainebleau* que listava as chegadas ao hotel: a sra. Candler e a filha chegaram no dia 7 de junho de 1889, vindas do *Hotel de la Ville de Lyons et de Londres*; a sra. Blavatsky no dia cinco de julho, e Annie Besant no dia quinze de julho. Ele também localizou fotografias antigas e fascinantes do hotel e dos jardins.²⁰⁰

Entretanto, a visita a Fontainebleau foi notável na história do movimento teosófico, não porque HPB foi para lá para mudar de ares, nem porque dormiu em um certo hotel ou visitou um palácio famoso, mas, sim, porque foi lá que ela escreveu a maior parte de *A Voz do Silêncio*. Talvez ter fugido da neblina e da atmosfera poluída de Londres haja contribuído para produzir essa obra preciosa.

A sra. Besant registrou essa visita a Fontainebleau em sua autobiografia, onde descreve como foi escrita a Voz:

Fui convidada para ir a Paris a fim de participar, com Herbert Burrows, do grande Congresso Trabalhista que seria realizado de 15 a 20 de julho, e passei um dia ou dois em Fontainebleau com H.P. Blavatsky, que tinha viajado para passar lá algumas semanas de repouso. Encontrei-a traduzindo os maravilhosos fragmentos de *The Book of The Golden Precepts (O Livro dos Preceitos de Ouro)*, agora amplamente conhecidos sob o nome de *A Voz do Silêncio*. Ela escrevia rapidamente, sem qualquer cópia material diante dela, e à noite fazia com que eu lesse o texto para ver se “o inglês estava decente”. Herbert Burrows estava lá, assim como a sra. Candler, uma dedicada teósofa norte-americana, e nós sentávamos em volta de HPB enquanto eu lia. A tradução era correta num inglês bonito e perfeito, fluente e musical; nós achávamos que somente uma ou duas palavras deviam ser modificadas, e ela nos olhava como uma criança espantada, admirada com os nossos elogios — elogios que qualquer um com senso literário desenvolvido faria se lesse aquele poema maravilhoso.²⁰¹

Nos capítulos dedicados ao Tibete, nesta biografia, eruditos orientais comprovaram a autenticidade de *A Voz do Silêncio*. Celebidades no Ocidente também valorizaram esse livro. Ao que parece, *Lord Alfred Tennyson*, poeta laureado da Inglaterra, estava lendo este livro pouco antes

de morrer.²⁰² HPB, comentando um dos últimos poemas de Tennyson, observou: “Parece que *Lord* Tennyson esteve lendo livros teosóficos, ou que é inspirado pelas mesmas grandes verdades que nos inspiram.”²⁰³

William James, nas suas célebres *Conferências Gifford, As Variedades da Experiência Religiosa*, cita um certo número de passagens de *A Voz do Silêncio* e sugere: “Há um nível da mente que é habitado por essas coisas; os sussurros de lá se misturam com as operações da nossa compreensão, assim como as águas do oceano infinito enviam ondas que se chocam com as pedras pequenas da praia.” Aqui estão as passagens:

Aquele que quiser ouvir a voz do *Nada* — “o Som sem Som” — e compreendê-la, tem que aprender a natureza de *Dharana* ^{*4}... Quando para si mesmo a sua forma parecer irreal, como acontece quando relembra todas as formas que vê em sonho; quando ele tiver cessado de ouvir os muitos, ele pode discernir o UM — o som interno que elimina o som externo... Pois então a alma ouvirá e lembrará. E então, o ouvido interno ouvirá — A VOZ DO SILÊNCIO... E agora você está perdido no SER, você com seu próprio EU, mergulhado NAQUELE SER de onde você surgiu inicialmente... Olhe! Você se tornou a Luz, você se tornou o Som, você é o seu Mestre e o seu Deus. Você é em si mesmo o objeto da sua busca: a VOZ sem interrupções, que ressoa através de eternidades, isenta de mudança, os sete sons em um, a VOZ DO SILÊNCIO.

Precedendo as palavras “Olhe! Você se tornou a Luz”, James omitiu a seguinte frase, que auxiliaria na compreensão do resto de sua seleção:

E agora, repouse debaixo da árvore de Bodhi, que é a perfeição de todo o conhecimento, pois, saiba, você é o Mestre do SAMADHI — o nível de visão impecável.²⁰⁴

Uma passagem que parece ter agradado especialmente a James é esta, dirigida a um discípulo: “Aprenda a separar o seu corpo da sua mente... *e a viver no eterno*”,²⁰⁵ pois no parágrafo seguinte das suas seleções de *A Voz*, ele observa (itálicos de S. Cranston):

Aquela doutrina... de que a eternidade é atemporal, de que a nossa “imortalidade”, *se vivemos no eterno*, não é algo que está no futuro, mas, sim, aqui e agora, que encontramos tantas vezes expressa hoje em dia em certos círculos filosóficos, encontra o seu apoio nas palavras “ouça, ouça!” ou em um “amém”, que flutua naquele nível profundo e misterioso. Reconhecemos as palavras que dão passagem para a região mística quando as ouvimos, mas nós mesmos não podemos usá-las porque só a dimensão mística possui “a palavra mágica ou contra-senha fundamental”.²⁰⁶

Outro ocidental que mostrou interesse em *A Voz* foi um proeminente budista inglês, Dennis Lingwood, mais conhecido sob o nome de *Bhikshu*

Sangarakshita. Ele estudou páli e era bem versado tanto no Budismo *Theravada* quanto no Budismo *Mahayana*. Nos anos 1950, Lingwood fez uma conferência sobre *A Voz do Silêncio* no Instituto Indiano de Cultura Mundial, uma das cinco que ele fez ali. As primeiras quatro foram publicadas com o nome *Um Exame do Budismo*, que um crítico considerou como o principal evento do Ano nº 2500 do Buda Jayanti. A quinta, *Paradoxo e Poesia em A Voz do Silêncio*, foi publicada em forma de livreto. Lê-se em parte dele:

A Voz do Silêncio, embora não pretenda ser obra de um Buda, é semelhante a um *sutra*, ou melhor ao grupo de textos chamados *sastra*... Busca mais inspirar do que instruir; apela ao coração mais do que à cabeça. Para usar a classificação de Quincey, a obra não pertence à literatura de informação, cuja finalidade é aumentar o conhecimento, mas à literatura de poder, cuja finalidade é transformar. É muito importante compreender claramente não apenas a diferença entre os vários tipos de efeitos que estes textos foram calculados para produzir, mas também os órgãos sobre os quais eles têm a intenção de atuar. De acordo com o próprio *A Voz do Silêncio*, o discípulo é advertido logo no começo da sua busca: “Aprende acima de tudo a distinguir o conhecimento mental e a sabedoria da alma; a doutrina do 'olho' e a doutrina do 'coração'...”

Nós devemos [entretanto] estar atentos contra o erro muito comum de pensar que o que é místico é irracional e ilógico. Como T. S. Eliot ironicamente observa, antes de ir além do intelecto precisa-se ter um intelecto. Mas enquanto isso o problema da comunicação continua. Como é possível transmitir a natureza do *samadhi* a alguém que não teve uma experiência pessoal disso, e quando a linguagem, o principal modo de comunicação, surge dos próprios níveis de experiência que o *samadhi* transcende? Certos mestres Zen, naturalmente, resolvem o problema à sua própria maneira tentando dispensar completamente a linguagem. A tradicional solução budista é muito menos drástica. Um grupo de *sutras*... tem sua base principalmente no método do paradoxo sistemático. Outro grupo... recorre à poesia, especialmente na forma do mito cósmico. *A Voz do Silêncio* é provavelmente único ao fazer o uso de uma combinação desses dois métodos, um procedimento que, sem dúvida, explica em grande parte a extraordinária capacidade deste pequeno tratado de despertar a sabedoria adormecida da Alma do discípulo qualificado.²⁰⁷

Após deixar Fontainebleau, HPB foi convencida por Ida Candler a pegar um pouco de ar marinho, e passou com ela duas semanas na ilha de Jersey, na costa francesa. HPB escreveu para Nadya dizendo: “Bem, minha velha companheira, aproveito um minuto de intervalo do trabalho, que está simplesmente me esmagando depois da minha inércia em Fontainebleau, e estou escrevendo a você deitada na cama, apesar de estar perfeitamente

bem. O médico colocou-me aqui por precaução, pois ultimamente os meus joelhos estão doendo um pouco.”²⁰⁸

O trabalho a que ela se refere incluía a edição do próximo número de *Lucifer*. Como informa George Mead, “foi só a partir do começo de agosto de 1889 que eu comecei a trabalhar permanentemente com HPB. Ela estava em Jersey nessa época, e a cópia e as provas de *Lucifer* estavam sendo transmitidas ativamente para lá e para cá, acompanhadas de uma infinidade de notas e telegramas. Tive tempo apenas para revisar dois livros antes que chegasse um apressado telegrama de HPB e eu partisse para Jersey”.

Um dos trabalhos que ela deu a Mead foi o de ler todo o manuscrito de *A Voz*, que até então ele não sabia estar sendo preparado. Ele informou:

Disse-lhe que era a coisa mais grandiosa de toda nossa literatura teosófica, e tentei, ao contrário do meu hábito, transmitir em palavras algo do entusiasmo que sentia. HPB não estava contente com seu trabalho, e expressou a sua grande apreensão de que ela tivesse fracassado em fazer justiça ao original na sua tradução... Esta era uma das suas principais características. Nunca estava confiante no seu próprio trabalho literário, e alegremente ouvia todas as críticas, mesmo de pessoas que deviam permanecer silenciosas. Estranhamente ela estava sempre temerosa a respeito dos seus melhores artigos e trabalhos e extremamente confiante nos seus escritos polêmicos... a pura atmosfera de vitalidade e autenticidade que havia em torno das suas grandes exposições — tudo isso eu revelo porque deve fazer parte da sua reputação mais duradoura. Ela era uma titã entre mortais; ...nossa titã era elemental, como na verdade são todos os titãs, mas ao construir os alicerces é necessário haver gigantes, e os gigantes não podem mover-se sem derrubar os ídolos e santuários dos anões.²⁰⁹

O livro *A Chave Para a Teosofia* foi publicado enquanto HPB estava ausente de Londres. Ao retornar ela enviou uma cópia para William Stead. “Não peço que você faça uma crítica, *mas que o leia*”, escreveu a ele, “visto que você poderá compreender pelo menos este trabalho, já que a metafísica está ausente dele. O sr. Oscar Wilde deu-me sua *palavra de honra* de que faria um comentário, mas isso não significa muito, e pouco me importo. O que me importa é que você deveria lê-lo; pois então poderá saber toda a verdade acerca dele”.²¹⁰

A Chave tem a forma de um diálogo entre alguém que pergunta e um teósofo que responde. Isso é explicado no Prefácio:

O propósito deste livro está explícito em seu título... Não é um texto completo ou exaustivo sobre Teosofia, apenas uma chave para abrir a porta que conduz ao estudo mais profundo. Traça as linhas gerais da Religião-Sabedoria, e explica seus princípios fundamentais. Enfrenta, ao mesmo tempo, as várias objeções levantadas pelo pesquisador ocidental mediano, e busca

apresentar conceitos não-familiares de uma forma tão simples e em uma linguagem tão clara quanto possível.

Querer que este livro consiga tornar a Teosofia inteligível sem qualquer esforço mental da parte do leitor seria expectativa demasiada... Aos de mente preguiçosa ou obtusa, a Teosofia tem de permanecer um enigma; pois no mundo mental, assim como no espiritual, o homem tem de progredir por seus próprios esforços. A autora não pode pensar pelo leitor, nem este obteria qualquer proveito se pensamentos vicários fossem possíveis.

Entre os assuntos abordados pelo livro estão os estados após a morte; o mistério da mente; a natureza setenária do homem e do cosmo; a reencarnação e o *karma*. Vários capítulos discutem os problemas sociais do nosso tempo e as soluções oferecidas pela filosofia teosófica. Um destes capítulos diz respeito à educação de crianças e de jovens adultos. O tema é introduzido quando o entrevistador comenta:

Um dos mais fortes indícios da inadequação das formas de religião existentes no Ocidente, e também até certo ponto, da filosofia materialista que está agora tão popular — mas que você parece considerar como uma abominação — são a miséria e a desgraça enormes que inegavelmente existem, especialmente nas nossas grandes cidades. Mas certamente você deve reconhecer o quanto tem sido e está sendo feito para remediar este estado de coisas, por meio da propagação da educação e da difusão do conhecimento.

O teósofo responde essa pergunta dizendo:

Você abordou um assunto que preocupa — a nós, teósofos — profundamente, e tenho de dizer o que penso. Concorro plenamente que há uma grande vantagem no fato de uma criança pequena, criada nas favelas, brincando na sarjeta e vivendo no meio de contínua brutalidade de gestos e palavras, ser colocada diariamente em uma sala de aula clara e limpa, com quadros pendurados e, com frequência, enfeitada com flores. Lá ela aprende a ser limpa, gentil, ordeira; aprende a cantar e a brincar; tem brinquedos que despertam sua inteligência; aprende a usar seus dedos habilmente; falam-lhe com um sorriso ao invés de uma carranca; é censurada e persuadida gentilmente, ao invés de ser insultada. Tudo isso humaniza as crianças, desperta seus cérebros e as torna suscetíveis a influências intelectuais e morais. As escolas não são tudo o que poderiam e deveriam ser; mas, comparadas com seus lares, são paraísos; e lentamente estão começando a agir sobre seus lares. No entanto, ao mesmo tempo que isso é verdade, em muitos dos internatos o sistema merece o pior que se possa dizer sobre ele...

Respondendo à questão “Qual é o real objetivo da educação?” — HPB pergunta por sua vez:

Será cultivar e desenvolver a mente na direção correta; ensinar os deserdados e desamparados a suportar com coragem o fardo da vida (destinado a eles pelo *karma*); fortalecer a sua vontade; inculcar-lhes o amor pelo próximo e o sentimento de interdependência mútua e de fraternidade; formar e treinar dessa maneira o caráter para a vida prática? Nada disto!... Todos os jovens e meninos, ou ainda, toda a geração mais jovem de professores responderá: “O objetivo da

educação moderna é passar nos exames.” Não é um sistema para desenvolver a competição justa, mas para gerar e alimentar o ciúme, a inveja e quase o ódio entre os jovens, treinando-os assim para uma vida de egoísmo feroz e de luta pelas honras e lucros, ao invés de sentimentos amáveis.

E o que são os exames — o terror da infância e da juventude modernas? São simplesmente um método de classificação pelo qual os resultados do ensino de sua escola são tabulados. Hoje a “ciência” ensina que o intelecto é um resultado da interação mecânica da massa cerebral; portanto é perfeitamente natural que a educação moderna seja quase completamente mecânica — uma espécie de máquina automática que fabrica intelecto às toneladas. Um mínimo de experiência em exames é suficiente para mostrar que a educação que eles produzem é um mero treinamento da memória física e, mais cedo ou mais tarde, todas as suas escolas afundarão até esse nível. Qualquer cultivo verdadeiro e saudável de poder pensante e racional é simplesmente impossível enquanto tudo tiver de ser julgado pelos resultados de exames competitivos...

Quando mais adiante é perguntado “O que vocês fariam então?” — HPB responde:

Se tivéssemos dinheiro, fundaríamos escolas que não produzissem candidatos alfabetizados à miséria. Deveríamos ensinar às crianças, acima de tudo, a autoconfiança, o amor por todos os homens, o altruísmo, a caridade mútua e, mais do que qualquer outra coisa, a pensar e raciocinar por si mesmas. Reduziríamos o trabalho puramente mecânico da memória a um mínimo absoluto e dedicaríamos todo o tempo ao desenvolvimento e treinamento dos sentidos internos, das faculdades e das capacidades latentes. Nós nos empenharíamos em lidar com cada criança como uma unidade, educando-a de modo a produzir o desenvolvimento mais harmonioso e equilibrado dos seus poderes, para que suas aptidões especiais cresçam natural e plenamente. Deveríamos ter como objetivo a criação de homens e mulheres livres, livres intelectualmente, livres moralmente, sem preconceitos de qualquer natureza e, acima de tudo, não egoístas. E acreditamos que grande parte disto, senão tudo, poderia ser conseguido através de uma educação apropriada e verdadeiramente teosófica.²¹¹

Tendo chamado a atenção em *A Chave Para a Teosofia* para várias necessidades sociais da sua época, Blavatsky ampliou o campo de ação da sua consciência em editoriais publicados em *Lucifer* e em artigos tais como *A Onda da Maré*, *A Queda dos Ideais*, *O Movimento Cíclico*, *Progresso e Cultura e Civilização*, *a Morte da Arte e da Beleza*.

*¹ *Les demoiselles*: as senhoritas. (Nota Ed. Bras.)

*² *Doyen des forêts*: a mais antiga das florestas. (Nota Ed. Bras.)

*3 Landô: carruagem de quatro rodas com capota dupla que pode ser erguida e abaixada. (Nota Ed. Bras.)

*4 “*Dharana* é uma concentração intensa e perfeita da mente sobre um objeto interior, acompanhada por uma abstração completa de tudo que diz respeito ao Universo externo, ou ao mundo dos sentidos”, escreveu HPB.

CAPÍTULO 14

Mudança Para a Avenue Road

No começo de 1890, as atividades literárias de HPB foram suspensas durante algum tempo. Ela escreveu a dois teósofos franceses: “Tenho estado tão doente — numa completa prostração nervosa — que me foi impossível escrever uma única palavra sobre qualquer teoria exceto as relativas à filosofia transcendental. Porque isso não requer qualquer ação cerebral, nem qualquer pensamento, e basta abrir uma gaveta em um dos armários de minha memória e então — copiar.”²¹² Em fevereiro, ela escreveu para Vera:

Como você vê, estou em Brighton, à beira-mar, para onde fui enviada pelos médicos para inalar as evaporações oceânicas da corrente marítima do golfo, e livrar-me de uma completa prostração nervosa. Eu não sinto nenhuma dor, mas palpitações no coração, um retinir nos ouvidos — estou quase surda — e fraqueza, também; tamanha fraqueza que mal posso levantar minha mão. Estou proibida de escrever, ler ou mesmo pensar, mas devo passar os dias inteiros a céu aberto — “sentada perto do mar esperando que haja tempo bom”. Meu médico está assustado, e assustou todo seu grupo de assistentes. É um local terrivelmente caro, e o meu dinheiro — ai de mim! Por isso meus esoteristas imediatamente juntaram dinheiro e persuadiram-me a vir. E agora doações voam de todas as partes para que eu me cuide; muitas delas até mesmo anônimas, simplesmente enviadas para o meu endereço. A América, especialmente, é tão generosa que, palavra de honra, me sinto envergonhada...

Dois ou três teósofos, vindos de Londres, revezam-se tomando conta de mim; observando cada movimento meu como Cérberos.^{*1} Agora, um deles está se aproximando com um apelo emocionado para que pare de escrever, mas quero que você saiba que ainda estou viva. Você já esteve em Brighton, não é? Temos aqui uma primavera esplêndida, o sol é simplesmente italiano, o ar é rico; e o mar como um espelho. Durante dias inteiros sou puxada daqui para lá na avenida numa cadeira de rodas. É adorável. Penso que já estou bastante forte. Meu cérebro move-se muito menos, mas antes eu estava simplesmente amedrontada devido à cabeça. O meu médico disse... “Você trabalhou demais até adoecer”; e diz ele, “você tem que dar descanso a si mesma”. É isto! E com todo esse trabalho nas minhas mãos! “Você escreveu demais, agora tem que repousar.”

É fácil para ele falar, mas eu ainda tenho que colocar em ordem o terceiro volume de *A Doutrina [Secreta]* e o quarto — apenas começado, também... não se assuste. Não há mais perigo. Console-se com os recortes de jornais anexos. Veja como as nações engrandecem a sua irmã! O meu *A Chave Para a Teosofia* trará muitos neófitos, e *A Voz do Silêncio*, embora seja um livro pequeno, está se transformando na bíblia teosófica. São, na verdade, aforismos grandiosos. Posso dizer isso porque você sabe que não os inventei! Pois somente os traduzi do

telugo, o mais antigo dialeto do sul da Índia. São três tratados acerca da ética e dos princípios morais dos místicos mongóis e dravídicos.²¹³ Alguns dos aforismos são profundamente maravilhosos e belos. Aqui eles causaram um verdadeiro furore, e penso que atrairão atenção na Rússia também. Por que você não os traduz? Seria uma bela coisa a fazer.

Quando o texto acima apareceu em *The Path* (em dezembro de 1895), o editor comentou: “O ar marinho fez grande bem a HPB, mas ela não manteve a força por muito tempo. No final de abril, foi novamente proibida de trabalhar, e esta abstenção era para ela uma verdadeira tortura, porque, com o decréscimo de energia, a atividade do seu pensamento só parecia aumentar.”

No suplemento do *Theosophist* de junho de 1890, Olcott relata novidades sobre a condição de HPB:

As últimas informações, vindas do sr. Mead acerca da saúde de HPB, são de natureza inquietante. Ela estava tão doente que não pôde escrever o editorial principal para *Lucifer* de maio. Seu devotado e competente médico, o dr. Z. Mennell, diz que será impossível que ela venha sem perigo de vida até aqui [Índia], em dezembro, como ela e eu tínhamos decidido que ela faria. Ela está passando agora — disse-me ele — por uma crise grave, em que estão em jogo a sua vida ou a sua morte. Cada coração asiático grato deve rezar fervorosamente para que a balança penda para a posição correta. Não há outra “HPB”.

Mas HPB tinha uma boa razão para melhorar. O movimento estava se expandindo, e a sede da seção britânica logo teve que ser transferida para um local mais amplo, mudando-se da *Lansdowne Road* para a *Avenue Road*, no outro lado de Londres, próximo ao *Regent's Park*. Durante muitos meses, foram feitos preparativos até a realização da mudança em julho. Parte dessa propriedade tinha sido residência de Annie Besant, que a colocou à disposição da Sociedade. Em abril de 1890, HPB escreveu para Vera:

Estou proibida de trabalhar agora, mas, de qualquer modo, estou tremendamente ativa mudando-me de uma ponta de Londres para a outra. Obtivemos três casas independentes, unidas por um jardim, por um prazo de muitos anos — a *Avenue Road*, 19, com direito a construir. Estou construindo um salão para conferências que possa conter 300 pessoas; o salão será no estilo oriental, feito de madeira polida, com uma armação de tijolos para manter longe o frio; e sem nenhum forro interno, pois o teto será sustentado por vigas também de madeira polida. E um dos nossos teósofos, um pintor, está pintando-o com sinais e figuras alegóricas. Ah, ele será muito bonito!²¹⁴

Olcott registra que “R. Machell, o artista, tinha coberto as duas metades inclinadas do teto com as representações simbólicas das seis grandes

religiões e dos signos do Zodíaco”.²¹⁵ Hoje, nos cartões de Natal, podemos encontrar unidas as seis grandes religiões do mundo; naqueles dias, no entanto, isso era impossível.

A reunião inaugural aconteceu no dia três de julho. HPB escreveu para sua irmã:

Num dos extremos do salão eles colocaram para mim uma enorme cadeira de braços onde sentei como se estivesse entronizada. Sentei lá com o meu médico próximo de mim para o caso de eu desmaiar, sendo muito difícil manter-me no mesmo lugar tão mal eu me sentia... Cerca de 500 pessoas estavam lá reunidas, quase o dobro do que o salão podia comportar... E imagine o meu espanto quando vi sentada na primeira fila a sra. Benson, a esposa do Arcebispo de Canterbury, para quem meu *Lucifer* havia enviado uma “mensagem fraterna”. Tenho certeza de que você se lembra dela. A que ponto chegamos! Os discursos foram feitos por Sinnett e outros, mas, é desnecessário dizer, ninguém falou tão bem como Annie Besant. Ó céus, como esta mulher fala! Espero que você possa ouvi-la. Ela agora é minha coeditora em *Lucifer* e presidente da loja Blavatsky. Sinnett permanecerá somente como presidente da loja de Londres. Quanto a mim, tornei-me agora uma perfeita “papa” teosófica; e fui eleita unanimemente presidente de todas as lojas teosóficas européias.²¹⁶ Mas qual é a utilidade de tudo isso para mim?... Se eu pudesse ter mais saúde — isso, sim, seria importante. Mas honrarias e títulos não significam nada para mim.²¹⁷

A maior parte dos assistentes da *Avenue Road* vivia no prédio. Besant escreve sobre esse período:

As regras da casa eram — e são — muito simples, mas HPB insistia em ter grande pontualidade no modo de viver; tínhamos a nossa refeição matinal às oito horas da manhã, trabalhávamos até o almoço, à uma da tarde, e então novamente até o jantar às sete da noite. Após o jantar, o trabalho da Sociedade era colocado de lado, e nos reuníamos na sala de HPB onde sentávamos falando sobre planos, recebendo instruções, ouvindo as suas explicações de pontos difíceis. À meia-noite todas as luzes eram apagadas.

Ela própria escrevia incessantemente; sempre sofrendo, mas com uma vontade indomável, ela forçava seu corpo a começar e terminar as tarefas... Como instrutora ela era maravilhosa, paciente, explicando uma coisa várias vezes, de diferentes maneiras, até que, algumas vezes, após um prolongado fracasso, ela se recostava na sua cadeira: “Meu Deus” (o fácil “*Mon Dieu*” do estrangeiro) — “será que sou uma tola que não podem entender? Aqui, fulano” — para alguém em cuja expressão discernia algum lampejo de compreensão — “explique a esses tolos primitivos o que quero dizer”.

Ela era impiedosa com a vaidade, com a ostentação de conhecimentos e com o orgulho, se o discípulo tinha potencial; farpas agudas de ironia trespassavam o fingido. Com alguns ela poderia ficar muito aborrecida, chicoteando-os com sua ironia para que saíssem da letargia; e, na verdade, ela se transformava apenas num instrumento de treinamento dos seus alunos, sem se preocupar com o que qualquer um pudesse pensar dela, providenciando para que a vantagem resultante fosse assegurada a eles.²¹⁸

George Mead conta como o método de HPB treinar seus alunos produzia efeito nele: “Algo que ela estava sempre registrando na minha consciência era um sentido da ‘adequação das coisas’, e ela era impiedosa se esta lei de harmonia era quebrada, não deixando qualquer fenda de escape, e não aceitava nenhuma desculpa, embora, um minuto depois ela fosse de novo uma amiga afetuosa e uma irmã mais velha, diria até mesmo, companheira como só ela sabia ser.”²¹⁹

Segundo os dados disponíveis, parece ter havido somente uma ocasião na qual HPB emergiu da sua vida na *Avenue Road*, 19, e isso ocorreu em agosto de 1890, quando ela viajou para *East London* para inaugurar um pensionato cooperativo de mulheres jovens que recebiam baixos salários. No começo do ano ela recebera mil libras para usá-las no que quisesse a serviço da humanidade, preferencialmente para mulheres, e este projeto foi decidido. O professor Nethercot, que pesquisou o episódio, recorda:

Quando o pensionato foi aberto em meados de agosto, o [repórter do] *Star* não encontrou um local deprimente, caído de branco, e de aparência desagradável, mas, sim, algo parecido a uma casa particular iluminada e com quartos belamente mobiliados, com as camas separadas umas das outras por cortinas japonesas de cores alegres. O pensionato também possuía uma biblioteca, uma sala de trabalho, salas de estar... e um refeitório... O pensionato podia acomodar cerca de uma dúzia de hóspedes e servir refeições a muitas outras mulheres, além de promover reuniões. No final de dezembro, a sra. Besant anunciava que o número de afiliadas ultrapassava cento e cinquenta e que a sra. Kitty Lloyd, a mantenedora (naturalmente uma teósofa devotada), tinha muito o que fazer, servindo aproximadamente o mesmo número de refeições a cada dia... Na inauguração, em agosto, com a presença de cerca de cinquenta moças, a senhora [Blavatsky] tinha-se recuperado o suficiente de sua doença crônica para estar presente com toda a sua equipe. Houve chá, bolos, e mesmo algumas danças e cantos, que terminaram num verdadeiro clímax com o discurso da sra. Besant e de Herbert Burrows. A sra. Blavatsky simplesmente irradiava felicidade.²²⁰

Antes da abertura, HPB estava profundamente preocupada com relação às regras do pensionato de mulheres e escreveu para Annie Besant:

O sr. H. Burrows disse autoritariamente, na noite passada, como se tivesse poder sobre a administração desta “*Cooperativa de Mulheres*”, que nenhuma moça poderia ser aceita como residente ou membro se não pertencesse ao sindicato. Mas que DIREITO tem ele de afirmar tal coisa?... O desejo do sr. K., declarado expressamente a mim, em cartas e oralmente, é que toda moça ou mulher pobre ameaçada pela necessidade de ter que viver nas ruas, independentemente de credo (religioso ou político), classe social, atividade profissional ou opinião, poderia ser beneficiada por este pensionato de acordo com as suas acomodações e recursos. [A ordem do sr. Burrows] choca-se contra o princípio fundamental da S. T, isto é, a fraternidade, sem distinção de credo, opiniões, classe, raça ou cor e por isso é não teosófica.

Mais do que isso: essa atitude arrasta a S.T. e todos que a fundaram a um determinado tipo de ação; isto é, limita-os à força e inesperadamente a uma visão estreita e sectária da Teosofia e da filantropia. Ligar-nos a todos, publicamente (pois havia dois editores lá, além de repórteres) com sindicatos, greves, manifestações públicas etc... E se nós, da S.T., como a própria S. T., vivemos até hoje e nada pôde nos esmagar, é justamente devido à política sábia da nossa Sociedade, como instituição, de absoluta não interferência em tais movimentos políticos, e de manter-se sempre dentro dos limites da lei... coisa que participantes de tumultos e rebeldes, embora sejam valiosos para as suas causas, não fazem.²²¹

Vera, que estive em Londres com HPB nessa ocasião, recorda:

Durante a minha estada lá, houve muitas situações perturbadoras, para mim, com respeito à minha irmã. Embora todos que com ela trabalhavam obviamente a respeitassem, amassem e valorizassem, eram todas pessoas novas, que estavam terrivelmente ocupadas e, mais ainda, acostumadas a uma maneira espartana de viver. Ninguém sabia aliviá-la dos aborrecimentos e inconveniências cotidianas da vida e providenciar-lhe, diariamente, o cuidado adequado e a atenção de que ela tanto necessitava...

Na minha opinião, somente a condessa Wachtmeister, que tomara conta dela tão bem em Würzburg e que a levara consigo para Ostende, poderia tê-la salvo. Disse isso a minha irmã muitas vezes. Mas desde cedo de manhã até à noite a condessa estava no escritório da cidade, a vários quilômetros de distância. Helena Petrovna protestou ardentemente contra as minhas sugestões, assegurando-me que a condessa era necessária para o trabalho e não podia negligenciá-lo. O interesse próprio não contava para minha irmã. Assim, pela mesma razão, ela enviou Bertram Keightley para a Índia em pleno verão — um homem que lhe era devotado como se ela fosse a sua própria mãe, ou mais do que isso. Ela sustentava que ele era necessário lá. E mais importante, que o seu afastamento de Londres era necessário para ele e seria útil para o seu bem-estar.

Durante as nossas últimas noites juntas, o seu maior prazer era ouvir canções russas simples. Ela se voltava primeiro para uma e depois para a outra das minhas filhas dizendo: “Cante alguma coisa, minha querida! Bem, que tal ‘Wochenky’ (Pequena Noite Preciosa) ou ‘Travooshky’ (A Folha de Grama)... Cante alguma das nossas canções nativas...” Na última noite, minhas filhas cantaram até a meia-noite canções como “Sredi Dolini Rovniya” (Entre as Planícies) e “Vniz po Matushke po Volge” (Descendo a Mãe Volga), o nosso hino russo, e as nossas Preces da Quaresma. Ela as ouvia com sentimento e felicidade muito grandes, como se soubesse que nunca mais as ouviria de novo.²²²

No final do verão de 1890, HPB estava ocupada em escrever *Ação Psíquica e Noética*, uma das suas maiores contribuições à psicologia teosófica. O artigo apareceu em duas partes em *Lucifer*, em outubro e novembro. Nele, ela examina as limitações da então “psicologia fisiológica” e compara a primeira com a psicologia da Teosofia moderna e antiga. Como foi indicado antes, “Noético” é um adjetivo de *Nous*, que HPB define em seu *Glossário Teosófico* como “um termo platônico para Mente Superior ou

Alma... Significa o Espírito como distinto da Alma animal — *psyche*". HPB também a denomina como a "consciência ou mente divina no homem".

Nos anos 30 do século vinte, o texto *Ação Psíquica e Noética* foi discutido num artigo intitulado *O que é a Alma?* pelo filósofo e agnóstico britânico C.E.M. Joad, que, até a sua morte em 1953, era bastante conhecido pelas suas análises lúcidas da cultura e filosofia modernas. Ele escreveu:

A senhora Blavatsky... postulava a existência de duas almas ou personalidades que são definidas geralmente da seguinte forma: a primeira é dependente do corpo; em outras palavras, os eventos nela são determinados por eventos anteriores ocorridos no corpo, e que é conhecida como "eu inferior", ou como "atividade psíquica". Ela se manifesta através do nosso sistema orgânico...

A segunda alma, conhecida como "Eu Superior" [em vez] de ser um mero feixe de eventos psicológicos, como a primeira,... é uma unidade, ou melhor, um princípio unificador. Ela não tem um órgão específico como sua contraparte no corpo — pois como pode haver um órgão específico para determinar os movimentos daquilo que unifica todos os órgãos?... Não está, portanto, localizada no cérebro... Sua atividade, descrita como "noética" e como oposta à atividade "psíquica" do primeiro "eu", surge da "Mente Universal"... Finalmente, o Eu Superior é o mesmo e continua ao longo das diversas vidas. É um elemento permanente que atravessa como um fio as diferentes existências, unidas como contas em toda sua extensão.

A distinção entre os dois "eus" é utilizada pela sra. Blavatsky, com grande habilidade, para contrabalançar os argumentos apresentados pelo materialismo científico contra a filosofia espiritualizada... É impossível não sentir um grande respeito pelos escritos da senhora Blavatsky sobre tal assunto; respeito e, se me permitirem usar a palavra, admiração. Escrevendo como fez, ela antecipou muitas ideias que, familiares hoje em dia, eram extremamente inovadoras há cinquenta anos.²²³

Perto do final de 1890, a Sociedade Editora Teosófica (Theosophical Publishing Society) publicou em Londres a primeira parte de um trabalho chamado *Atas da Loja Blavatsky*.^{*2} A segunda parte, publicada em 1891, foi encadernada junto com a primeira em forma de livro e continua sendo reimpressa e vendida.²²⁴ A julgar pelo título, dificilmente se pode suspeitar que o livro relaciona-se com *A Doutrina Secreta* [D. S.], e contém as respostas da própria HPB a perguntas feitas nas reuniões da loja Blavatsky de dez de janeiro até vinte de junho de 1889. Suas respostas eram anotadas estenograficamente e, a seguir, revisadas por ela para publicação.

Encontros similares foram feitos quando a loja mudou-se para a *Avenue Road*. O registro permanece como um testemunho da participação ativa de HPB. O estenógrafo foi Robert Bowen, um capitão da marinha reformado,

cujo filho, capitão P.G.Bowen, publicou esse notável testemunho anos mais tarde no *Theosophy in Ireland* (*Teosofia na Irlanda*), de janeiro-março de 1932, sob o título “*A Doutrina Secreta*” e o seu *Estudo*. Desde então, ele tem sido reimpresso em várias revistas teosóficas e também na forma de livreto.²²⁵ O documento é datado de 19 de abril de 1891, portanto, dezenove dias antes da morte de HPB.

A maior parte dessa publicação, que é grande demais para ser reproduzida aqui, apresenta sugestões de HPB sobre como os estudantes sérios podem estudar melhor a *D.S.* Alguns trechos do panfleto são dados aqui.

P.G. Bowen registrou:

HPB esteve especialmente interessada no tema de *A Doutrina Secreta* durante a semana passada. O melhor é eu tentar pôr em ordem e transpor tudo para o papel com segurança enquanto o assunto está claro na minha mente. Como ela mesmo disse, isso poderá ser útil daqui a trinta ou quarenta anos.

Antes de tudo, então, *A Doutrina Secreta*... contém, diz ela, apenas o que poderá ser recebido pelo mundo durante o próximo século. Isso levantou uma questão — que ela explicou da seguinte maneira:

“O mundo” significa o homem vivendo na sua natureza pessoal. Este “mundo” poderá encontrar nos dois volumes da *D.S.* tudo aquilo que a compreensão humana poderá captar, mas nada mais. Mas isso não significa que o discípulo, que não estiver vivendo “no mundo”, não possa encontrar nada mais no livro do que “o mundo” encontra. Cada forma, por mais grosseira que seja, contém oculta em si a imagem do seu “criador”. Da mesma forma a obra de um escritor, por mais obscura que seja, contém, oculta em si, a imagem do conhecimento do seu autor. A partir desta declaração eu penso que a *D.S.* deve conter tudo que HPB sabe e um pouco mais, considerando que tudo que foi escrito veio de homens cujo conhecimento é imensamente mais amplo do que o dela. Além disso, ela dá a entender claramente que outra pessoa poderá encontrar na obra citada um conhecimento que ela mesma não possui. É estimulante pensar que isso é possível, que eu mesmo poderei encontrar nas palavras de HPB um conhecimento do qual ela própria era inconsciente. Ela abordou essa ideia muitas vezes. X disse a seguir: “HPB deve estar perdendo a sua força” querendo dizer, eu suponho, a confiança no seu próprio conhecimento. Mas Y e Z, e também eu mesmo, vemos melhor o significado desta ideia, penso eu. Ela está recomendando a nós que não nos amarramos a ela como autoridade final, e nem a ninguém mais, mas sim que devemos contar com as nossas próprias percepções, que se ampliam.

Anotação posterior sobre o que foi escrito acima: eu estava certo. Consultei-a diretamente e recebi a sua aprovação com a cabeça e um sorriso. É muito importante ter o seu sorriso de aprovação!...

Ela mudou muito desde que a vi há dois anos. É maravilhoso como ela mantém o ânimo elevado apesar da sua doença terrível. Se alguém não soubesse e não acreditasse em nada, HPB convenceria a pessoa de que ela está de alguma forma ausente e além do corpo e do cérebro. Sinto, especialmente durante esses últimos encontros, desde que ela ficou fisicamente tão

desamparada, que estamos obtendo ensinamentos vindos de uma outra esfera, mais elevada. Nós parecemos, mais propriamente, sentir e SABER o que ela diz do que ouvir com nossos ouvidos físicos. X disse quase exatamente a mesma coisa na última noite.

*1 Cérberos: guardiões fiéis. Na mitologia, cérbero é um cão de guarda com três cabeças. (Nota Ed. Bras.)

*2 Algumas dessas *Atas* estão contidas no livro publicado pela Editora Teosófica, *Comentários sobre A Doutrina Secreta, Diálogos com H. P. Blavatsky*. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 15

Os Últimos Dias de HPB

George Mead escreveu sobre este período:

Quando transferimos a nossa sede atual, muitas coisas mudaram. Olhando para trás agora, é como se ela estivesse nos preparando para ficar sem ela a qualquer momento... Desde que foi para Brighton, no início do último ano, ela começou a sofrer muito em seu corpo físico, e não podia mais trabalhar como costumava. Mas nós vivíamos sempre uma grande expectativa de recuperação do seu estado normal de saúde. Em *Lansdowne Road* ela sempre ficava satisfeita quando recebia visitantes, e quase todas as noites havia visitas. Mas na *Avenue Road* ela gradualmente começou a isolar-se mais e mais, de tal modo que frequentemente não recebia à noite nem mesmo os residentes da casa, a não ser que os tivesse chamado. Então, novamente, ela ficava estranhamente quieta até mais tarde, raramente mostrando a grande energia que era sua característica particular. Ainda assim, a vontade indomável lá estava, embora o seu corpo estivesse arrasado, pois trabalhava em sua escrivaninha mesmo quando devia estar na cama ou morta em seu caixão.²²⁶

Numa carta a um amigo, datada de 25 de maio de 1891, a condessa Wachtmeister expressou sentimentos similares:

Temos passado por momentos terríveis e me parece impossível, até agora, compreender que HPB se foi. Todos nós tínhamos certeza de que ela viveria até o final do século; de modo que embora durante todo o inverno nós a víssemos enfraquecer continuamente e perder a sua resistência, não estávamos realmente alarmados. HPB fez muito pouco trabalho neste inverno e, como escrevi antes a você, [ela] gradualmente se separou de nós. Creio agora que ela sabia que o fim estava próximo, e fazia isso para que nos acostumássemos com a sua ausência, e também para nos observar e ver como ficaríamos sem ela; e agora temos que trabalhar sozinhos e fazer o melhor que pudermos.²²⁷

Durante os seus últimos meses de vida, HPB estava trabalhando ativamente no seu *Glossário Teosófico*. Ele não foi publicado até 1892, um ano de depois da sua morte. Ela também estava ocupada em reescrever algumas das suas histórias ocultas, que foram publicadas no mesmo ano sob o título *Nightmare Tales (Contos de Pesadelos*^{*1})²²⁸ embora fossem muito mais do que isso. Originalmente elas haviam aparecido em vários jornais, entre eles o *Sun*, o *Banner of Light*, e *The Theosophist*.²²⁹ Hoje elas estão reimpressas num livro chamado *The Tell-tale Picture Gallery*.²³⁰ Quatro das

oito histórias dizem respeito a eventos da própria vida de HPB ou foram, de alguma maneira, testemunhados por ela. Uma delas, talvez a mais importante e mais longa, é chamada *A Bewitched Life as Narrated by a Quill Pen* (*Uma Vida Enfeitiçada Como Foi Narrada por um Bico de Pena*). Ela data da época em que HPB estava visitando a Europa e hospedava-se na casa dos Gebhard, em Elberfeld, na véspera do escândalo Coulomb.

A carta anual de HPB para a Convenção dos Teósofos norte-americanos, realizada desta vez em Boston, estava datada do dia quinze de abril, três semanas antes da sua morte. A sua representante foi Annie Besant, que fez, nessa ocasião, a sua primeira visita aos Estados Unidos. Tendo em vista os eventos subseqüentes,²³¹ a carta parece profética:

Pela terceira vez desde o meu retorno à Europa em 1885, sou capaz de enviar aos meus irmãos e aos meus amigos cidadãos dos Estados Unidos, um representante da Inglaterra para comparecer a essa Convenção Teosófica anual e transmitir oralmente meus cumprimentos e calorosas saudações. Sofrendo continuamente no corpo físico como estou, a única consolação que me resta é ouvir notícias sobre o progresso da Causa Sagrada a que dediquei toda a minha força e saúde, mas à qual, agora que estas me abandonam, posso oferecer somente a minha devoção apaixonada e meu desejo mais forte do que nunca de que ela tenha êxito e progrida. As notícias que chegam da América, com um envio após o outro do correio, falando sobre novas lojas e planos bem pensados para o avanço da Teosofia, enchem-me de alegria e satisfação com suas evidências de crescimento, mais do que as palavras podem dizer...

Quero relembrar a vocês, mais uma vez, que este trabalho é necessário agora mais do que nunca. O período que agora atingimos no ciclo que se encerrará entre 1897-98 e continuará a ser de grande conflito e de esforços contínuos. Se a S.T. puder manter-se bem através dele, bom; se não se mantiver, enquanto a Teosofia permanecer desarticulada, a Sociedade perecerá — talvez vergonhosamente — e o mundo sofrerá... Não será desperdiçada oportunidade alguma de semear disputas, de tirar vantagem de enganos e movimentos falsos, de instilar a dúvida, de aumentar as dificuldades, murmurar suspeitas, de modo que por qualquer meio a unidade da Sociedade seja quebrada e os grupos dos nossos companheiros diminuam e sejam jogados na confusão. Nunca foi mais necessário que agora aos membros da S.T. considerar seriamente a velha parábola do feixe de gravetos; divididos, eles serão inevitavelmente partidos um a um; mas, se estiverem unidos, não haverá força na Terra capaz de destruir a nossa Fraternidade.

Tenho observado agora, com sofrimento, uma tendência existente entre vocês, assim como entre os teósofos na Europa e na Índia, de brigar por coisas sem importância, e permitir que a sua própria devoção à causa da Teosofia os leve à desunião. Acreditem em mim quando digo que além dessa tendência natural e devido às imperfeições inerentes da natureza humana, os nossos sempre atentos inimigos tiram frequentemente proveito das suas qualidades mais nobres para traí-los e tirá-los do rumo... A plena atenção nunca é mais necessária do que quando um desejo pessoal de liderar e uma vaidade ferida disfarçam-se com as penas de pavão de uma falsa devoção e de um trabalho altruísta; mas, na crise atual da Sociedade, uma falta de

autocontrole e de plena atenção pode ser fatal... Se todo membro da Sociedade aceitasse ser uma força impessoal para o bem, acima de louvores e críticas ao servir o propósito da Fraternidade, o progresso alcançado deixaria o mundo espantado e colocaria a Arca da S.T. fora de perigo...

A duração da minha vida não pode ser longa, e se algum de vocês tiver aprendido alguma coisa dos meus ensinamentos ou ganhar com o meu auxílio um relance da Verdadeira Luz, eu peço, em retribuição, que fortaleça a causa cujo triunfo fará com que aquela Verdadeira Luz — ainda mais brilhante e gloriosa devido aos nossos esforços individuais e coletivos — possa iluminar o mundo...

Que as bênçãos dos grandes Instrutores do passado e do presente possam estar com vocês. Quanto a mim, tenham coletivamente a certeza do meu verdadeiro e incondicional sentimento fraterno e um agradecimento de todo coração pelo trabalho feito por cada um dos trabalhadores,

Da servidora Deles até o fim,
H.P. BLAVATSKY

Foi no primeiro dia da convenção, vinte e seis de abril, à tarde, que a carta anterior foi lida pela sra. Annie Besant para aquela assembleia. Ela então continuou com outra carta vinda de HPB:

Irmãos teósofos,

Omiti de propósito qualquer menção a um dos meus mais antigos amigos e companheiros de trabalho, W.Q. Judge, no meu discurso geral para vocês — porque penso que os seus esforços incansáveis e seu auto-sacrifício para construir a Teosofia na América merecem uma menção especial.

Se não fosse por Judge, a Teosofia não seria o que é hoje nos Estados Unidos. Foi principalmente ele que erigiu o movimento entre vocês, e foi ele que provou de mil maneiras a sua inteira lealdade aos melhores interesses da Teosofia e da Sociedade.

A admiração mútua não deve ter lugar numa Convenção Teosófica, mas deve-se reconhecer o mérito de quem o possui, e eu aproveito alegremente esta oportunidade para declarar em público, por meio da minha amiga e colega, Annie Besant, o meu profundo reconhecimento pelo trabalho do seu secretário-geral e expressar a ele publicamente os meus mais sinceros agradecimentos e sentimentos de profunda gratidão, em nome da Teosofia, pelo nobre trabalho que ele está fazendo e já fez.²³²

Fraternalmente
H.P. BLAVATSKY

No sábado, dia vinte e cinco de abril, HPB foi atacada de gripe; uma epidemia da doença estava espalhando-se por Londres naquela ocasião. Várias vezes nas duas semanas seguintes ela disse ao dr. Mennell que estava morrendo, mas como ela havia enganado a morte tantas vezes, nem ele nem ninguém na casa acreditou nisso.

A “última mensagem” de HPB para a Sociedade foi dada para a sra. Cooper-Oakley duas noites antes de ela morrer. Às três horas da manhã ela olhou subitamente para cima e disse: “Isabel, Isabel, mantenha o elo sem partir; não deixe que a minha última encarnação seja um fracasso” (*The Path*, julho de 1894).

Com “última”, ela, aparentemente, não queria dizer a sua encarnação final, o que seria contrário a um dos ensinamentos básicos de *A Voz do Silêncio*, resumida no “*Voto de Kwan Yin*”, a Deusa Budista da Compaixão, que diz:

Nunca buscarei nem aceitarei uma salvação individual e particular; nunca entrarei sozinha na paz final; mas sempre e em todo lugar viverei e lutarei pela redenção de cada criatura em todo o mundo!²³³

No dia sete de maio, na noite anterior a sua morte, HPB experimentou um intenso sofrimento. Laura Cooper, a irmã de Isabel Cooper-Oakley, escreve:

Devido à sua crescente dificuldade em respirar, HPB não conseguia descansar em nenhuma posição; tentou-se em vão todo tipo de remédio, e finalmente ela permaneceu sentada na sua cadeira de braços, apoiada por vários travesseiros. A tosse quase cessara devido à sua extrema exaustão... Por volta das quatro horas da madrugada [do dia oito], HPB parecia mais aliviada. Seu pulso estava mais forte, e desde aquela hora até quando a deixei, às sete da manhã, tudo estava tranquilo e parecia bem. Minha irmã assumiu então o meu lugar, enquanto eu fui descansar por algumas horas deixando dito para que o dr. Mennell me desse a sua opinião sobre HPB quando chegasse. Isso ele fez logo depois das nove horas da manhã, e sua avaliação foi satisfatória; o estimulante estava fazendo um bom efeito e o pulso estava mais forte. Ele não via qualquer motivo para uma ansiedade imediata. Aconselhou-me a repousar durante algumas horas, e disse à minha irmã que ela podia ir cuidar dos seus afazeres. Por volta das 11h30 fui chamada pelo sr. Wright, que me disse que viesse imediatamente, pois HPB havia piorado muito, e a enfermeira achava que ela não poderia mais viver por muitas horas.

[Mas] subitamente houve uma outra mudança, e, quando tentei umedecer os seus lábios, os seus olhos queridos tornaram-se gradativamente sem vida, embora ela se mantivesse com plena consciência até o fim. Durante a vida, HPB tinha o hábito de mexer um dos pés quando estava pensando intensamente. Ela continuou com esse movimento até que cessou de respirar. Quando toda esperança tinha desaparecido, a enfermeira saiu do quarto deixando C.F. Wright, W.R. Old e eu com nossa amada HPB; os dois ajoelhados diante dela, segurando as suas mãos, e eu ao seu lado com um braço ao redor dela, sustentando a sua cabeça. Ficamos assim muitos minutos, e HPB morreu tão tranquilamente que dificilmente poderíamos saber o instante em que ela deixou de respirar; um grande sentimento de paz enchia todo quarto...²³⁴

Durante a semana anterior, coisas estranhas ocorreram na casa das tias de HPB, Nadya e Catarina, na Rússia. Nadya comunicou o fato a Vera. Uma cópia dessa carta foi enviada posteriormente a Olcott, que a publicou em *The Theosophist* (abril de 1893):

Recebi um aviso, mas no início não o entendi. Você conhecia o anel que ela me enviou da Índia? Um anel simples e grande com uma ágata; a pedra é oval, plana, de cor levemente amarelada, completamente transparente, com um minúsculo broto de musgo encravado no meio do cristal. Eu o uso há cerca de doze anos, e sua cor nunca mudou — era sempre clara como vidro. Mas há cerca de um mês [a data desta carta era 4 ou 16 de maio de 1891, dependendo do calendário usado] percebi que a pedra estava escurecendo, e tinha perdido todo o seu brilho, de modo que não se podia ver mais a pequena marca do musgo. E, por fim, tornou-se negra como carvão. Eu não podia entender de que modo uma pedra de quartzo como esta podia escurecer. Eu a lavei, limpei e poli, mas sem resultado. A pedra permaneceu negra até a morte de Helena, quando, gradualmente, ela clareou, e após alguns dias voltou a ter a sua transparência natural.

Na segunda-feira da semana da Páscoa, nós ouvimos bem no meio da mesa de refeições uma batida tão alta que assustou a todos. Helena ainda estava viva nessa ocasião, mas em todos os dias seguintes ouvimos, noite e dia, sons estranhos, como de vidro sendo quebrado e estalidos e golpes nos móveis. Quando recebi a carta da condessa Wachtmneister informando que as coisas pioravam, ela [Helena] não existia mais, mas não sabíamos da sua morte. Eu estava ocupada lendo a carta na sala de visitas de minha filha que, após ter ouvido a minha leitura, disse: “Tenho certeza que ela se recuperará.” No mesmo instante houve um estrondo, e nós saltamos assustadas. Corremos para ver o que tinha acontecido, pois o ruído, que tinha vindo de um canto da sala, era como se a parede tivesse caído em pedaços. Então pensamos que, talvez, a mesa de jantar com todos os copos e a porcelana tivesse se espatifado. Nada disso; tudo estava em ordem e intacto. Após ter recebido a sua carta e o seu telegrama, todos os ruídos cessaram.

O dr. Franz Hartmann relata um caso semelhante em que um homem havia morrido longe de casa. Foram ouvidos tantos ruídos pela família que todos os vizinhos acordaram. Hartmann comenta: “Isso poderá ter ocorrido devido às formas-pensamento intensas emitidas pelo homem que estava morrendo. Pois o corpo humano é um depósito de uma grande quantidade de energia que se libera no momento da morte e produz tais ruídos. Paracelso diz que isso é produzido pelo *Evestrum* ou corpo astral.”

Mas foram ouvidos, também, belos sons quando HPB morreu, como Vera soube por meio de Nadya: “Várias vezes durante a noite, e uma vez durante o dia... o órgão situado perto do seu grande retrato começou, subitamente, a tocar. Ele estava fechado e não tinha sido tocado por ninguém. Também sinos soaram sem nenhuma causa ou razão.”²³⁵

Dois dias após a morte de HPB, e antes que suas tias soubessem do fato, os parentes estavam

em sua grande sala de visitas, como era costume à noite, tentando ler mas pensando, na verdade, intensamente em sua distante e amada sobrinha. Subitamente a sra. de Witte [Catarina], olhando fixamente para o mesmo canto escuro e distante da sala [de onde tinham vindo os ruídos altos], sussurrou: “Eu a vejo! Lá está ela!” E ela descreveu a aparição como vestida de branco e com muitas flores brancas na cabeça, exatamente como ela foi colocada em seu caixão. Essa foi a sua despedida da Terra.²³⁶

O corpo de HPB foi cremado em Woking, na Inglaterra, no dia dez de maio. Entre os que compareceram estava William Stewart Ross, editor do *Agnostic Journal*, onde ela escrevia sob o pseudônimo de Sladim. Na edição de dezesseis de maio, William descreve o funeral. (O seu relato, resumido, é o seguinte:)

Vindos da envelhecida e cinzenta Londres, passamos por campos verdejantes e árvores frutíferas... e seguimos... até o crematório com os restos mortais de Helena Petrovna Blavatsky. Não levávamos um guerreiro à sua pira. Estávamos acompanhando até as chamas um oráculo, uma esfinge, ou uma profetisa; nada que o mundo produza normalmente em suas vilas e cidades.

Eu era mais um na procissão de tristes acompanhantes com suas cabeças descobertas, quando cheguei ao crematório. A multidão de teósofos ficou em volta de algo semelhante a uma caldeira com uma curiosidade ansiosa mas reverente, para cuja satisfação um dos auxiliares do crematório abriu um orifício circular com um palmo de diâmetro. Os presentes olharam um após o outro por essa abertura; a maioria, observei, dava uma olhada de relance e voltava o rosto com um tremor involuntário. Quando chegou a minha vez de olhar, percebi por que razão os que me antecederam haviam tremido. Se Virgílio, Milton ou Dante tivessem visto tal cena, eles jamais teriam escrito alguma coisa sobre o tema do inferno, considerando-o completamente impossível de descrever. Quando eu estava contemplando, chegou o carro funerário. O caixão foi trazido para dentro da capela e colocado sobre um estrado de carvalho, e todos nós permanecemos de pé com as cabeças descobertas. Então o sr. G.R.S. Mead, um jovem cavalheiro de feições refinadas, parou diante da cabeceira do caixão e leu um discurso comovente. A porta entre o crematório e a capela foi aberta e quatro empregados levaram embora o caixão através do vão. Quatro teósofos que haviam conhecido e amado a senhora Blavatsky e tinham, COMO eu, visto nela a mulher mais grandiosa e mais caluniada do mundo, seguiram os seus despojos através do amplo vão que levava ao crematório, e a grande porta foi fechada e aparafusada.

Sua morte cai dolorosamente sobre mim, que pertencia à sua fraternidade, mas não creio nas estóicas consolações do seu credo. Para os seus seguidores ela ainda está viva. A senhora Blavatsky que eu conheci não pode ser confundida, na mente de qualquer teósofo, com o mero instrumento físico que a serviu durante a sua breve encarnação. Mas não tenho domínio suficiente da doutrina dela para sentir-me consolado. Seus seguidores são gnósticos nas graves questões da teologia em que sou somente um agnóstico. Para mim, a senhora Blavatsky está morta, e mais uma sombra cai sobre a minha vida.

Qualquer pessoa perspicaz que entrasse em contato com HPB poderia facilmente compreender por que ela era tão querida e amada, e com a mesma facilidade conjecturar por que era tão odiada. Ela demonstrava abertamente os seus pensamentos. Infelizmente para alguém que tem a esperança de “progredir” neste mundo, ela não possuía nem um pouco de hipocrisia. Ela se negava a colocar os seus pés onde havia falsidade, do mesmo modo que uma águia não pode ser obrigada a caminhar durante léguas seguindo as pegadas de um burro.

Ela não chamava aqueles que a ofendiam e injuriavam com um epíteto mais duro do que “tolos”.^{*2} Ela se referia a acusadores como os Coulomb e o dr. Coues com expressões equivalentes a: “Pai, perdoa-os, porque eles não sabem o que fazem”, mesmo que os seus acusadores estivessem fazendo todo o possível para abrir em seu corpo e sua alma numerosas e horríveis feridas e derramar nelas sal e vinagre. Ela tinha aquela grandeza de alma que é patrimônio de poucos.²³⁷

^{*1} Livro publicado no Brasil pela Ed. Hemus S.P., sob o título *A Doutrina Mística — narrativas ocultistas*. (N. Ed. Bras.)

^{*2} Tolos: “*flapdoodles*” no original em inglês. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 16

Artigos Editoriais Sobre a Morte de HPB

Apresentamos, a seguir, três expressões de reconhecimento do trabalho de HPB vindas da Índia, da Inglaterra e dos Estados Unidos. A primeira, datada de 15 de maio de 1891, foi publicada no *Indian Mirror*, um dos principais jornais indianos:

Helena Petrovna Blavatsky não existe mais neste plano terreno... Ela não era desta ou daquela nação. A terra inteira era o seu lar, e todos os seres humanos, seus irmãos... toda sua vida foi simplesmente extraordinária. Não existe padrão humano capaz de julgá-la. Ela será sempre única...

Para nós é impossível compreender a enormidade desta perda. Nosso afeto pela senhora Blavatsky era tão pessoal, tínhamos tanta vontade de vê-la mais uma vez fisicamente na Índia... que, agora que este desejo foi cruelmente esmagado por sua morte, uma perplexidade invadiu todos os nossos sentidos, e estamos escrevendo como que automaticamente. Lembramos as características dessa querida senhora... os seus movimentos ligeiros, o rápido fluxo das palavras, aqueles olhos claros, flamejantes, que pareciam ver através de você, e num instante o viravam do avesso. Sim, nós vemos nela a bondade e a gentileza de uma mãe e a sabedoria de UM pai, derramando fé, esperança e consolação ao olhá-lo, quando você mencionava a ela as suas dúvidas e as suas ansiedades...

A Sociedade Teosófica foi fundada [para disseminar, entre outros objetivos], as verdades religiosas e filosóficas da Vedanta e do Budismo entre os países ocidentais. Mas essas verdades são conhecidas muito superficialmente mesmo em nosso país. A sra. Blavatsky foi, portanto, levada a trabalhar entre nós, e, durante vários anos, tornou-se a personificação do sacrifício pessoal pelo bem dos hindus que, entretanto, voltaram-se ingratamente contra ela, quando ela mais precisou do seu apoio. Mas agora eles foram corretamente punidos. A terra deles não se tornou sagrada, como a terra da Inglaterra, pela presença em seu território do seu túmulo ou monumento fúnebre.^{*1} E os teósofos ingleses foram, certamente, muito mais fiéis a ela do que nós na Índia. Deles são e serão as maiores recompensas. Mas por que não tentamos superar as críticas e a vergonha? Isso só pode ser feito erigindo um monumento à memória de Helena Petrovna Blavatsky, algo que mostre a força e a extensão do nosso arrependimento e do nosso reconhecimento pelo que ela fez pela Índia.²³⁸

Em Londres, W.T. Stead, editor de *The Review of Reviews*, escreveu na sua edição de fevereiro-julho de 1891:

Entre os muitos e variados instrutores espirituais a cujos pés me sentei no curso da minha eclética carreira de jornalista, a sra. Blavatsky esteve entre os mais originais. Há gente que,

contando uma piada sobre uma xícara de chá, imagina que compreendeu a Teosofia... O que a senhora Blavatsky fez é algo muito maior do que duplicar xícaras de chá. Ela tornou possível aos homens e mulheres mais cultos e céticos desta geração acreditar — e acreditar ardentemente, de forma que transforma seus testemunhos em provas contra a perseguição ridícula e arrogante — não apenas que o mundo invisível que nos envolve contém inteligências amplamente superiores ao nosso próprio conhecimento da verdade, mas que é possível para o homem entrar em comunhão com esses seres ocultos e silenciosos, e ser ensinado por eles a respeito dos mistérios divinos do tempo e da eternidade... Esta é a grande conquista, que *a priori* poderia ter sido ridicularizada como algo impossível. Todavia ela fez esse milagre.

A senhora Blavatsky, uma russa, ... despertou em destacados anglo-indianos uma crença apaixonada na sua missão teosófica, mesmo quando a febre do nacionalismo exacerbado estava mais alta, e, nos seus últimos anos de vida, conseguiu conquistar para a nova e velha religião^{*2} a sra. Annie Besant, que durante anos tinha militado na linha de frente do ateísmo. Uma mulher que pode realizar com êxito essas duas coisas é uma mulher de verdade...

A sra. Blavatsky [conseguiu], em meio a uma geração materialista e mecânica, levar uma multidão de pesquisadores e de economistas a pelo menos admitir a existência da ideia de que todas as coisas materiais são uma ilusão passageira e que somente o espiritual existe de fato. A sra. Blavatsky também reforçou, e quase recriou, em muitas mentes, o sentido de que esta vida é uma mera provação ou teste. A esse respeito o seu ensinamento estava muito mais de acordo com o do Novo Testamento do que muitos ensinamentos supostamente cristãos. Ela ampliou o horizonte mental e trouxe algo de um sentido infinito do mistério imenso e ilimitado que caracteriza algumas das religiões orientais até o próprio coração da Europa no século dezenove.

Num editorial posterior, Stead adicionou:

A reencarnação pode ser verdade ou não. Seja verdade ou não, até a década passada, ela tinha sido quase impensável pelo ocidental médio. Isto não é mais assim. Multidões que ainda rejeitam essa ideia, alegando que não há provas, aprenderam a reconhecer o seu valor como uma hipótese que explica muitos dos mistérios da vida humana... é indiscutível que o reconhecimento da possibilidade da reencarnação e a simpatia em relação a ela ampliaram os limites do pensamento popular... E esta é, indiscutivelmente, uma grande conquista, que será sempre associada ao nome da senhora Blavatsky.²³⁹

O seguinte editorial apareceu na edição do dia 10 de maio de 1891 no *New York Daily Tribune*:

Poucas mulheres em nosso tempo foram mais incompreendidas, caluniadas e difamadas do que a senhora Blavatsky, mas, apesar de a malícia e a ignorância terem sido usadas com toda força contra ela, há inúmeros indícios de que o trabalho da sua vida será reconhecido, perdurará e terá efeitos benéficos...

A vida da senhora Blavatsky foi notável, mas este não é o lugar para falar das suas vicissitudes. Basta dizer que durante quase vinte anos ela se dedicou à disseminação de doutrinas cujos princípios fundamentais são do mais elevado caráter ético. Por mais utópico que possa parecer a algumas mentes no século dezenove a tentativa de destruir as barreiras e preconceitos de raça, nacionalidade, casta e classe, e de inculcar aquele espírito de amor fraternal que o maior de todos os Instrutores difundiu no primeiro século, a nobreza do objetivo somente pode ser

rejeitada por aqueles que repudiam o Cristianismo. A senhora Blavatsky sustentava a ideia de que a regeneração tem que ser baseada no desenvolvimento do altruísmo. Neste aspecto ela esteve entre os maiores pensadores, não só do tempo atual, mas de todos os tempos... Só isto já é suficiente para que os ensinamentos dela mereçam um exame sério e imparcial por parte de todos que respeitam as influências cuja meta são a retidão e a integridade.

Por outro lado... ela fez um trabalho importante. Ninguém da geração atual — pode-se dizer — fez tanto como ela pela reabertura das riquezas do pensamento, da sabedoria e da filosofia orientais, ocultas há muito tempo. Ninguém, certamente, fez tanto quanto ela para explicar aquela profunda religião-sabedoria produzida pelo sempre meditativo Oriente, e para trazer à luz aquelas antigas obras literárias cujo escopo e profundidade deixaram atônito o mundo ocidental, que pensava que o Oriente só havia produzido coisas pueris e sem valor no domínio do pensamento especulativo.

O conhecimento que ela tinha da filosofia e do esoterismo orientais era vasto. Ninguém pode, honestamente, duvidar disso depois de ler suas duas principais obras. Na verdade, os passos indicados por ela conduziam frequentemente a lugares que uns poucos iniciados podiam atingir, mas o tom e a tendência de todas as suas obras eram saudáveis, encorajadores e estimulantes. A lição que ela transmitia constantemente era certamente aquilo de que o mundo mais necessita, a saber, a necessidade de subjugar o nosso eu e trabalhar para os outros. Sem dúvida tal doutrina é do desagrado dos que cultuam os seus próprios egos, e talvez tenha pouca chance de ter uma aceitação geral, e muito menos de uma aplicação generalizada. Mas o homem ou a mulher que renuncia deliberadamente a todos os seus objetivos e ambições pessoais para levar adiante tais crenças certamente merece respeito, mesmo daqueles que se sentem incapazes de responder ao desafio de uma vida superior.

O trabalho da senhora Blavatsky já produziu frutos e está destinado, aparentemente, a produzir efeitos ainda mais marcantes e salutareos no futuro. Observadores cuidadosos do longo tempo passado desde então perceberam que o rumo do pensamento atual foi afetado em muitos aspectos por esse trabalho. Uma humanidade mais aberta, uma investigação mais livre da verdade, uma disposição para estudar as filosofias antigas desde um ponto de vista elevado, têm relação direta com os ensinamentos mencionados acima. Assim, a senhora Blavatsky deixou sua marca no tempo. Assim, também, os seus trabalhos irão segui-la... e algum dia, talvez não imediatamente, a imponência e a pureza dos objetivos dela, a sabedoria e o escopo dos seus ensinamentos serão reconhecidos mais plenamente, e sua memória será lembrada com a honra que ela justamente merece.²⁴⁰

*1 Naquele ele tempo ainda não havia sido decidido o que fazer com as cinzas de HPB. Mais tarde, um terço delas foi dado a Adyar, um terço para a sede geral da S.T. na Europa, localizada em Londres, e as cinzas remanescentes foram para a sede da S.T. nos Estados Unidos, em Nova Iorque.

*2 Afirmar que a Sociedade Teosófica é uma religião foi um equívoco da publicação citada. Baseada no princípio da liberdade de pensamento, a S.T. promove o estudo comparado das diferentes religiões, filosofias e ciências. (N. Ed. Bras.)

CAPÍTULO 17

“Você Conheceu Pessoalmente a Senhora Blavatsky?”

O artista norte-americano Edmund Russell conheceu HPB em Londres no final da década de 1880.²⁴¹ Em *Lucifer* ela se refere a ele como “nosso amigo mútuo, o famoso Edmund Russell”. Yeats escreveu sobre Russell em uma carta a Katherine Tynan, em setembro de 1888: “Outro dia conheci [na casa da senhora Blavatsky] um homem muito interessante e singular — não quero dizer que ele seja em si mesmo interessante, mas suas opiniões o são... Ele é a pessoa mais interessante que encontrei na casa da senhora Blavatsky ultimamente...”²⁴² O que se segue agora é uma compilação dos vários estudos descritivos feitos por Russell sobre o caráter de HPB:

Eu li muitos artigos sobre Helena Petrovna (Hahn) Blavatsky, e a julgar por eles nunca pensaria que os seus autores a viram alguma vez. Eles escrevem com tão pouco respeito em relação às suas qualidades pessoais como o caçador africano em relação à caça que ele trucidava, enlouquecido em seu esforço para capturar o animal. Tudo parecia válido no esforço para demonstrar que ela era uma impostora — o que, certamente, ela não era, ou uma divindade, algo que ela enfaticamente recusava. Ela era, na verdade, uma grande “caça”.

Foi durante os últimos anos da sua vida, em *Lansdowne Road, Holland Park*, que eu tive a oportunidade de observá-la em cada circunstância. Nunca fui um dos seus companheiros de trabalho direto, mas era um membro do seu Círculo Esotérico. Sendo um estranho, um artista, o mais jovem dos seus seguidores, suponho que eu a distraía, pois ela falava muito francamente comigo. Ela havia, há muito tempo, se afastado totalmente do convívio social convencional. As pessoas que quisessem vê-la precisavam ir até ela. Uma mulher que recuou quando estava na soleira de sua porta dizendo: — “Tenho medo de entrar”, ou “tenho um tremor quando penso em conhecê-la” — em seguida ficou aos seus pés.

Ela dominava pelo amor, não pelo medo.

O fluxo de seus hóspedes — grande como o rio Ganges — era um verdadeiro congresso etnológico, com funcionários do governo italiano e russo, bengalis, brâmanes, patriarcas da Igreja Grega, e místicos de todos os países. Todos sentiam a sua perspicácia e o seu poder. E cada um se rendia diante do encanto da sua universalidade. Ela elevava as pessoas de modo que elas expressassem o que tinham de melhor em si — imediatamente. Isso dava aos homens força suficiente para sentir que haviam encontrado alguém que podia olhar diretamente seus verdadeiros seres, sem estar influenciada pela pequenez que outros exageram tanto. Naturalmente, os que se agarravam a credos e à letra morta, amedrontados diante das

interpretações simbólicas, sentiam-se desconfortáveis diante da lógica e do profundo conhecimento dela, e fugiam chamando-a de “uma mulher terrível”. Algumas vezes as esposas deles confessavam: “Nós não a aprovamos, mas gostamos dela mesmo assim.”

Eu lembro bem da sua irmã, a senhora Zhelihovsky, que costumava visitá-la por longos períodos. *Très grande dame*,^{*1} mulher de cabelos grisalhos com uma postura aristocrática e uma dignidade muito conhecida na mais alta sociedade russa. Também a sra. Blavatsky podia ter um comportamento extremamente elegante quando queria, mas raramente se preocupava com isso. Ela possuía a simplicidade daqueles que, sabendo que são majestosos, agem com toda naturalidade.

Quando desejava atrair alguém para uma discussão, ela dava a entender que não conhecia muito bem a língua inglesa, mas a demonstração do seu comando e do seu conhecimento da língua aumentavam à medida que se envolvia na discussão. Era divertido observá-la conversando com um jornalista — astuto, calculador, procurando examinar tudo — que tivesse vindo para apanhá-la numa armadilha. Nessas ocasiões ela adotava aquela expressão estúpida que Loie Fuller^{*2} usa tão eficientemente, como se fosse uma tola, e dando a ele toda a corda, ela, então, retornava às suas trincheiras. Depois, gradualmente, passava a lançar as suas bombas até que, finalmente, liquidava o jornalista. Em seguida, com um sorriso amável, ela segurava as mãos dele:

“Você é um sujeito esplêndido — venha mais vezes — venha sempre!”

Eu a vi, em plena discussão, bater subitamente na sua testa com o punho fechado dizendo: “Que idiota eu sou! Meu caro amigo, perdoe-me, você está certo e eu, errada.” Quantos fariam isso?

Quando uma revista afirmou que jamais havia existido algo parecido com Teosofia, e que a grande doutrina secreta havia sido inventada por ela, a Senhora replicou: “Se eu pensasse deste modo, tiraria o chapéu para mim mesma. Pois eu sou apenas uma escriba e querem me transformar na autora! Isso seria mais do que eu reivindico!” Completamente indiferente aos mexericos, ela nunca se dava ao trabalho de desmenti-los. Certa vez ela me disse: “Já fizeram chover tanta lama em cima de mim que eu nem tento abrir um guarda-chuva.”

O seu ideal era o *samadhi* ou a consciência divina. Ela era como uma barra de ferro aquecida até ficar vermelha e que se transforma no fogo, esquecendo dessa forma a sua própria natureza original. A maior parte das pessoas preocupa-se o tempo todo com suas necessidades e prazeres inferiores. Ela parecia não ter necessidades nem prazeres pessoais. Muitas vezes ela ficava meio ano sem sair de casa, nem para um passeio pelo seu jardim. A influência deste exemplo era o segredo do surpreendente crescimento e da expansão da Sociedade Teosófica. Ela vivia mergulhada na grande verdade, mas era chamada mentirosa; vivia com grande generosidade e era chamada de trapaceira; detestava todo fingimento, mas foi coroada como Rainha dos Trapaceiros.

Ela conhecia bem a Bíblia, embora para ela aquele fosse apenas um dos livros sagrados, porque todos eram sagrados para ela, e através da Teosofia — a sabedoria de Deus ou a boa sabedoria^{*3} — ela nos ensinava que devíamos deixar de lado as diferenças entre as religiões. Sendo uma profunda estudiosa das analogias universais, algumas das suas interpretações eram eletrizantes. As últimas palavras de Cristo: “*Eli! Eli! Lama Sabachthani*” [Deus! Deus! Por que me abandonaste?], que são um lamento na opinião de muitos e que alguns, entre eles George Moore, interpretam como uma renúncia à missão dele, eram vistos por ela como cheias de alegria: “Meu Deus! Meu Deus! Como me glorificaste!”

Ela foi o último dos grandes. Somente os templos-cavernas da Índia podem descrevê-la. Ela foi como Elephanta ou Ajanta, ^{*4} com suas pinturas herdadas de tempos de dourada glória.

Conheci muitos que tinham uma estatura próxima à dos deuses — Salvini, Gladstone, Robert Browning, William Morris, Rodin, Sarah Bernhardt — mas nenhum deles tinha aquela força propulsora feita de poder cósmico, embora todos tivessem o mesmo encanto infantil quando afastados dos seus trabalhos habituais. Os grandes sempre permanecem crianças e, ocasionalmente, saem da sua prisão.

Ela foi, certamente, uma grande personalidade, a maior que já encontrei. Mesmo os seus inimigos — e ela possuía muitos — reconheciam isso. Aqueles que seguiam rígidas regras convencionais não podiam entender a inexistência de uma pose nela. A sua mudança instantânea da postura de uma criança risonha para a de uma velha séria era para eles algo indecente. Porque eles nunca deixavam cair as suas máscaras.

Ela parecia um homem, uma mulher, um leão, uma águia, uma tartaruga, um sapo, parecia cósmica, parecia todas as coisas. Externamente ela sugeria a *monstruosidade* daquelas formas estranhas que Blake desenhava; e cujas roupas, cabelos, gestos, parecem ser parte das rochas e das árvores que as rodeiam; aquele que caminha rodeado pelo Zodíaco e que conversa com os deuses. Seu rosto cossaco mostrava, às vezes, quando em repouso, sua tristeza de ser grande e estar viva, mas normalmente refletia a alegria disto. Nada podia amargurá-la. Ela não era trágica no sentido grego. A graça salvadora de Shakespeare ressurgia como um cordão de ouro através da mais profunda tristeza dela.

Na América houve a coincidência de que a famosa senhora Mary A. Livermore ^{*5} e eu estivéssemos dando palestras na mesma cidade. Foi oferecido um jantar em nossa honra para o qual foram convidados muitos dos clérigos da cidade. Naturalmente, a sra. Livermore entrou de braço com o anfitrião. Eu com a anfitriã. A mesa era muito longa. Nós estávamos muito distantes. Os clérigos pertenciam a diversas denominações religiosas. Era algo terrivelmente aborrecido, cansativo e tedioso. A única maneira de fazer um grande jantar ser um sucesso é fazer com que a conversação atinja a mesa toda. Deixei que as coisas corressem até a metade do jantar e perguntei:

“Sra. Livermore! Você conheceu pessoalmente a senhora Blavatsky?”

O efeito foi mágico. Todos acordaram. A partir daquele momento, todos foram brilhantes ao atacá-la ou defendê-la, e eu fiquei surpreso ao ver como os líderes da igreja haviam estudado o pensamento dela. Como estavam familiarizados com a sua obra. Embora eles desaprovassem o conjunto das doutrinas [de HPBJ, a sua luz havia penetrado nos próprios santuários deles, e o texto dela intitulado *Carta Para o Arcebispo de Canterbury* [publicado na revista *Lucifer*] tivera um efeito certo.

De vez em quando eu ouço falar sobre alguém que “não gostava”, ou tinha inveja ou ciúmes dela. Assim como há gente que não gosta das esculturas em mármore de Elgin ^{*6} ou tem ciúmes da Esfinge. No entanto, ela tinha um espírito tão doce e radiante como William Blake que, quando já era muito velho, depois de infindáveis sofrimentos e sem nunca ter recebido reconhecimento pelo seu trabalho, disse a uma menininha: “Minha querida, eu só posso esperar que a sua vida seja tão bela e tão feliz como foi a minha.”

*1 “Uma grande dama”, em francês. (Nota Ed. Bras.)

*2 Loie Fuller (1862-1928) foi uma dançarina norte-americana famosa.

*3 Em inglês: *God-wisdom or good-wisdom*. A palavra *good* — bom, boa — vem da palavra *God*, Deus. (Nota Ed. Bras.)

*4 Dois locais na Índia antiga, famosos por suas cavernas com pinturas budistas nas paredes (Ajanta) e cavernas-templos com esculturas arquitetônicas hinduístas. (Elephanta). (Nota Ed. Bras.)

*5 Mary Ashton Livermore (1820-1905), uma feminista e reformista norte-americana, fundou e editou *The Agitator* (*O Agitador*) e, mais tarde, *The Woman's Journal* (*O Jornal da Mulher*).

*6 Os “mármore de Elgin” são esculturas gregas do século 5 a.C., originalmente situadas no Partenon, em Atenas, mas hoje pertencentes ao Museu de Londres. (Nota Ed. Bras.)

PARTE 7

Os Cem Anos Posteriores

CAPÍTULO 1

O Objetivo da Pesquisa

Na época da morte de Blavatsky, seu colega William Q. Judge recordou:

Em Londres, certa vez, perguntei a ela que chances havia de atrair a população para a Sociedade Teosófica, tendo em vista a enorme desproporção entre o número de membros e os milhões de pessoas na Europa e na América que não sabiam e não queriam saber nada sobre ela. Recostada para trás em sua cadeira, onde estava sentada diante de sua escrivaninha, ela disse: “Se lembramos e avaliamos aqueles dias de 1875 e os anos posteriores, quando não podíamos encontrar pessoas interessadas nas nossas ideias e vemos agora a ampla influência das ideias teosóficas — com ou sem este rótulo — a avaliação não é assim tão má. Nós não estamos trabalhando apenas para que as pessoas se chamem teósofas, mas para que as doutrinas que nós amamos possam influenciar e servir de fermento para toda a mente deste século.”¹

Algumas dessas influências já foram discutidas. Os capítulos a seguir examinarão os cem anos posteriores à morte de HPB, procurando evidências nas áreas da ciência, da religião, nas artes, na psicologia, e em outros campos do interesse humano.

Esses capítulos também incluirão evidências de que, em *A Doutrina Secreta*, HPB antecipou futuras descobertas feitas pela ciência. Ela, no entanto, não proclamava que era a primeira a fazer isso, pois se considerava simplesmente uma transmissora da sabedoria conhecida pelos antigos, e que ela havia aprendido dos seus instrutores. Nem proclamava estar sempre correta na sua transmissão, pois nem ela nem seus instrutores jamais pretenderam ser infalíveis.

Naturalmente, poderíamos supor que, durante esses cem anos, a influência de HPB no século vinte tenha-se manifestado com maior eficácia entre os teósofos das várias associações teosóficas.*¹ Entretanto, essa é uma história longa demais para tentar narrá-la aqui.

A carta que se segue mostra que a influência de HPB chegou a lugares bastante inesperados. Ela foi escrita pelo reverendo Eric Bloy, bispo da Diocese Episcopal de Los Angeles, hoje aposentado. A carta, com data de

18 de novembro de 1971, tem o papel timbrado da diocese e é endereçada a Boris de Zirkoff:

Foi muito atencioso da sua parte mandar-me uma cópia de *HPB e A Doutrina Secreta*. Estou gostando de ler o texto. Muitos anos atrás *A Doutrina Secreta* abriu para mim muitos horizontes novos, como creio ter-lhe contado, e serei eternamente grato por isso. Os conceitos expressos em *A Doutrina Secreta*, mesmo quando são captados só parcialmente, livram-nos de qualquer um dos desesperos que o atual mal-estar do mundo pode causar tão facilmente. “O melhor ainda está por vir”, diz Browning, e nós, que temos o privilégio de servir a humanidade sob a direção dos grandes Instrutores, sabemos que isto é verdade. O dia de *Brahma* ainda não brilhou em toda sua glória.

Outro caso é o do rabino Joshua Lieberman, famoso nas décadas de 1940 e 1950 pelo seu programa de conversas no rádio em muitas redes norte-americanas. Em certa ocasião, ele mencionou vários livros que o haviam inspirado no trabalho da sua vida, um dos quais era *The Friendly Philosopher (O Filósofo Cordial)*, de Robert Crosbie. A audiência de Lieberman ficaria surpresa ao saber que aquela obra tem como subtítulo *Cartas e Palestras Sobre Teosofia e a Vida Teosófica*. Crosbie foi fundador, em 1909, da *United Lodge of Theosophists (Loja Unida de Teósofos)*.

Certa vez, ao falar do trabalho público de Blavatsky, de 1875 até sua morte, Crosbie chamou a atenção para o fato de que nesse período três ciclos importantes fizeram uma interseção.

O primeiro período de cinco mil anos do *Kali Yuga*, que começou com a morte de Krishna, o Instrutor da *Bhagavad-Gitā*, completou-se nessa época. O ciclo de cem anos, em cujos vinte e cinco anos finais a Grande Loja [dos Mestres] fez um esforço, através de Instrutores ou de seus discípulos, para colocar ideias melhores diante da humanidade, também estava em andamento. O sol durante esse período passou de Peixes para Aquário, e isso também foi um sinal.²

Acontecimentos notáveis estavam ocorrendo naquele momento no campo da religião e da ciência — todos conectados, aparentemente, com a influência de HPB e dos seus instrutores.

*1 Os nomes e endereços das três principais associações que possuem seções, ramificações ou lojas em várias partes do mundo são: *The Theosophical Society*, Adyar, Chennai (Madras) 600 020, Índia;

Theosophical Society, Pasadena, P.O. Box C, Pasadena, Califórnia, 91109, Estados Unidos; e a *United Lodge of Theosophists*, 245 West 33rd, Los Angeles, Califórnia, 90007, Estados Unidos.

CAPÍTULO 2

O Parlamento Mundial das Religiões

Em setembro de 1893 houve um acontecimento sem precedentes — o Parlamento Mundial das Religiões — que fez parte da Exposição de Colombo, em Chicago, realizada para celebrar a passagem dos quatrocentos anos da descoberta da América. Rick Fields, um destacado escritor budista, registra:

Para abrigar a exposição como um todo, foi construída uma cidade inteira às margens do Lago Michigan. Os fulgurantes palácios da “cidade branca” lembravam os grandes impérios do passado — Grécia, Roma, Egito e a Itália da Renascença... A reação a mais de dez mil cartas que os organizadores enviaram para todo o mundo [convidando a que comparecessem] ultrapassou até as expectativas mais otimistas.

Na abertura do Congresso Mundial das Religiões, o seu presidente, o dr. John Henry Barrows, observou: “A Religião, como a luz branca que vem do céu, foi quebrada em muitos fragmentos coloridos pelos prismas dos homens. Um dos objetivos do Parlamento das Religiões é transformar novamente a radiância multicolorida na luz branca da verdade celestial.”³

As numerosas seitas cristãs nunca haviam-se reunido antes, e a maior parte das principais fés orientais nunca tinha sido convidada pelo Ocidente. HPB, que tanto lutou para realizar tal reconciliação, teria ficado feliz de ver o encontro.

Como seria de se supor, alguns grupos cristãos recusaram-se a comparecer. O chefe da Igreja Anglicana na Inglaterra, o Arcebispo de Canterbury, escreveu: “A religião cristã é a única religião”, acrescentando que não via “como essa religião pode ser vista como membro de um Parlamento de Religiões sem ter que assumir uma igualdade com outros membros e aceitar uma paridade das suas posições e direitos”.⁴

Sentados à mesa, na sessão de abertura que deu as boas-vindas aos presentes, estavam líderes protestantes, um cardeal católico de Nova Iorque, rabinos judeus e homens santos e eruditos vindos do Oriente. O professor Carl Jackson, em *Oriental Religions and American Thought (Religiões Orientais e Pensamento Americano)*, anotou:

Muitos representantes asiáticos eram teósofos, incluindo Kinza Hirai e Dharmapala, os principais expositores do Budismo no Congresso. O discurso [de Hirai] ao Parlamento sobre uma “Religião Sintética”, em que era descrita a fusão de todas as religiões, sugere uma clara influência teosófica. Dharmapala... tinha laços ainda mais estreitos com os teósofos; ele havia trabalhado lealmente como assistente de Olcott e como seu secretário pessoal durante o trabalho em Sri Lanka.*¹

Inicialmente, cabe lembrar, Dharmapala esteve sob orientação pessoal e direta de HPB, e foi ela quem recomendou a ele que se tornasse um erudito em páli e um missionário budista.

Jackson continua:

O delegado mais polêmico do Parlamento, Alexander Russell Webb — ou “Mohammed” Webb, como ele gostava de ser chamado — também tinha sido um teósofo... Olcott, que havia conhecido Webb em 1892, pouco depois de ele ter renunciado a sua posição de cônsul em Manila, declara que Webb tinha sido um “defensor esforçado do Budismo” até “uns poucos meses da sua conversão ao Islamismo”. Perguntado sobre a sua mudança de fé, Webb disse a Olcott que “embora tivesse se tornado um muçulmano, não tinha deixado de ser um ardente teósofo”, e que “o Islamismo” estava “claramente de acordo” com a Teosofia. A firme defesa do Islamismo no Parlamento, feita por Webb, causou sensação. Finalmente, há o professor G. N. Chakravarti [também um teósofo] que junto com Vivekananda apresentou o Hinduísmo ao Parlamento.⁵

Dharmapala e Chakravarti também eram representantes da Sociedade Teosófica. Entre os outros estavam W.Q. Judge e J.D. Buck, dos Estados Unidos, e Annie Besant e Isabel Cooper-Oakley, da Inglaterra.

Em determinado momento, parecia que a Sociedade Teosófica teria negado sua representação [segundo relatório do Congresso Teosófico]. A questão foi, inicialmente, encaminhada ao Comitê Psíquico, mas Elliott Coues era o seu presidente e, naturalmente, uma decisão adversa era inevitável. Então a solicitação da S.T. foi encaminhada ao Comitê da Moral e da Reforma Social, cuja dirigente era a irmã de Coues! E durante seis meses a S.T. ficou sem representação.

Em abril de 1893, George Wright, o representante da S.T. em Chicago, foi chamado ao escritório do presidente do Parlamento. Wright relata: “Ele me surpreendeu totalmente ao informar que o Comitê das Religiões tinha decidido unanimemente conceder à S.T. um congresso próprio, separado, que teria lugar durante o grande Parlamento das Religiões, e que eu havia sido indicado como presidente do Comitê de Organização.”⁶

William Q. Judge, como vice-presidente internacional da S.T. e principal organizador do Congresso Teosófico, foi escolhido como presidente [segundo o relatório do Congresso Teosófico]. Ficou acertado que dois dias, quinze e dezesseis de setembro, seriam destinados às reuniões. Mas tantas pessoas do público acotovelavam-se no congresso que os dirigentes do Parlamento concordaram com duas reuniões de fim de semana antes do próprio Parlamento geral, e uma delas na primeira noite, às vinte horas. Embora quatro mil pessoas tenham podido sentar-se na reunião de encerramento, centenas ficaram de pé nas passagens e encostadas nas paredes. Duas das conferências de Annie Besant abordaram o *karma* e o renascimento em relação aos problemas sociais, e vários outros oradores deram destaque a essas ideias. Judge fez diante do Parlamento principal uma longa apresentação sobre “a essência perdida do Cristianismo”. Na noite seguinte, ele discutiu a reencarnação do ponto de vista da lei universal dos ciclos. A sua palestra, no entanto, foi interrompida abruptamente por um dos dirigentes do Parlamento — um ministro presbiteriano — que explicou para a multidão que, como não havia ninguém no encontro dos presbiterianos, acreditava que muitos membros tinham vindo àquele salão por engano, devido a uma confusão nos avisos e que, portanto, por favor, eles deviam sair imediatamente. Entretanto, nenhuma pessoa se moveu naquela vasta audiência!⁷ No encerramento dessa reunião histórica, o dr. Barrows anunciou:

O Parlamento mostrou que o Cristianismo ainda é o grande ativador da humanidade... e que não há qualquer instrutor que possa comparar-se ao Cristo, e nenhum Salvador exceto o Cristo... duvido que qualquer um dos orientais aqui presentes interprete mal a cortesia com que foi recebido, vendo nisto uma disposição por parte do povo norte-americano de aceitar as religiões orientais no lugar da sua própria.⁸

O historiador Carl Jackson descobriu, entretanto que as impressões de outros participantes foram bastante diferentes:

Observadores das sessões notaram constantemente a impressão positiva causada pelos conferencistas asiáticos. Afirmando que o Parlamento tinha se tornado um “fato” cujos “princípios e lições” não poderiam “jamais ser eliminados” da consciência cristã norte-americana, Florence Winslow atribuiu muito do impacto às “fortes personalidades” dos homens que haviam representado o Hinduísmo, o Budismo, o Confucionismo e o Shintoísmo nesse Congresso. “A seriedade, o ardor, a devoção e a espiritualidade deles” não permitiam qualquer ideia de que as religiões orientais iriam “cair ou dissipar-se na neblina” diante de um Cristianismo triunfante. Ela considerou Dharmapala o “mais gentil dos homens, quase um

cristão na sua reverência ao Cristo” e Vivekananda “um dos homens de educação mais vasta e completa” daquele tempo e um “orador magnífico”. Lucy Monroe, que fez a cobertura jornalística para *The Critic*, também foi profundamente tocada por Vivekananda, a quem ela proclamou como “a figura mais impressionante do Parlamento”. Ela sugeriu que “o resultado mais tangível do Parlamento” talvez fosse o “sentimento que se originou em relação às missões estrangeiras”. O erro de enviar estudantes de teologia com formação incompleta para instruir estes sábios e eruditos orientais nunca ficou mais claro diante de uma audiência de língua inglesa do que nesta ocasião.⁹

Isso parece algo muito diferente da visão prevalecente no Ocidente dezoito anos antes, quando HPB começou seu trabalho público para desfazer a noção de que os asiáticos eram selvagens ignorantes e suas religiões apenas um amontoado de crenças supersticiosas. Mas os seus esforços não foram os primeiros nessa direção. Os transcendentalistas norte-americanos Emerson, Thoreau e Whitman falavam abertamente da sua admiração pelo Oriente. Entre outros houve também sir Edwin Arnold, famoso por seu poema *A Luz da Ásia*^{*2} sobre a vida de Buda e as suas traduções da *Bhagavad-Gitā*, com o título de *A Canção Celestial* — a tradução favorita de Gandhi para o inglês desse clássico hindu. Em 1888, a rainha Vitória, em reconhecimento pela obra de Arnold, fez dele um Cavaleiro Comandante do Império Indiano. Quando Tennyson morreu em 1892, Arnold era o preferido dela para ser o poeta laureado da Inglaterra. O primeiro-ministro Gladstone, no entanto, quis um fundamentalista.

Certa vez, quando entrevistado, perguntaram a *sir* Edwin se ele havia conhecido HPB pessoalmente. Ele respondeu:

Eu conheci bastante bem a sra. Blavatsky, conheço o cel. Olcott e A.P. Sinnett, e não tenho dúvidas de que o movimento teosófico tem produzido um excelente efeito sobre a humanidade. Esse movimento fez com que um grande número de pessoas compreendesse algo que a Índia sempre compreendeu: a importância das coisas invisíveis. O verdadeiro Universo é aquele que não vemos, e os camponeses indianos mais simples sabem desde pequenos que isto é verdade. Os teósofos registraram na mente da geração atual a necessidade de aceitarmos a existência do invisível. Os sentidos são muito limitados, e todos nós temos que saber que além desses sentidos há um campo ilimitado de desenvolvimento.¹⁰

O reverendo E.C. Paget escreveu, no capítulo *Uma Noite com sir Edwin*, em seu livro intitulado *A Year Under the Shadow of St. Paul's* (*Um Ano Sob a Sombra de São Paulo*), que: “Quando foi mencionado o nome da sra. Blavatsky, *sir* Edwin falou do seu relacionamento com ela e dos dons mentais extraordinários que ela possuía. Para exemplificar, ele disse que, uma vez, de modo totalmente casual, perguntou a ela uma data referente a

um famoso erudito da língua sânscrita, e ela respondeu imediatamente com perfeita exatidão.”¹¹

Por sua vez, a admiração de HPB por Arnold é evidente, pois em seu testamento ela pediu que seus amigos se reunissem a cada ano no aniversário da sua morte e lessem *A Luz da Ásia*, de Arnold, e trechos da *Bhagavad-Gitā*, sem especificar a edição. O Dia do Lótus Branco é celebrado agora pelos teósofos em todo o mundo. Esse dia foi chamado assim pelo cel. Olcott porque em Adyar, na Índia, no primeiro aniversário da morte de HPB, os lótus cresceram em uma quantidade fora do comum.

*1 Sri Lanka: antigo Ceilão. (Nota Ed. Bras.)

*2 *A Luz da Ásia*, Edwin Arnold, Brasília: Editora Teosófica, 2018. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 3

A Ciência e A Doutrina Secreta

Em 1988, por ocasião dos cem anos da publicação de *A Doutrina Secreta*, foram realizados vários simpósios nos Estados Unidos, Europa e Índia. Em uma palestra na cidade de Culver, na Califórnia, o destacado teósofo norte-americano Jerry Hejka-Ekins observou:

É muito pouco provável que algum crítico literário, examinando *A Doutrina Secreta* em 1888, pensasse que esta obra pudesse ter mais do que algumas poucas edições. É uma obra de tamanho considerável, com cerca de 1.500 páginas, cheia de termos filosóficos e religiosos do Extremo Oriente que contrastavam com a ciência do século dezenove e com as teorias agora descartadas. Mas, de qualquer modo, cem anos depois, *A Doutrina Secreta* continua sendo impressa e ainda está sendo estudada...

O que há em *A Doutrina Secreta* que a faz perdurar e continuar influenciando o pensamento atual quando outras obras foram esquecidas há muito tempo? Talvez este livro pertença realmente ao século vinte e tenha sido escrito 100 anos antes do seu tempo... Se a autora não fosse capaz de antecipar as descobertas futuras, o livro teria se tornado obsoleto em pouco tempo diante do avanço da ciência. No entanto, HPB fez a predição de que “só no século vinte, partes desta obra, se não a integridade, seriam aceitas”.^{*112}

Profecias são raras em *A Doutrina Secreta*. A que se segue é particularmente fascinante pois foram dadas as datas específicas em que ela se realizaria.^{*2}

O total exato, a profundidade, a amplitude e a extensão dos mistérios da natureza só podem ser encontrados na ciência esotérica oriental. Eles são tão vastos e profundos que apenas um número muito restrito entre os mais altos Iniciados — aqueles cuja própria existência só é conhecida de uns poucos Adeptos — são capazes de compreender tais conhecimentos. Tudo, porém, está ali; e os fatos e processos do laboratório da natureza podem, um por um, abrir caminho na ciência exata, quando uma assistência misteriosa é proporcionada a uns poucos indivíduos em seus esforços para desvendar os seus arcanos. É no fim dos grandes ciclos relacionados com o desenvolvimento das raças que geralmente se produzem esses acontecimentos. Estamos chegando precisamente ao final do ciclo de 5000 anos do presente *Kali Yuga* ariano; e entre este momento [1888] e o ano de 1897 será feita uma enorme ruptura no véu da natureza, e a ciência materialista receberá um golpe mortal.¹³

Há duas partes na profecia. A primeira levanta a questão sobre se alguma descoberta científica notável seria permitida no período mencionado de nove anos. David Deitz, em seu trabalho *The New Outline of Science (Uma Nova Visão da Ciência)*, nos dá uma visão geral bastante útil:

A história da civilização mostra poucos contrastes maiores do que a diferença entre os pontos de vista dos físicos do século dezenove e do século vinte. Quando o século dezenove estava terminando, os físicos sentiam que haviam completado as suas tarefas. Um eminente cientista daquele tempo, ao fazer uma conferência em 1893, disse que era muito provável que as grandes descobertas no campo da Física já tivessem sido feitas. Ele esboçou a história e o desenvolvimento da ciência, resumindo ao final as teorias bem estruturadas do século dezenove — segundo ele afirmava — totalmente suficientes. O físico do futuro, disse ele tristemente, nada terá a fazer senão repetir e refinar as experiências do passado, acrescentando mais uma ou duas decimais a algum peso atômico ou constante da natureza.^{*3}

Mas, dois anos mais tarde, no dia 28 de dezembro de 1895, Wilhelm Conrad Roentgen apresentava ao secretário da Sociedade de Física Médica de Würzburg o seu primeiro relatório escrito sobre a sua descoberta [acidental] dos raios-x. No primeiro dia de 1896, ele enviou pelo correio cópias do texto impresso para amigos cientistas em Berlim e outros lugares. Enviava com o texto algumas cópias das primeiras fotografias feitas por ele com os raios-x... das quais a mais espetacular mostrava os ossos de uma mão humana. Ali estava exatamente o que o orador de 1893 havia dito que não poderia ocorrer: havia sido feita uma nova descoberta... Roentgen havia encontrado alguns raios misteriosos que penetravam em objetos opacos tão facilmente como a luz do sol atravessa os vidros de uma janela. No século dezenove não havia físicos que pudessem explicar esse fenômeno surpreendente... Não só os físicos mas as pessoas por toda parte ficaram excitadas com a novidade. Roentgen ficou famoso da noite para o dia. [Ele recebeu, em 1901, o Prêmio Nobel da Física.]

A segunda grande descoberta no reino da física atômica foi a da radioatividade, realizada por Antoine Henri Becquerel em Paris, [em 1896] poucas semanas depois do anúncio de Roentgen. O pai de Becquerel, também físico, tinha investigado a fluorescência, o fato de que muitas substâncias submetidas à luz do sol reluziam mais tarde no escuro. Becquerel recordava o trabalho de seu pai e perguntou-se se havia alguma semelhança entre a fluorescência e os raios-x. Em função disso, ele envolveu uma chapa fotográfica em papel preto e colocou sobre ela um cristal de sal de urânio que o seu pai havia usado. Ele expôs este conjunto aos raios do sol. Ao revelar a chapa fotográfica, constatou que ela estava manchada ou escurecida como se alguma luz tivesse penetrado nela através do papel negro. Ele supôs que a ação da luz do sol tinha feito com que o urânio emitisse raios-x.¹⁴

Durante os preparativos para experiências posteriores, Becquerel descobriu acidentalmente não os raios-x que ele buscava, mas a radioatividade. Sobre o assunto, o eminente físico moderno Robert Millikan observa:

A radioatividade era revolucionária para o pensamento humano, pois significava que alguns dos “átomos eternos”, isto é, os de urânio e tório, são instáveis e lançam fora espontaneamente

com grande energia pedaços de si mesmos, desta forma transformando-se em outros átomos... De todas as novas descobertas, esta era a mais espantosa para o pensamento humano e estimulante para a imaginação, pois destruía a ideia da imutabilidade dos elementos e mostrava que os sonhos dos alquimistas poderiam tornar-se verdade um dia.¹⁵

A próxima “revelação” ocorrida dentro do período de tempo previsto em *A Doutrina Secreta* foi a mais importante de todas; a descoberta do elétron, em 1897, por *sir* J.J. Thomson. O dr. Karl Compton, ex-presidente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, fez o seguinte comentário em 1936, quando se afastava do cargo de presidente da Associação Americana Para o Progresso da Ciência:

A história da ciência está cheia de exemplos de que um novo conceito ou descoberta pode levar a avanços tremendos em campos novos e vastos cuja própria existência era, até então, insuspeitada... Mas, do meu ponto de vista, nenhum exemplo foi tão dramático como o da descoberta do elétron, a menor partícula do Universo que, no período de uma geração, transformou não só a estagnada ciência da Física, mas também uma Química puramente descritiva e uma estéril Astronomia em ciências que se desenvolvem dinamicamente, cheias de aventura intelectual, com interpretações interrelacionadas e valores práticos.¹⁶

A descoberta de Thomson foi a culminação de uma série de experimentos iniciados por *sir* William Crookes, que se dedicava ao estudo das descargas elétricas em alto vácuo no tubo de Crookes, inventado por ele. Este tubo iria tornar-se um protótipo para os tubos de televisão e luz fluorescente usados hoje. As experiências de Crookes implicavam a existência de um quarto estado da matéria, que ele chamava de matéria radiante, e que, dez anos depois, constatou-se serem elétrons! É interessante que, em 1888, em *A Doutrina Secreta*,^{*4} HPB predizia que “a descoberta da matéria radiante do sr. Crookes conduzirá a um estudo mais completo sobre a verdadeira origem da luz, revolucionando todas as teorias atuais”.

A descoberta do elétron, observa o renomado físico norte-americano Robert Millikan, foi “extremamente útil para a humanidade, com suas milhares de extensões e aplicações para o rádio, para as comunicações de todo tipo, para a produção cinematográfica e inúmeras outras indústrias...” As descobertas científicas foram poderosamente aceleradas pelo uso de instrumentos eletrônicos.

A própria obra *A Doutrina Secreta* foi usada para diversas finalidades. O major Herbert S. Turner, inventor do cabo coaxial utilizado na telefonia e instalado de um lado a outro dos Estados Unidos no final da década de

1940, relacionou sua invenção com algumas passagens-chave de *A Doutrina Secreta*^{*5} como o conceito de círculo-que-não-pode-ser-transposto,^{*6} aplicadas por ele em ideias de caráter profundamente oculto em relação ao mundo da energia física.¹⁷

A profecia de *A Doutrina Secreta*, que estamos examinando, afirma que como resultado da “enorme ruptura feita no véu da natureza... a ciência materialista receberá um golpe mortal”. Em *Time, Matter and Values* (*Tempo, Matéria e Valores*), após haver descrito as novas descobertas da Física, Millikan conclui: “Como resultado, o materialismo dogmático na Física está morto.”¹⁸ Raymond S. Yates, em seu livro *These Amazing Eléctrons* (*Esses Elétrons Surpreendentes*), assevera: “A velha escola estava em plena retirada. A Física estava totalmente confusa. Estava momentaneamente atordoada por uma avalanche de questões ponderáveis. O último tijolo sólido do edifício do materialismo caíra, e o pequeno e cômodo sistema de categorias e os refúgios engenhosos, construídos com tanto trabalho, haviam caído com um ruído surdo e inquietante.”¹⁹

Segundo David Deitz, quando o século dezenove terminou já era claro que uma “verdadeira revolução acontecera no campo da Física”. Ele continua:

Quatro descobertas significativas — os raios-x, a radioatividade, o elemento químico rádio e o elétron — convenceram os cientistas de que a sua tarefa estava apenas começando, e não terminando. Havia chegado o momento de invadir o interior do átomo. É arriscado, no entanto, afirmar que alguém pudesse prever, no começo do século vinte, os grandes avanços que seriam feitos na visão teórica, ou as aplicações espetaculares que surgiriam a partir desse novo conhecimento.²⁰

O ciclo do despertar científico, que se seguiu à descoberta do elétron, continuou a aprofundar-se com três descobertas adicionais, que abalaram ainda mais os alicerces das doutrinas materialistas:

1898 — *Radio*. O elemento descoberto por Marie Curie e seu marido, Pierre, é quatro vezes mais radiante do que o urânio de Becquerel.

1900 — *A Física Quântica*. Max Planck lançou as bases da teoria quântica em 1900 ao mostrar que a matéria emite e absorve radiação em pequenos pacotes ou *quanta*, mais tarde chamados

de fótons por Einstein, ficando demonstrado que a luz pode, portanto, ser vista com partícula e como onda. (Mais de duas décadas depois, Louis de Broglie demonstrou que a matéria também se comporta com a dualidade partícula-onda). Em 1913, Niels Bohr afirmou que os elétrons saltam de uma órbita para outra em torno de um núcleo atômico ao absorver ou emitir *quanta* de energia, sem atravessar o espaço entre uma órbita e outra (em outras palavras, dão um salto quântico, expressão frequentemente usada hoje em diversos contextos). Este foi um grande golpe contra a doutrina mecanicista.

1905 — *A Equação de Einstein* $E = mc^2$. A teoria de Einstein acrescentou o reconhecimento de que a massa ou matéria é equivalente à energia, e de que o tempo e o espaço são partes integrantes do *continuum* de matéria-energia que constitui o Universo.²¹

Como foi indicado no prefácio deste livro, um certo número de cientistas tem-se interessado por *A Doutrina Secreta*. De acordo com uma sobrinha sua, Einstein tinha sempre uma cópia dessa obra na sua mesa de trabalho. Detalhes do seu testemunho são dados na Nota 22 da Parte 7, ao final deste livro, onde se evidencia também que duas pessoas poderiam ter despertado o interesse de Einstein nesta obra. *A Doutrina Secreta* contém muitos ensinamentos que eram negados pela ciência nos dias de HPB, mas que foram comprovados mais tarde como verdadeiros, e é possível que essa obra contenha sugestões de outras verdades que ainda serão aceitas. Aqui estão três exemplos de descobertas pré-configuradas por HPB no campo da Física.

1. Os átomos são divisíveis. Sir Isaac Newton escreveu na sua obra *Optics* (*Ótica*) que: “No início Deus formou a matéria em partículas maciças, sólidas, duras, impenetráveis e em movimento, com os tamanhos, formas, propriedades e proporções em relação ao espaço que eram mais adequados ao objetivo em função do qual foram criadas.”²³ Mais tarde, os cientistas eliminaram a teologia contida nessa declaração, mas conservaram a ideia das “partículas duras e impenetráveis”, ou átomos, como os tijolos básicos da construção do Universo. Quando o elétron foi descoberto em 1897, os tijolos começaram a fragmentar-se. O átomo era divisível.

E aqui está o que HPB disse em *A Doutrina Secreta*:^{*7}

O átomo é divisível e deve compor-se de partículas ou subátomos... A ciência do ocultismo e toda baseada na doutrina da natureza ilusória da matéria e na divisibilidade infinita do átomo.

Quanto à divisibilidade infinita do átomo, um cientista amigo escreveu para esta autora: “A ciência avançou nessa direção só passo a passo —

encontrando primeiro o elétron e depois os prótons, mais tarde os nêutrons e a seguir os quarks e outras partículas, pensando, a cada vez, que havia encontrado a última partícula. Agora, finalmente, chegou às ondas puras, como na teoria das cordas, que corresponde à ciência da *D.S.*”^{*8}

Quando os quarks foram localizados pela primeira vez, Werner Heisenberg comentou:

Mesmo que os quarks pudessem ser encontrados, segundo tudo o que sabemos, eles poderiam ser divididos novamente em dois quarks e um antiquark etc., e, assim, eles não seriam mais elementares que um próton... Nós teremos que abandonar a filosofia de Demócrito e o conceito de partículas elementares fundamentais. Devemos, em vez disso, aceitar o conceito das simetrias fundamentais, que tem base na filosofia de Platão.²⁴

2. Os átomos estão em movimento perpétuo. Os cientistas do tempo de HPB não só acreditavam que os átomos eram indivisíveis mas também que eles eram imóveis, exceto no estado gasoso. *A Doutrina Secreta* declara:^{*9}

Diz o Ocultismo que nunca a matéria se acha mais ativa do que quando parece morta. Um bloco de madeira ou de pedra está imóvel e é impenetrável em todos os sentidos. Não obstante, na realidade, suas partículas estão animadas por um movimento vibratório incessante, eterno, tão rápido que, para o olho físico, o objeto parece em absoluto desprovido de movimento; e a distância daquelas partículas entre si, no seu movimento vibratório, é tão grande — vista de outro plano de existência e percepção — como a que separa flocos de neve ou gotas de chuva. Mas, para a ciência física, esta ideia é um absurdo.

Hoje é difícil pensar que algum dia isso foi considerado um absurdo.

Segundo *A Doutrina Secreta*, o movimento incessante dos átomos no que vemos como um objeto sólido está de acordo com uma lei universal subjacente ao Cosmo de que “não há repouso nem interrupção de movimento na Natureza”.²⁵ Isso está de acordo com a visão de Einstein, segundo *The Theory of Relativity (A Teoria da Relatividade)*, de Garrett Service:

Pesquisas científicas mostram que, nas coisas infinitamente pequenas assim como nas infinitamente grandes, tudo é movimento... e não encontramos nada em repouso. Assim sendo, diz Einstein, o movimento deve ser visto como a condição natural e também real da matéria, algo que não necessita de ser explicado, porque surge da própria substância do Universo. É a verdadeira essência da existência.²⁶

Em *A Doutrina Secreta*, HPB afirma que “o movimento abstrato absoluto” é um símbolo do próprio Absoluto.^{*10}

3. Matéria e energia são conversíveis. A ciência do século dezenove acreditava no oposto. Einstein desaprovou a crença antiga em 1905 com a sua famosa equação

$E = mc^2$. Millikan traduz a equação da seguinte maneira:

m é massa em gramas; c é velocidade da luz em centímetros por segundo (30.000.000.000 cm/s); e E é energia em unidades de energia, isto é, em ergs. Expressa na linguagem comum de engenharia, a equação de Einstein diz que, se um grama de massa é transformado em calor a cada segundo, são gerados continuamente 90 bilhões de quilowatts de energia.

“A concepção extraordinariamente importante aqui”, acrescenta Millikan, “é que *a própria matéria é conversível em energia radiante*”.²⁷ Uma maneira mais geral de explicar este fato agora comprovado seria dizer que a matéria é energia condensada, enquanto energia é matéria que se expandiu. HPB cita um trecho de um artigo da revista *The Path* (janeiro de 1887, p. 297) em *A Doutrina Secreta*:^{*11}

Como declarou um teósofo norte-americano, “as mônadas (de Leibnitz) podem ser consideradas como força, de certo ponto de vista; e, de outro, como matéria. Para a ciência oculta, força e matéria não são mais que dois aspectos da mesma substância”.

Essa substância ela chamava de *prakriti*, que emana da matéria primordial, ou *mulaprakriti* (a raiz da matéria).

Em *Ísis Sem Véu*,^{*12} HPB postula diretamente a conversibilidade de força em matéria ao afirmar:

Toda manifestação objetiva, seja no movimento do corpo de um ser vivo, seja no movimento de algum corpo inorgânico, requer duas condições: vontade e força — além de matéria, que é aquilo que faz com que o objeto que se move seja visível aos nossos olhos; e essas três são todas forças conversíveis...

A referência que se segue^{*13} é especialmente interessante, não só porque a expressão energia atômica indica que os átomos têm energia, mas porque HPB parece ter sido a primeira pessoa a usar esta expressão tão comum hoje:

O “movimento ondulatório das partículas vivas” torna-se compreensível com a teoria de um ... Princípio Vital universal, que é espiritual, independente de nossa matéria e que se manifesta como energia atômica somente no nosso plano de consciência.

Tendo em vista tudo o que foi dito antes, não é surpreendente ser informada pelos atuais editores de *A Doutrina Secreta* que eles têm

recebido pedidos frequentes de exemplares dessa obra feitos por professores universitários. Um professor do Instituto de Tecnologia da Califórnia comprou o livro diversas vezes nos últimos anos. Perguntado amavelmente sobre a razão disso, soube-se que, cada vez que um exemplar estava demasiadamente marcado, dificultando a sua leitura, ele comprava outro exemplar.

Esta escritora soube em 1982, quando visitava Boston e Cambridge, que os professores e alunos de química do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) estavam fazendo planos para investigar os ensinamentos em *A Doutrina Secreta* relativos às suas especialidades. Em 1988, soube-se, por meio de Philip Perchion, um cientista que havia trabalhado na bomba atômica, que professores e estudantes do MIT haviam formado uma sociedade alquímica e que estudavam regularmente *A Doutrina Secreta*. Ele também disse que ele e vários professores de química — a maior parte professores aposentados do MIT — encontravam-se periodicamente para discutir a *D.S.* no *Harvard Club*, em Nova Iorque.

Vamos agora passar da Física para as Ciências Biológicas, começando com a Genética.

O mundo científico recebeu a descoberta do código genético por James e Francis Crick como se isso resolvesse todos os grandes mistérios da biologia celular. Watson e Crick receberam o Prêmio Nobel em Fisiologia. Hoje, entretanto, os biólogos estão muito conscientes de que os enigmas são cada vez maiores.

A fonte do código genético ainda é totalmente desconhecida. Os cientistas não sabem como a natureza o produziu. *Sir* Fred Hoyle destaca que, dentro do núcleo de cada célula, existem 200.000 cadeias de aminoácidos dispostas num padrão muito especial e intrincado (diagramado por Watson e Crick no seu modelo de dupla hélice). As chances de chegar a essa combinação por uma série de acasos através da seleção natural e de mutações acidentais, diz Hoyle, são semelhantes às probabilidades de jogar-se um dado cinco milhões de vezes e obter como resultado o número seis nos cinco milhões de jogadas.²⁸

Outro mistério envolve o processo pelo qual os mecanismos dos genes são ligados e desligados. Cada célula em nosso corpo contém em seu núcleo toda a informação necessária para produzir um novo ser humano. Em cada célula, no entanto, somente uns poucos genes estão ativos. Numa célula da pele, por exemplo, ou numa célula do fígado, ou na célula da lente de um olho, só os genes que produzem aquele tipo de célula estão “ligados”. Todos os outros genes estão “desligados”. Se todos os genes operassem desordenadamente e ao mesmo tempo, ocorreria um crescimento descontrolado — câncer. Por isso os biólogos falam agora dos genes operativos que ainda estão por ser descobertos, e cujas funções são ativadas por genes ativadores e depois desligadas por genes reguladores. Entre os geneticistas, saber o que funciona como gatilho para os genes é considerado o ponto mais importante para resolver o enigma da vida.²⁹

Ao enfatizar os dilemas da biologia celular e da genética, o dr. Lewis Thomas chama atenção para o problema do nascimento do cérebro humano:

A grande questão é a seguinte: um bebê começa com uma única célula que, por sua vez, divide-se em duas, depois quatro, oito e assim por diante, e num certo estágio, à medida que as células se diferenciam, emerge um conglomerado de células que tem como resultado o cérebro humano. A mera existência dessas células especiais é uma das coisas mais assombrosas da Terra. Um grupo de células é ligado para transformar-se no grande aparelho com um trilhão de células encarregado de pensar e imaginar. Todas as informações necessárias para aprender a ler, escrever, tocar piano ou o maravilhoso ato de esticar a nossa mão e apoiar-nos numa árvore, tudo isso, está contido naquela primeira célula. E toda a gramática, toda a aritmética, toda a música.

Mas não se sabe como esse “ligar” acontece... Nem ninguém tem qualquer ideia sobre como algumas das [células embrionárias] subitamente adquirem a qualidade de células cerebrais.³⁰

Além disso, o próprio cérebro é de uma complexidade tão extraordinária, segundo o editor de ciência da revista *Fortune*, Tom Alexander, que “o modo como é tecida uma estrutura tão elaborada e altamente organizada transformando-se em uma unidade, constitui [ainda] um longo e persistente enigma”. Ele registra: “Cálculos elementares sugerem que simplesmente não pode haver informação suficiente codificada nas moléculas do DNA, que constitui o plano genético básico do corpo, para que esteja especificado de que modo dois neurônios — os computadores mais primitivos do cérebro — devem conectar-se.”³¹ Os cientistas afirmam que o “cérebro usa a cada dia mais conexões do que todos os sistemas telefônicos do mundo” e “tem a capacidade de fazer milhões de interconexões numa fração de segundo”.³²

Em *A Doutrina Secreta*,^{*14} HPB afirma: “Toda a solução da controvérsia entre a ciência profana e a ciência esotérica gira em torno da crença e da prova da existência de um corpo astral dentro do corpo físico, sendo que o primeiro independe do segundo.” Ela explica que “a alma interna da célula física — o ‘plasma espiritual’ que domina o plasma germinal — é a chave que deve abrir um dia as portas daquela terra incógnita do biólogo, até agora considerada o mistério obscuro da Embriologia”.^{*15}

O assunto é tão importante para *A Doutrina Secreta* que, das três proposições fundamentais do terceiro volume,^{*16} uma delas é “o nascimento do corpo astral antes do corpo físico, sendo o primeiro um modelo do segundo”. Em *The Ocean of Theosophy* (*O Oceano da Teosofia*^{*17}), W.Q. Judge escreve:

O corpo astral é feito de uma matéria muito sutil na sua textura, quando comparado com o corpo visível, e tem uma grande elasticidade, de modo que muda pouco durante o período de uma vida, enquanto o físico altera-se a cada momento... [O astral] é flexível, maleável, dilatável e forte. A matéria de que é composto é essencialmente elétrica e magnética e é igual à substância que compunha o mundo inteiro no passado distante quando o processo da evolução ainda não havia atingido o ponto onde seria produzido o corpo material do homem.³³

De acordo com esse ensinamento, este corpo, que é uma espécie de molde do físico, não é separado dele, mas o permeia e o sustenta. Sem esse corpo-molde, o corpo físico não poderia conservar a sua consistência. Diz-se que o corpo astral cresce passo a passo com o corpo físico. Assim, logo após a concepção, ele seria microscópico no tamanho, mas perfeito em sua forma.

Entre as evidências da existência do corpo astral está o fenômeno bem conhecido do membro-fantasma, quando um braço ou uma perna são amputados. Em tais casos, diz Judge, “o membro astral não foi amputado e, conseqüentemente, o homem sente como se ele ainda estivesse presente, pois facas e ácidos não ferem o modelo astral...”³⁴

O dr. Oliver Sacks, o neurologista que escreveu o best-seller *The Man Who Mistook His Wife for a Hat* (*O Homem Que Confundiu Sua Esposa Com Um Chapéu*), diz o seguinte sobre os membros-fantasmas:

Todos os que sofreram uma amputação, e todos que trabalham com eles, sabem que o membro-fantasma é essencial para que se possa usar um membro artificial. O dr. Michael Kremer escreve: “Seu valor para quem sofreu uma amputação é enorme. Estou certo de que nenhuma pessoa amputada que use um membro inferior artificial pode caminhar satisfatoriamente

enquanto a imagem corporal ou, dizendo em outras palavras, o membro fantasma não for incorporado a ele”... Um dos meus pacientes descreve como ele tem que “acordar” o seu fantasma pela manhã: inicialmente ele flexiona o toco da perna para perto de si mesmo, e depois bate nele rapidamente e com certa força — “como no traseiro de um bebê” — várias vezes. Na quinta ou sexta palmada o fantasma subitamente desperta, reanimado, iluminado pelos estímulos periféricos. Só então ele pode colocar a sua prótese e caminhar.

A literatura sobre os fantasmas é confusa (diz o dr. Sacks) quanto à questão de eles serem patológicos ou reais. Mas os pacientes não estão confusos. Um deles diz:

Há essa coisa, esse pé fantasma, que às vezes dói como o inferno — e os dedos se retorcem, ou entram num espasmo. O fenômeno é pior à noite, ou quando a prótese foi retirada, ou quando não estou fazendo nada, mas costuma passar quando coloco a prótese e caminho. Então eu ainda sinto nitidamente a perna amputada, mas agora é um bom fantasma, é diferente — ele anima a prótese e permite que eu caminhe.³⁵

A publicação na Inglaterra, em junho de 1981, do livro de Rupert Sheldrake, *The New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation* (*A Nova Ciência da Vida: a Hipótese de Causação Formativa*), despertou grande controvérsia. A revista *Nature*, uma das melhores publicações sobre ciência da Inglaterra, qualificou o livro como “o melhor candidato para a fogueira que já apareceu em muito tempo”, enquanto que a igualmente notável *New Scientist* afirmava: “É totalmente claro que estamos diante de uma importante investigação científica sobre a natureza da realidade biológica e da realidade física.” Arthur Koestler considera a teoria de Sheldrake “...uma hipótese imensamente desafiante e estimulante, sobriamente apresentada, que propõe um enfoque não-ortodoxo da evolução”.

Nos Estados Unidos, o livro chamou tamanha atenção que Sheldrake foi convidado para falar em Washington, no Congresso, diante do Comitê Parlamentar Para o Futuro. Com relação a sua formação profissional, Sheldrake era um erudito do *Clare College*, Cambridge, onde lecionava Ciências Naturais. Após passar um ano como bolsista *Frank Knox* na Universidade de Harvard, estudando filosofia e história da ciência, ele retornou a Cambridge, onde fez um PhD em Bioquímica. Ele também foi professor catedrático do *Clare College* e diretor de estudos em Bioquímica e Biologia Celular de 1967 até 1973 e, como pesquisador com bolsa *Rosenheim* da *Royal Society*, levou adiante uma pesquisa em Cambridge

sobre o desenvolvimento das plantas e o envelhecimento das células. Ele também é membro da Sociedade Teosófica na Inglaterra. Em 6 de outubro de 1984, ele fez um seminário na Sociedade Teosófica em Wheaton, Illinois, EUA. O professor Ralph H. Hannon fez um relato do evento (*American Theosophist*, dezembro de 1984):

Depois de ser apresentado pela dra. Renée Weber (professora de Filosofia na Universidade Rutgers) para uma audiência de mais de 130 pessoas, que incluía muitos estudiosos e cientistas, o dr. Sheldrake começou explicando o conceito básico de sua teoria. Além dos campos já conhecidos da ciência, como os campos gravitacionais, Sheldrake formulou a hipótese dos campos morfogenéticos, ou campos M. Ele diz que estes campos são estruturas organizadoras invisíveis que moldam ou dão forma a coisas como cristais, plantas e animais, e que também têm um efeito organizador sobre o comportamento. Em outras palavras, este campo torna-se uma espécie de modelo que regula e forma as unidades subsequentes do mesmo tipo. Essas novas unidades “sintonizam” (ou entram em “ressonância” com) o “arquétipo” criado anteriormente e o reproduzem. O arquétipo pode operar através do tempo e do espaço. Em outras palavras, à medida que cada nova unidade é formada e modelada, ela reforça o campo M e então o “hábito” é estabelecido. Esta teoria abrange desde os cristais moleculares até os organismos vivos complexos. Um ponto importante dela é que se torna gradualmente mais fácil e mais rápido para as unidades seguintes de qualquer espécie que estudemos adotar a estrutura. Mais tarde, a estrutura parecerá inerente e virtualmente imutável.

Sheldrake discutiu inicialmente a programação genética convencional e a doutrina do DNA. Segundo esta última, o modo como os organismos se desenvolvem está de certo modo “programado” no seu DNA. Ele alegou, em seguida, que o DNA realmente codifica a sequência dos aminoácidos que formam a proteína. Mas do ponto de vista dos campos M, a forma e a organização de células, tecidos, órgãos e organismos como um todo são dirigidos por uma hierarquia de campos morfogenéticos não herdados quimicamente mas, na verdade, determinados diretamente pela “ressonância mórfica” de organismos anteriores da mesma espécie.

Para esclarecer esta ideia, o dr. Sheldrake usou a analogia de um aparelho de televisão. Imaginem um homem que não conheça nada a respeito de eletricidade, e a quem é mostrado pela primeira vez um aparelho de televisão. Ele pode pensar inicialmente que o aparelho contém de fato pequenas pessoas cujas imagens aparecem na tela. Mas, depois de olhar para o aparelho e só ver fios e transistores, ele poderá levantar a hipótese de que as imagens resultem de alguma forma de complicadas interações entre os componentes do aparelho. Esta teoria pareceria particularmente plausível à luz do fato de que as imagens tornam-se distorcidas, ou desaparecem, quando os componentes são removidos. Se fosse então sugerido que as imagens, na realidade, dependem de influências invisíveis entrando no aparelho, vindas de muito longe, ele poderia rejeitar a ideia. Sua teoria de que nada vem de fora para o aparelho poderia ser reforçada pela descoberta de que o aparelho tem o mesmo peso quando está “ligado” ou “desligado”.

Este ponto de vista pode ser semelhante à visão tradicional da Biologia, em que os fios, transistores etc., correspondem ao DNA, proteínas, moléculas etc. Sheldrake concorda que as mudanças genéticas podem afetar a herança da forma ou do instinto pela alteração da “sintonia” ou pela introdução de distorções na “recepção”. Mas os fatores genéticos em si não podem ser plenamente responsáveis pela herança da forma ou instinto, assim como as figuras

na tela de uma TV não podem ser explicadas apenas pelo diagrama dos fios e transistores do aparelho.

O público ficou tão fascinado pelo trabalho de Sheldrake que a *New Scientist*, em sua edição de 28 de outubro de 1982, anunciou um prêmio de \$250 libras (cerca de 400 dólares) a ser dado a quem criasse o teste “que melhor explicasse” a ideia de Sheldrake. O Grupo Tarrytown está estimulando esforços mais ambiciosos e prometeu 100.000 dólares à pessoa que realizar o “melhor teste” que confirme ou rejeite a hipótese de Sheldrake.

O professor Hannon continua:

Sheldrake lembrou que essa teoria foi proposta pela primeira vez à comunidade científica na década de 1920 pelo renomado psicólogo de Harvard, William McDougall. Foi descoberto naquela época que gerações sucessivas de ratos [mesmo ratos estúpidos] melhoravam o seu desempenho nas tentativas de escapar de um tanque de água com um labirinto. Quando as experiências foram repetidas na Escócia e na Austrália, com uma variedade diferente de ratos como controle, foi verificado que não havia qualquer diferença no resultado quanto ao tipo de ratos que era usado, pois todos melhoravam a sua performance.

Devido ao fato de que, segundo o ponto de vista de Sheldrake, o sistema nervoso humano também é governado por campos M, o mesmo princípio pode ser verdadeiro para seres humanos. Isto teria grandes consequências sobre nossa visão de como e por que os seres humanos aprendem. Este modo de aprendizado seria, assim, uma espécie de herança básica da espécie, algo “relembrado” de modo mais ou menos automático. Não estaria de modo algum localizado em um cérebro individual, mas dado diretamente a partir da estrutura da espécie por meio da ressonância mórfica. As experiências acumuladas da humanidade incluiriam, assim, de fato, as formas arquetípicas descritas por Jung.

O artigo de Sheldrake na edição especial do outono de 1982 da revista *The American Theosophist* conclui:

Alguns aspectos da hipótese da causação formativa lembram elementos de vários sistemas tradicionais e ocultos; por exemplo, o conceito de corpo etérico, a existência de almas-grupo de espécies animais, e a doutrina da gravação nos chamados arquivos do *akasha*. Entretanto, isto é colocado como sendo estritamente uma hipótese de trabalho e, como tal, deverá ser julgada por testes empíricos. Mas se a evidência experimental vier a comprovar esta hipótese, então ela dará base para uma nova ciência da vida que irá muito além da biologia limitada e mecanicista de hoje em dia.

O texto da “orelha” do livro *A New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation*, de Sheldrake, afirma:

A repercussão da hipótese de causação formativa poderia fazer mudar muitas das nossas concepções fundamentais sobre a Natureza, as funções cerebrais e a consciência. Por exemplo,

Sheldrake sugere que a memória pode não estar estocada no cérebro, mas, em vez disso, ser “transmitida diretamente de situações do passado pela ressonância mórfica”. Na psicologia, ele redimensiona grande número de antigos problemas, como os do inconsciente coletivo e fenômenos psíquicos. A hipótese de Sheldrake pode explicar também as invenções paralelas; o “conhecimento” intuitivo das habilidades psicomotoras, tais como as do jogo de tênis, da prática do desenho e a aparente “memória corporal” de antigos traumas; hábitos animais de alimentação e acasalamento; o poder do ritual e dos símbolos; a aprendizagem acelerada e o reforço; o efeito acumulativo de uma ideia sustentada por um grande número de indivíduos; o condicionamento corporal; a realidade holográfica.

Em outro lugar (*The American Theosophist*, número especial, outono de 1982), Sheldrake sugere:

Os campos M podem ser relacionados por analogia com os campos magnéticos, que têm forma, embora sejam invisíveis. [No caso de um ímã, esta forma poderá ser constatada pelos padrões adotados pela limalha de ferro espalhada em volta dele]. Os campos morfogenéticos, através da sua própria estrutura, moldam células, tecidos e organismos em desenvolvimento. Assim, por exemplo, num embrião humano, o ouvido em desenvolvimento é moldado por um campo morfogenético que tem a forma de um ouvido, e a perna em desenvolvimento por um campo morfogenético com a forma de uma perna.

Mas o que são esses campos e de onde eles vêm? Durante mais de cinquenta anos, a natureza deles e até a sua existência permaneceram desconhecidas. Acredito, entretanto, que esses campos são tão reais como os campos eletromagnéticos e gravitacionais da Física, mas que são um novo tipo de campo com características muito notáveis. Como os campos conhecidos pela Física, eles conectam coisas semelhantes através do espaço, embora, aparentemente, não haja nada entre elas; mas, além disso, eles conectam coisas através do tempo. A ideia é que os campos morfogenéticos que dão forma a uma planta ou animal em crescimento surgiram das formas de organismos anteriores da mesma espécie. É como se um embrião “sintonizasse” com as formas dos membros anteriores da espécie. O processo através do qual isso acontece é chamado ressonância mórfica. Do mesmo modo, os campos que organizam as atividades do sistema nervoso de um animal são derivados de animais anteriores da mesma espécie; no seu comportamento instintivo, os animais usam um tipo de “banco de memória” ou “memória acumulada” da espécie.

Parece, portanto, que pode haver na natureza uma tendência de partilhar conhecimento adquirido. Até os cristais fazem isso. Nas palavras de Hannon: “Novas substâncias químicas, sintetizadas pela primeira vez, são geralmente difíceis de cristalizar e tendem, de fato, a formar cristais mais facilmente à medida que o tempo passa.”

Cem anos atrás, os teósofos ensinavam os numerosos usos potenciais do mundo astral. O capítulo 21 do pequeno livro de W.Q. Judge, *Echoes from the Orient* (*Ecoss do Oriente*), afirma:

Provavelmente, em todo campo do estudo teosófico não haja nada mais interessante do que a luz astral. Entre os hindus ela é conhecida como *Akasha*, o que também pode ser traduzido como éter. Eles dizem que todos os fenômenos maravilhosos dos iogues orientais são realizados por meio do conhecimento de suas propriedades. Dizem também que a clarividência, a mediunidade, a vidência tal como é conhecida no mundo ocidental só são possíveis por seu intermédio. Ela é o registro de nossas ações e pensamentos, o grande depósito de imagens da Terra, onde o vidente pode observar qualquer evento à medida que esteja acontecendo, assim como aqueles que virão... [Ela] permeia cada átomo, cada molécula do globo. Obedecendo às leis da atração e da repulsão, ela vibra em diferentes direções, tornando-se em um momento positiva e, em outro momento, negativa. Isso dá a ela um movimento circular que é simbolizado pela serpente. É o grande agente final, ou dinamizador básico, cosmicamente falando, que não só faz crescer uma planta mas também mantém os movimentos de sístole e diástole do coração humano. Esta luz é muito parecida com a ação de uma placa fotográfica. Ela tira, como diz Flammarion, fotografias de cada momento e as guarda em seu poder. Por isto os egípcios a chamavam de o Registrador; ela e o Anjo Registrador do Cristianismo, e num aspecto é *Yama*, o juiz dos mortos no panteão hindu, pois é de acordo com as imagens que nós imprimimos nela que somos julgados pelo *karma*...

Como essa luz astral preserva as fotografias de todos os eventos e coisas do passado, e como não há nada de novo sob o sol, as aplicações, a filosofia, as artes e as ciências das civilizações desaparecidas há muito são continuamente projetadas em imagens vindas do astral sobre as mentes dos homens vivos. Isso explica não só a frequente “coincidência” de dois ou mais inventores ou cientistas chegarem à mesma ideia ou invenção quase ao mesmo tempo, independentemente uns dos outros, mas esclarece também outros fatos e acontecimentos curiosos.

Alguns supostos cientistas têm falado com erudição sobre telepatia e outros fenômenos, mas não deram nenhuma razão natural suficiente para que haja transferência de pensamentos, ou aparições, ou clarividência, ou as mil e uma variedades de ocorrências de caráter oculto registradas dia a dia por todos os tipos de pessoas. É correto admitir-se que o pensamento pode ser transmitido de um cérebro para outro diretamente, sem qualquer palavra, mas como é que essa transferência pode ser feita sem um instrumento? Esse instrumento é a própria luz astral. No mesmo momento em que o pensamento toma forma no cérebro ele é representado nessa luz astral, e dali poderá ser recebido por um outro cérebro que seja suficientemente sensível para recebê-lo intacto...

Todavia, tudo que referi aqui são apenas alguns exemplos das várias propriedades da luz astral. No que tange ao nosso mundo, pode-se dizer que a luz astral está por toda parte, interpenetrando todas as coisas, e que possui um poder fotográfico que capta imagens de pensamentos, ações, eventos, tons, sons, cores, e todas as coisas...

A luz astral é um fator poderoso, não reconhecido pela ciência, no fenômeno do hipnotismo. A sua ação explica muitos dos fenômenos levantados por Binet, Charcot e outros e, especialmente, aquele tipo de evento em que uma ou mais personalidades distintas parecem ser assumidas por um mesmo sujeito, que pode lembrar em cada uma delas apenas as coisas e peculiaridades de expressão que pertencem àquele nível particular de consciência delas. Esses fatos estranhos ocorrem devido às correntes de luz astral. Em cada corrente será encontrada uma série definida de reflexos ou imagens que são captadas pelo homem interno. Ele as relata por palavras e ações neste plano como se elas fossem dele próprio. É também pelo uso destas correntes, mas inconscientemente, que os clarividentes e clariaudientes parecem ler nas páginas ocultas da vida.

Esta luz pode, portanto, ser impressa com imagens boas ou más, e elas ficam refletidas na mente subconsciente de cada ser humano. Se nós enchemos a luz astral com imagens más... elas serão o nosso demônio destruidor, mas se, pelo exemplo de até mesmo alguns poucos homens e mulheres de bom coração, um tipo novo e mais puro de acontecimentos for gravado nesta tela eterna, a luz astral nos elevará ao nível do que é divino.

[De acordo com a revista *Theosophy* de novembro de 1988]:

Em seu livro *The Presence of the Past — Morphic Resonance and the Habits of Nature* (*A Presença do Passado — A Ressonância Mórfrica e os Hábitos da Natureza*; Times Books, 1988), Sheldrake explora as implicações da causação formativa nas áreas da Psicologia, da Sociologia e da cultura... Felizmente a ressonância mórfrica é uma função que pode ser testada ao longo de vários anos... Apesar de os testes envolvendo novas habilidades não terem resultados prontos até agora, é interessante ver o que ocorreu em experiências envolvendo habilidades conquistadas há muito tempo. Todas elas registram os efeitos de alguma coisa como ressonância mórfrica. Por exemplo, foi solicitado a diferentes grupos de pessoas na América do Norte e na Inglaterra que aprendessem três canções de ninar japonesas, de curta extensão, uma delas bem conhecida há várias gerações por crianças japonesas. As outras duas canções foram compostas de modo que se parecessem com a primeira, mas eram desconhecidas no Japão. A canção tradicional resultou mais fácil de aprender. Outros testes usando palavras estrangeiras, metade reais e metade alteradas, foram dadas a pessoas que não conheciam a língua. Novamente, as palavras reais foram mais fáceis de aprender. Foram feitas experiências semelhantes com o código Morse e no teclado de uma máquina de escrever, dois padrões aceitos e estabelecidos de modo generalizado há mais de uma centena de anos. Em ambos os casos, as correlações e sequências já estabelecidas foram mais fáceis de aprender do que as outras que haviam sido criadas...

Falando sobre o trabalho de Sheldrake, David Spangler comenta em seu livro *Emergence*, p. 103:

[Esta hipótese] tem implicações tremendas para a transmissão de conhecimento e comportamento.^{*18} Ela e outras teorias semelhantes formuladas nos campos da química e da biologia sugerem que uma transformação cultural e a adoção de um novo paradigma podem ocorrer muito rapidamente — a partir do aprendizado e da concretização dos pontos essenciais desta nova visão por alguns membros da nossa espécie.

As imagens que surgem da ciência têm características e implicações similares. Todas elas indicam a natureza holística do Universo. E indicam, também, o poder e a influência de cada parte do Universo: nenhum indivíduo é tão insignificante que não possa dar uma contribuição. Disto surgem outros valores do novo paradigma: a sua orientação humanista, o seu compromisso com a ecologia, o seu estímulo a uma visão transcendental do mundo, o seu apoio à comunidade, às atividades que aumentam as relações entre as pessoas e que capacitam e dão poder ao cidadão, como uma maior descentralização política e econômica.

A evidência mais notável da existência do corpo astral modelo vem de dois cientistas de Yale, Harold Saxton Burr e S.C. Northrop, que

descobriram nos corpos de todas as criaturas o que eles chamam o *arquiteto elétrico* — um conceito que faz lembrar a descrição que Judge fez do corpo astral como “elétrico e magnético”. O texto deles sobre esse tema foi apresentado na Academia de Ciências dos Estados Unidos após quatro anos de estudos sobre o desenvolvimento de salamandras e ratinhos. Os professores descrevem o fenômeno elétrico que acompanha o crescimento desses animais, cujos padrões foram registrados em eletrocardiogramas e eletroencefalogramas, revelando claramente características de cada uma dessas espécies. Num texto publicado no *New York Times* (25 de abril de 1939), o editor de ciência faz uma descrição não técnica da significação dessas experiências:

Existe no corpo das coisas vivas um arquiteto elétrico que molda e dá forma aos indivíduos conforme um modelo específico e predeterminado, e que permanece dentro do corpo desde o estágio pré-embriônico até a morte. Tudo o mais nesse corpo está em constante mudança; as miríades de células de que ele é feito, com a exceção das células cerebrais, envelhecem, morrem e são substituídas por outras células, mas o arquiteto elétrico permanece sendo uma única constante ao longo da vida, construindo as novas células e organizando-as segundo o mesmo padrão das células originais, e assim, literalmente, criando de novo o corpo, o tempo todo. O indivíduo só morre depois que o arquiteto elétrico dentro dele deixa de funcionar.

O arquiteto elétrico permite uma nova aproximação para compreender o funcionamento da vida e dos processos biológicos. Ele sugere que cada organismo vivo possui um campo eletrodinâmico, assim como um ímã irradia ao seu redor um campo de força magnético. Similarmente, as evidências experimentais mostram, de acordo com o dr. Burr, que cada espécie animal, e muito provavelmente também os indivíduos dentro de cada espécie, tem o seu campo elétrico definido do mesmo modo como as linhas de força de um ímã.

Esse campo elétrico, então, possuindo a sua própria forma, modela segundo a sua imagem todo o barro protoplasmático da vida que cai dentro da sua esfera de influência, materializando-se assim no corpo do ser vivo como um escultor materializa a sua ideia na pedra.

Trinta e três anos mais tarde, Burr publicou *Blue-print for Immortality: The Electric Patterns of Life*. Ele conta que: “durante quase meio século as consequências lógicas dessa teoria foram submetidas a condições experimentais rigorosamente controladas”.³⁶

Um redator de *New Scientist* (26 de janeiro de 1982), ao revisar as experiências recentes em “eletrofisiologia”, pergunta: “Por que esse trabalho importante continua sendo feito apenas por um punhado de pesquisadores, se os primeiros resultados foram tão promissores?” Ele conclui que “a resposta pode ter a ver com as tendências e modelos que dão forma a cada campo da ciência”. As novas experiências têm usado os mais

recentes equipamentos eletrônicos disponíveis, revelando campos elétricos não detectados antes, associados com a transformação de células de ovos fertilizados em embriões. O redator continua:

Os eventos até este momento misteriosos da morfogênese (a origem das formas) convidam agora a uma nova investigação, tendo como ponto de partida os estudos elétricos... Um dos mistérios mais espetaculares é a formação do sistema nervoso. As pontas migratórias e auto-orientadas das células nervosas — os cones de crescimento — avançam por todo o corpo, percorrendo muitas vezes distâncias imensas, quando comparadas com o tamanho de uma célula nervosa, para formar os nervos dos vários órgãos. O que é que diz ao cone de crescimento para onde ele deve ir?

Talvez ele simplesmente viaje através das linhas de força magnética apropriadas no campo astral modelo. Quanto à solução do enigma do processo pelo qual os genes são ligados e desligados, uma experiência feita por Burr e Northrop com uma salamandra parece dar uma resposta. Eles transplantaram as células encarregadas de construir os olhos para a cauda do animal. No novo ambiente eletromagnético, os genes transformaram-se em genes das células da cauda.

Um problema mais básico surge, agora, quanto ao modelo fornecido pelo corpo astral. Quem ou o que são os projetistas? Isso conduz ao amplo tema da visão teosófica da evolução e dos seus primeiros impulsionadores, descrita em *A Doutrina Secreta*. Basicamente, o ensinamento é: “O Universo é trabalhado e guiado de dentro para fora... O Cosmo inteiro é guiado, controlado e animado por uma série infindável de hierarquias de seres sensíveis, cada um dos quais tem uma missão a cumprir... Eles variam infinitamente nos seus respectivos graus de consciência e inteligência.”³⁷ Os mais avançados podem ser chamados de arquitetos do Universo, seres que, certa vez, foram humanos e agora possuem poderes e deveres divinos.

O apoio para essa teoria veio de modo inesperado. Pouco depois da morte de HPB, o célebre biólogo Thomas Huxley, um darwinista notável do século dezenove e um grande cético durante a maior parte da sua vida, escreveu no livro *Some Essays on Controversial Subjects (Alguns Ensaios Sobre Temas Controversos)*:

Avaliando a questão do ponto de vista científico mais rígido, a ideia de que, entre miríades de mundos espalhados pelo espaço infinito, não haja uma inteligência tão superior em relação à do homem quanto a dele o é em relação a uma barata, nenhum ser dotado de um poder tão maior que o do homem para influenciar o curso da natureza como o poder do homem é maior que o poder do caracol, parece-me não apenas uma ideia sem sentido, mas insolente. Sem ir além da

analogia do que é conhecido, é fácil ver o Cosmo como habitado por entidades, numa escala ascendente, até que alcançamos algo praticamente indistinguível da onipotência, onipresença e onisciência.

Huxley também mudou as suas visões com relação à consciência:

Penso que o ponto central da visão materialista é que no Universo não existe nada além de matéria e força... *Kraft und Stoff* — força e matéria — são apresentadas como o Alpha e o Ômega da existência... Quem não aceitar isso é condenado pelos partidários mais intransigentes desta tese ao inferno reservado aos tolos ou hipócritas. Mas eu não acredito em nada disto... Há uma terceira coisa no Universo: é a percepção, a consciência, que não vejo nem como matéria nem como força, nem como qualquer modificação concebível de uma delas.³⁸

Alfred Russel Wallace, que formulou a teoria da seleção natural independentemente de Darwin, admitiu abertamente as limitações dessa teoria.^{*19} Wallace acreditava que a ação condutora de “inteligências inferiores” é uma “parte necessária das grandes leis que governam o Universo material”. Ele acrescentava que a seleção natural não podia explicar como surgiam os artistas e músicos e os talentos estéticos, especialmente considerando que esses talentos não davam nenhuma vantagem competitiva na luta pela sobrevivência.³⁹

Em *A Doutrina Secreta*^{*20} encontramos o seguinte:

“A seleção natural” não é uma entidade; é só uma expressão cômoda para indicar como se dá a sobrevivência do mais forte e a eliminação dos inaptos na luta pela existência... Mas a seleção natural... *como poder*... realmente não passa de puro mito; especialmente quando a ela se recorre para explicar a origem das espécies... Por si só, “ela” não pode produzir nada, e opera unicamente sobre o material grosseiro que é apresentado a “ela”.

A verdadeira questão de que se trata é a seguinte: Que CAUSA, combinada com outras causas secundárias, produz as “variações” nos organismos? Muitas destas causas secundárias são puramente físicas, dependendo do clima, do regime de alimentação etc. Muito bem. Mas, além dos aspectos secundários da evolução orgânica, há que se buscar um princípio mais profundo. As “variações espontâneas” e as “divergências acidentais” dos materialistas são... incapazes de explicar, por exemplo, as espantosas complexidades e as maravilhas do corpo humano... A causa que determina as variações fisiológicas das espécies... é uma inteligência subconsciente que penetra a matéria e que, em última instância, é um REFLEXO da Sabedoria Divina e *Dhyān-Chohānica*.

A visão de Wallace, como foi resumida pelo professor Roszak, mostra a seleção natural de um ponto de vista similar: “Para ele a adaptação era essencialmente conservadora e sem audácia. Ela se movimenta apenas numa direção horizontal... Se a evolução fosse apenas uma questão de sobrevivência por adaptação, nós ainda poderíamos ser um planeta de

bactérias terrenas... Acima disto, Wallace via um movimento vertical mais ousado, que empurra a evolução para níveis mais altos de evolução e consciência.” E esse movimento vertical recebe seu impulso de uma fonte espiritual.⁴⁰

A Doutrina Secreta indica que o movimento vertical ocorre principalmente em pontos estratégicos da viagem evolutiva. Esta ideia teria o apoio da teoria recente dos equilíbrios intermitentes, que revela que a teoria de Darwin de mudanças graduais não é confirmada pelos registros fósseis. A revista Newsweek de 3 de novembro de 1980 afirma: “Os cientistas acreditam agora cada vez mais que as espécies mudam pouco ao longo de milhões de anos, e, então, mudam rapidamente numa espécie de salto quântico...” A notável antropóloga Loren Eiseley discute essa teoria em relação ao cérebro humano em seu livro *The Immense Journey* (*A Viagem Imensa*):

Grande estudante de paleoneurologia, o dr. Tilly Edinger afirmou recentemente que: “Se o homem passou por uma fase de *Pithecanthropus*, a evolução do seu cérebro foi algo sem paralelo, não pelo seu resultado, mas pelo seu ritmo... O crescimento dos hemisférios cerebrais em cinquenta por cento parece ter ocorrido, geologicamente falando, em apenas um instante e sem que houvesse nenhum crescimento significativo no tamanho do corpo.”⁴¹

Isso pode coincidir com o período mencionado em *A Doutrina Secreta* como aquele em que ocorreu a “iluminação” da mente pela encarnação de almas humanas, vindas de um mundo anterior, em formas humanas que até aquele momento não possuíam mente.⁴² Tendo alcançado o estágio humano num mundo anterior, não havia necessidade de que a alma passasse novamente pelo estágio animal.

A visão de Blavatsky, segundo a qual a seleção natural e as mutações acidentais aleatórias não poderiam nunca produzir um mundo tão complexo como o nosso, é aceita de modo independente por um número crescente de cientistas hoje em dia, como é o caso do dr. Freeman Dyson, professor de Física do Instituto para Estudos Avançados em Princeton. O trecho seguinte, do seu livro *Infinite in All Directions* (*Infinito em Todas as Direções*), foi considerado suficientemente importante pela revista *Time* para ser citado em abril de 1988:

Não penso que este Universo foi reunido e formado por acaso. A mente, creio, existe no Universo em um sentido muito real; mas ela é primária, ou é resultado de alguma outra coisa? A visão dominante entre os biólogos parece ser que a mente nasceu ao acaso das moléculas do

DNA ou algo assim. Eu vejo isso como muito improvável. Parece mais razoável pensar que a mente era uma parte primária da natureza desde o começo e que nós somos simplesmente manifestações dela no estágio atual da história. Não digo exatamente que a mente tem vida própria, mas que a mente é inerente ao modo como o Universo é construído, e que a vida é a maneira como a natureza dá certas oportunidades à mente que de outra maneira ela não teria.⁴³

Dyson cita em seu livro uma conferência feita em 1985 sob o título *Vida e Mente no Universo* pelo dr. George Wald, professor emérito de Biologia em Harvard e um dos que receberam, em 1967, o Prêmio Nobel por trabalhos na área da Fisiologia:

Eu e praticamente todos os biólogos, assim como a maior parte das outras pessoas, pensávamos que a consciência ou mente era um resultado posterior à evolução dos animais. Mas ocorreu-me a ideia de que, em vez disso, a presença constante e quase inerente da mente guiou a matéria nessa direção. Percebi então que estava em boa companhia; que ideias como esta estavam vivas há milênios nas filosofias do Oriente. E muitos integrantes do grupo extraordinário de físicos [da primeira metade do século vinte] tinham chegado exatamente à mesma espécie de ideia. Encontrei Eddington dizendo em certo ponto que a base primordial do Universo é a mente, e dando a ela um lugar dominante em relação à matéria. Von Weizsacker, um físico bastante filosófico, falou do que ele chamava de princípio da identidade, de que a mente e a matéria eram aspectos gêmeos de toda a realidade.⁴⁴

Essa reflexão leva-nos inevitavelmente a supor que não há vida apenas na Terra mas também em outras partes do Universo. Ela diz respeito ainda a problemas como a questão de se o desenvolvimento evolucionário da terra será totalmente eliminado quando o planeta e o sistema solar morrerem.

Um professor de Princeton falou certa vez a Einstein sobre o seu filho, um aluno brilhante na universidade, que estava deprimido e abatido e recusava-se a continuar seus estudos ou fazer qualquer outra coisa. Ele não estava preocupado com a sua própria morte, mas com a morte do sistema solar! Um dia, dizia ele, tudo iria cair em pedaços, e então tudo que tinha realizado na Terra não serviria para nada. Seria como se nada tivesse acontecido aqui de fato; então por que deveríamos nos preocupar em fazer alguma coisa agora?

Darwin preocupou-se com o mesmo problema. Numa carta ao seu filho, ele falou da inevitável destruição do nosso sistema solar, quando “o sol e todos os seus planetas irão se tornar demasiado frios para a vida. Acreditando, como eu, que o homem num futuro distante será uma criatura muito mais perfeita do que agora, é insuportável pensar que ele, assim como todos os outros seres sensíveis, está condenado a uma completa

aniquilação depois de um progresso tão longo. Para aqueles que acreditam plenamente na imortalidade da alma humana, a destruição do nosso mundo não parecerá tão terrível”.⁴⁵

Darwin talvez não estivesse falando da visão comum da imortalidade — que imagina uma fuga permanente para um estado celestial depois de uma breve estada na Terra. Ele parece dizer que a evolução, como processo, poderia continuar de um mundo para outro, se as almas são de fato imortais, o que, neste caso, significaria nascer de novo. A possibilidade de que os mundos e até universos galácticos inteiros reencarnem é um tema que atualmente desperta uma séria atenção de astrônomos e físicos. O ensaísta Malcolm Browne, do *New York Times*, escreveu há vários anos:

Duas teorias rivais acerca do destino último do Universo estão em uma corrida acirrada neste momento. O entusiasmo da disputa levou astrônomos, matemáticos, físicos, químicos e teóricos a procurarem nas suas especialidades pistas que poderiam contribuir de alguma maneira para a resposta. A questão é se o Universo é “aberto” e continuará para sempre na sua aparente expansão, ou se ele é “fechado”, destinado a um dia parar de expandir-se e cair de volta sobre si mesmo, para então renascer. Se o Universo é “aberto” e sempre em expansão, então, naturalmente, a energia necessária para sustentar a vida iria tornar-se tão dispersa quanto inútil, e tudo iria morrer.

Alguns cientistas desenvolvem preferências pessoais por um ou outro tipo de *Gotterdammerung*.^{*21} Alguns preferem um Universo aberto e produzido numa determinada explosão, considerando que isso seria mais coerente com a escritura bíblica. Outros preferem um universo fechado, oscilante, esteticamente semelhante à roda hindu da morte e do renascimento.⁴⁶

Sir Stephen Hawking, que tem em Cambridge o posto ocupado um dia por Isaac Newton, é considerado por muitos como o físico mais importante dos tempos atuais. Ele revela no seu livro *Uma Breve História do Tempo* que acreditava, inicialmente, na hipótese de um “universo aberto” de acordo com o qual o Cosmo estava destinado a uma destruição permanente. Mas agora, ele e os seus colegas veem o Universo como expandindo-se e contraindo-se continuamente, sem começo nem fim. Ele comenta: “Em relação ao clima geral do pensamento antes do século vinte, é interessante observar que ninguém havia sugerido que o Universo estivesse se expandindo nem que estivesse se contraindo. Era aceito amplamente que o Universo havia existido desde sempre num estado imutável, ou que havia sido criado num tempo finito no passado mais ou menos como o observamos atualmente.”⁴⁷

Compreensivelmente, Hawking nunca leu em *Ísis Sem Véu*^{*22} o que HPB considerou suficientemente importante para repetir em *A Doutrina Secreta*^{*23} com pequenas alterações:

A doutrina esotérica ensina, tal como o Budismo, o Bramanismo e também a Cabala, que a Essência una, infinita e desconhecida existe em toda eternidade, e que é ora ativa, ora passiva, em sucessões alternadas, regulares e harmônicas. Na linguagem poética do Manu, chamam-se esses estados Dias e Noites de Brahma. Este último se encontra “desperto” ou “adormecido”...

Ao iniciar-se um período de atividade — diz *A Doutrina Secreta* — dá-se uma expansão^{*24} daquela Essência Divina, de fora para dentro e de dentro para fora, em virtude da lei eterna e imutável, e o Universo fenomenal ou visível é o resultado último da longa cadeia de forças cósmicas postas assim em movimento progressivo. Do mesmo modo, quando sobrevém a condição passiva, efetua-se a contração da Essência Divina, e a obra anterior da criação se desfaz gradual e progressivamente, o Universo visível se desintegra, os seus materiais se dispersam, e somente as “trevas” solitárias se estendem, uma vez mais, sobre a face do “abismo”. Para usar uma metáfora dos livros secretos, que tornará ainda mais clara a ideia, uma expiração da “essência desconhecida” produz o mundo; e uma inspiração o faz desaparecer. É um processo que se observa por toda a eternidade, e o nosso atual Universo não representa senão um dos termos da série infinita — que não teve princípio nem terá fim.

O conceito central da teoria do Bing Bang é que o Universo começou com a explosão de uma “pequena centelha” de substância da qual, em última instância, todas as estrelas e galáxias emanaram. Em *A Doutrina Secreta*,^{*25} onde os estágios do desenvolvimento são simbolicamente diagramados, há uma afirmação análoga, com a diferença de que aqui o Universo começa no espírito e não na matéria:

Ante os olhos da escritora está um manuscrito arcaico, uma coleção de folhas de palma que se tornaram impermeáveis à água e imunes à ação do fogo e do ar por algum processo específico desconhecido. Vê-se na primeira página um disco de brancura sem mácula, destacando-se sobre o fundo de um negro intenso. Na página seguinte aparece o mesmo disco, mas com um ponto no centro. O primeiro (sabem todos aqueles que se dedicam a estes estudos) representa o Cosmo na eternidade, antes do redespertar da energia ainda em repouso, isto é, a emanção do Verbo em sistemas posteriores. O ponto no círculo que estava até então imaculado... indica a aurora da diferenciação. É o ponto dentro do Ovo do Mundo, o germe interno de onde se desenvolverá o Universo, o Todo, o Cosmo infinito e periódico; germe que é latente e ativo, revezando-se periodicamente entre os dois estados.

Mais adiante, HPB cita com simpatia a ideia de um teórico francês que considerava que o Cosmo inteiro poderia ser concentrado num “simples ponto”.^{*26} Outra referência na *D.S.*^{*27} fala do “Universo evoluindo de um Sol central, o PONTO, o germe sempre oculto”. [A colocação da palavra ponto em letras maiúsculas é da própria HPB.]

Devido a descobertas recentes, a teoria do Big Bang é hoje seriamente contestada. Acreditava-se até há pouco que a matéria da explosão fora espalhada ao acaso em todas as direções. Entretanto, recentemente, os astrônomos descobriram o que eles chamam de grade com oito galáxias separadas por um espaço idêntico em anos-luz. Um dos que descobriu essa grade ficou tão desanimado que disse que agora parecíamos ignorar totalmente como começou o Universo, devendo começar tudo de novo a partir de zero.

Então, no encontro anual da Sociedade Norte-americana de Astronomia, no dia 10 de janeiro de 1990, foi anunciado, conforme a notícia do *New York Times* de 12 de janeiro: “Encontrado um Continente de Galáxias que Atrai as Outras em Direção a Si”.

Os astrônomos informaram hoje que confirmaram a existência de uma das maiores concentrações de galáxias e matéria já encontradas... Chamada de “o grande atrator”, ela está a 150 milhões de anos-luz da Terra, e é uma estrutura enorme que exerce uma firme atração sobre a Via Láctea e milhões de outras galáxias...

A descoberta confirma teorias discutidas em astronomia durante os últimos anos segundo as quais os objetos básicos do Universo são muito maiores e mais complicados do que os astrônomos haviam imaginado. Esses objetos não são simplesmente galáxias ou conglomerados delas, mas enormes “continentes de galáxias” cem vezes maiores.

As galáxias do atrator não se expandem umas em relação às outras, mas, ao contrário, estão como que “caindo” juntas numa região cuja largura é de centenas de milhões de anos-luz. A velocidade do movimento, de 640 quilômetros por segundo, é também surpreendente, e sugere que essas galáxias estão sendo atraídas em direção a alguma coisa... Muito convincente, dizem certos astrônomos, é o fato de que muitas das galáxias estudadas estão do lado oposto do atrator, quando vistas da Via Láctea; mas constatou-se que essas galáxias também estão sendo atraídas para ele...

De acordo com as descrições atuais da história do Universo, seria necessário mais tempo do que a idade atual do Universo para que uma estrutura deste tamanho se formasse. O dr. Schramm diz que agora será preciso conceber um novo mecanismo da origem do Universo que possa explicar estas estruturas enormes... O grande atrator é uma das numerosas e imensas estruturas cuja existência foi teorizada poucos anos atrás, inclusive a “grande muralha” que, segundo se pensa, e um grande “lençol de galáxias” que se estende por um bilhão de anos-luz.

[Essas estruturas não são mais apenas objetos de teorias, mas parecem ser fatos reais.⁴⁸]

Esta descoberta pode ter uma importância imensa. Até agora havia sido somente uma especulação por parte dos cientistas a ideia de que a atual

expansão de mundos e galáxias no Universo do Big Bang poderia reverter-se algum dia, mas o grande atrator com o seu continente de galáxias dá peso a esta teoria.^{*28} Assim, a teoria do renascimento periódico do Universo poderia ter mais apoio.

À luz de considerações tão vastas, pode parecer sem importância o momento em que os primeiros astronautas pisaram na Lua, embora tenha sido um dos grandes momentos da nossa história na Terra. No vigésimo aniversário do evento, foi solicitado ao físico e biólogo dr. Lewis Thomas que dissesse alguma coisa sobre a ocasião. Os comentários foram publicados no *New York Times*, dia 15 de julho de 1989. Thomas falou inicialmente da caminhada na Lua e das várias reflexões que ela inspira, continuando:

Mas o momento realmente importante veio mais tarde, depois que foi colocado um equipamento para produzir imagens do local. E então, diante dos nossos olhos, parando nossa respiração, apareceu em toda parte nas telas de televisão a fotografia da Terra. Suspensa logo acima do horizonte lunar, leve, redonda e palidamente iluminada como uma bolha de um azul profundo com nuvens de um branco puro espalhadas pela sua superfície, era a coisa mais encantadora que os seres humanos jamais haviam visto: a nossa casa. Além disso, como qualquer um podia ver na imagem, ela estava viva. Aquela coisa assombrosa e redonda pendurada totalmente só... era algo vivo, um ser. Essa foto sozinha foi o evento mais importante em todo o episódio técnico, e permanece em nossa mente 20 anos depois, transbordando de significados.

A ideia de que a vida na Terra se parece em detalhes com a vida coerente e conectada que atribuímos a um organismo é, agora, algo mais do que uma noção. Graças em grande parte aos estudos começados em 1970 por James Lovelock, Lynn Margulis e seus colaboradores, agora sabemos que a vida planetária, a chamada “biosfera”, regula-se a si mesma.

Ela mantém com precisão a salinidade e o equilíbrio ácido-básico dos seus oceanos, mantém constante há milhões de anos os componentes de sua atmosfera equilibrando exatamente os níveis de oxigênio e de dióxido de carbono nos níveis ótimos para a respiração e a fotossíntese. A Terra vive do Sol, tomando a energia de que necessita para a sua vida e refletindo o resto de volta para o vazio imenso do espaço. Esta é a chamada “hipótese Gaia”, a ideia de que a própria Terra é um organismo vivo...

Finalmente existe, como algo para pensar, o mais estranho dos paradoxos: a ideia de que um organismo tão imenso e complexo, com tantas interconexões e comunicações e um complexo sistema nervoso central em plena atividade, que inclui desde os grilos e pirilampos até os filósofos, possa ser destituído de mente. Eu não consigo acreditar nisso.

Foi a fotografia da Terra, tirada a partir da Lua e semelhante a uma “safira manchada”, que inspirou o químico e biofísico dr. Lovelock a iniciar os estudos científicos descritos em seu livro *Gaia, A New Look at Life on Earth* (*Gaia, Um Novo Olhar Para a Vida na Terra*), publicado em 1979

pela *Oxford University Press*. [Lovelock é graduado em Química, Medicina e Biofísica.] Todavia a sua “nova ideia” havia sido formulada por HPB e outros teósofos um século antes. Judge escreveu uma história fascinante — *The Skin of the Earth (A Pele da Terra)* — sobre esse assunto.⁴⁹ No seu livro *The Ocean of Theosophy (O Oceano de Teosofia)* ele fala da Terra como uma “entidade e não um mero punhado de matéria densa”.

HPB diz em *A Doutrina Secreta*:^{*29}

A ideia da vida universal é um daqueles antigos conceitos que estão retornando à mente humana neste século como consequência de sua libertação da teologia antropomórfica. É verdade que a ciência se contenta com traçar ou expor os sinais da vida universal, não ousando ainda pronunciar ou sequer sussurrar a expressão “Anima Mundi!” A ideia da “vida cristalina”, que hoje é familiar à ciência, teria sido repudiada com desprezo meio século atrás... Parece quase impossível que a ciência se deixe enganar por muito mais tempo com o simples uso de palavras tais como “força” e “energia”, tardando em reconhecer que as coisas dotadas de movimento são coisas vivas, quer se trate de átomos ou de planetas.

O cientista Brian Josephson, ganhador do Prêmio Nobel e professor de Física em Cambridge, parece concordar com o que foi dito. Ele afirmou em uma entrevista:

Pode haver elementos de inteligência em cada átomo da matéria e, como o mundo das formas biológicas, eles podem evoluir para níveis ainda mais elevados... Os físicos tendem a pensar que a matéria é algo sem vida e mecânico e, conceitualmente, estão seguindo uma linha errada de raciocínio. Na sua dimensão maior, ela parece comportar-se muito mais como algo biológico e vivo. Pode haver uma vida e uma inteligência subjacentes aos fenômenos que normalmente vemos e mesmo além dos fenômenos estudados pela Física... De modo similar, parece haver uma misteriosa unidade ou totalidade de toda matéria, que os cientistas não conseguem explicar, mas que são frequentemente descritas nas religiões orientais.⁵⁰

Pode parecer surpreendente saber que *sir* Isaac Newton também considerava que toda natureza estava viva. Malcolm Browne registra isso num artigo publicado no *New York Times*, em 10 de abril de 1990, sobre o novo interesse dos cientistas nos alquimistas:

Entre os alquimistas estavam alguns dos maiores cientistas de todos os tempos, inclusive Isaac Newton e Robert Boyle. Embora o nome de Newton repouse nas suas notáveis descobertas na Física e na Matemática, cerca de metade da sua carreira foi devotada à alquimia, fato que perturbou alguns dos seus admiradores modernos. Mas a dra. Betty Jo Teeter Dobbs, uma professora de história na Northwestern University que estuda o trabalho de Newton há muitos anos, vê a alquimia como central na sua carreira, e não apenas uma aberração.

A dra. Dobbs argumenta no seu livro⁵¹ que Newton, um puritano, temia o que ele considerava o início do ateísmo.*³⁰ Ela afirma que ele abraçou a ideia alquímica de vida universal, com a infusão por Deus do espírito divino em todas as coisas.

Aqui temos um exemplo de uma grande mente científica que também era profundamente religiosa. Newton não foi o único nisto. Um livro de 1984 intitulado *Quantum Questions: Mystical Writings of the World's Great Physicists* (*Questões Quânticas: Escritos Místicos dos Grandes Físicos do Mundo*) examina os escritos de Heisenberg, Schroedinger, Einstein, de Broglie, Jeans, Planck, Pauli e Eddington:

“Todos eles expressam uma profunda convicção de que a física e o misticismo são de algum modo como dois irmãos gêmeos... Todos estes homens notáveis, sem exceção, passaram a acreditar em uma visão do mundo mística ou transcendental que define o mundo como um fenômeno espiritual, e não material.”⁵²

Isso parece reforçar a tese subjacente em *A Doutrina Secreta* de que, como o seu subtítulo indica, é possível fazer uma síntese de ciência, religião e filosofia. Os seguintes trechos, retirados dos escritos de Einstein, sugerem que o pai da relatividade considerava que ciência e religião estão longe de serem incompatíveis:

A emoção mais bela e mais profunda que podemos experimentar é a sensação do místico. Ela é a fonte de toda ciência verdadeira. Aquele que não conhece essa emoção, que não pode mais maravilhar-se e ficar assombrado em êxtase, está virtualmente morto. Saber que aquilo que é impenetrável para nós realmente existe, manifestando-se como a mais alta sabedoria e a beleza mais radiante, a qual as nossas faculdades limitadas só podem compreender em suas formas primitivas — este conhecimento, esta sensação, está no centro da verdadeira religiosidade.⁵³

Penso que o sentimento religioso cósmico é a motivação mais forte e mais nobre para a pesquisa científica. Só aqueles que compreendem os esforços imensos necessários e, acima de tudo, a devoção que é indispensável para um trabalho pioneiro na ciência teórica são capazes de captar a força da emoção a partir da qual — e só dela — pode surgir este trabalho, que é tão distante das realidades imediatas da vida... É o sentimento religioso cósmico que dá ao homem esta força. Um pensador contemporâneo disse, não sem razão, que nessa nossa época materialista os trabalhadores científicos sérios são as únicas pessoas profundamente religiosas.⁵⁴

O trecho seguinte dos pensamentos de Einstein é reproduzido da *Autobiografia de Robert A. Millikan*: “Para mim basta contemplar o mistério da vida consciente perpetuando a si mesma ao longo de toda

eternidade — e refletir sobre a estrutura maravilhosa do Universo, que nós só podemos perceber palidamente — e tentar humildemente compreender pelo menos uma parte infinitesimal da inteligência manifestada na Natureza.”⁵⁵

A ideia de que a Natureza é uma manifestação da inteligência parece estar muito longe do conceito que hoje predomina entre os cientistas de que o acaso, a casualidade e a inexistência de leis reinam tanto no mundo subatômico como nos vastos espaços onde os universos nascem e morrem. Em junho de 1990, no programa de televisão *The Quantum Universe* na série *Smithsonian World*, o cientista russo Roger Rees afirmou que “a mecânica quântica fazia tudo parecer casual. Uma coisa podia ir neste ou naquele caminho. Os matemáticos negam a certeza; eles mostram apenas probabilidade e acaso”.⁵⁶

Em *The Emperor's New Mind*, o físico inglês dr. Penrose coloca-se como mais um do número crescente de físicos que acreditam que Einstein não foi teimoso quando afirmou que “o seu dedo mínimo lhe dizia”³¹ que a mecânica quântica era incompleta”.⁵⁷ Penrose acrescentou que os “enigmas, de uma ou outra forma, persistem em qualquer interpretação da mecânica quântica como ela existe hoje”.⁵⁸ Ele acredita que no futuro a teoria quântica irá “passar por algumas modificações fundamentais”, quando poderão ser descobertas algumas leis mais profundas que expliquem até mesmo o grande mistério da consciência humana,⁵⁹ assim como aquilo que aparenta ser a ação casual das partículas atômicas.

A respeito dessa questão, parece adequado citar o artigo de HPB *Mente Cósmica*: “...cada átomo, como a mônada de Leibnitz, é em si mesmo um pequeno universo [e manifesta um certo grau de consciência]”. Ela se refere à opinião semelhante de Thomas Edison: “Eu não acredito que a matéria seja inerte e que uma força externa aja sobre ela. Tenho a impressão de que cada átomo é controlado por uma certa quantidade de inteligência primitiva: vejam como os átomos de hidrogênio combinam-se com os outros elementos... você diria que eles fazem isso sem qualquer inteligência?” HPB acrescentou que “o sr. Edison é um teósofo, embora não seja muito ativo. De qualquer modo, o próprio fato de possuir um diploma [de membro da S.T.] parece inspirá-lo com as verdades teosóficas”.⁶⁰

Aplicando na prática, e adaptando a lei das probabilidades de Heisenberg, alguém pode prever o que uma massa de átomos ou de partículas atômicas fará, mas não pode prever o que uma *unidade individual* fará. Podemos encontrar exemplos dessa chamada escolha por toda parte na Natureza.

HPB admite que seu ponto de vista em relação à presença da inteligência em todo o Cosmo será considerado um ressurgimento das “superstições dos alquimistas loucos”.⁶¹ Isso lembra uma história contada pelo físico Heinz Pagel em seu livro *Cosmic Code: Quantum Mechanics as the Language of Nature* (*Código Cósmico: A Mecânica Quântica Como Linguagem da Natureza*).

De acordo com essa história, Pauli foi, certa vez, até o laboratório Pupin, na Universidade de Columbia, para fazer uma conferência sobre a nova teoria não linear de Heisenberg sobre as partículas elementares. Niels Bohr estava no auditório, e, depois da palestra, comentou que a nova teoria não podia ser correta pois não era suficientemente louca. Pouco depois, Bohr e Pauli estavam sentados em lados opostos da mesa, e Bohr dizia: “A teoria não é suficientemente doida”, enquanto Pauli replicava: “Ela é suficientemente doida”. Era difícil, para quem estivesse de fora, saber o que estava sendo tratado por aqueles dois grandes físicos e compreender que aquilo não era simplesmente loucura. Tanto Bohr como Pauli sabiam que a loucura da teoria quântica é, em última análise, certa.

Nas palavras de Heinz Pagel:

Todas as criações humanas profundas são belas, e as teorias físicas não são exceção. Uma teoria feia tem uma espécie de falta de harmonia conceitual, e é impossível mantê-la por muito tempo na mente... Logo que aparece uma ideia nova, ela parece estranha e fantástica, mas se for correta, mais tarde sua beleza será percebida... Quando os físicos realmente compreenderem a lógica interna do Cosmo, será um belo momento.⁶²

Poderia haver um conceito mais bonito do que a ideia de que, desde as galáxias até os átomos, a vida consciente e inteligente é universal, e não há, em parte alguma, matéria sem vida? Se for verdadeiro, isso poderá resolver o grande enigma da existência ou não de outros mundos habitados, pois se os minerais são vivos, então, naturalmente, todos os mundos são habitados. Em *A Doutrina Secreta*^{*32} há a afirmação impressionante de que todos os globos “são, foram ou serão ‘carregadores de humanidade’”. Em outro

texto, HPB cita o aforismo cabalístico que diz: “Uma pedra transforma-se numa planta; uma planta num animal; um animal num homem; um homem num espírito; e um espírito num deus.”⁶³

A antiga ideia proposta em *A Doutrina Secreta* de que a vida é universal e, na sua essência, espiritual, impõe uma grande responsabilidade aos seres humanos no sentido de usarem de modo benéfico essa vida. O terrível mau uso e o abuso da matéria por parte do homem já ameaça a sobrevivência da Terra.

Em resposta a essa ameaça, mais de mil líderes religiosos, políticos e cientistas, vindos de oitenta e três países, reuniram-se em janeiro de 1990 numa conferência em Moscou, patrocinada pelo Fórum Global dos Líderes Espirituais e Parlamentares sobre Sobrevivência Humana. Vinte e três cientistas presentes, entre eles dois ganhadores do Prêmio Nobel, fizeram um apelo pela formação de uma aliança entre a religião e a ciência. Além de reconhecer a força da religião na formação do comportamento, os cientistas disseram: “Muitos de nós tivemos profundas experiências de admiração e reverência diante do Universo”, acrescentando que eles acreditavam que os “esforços para salvar e preservar o meio ambiente devem estar inspirados por uma visão do sagrado”.

O mais notável nesse apelo é que o seu autor foi o conhecido astrônomo Carl Sagan. Na sua série popular de programas de televisão, chamada *Cosmos*, e no seu livro de grande vendagem que tem o mesmo título, ele demonstrava frequentemente um antagonismo em relação à religião, e foi acusado de ver a ciência como um depósito monolítico da verdade. Quando foi entrevistado a respeito desse apelo, Sagan disse que havia ficado cada vez mais consciente da universalidade da religião e do seu potencial como “uma força para o bem”. Ele acrescentou que embora outros signatários do seu apelo tivessem querido revisar frases do texto sobre alterações climáticas ou a camada de ozônio, nenhum deles questionou as afirmações sobre religião e reverência diante do sagrado.⁶⁴ Houve, no entanto, uma manifestação de discordância por parte de um sacerdote. Para ele era um

engano considerar o homem ou a Natureza como sagrados — e que só Deus é sagrado.

Outros religiosos têm expressado medo de que, se considerarmos toda vida como sagrada, estaremos voltando provavelmente ao panteísmo primitivo, no qual as pessoas cultuavam pedras e árvores. Em *A Doutrina Secreta*, o capítulo intitulado *Resumo*^{*33} tem algumas passagens sobre adoração que merecem ser examinadas:

1) *A Doutrina Secreta* não ensina o ateísmo, salvo no sentido expresso pela palavra sânscrita *Nāstika*, ou repúdio dos ídolos, inclusive todo e qualquer Deus antropomórfico. Nesta acepção, todos os ocultistas são *Nāstikas*.

2) Ela admite um Logos, ou um “Criador” coletivo do Universo; um Demiurgo, no mesmo sentido em que se fala de um “arquiteto” como “criador” de um edifício, embora o arquiteto jamais tenha tocado em uma pedra sequer, mas simplesmente elaborado o plano, deixando todo o trabalho manual ao cuidado dos pedreiros. Em nosso caso, o plano foi traçado pela Ideação do Universo, e a obra da construção entregue às Legiões de Forças e de Poderes inteligentes. Mas aquele Demiurgo não é uma Divindade pessoal — isto é, um Deus extra cósmico imperfeito — e, sim, a coletividade dos *Dhyān-Chohans* e das demais forças.

Quanto a essas últimas, o texto prossegue:

3) Os *Dhyān-Chohans* possuem um caráter dual, sendo compostos de (a) a energia bruta, irracional, inerente à matéria; e (b) a Alma Inteligente ou Consciência Cósmica, que guia e dirige aquela energia, e que é o *Pensamento Dhyān-Choônico* refletindo a *Ideação da Mente Universal*... Tal processo nem sempre é perfeito; e apesar das muitas provas de existir uma Inteligência diretora por trás do véu, existem defeitos e lacunas, resultando muitas vezes em insucessos evidentes; por isto nem a Legião coletiva (*Demiurgos*), nem qualquer das Potências que atuam, consideradas individualmente, devem ser objeto de honras divinas e culto. Todos têm, no entanto, direito à reverência e à gratidão da Humanidade; e o homem deve sempre esforçar-se por ajudar a evolução divina das Ideias, tornando-se, na medida de seus recursos, um colaborador da Natureza em sua tarefa cíclica.

Só o sempre incognoscível *Karana*, a Causa sem Causa de todas as causas, deve ter o seu santuário e o seu altar no recinto sagrado e inviolável do nosso coração; invisível, intangível, não mencionado, salvo pela “voz tranquila e silenciosa” da nossa consciência espiritual. Os que o adoram devem fazê-lo na quietude e na solidão sacrossanta de suas almas; de modo que o Espírito de cada um seja o único mediador entre eles e o Espírito Universal, não tendo por sacerdotes senão as suas boas ações, e sendo as suas tendências pecaminosas as únicas vítimas expiatórias visíveis e tangíveis, oferecidas em holocausto à *Presença*.

Este capítulo começou com uma avaliação da profecia, encontrada em *A Doutrina Secreta*, de que seria feita uma grande ruptura do véu da ciência durante o período de nove anos entre 1888 e 1897. Um cientista amigo, que examinou essa profecia (e o seu cumprimento) de modo mais profundo do que é possível fazer aqui, chegou à seguinte conclusão: “O véu da Natureza foi, na verdade, rasgado com um golpe tão inesperado, tão estonteante e tão estranho, causando efeitos tão inimaginavelmente profundos tanto nos grandes como nos pequenos aspectos da realidade, com consequências tão notáveis para a ciência em todas suas áreas e para a vida diária dos seres humanos, que não há paralelo em toda história.”

*1 Vol. II, p. 442 da edição em inglês.

*2 Vol. II, p. 323-324 da edição em português da Editora Pensamento. (Nota Ed. Bras.)

*3 “O diretor do Departamento de Física da Universidade de Harvard desencorajava o estudo de graduação, pois só bem poucos problemas permaneciam sem solução.” (Gary Zukav, *The Dancing Wu Li Masters*, Nova Iorque, Bantam, 1980, p. 311.)

*4 Vol. I, pp. 129-132 da edição em inglês. (Nota Ed. Bras.)

*5 Vol. II, p. 333 da edição em português da Editora Pensamento. (Nota Ed. Bras.)

*6 O círculo-que-não-pode-ser-transposto (*Ring-pass-not* no original) é aquilo que separa o mundo da forma do mundo sem forma.

*7 Vol. II, p. 232 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*8 “Em 1984”, escreve Stephen Hawking, “houve uma mudança de opinião notável em favor do que é chamado a teoria das cordas... O que antes se via como partículas, é agora representado como ondas viajando ao longo de uma corda ou como ondas vibrando no cordel de uma pipa ou pandorga”. (Hawking, *A Brief History of Time — Uma Breve História do Tempo*, p. 158, 160 da ed. em inglês).

*9 Vol. II, p. 220 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*10 Vol. I, p. 14 da edição em inglês.

*11 Vol. II, p. 335 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*12 Vol. I, p. 198 da edição em inglês.

*13 Vol. IV, p. 242 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*14 Vol. III, p. 165 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*15 Vol. I, p. 254 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*16 Vol. III, p. 15 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

- *17 JUDGE W. Q. *O Oceano da Teosofia*, Brasília: Editora Teosófica, 2020. (Nota Ed. Bras.)
- *18 Uma pesquisa de opinião feita pela organização Gallup em 1982 (George Gallup Jr. em *Adventures in Immortality — Aventuras na imortalidade*, editado pela McGraw-Hill de Nova Iorque, pp. 198-200), declara que oito milhões de pessoas nos Estados Unidos já tiveram experiências com estados próximos à morte!
- *19 Wallace teve contato direto com HPB. Veja a p. 153, Capítulo 10, Parte 4, desta edição. (Nota Ed. Bras.)
- *20 Vol. IV, pp. 218-219 da edição em português. (N. Ed. Bras.)
- *21 *Gotterdämmerung*: crepúsculo dos deuses. (Nota Ed. Bras.)
- *22 Vol. II, pp. 264-265 da edição em inglês. (Nota Ed. Bras.)
- *23 Vol. I, p. 73 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)
- *24 Antes que *A Doutrina Secreta* fosse escrita, HPB já usava essa expressão várias vezes em seus escritos.
- *25 Vol. I, p. 71 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)
- *26 Vol. I, p. 489 da ed. em inglês.
- *27 Vol. I, p. 379 da ed. em inglês.
- *28 No futuro poderá ser comprovado que esses enormes agrupamentos de galáxias descobertos recentemente pertencem, na verdade, a universos diferentes do chamado Universo do Big Bang. Afinal de contas, foi há apenas sessenta e cinco anos que houve o reconhecimento de que existem galáxias fora da Via Láctea, a nossa galáxia.
- *29 Vol. I, p. 111 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)
- *30 “As ideias e os pensamentos mais íntimos de Newton foram deturpados”, escreve HPB, “e da sua profunda ciência matemática foi aproveitada apenas a crosta física. Se o pobre *sir* Isaac Newton houvesse previsto o uso que seus sucessores e discípulos dariam à sua ‘gravidade’, aquele homem piedoso e crente teria preferido certamente comer tranquilamente a maçã, sem jamais dizer uma palavra sobre as ideias mecânicas sugeridas pela sua queda”. (Vol. II, p. 194 da edição em português de *A Doutrina Secreta*.)
- *31 “O dedo mínimo lhe dizia...” — trata-se de uma expressão idiomática bem humorada que significa: “Um palpite, ou uma intuição lhe dizia...” (Nota Ed. Bras.)
- *32 Vol. II, p. 699 da edição em inglês.
- *33 Vol. I, pp. 310-311 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 4

Yeats, James Joyce e Outros Escritores

A renascença literária irlandesa

John Eglinton observa em sua biografia de George Russell, *A Memoir of Æ*, publicada em 1937:

Provavelmente, nunca houve em país algum um período de atividade literária que não tenha sido precedido ou acompanhado por algum acréscimo de interesse religioso... Quem quer que procure este fato na Irlanda daquela época irá reconhecê-lo — a não ser que não queira ver — na ebulição causada nas mentes de um grupo de jovens pelo início das atividades do movimento teosófico em Dublin. A prova disso é que não só não havia nenhum outro movimento religioso na Irlanda, mas, que Yeats e Russell, que viriam a ser os principais líderes do Renascimento Literário, estavam estreitamente ligados à Teosofia.

Em *Irish Literature and Drama*, Stephen Gwynn menciona que esses dois homens dominaram o ressurgimento literário e influenciaram toda a vida intelectual da Irlanda naquela época.⁶⁵

Em 1896, Russell escreveu para Yeats: “Os deuses estão enchendo a Irlanda com fogo; os místicos estão chegando de todas as partes, tal como H.P. Blavatsky e W.Q.

Judge profetizaram. O que Emerson fez pelos Estados Unidos, nós podemos fazer agora e até com maior efeito.”⁶⁶

Em *Ireland's Literary Renaissance (A Renascença Literária na Irlanda)*, Ernest Boyd escreve:

O movimento teosófico foi um centro literário, artístico e intelectual cuja influência foi sentida por muitos que não pertenciam a ele. Além disso, formou um ponto de encontro para os intelectos ativos, jovens ou velhos, desde John O'Leary e George Sigerson até W.B. Yeats e Æ. Colocou em contato as mais diversas personalidades, e ampliou definitivamente o escopo da nova literatura, enfatizando o seu avanço marcante em relação a todos os movimentos anteriores do país... Foi uma espécie de cadinho intelectual, de onde surgiram fortalecidos os verdadeiros e sólidos elementos da nacionalidade, enquanto o refugio era colocado de lado.

Boyd conta como o movimento teosófico em Dublin surgiu, numa tarde de 1885, na casa de Edward Dowden, autor de *The Life of Shelley (A Vida de Shelley)*. Yeats estava presente:

Alguém mencionou um livro estranho que tinha aparecido recentemente, *Budismo Esotérico*, escrito pelo teósofo A.P. Sinnett. Yeats obteve uma cópia do livro e recomendou-o a Charles Johnston, seu amigo desde a infância, que desejava ser um missionário cristão. Depois de ler o livro, Johnston viu-se convertido aos pontos de vista do autor e, em seguida, ele e alguns outros reuniram-se a Yeats para discutir regularmente tais assuntos. A *Dublin University Review* anunciou que “foi fundada em Dublin uma sociedade para promover as religiões orientais e a Teosofia em geral. Ela foi denominada Sociedade Hermética...”⁶⁷

No ano seguinte, Johnston foi a Londres entrevistar Blavatsky. Junto com Claude Falls Wright,⁶⁸ ele ajudou a criar a loja teosófica de Dublin, que teve sob sua influência muitos outros escritores irlandeses desse período.

“Aqueles jovens entusiastas”, diz Boyd, “criaram com o tempo um centro permanente de atividade intelectual, que se materializou em parte na literatura de um dos Ressurgimentos Irlandeses mais interessantes. Suas revistas *The Irish Theosophist*, *The Internationalist* e *The International Theosophist* publicaram muito material que, desde então, ocupa lugar de destaque na literatura anglo-irlandesa moderna”.⁶⁹ A publicação mais importante delas, *The Irish Theosophist*, está reunida em cinco volumes, começando em outubro de 1892.

Quando morava em *Lansdowne Road*, 17, HPB escreveu para a srta. Georgie Johnston (irmã de Charles):

...estou satisfeita por ver uma sede de conhecimento autêntica e sincera nos irmãos irlandeses. São sempre os irlandeses — que foram e são os melhores membros da S. T. — meus amigos mais queridos e confiáveis. Quando todos os anglo-indianos se levantaram contra mim na Índia, e vários companheiros ingleses me abandonaram em 1884, foi o capitão Bannon, o capitão O’Grady e mais cinco ou seis que permaneceram, defendendo-me firmemente contra todos os ataques. Confio nos irlandeses e amo-os desde 1851, quando Johnny O’Brien quase morreu para salvar a minha vida na Grécia.⁷⁰

William Butler Yeats (1865-1939)

T.S. Eliot via Yeats como “um dos poucos cuja história pessoal é a história do seu próprio tempo, que fazem parte da consciência de uma época, a qual não pode ser entendida sem eles”.⁷¹

Um dos primeiros contatos de Yeats com a Teosofia ocorreu em 1884, quando Mohini Chatterji veio para a Irlanda com Olcott, durante o período em que HPB visitou a Europa. Dois anos depois, quando frequentava uma escola de arte, ele leu os livros de Sinnett *O Mundo Oculto* e *Budismo Esotérico*. A experiência foi extraordinária; ele deixava de ir às aulas para dedicar-se a esses estudos. Ele se tornou um membro muito ativo da S.T. em Dublin e da sua predecessora, a Sociedade Hermética, da qual foi presidente. Em 1887, a família Yeats mudou-se para Londres. Ele visitou HPB pela primeira vez quando ela estava em Maycot e mais tarde quando ela já vivia na *Lansdowne Road*. Ali ele se tornou membro da loja Blavatsky. Em 1888, quando foi criada a Seção Esotérica, foi um dos seus primeiros membros.

O professor William York Tindall, num ensaio de 1942 chamado *O Transcendentalismo na Literatura Contemporânea*, inclui a seguinte análise sobre o interesse de Yeats em Blavatsky:

Na sua condição de intermediária entre o Oriente e o Ocidente, esta mulher extraordinária iluminou Yeats, que estava pronto para receber o que ela oferecia. Há alguns anos ele considerava os biólogos e os físicos responsáveis pelo materialismo ocidental e pela limitação espiritual que o acompanhava. No início dos anos 1880, ele se lamentava de que Darwin, Huxley e Tyndall haviam destruído a religiosidade da sua juventude e não lhe haviam dado nada em troca. Forçado por seu próprio intelecto e pelos ensinamentos daqueles cientistas a aceitar o materialismo, ele se sentia infeliz sob esta dominação e buscava algo para satisfazer os anseios persistentes e irracionais da sua alma. A igreja da Irlanda não era mais suficiente... Nessa situação difícil ele descobriu a Teosofia, que... oferecia à sua alma, sem prejudicar seu intelecto, a expansão ardentemente desejada.

Tindall acreditava que a experiência de Yeats era típica de muitos dos escritores da sua época: “Entre os homens de letras que perambulavam pela Terra arrasada de T.S. Eliot ou entre os dois mundos de [Matthew] Arnold, a Teosofia era a alternativa favorita...”

O fato de que o interesse de Yeats por HPB foi ardente desde o início pode ser percebido por uma de suas cartas desse período. Ele escreveu a John O’Leary.

Venha vê-la quando você estiver em Londres. Ela é uma pessoa extremamente humana; é como uma velha camponesa, e completamente devotada. Toda a sua vida consiste em ficar sentada numa grande cadeira com uma pena na mão. Há anos ela escreve doze horas por dia.⁷²

Em uma das suas *Letters to the New Island (Cartas Para a Nova Ilha)*, ele conta:

H.P. Blavatsky... é certamente uma mulher de grande conhecimento e caráter. Um brincalhão de Londres qualificou-a, certa vez, como uma comediante medíocre do mundo futuro. Esta frase, completamente oposta à realidade, só tinha de verdade o fato de que esta estranha mulher sempre pode apreciar uma piada, mesmo contra si mesma.⁷³

E em *Occult Notes and Diaries (Notas e Diários Ocultos)* há este registro.

Acredito que os instrutores da sra. Blavatsky são seres inteiramente honrados e sábios, e tenho confiança total neles, como o aluno deve ter em seu instrutor.⁷⁴

Nesses “*Diários Ocultos*”, Yeats também mostrou sua decepção com a Seção Esotérica porque não eram feitas experiências ocultas, e por isso ele pressionou HPB para fazer experimentos. Sabendo que na opinião dela essas investigações podiam ser perigosas, ficou surpreso quando HPB concordou que ele as realizasse. Ele conta:

Eu estava sempre ansioso por comprovações, mas tinha vergonha de admitir os meus anseios, e lera em *Astrology*, de Sibly, que se você queimasse uma flor até reduzi-la a cinzas e colocasse as cinzas debaixo de uma redoma de vidro ao luar, o fantasma da flor surgiria diante de você. Persuadi membros da seção que viviam mais isolados do que eu a colaborar e pude fazer com todo sossego a experiência, queimando sem cessar muitas flores.⁷⁵

Um desrespeito tão fútil contra a natureza incomodou os membros, e como Yeats aparentemente não estava disposto a suspender as suas atividades, foi pedido, de modo cortês, que ele se afastasse. Ele deixou o movimento em 1889.

Na famosa autobiografia de Yeats, o capítulo *Quatro Anos: 1887-1891* trata das suas relações com HPB. Também fala da sua associação com o movimento *Golden Dawn* e com um dos seus principais fundadores, MacGregor Mathers, um cabalista e teósofo, autor de *The Kabbalah Unveiled (A Cabala Sem Véu)*. Quando a edição de 1922 da autobiografia de Yeats foi publicada sob o título *The Trembling of the Veil (O Tremor do Véu)*, a esposa de Mathers, Moira, irmã do importante filósofo francês Henri Bergson, ficou incomodada pela análise feita por Yeats do seu falecido esposo, e escreveu ao poeta:

As [suas] imprecisões podem ser resultado do fato de que você narrou eventos e impressões de tantos anos atrás, quando já havia perdido completamente o contato com o que você queria retratar... E também observei o seu estudo sobre HPB, uma outra grande pioneira que tornou mais fácil o caminho para você e para mim. Você não consegue ver a alma que está por trás daqueles olhos, embora tenha descrito admiravelmente a sua forma externa.⁷⁶

Os trechos que seguem mostram, no entanto, que às vezes ele parecia captar um relance da verdadeira HPB:

Durante as noites ela sentava diante de uma pequena mesa coberta por um pano verde, e sobre este pano verde ela fazia anotações constantemente. Ela anotava símbolos, às vezes explicáveis de modo humorístico e, às vezes, figuras ininteligíveis, mas o objetivo era anotar o escore dos seus jogos de paciência. Via-se na peça ao lado uma grande mesa onde a cada noite os seus seguidores e convidados sentavam frequentemente em grande número para fazer a sua refeição vegetariana, enquanto ela os encorajava, ou zombava deles, através das portas abertas. Ela era uma personalidade apaixonada, uma variante feminina do dr. Johnson, e causava uma profunda impressão, penso, em qualquer homem ou mulher que tivesse alguma riqueza interior. Ela parecia impaciente com o formalismo e o idealismo fortemente abstrato dos que a rodeavam. A impaciência dela explodia, e ela xingava e dava apelidos às pessoas: “Ah, você é um bobalhão,^{*1} mas por outro lado é um teósofo e um irmão...”

Além dos devotos que vinham para ouvi-la e para transformar cada doutrina em uma nova aprovação das convicções puritanas da infância vitoriana deles, vinham também figuras exóticas de metade da Europa e de toda a América, e eles vinham para falar. Um norte-americano disse para mim: “Ela se transformou na mulher mais famosa do mundo enquanto ficava sentada na sua grande cadeira e deixava que falássemos.” Eles falavam enquanto ela jogava paciência e registrava os seus pontos no pano verde, e geralmente parecia estar escutando, mas, às vezes, não ouvia mais. Certa noite, uma mulher falava o tempo todo sobre a “centelha divina” que estava dentro dela até que a sra. Blavatsky a fez parar dizendo — “Sim, minha querida, você tem uma centelha divina dentro de si, e se não tiver muito cuidado você vai ouvi-la roncando!” Eu a via sempre cheia de uma alegria que, ao contrário das eventuais brincadeiras dos que a rodeavam, era ilógica e imprevisível e, no entanto, sempre amável e tolerante. Fui visitá-la certa noite em que ela não estava em casa, mas era esperada a qualquer momento. Ela tinha estado em algum lugar perto do mar por razões de saúde e chegou com um pequeno número de acompanhantes. Sentou-se imediatamente na sua grande cadeira e começou a desembulhar um volume que estava envolto em um papel pardo enquanto todos olhavam cheios de curiosidade. Ele continha uma Bíblia. “É um presente para a minha empregada”, ela disse. “Mas que Bíblia, ela nem sequer tem comentários”, disse uma voz com espanto, e a resposta de HPB foi: “Bem, meus filhos, por que dar limões a quem quer laranjas?”

Com relação aos Mestres, Yeats lembra:

[Todos os membros da casa onde estava HPB] pareciam sentir a presença deles, todos falavam deles como sendo mais importantes do que qualquer morador visível do local. Quando a sra. Blavatsky estava mais silenciosa, menos animada que habitualmente, era porque “os mestres estavam irritados”; eles a haviam repreendido devido a algum erro, e ela dizia que cometia

erros constantemente. Certa vez pareceu-me estar na presença de um deles, ou de um mensageiro deles. Por volta de nove horas da noite, éramos meia dúzia de pessoas sentadas ao redor de uma grande mesa recoberta por um pano, quando o aposento se encheu de perfume de incenso. Alguém veio do andar de cima, mas não percebeu nenhum cheiro — havia ficado fora da influência, parece — porém para mim e para os outros o perfume era muito forte. A sra. Blavatsky disse que era um incenso indiano comum, e que um discípulo do seu “Mestre” estava presente; e ela parecia ansiosa para mudar de assunto e voltar a conversa para algo diferente. Sem dúvida aquela era uma casa romântica, e eu só me afastava dela contra a minha vontade.⁷⁷

Nem no que foi relatado acima, nem nos outros escritos de Yeats pode-se localizar algum reconhecimento por parte dele de que Blavatsky tivesse influenciado de alguma maneira a sua prosa ou poesia.^{*2} No entanto, autores recentes encontraram muitas evidências de que isto ocorreu. Uma amostra dessas influências pode ser encontrada na nota bibliográfica número 78, da parte 7, ao final deste volume.

Uma visão geral da influência de Blavatsky sobre Yeats é dada por Richard Ellmann, o famoso biógrafo de J. Joyce. Um trecho da sua biografia *Yeats: The Man and the Mask* (*Yeats: O Homem e a Máscara*) diz:

Com relação a doutrinas específicas, Yeats aceitava tacitamente a maior parte do que os teósofos pensavam, embora, compreensivelmente, ele preferisse atribuir tais doutrinas a Boehme, Swedenborg e outras fontes famosas, a quem ele se sentia agora inspirado a ler, mais do que a Blavatsky... Pode ser que as ideias dela tenham tido efeitos imediatos ou talvez tenham permanecido latentes em sua mente, mas de qualquer modo elas deram aos pensamentos dele uma base, e a obra em que ele depois expressou a sua própria filosofia e teologia, *A Vision* (*Uma Visão*), está cheia de ligações com a Teosofia...

Depois de dar exemplos de outras possíveis influências, Ellmann continua:

As tradições ocultas e religiosas reunidas pela Teosofia tinham muito material profundo e sensível... O que Yeats queria fazer agora era sistematizar seu conhecimento e unir sua intuição à dos grandes poetas e místicos para executar experiências e comprovar a existência de um mundo oculto, para descrever esse mundo com mais precisão que a sra. Blavatsky e num estilo melhor que o dela... A Teosofia havia-lhe dado o escudo e a espada, e foi à frente como um Dom Quixote — embora ainda com alguma hesitação — para enfrentar os moinhos de vento do mundo moderno... Apesar do seu afastamento final, cinco ou seis anos de Teosofia, três dos quais como membro muito ativo sob a orientação da fundadora da Sociedade, haviam deixado suas marcas em Yeats.⁷⁹

A obra de Yeats deu-lhe vitórias e honrarias notáveis. Em 1925 ele recebeu o Prêmio Nobel da literatura. Em seu discurso na Real Academia Sueca, ele disse: “Quando o seu rei deu-me uma medalha e um diploma,

duas pessoas estavam junto a mim, uma de cada lado: uma velha mulher com a fraqueza da idade avançada e o espírito de um homem jovem.” Na simbologia cabalística da árvore da vida são *Chocma* [*Hokhmah*] e *Binah*, o amor maternal e compreensivo e um intelecto brilhante.⁸⁰ No entanto, no começo da carreira de Yeats havia uma mulher idosa ao seu lado, protegendo-o como um filho querido, como revela o exemplo seguinte.

No manuscrito original do que se tornaria sua autobiografia, Yeats escreve a respeito de HPB: “Lembro como ela cuidava para que os jovens ao redor dela não trabalhassem demais”, e depois acrescentou: “Eu a ouvi dizendo a um estranho pouco amável que me criticara por eu falar demais: ‘Não, não, ele é muito sensível’.”⁸¹ Em outra ocasião Yeats disse que talvez um motivo para sentir-se atraído por HPB era que, na presença dela, escapava da “inquietação da minha mente”. Ela era “cheia de humor, não tinha fanatismo e parecia mostrar sempre uma mente mais honesta que a dos outros”.

Mais de uma vez HPB protegeu Yeats de envolvimento em práticas psíquicas. Yeats escreveu para o escritor irlandês John O’Leary: “Você não precisa ter medo que eu vá para o mesmerismo. Meu interesse no assunto é pequeno. Não tenha medo de que a sra. Blavatsky me leve a essas questões — ela é bastante contra elas, detesta veementemente o espiritismo — e diz que mediunidade e insanidade são a mesma coisa.”⁸²

Similarmente, Yeats escreveu no manuscrito original da sua autobiografia:

Ela me advertia frequentemente contra o excesso de esforço ou de crença. Uma noite, eu estava sentado em silêncio no meio de um grupo que discutia, e notei que havia uma luz vermelha curiosa sobre um quadro em um quarto que eu podia ver pela porta aberta. Avancei em direção ao quadro, e quando cheguei perto, a luz desapareceu. Voltei então para o meu lugar e ela perguntou: “O que era?” “Um quadro”, disse eu. “Diga-lhe que vá embora.” “Ele já foi.” “Está certo”, disse ela, “pensei que fosse mediunidade, mas é apenas clarividência”. “Mas qual é a diferença?” — perguntei. “Se fosse mediunidade não teria desaparecido. Tenha cuidado com isto...”⁸³

Yeats teve uma experiência de aprendizado muito diferente com HPB, que está registrada em *Lady Gregory’s Journals* com data de 3 de novembro de 1925:

Ao ler durante as noites *Phineas Finn*, de Trollope, para Yeats [*lady Gregory lembrou*] do primeiro esforço [de Yeats] para falar ao Parlamento ^{*3} que Birrell disse ter sido maravilhoso...

Perguntei a Yeats como tinha começado a falar em público, e ele me disse que havia-se acostumado a falar nas pequenas sociedades teosóficas a que havia pertencido. Mas a sua melhor lição veio da sra. Blavatsky. Ele havia (como Phineas) preparado um discurso com grande cuidado, escrevera-o todo e o lera na reunião. Mas o discurso foi recebido com um silêncio total, e ele percebeu que os ouvintes não haviam entendido uma palavra. A sra. Blavatsky chamou-o e disse: “Dê-me o manuscrito. Agora volte lá e diga o que tem a dizer.” E ele falou então com grande sucesso.⁸⁴

George W. Russell (Æ) (1867-1935)

O cientista britânico Raynor Johnson escreve sobre George Russell em *The Light and the Gate (A Luz e o Portal)*:

Se é sinal de grandeza tornar-se a personificação da espiritualidade para muitas outras pessoas, Æ pode ser considerado, provavelmente, o maior irlandês da sua época... Todos que o conheciam sentiam que ele era “diferente” — de certa forma afastado, como se tivesse vindo para este mundo de um outro mais antigo e mais sábio e com o qual estava mais familiarizado... Sentia uma profunda simpatia pelo homem desde sua posição distante... Ele escreveu: “Lembro a paz profunda que chegou até mim quando tive a intuição de que Cristo e Prometeu estão em cada coração; que todos carregamos conosco o peso do mundo como fez Cristo, e podemos prever, como Prometeu, a agonia do trabalho que aceitamos fazer, até que o caos seja vencido, transformado em algo semelhante à imagem da mente divina.” Muito da sua poesia fala do homem colocado diante desta tarefa milenar — desterrado do “Eu Ancestral” — a “majestade caída” — percorrendo lentamente o seu caminho de volta.⁸⁵

Sobre o modo como Æ entrou em contato com a Teosofia, escreve o seu biógrafo Henry Summerfield:

Enquanto Russell estava estudando arte, ele começou a escrever versos e, pouco depois, ficou entusiasmado com o que dizia um novo aluno que ingressara na Escola Metropolitana em maio de 1884. Este jovem, dois anos mais velho do que ele, era magro, de cabelos negros, e vestia-se descuidadamente; ele parecia e falava como um poeta e, em seguida, suas conversas passaram a girar em torno de histórias sobre a sra. Blavatsky e os seus Mestres do Himalaia, que tinham centenas de anos de idade.

Esse jovem era Yeats. Pouco mais tarde, enquanto “esperava por um amigo numa casa de pensão, ele começou a conversar com um estranho, Charles Johnston, colega de estudos de Yeats havia pouco tempo”. Por meio desse contato ele ficou ainda mais atraído pela Teosofia.⁸⁶

Um íntimo amigo de Æ escreveu que naquela época ele era um “jovem tímido e inseguro”, mas “assimilou a Teosofia com uma rapidez quase miraculosa, como se fosse ‘uma lição bem conhecida, esquecida temporariamente, mas que agora recordava com uma compreensão mais

ampla'. Em uma semana ele já estava tomando parte em discussões com velhos estudantes e fazendo palestras sobre seus novos-antigos estudos".⁸⁷

Ele continua:

Sua base em Teosofia foi dada pelos artigos de W.Q. Judge nas revistas *Path* e *Lucifer*, esta última de HPB. Então veio a grande série de obras de HPB: *A Doutrina Secreta*, *A Voz do Silêncio* e *A Chave Para a Teosofia*. Imerso (cito suas próprias palavras) "nessa leitura, pensei com assombro no que eu devia ter feito para merecer nascer numa época em que tal sabedoria era oferecida para todos que solicitassem, pedissem emprestado ou roubassem exemplares desses livros".⁸⁸

Numa carta (de 17 de outubro de 1922) para B.P. Wadia, um notável teósofo da Índia, Russell disse que os teósofos podiam trabalhar com outros movimentos além da Sociedade Teosófica, "e transmitir a eles uma tendência espiritual". "Tentei fazer isso", escreveu ele, "nos movimentos econômicos e culturais de que participei na Irlanda".⁸⁹

Russell tornou-se colaborador ativo da Sociedade Agrícola Irlandesa, de *sir* Horace Plunkett. E durante oito anos viajou por cada condado da Irlanda falando aos agricultores sobre as vantagens das cooperativas. Durante vinte anos ele editou a publicação *Irish Homesteader* e, durante dez anos, o *Irish Statesman*. Devido a sua vasta experiência neste campo, ele foi consultado por dois primeiros-ministros britânicos e, durante os dias mais negros da Depressão, foi convidado para ir aos Estados Unidos pelo ministro da Agricultura, Henri Wallace, para fazer um giro de palestras em vários estados e cidades, com o objetivo de avaliar os efeitos do *New Deal*^{*4} e encorajar os agricultores na sua luta contra a pobreza.

Enquanto estava em Nova Iorque, a Sociedade de Poesia ofereceu um jantar em sua homenagem, durante o qual todos os oradores afirmaram que Æ era o homem mais admirado da Irlanda.⁹⁰ Homenageado tanto por sua poesia como por seus textos em prosa, ele era um artista notável.

Foi levantada a questão sobre se ele chegara ou não a conhecer HPB. Uma testemunha que afirma que sim é James Pryse, que conta que conheceu Russell quando ele fazia visitas frequentes à sede da S.T., em Londres.⁹¹ P.G. Bowen acrescenta que essas visitas "eram feitas graças aos bons ofícios de Charles Johnston e da sra. Johnston, sobrinha de HPB". Quando várias pessoas na presença de Æ e Yeats questionaram a autenticidade dos fenômenos de Blavatsky, Russell teria dito para o seu

amigo a caminho de casa: “Eles podem dizer o que quiser, mas eu a vi fazendo coisas maravilhosas.”⁹²

Yeats e Russell foram grandes amigos durante o período em que estavam conectados com a Teosofia, mas Colin Wilson observa no seu livro *The Mysteries*:

Yeats e Russell afastaram-se um do outro depois de 1890. Yeats havia-se tornado membro do movimento *Golden Dawn*, e Russell não gostava de magia ritualística. Embora aceitasse os princípios básicos da magia —como sua obra revela— Russell foi sempre um místico, absorto na sua visão da unidade fundamental do Universo e na sua certeza de que a consciência individual é apenas um fragmento da consciência coletiva da humanidade.

Mas a diferença entre Yeats e Russell não se limitava a isso. As percepções místicas e religiosas de Russell eram mais profundas do que qualquer coisa que Yeats houvesse experimentado.

Yeats permaneceu voltado para o mundo externo, consumido pela curiosidade intelectual, tentando fazer uma ponte entre o Universo do místico e o Universo do homem comum. O resultado é que Yeats é um grande poeta enquanto Russell é um poeta menor.⁹³

Alguns autores falam da ligação de Æ com a Teosofia e com a Sociedade Teosófica de Dublin como algo que corresponde apenas a uma fase inicial do seu desenvolvimento. Mas as ações e palavras dele demonstram o contrário, como indicam as palavras do capitão Bowen: “Desde 1898 até 1933, quando deixou a Irlanda, Æ manteve ativo um grupo de estudantes sinceros sob o nome de Sociedade Hermética.” Em uma carta anterior para Bowen, Æ dissera:

Às vezes tínhamos um grande número de membros, às vezes o número era pequeno. Ela se expandia e encolhia, e expandia-se de novo com as pessoas indo e vindo; eu me sentia internamente satisfeito porque eles passavam mais ou menos por um banho de ideias teosóficas. Eu não tinha nenhuma doutrina particular, nada além de HPB, W.Q. Judge, a *Bhagavad-Gitā*, os *Upanishads*, *Patañjali* e uma ou duas escrituras... fiz o máximo que pude para que se continuassem os estudos iniciados por HPB e WQJ.⁹⁴

O que despertava o afeto das pessoas por Russell era que ele vivia a sua filosofia. Em 1935, quando ele morreu, o *Irish Times* revelou que a procissão dos que o acompanharam até o seu túmulo teve dois quilômetros de comprimento. Summerfield escreve:

Uma mulher, obviamente pobre, colocou no seu túmulo uma grande quantidade de flores. Ela havia trabalhado como empregada doméstica na sua casa durante os primeiros anos do casamento dele, e “teve problemas”, mas em vez de ser despedida ela foi protegida. Quando

questionaram a homenagem com flores caras, ela respondeu: “Eu estaria disposta a morrer por ele.”⁹⁵

James Joyce (1882-1941)

Seria difícil encontrar duas pessoas com temperamentos mais diferentes que Æ e James Joyce. No entanto, quando Joyce decidiu, em 1902, ingressar nos círculos literários de Dublin, a primeira pessoa que ele procurou foi Russell. Richard Ellmann conta a história na sua biografia James Joyce. Russell não estava em casa quando Joyce bateu a sua porta às dez horas da noite, no começo de agosto. Ellmann conta:

Quando viu que a batida não era atendida, ele caminhou para cá e para lá na rua até que Russell retornou. Já era meia-noite, mas decidido a não desistir da sua ideia, Joyce bateu na porta mesmo assim e perguntou se era muito tarde para falar com ele. “Nunca é tarde”, Russell respondeu encorajadoramente, e o fez entrar. Eles sentaram, e Russell olhou para Joyce em tom de pergunta. Como Joyce estava com dificuldade de explicar por que tinha vindo, Russell falou um pouco e depois perguntou: “Já está pronto?” Ainda não estava.

Russell contou a Joyce que a sua vida era dividida em três partes: economia, literatura e misticismo. Seria a economia ^{*5} que interessava Joyce? Não, não era isso. Joyce disse afinal, timidamente, o que havia planejado dizer audaciosamente; que ele pensava que um avatar poderia nascer na Irlanda. Ele podia estar-se referindo a si mesmo, mas estava implícito, segundo a percepção de Russell, que a visão do seu anfitrião fumando um cachimbo, sentado confortavelmente numa poltrona, fizera Joyce pensar de modo diferente. Ele ficou, no entanto, conversando durante horas.

Segundo Ellmann, o principal objetivo de Joyce ao procurar Russell era que “ele estava cheio de informações sobre filosofia oriental e era um meio de acesso a ela para outros escritores”. Eles começaram a falar de assuntos teosóficos, “embora Joyce fosse cético em relação à Teosofia e a considerasse um refúgio para protestantes descontentes... Apesar disso ele estava realmente interessado em temas teosóficos como os ciclos, a reencarnação, a sucessão de deuses e a fé-mãe eterna que subjaz a todas as religiões transitórias”.

Quando os dois começaram a discutir os escritores de Dublin, continua Ellmann:

[Joyce] admitiu que Russell realmente havia escrito uma ou duas poesias líricas, mas alegou que Yeats havia caído em uma confusão. Ele falou de modo depreciativo de todos os outros também. Quando pressionado por Russell, ele leu alguns dos seus poemas, mas não sem antes

deixar claro que pouco se importava com a sua opinião a respeito deles. Russell disse que eles tinham mérito, mas que ele devia deixar de lado as formas tradicionais e clássicas.

Joyce seguiu esse conselho, de maneira devastadora, ao escrever seus romances!

Russell terminou dizendo (algo que mais tarde ele lembraria com satisfação): “Você ainda não tem dentro de si caos suficiente para criar um mundo.”⁹⁶ De qualquer modo, na época em que escreveu *Ulysses*, Joyce tinha caos suficiente dentro de si para mudar todo o mundo dos escritores ocidentais, que nunca mais foi o mesmo desde então! Mesmo aqueles que detestam Joyce não podem ignorá-lo. “Ele tornou impossível não ter consciência da escolha das palavras”, diz Ted Mooney.⁹⁷ A opinião de Æ era: “Penso com horror naquele famoso livro, *Ulysses*, que é a última fronteira do realismo, mas também penso nele com respeito. Se Joyce viesse a escrever um *Purgatório* e um *Paraíso* para o *Inferno* que é o seu ‘*Ulysses*’, esta seria uma das maiores obras da literatura.”⁹⁸

No livro de Stuart Gilbert intitulado *James Joyce’s Ulysses (Ulysses de James Joyce)*, preparado em Paris com a ajuda constante de Joyce, Stuart aborda o contato de Joyce com a Teosofia e os teósofos irlandeses e escreve no prefácio:

Um dia, quando estávamos discutindo... o interessante livro da sra. Blavatsky *Ísis Sem Véu*, (Joyce) perguntou-me se eu havia lido alguma das obras de Sinnett. (A.P. Sinnett, um homem culto e inteligente, fazia parte do círculo de amigos da sra. Blavatsky na Índia e foi seu biógrafo.) Naturalmente, segui a sugestão e comprei as suas [obras sobre Teosofia] *Budismo Esotérico* e *Growth of the Soul (O Crescimento da Alma)*, livros bem escritos e dos quais Joyce retirou algum material.⁹⁹

No ensaio de Russell M. Goldfarb intitulado *Madame Blavatsky* e publicado no *Journal of Popular Cultures* (inverno de 1971), ele mostra o contraste entre a atitude de Joyce com relação ao trabalho de HPB e a postura de Ernest Rhys, um amigo de Yeats:

A sra. Blavatsky não despertou vontade em Ernest Rhys de converter-se a sua causa, e o que ele leu nos livros dela não fortaleceu a sua confiança nela. O ceticismo de Rhys aparece em *Ulysses* de James Joyce, quando J.J. O’Molloy diz para Stephen Dedalus, “O que você pensa, realmente, daquela turma hermética, os poetas da quietude opalina? Æ será o mestre místico? Foi aquela mulher, Blavatsky, que começou isto tudo. Ela tem um ótimo repertório de truques”. Enquanto Rhys conheceu HPB e a rejeitou, James Joyce leu suas obras e nelas se inspirou. No livro *James Joyce’s Ulysses*, Stuart Gilbert faz constantes citações de *Ísis Sem Véu*, em notas de

pé de página, para explicar as referências de Joyce à alma astral, à reencarnação, a Koot Hoomi e ao elemental de HPB.

Gilbert revela que o uso que Joyce faz da ideia de reencarnação é um dos temas condutores em *Ulysses*. Gilbert já havia avisado seus leitores de que é “impossível captar o significado de *Ulysses*, o seu simbolismo e a importância dos seus *leitmotifs* sem uma compreensão prévia das teorias esotéricas que são subjacentes a este trabalho... Há inúmeras referências em *Ulysses* ao eterno ressurgimento das personalidades, e muitas das suas passagens mais obscuras podem ser compreendidas se tivermos isto em mente”.¹⁰⁰

Ellmann, que enumerou outros temas condutores derivados da Teosofia, comentou que *Finnegans Wake* reuniu todos eles em uma doutrina semi-secreta; uma das ideias eram os ciclos. O poeta norte-americano Eugene Jolas revelou que em *Wake*, Joyce “pintou as rotações da roda da vida e fez um herói com base no tempo: um processo constante de criação e retorno. Ele reconstruiu a cidade ao longo das eras e das múltiplas metamorfoses de Finn”.¹⁰¹

O livro de Leon Edel sobre Joyce afirma que “tudo que Joyce escreveu, desde os sermões sobre inferno em *A Portrait of the Artist (Um Retrato do Artista)* até as últimas palavras de *Finnegans Wake*, e os ecos da vida, morte e ressurreição, os ciclos da história, que desde o início medem a vida do homem — tudo estivera presente em sua mente desde sempre”.¹⁰²

A Portrait of the Artist conclui com estas palavras notáveis do herói Stephen Dedalus, quando ele se lança ao mundo para iniciar sua carreira: “Vou pela milionésima vez encontrar a realidade da experiência e forjar na oficina da minha alma a consciência, ainda não criada, da minha raça... velho pai, velho mestre do ofício, mantém-me, agora e sempre, em uma posição correta.”¹⁰³

No estudo de M.J.C. Hodgert sobre *Ulysses* e *Finnegans Wake*, publicado no *Cambridge Journal* (outubro de 1952), ele chegou à conclusão de que “Joyce considerava o Ocultismo uma estrutura adequada para as suas mais sérias concepções literárias, do mesmo modo que Yeats”.

Autores britânicos e americanos

Jack London (1876-1916)

London é famoso por seus romances de aventura como *The Call of the Wild*, seu primeiro livro. Poucos poderiam esperar que um dos seus personagens fosse trazer para casa, de uma biblioteca, um exemplar de *A Doutrina Secreta*, depois de um encontro casual com um teósofo. Isso é contado no livro semiautobiográfico de London, *Martin Eden*, de 1906. Outro personagem, Stevens, também é teósofo. Há uma análise da obra *Martin Eden* em relação à carreira literária de London, no capítulo 9 da dissertação de doutorado de William Linville, intitulada *Helena Petrovna Blavatsky, Theosophy and American Thought (Helena Petrovna Blavatsky, Teosofia e o Pensamento Norte-americano)*.

Os personagens de London caracterizam-se, geralmente, por serem dominados por um egoísmo esclarecido, ao lado de uma vontade teimosa de superar todos os obstáculos até alcançar as suas metas, mas ao mesmo tempo seguem a mais elevada ética. Esta posição é defendida em uma passagem de *A Chave Para a Teosofia*, de HPB: “Nenhum teósofo tem direito a usar esse nome a menos que esteja completamente convencido da importância do truísmo de Carlyle: ‘A meta do homem é a ação e não o pensamento, mesmo que este seja dos mais elevados’.”

Os “espíritos da ‘Loja Branca’”, de London, diz Linville, “nunca foram tomados pelos impulsos teosóficos dele. London transmitiu as ideias de HPB em muitos dos seus melhores livros, mas nunca deixou de pensar que talvez o suave otimismo dela fosse muito pouco ‘masculino’ para que Jack London o aceitasse completamente”.

No entanto, segundo Linville, uma ideia da filosofia de HPB que London parece ter aceitado fortemente é a da reencarnação, e especialmente nos seus livros *Before Adam* e *The Star Rover*.^{*6} Neste último livro encontramos:

Durante toda minha vida tenho tido uma consciência de outros tempos e lugares. Tenho percebido outras pessoas em mim... Eu, cujos lábios nunca haviam balbuciado a palavra “rei”, lembrei que um dia havia sido filho de um rei. Mais — lembrei que uma vez havia sido um escravo e um filho de um escravo, e tinha usado um colar de ferro em redor do meu pescoço... Todos os meus eus anteriores têm suas vozes, seus ecos, suas mensagens em mim... Sou um homem nascido de uma mulher. Meus dias são poucos, mas a substância com que sou feito é indestrutível. Já fui uma mulher e dei à luz os meus filhos. E nascerei novamente. Ah, nascerei inúmeras vezes, ainda.

Essa ênfase na reencarnação aparentemente inspirou outro autor, James Jones, a escrever a seguinte passagem, transcrita de *From Here to Eternity*:

[Prewitt] lembrou um dia, sem motivo aparente, como Jack Malloy sempre havia falado de Jack London o tempo todo... E então ele começou a ler os livros de London avidamente. De todos, ele gostou mais de *Before Adam* e *The Star Rover* (*O Andarilho das Estrelas*), pois pela primeira vez eles lhe deram uma imagem clara do que Malloy queria dizer sobre reencarnação das almas.]¹⁰⁴

E. M. Forster (1879-1970)

O professor Russell Goldfarb observa:

Podemos fazer conjecturas sobre qual foi o contato de Ezra Pound com os teósofos enquanto ele viveu em Kensington, na virada do século, ou se Dylan Thomas aprendeu sobre o “terceiro olho” oculto em poucos minutos em um livro de HPB ou em um profundo estudo da doutrina esotérica. Mas não há necessidade de especulações sobre o interesse de E.M. Forster na sra. Blavatsky, pois sabe-se que o romancista dedicou uma atenção constante a ela e ao movimento teosófico.

No livro *Howards End*, de Forster, diz Goldfarb, “Margaret Schlegel lê livros de Teo-

sofia, pensa sobre auras e planos astrais e medita nos ‘níveis ilimitados de além da sepultura’.” Ele continua: “*A Passage to India* é ambientado no lar espiritual da Teosofia, e a sra. Moore, a personagem central no romance, pode ter sido criada tendo como modelo a sra. Blavatsky”, já que “essa tese é desenvolvida por Paul Fussell, que traça vários paralelos entre a sra. Blavatsky e a sra. Moore”. Goldfarb cita no *Philosophical Quarterly* (outubro de 1953) o artigo de Fussell, *A sra. Moore, de E. M. Forster: Algumas Sugestões*. Nele, Fussell escreve:

Tem sido um lugar-comum já há algum tempo, ao comentar os romances de E.M. Forster, dizer que todas as suas cinco obras contêm o que Peter Burra chama de “personagem elementar”. As personagens Gino, Stephen, George, sra. Wilcox e sra. Moore têm em comum essas características “redentoras”, e a sra. Moore, de *A Passage to India* (1924), tem sido considerada “a personagem redentora mais profunda de E.M. Forster”. Mas tenho a impressão de que aquela profundidade um pouco fantasmagórica da sra. Moore tem confundido muitos leitores que fizeram poucos esforços para captar o significado essencial da sra. Wilcox, em *Howards End* (1921). A sra. Moore é, em certo sentido, uma continuação em novo contexto narrativo da alma da sra. Wilcox, mas penso que algo de raro e estranho foi acrescentado durante a mudança; gostaria de sugerir que o que foi acrescentado é uma combinação de certos elementos do caráter de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891). Um foco simultâneo nas características essenciais das duas mulheres poderá projetar uma luz, muito necessária, sobre

certas tendências de outro modo inexplicáveis da sra. Moore, e pode auxiliar a compreender o romance de Forster com mais solidez do que foi possível no clima espiritual e intelectual da época do autor.

Algumas semelhanças entre a clarividente Blavatsky e a senhora de cabelos grisalhos que paira misteriosamente sobre os eventos de *A Passage to India* podem ser apontadas imediatamente: ambas eram singularmente atraídas pelo jogo de paciência; e ambas eram estranhamente irritáveis enquanto faziam esse jogo; ambas haviam visitado a Índia em circunstâncias bastante semelhantes, tiveram experiências interessantes nas cavernas e, enquanto estavam na Índia, dedicaram-se a uma forma de percepção que alguns consideram telepática; as duas mulheres tiveram atitudes semelhantes em relação aos ingleses na Índia; ambas deixaram a Índia doente e em circunstâncias similares; as duas mulheres sentiam-se levadas a fazer um esforço pela união do Oriente e do Ocidente, e assim “solucionar” o problema da Índia Britânica; e, finalmente, ambas, em parte como resultado do seu esforço para construir uma ponte entre o Oriente intuitivo e o Ocidente mais analítico, foram consideradas por muitos, na Índia, semideusas depois que se foram do país.¹⁰⁵

D. H. Lawrence (1885-1930)

Os críticos literários asiáticos de hoje, considerando Lawrence uma figura-chave do século vinte no processo de amadurecimento de Ocidente, veem-no como um pensador religioso de estilo hindu ou budista. Quanto à influência teosófica nos seus escritos, os seus primeiros biógrafos parecem tê-la ignorado completamente. O primeiro ocidental a documentar essa influência foi William York Tindall, da Universidade de Columbia, em seu *D.H. Lawrence and Susan His Cow (D.H. Lawrence e Sua Vaca Susan)*, publicado em 1939. Tindall entrevistou a esposa de Lawrence, que o informou “que o seu marido lia e deliciava-se com todos os trabalhos de Blavatsky, e, enquanto lia, costumava sorrir do ‘ovo mundano’, um assunto oculto do qual, considerando o número de alusões em suas obras, nem a sra. Blavatsky nem Lawrence parecem ter-se cansado nunca”.

Embora Tindall tenha descoberto que Lawrence aproveitou muito material de Blavatsky, ele rapidamente “negava predecessores ou rivais que pudessem prejudicar o seu sentido de originalidade”, e assim subestimava as suas influências. Assim, em 1919, ao escrever para um amigo que enfrentava uma angústia espiritual, Lawrence recomendou *Ísis Sem Véu* e *A Doutrina Secreta de Blavatsky*, e “seguindo o seu hábito”, diz Tindall, “ele restringiu seu elogio sobre o que ele achava útil, dizendo que os livros de Blavatsky, apesar de bons, não eram ‘extremamente bons’.” No entanto,

acrescenta ele, “as pistas simbólicas para o passado” dadas por ela “eram seguidas mais ortodoxamente por ele do que por qualquer teósofo”.¹⁰⁶

O prefácio de Lawrence em sua *Fantasia of the Unconscious* (1922), diz Tindall, “talvez seja a passagem mais importante para a compreensão dos seus trabalhos posteriores” e “poderia ter sido escrito pela própria sra. Blavatsky”. Lawrence escreve no prefácio:

Penso, honestamente, que o grande mundo pagão do qual o Egito e a Grécia foram os últimos representantes vivos — o grande mundo pagão que precedeu um dia a nossa era — tinha uma ciência própria ampla e talvez perfeita, uma ciência em termos de vida. Em nossa era essa ciência degenerou em magia e charlatanismo. Pois a sabedoria também desmorona.

Creio que essa grande ciência prévia, completamente diferente da nossa ciência em sua constituição e natureza, foi um dia universal e esteve espalhada por todo o mundo conhecido da época. Creio que ela era esotérica e que havia um grande sacerdócio. Assim como hoje em dia a matemática, a mecânica e a física são ensinadas nas universidades da China, da Bolívia ou de Londres ou Moscou, parece-me que, nesse grande mundo que antecedeu ao nosso, uma grande ciência e uma grande cosmologia foram ensinadas esotericamente em todos os países do globo, na Ásia, Polinésia, América, Atlântida e Europa...

Então ocorreu o derretimento das geleiras, e o mundo foi inundado. Os refugiados dos continentes afundados^{*7} fugiram para os locais elevados da América, Europa, Ásia e Ilhas do Pacífico. E alguns degeneraram naturalmente até viver como os homens das cavernas, criaturas neolíticas e paleolíticas, mas alguns conservaram a maravilhosa beleza e a perfeição inata da sua vida, como os habitantes das Ilhas do Mar do Sul... e alguns, como os druidas, os etruscos, os caldeus, os ameríndios e os chineses, recusaram-se a esquecer, mas ensinaram essa sabedoria antiga, embora nas suas formas simbólicas semiesquecidas. Mais ou menos esquecidas como conhecimento: lembradas como rituais, gestos e histórias míticas... E é por essa razão que todos os grandes símbolos e mitos que dominam o mundo no começo da nossa história são praticamente os mesmos em qualquer país.¹⁰⁷

Tindall pensa que o romance mais teosófico de Lawrence é *The Plumed Serpent* (*A Serpente Emplumada*), que aborda os ensinamentos de Quetzacoatl, o profeta dos antigos mexicanos. “O Grande Sopro do Quetzacoatl de Lawrence”, escreve o seu biógrafo, “foi exalado pela sra. Blavatsky. O sol secreto por trás do sol invocado em *A Serpente Emplumada*, é o sol central de Blavatsky, a alma de todas as coisas, do qual o sol visível é apenas um símbolo”.¹⁰⁸

Tindall também qualifica o *Apocalypse* de Lawrence como um tratado teosófico, dizendo: “A busca de uma verdade primitiva através dos símbolos do Apocalipse bíblico, cujo significado ficou oculto para todos pelas deturpações cristãs exceto para a visão esotérica, é algo que a sra. Blavatsky fez antes dele em *A Doutrina Secreta*.”¹⁰⁹

Naturalmente HPB não foi a única fonte que Lawrence usou. Seus livros tendiam frequentemente para um animismo primitivo, e, nesses casos, usava material de eruditos como Frazer, Tylor e Harrison.¹¹⁰

T. S. Eliot (1888-1965)

Eliot dividiu com Yeats a honra de ter sido considerado o maior poeta do século vinte. Eliot abriu uma nova era na poesia com *The Waste Land* (*A Terra Devastada*), e a sra. Sosostriis daquele poema parece não ter sido senão Blavatsky.¹¹¹

A senhora Sosostriis, famosa clarividente,
Teve um forte resfriado, mas apesar disso
É considerada a mulher mais sábia da Europa...¹¹²

Um ou dois anos antes de escrever *A Terra Devastada* (1922), Eliot sofreu sérios problemas nervosos e parece ter feito um estudo da Teosofia. Grande parte do simbolismo do poema parece refletir esse estudo. Antes disso, em 1920, apareceu seu poema *Um Ovo Cozinhando*, que contém estas linhas:

Eu não quero Pipit no Céu:
A senhora Blavatsky me ensinará
Os Sete Transes Sagrados...^{*8}

O livro *Rooms in the Darwin Hotel* (*Quartos no Hotel Darwin*), de Tom Gibbons, dá evidências de que o trabalho de Eliot revela “uma correspondência oculta entre a estrutura de um corpo humano e a estrutura do Universo”. Nas obras de HPB, o homem é frequentemente descrito como um microcosmo. Gibbons acredita que “é possível que tanto *A Terra Devastada* como *Ulysses*, de Joyce, sejam baseados em diferentes versões da doutrina oculta das correspondências entre os mundos divinos e humanos, e que eles usam essa doutrina num fluxo similar de ironia dramática para sugerir que o aparente acaso e os eventos da vida do século vinte fazem parte de um padrão cósmico e espiritual que unifica todas as coisas criativas”.¹¹³

Thornton Wilder (1897-1975)

Embora Wilder descreva em *Our Town (Nossa Cidade)* a doutrina cristã convencional sobre a morte, essa não era necessariamente a sua visão do tema. Seu primeiro romance, publicado em 1926, era intitulado *The Cabala (A Cabala)*, mostrando que ele conhecia o misticismo judaico. Em seu último romance, *The Eight Day (O Oitavo Dia)* (1927), há evidências de que ele estudou também Teosofia.

Numa cena do seu último livro, dois enfermeiros de um grande hospital estão conversando. Um deles diz que “todas as pessoas vivem tantas vidas quantos grãos de areia existem no rio Ganges”. “O que você quer dizer com isso?” pergunta o outro, atônito. “Nós nascemos outra vez e outra vez”, é a resposta. “Esses três homens aqui — olhe para eles!... Estarão mortos em poucas horas... E eles nascerão de novo centenas de milhares de vezes...” “Há uma imensa escada”, continua ele. “Em cada nova vida uma pessoa pode adquirir méritos que permitirão a ela galgar mais um degrau ou dois, ou pode cair em erro e descer.” As almas avançadas, ele diz, poderão chegar finalmente “ao limiar da felicidade suprema. Mas — preste atenção às minhas palavras — ao chegarem a esse portal, esses indivíduos não o transporão ainda. Eles recusarão para si mesmos essa felicidade suprema. Eles continuarão a renascer. Eles decidirão esperar até que todos os outros tenham alcançado esse limiar”.

O que foi dito acima é ensinado tanto em Teosofia como no Budismo *mahayana*. O fato de que Wilder era um admirador da Teosofia parece evidente por uma referência que ele fez à sra. Besant. Na grande escada-da-existência que Wilder descreve como imensa e poderosa, ele diz que, às vezes, podemos ver um pouco adiante. Alguns, diz ele, não subiram só um degrau, mas quatro: “Sócrates, a sra. Besant, Tom Paine ou Abraham Lincoln.”¹¹⁴

Histórias infantis

L. Frank Baum (1865-1929)

Baum é especialmente famoso por ser o autor da fantasia *The Wizard of Oz* (*O Mágico de Oz*). O livro tem sido muito apreciado pelas crianças desde sua publicação em 1900, muito antes que Judy Garland o estrelasse em um filme de 1939. No artigo *Um Teósofo Notável*, L. Frank Baum, o dr. John Algeo, professor de inglês na Universidade de Georgia e ex-editor de *American Speech*,^{*9} relata que Baum interessou-se em Teosofia por influência da sua sogra, Matilda Joslyn Gage, que entrara para a Sociedade Teosófica em 1885. Desde os anos 1850, ela era uma das principais líderes da luta pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos. Gage foi presidente da Associação Nacional do Voto Feminino, e colaborou com Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony na redação de *History of Woman Suffrage* (*História do Voto Feminino*).

Baum filiou-se à Sociedade Teosófica em 1892. Dois anos antes, no primeiro número da publicação *Aberdeen Saturday Pioneer*, da qual era o editor, ele apresentou a Teosofia aos seus leitores. HPB ainda vivia. Baum falou primeiro da insegurança de muitos cristãos em relação ao desafio das outras religiões e o anseio que muitos tinham por um conhecimento mais amplo que o da igreja.

Entre as várias seitas que têm sua base fundamental no Ocultismo, tão numerosas nos Estados Unidos de hoje, os teósofos se destacam tanto pela inteligência como pelo número... A Teosofia não é uma religião. Os seus seguidores são apenas “buscadores da Verdade”. Os pontos que eles defendem não servem para os ignorantes, nem para os mundanos, em qualquer sentido da palavra. Alguns dos maiores intelectos do mundo oriental e do mundo ocidental participam da Sociedade Teosófica... Eles aceitam os ensinamentos de Cristo, Buda e Maomé, vendo-os como Mestres ou Mahatmas, verdadeiros profetas, cada um na sua geração, e profundos conhecedores dos segredos da natureza. Os teósofos, na realidade, são os insatisfeitos com o mundo, os que se afastaram de todos os credos...

Já mencionamos a sua alta moralidade: eles geralmente são calmos e reservados e não buscam qualquer notoriedade, mas crescem em número a cada dia e até mesmo nos Estados Unidos já são milhares. Apesar disso, se o Cristianismo é a Verdade, como a nossa educação nos ensinou a acreditar, não haverá qualquer ameaça para ele por parte da Teosofia.¹¹⁵

Ao concluir o seu artigo, o dr. John Algeo escreve: “Outras demonstrações do envolvimento de Baum com a Teosofia são encontradas nos seus livros infantis, especialmente em *O Mágico de Oz*... as ideias e a inspiração são teosóficas.” *O Mágico de Oz* pode ser considerado uma alegoria teosófica, embebido de ideias teosóficas do princípio ao fim, como Algeo indica no seu artigo posterior *O Mágico de Oz, A Perigosa*

Viagem.¹¹⁶ A história ocorreu a Baum como uma inspiração, e ele a aceitou com uma certa reverência, como um presente vindo de fora ou, talvez, do interior mais profundo de si mesmo.

Devido ao sucesso do seu livro, após a publicação em 1900, Baum “adaptou-o para o palco, e ele se tornou uma peça de grande sucesso na Broadway, inspirando um bom número de obras semelhantes (tais como *Babes in Toyland*, de Victor Herbert)”. Ele também escreveu muitas outras histórias para crianças, inclusive outros contos de Oz.^{*10117}

*1 Bobalhão: *flapdoodle* no original. (Nota Ed. Bras.)

*2 Em conversa privada, Yeats admitiu para John Eglinton que, de um modo geral, a Sociedade Teosófica “tinha feito mais pela literatura irlandesa do que o *Trinity College* em três séculos”. (*Irish Literary Portraits*, de Eglinton, p. 94.)

*3 Quando o Estado Livre da Irlanda foi criado, Yeats foi escolhido como um dos primeiros senadores.

*4 *New Deal*: literalmente, *Novo Acordo*. A expressão designa as políticas econômicas e sociais do presidente norte-americano Franklin Roosevelt durante a depressão econômica no começo da década de 1930. (Nota Ed. Bras.)

*5 Em outras palavras, será que ele queria dinheiro, ou talvez um emprego? Naquele momento Russell ainda não estava trabalhando com os agricultores irlandeses, mas era obrigado a trabalhar em condições duras em uma loja de tecidos.

*6 Publicado no Brasil sob o título de *O Andarilho das Estrelas* pela editora Axis Mundi, SP. (Nota Ed. Bras.)

*7 Lawrence erradamente considera como um só os desaparecimentos do continente polinésio (que Blavatsky chamava de Lemúria) e da Atlântida. A Lemúria, dizia ela, era de um período anterior, em que predominou a terceira raça. Ela não afundou, como a Atlântida, mas foi destruída pelo fogo ou, talvez, por erupções vulcânicas. Os Atlantes eram o povo da Quarta Raça.

*8 HPB provavelmente preferiria a palavra *meditações* ao invés de transes, pois ela pensava que o transe era nocivo para a mente humana neste estágio de evolução em que é necessária uma percepção consciente para alcançar a sabedoria divina.

*9 John Algeo (1930-2019), foi presidente da Sociedade Teosófica nos Estados Unidos. (N. Ed. Bras.)

*10 É oportuno acrescentar que o poeta português *Fernando Pessoa* (1888-1935) foi profundamente influenciado pela literatura teosófica e pela obra de HPB. Sua poesia mostra um grande interesse pelo ocultismo. Fernando Pessoa traduziu diversas obras teosóficas do inglês para o português, inclusive textos de Annie Besant e o livro *A Voz do Silêncio*, de HPB. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 5

O Mundo da Arte

“Quando a Teosofia entrou no século vinte... expandindo-se vigorosamente de um país para outro, foi durante algum tempo a principal cultura alternativa. Era uma ‘escola’ para artistas e buscadores que nela encontravam uma descrição do homem e do mundo radicalmente diferente do convencional.” Essas palavras são de Roger Lipsey no livro recente *An Art of Our Own: The Spiritual in Modern Art* (*Uma Arte Própria Nossa: O Espiritual na Arte Moderna*). Lipsey continua:

Quem de nós não viu e não desfrutou dos trabalhos de Piet Mondrian, um seguidor da Teosofia durante toda sua vida? Kandinsky, durante muito tempo um “pintor de pintores” e dono de um gosto refinado, tem tido seu valor apreciado nos últimos anos através de amplas exposições e estudos. Sem nunca ter sido propriamente um teósofo e tendo um campo diversificado de interesses, ele foi durante toda sua vida um buscador da verdade e parece ter tirado a sua compreensão básica do que significa “verdade” do alcance e da audácia da visão teosófica do mundo.¹¹⁸

Kandinsky e Mondrian são considerados os dois principais fundadores da arte moderna ou abstrata.

Wassily Kandinsky (1866-1944)

Em 1966, no centenário do nascimento de Kandinsky, um crítico de arte do *New York Times*, Hilton Kramer, escreveu um artigo para assinalar a ocasião. Ao descrever o desenvolvimento de Kandinsky, Kramer discute o período crucial em que o artista estudou Teosofia, o que o habilitou a “dar o seu salto revolucionário até a abstração”. Ele afirma que Kandinsky “necessitava de uma estrutura teórica para levar a pintura até além do mundo da representação”, e acrescenta: “Com uma mente como a dele — ao mesmo tempo intelectual e mística, buscando ‘leis’ e princípios antes de dedicar-se à prática — a ideia precisava sempre preceder a sua realização.” Segundo Kramer, “o compromisso do artista com a Teosofia fez com que,

para ele, pelo menos, a arte chamada abstrata alcançasse um significado espiritual mais elevado”.¹¹⁹

Kandinsky é conhecido especialmente pelo seu pequeno livro *Concerning the Spiritual in Art (Sobre a Espiritualidade na Arte)*. Foi publicado em 1911 e foi tão oportuno e inspirador que, em toda parte, os artistas de vanguarda sintonizaram com sua mensagem. Como todos os clássicos, ele parece ser tão poderoso e belo hoje como quando apareceu em 1911. No começo do livreto, ele fala de Blavatsky:

A arte está esperando por ajuda dos primitivos [e está] voltando-se para épocas quase esquecidas para obter auxílio dos seus métodos também quase esquecidos. No entanto, esses métodos ainda estão vivos e em uso entre nações que nós, do alto do nosso conhecimento, estamos acostumados a considerar com piedade e desprezo. A essas nações pertencem os hindus, que de tempos em tempos confrontam os chamados letrados da nossa civilização com problemas que nós deixamos passar, pois não os percebemos, ou que deixamos de lado com palavras e explicações superficiais. A sra. Blavatsky foi a primeira pessoa, depois de viver muitos anos na Índia, a ver a ligação entre esses “selvagens” e a nossa civilização. A partir daquele momento começou um movimento espiritual tremendo, que hoje inclui grande número de pessoas, e que assumiu forma concreta na Sociedade Teosófica. Esta Sociedade consiste de grupos que buscam enfocar o problema do espírito através de um conhecimento interno. A teoria da Teosofia, que serve de base a esse movimento, foi estabelecida por Blavatsky na forma de um [diálogo] onde o aluno recebe respostas claras, do ponto de vista teosófico, as suas perguntas.¹²⁰

Numa nota de rodapé, Kandinsky diz que o tratado recém-descrito é *A Chave Para a Teosofia*, de HPB. Entretanto, quando ele desenvolveu suas próprias teorias e as materializou em quadros, usou amplamente *A Doutrina Secreta*.¹²¹ Essa é a conclusão documentada do dr. Laxmi Sihare na sua tese de doutorado *Oriental Influences on Wassily Kandinsky and Piet Mondrian, 1909-1917 (Influências Orientais em Wassily Kandinsky e Piet Mondrian, 1909-1917)*. Os seus seis anos de estudo na Escola de Arte da Universidade de Nova Iorque foram possíveis graças a bolsas da Fundação Rockefeller e do Fundo John D. Rockefeller III.*¹

Sihare indica que Kandinsky estava particularmente interessado na seguinte ideia contida em *A Doutrina Secreta*:^{*2} “A ciência do Ocultismo é toda baseada na doutrina da natureza ilusória da matéria e na divisibilidade infinita do átomo.” O artista, além disso, manteve-se atualizado em relação aos desenvolvimentos científicos que confirmavam essa visão, como a descoberta do elétron feita por J.J. Thomson.¹²² Este foi um fator decisivo,

que levou à eliminação de objetos materiais na pintura dos artistas abstracionistas. Kandinsky escreveu alegremente em uma autobiografia:

A destruição do átomo foi, para minha alma, como a destruição do mundo. Subitamente, as paredes mais pesadas caíram. Tudo ficou incerto, cambaleante e sem consistência. Eu não teria ficado surpreso se uma pedra se dissolvesse no ar na minha frente e se tornasse invisível. A ciência me pareceu destruída; a sua base mais importante era apenas uma ilusão, um erro dos cientistas, que não construíram as suas estruturas celestiais... com uma mão firme, pedra a pedra, mas, sim, buscando a verdade sem orientação, no escuro, e tomando cegamente uma coisa pela outra.¹²³

Além da obra de Blavatsky, Kandinsky estava interessado nos escritos de Annie Besant e Charles Leadbeater, especialmente nos livros *Thought Forms (Formas de Pensamento*^{*3)} e *Man Visible and Invisible (O Homem Visível e Invisível*^{*4)}. Ele também foi atraído pelos escritos de Rudolf Steiner, dirigente da Sociedade Teosófica na Alemanha de 1902 a 1912.¹²⁴

Piet Mondrian (1872-1944)

Atualmente, este artista holandês é considerado o mais importante dos fundadores da arte abstrata. Em seu artigo *Mondrian: He Perfected Not a Style But a Vision (Mondrian: Ele Não Aperfeiçoou um Estilo Mas uma Visão)*, publicado no *New York Times* de 24 de fevereiro de 1974, Hilton Kramer observou:

Os abstracionistas mais recentes, especialmente na América, levaram ao extremo a redução do incidente visual na pintura, algo que o próprio Mondrian jamais havia sonhado; no entanto, seu trabalho nunca foi eclipsado por essas obras posteriores. Ao contrário, a sua estatura cresceu com o tempo, e uma das razões para isso, creio, é precisamente a relação que existe — e vê-se que realmente existe — entre a sua arte e os fundamentos metafísicos dela. Não sentimos diante de um Mondrian que nos está sendo oferecido apenas um prazer estético. Sentimo-nos na presença de uma luta maior — e, na verdade, de um mundo maior — no qual a mente enfrenta ameaças eternas de fragmentação e dissolução...

[Hoje, na arte,] o que antes eram problemas de debate metafísico e redenção da sociedade está reduzido a problemas de estilo e de gosto. Inevitavelmente, está faltando a necessária tensão — o drama interno de um protagonista aperfeiçoando não um estilo, mas uma visão.

Frank Elgar, em seu livro *Mondrian*, declara que o artista estava “profundamente preocupado com assuntos religiosos e sempre ativamente interessado em Teosofia”, tendo-se tornado membro da Sociedade

Teosófica bastante cedo, no ano de 1909.¹²⁵ Elgar cita Martin Jalnes em *Art News*, no número anual de 1957:

A Teosofia de Mondrian era mais do que uma questão pessoal. Vários artistas ao redor de 1910 buscaram através dela valores mais profundos e universais, um significado por trás do significado, novas dimensões de compreensão. O pensamento de que os antigos videntes percebiam e partilhavam de uma verdade velada, e que por trás das várias aparências há uma só verdade, é baseado parcialmente nas ideias orientais e platônicas; isto facilmente se liga com a teoria romântica e simbolista do iluminismo, o que dá ao artista um poder extraordinário e mesmo oculto de percepção interna da natureza do mundo, da realidade que está por trás das aparências — o que dá um novo conteúdo para a arte.

Na tese de doutorado de Sihare, de 1967, ele expressava a opinião de que “entre os autores que reconhecem a dívida de Mondrian para com o Oriente através da Teosofia, a prioridade devia ser dada a Michel Seuphor, que escreve constantemente sobre as obras de Mondrian desde a década de 1930. Algumas passagens breves, mas marcantes dos escritos de Seuphor na década de 1950 caracterizam precisamente as suas visões”. Entre elas estão as seguintes frases:

A Teosofia... foi o primeiro de todos os instrumentos para [Mondrian] escapar da influência paterna...

Foi com a Teosofia que ele conseguiu libertar-se da sua origem calvinista.

O estudo que ele fez da Teosofia foi longo e detalhado.¹²⁶

Hoje, o principal estudioso de Mondrian é o professor Robert Welsh. Seu artigo *Mondrian e a Teosofia* foi apresentado como texto de abertura da *Exposição do Centenário de Piet Mondrian*, publicado pelo Museu Guggenheirn de Nova Iorque, em 1972, onde se realizou a exposição. Welsh explica que “as ideias relevantes para a discussão [segundo Mondrian] proliferavam em numerosos textos, palestras e discussões feitos pela sra. Blavatsky e os seguidores dela... Entretanto, em função da conveniência, e porque o seu papel como fonte de outras citações tem sido muitas vezes ignorado, a sua monumental obra em dois volumes *Ísis Sem Véu*, de 1877, será o texto exclusivo que servirá de base para nossa discussão”; já que uma versão holandesa de *Ísis* estava em poder de Mondrian.

Ao relacionar várias das pinturas de Mondrian com a visão teosófica do crescimento evolutivo através da reencarnação, Welsh destaca

especialmente uma que é chamada *Metamorphosis* e outra, o célebre tríptico *Evolution*, e comenta:

A evolução nada mais é do que o princípio básico previsto pela sra. Blavatsky e, como tal, substitui a história cristã da Criação, dando outra explicação sobre o funcionamento do Universo. Esta cosmologia é análoga à hindu e a outras mitologias que enfatizam um ciclo cósmico perpétuo de criação, morte e regeneração. Ela também tem muito em comum com a teoria científica da evolução de Darwin. O único erro essencial de Darwin, na opinião de Blavatsky, foi colocar a matéria em lugar do espírito, como a força motivadora no Universo. Na visão de mundo de Blavatsky, a matéria, embora constitua um veículo necessário através do qual o mundo do espírito pode ser estudado, permanece claramente em segundo plano em relação aos fenômenos espirituais.

Esta visão da evolução, diz Welsh, “inspira os escritos de Mondrian sobre teoria da arte”. Em seus *Sketchbooks (Cadernos de Anotações e Esboços)* de 1912 a 1914, continua Welsh, “Mondrian mencionou especificamente a doutrina teosófica da evolução como um fator determinante na história da arte... Em resumo, Mondrian não poderia ter escolhido para o seu tríptico monumental uma doutrina mais central do que essa, do ponto de vista teosófico”.

Ao avaliar as suas próprias realizações, Mondrian escreveu numa carta para Michel Seuphor: “É no meu trabalho que sou alguma coisa, mas, comparado aos Grandes Iniciados, não sou nada.” Com a expressão “Grandes Iniciados”, ele se referia à flor da humanidade, as almas perfeitas como Cristo e Buda, que atingiram esse estágio ao longo de muitos ciclos de renascimento. No entanto, Mondrian provavelmente retirou essa expressão de um livro bastante influente entre os artistas, compositores e escritores e que tinha esse título. Publicada em 1889, a obra teve duzentas reimpressões em francês e foi traduzida para diversas línguas europeias, inclusive o inglês. O autor, Édouard Schuré,^{*5} era um jornalista e crítico de música destacado, sendo amigo de Wagner,

Nietzsche e outras celebridades do seu tempo. O seu nome é mencionado frequentemente em obras sobre história da arte moderna. Schuré escreveu o livro *The Great Initiates (Os Grandes Iniciados)* sob a influência de uma visão que teve enquanto residia em Florença: “Num relance vi a luz que flui de um poderoso fundador de uma religião para outro. Esses Grandes Iniciados, cujas figuras poderosas são chamadas de Rama, Krishna,

Hermes, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão e Jesus, apareceram diante de mim como um grupo homogêneo.”¹²⁷

Quando perguntaram a Mondrian, em 1918, se os escritos de um teósofo anterior, Schoenmeeker, haviam-lhe sido úteis, ele desmentiu afirmando: “Peguei tudo de *A Doutrina Secreta*, e não de Schoenm,*⁶ embora ele diga as mesmas coisas.”¹²⁸

No seu livro *The Occult in Art (O Oculto na Arte)*, o historiador inglês de arte Fred Gettings descreve os estúdios onde Mondrian trabalhava:

Mondrian era obviamente exigente em relação aos seus estúdios... Desde o seu primeiro estúdio na *rue du Depart* em Paris, passando pelos que teve na Holanda, até o seu último estúdio na *East 59th Street*, Nova Iorque, seu interior assemelhava-se às composições retilíneas e severas que predominam nas pinturas que o tornaram famoso...; ele insistia em dizer que os objetos de arte antiga, que outros artistas tendiam a amontoar em seus espaços de trabalho, transformando-os em “museus de arte antiga”, impedia-os de entrar em contato com o tempo presente. Em vista disso, é bastante significativo que Mondrian tenha colocado, na parede do seu estúdio arrumado geometricamente, uma grande fotografia ao lado de retângulos de puras cores e nuances. Essa fotografia era um retrato maior do que o tamanho natural da ocultista mais influente do século dezenove, Helena Petrovna Blavatsky.¹²⁹

Paul Klee (1879-1940)

Paul Klee foi outro fundador da arte moderna. Em 1911 ele estava trabalhando com Kandinsky em Munique quando este deu “o seu salto para a abstração”. Mesmo antes disso (desde aproximadamente 1902) Klee desenvolvia um estilo individual de expressar a mente subconsciente e a fantasia na arte. As seleções seguintes são de um artigo do professor Robert Knotts, *Paul Klee and the Mystic Center*, incluído em 1987 numa compilação sobre arte moderna. Ele abre com uma citação de Klee: “É missão do artista avançar tanto quanto possível em direção àquele local secreto onde o poder primário alimenta toda a evolução.”

Em uma das suas pinturas, Klee usou o umbigo humano como símbolo desse centro sagrado. O professor Knotts explica:

Na pintura, uma figura misteriosa é mostrada segurando na mão em forma de concha um umbigo brilhante, a luz interna divina de onde surge todo o conhecimento... A ideia do centro é importante em todos os misticismos. A conhecida mística sra. H.P. Blavatsky, bastante conhecida por Klee e outros, escreveu (em *Ísis Sem Véu*, vol. I, p. XXXIX da edição em inglês]:

Os antigos colocavam a alma astral do homem, sua autoconsciência, na boca do estômago. Os brâmanes partilhavam esta crença com Platão e outros filósofos... O umbigo era considerado o “círculo do sol”, a sede da luz divina interna. Entre os parses existe até hoje a crença de que os seus sábios têm uma chama no umbigo que ilumina para eles todas as trevas e revela tanto o mundo espiritual como as coisas ainda não vistas.

Knotts acrescenta que “certamente Blavatsky interessava Klee, ao revelar as forças misteriosas que falam num nível diferente da consciência humana, um nível pelo qual Klee sempre sentiu afinidade. Na sua obra, Klee quase sempre afasta as coisas dos seus ambientes imediatos, colocando-as em cenários em permanente expansão, do que resulta uma íntima correspondência entre a Terra e o Cosmo, os vivos e os mortos, as coisas do passado e as do presente”.¹³⁰

Paul Gauguin (1843 1903)

O célebre pintor francês Paul Gauguin, representante da escola de pintura simbolista, é outro artista influenciado pela Teosofia. O historiador de arte Thomas Buser escreve sobre isso no artigo *Gauguin's Religion*, publicado no *Art Journal* (verão de 1968):¹³¹

Uma das muitas características incomuns de Paul Gauguin é que ele pintava quadros religiosos. As pinturas religiosas dos grandes artistas do final do século dezenove são indubitavelmente poucas, e poucos dos grandes artistas, mesmo em sua vida pessoal, preocupavam-se com religião. Para Gauguin, no entanto, a religião tinha um papel importante, e isso se revelava na sua arte e na sua vida... Gauguin não era de modo algum um teólogo criativo e sistemático. Apesar disso,... a sua fé era claramente mais mística do que a que dominava na igreja daquela época. Simplesmente, Gauguin parece ter sido apaixonado pela Teosofia...

Em vários momentos o que Gauguin escreve e, como veremos, o que ele pinta, tem relação direta com a doutrina teosófica do livro famoso de Édouard Schuré, *Les Grands Initiés* ... O que fez Gauguin interessar-se desde o começo pela Teosofia foi a doutrina do iniciado ou visionário que pode alcançar o além...

Buser acredita que, sem dúvida, Gauguin tinha conhecimento da Teosofia desde 1889, quando o livro de Schuré foi publicado. Na verdade, a Teosofia acompanhou passo a passo a criação dos estilos maduros de Gauguin. Pelo menos, a Teosofia de Gauguin ajuda a explicar como ele podia encontrar tanta compatibilidade entre os estilos da arte religiosa em tantas civilizações diferentes como a javanesa, a egípcia, a grega e assim por diante.

Grande parte do artigo de Buser é dedicada a uma análise das pinturas de Gauguin, e ele faz o seguinte comentário sobre a pintura chamada *Nirvāna*:

Não deve ser apenas por uma coincidência que esta pintura parece quase uma ilustração dos seguintes trechos do livro de Schuré:

“É imensa a perspectiva que se abre para alguém que está no limiar da Teosofia... Ao vê-la pela primeira vez, o indivíduo fica confuso; o sentido do infinito nos domina. Profundezas inconscientes abrem-se dentro de nós mesmos, mostrando-nos os abismos dos quais estamos saindo, e as alturas estonteantes a que aspiramos. Tomados por esse sentido de imensidão, embora aterrorizados pela distância, não queremos mais existir, mas buscamos o *Nirvāna*!”

“Já se disse que o homem nasceu no buraco de uma onda e nada conhece do oceano poderoso que se estende para frente e para trás de si. Isso é verdade; mas o misticismo transcendente impele nosso barco para a crista da onda, e lá, continuamente açoitados pela tempestade furiosa, aprendemos algo sobre a Natureza sublime do seu ritmo; e o olhar, abrangendo toda abóboda do céu, descansa no azul do firmamento.”

Ao concluir, Buser escreve:

Embora os temas da pintura de Gauguin não possam, portanto, ser “explicados” completamente, algo pode ser dito sobre eles. Para usar poucas palavras, quando era a hora de Gauguin pensar sobre um assunto, ele pensava teosoficamente. A sua imaginação era teosófica. A Teosofia era a sua visão de mundo. Na verdade, saber disso não explica o significado das suas telas, mas torna mais profundo esse significado... Há também uma justificativa para repetir aqui o comentário geral feito por John Renald de que Gauguin tinha “o entusiasmo do leigo pelas teorias complicadas e altissonantes”.

A própria atmosfera que Gauguin respirava continha Ocultismo; em muitos aspectos o Ocultismo deu a base de todo simbolismo. No caso de Gauguin, entretanto, por mais que a Teosofia atendesse suas necessidades religiosas, a teoria teosófica dava a ele também a estrutura intelectual na qual ele aprofundava o compromisso da sua pintura, ao mesmo tempo que sua sensibilidade transformava esta construção em criações altamente imaginativas.

A simpatia que Gauguin nutria pelas ideias teosóficas incluía a reencarnação, e ele escreveu sobre esse tema na sua obra póstuma *Modern Thought and Catholicism (Pensamento Moderno e Catolicismo)* escrita pelo artista durante os seus anos finais no Taiti. A obra abre com as perguntas: “De onde viemos, o que somos e para onde vamos?” título da grande tela que Gauguin terminou em 1898 — e então prossegue:

A parábola da escada de Jacó que se estende da Terra para o céu, por cujos degraus os anjos de Deus sobem e descem, parece, na verdade, a ascensão e a descida gradual desde o mais baixo até o mais alto na vida, de acordo com o exercício maior ou menor das suas qualidades... e degradando-se ou elevando-se de acordo com o mérito ou demérito. [Esta é a] ideia da metempsicose, reconhecida na religião hindu e que Pitágoras, depois de recebê-la dos hindus, ensinou na Grécia... Disto, [segue-se que] é a alma que forma o seu organismo; é a alma que

produz a evolução dos organismos vivos constituintes das chamadas espécies... Deus... como símbolo do espírito puro e eterno, o espírito geral do Universo... transforma-se no princípio de todas as harmonias, o fim a ser alcançado, apresentado pelo Cristo, e antes dele pelo Buda. E todos os homens se tornarão Budas.¹³²

Finalmente, podemos perguntar se os pioneiros da arte moderna tiveram sucesso no uso do elemento espiritual na arte, e se a inspiração que eles receberam dos escritos de Blavatsky esteve presente na profissão artística como um todo. Roger Lipsey escreve em *An Art of Our Own*:

O século está agora quase terminado, e há uma estranha sensação de exaustão nas artes visuais. Embora não falem artistas talentosos, críticos perspicazes e instituições de arte poderosas, a cultura da arte visual está entristecida, como se continuássemos a produzir arte e a pensar nela sem ter nenhuma inspiração crucial ou um sentido de direção...

Falamos agora de pós-modernismo, como se tivéssemos esgotado o modernismo (o movimento artístico predominante no século vinte) e todas as suas possibilidades; e nos encontrássemos numa área deserta... Houve, no entanto, um lado oculto do modernismo, e isso significa, naturalmente, um lado oculto dos artistas modernos. Pode ser que tenhamos sido incapazes, não só de esgotar esse recurso, mas que tenhamos também quase ignorado a sua existência. Muitos dos artistas universalmente respeitados, com cujas obras estamos familiarizados, e a quem pensamos que entendemos, têm na verdade escapado da nossa compreensão porque nós ainda não compreendemos a história espiritual da arte moderna. Eles foram homens e mulheres que se preocupavam com “as coisas do espírito”...

A cultura como um todo tem sido surpreendentemente pouco receptiva em relação ao aspecto espiritual do pensamento e do trabalho do artista. [A] aspiração original para transcender a psicologia pessoal e explorar um mundo transpessoal de significados e energias... foi largamente esquecida e mesmo negada.¹³³

No entanto, uma mudança de direção pode ter ocorrido em novembro de 1986, com a abertura de uma exposição em Los Angeles e a apresentação do seu respectivo catálogo, *The Spiritual in Art and Abstract Painting, 1890-1985* (*O Fator Espiritual na Arte e na Pintura Abstrata, 1890-1985*). O encontro comemorava a abertura de uma nova ala no Museu de Arte de Los Angeles. Um grande número de destacados historiadores de arte do mundo ocidental como Sixten Ringborn, Rose-Carol Washton Long e Robert P. Welsh ajudaram a organizar a exposição e o seu magnífico catálogo. Em formato grande, este incluía mais de quatrocentas pinturas, muitas em cores e numerosos artigos sobre as várias fases da arte moderna e dos seus principais expoentes.

A exposição de Los Angeles ficou aberta durante três meses, atraindo um público enorme; depois ela foi para o Museu de Arte Contemporânea de

Chicago durante outros três meses e, finalmente, terminou em Haia.

John Dillenger, autor de *A Theology of Artistic Sensibilities (Uma Teologia da Sensibilidade Artística)*, comentou no *Los Angeles Times* (22 de fevereiro de 1987):

A exposição tem recebido grande atenção no mundo da arte, não só pela sua apresentação visual, mas também pelas questões interessantes que levanta com relação às origens espirituais, místicas e ocultas da arte abstrata. A documentação do livro mudará para sempre o modo como nós vemos essas origens. Além disso, o fato de um dos maiores museus deste país ter inaugurado um novo período da sua vida com o assunto do fator espiritual na arte representa uma grande mudança na sensibilidade contemporânea. Duas décadas atrás isso seria impensável... Os eruditos têm, geralmente, reconhecido o papel dos movimentos espirituais no final do século dezenove e no começo do século vinte como um sentimento de fundo no surgimento da arte abstrata; uma arte em que os traços do mundo visível tal como o conhecemos começam a desaparecer. Nunca, antes, essa função foi tão documentada como nesse livro.¹³⁴

No final do catálogo há uma grande fotografia de HPB e um artigo de duas páginas sobre Teosofia, afirmando categoricamente:

A Sociedade Teosófica tornou-se a organização mais amplamente influente para a promoção pública do ensinamento OCULTO nos tempos modernos... a Sociedade é historicamente importante por ter popularizado as ideias de reencarnação e *karma*, dos mestres secretos e do Tibete como uma terra onde há uma sabedoria eterna; e por ter revitalizado o Budismo no Ceilão (Sri Lanka) e o Hinduísmo na Índia; por ter encorajado o estudo comparativo das religiões e por persuadir a muitos de que os ensinamentos das grandes religiões são um só.¹³⁵

*1 O fato acima é mencionado em uma notícia impressa, datada de 20 de novembro de 1967, da Divisão de Artes Criativas da Universidade de Nova Iorque, convocando publicitários para comparecer a uma série de conferências ilustradas feitas pelo dr. Laxmi Sihare, patrocinado pela Fundação Sperrin. Foi dito, adicionalmente, que Sihare era, na época, “consultor especial de pesquisa da Divisão de Artes Criativas”, na Universidade de Nova Iorque, e havia sido “consultor especial de pesquisas do Conselho Internacional do Museu de Arte Moderna”.

*2 Vol. II, p. 232 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*3 LEADBEATER, C. W, BESANT, Annie. *Formas-Pensamentos*, Editora Madras. (Nota Ed. Bras.)

*4 LEADBEATER, C. W. *O Homem Visível e Invisível*, Editora Pensamento. (Nota Ed. Bras.)

*5 Schuré foi membro da Sociedade Teosófica em Paris.

*6 Schuré foi membro da Sociedade Teosófica em Paris.

CAPÍTULO 6

Mahler, Sibelius e Scriabin

Gustav Mahler (1860-1911)

Até a sua morte em 1911, Mahler recebeu pouca atenção como compositor. Foi como maestro que ele ficou famoso na Europa e mais tarde na América. As suas sinfonias e outras composições eram avançadas demais para a sua época e causavam perplexidade em vez de aplausos. Ele profetizou: “O meu tempo ainda virá”, e a predição confirmou-se. Ele é considerado agora um grande mestre.

Em 1895, Mahler começou a sua terceira sinfonia. Embora as suas primeiras sinfonias fossem trágicas e revelassem uma amarga desilusão com a vida, a terceira foi intitulada *O Conhecimento Feliz* e, segundo Deryck Cook, importante estudioso de Mahler, essa sinfonia mostrava um “otimismo recém-encontrado, ou melhor, uma espécie de revelação mística da validade e do objetivo da existência”.

Qual foi esse conhecimento feliz? Numa biografia do compositor, o amigo pessoal de Mahler, Richard Specht, registra uma conversa que teve com ele em 1895, em Hamburgo, Alemanha. Segundo Specht, Mahler disse com grande convicção: “Todos nós voltamos, é esta certeza que dá significado à vida, e não faz a menor diferença se, em uma determinada encarnação, lembramos ou não a vida anterior. O que importa não é o indivíduo e o seu conforto, mas a grande aspiração pelo perfeito e pelo puro que se manifesta em cada encarnação.”¹³⁶ Pode-se dizer que a terceira sinfonia descreve a reencarnação da vida através dos vários reinos até o homem e além dele.

Cook cita uma carta na qual Mahler afirma que quis expressar no trabalho um desenvolvimento evolutivo da natureza, que esconde “dentro de si mesma tudo que é aterrador, grande e também adorável”. Ele registra que o compositor acrescentou:

Naturalmente, ninguém compreende isso. Sempre me surpreende o fato de que quando as pessoas falam de “Natureza” pensam somente em flores, passarinhos e os cheiros das florestas. Ninguém conhece o deus Dionísio, o grande Pan. E aí está! Você tem uma espécie de programa — que é um exemplo de como eu faço música. Em todas as partes, e sempre, é somente a voz da Natureza!

O vasto primeiro movimento, diz Cook, representa “a natureza em sua totalidade... despertada de um profundo silêncio e que já pode soar e ressoar”. Os movimentos seguintes retratam os estágios da ascensão, pela reencarnação desde o vegetal e animal, através da humanidade, de volta à Fonte Divina, onisciente e onipotente.¹³⁷

Foi através de outro reencarnacionista, o notável maestro dr. Bruno Walter — protegido de Mahler e grande amigo seu — que esta escritora soube da crença do compositor no renascimento. Essa convicção, disse-me o dr. Bruno Walter, surgiu através da associação com algumas pessoas, que eram teósofos, e que ele conheceu na década de 1890.¹³⁸ O dr. Walter cordialmente sugeriu-me a leitura de *Gustav Mahler*, onde está registrada a conversa de Mahler com Richard Specht.

Jean Sibelius (1865-1957)

Na época do nonagésimo aniversário de Sibelius, o crítico musical do *New York Times* escreveu (dezembro de 1955):

O interrelacionamento entre a vida e a arte é uma das principais preocupações de Sibelius... A identificação de Sibelius com os campos, as florestas, o mar e o céu é tão profunda que ela sempre esteve presente em toda sua música... Quando menino, Sibelius perambulava na solidão de Hame, sua província natal. Os pássaros sempre o fascinaram. “Há milhões de anos, em minhas encarnações anteriores”, ele disse certa vez a Jalas [seu genro], “devo ter tido alguma relação com os cisnes ou patos selvagens, pois ainda sinto aquela afinidade”.

Uma amiga e vizinha da família de Sibelius, a sra. Ida Sohlman, informou-me que Sibelius falava francamente com os seus amigos pessoais da sua crença na reencarnação e, também, das suas vidas passadas. Uma confirmação disso ocorreu em 1982, quando casualmente encontrei Harri Kallio em Santa Bárbara, Califórnia, onde ele leciona. Encontrei-o no Instituto da Cultura Mundial ao qual ele é ativamente associado. Ele disse que passou algum tempo na Finlândia e fez uma visita especial à família de Sibelius e a Yryo Paloheimo, um arqueólogo que vivia na casa ao lado da

casa do compositor. Kallio soube então que tanto Sibelius como um círculo de artistas que o rodeava estavam muito envolvidos no estudo da Teosofia e nos ensinamentos rosa-cruzes.

Alexander Scriabin (1870-1915)

No seu prefácio ao livro de Faubion Bowers, *The New Scriabin*, o notável pianista russo Vladimir Ashkenazy escreveu:

Considero Scriabin um dos maiores compositores... Sua música tem um idealismo único... A base do seu pensamento era uma fé e lealdade indestrutíveis à arte como meio de elevar o espírito humano e de mostrar a luz, a bondade e a verdade. Embora não possamos dizer que sem compreender sua filosofia é impossível compreender a sua música, nós penetraremos mais profundamente na sua música se estudarmos aquilo que motivava Scriabin. Não podemos separar o homem-filósofo e o compositor de uma música tão bela.¹³⁹

Qual era, então, a filosofia de Scriabin? Boris Schloezer, o biógrafo russo do compositor, revela que a Teosofia foi a única influência externa muito forte que ele sofreu.¹⁴⁰ Na biografia em dois volumes de Faubion Bowers sobre Scriabin, encontramos informação detalhada a esse respeito.

De acordo com o relato de Bowers, no começo do século, Scriabin leu a tradução francesa de *A Chave Para a Teosofia*, de Helena Blavatsky, e escreveu nessa ocasião (5 de maio de 1905): “*A Chave Para a Teosofia* é um livro notável. Você ficará assombrado ao ver como ele se aproxima do meu pensamento.” Bowers escreve que “a partir deste momento, mais e mais amigos e seguidores dele foram atraídos para a Sociedade Teosófica”. Os seus colegas mencionam que, ao conversar, “Scriabin citava a todo momento assuntos teosóficos e a personalidade de Blavatsky”. Uma tradução em francês de *A Doutrina Secreta* era considerada um dos seus objetos mais preciosos.

Em 1922, o apartamento de Scriabin na Rússia foi transformado em museu do estado e restaurado de modo a ficar idêntico a como era durante a sua vida. Os seus livros, incluindo *A Doutrina Secreta*, foram localizados e readquiridos. Esse apartamento, diz Bowers, tinha uma tremenda influência na inspiração de jovens compositores e era “um local de reunião para a juventude”.¹⁴¹

Após o seu contato com a Teosofia, o trabalho de Scriabin passou a ter um forte tom místico. O musicólogo Gerald Abraham compara o primeiro

trabalho orquestral do compositor, um concerto para piano composto em 1896-97, com a maior composição de Scriabin, sua quinta sinfonia, *Prometheus*, escrita em 1909-10, e comenta: “É difícil acreditar que em treze anos um compositor pudesse ter evoluído de um concerto elegante, gracioso, com um estilo semelhante ao de Chopin, para um trabalho considerado nos seus dias como pertencendo à primeira fila da vanguarda renovadora.”¹⁴²

Bowers observa:

Tem havido poucos compositores especificamente místicos como Scriabin. As contrapartes mais significativas não são encontradas na música, mas na poesia, com William Blake, ou na pintura, com Nicholas Roerich... A filosofia de Scriabin necessitava acima de tudo ser transubstanciada em música.

O compositor desejava despertar novamente os seres humanos para os seus essenciais. Scriabin escreveu que “nos mistérios da antiguidade havia uma transfiguração real, segredos e santidades reais”, mas “todos os nossos pequenos santos de hoje esqueceram completamente os seus antigos poderes”.¹⁴³ Quando esses “pequenos santos” tentavam atacar Blavatsky e qualificá-la de fraudulenta, Scriabin defendia-a dizendo: “Todas as pessoas realmente grandes estão sujeitas a esse tipo de calúnia e ‘ignomínia’.”¹⁴⁴

Em 1987, a biografia escrita por Schloezer sobre Scriabin foi publicada pela primeira vez em inglês. Entre as muitas referências feitas à Teosofia e a HPB em todo livro, Schloezer escreve:

[Scriabin] sentia que seu próprio desenvolvimento devia-se muito à obra *A Doutrina Secreta*, da sra. Blavatsky; na verdade, ele sentiu uma admiração tremenda pela sra. Blavatsky até o fim da sua vida. Ele era particularmente fascinado pela coragem dela ao escrever uma síntese tão grandiosa e pela amplitude e profundidade dos seus conceitos, que ele comparava à grandeza dos dramas musicais de Wagner... A visão teosófica do mundo serviu como incentivo para o seu próprio trabalho. “Eu não discutirei com você a verdade da Teosofia”, disse ele a [Schloezer] em Moscou, “mas eu sei que as ideias da sra. Blavatsky auxiliaram-me no trabalho e deram-me forças para cumprir a minha tarefa”.^{*1}

^{*1} *Scriabin: Artist and Mystic* (Berkeley e Los Angeles, EUA, *University of California Press*, 1987), pp. 68-69.

CAPÍTULO 7

O Budismo Avança Para o Ocidente

Até a metade do século vinte o Budismo era considerado, na Europa e na América do Norte, como uma religião periférica. Mas começou uma mudança quando um livro de bolso da editora Penguin, intitulado *Buddhism*, surgiu nos Estados Unidos e Inglaterra.¹⁴⁵ Christmas Humphreys (1901-1983), seu autor, era presidente e fundador da famosa Sociedade Budista de Londres e esteve na sua direção durante sessenta anos.

Humphreys distinguiu-se, também, na área jurídica. Foi procurador público sênior da Coroa Britânica e, mais tarde, juiz da Corte Suprema. Seu pai, um jurista igualmente notável, era chamado “o juiz enforcador”. Humphreys era chamado “o juiz suave”, e ajudava a transformar as vidas daqueles que julgava.¹⁴⁶

O livro de bolso *Buddhism* menciona frequentemente a Teosofia e os escritos de HPB. Isso não é estranho, já que Humphreys era tão teósofo quanto budista. Em várias ocasiões ele disse: “Os teósofos reclamam que sou muito budista, e os budistas reclamam que sou muito teósofo. Sempre fui teósofo, mas se eu encontrasse uma religião de maior utilidade para um número maior de pessoas, mudaria instantaneamente.”¹⁴⁷

Tanto a sua aproximação do Budismo como mais tarde da Teosofia aconteceram quando Humphreys estudava em Cambridge. Certa vez ele explicou o que ocorreu naquele momento de sua vida:

Aos dezesseis anos de idade, eu era um cristão entusiasta... tive um irmão quatro anos mais velho, que em 1917 [durante a I Guerra Mundial] foi morto em Ypres, e o alicerce do meu mundo desintegrou-se. Fui tomado, além da minha dor, por uma sensação furiosa de injustiça... E comecei a ler amplamente na área da religião comparada.

Mais tarde, em 1919, chegou às mãos de Humphreys o livro de Coomaraswamy, *Budhha and The Gospel of Budhhism* (*Buda e o Evangelho do Budismo*), e ele disse para si mesmo: “Isso é verdadeiro, e

parece que sou budista.” A sua “real explosão de consciência”, diz ele, ocorreu pela compreensão das ideias de *karma* e renascimento:

A primeira doutrina que me pareceu óbvia foi a do renascimento. Eu não estava reaprendendo o “Budismo”; eu estava apenas lembrando. Conhecia o tema sem ter o trabalho de reler o livro e, em pouco tempo, estava escrevendo e fazendo palestras sobre o Budismo.

Embora não estivesse completamente satisfeito com a filosofia como ela era normalmente ensinada no mundo, Humphreys tinha encontrado um caminho para percorrer:

Eu via o caminho, mas por que ele existia ? Onde estava o mapa, ou uma parte dele que mostrasse o começo e um vislumbre do seu fim? Pois até o próximo passo pode ser cansativo quando a verdadeira direção do caminho continua, desconhecida... A sra. Rhys Davids disse: “O Budismo é a longa estrada entre as nossas imperfeições de agora e a perfeição que está latente em cada mente humana.” Mas eu queria aquele Plano. Lembro que em certa ocasião parei numa rua de Cambridge e exclamei em voz alta: “Quem sou eu e o que sou girando neste pedaço de lama deste Universo específico?”

Descobri o meu Plano num comentário das chamadas *Estâncias de Dzian*, uma escritura tibetana muito antiga, num livro chamado *A Doutrina Secreta*, de H.P. Blavatsky. Ali, pela primeira vez, foi-me dada o que me pareceu na época, e me parece ainda, uma clara exposição do processo de surgimento do Universo e o final da sua existência, e dentro disso a gênese e o significado do homem. Ali estava um mapa do vir-a-ser.¹⁴⁸

Humphreys uniu-se à loja local dos teósofos na Universidade de Cambridge, e logo foi escolhido presidente. Depois de graduar-se em Cambridge, em 1922, ele se tornou um membro ativo da S.T. em Londres. Poucos anos mais tarde, pediu autorização para fundar uma loja budista dentro da S.T. O pedido foi aceito.

Uma discípula de Humphreys, Muriel Daw, conta que seu instrutor, quando estudou *A Doutrina Secreta* e absorveu o conteúdo de *A Voz do Silêncio*, passou a sentir uma profunda devoção por Helena Blavatsky. Sua reverência pelo espírito que brilhava através de HPB e a sua gratidão pela vida dela não tinham limite. Ela nunca deixou de ser uma fonte de inspiração para ele, e o retrato dela ficou pendurado sobre a cabeceira da cama de Humphreys até sua morte.¹⁴⁹

As atividades de Humphreys na loja budista dentro da S.T. continuaram por dois anos. Então, ele diz: “Em 1926, por decisão consensual de todos os membros, saímos da Sociedade Teosófica, considerando que, segundo o nossos pontos de vista, as suas atividades estavam dominadas, então, por

organizações periféricas, com a exclusão do grande ensinamento dado à sra. Blavatsky pelos seus mestres do Tibete.”¹⁵⁰

Foi criada o que mais tarde se chamaria Sociedade Budista, com o intenso apoio, entre outros, de uma teósofa chamada Aileen Faulkner, com quem Humphreys casaria no ano seguinte. Esse casamento frutífero durou mais de cinquenta anos. Outro membro muito ativo na Sociedade foi Edward Conze, a quem Humphreys refere-se como a principal autoridade no campo do Budismo *Mahayana*. No registro do seu diário, feito em 15 de janeiro de 1964, Mircea Eliade escreveu:

Ontem e hoje fiquei quase todo o tempo com Ed Conze. Ele fez duas palestras sobre Budismo — excelentes e com grande audiência. Longas conversas entre nós. Soube que ele foi e ainda é teósofo: ele admira *A Doutrina Secreta* e crê que a sra. Blavatsky foi a reencarnação de *Tsonkapa*,¹⁵¹ [o grande reformador do Budismo Tibetano no século catorze, fundador da escola Gelugpa a que pertencem o Dalai Lama e o Panchen Lama].

Depois da criação da Sociedade Budista, Humphreys continuou a fazer palestras e a escrever sobre Teosofia. *Em Exploring Buddhism (Estudando o Budismo)*, ele observa que *A Doutrina Secreta* “pode vir a ser aceita como uma das maiores obras religiosas disponíveis para a humanidade”.¹⁵² Na introdução a *Karma and Rebirth (Karma e Renascimento)*, ele informa aos leitores que seu livro é “uma humilde tentativa de reconsiderar o assunto à luz das ‘autoridades’ disponíveis”, principalmente as escrituras hindus e budistas. Ele continua: “Quando a estas são acrescentadas como comentários as obras de H.P. Blavatsky, que foi pessoalmente treinada nos mosteiros tibetanos, há uma tríplice ‘autoridade’ que, tomada como um todo, dá a base para uma lei que abrange tudo e que guia e governa a evolução da humanidade.”¹⁵³

Na luta pela sobrevivência, a Sociedade Budista foi muito ajudada por um discípulo de HPB, Dharmapala, de Sri Lanka. Ele veio para a Inglaterra por dois anos para ensinar Budismo na Sociedade Budista, dando-se a conhecer a Humphreys por uma carta enviada da Suíça, em que se referia “àquela obra de puro Budismo”, *A Voz do Silêncio*. “É desnecessário dizer que nós o recebemos com alegria, e depois de muita procura, conseguimos encontrar uma casa para ele ao norte do *Regent Park*, onde ele fundou a Sociedade *Maha Bodhi* britânica, que, atualmente, está em instalações magníficas em Chiswick.”

Em 1929, o grande erudito japonês dr. D.T. Suzuki publicou a sua primeira série dos *Essays in Zen Buddhism* (*Ensaaios Sobre o Budismo Zen*). Humphreys observa que “o livro mostrou-nos muito mais do que o Budismo Zen; deu-nos uma visão brilhante da imensidão do Budismo *Mahayana*, quando o nosso conhecimento até aquele momento se limitava ao *Theravada*”¹⁵⁴ — com a exceção de *A Voz do Silêncio*, de HPB. Em 1910, Suzuki escrevera a respeito de *A Voz* para sua noiva, Beatrice Lane, na Universidade de Columbia, dizendo: “Aqui está o autêntico Budismo *Mahayana*.”

Humphreys conheceu o dr. Suzuki em 1936 no Congresso Mundial das Religiões, em Londres. “Após uma palestra que nenhum ouvinte irá esquecer”, diz Humphreys, “ele veio até a loja... e aí foi feito o contato... pessoal com o Mestre”, que continuou até a morte de Suzuki, em 1966.

Só depois da metade dos anos 1950, quando Suzuki estava nos Estados Unidos, é que começou a “explosão” do Zen. Foi quando cinquenta psicólogos e psiquiatras dos Estados Unidos encontraram-se com ele no México para aprender as suas ideias. Muitos outros contatos foram feitos com importantes pensadores ocidentais.

Além de Suzuki, o homem que mais popularizou o Zen na América do Norte foi Alan Watts, que escreveu trinta livros sobre esse e outros assuntos. No livro *My Own Way*, ele escreve sobre Humphreys e sua esposa (usando os seus apelidos):

Toby e Puck deram-me uma educação que eu não poderia comprar com nenhum dinheiro, e a profundidade da minha gratidão para com eles é imensurável. Mesmo que agora eu reclame, humildemente, de algumas interpretações que Toby faz do Budismo, sempre o admirarei porque ele fez a minha imaginação funcionar e colocou a minha vida no rumo. Temos que compreender que Toby e Puck eram, antes de tudo, teósofos... Assim, foi através da obra de Blavatsky que essas tradições foram transmitidas a Toby quando ele ainda era estudante em Cambridge, em companhia do psiquiatra Henry Dicks e de Ronald Nicholson, que mais tarde se tornaria o *sadhu* Sri Krishna Prem.¹⁵⁵

[Prem é especialmente conhecido hoje pelo seu livro sobre *A Doutrina Secreta* intitulado *Man, The Measure of All Things* (*O Homem, A Medida de Todas as Coisas*).]¹⁵⁶

Durante a colaboração de Watts com Humphreys em Londres, ele editou por dois anos a revista da Sociedade Budista e assim recebeu o treinamento

básico para o trabalho com o Budismo. Foi através de Humphreys que ele conheceu Suzuki.

A contribuição do próprio Humphreys para a “explosão” do Zen foi considerável. Além dos livros que escreveu e as aulas que deu sobre o Zen, ele foi amplamente responsável por colocar os livros do dr. Suzuki à disposição dos leitores ocidentais e foi o seu agente na Europa.

Humphreys, no entanto, não estava interessado apenas em uma escola de Budismo. O seu interesse básico era por um Budismo Mundial, e ele acreditava que só com a combinação de todas as escolas a verdadeira grandeza do Budismo poderia ser descoberta. Em 1945, ele expressou o que há de consensual nestes ensinamentos em seu famoso texto *Doze Princípios do Budismo*, que foi aceito por todas as seitas budistas e traduzido em catorze línguas.

O escritor Colin Wilson pediu certa vez a Humphreys que escrevesse um artigo sobre HPB para um novo livro, uma coletânea que estava organizando. Humphreys escreveu:

Que mulher!... mal compreendida, vilipendiada, desrespeitada e, no entanto, possuidora de uma mente brilhante, cheia de cultura e profundamente instruída; ela era a própria alma da generosidade; uma mulher de fala e ação diretas que se recusava a dizer gentilezas banais e coisas sem sentido, que nós alimentamos sob a alegação de ter boas maneiras, mas oferecia a verdade a todos que a quisessem... Ela nunca era neutra, nem era a mesma para todos. Tinha um grande número de amigos capazes de morrer por ela e de inimigos que a matariam se pudessem... Aqueles fortes olhos azuis podiam enxergar o caráter de cada homem ou mulher que viesse até ela, e até ver quem, mais tarde, a trairia... Ela auxiliava com os seus escassos rendimentos (e ela sempre foi pobre) todos aqueles que necessitavam, mesmo que ela soubesse que, naquele momento, eles estavam planejando destruir a causa a que ela havia dedicado a sua vida inteira... Como oradora, ela era magnética; nunca fazia palestras, mas quando falava, quem a ouvia não podia pensar em mais nada. Em 1920, quando entrei para o movimento, conheci um certo número de pessoas que havia convivido bastante com ela, e em uma coisa todos concordavam: nada continuava igual depois de conhecê-la.¹⁵⁷

CAPÍTULO 8

Os Catalisadores da Renascença Reencarnacionista

Embora, como já foi dito antes, Helena Blavatsky seja considerada a responsável pela revitalização da crença na reencarnação nos tempos modernos, foi só na metade do século vinte que o número de reencarnacionistas passou a crescer rapidamente.

Depois que ela morreu, essa crença espalhou-se gradualmente entre os grupos teosóficos e as suas várias ramificações. Essa ideia estava muito presente no movimento do Novo Pensamento, nas igrejas da Ciência Religiosa, e também na Escola Unitária do Cristianismo, cujos fundadores, Charles e Myrtle Fillmore, eram teósofos.¹⁵⁸ Também os espíritas estavam ensinando a doutrina e deixavam de “materializar” os mortos.

Este capítulo focaliza o crescimento fenomenal da crença na reencarnação a partir da metade da década de 1950. Em 1969, quando foi feita a primeira pesquisa Gallup sobre esse assunto, 20 por cento da população religiosa dos Estados Unidos acreditava na reencarnação. Em 1981, esse número havia crescido para 23 por cento, e desde então está crescendo espetacularmente.

A pesquisa de 1981 foi comentada por George Gallup Jr. em *Adventures in Immortality* (*Aventuras da Imortalidade*). O censo, diz ele, foi o levantamento mais abrangente jamais realizado sobre as crenças na vida após a morte, e foi aplicado a pessoas com 18 anos de idade ou mais. A pergunta feita era muito explícita: “Você acredita na reencarnação — ou seja, no renascimento da alma em um novo corpo após a morte — ou não?” Essa questão foi submetida não só a pessoas religiosas, como havia ocorrido na pesquisa de 1969, mas a uma amostragem ampla da população adulta dos Estados Unidos. De acordo com Gallup Jr., “dos adultos a quem perguntamos, 23 por cento, quase a quarta parte, disse que acredita na reencarnação”.¹⁵⁹ Isso significa que há mais de 38 milhões de

reencarnacionistas nos Estados Unidos, tomando como base a população de 1981, da qual 166 milhões tinha mais de dezoito anos. Uma vez que a grande maioria dos norte-americanos nasce em religiões que não ensinam a reencarnação, esse número é surpreendente.

Várias pessoas foram catalisadoras dessa mudança notável e nelas pode-se identificar a influência de Blavatsky, já que todas tinham uma formação teosófica, como iremos ver. Uma foi a psicóloga dra. Gina Cerminara, autora de um livro de grande vendagem chamado *Many Mansions* (*Muitas Mansões*), publicado em 1950 e que documenta a história do clarividente Edgar Cayce (1877-1945). Cayce era um jovem vendedor quando, subitamente, perdeu a voz. Ele buscou ajuda médica por todos os meios, mas sem resultado. Seguindo o conselho de um amigo, voltou-se para a hipnose, sob a qual pôde não só identificar o que estava errado com ele mas também com o método de cura. Encorajado a fazer o mesmo para outras pessoas, ele continuou essa prática durante vinte anos com notável sucesso. “Nos primeiros tempos”, escreve Cerminara, Cayce “ficou tão surpreso quanto seu interlocutor ao saber que havia dado conselhos médicos a um italiano falando a língua italiana fluentemente e sem qualquer erro. E a complicada terminologia médica que usou era, também, tão ininteligível para ele, em estado de vigília, quanto a língua italiana”.¹⁶⁰

Certo dia, em outubro de 1923, um homem chamado Arthur Lammers veio falar com Cayce. Lammers não estava interessado em ser curado; ele era um teósofo em busca de provas dos ensinamentos teosóficos. No livro *There Is a River* (*Há Um Rio*), Thomas Sugrue conta o que aconteceu:

Lammers... fez perguntas que Cayce não compreendeu — quais eram as dinâmicas do subconsciente, qual era a diferença entre alma e espírito, quais eram as razões para a existência da personalidade e do talento? Ele mencionava coisas tais como a Cabala, as religiões de mistério do Egito e da Grécia, os alquimistas medievais, os místicos do Tibete, o yoga, a sra. Blavatsky e a Teosofia, a Grande Fraternidade Branca, e o mundo etérico. Edgar estava espantado.

“Você deve tentar saber sobre essas coisas”, disse Lammers. “... Há centenas de sistemas filosóficos e milhares de sistemas teológicos. Quais estão certos e quais estão errados?... Qual é a substância real da alma e qual a finalidade da sua experiência na terra? Para onde vamos depois daqui?... O que estávamos fazendo antes de vir para cá? Será que você ainda não se colocou nenhuma destas questões?” “Não”, disse Edgar. Ele não tinha nada para dizer a respeito. Ele não ousava dizer a verdade: que sempre tinha considerado essas ideias sacrílegas, porque Deus havia revelado tudo na Bíblia, e supor que [através de leituras, Cayce] pudesse resolver os mistérios do Universo seria um convite aberto a Satã para que falasse através dele.

Isso é o que havia pensado. Mas agora, ouvindo Lammers falar, ele sentia que esse sentimento tinha passado.¹⁶¹

Lammers interessara-se recentemente em astrologia e pediu um horóscopo a Cayce enquanto ele estava em transe. A resposta veio através de breves frases com pausas ritmadas, mas no final vieram as seguintes e surpreendentes palavras: “ELE FOI UM MONGE!” Isso eletrizou os presentes, mas quem ficou mais surpreso — na verdade, profundamente perturbado — foi o próprio Cayce, quando despertou. Devido ao seu forte condicionamento cristão, ele passou a sentir dúvidas torturantes quando essas leituras de vidas passadas prosseguiram, e foi somente depois de muito estudo e pesquisa bíblica que aceitou a reencarnação.¹⁶²

Mais tarde, Lammers perguntou ao adormecido Cayce: “De onde vêm essas informações sobre as vidas passadas das pessoas?” A resposta foi que a primeira fonte de informações estava na mente subconsciente de Cayce, mas num nível mais profundo que o captado normalmente pelos psicólogos. A segunda fonte, de acordo com o relato de Cerminara, tinha a ver com a leitura dos chamados registros *akáshicos*. Como sempre fazia quando surgiam palavras novas, Cayce, adormecido, soletrou — *akasha*, substantivo, e *akáshico*, adjetivo. Em resumo, a explicação de Cayce foi a seguinte:

Akasha é uma palavra sânscrita que se refere à substância etérica fundamental do Universo, que é elétrico-espiritual em sua composição. Nesse *akasha* fica impresso indelevelmente o registro de cada som, luz, movimento, ou pensamento, desde o início do Universo manifestado. O *akasha* registra as impressões como uma chapa sensível e pode ser considerado quase como uma câmara imensa que grava tudo no Cosmo. A habilidade de ler esses registros vibratórios é inerente a cada um de nós, dependendo da sensibilidade da nossa constituição, e consiste em sintonizar no grau adequado de consciência de modo muito semelhante à sintonia de um rádio com o adequado comprimento de onda... Frequentemente as leituras indicavam que “os registros *akáshicos*” também podiam ser chamados de “*A Memória Universal da Natureza*” ou “*O Livro da Vida*”.¹⁶³

O que pode parecer mais estranho é que, quando se consulta um dicionário de sânscrito-inglês, não se encontra a definição que Cayce deu quando estava em transe, mas esta definição será encontrada nos livros de HPB e dos seus colegas teósofos.

A exatidão com que os registros podem ser lidos depende, naturalmente, do desenvolvimento interno do vidente. Os registros só podem alcançar a

mente consciente depois de terem sido filtrados através do subconsciente e, conseqüentemente, podem ficar coloridos ou até distorcidos pela visão religiosa ou filosófica presente no subconsciente. No caso de Cayce, as leituras têm um forte colorido cristão e estão baseadas na linguagem da Bíblia, que ele lia do começo ao fim uma vez por ano.

Gina Cerminara passou vários anos examinando os registros, cuidadosamente guardados, de mais de catorze mil casos que estiveram sob a influência direta de Cayce. Como Lammers, que lançou Cayce em sua trajetória reencarnacionista, Gina também era teósofa. Numa entrevista, ela revelou que seu avô e sua mãe eram membros da Sociedade Teosófica e acrescentou: “Estou muito grata pela estrutura intelectual que a Teosofia me deu. Quando fui estudar as leituras de Cayce, quase nada do que ele dizia era novo, nem me espantava, pois na maior parte dos casos, era semelhante a algo que eu já havia encontrado na literatura teosófica.”¹⁶⁴

O livro de Gina Cerminara, *Many Mansions*, atraiu atenção mundial para o trabalho de Cayce, porque esta obra notavelmente bem escrita e inspiradora, com uma aplicação psicológica prática na vida diária, foi publicada em muitas línguas, inclusive o islandês e o japonês. Quando, pouco depois da sua publicação, o livro chegou às mãos de Morey Bernstein, o famoso autor de *The Search for Bridey Murphy*, o interesse pela reencarnação subiu rapidamente a níveis inéditos. Berstein havia feito uma jovem mulher norte-americana regredir sob hipnose,^{*1} e em seis sessões ela havia parecido recordar-se em detalhes de uma vida na Irlanda.

O dr. Ian Stevenson, destacado estudioso da reencarnação, viu o caso Bridey Murphy de modo favorável:

A maior parte das alegações de memórias de vidas passadas, evocadas desta maneira, parece-me completamente sem valor. Embora não acredite na maioria das “vidas anteriores” vistas sob hipnose, não rejeito todas as experiências desse tipo como destituídas de valor. Na verdade, estou bastante certo de que num pequeno número de casos ocorre algo importante e autêntico. Penso que este é o caso de Bridey Murphy.¹⁶⁵

Como consequência do caso Bridey Murphy, surgiram na mente de muitas pessoas questões relativas à reencarnação. Entre os que trataram de responder a esses questionamentos estava o professor C.J. Ducasse, que fez palestras sobre reencarnação em várias escolas e que, durante muitos anos, foi chefe do Departamento de Filosofia na Universidade de Brown. Em dois

dos seus livros, *A Critical Examination of The Belief in a Life After Death* (*Um Exame Crítico da Crença de Uma Vida Após a Morte*) e *Nature, Mind and Death* (*A Natureza, a Mente e a Morte*), Ducasse discute as comprovações filosóficas da reencarnação. Sua Conferência Garvin de 1960, *A Vida Após a Morte Concebida Como Reencarnação*, girou inteiramente em torno desse tema.

Ducasse revelou o que o levou a escolher em sua carreira de professor de filosofia num artigo, *Libertação Filosófica*, publicado em 1930 na revista de estudos Contemporary American Philosophy. Nascido na França em 1881, ele passou muitos anos viajando ao redor do mundo e trabalhando em diferentes ocupações. Ele finalmente se estabeleceu em Nova Iorque durante três anos (1903-1906), trabalhando como estenógrafo para uma companhia de seguros. Enquanto estava visitando a sua família na França, um conhecido mostrou-lhe um pequeno livro que apresentava os pontos de vista dos teósofos. Depois de regressar para Nova Iorque, Ducasse filiou-se à Sociedade Teosófica e, no seu tempo livre, era o encarregado da biblioteca da Sociedade. Entre os volumes que leu estava *The Science of Peace* (*A Ciência da Paz*), escrito pelo teósofo e erudito hindu Bhagavan Das.¹⁶⁶ As discussões de Das sobre questões ontológicas fundamentais despertaram o interesse de Ducasse nesses assuntos. Tendo recebido algum dinheiro, foi para Seattle e lá se matriculou na Universidade de Washington, obtendo mais tarde um doutorado em Harvard. No entanto, os muitos anos de escola e ensino nunca diminuíram o seu interesse na reencarnação e só o desafiavam a submeter o assunto a um rigoroso exame filosófico.

O dr. Ian Stevenson (professor de psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade de Virgínia) é o principal pesquisador científico sobre reencarnação. Ele se especializou em casos de crianças, tanto do Ocidente como do Oriente, que têm lembranças detalhadas sobre o que dizem ser vidas passadas. Oito volumes desses relatos já foram publicados pela *University of Virginia Press*,¹⁶⁷ e os casos de reencarnação classificados por ele já somam mais de dois mil. Stevenson considera a recordação de vidas passadas das crianças que investiga — algumas das quais lembram mais de cinquenta itens devidamente verificados, inclusive o nome de pessoas, locais e incidentes — como tendo 90 por cento de exatidão. Algumas crianças recordam-se até mesmo de uma língua que conheciam. Essa

habilidade é chamada xenoglossia, um assunto sobre o qual Stevenson escreveu dois volumes. Em todos os casos ele examina a possibilidade de outras explicações além da reencarnação.

Em setembro de 1977, o volume número 165 de uma importante publicação psiquiátrica, o *Journal of Nervous and Mental Disease (JNMD)*, dedicou quase a edição inteira à pesquisa de Stevenson sobre sobrevivência após a morte — e mais particularmente à reencarnação como causa desta sobrevivência. Essa edição foi precedida, em maio daquele ano, pela publicação de um longo texto de Stevenson sobre *O Valor Explicativo da Ideia da Reencarnação*, na mesma revista. O dr. Eugene Brody, editor da revista e psiquiatra da Escola de Medicina da Universidade de Maryland, disse, ao ser entrevistado: “Devo ter recebido trezentos ou quatrocentos pedidos de reimpressão desse artigo, vindos de cientistas de todas as áreas. Está muito claro que há um enorme interesse por esse assunto.”

Numa entrevista dada à revista teosófica *Quest* (edição de setembro-outubro de 1978), Stevenson revela o que aconteceu na sua infância e que o levou, mais tarde, a uma pesquisa em tempo integral sobre este tema. O entrevistador, Tom Buckley, do New York Times, começa fazendo um resumo da carreira de Stevenson. Ele não só fora chefe do Departamento de Psiquiatria da Escola de Medicina na Universidade de Virgínia e psiquiatra-chefe do hospital da universidade, mas também tinha escrito um grande número de textos sobre entrevistas e diagnósticos psiquiátricos. Além disso, atendia pacientes particulares e ensinava na universidade. Segundo Buckley, “ele é um psicanalista muito bem qualificado. Além de tudo isto, desde que completou a sua formação, tem sido sempre um membro da elite médica — recebendo distinções no Hospital de Nova Iorque e na Clínica Ochsner em Nova Orleans”. Buckley continua:

Com a idade de 48 anos, Stevenson abandonou a psiquiatria para dedicar-se integralmente à pesquisa sobre reencarnação. Era óbvio que havia uma poderosa razão para essa decisão, que muitos dos seus colegas consideraram no mínimo estranha, e, no entanto, eu não estava preparado para a resposta que Stevenson deu quando lhe perguntei o motivo. “Mesmo quando eu ainda estava na escola de medicina, já dizia a mim mesmo que iria dedicar-me à pesquisa psíquica logo que pudesse. Mas sabia que antes tinha de construir uma carreira médica sólida, e isso eu já fiz.”

Mas, perguntei eu, o que o levou especificamente ao estudo da reencarnação? A sua resposta para esta questão era inevitavelmente menos precisa... Sua mãe tivera interesse, disse ele, nas religiões orientais. Ela tinha uma pequena biblioteca sobre o assunto,^{*2} e Stevenson, um garoto

que gostava de livros, recorda-se de que se recolhia com esses livros muitas vezes nas tardes chuvosas ou em que nevava.

“Eu posso dizer que era uma criança prematuramente séria”, continuou ele, sorrindo ao dizer a palavra “séria”. “Tinha a tendência de relacionar-me mais com adultos do que com outras crianças. Há algo que pode prejudicar a minha credibilidade como cientista” — e sorriu novamente — “mas lembro o dia, quando estava completando nove anos de idade a bordo do navio *Empress of Scotland*, a caminho de Southampton, em que fiz uma exposição sobre os méritos da reencarnação para duas senhoras idosas, espantadas”.

Um estudo dos seus casos revela como ele era emocionalmente imparcial e equilibrado. Os seus colegas reconhecem isso; vários deles foram citados no artigo *Há Outra Vida Após a Morte?* na revista *Look* (20 de outubro de 1970). O dr. Albert J. Stunkard, na época diretor do Departamento de Psiquiatria da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, observa:

O trabalho atual de Stevenson parece estranho para muitos cientistas convencionais. Certamente é polêmico. Mas ele é o homem mais crítico que conheço trabalhando nesta área, e talvez o de pensamento mais profundo, com o hábito de construir durante a sua pesquisa controles adequados do processo de investigação.

E a dra. Gertrude Schmeidler, ex-professora de psicologia no *City College* da Universidade de Nova Iorque, afirmou: “Stevenson é uma pessoa extremamente cuidadosa e responsável, de grande habilidade intelectual e elevado padrão profissional. Ele aplica um método extremamente rigoroso na coleta e análise de dados.”

Stevenson tem recusado inúmeros convites para ir à televisão e de fazer publicidade, por outros meios, em torno da sua pesquisa. No entanto, o seu trabalho incansável ao longo de três décadas está-se tornando amplamente conhecido e contribuindo gradualmente para o interesse em grande escala que surge hoje em torno da reencarnação.

No cientista Stevenson e na atriz Shirley MacLaine — nossa próxima catalisadora da reencarnação — temos dois polos de pesquisa sobre o mesmo tema.

O livro de MacLaine *Out on a Limb (Minhas Vidas)* vendeu mais de quatro milhões de exemplares, e ela apareceu em numerosos programas de

televisão para discutir o tema. O livro mostra, além dela própria, um homem chamado David, que foi a força inspiradora do seu novo papel como instrutora de reencarnação. David, diz MacLaine, é um personagem composto, representando vários homens que abriram a sua mente para as realidades internas. A identidade deles tem sido um mistério, embora aquele que foi o responsável por sua aventura nos Andes — o clímax do seu livro — seja agora conhecido por alguns. Foi essa pessoa que a informou, no Peru, que ela estava destinada a ser uma instrutora da Nova Era e a escrever livros sobre a sua recém-adquirida filosofia. A ideia de uma humilhação pública, que poderia resultar da tentativa, fez com que ela ficasse petrificada de medo.¹⁶⁸

Soube-se que o mentor de MacLaine era Charles Silva no outono de 1985, quando foi anunciado numa circular que ele, o “confidente e guia de Shirley MacLaine, que aparece no best-seller *Minhas Vidas*”, estaria dando um seminário no *Elizabeth Seton College*, em Yonkers, Nova Iorque, no dia vinte e oito de setembro. A circular também o identificava como o autor de um livro chamado *Date With The Gods (Encontro Com os Deuses)*.¹⁶⁹

Esse livro descreve as aventuras — ocultas e outras — de Silva durante as duas visitas que fez aos Andes, em 1974 e 1975. Ele relata que, quando retornou aos Estados Unidos em 1976 para escrever seu livro, passou uma semana pesquisando em Long Island com uma amiga chamada Myrna, “que passou muitos anos da sua vida estudando: a mulher é um gênio, pois conhece profundamente as doutrinas secretas de Blavatsky e do continente perdido da Atlântida. Ela conhece tudo sobre alimentos saudáveis, macrobiótica, terapias e é uma excelente artista”.¹⁷⁰

Perguntada sobre Silva,¹⁷¹ Myrna disse que durante o verão de 1969, ele e a mulher com quem ele vivia — oriunda de Long Island, mas que agora era professora em Los Angeles — haviam alugado o andar de cima de uma casa que pertencia a ela e sua irmã.

Quando Myrna conheceu Silva ele era um materialista convicto, mas com o tempo ficou entusiasmado com a Teosofia e comprou todos os livros de HPB. Silva, mais tarde, emprestou esses livros a Shirley MacLaine, numa época em que ela não sabia quase nada sobre reencarnação e temas semelhantes. Isso foi em 1976 e no começo de 1977, antes da viagem que ambos fizeram aos Andes, um pouco depois, naquele mesmo ano.

Quando um repórter da equipe do TV Guide, ao entrevistar MacLaine, perguntou-lhe se conhecia alguma coisa sobre Teosofia, ela replicou: “Ah, sei tudo sobre isso.”¹⁷²

A geração *hippie* exerceu uma influência considerável na renascença reencarnacionista. Os Beatles, por exemplo, estavam interessados na filosofia oriental. O que talvez não seja tão bem conhecido é que Elvis Presley tinha um profundo interesse por temas metafísicos. No livro *Elvis*, Albert Goldman lista uma série de livros que ele estudou durante muitos anos: *A Doutrina Secreta* e *A Voz do Silêncio*, de H.P. Blavatsky, *Cosmic Consciousness*, de Richard Maurice Bucke, *The First and Last Freedom (A Primeira e Última Liberdade)*, de Krishnamurti, *Flame in Chalice*, de Nicholas Roerich, *New Mansions for New Men*, de Dane Rudhyar, e por fim *The Tibetan Book of The Death (O Livro Tibetano dos Mortos)*, de W.Y. Evans-Wentz.¹⁷³

O professor Goldman assinala:

Os livros que Elvis Presley lia para buscar equilíbrio para sua vida foram publicados nos anos 1870 em Nova Iorque pela famosa e fascinante sra. Blavatsky. Elvis sempre tinha à mão exemplares das obras dela... Na verdade, um pequeno volume, considerado uma tradução feita por Blavatsky das mais antigas runas do Tibete, *A Voz do Silêncio*, era tão importante para ele que, às vezes, ele lia algo desse livro no palco e inspirou-se nele para dar nome ao seu grupo evangélico, *Voz*.¹⁷⁴

O interesse surgiu quando Elvis trocou de barbeiro. O novo barbeiro era Larry Geller, de Nova Iorque, que falou a ele sobre a existência de mestres. A resposta imediata e irreverente de Elvis foi: “Que diabo são esses mestres?”¹⁷⁵ Priscilla, esposa de Elvis, escreveu em sua biografia, *Elvis and Me (Elvis e Eu)*:

Elvis descobriu que havia muitos mestres além de Jesus. Havia Buda, Maomé, Moisés e outros, cada um “escolhido por Deus para cumprir um propósito”. O que eu estava vendo em Elvis agora era o surgimento daquela parte do seu ser que estava ansiosa por obter respostas a todas as questões fundamentais da vida.

Ele perguntou a Larry por que, de toda a população da Terra, ele tinha sido escolhido para influenciar tantos milhões de almas. Garantida essa posição extraordinária, como poderia contribuir para salvar um mundo ameaçado por fome, doença e pobreza? Por que, em primeiro lugar, havia tanto sofrimento humano? E por que ele não era feliz, quando tinha mais do que qualquer outra pessoa poderia desejar? Ele estava sentindo falta de alguma coisa mais na vida. Através da percepção interior de Larry, ele esperava encontrar o caminho para as respostas.

Ele estava ansioso para que todos nós — especialmente eu — absorvêssemos todo o conhecimento que estava adquirindo. Feliz por poder partilhar, lia para nós durante horas e

passava-nos livros que ele pensava que poderiam nos interessar.¹⁷⁶ [Goldman observa] É evidente que ele lia esses livros com grande interesse porque os exemplares que tinha estão cheios de orelhas, gastos e sublinhados em quase todas as páginas. Elvis decorava muitas passagens decisivas, e as recitava enquanto Larry Geller segurava o livro como o ponto do teatro.¹⁷⁷

Sua esposa revela com que seriedade ele tentou aplicar esses estudos: “Temos que controlar nossos desejos”, disse a ela, “para que eles não nos controlem”.

O item final deste capítulo leva-nos ao trabalho de Geddes MacGregor, que teve uma carreira dupla: como sacerdote anglicano e como professor de filosofia na Europa e nos Estados Unidos.

Até aqui, neste capítulo, ficou claro que surgiram reencarnacionistas nos campos da ciência e da filosofia. E quanto à religião? O professor Geddes Mac-Gregor conta que nas duas últimas décadas da sua carreira tem-se dedicado a esta pesquisa na área do Cristianismo. Ele disse em uma palestra: “Interessei-me pela reencarnação quando tinha quinze anos. Naquela época li todo tipo de literatura teosófica e, desde então, nunca perdi realmente o interesse pelo tema.”¹⁷⁸

Quanto às credenciais de MacGregor, ele é professor de filosofia e também um sacerdote episcopal. Recebeu o seu doutorado em Oxford, e também dois pós-doutorados: o *grand doctorat* do Estado Francês, obtido *summa cum laude* na Sorbonne em Paris, e o título de doutor em Teologia em Oxford. A União Hebraica nos Estados Unidos concedeu-lhe o diploma de doutor honorário em Filologia. Atualmente ele é professor emérito e ilustre de Filosofia na Universidade do Sul da Califórnia, onde ensinou Filosofia da Religião de 1960 até 1975. Como sacerdote anglicano, entre as suas várias funções, foi pregador especial na Catedral de Saint Paul, na Inglaterra, em 1969, e da Abadia de Westminster em 1970. Entre seus numerosos livros sobre Cristianismo há dois sobre reencarnação.¹⁷⁹

Em 1982, numa palestra realizada na Sociedade Teosófica em Wheaton, Illinois, EUA, o tema escolhido por MacGregor foi *O Cristianismo e a Sabedoria Antiga*, de onde foi retirado o que se segue:

Lembro bem que, quando tinha quinze anos, conheci os livros escritos por alguns membros notáveis da Sociedade Teosófica. Fiquei imediatamente fascinado, não tanto pelos livros, mas pelo que eles pareciam estar me recordando... Quando me dediquei, praticamente na mesma época, ao Caminho Cristão, no começo pensei equivocadamente que devia pôr de lado os ensinamentos teosóficos. Mas, na verdade, nunca renunciei a eles, nem podia fazê-lo. Ao contrário, desde aquele momento eles sempre iluminaram todo meu pensamento cristão, embora somente na última década eu tenha visto mais claramente do que nunca como é íntima a ligação entre a experiência e a visão dos grandes místicos e essa sabedoria antiga que eu providencialmente havia conhecido tão cedo na minha vida. Ela ficou germinando na minha alma, afetando todos os aspectos da minha espiritualidade sem ter alcançado a total plenitude até uma etapa relativamente avançada da minha vida.

Ninguém que leia meus livros com atenção pode deixar de ver (às vezes, talvez, mais claramente do que eu mesmo) como essas ideias teosóficas afetaram profundamente o meu pensamento. Como os construtores das catedrais medievais, eu estava fazendo algo de modo um pouco melhor do que eu era capaz de perceber... Sempre tive uma aguda percepção de ter sido, de alguma maneira, catapultado muito jovem até um modo especial de consciência para cuja compreensão e apreciação eu precisava adquirir uma grande quantidade de conhecimento técnico.¹⁸⁰

O primeiro livro de MacGregor sobre reencarnação, publicado em 1978, foi *Reincarnation in Christianity: A New Vision of the Role of Rebirth in Christian Thought* (Reencarnação no Cristianismo: Uma Nova Visão do Papel do Renascimento no Pensamento Cristão).¹⁸¹ O segundo livro *Reincarnation as a Christian Hope* (Reencarnação Como Uma Esperança Cristã), foi publicado em Londres em 1982 e, mais tarde, nos Estados Unidos. Ele também escreveu *The Christening of Karma: The Secret of Evolution* (A Cristianização do Karma: o Segredo da Evolução).¹⁸² MacGregor tem dado cursos sobre reencarnação na Universidade da Califórnia, em Berkeley e na Universidade de Iowa.

A seguir, conforme o relato feito a esta escritora, veremos como foi que ele começou a fazer conferências e a escrever sobre reencarnação. Em 1976, ele foi convidado a fazer as Conferências Birks na Universidade McGill, em Montreal. Inicialmente ele deu à escola três opções possíveis para o título da série de palestras. Mas num espírito de brincadeira provocativa, incluiu um quarto tópico: *Será a Reencarnação Compatível Com o Cristianismo?* A resposta imediata foi: “*Você não nos deixou opção!*”

MacGregor escreveu:

A reencarnação é uma das ideias mais fascinantes da história da religião, e um dos temas que mais aparece na literatura mundial. Ela é geralmente considerada estranha ao Cristianismo e a

sua tradição, e especialmente alheia às raízes hebraicas do pensamento bíblico. Mas esta suposição é questionável... A ideia da reencarnação floresceu persistentemente em vários momentos da tradição cristã, desde os tempos mais antigos até hoje. Ela floresceu no Judaísmo. Sempre que os pensadores ocidentais aprenderam a amar o caminho cristão de modo suficientemente profundo para deixar de lado o dogma morto sem destruir o tecido vivo, a reencarnação fez parte da vida da Igreja.¹⁸³

*1 Certa vez foi perguntado a HPB: “O que acontece com as doenças curadas sob hipnose; elas são realmente curadas ou apenas postergadas, ou reaparecem sob outra forma? As doenças serão resultado do karma; e, sendo assim, será correto tentar curá-las?” RESPOSTA: “A sugestão hipnótica pode curar para sempre, ou não. Tudo depende da relação magnética existente entre o operador e o paciente. Se a doença for resultado do *karma*, seus efeitos serão só adiados e retornarão sob outra forma, não necessariamente como doença, mas como um mal punitivo de algum tipo. É sempre ‘correto’ tentar aliviar o sofrimento sempre que possível, e fazer o melhor que pudermos para isso. Se um homem sofre uma pena de prisão justa, e pega gripe na sua cela úmida haverá motivo para que o médico da prisão não tente curá-lo?” (Blavatsky, *Hipnotismo e Suas Relações com Outros Modos de Fascinação*, *HPB on Psychical Phenomena*, HPB Pamphlet Series, The Theosophy Company, Los Angeles, California, EUA, 1938).

*2 Numa carta a esta autora (30 de março de 1977), Stevenson identifica esses livros como teosóficos: “Os livros sobre Teosofia que li quando criança pertenciam à biblioteca da minha mãe, e não do meu pai. Muitos anos atrás um jornalista publicou a informação que eu lia livros teosóficos na biblioteca da nossa casa quando eu era criança. Isso é verdade, mas a biblioteca tinha sido reunida pela minha mãe, não pelo meu pai.”

CAPÍTULO 9

Mitos, Sonhos e Inconsciente Coletivo

Os símbolos e mitos foram considerados suficientemente importantes, em *A Doutrina Secreta*, para que um terço do texto de cada um dos dois volumes da obra^{*1} fosse dedicado à sua discussão. O primeiro volume contém quinze capítulos sobre o tema, e HPB começa com essas palavras:^{*2}

A maior parte da vida de quem escreve estas linhas foi ocupada com o estudo da significação oculta das lendas religiosas e profanas de vários países, grandes ou pequenos, e especialmente das tradições do Oriente.^{*3} A autora coloca-se entre os que se acham convencidos de que nenhuma narrativa mitológica, nenhum acontecimento tradicional das lendas de um povo, em qualquer época, representou simples ficção, mas possui, cada qual, um findo histórico verdadeiro. Diverge, assim, daqueles mitólogos — por maior que seja a sua reputação — que não veem, em cada mito, mais que uma prova da tendência supersticiosa dos antigos... O poeta e egiptólogo Gerald Massey... enquadrou admiravelmente esses pensadores superficiais... Os termos incisivos de sua crítica merecem ser reproduzidos aqui, por serem um eco fiel de nossos próprios sentimentos, manifestados abertamente desde 1875, quando escrevemos *Ísis Sem Véu*. [Massey afirma]:

Há trinta anos o professor Max Müller vem ensinando, em seus livros e conferências, no *Times* e em várias revistas, na tribuna da *Royal Institution*, no púlpito da Abadia de Westminster e na cátedra de Oxford, que a mitologia é uma enfermidade da linguagem, e que o simbolismo antigo era o resultado de uma espécie de aberração mental primitiva. “Sabemos”, diz Renouf... “que a mitologia é a enfermidade que se desenvolve em um estágio particular da cultura humana”.

[Massey] responde que: “Só a imaginação do metafísico teórico é que faz da mitologia uma doença da linguagem ou de qualquer outra coisa que não seja o seu próprio cérebro. Esses traficantes de mitos solares perderam completamente de vista a origem e o significado da mitologia! A mitologia era um modo primitivo de pensar. Baseava-se em fatos naturais e, ainda hoje, pode ser verificada através do estudo deles. Nada tem de insano nem de irracional se considerada à luz da evolução e quando o seu modo de expressar-se em linguagem simbólica é completamente compreendido. O insensato é querer tomá-la por história humana ou como revelação divina. A mitologia é o repositório da mais antiga ciência do homem, e o que nos interessa principalmente é o seguinte: quando ela for novamente bem interpretada, dará um golpe mortal em todas aquelas falsas teologias a que involuntariamente deu origem.”

Sir James Frazer, o famoso autor de *The Golden Bough*, obra de muitos volumes, tinha uma visão semelhante à de Müller, segundo afirma o professor Mircea Eliade: “Em cerca de 20.000 páginas [ele] demonstrou que todos os pensamentos, imaginações e anseios do homem arcaico, todos os seus mitos e ritos, todos os seus deuses e experiências, são apenas uma massa de

bestialidades, crueldades e superstições, felizmente abolidas pelo progresso científico humano.”¹⁸⁴

No século vinte a atitude em relação aos mitos e lendas começou a mudar, com o aparecimento das obras de Carl Jung e de livros como *The Forgotten Language (A Linguagem Esquecida)*, de Erich Fromm, e *The Hero With Thousand Faces (O Herói de Mil Faces)*, de Joseph Campbell.^{*4} Em *The Forgotten Language*, Fromm escreve:

Os sonhos do homem antigo e moderno estão escritos na mesma linguagem que os mitos, cujos autores viveram no alvorecer da história... No entanto, essa linguagem tem sido esquecida pelo homem moderno, não quando ele está dormindo, mas quando está desperto. Será importante compreender esta linguagem também quando estamos acordados?... Acredito que a linguagem simbólica é a única língua estrangeira que cada um de nós deve aprender. A sua compreensão põe-nos em contato com uma das fontes mais significativas de sabedoria, que é o mito, e com as camadas mais profundas de nossas próprias personalidades...

Em *O Herói de Mil Faces*, Joseph Campbell ampliou o nosso conceito do que é um mito, dizendo: “O mito é a abertura secreta através da qual as energias inesgotáveis do Cosmo se derramam sobre as manifestações culturais humanas. As religiões, as filosofias, as artes, as formas sociais do homem histórico e pré-histórico, as primeiras descobertas na ciência e na tecnologia, e os próprios sonhos que animam o sono surgem da realidade básica do mito... Os símbolos da mitologia não foram produzidos, e não podem ser encomendados, inventados nem suprimidos permanentemente. Eles são produzidos espontaneamente em nossa psique, e cada um deles contém o poder germinativo da sua fonte.”¹⁸⁵

Com ideias como estas, perguntamo-nos se Campbell esteve, em algum momento, interessado em Teosofia. Ficamos sabendo, por uma biografia sua intitulada *A Fire in The Mind (Um Fogo na Mente)*, escrita por Stephen e Robin Larsen e publicada em 1991, que Campbell teve muitos contatos com teósofos. Os biógrafos afirmam que em 1928, quando Campbell estava planejando uma turnê mundial, ele estava “tremendamente excitado pela maneira natural como os seus contatos teosóficos e orientais se encaixavam na sua viagem e planos de estudos; sua sensação era de que um centro interno, antes tão dolorosamente ausente, estava começando a surgir”.¹⁸⁶

Em seu livro *The Power of Myth (O Poder do Mito)*,^{*5} Campbell lembra-nos que: “Freud e Jung sentiram que o mito está enraizado no inconsciente”.¹⁸⁷ Jung é famoso pela sua teoria do inconsciente coletivo. Aqui está a explicação para este assunto instigante:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indiscutivelmente pessoal... mas esse inconsciente pessoal repousa sobre uma camada mais profunda, que não surge da experiência

pessoal... [ele] é inato. Essa camada eu chamo de inconsciente coletivo... Ele tem conteúdo e modos de comportamento que são mais ou menos os mesmos em todas as partes, em todos os indivíduos... e constitui, assim, um substrato psíquico comum de natureza impessoal que está presente em cada um de nós.¹⁸⁸

Uma prova da sua existência, diz Jung, é o fato de que “os mitos e histórias de fadas da literatura mundial contêm temas presentes em toda parte”, acrescentando que eles são “parte da estrutura herdada da psique, e que deste modo podem manifestar-se... espontaneamente em todos os lugares, em qualquer tempo”.¹⁸⁹

Em algumas linhas de *A Doutrina Secreta*,^{*6} é surpreendente encontrar esta mesma ideia escrita quarenta anos antes:

A imaginação das massas, por desordenada que seja, jamais poderia conceber nem tirar *ex nihilo*^{*7} tão grande número de figuras monstruosas, tão rica coleção de histórias extraordinárias, se não dispusesse, como núcleo central, dessas reminiscências flutuantes, vagas e obscuras, que servem de traço de união entre os elos quebrados da cadeia do tempo, para delas fazer a base misteriosa, feita de sonhos, da nossa *consciência coletiva*. [itálico de S. Cranston.]

Jung escreveu certa vez que a filosofia indiana, ao ser descoberta pela primeira vez pelo Ocidente, “permaneceu restrita aos estudiosos de sânscrito e aos filósofos”, acrescentando: “Mas não demorou muito tempo para que o movimento teosófico, fundado pela sra. Blavatsky, tivesse acesso às tradições orientais e as transmitisse ao público em geral.”¹⁹⁰

Na virada do século, Sigmund Freud já lançara a sua teoria, segundo a qual dentro de cada um de nós há uma mente inconsciente, na qual estão armazenadas ideias esquecidas ou reprimidas. Essa mente inconsciente reagiria frequentemente sobre a mente consciente de maneira não-saudável, sem que a pessoa fosse consciente disso.

O diário de Mircea Eliade contém o seguinte registro, datado de 6 de junho de 1964, referente ao famoso trabalho de Freud sobre os sonhos:

Enquanto Freud estava preparando o seu *Traumdeutung*, os teósofos ingleses estavam falando acerca da “história *akáshica*” e da “memória da Natureza”. Segundo esta última, nada do que aconteceu jamais foi esquecido pela Natureza. As memórias desses acontecimentos —

cósmicos, históricos, pessoais — é conservada em diferentes objetos naturais. Certos homens — que possuem uma “mente bem sintonizada psiquicamente” — conseguem, após o contato com certos objetos tangíveis, capturar a história latente contida neles.

É interessante notar que Freud também pensa que nada do que acontece ao homem desde a sua infância é perdido, nem realmente esquecido. Tudo pode ser recuperado (com o auxílio do psicanalista), não sobre a base de “objetos tangíveis”, mas de imagens... A teoria da história *akáshica*, com a qual os teósofos sonhavam... corresponde na sua estrutura à teoria freudiana. Freud era fascinado por Ocultismo. Teria ele lido as elucubrações teosóficas em moda depois de 1895, e muito populares especialmente em 1898?¹⁹¹

O biógrafo de Freud, Ernest Jones, no capítulo *Ocultismo*, na sua obra em três volumes *Sigmund Freud: Life and Work (Sigmund Freud: Vida e Obra)*, afirma que este era um tema que “realmente fascinava” Freud e “deixava-o perplexo e distraído”.¹⁹²

Deve ser lembrado, também, que dez anos antes de Freud, HPB escreveu que as ideias reprimidas ou esquecidas ficam estocadas na mente subconsciente do homem. Isso está no artigo *A Memória Naqueles Que Estão Morrendo*,^{*8} que apareceu em *Lucifer*, em 1889. HPB cita com simpatia as seguintes palavras de Edgar Quinet, autor de *Creation*:

“Os pensamentos que temos, mas que somos incapazes de formular e definir, uma vez repelidos, buscam refúgio na própria raiz do nosso ser”... Quando caçados pelos esforços persistentes da nossa vontade, “eles se retiram para longe dela mais e mais profundamente até sabe-se lá que filamentos, onde permanecem e de onde imprimem sobre nós sua influência sem que saibamos”. Sim, *invisíveis e evitando ser captados, eles trabalham, no entanto, e lançam assim os alicerces dos nossos futuros pensamentos e ações, e obtêm domínio sobre nós*, mesmo que nunca pensemos neles, e nem percebamos que existem e estão presentes. [Destacado por S. Cranston.]

Para revelar esses sentimentos subconscientes, Freud recomendava que os psiquiatras e os psicanalistas estudassem os sonhos dos pacientes. Esses médicos, durante anos, registraram determinados tipos de sonhos como evidência de uma repressão sexual, embora atribuíssem diferentes significados aos outros. Os livros sobre sonhos também dão, frequentemente, significados físicos para sonhos específicos.

Esse método não é recomendado por HPB. No seu estudo de vinte páginas sobre os sonhos, contido no apêndice de *Transactions of The Blavatsky's Lodge (Atas da Loja Blavatsky)*, diante da pergunta: “Haverá meios para interpretar os sonhos — por exemplo, a interpretação dada em alguns livros sobre sonhos?” — ela respondeu: “Só através da clarividência

e da intuição espiritual do ‘intérprete’. Cada Ego que sonha difere de todos os outros, da mesma forma que os nossos corpos físicos.”¹⁹³ Com a palavra clarividência ela não se refere aos claridentes que dão consultas, pois ela parece ter uma opinião negativa da sua autenticidade.

Como ajuda para classificar os nossos sonhos, HPB conclui o seu texto com as seguintes palavras:

De um modo geral podemos dividir os sonhos em sete tipos:

1. Sonhos proféticos. Esses são impressos na nossa memória pelo nosso Eu Superior, e são geralmente simples e claros: ou uma voz é ouvida ou um evento próximo é visto antecipadamente.
2. Sonhos alegóricos, ou visões nebulosas de realidades captadas pelo cérebro e distorcidos pela nossa fantasia. Esses são, geralmente, só em parte verdadeiros.
3. Sonhos enviados pelos adeptos — bons ou maus — por mesmerizadores, ou pelos pensamentos de mentes muito poderosas que querem que nós obedeçamos às suas vontades.
4. Retrospectivos; sonhos de eventos pertencentes a encarnações passadas.
5. Sonhos de advertência para outras pessoas, incapazes de receber a informação diretamente.
6. Sonhos confusos, cujas causas foram discutidas acima.
7. Sonhos que são meras fantasias e imagens caóticas, devido à má digestão, algum problema mental, ou a uma outra causa externa.

Os sonhos alegóricos parecem ser aqueles que se originam no inconsciente coletivo, mas têm um significado especial para o indivíduo que os experimenta. *A Doutrina Secreta*^{*9} afirma que “como há sete chaves de interpretação para cada símbolo ou alegoria, o significado que pode não satisfazer, por exemplo, o aspecto psicológico ou astronômico, estará, não obstante, inteiramente correto do ponto de vista físico ou metafísico”.

*1 A edição em inglês consta de dois volumes. (Nota Ed. Bras.)

*2 Vol. II, pp. 9-10 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*3 Yeats em sua autobiografia diz sobre Blavatsky: “Eu sabia que a sua mente continha todos os folclores do mundo”. (Nova Iorque: Doubleday, 1958, p. 118)

*4 Publicado no Brasil pela Ed. Cultrix/Pensamento. (Nota Ed. Bras.)

*5 *O Poder do Mito*, com Bill Moyers. Editora Palas Athena, São Paulo. (Nota Ed. Bras.)

*6 Vol. III, pp. 311-12 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*7 *Ex nihilo*: do nada em latim. (Nota Ed. Bras.)

*⁸ Veja o panfleto de Jean-Louis Siémons, *A nineteenth century explanatory scheme for the interpretation of near-death experiences: the transpersonal model of death as presented in Madame Blavatsky Theosophy* (Um esquema explicativo do século dezenove para interpretação de experiências próximas à morte: o modelo transpessoal da morte tal como foi apresentado na Teosofia da senhora Blavatsky), Paris, Instituto Nacional de Agronomia, 16, *rue Claude Bernard*, 75005, Paris, França: Tel.146.66.0.8.41.

*⁹ Vol. III, p. 39 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 10

A Fundadora da Nova Era?

A publicação McCall de março de 1970 foi dedicada quase inteiramente à “Explosão do Ocultismo”. A página editorial refere-se a HPB como “A Fundadora do Ocultismo na América”. Ali é chamada a atenção para um artigo de Kurt Vonnegut Jr. intitulado *A Misteriosa Senhora Blavatsky*,^{*1} de onde foi tirado o seguinte:

Muitos norte-americanos, percebo, têm escassa consciência de que existiu uma sra. Blavatsky. Quando os faço imaginar quem foi ela e o que fez, eles normalmente supõem que ela foi uma charlatã notável entre muitos charlatões que fingiam falar com os mortos. Essa resposta é ignorante e injusta... Ela tinha quarenta e dois anos de idade quando chegou aqui, em 1873, e sua cabeça estava fervilhando de teorias ocultas, mas era muito cuidadosa ao falar na questão de contatos com os mortos... Dizia que tinha dado a volta ao mundo três vezes antes de estabelecer-se aqui. “Esta senhora”, diz o *Daily Graphic* de Nova Iorque, “tem levado uma vida agitada, viajando pela maioria das terras do Oriente, buscando antiguidades nas bases das pirâmides [e] observando os mistérios dos templos hindus...” Ela era muito valente, em primeiro lugar, por viajar tão longe, sozinha. Era muito brilhante, aprendendo uma língua depois da outra para conhecer o que os sábios locais sabiam. E era muito generosa, porque não queria quase nada para si mesma... Tinha um medo mortal de que pessoas destreinadas, sem a necessária ética, improvisassem no terreno da magia e provocassem uma confusão infernal. Ela fez inimigos na América ao dizer que os chamados médiuns estavam assumindo grandes riscos ao envolverem-se com forças que não compreendiam.

Vonnegut, então, cita o seguinte de um dos artigos de HPB sobre Ocultismo:¹⁹⁴

É a motivação, e só a motivação que transforma qualquer exercício de poder em magia negra, maligna, ou em branca, benéfica. É impossível usar forças espirituais se houver a menor tonalidade de egoísmo no operador. Pois, a menos que a intenção seja completamente pura, a vontade espiritual se transforma em psíquica, e atuará no plano astral, e disso podem surgir resultados terríveis. Os poderes e as forças da natureza animal [a natureza psíquica] podem ser usados tanto por quem é egoísta ou por quem busca vingança, como por quem é altruísta e perdoa tudo; mas os poderes e forças do espírito só se deixam usar pelos que são perfeitamente puros de coração — e isso é a MAGIA DIVINA.¹⁹⁵

Ele conclui assim o seu longo artigo:

Minha aproximação com a sra. Blavatsky foi de dentro para fora, digamos assim; eu a escutei, e escutei aqueles que a admiravam. Com a mesma facilidade poderia ter adotado o ponto de vista de que a vida dela era uma comédia infame, reproduzindo ansiosamente as palavras dos seus inúmeros inimigos, que pensavam que ela era simplesmente uma impostora. No mínimo, a sra. Blavatsky trouxe para a América a sabedoria do Oriente, algo necessário naquela época e ainda hoje... Digo, portanto, “Paz e Honra à senhora Blavatsky”. Estou encantado e feliz porque ela foi uma cidadã norte-americana. Embora ela possa ter sido uma pessoa estranha, era completamente adorável; pensava que todos os seres humanos eram seus irmãos e irmãs, e era cidadã do mundo. Ela disse o seguinte, entre outras coisas:

Não deixe que a luz ardente do sol seque uma lágrima
de dor antes que você mesmo a tenha enxugado
no olho do sofredor.

Aplausos.

Se compararmos a visão de Blavatsky sobre o verdadeiro Ocultismo, tal como Vonnegut cita dos próprios escritos dela, com o que é normalmente considerado Ocultismo, ela certamente não gostaria de ser chamada de “Fundadora do Ocultismo na América”. Quanto ao papel desempenhado pelo pseudo-ocultismo no chamado movimento da Nova Era, um porta-voz destacado deste movimento, David Spangler, coloca-o em um segundo nível, de quatro níveis em que a Nova Era pode ser conhecida e investigada.

Spangler, apaixonadamente interessado em ciência, empreendeu estudos científicos na universidade antes de voltar-se para a Nova Era. Ele foi codiretor da famosa comunidade Findhorn, no norte da Escócia, e agora dirige a Associação Lorian nos Estados Unidos, dá aulas em diversas universidades, e faz palestras ao longo dos Estados Unidos e Canadá. Em seu último livro *Emergence, the Rebirth of the Sacred (Emergência, o Renascimento do Sagrado)*, ele fala dos quatro níveis da Nova Era:

[O primeiro nível] é um rótulo artificial, usado normalmente na dimensão comercial. Um rápido exame da revista *New Age* ou do *East West Journal*, ambos distribuídos nacionalmente, ou de qualquer um dos veículos menores de divulgação da nova era, mostrará este fato: é possível comprar sapatos da nova era, usar roupas da nova era, consumir pasta de dentes da nova era, fazer compras em empresas da nova era, e comer em restaurantes da nova era, com música da nova era soando suavemente no ambiente.

O segundo nível é o que se chama de “nova era como charme e ilusão”. Esse é o contexto no qual grupos e indivíduos vivem as suas próprias fantasias de poder e aventura, normalmente com variantes ocultas ou milenaristas. Muitos dos grupos de pesquisadores de discos voadores (OVNIs) caem nessa categoria. A principal característica deste nível é um apego a uma busca pessoal de preenchimento do ego e um consequente (embora nem sempre fácil de perceber) afastamento do mundo. [Neste nível] a Nova Era tem sido povoada por seres estranhos e exóticos, como os extraterrestres, com os quais os “canalizadores” afirmam estar em contato. É

um local de poderes psíquicos e mistérios ocultos. E é nesse contexto, infelizmente, que podemos encontrar as palavras Nova Era usadas com mais frequência...

O terceiro nível é a Nova Era como uma imagem de mudança. Aqui a característica mais acentuada é a própria ideia da transformação, normalmente usada como uma mudança de paradigma ou uma mudança das premissas e valores básicos que estão no centro de uma determinada cultura. Esta imagem da Nova Era, uma das mais populares, é apresentada ao público em livros como *An Incomplete Guide to the Future (Um Guia Incompleto para o Futuro)*, de Willis Harman, *The Aquarian Conspiracy (A Conspiração Aquariana)*, de Marilyn Ferguson, e o livro do físico Fritjof Capra, *The Turning Point (O Ponto de Mutação)*. Esse é o nível habitualmente discutido em muitas conferências regionais e internacionais, debatido por futurólogos e teóricos sociais, e explorado em projetos de governo tais como o relatório Global 2000, feito para o presidente Jimmy Carter. Neste contexto a ideia de uma nova cultura emergente é normalmente vista mais em termos sociais, econômicos e tecnológicos do que em termos espirituais...

No quarto nível, a nova era é fundamentalmente um evento espiritual, o nascimento de uma nova consciência, uma nova percepção e experiência de vida... É a nova era como um estado de ser, um modo de relacionamento com os outros que é mutuamente estimulante e enriquecedor. Mais do que uma experiência espiritual, cujo foco será mais fácil encontrar no segundo nível — aquele do charme e da ilusão espiritual — neste quarto nível está centrada a função espiritual, que é a do serviço altruísta.¹⁹⁶

Spangler cita o texto de Lewis Mumford, *Transformation of Man* (1956):

Vivemos no limiar de uma nova era: a era de um mundo aberto e de um indivíduo capaz de desempenhar a sua parte naquela esfera maior. Uma era de renovação, em que o trabalho, o lazer, o aprendizado e o amor irão se unir para produzir uma forma nova para cada estágio da vida, e uma trajetória mais elevada para a vida em seu conjunto.¹⁹⁷

Spangler dá como exemplo do quarto nível, no qual “a ideia da nova era como fenômeno espiritual é discutida e profetizada”, o trabalho dos grupos metafísicos e esotéricos tais como o da Sociedade Teosófica.¹⁹⁸ Em 1977, Spangler fez duas palestras sobre Teosofia. A primeira foi em Ferndale, Detroit, em 15 de outubro de 1977, de onde foi tirado o seguinte:

Ouvi falar da Sociedade Teosófica e da Teosofia quando tinha 15 ou 16 anos, mas não li realmente qualquer trabalho teosófico até a idade de vinte e poucos anos. Antes disso tive várias espécies de experiências que me convenceram do fato que vivemos num Universo multidimensional. Quando comecei a fazer palestras, necessitava de alguma espécie de conhecimento mais profundo e mais estruturado que pudesse me orientar... Foi para a Teosofia que me direcionei. Isto ocorreu em 1965.

O orador descreveu a história ocidental antes que a Teosofia entrasse em cena. Ele começou com o período em que o Cristianismo romano dominava o Cristianismo céltico, e o Vaticano era o poder supremo. Depois houve a

revolta das pessoas de mentalidade científica, que limitavam as suas pesquisas àquilo que pode ser reconhecido pelos cinco sentidos. Eles colocaram todo o conhecimento em pequenas caixas, diz Spangler, e consideravam que só esse conhecimento era real, deixando de lado 90 por cento do Universo — o Universo que não era visto. Isso causava uma separação entre as pessoas e abria espaço para a tirania.

Spangler continua:

Então apareceu algo para romper as gaiolas da ciência, e fazer com que ela olhasse a realidade de outras formas. Mas o que poderia ser suficientemente grande, suficientemente forte, e suficientemente estranho para romper as gaiolas da ciência no século dezenove? Uma mulher que fumava cigarros, com o nome de sra. Blavatsky. Aqui estava um ser que tinha capacidade para demonstrar que certas suposições que a ciência estava fazendo eram apenas isso: suposições. E nós devemos muito a ela, sejamos ou não teósofos... Ela é uma autêntica pioneira, um verdadeiro Copérnico, digamos assim.

E uma vez que na maior parte dos casos as coisas são esforços em grupo, com a sra. Blavatsky surgiu o M.T. (movimento teosófico) e com ele a Teosofia. A Teosofia era parte do veículo escolhido para ressuscitar o conhecimento de que tudo no mundo que era significativo, mas não estava aberto aos cinco sentidos nem era óbvio, era conhecimento esotérico; constituía a tradição esotérica no seu sentido mais profundo e mais elevado — um estudo das essências... A Teosofia é um veículo ideal, um veículo fegoso e apaixonado para trazer uma determinada compreensão para a consciência humana ocidental. Diz-se que a Teosofia é inspirada pelos irmãos, ou Mestres de Compaixão e Sabedoria.¹⁹⁹

Spangler fez outra palestra, intitulada *Teosofia, a Aventura Pessoal, a Oportunidade Planetária*, em 11 de outubro de 1977, na sede da Sociedade Teosófica nos Estados Unidos, em Wheaton, Illinois. Durante a palestra ele considerou duas dificuldades que os estudantes com tendência metafísica enfrentam e têm que vencer.

A primeira é o perigo de absorver um excesso de informação supostamente oculta que, diz Spangler, leva inevitavelmente a uma indigestão mental, confusão e a um estado de antecipação excitada de mais e mais “recompensas esotéricas”. A avalanche de literatura oculta que inunda o mercado acentua esse problema. A segunda dificuldade é que o estudante deve reconhecer que todos esses livros, e os seus autores, não estão dizendo as mesmas coisas; e, portanto, as obras não podem ser verdadeiras em todos os casos. A respeito dessa questão, Spangler diz:

Qualquer um que entra mais profundamente no movimento esotérico pode compreender esse fato levando em conta que há várias tradições esotéricas no mundo. Você tem a Teosofia, tem a Escola Arcana e os escritos de Alice Bailey. Você tem Rudolf Steiner e a Antroposofia; há

várias transmissões através de vários indivíduos, como Seth, por exemplo. Você tem coisas como Findhorn, e o trabalho avançando na pesquisa parapsicológica, e no *biofeedback*.^{*2} Seria muito agradável se todas essas áreas de atividade dissessem a mesma coisa, mas elas não dizem.

Não será surpreendente que alguém pense que os planos internos têm tanta complexidade como o mundo físico. Seria perfeitamente possível alguém investigar a vida na Terra e chegar à região sudoeste dos Estados Unidos, e outra pessoa chegar ao meio-oeste, e uma terceira chegar à África ou à Ásia. Os relatos não seriam iguais. A Terra é um lugar quente onde nada pode viver. Ou a Terra é apenas uma enorme cidade onde também nada parece viver. Ou a Terra é uma floresta densa, e todas as coisas vivas da Terra têm raízes...

Para mim a Sociedade Teosófica e a Teosofia, como conceitos definidos, foram criadas há cem anos pelos Mestres de Sabedoria para criar um instrumento para soldar e formar um instrumento flamejante, que nos daria ferramentas para trabalhar com percepções ampliadas num Universo mais rico, de forma a não ficarmos submersos e podermos encontrar padrões maiores de síntese e simplicidade.

A Sociedade Teosófica foi criada para ser um sistema de energia que pudesse nos auxiliar a movimentar-nos dos níveis de dualidade para a percepção da essência, e com base na percepção da essência percebermos e sermos capazes de agir a partir da unidade que inclui a todos nós. Isso é afirmado claramente no primeiro objetivo da Sociedade que é o de estabelecer uma fraternidade entre todos os seres do mundo. Deste modo você vê que Findhorn é, na realidade, uma extensão do movimento teosófico.

Se considerarmos por um momento quem são os Mestres de Compaixão e Sabedoria, o que eles representam, isso poderá ficar mais claro para nós. Quando crio alguma coisa, ela é uma extensão do que sou — ou devo ser. A Sociedade Teosófica foi criada por seres humanos mas também é uma criação, uma extensão, ou um desdobramento daquele nível ou domínio da vida... que é a personificação ou corporificação dos princípios da síntese e da totalidade.

O orador descreve a seguir a natureza dos Mestres de Sabedoria e mostra o movimento teosófico como uma manifestação do trabalho deles. “A Sociedade Teosófica”, acrescenta ele, “é realmente a mãe de todo o movimento da Nova Era, e como tal tem um papel tremendamente importante a cumprir no desenvolvimento da Nova Era”.

Findhorn, a comunidade do norte da Escócia que Spangler considera uma extensão do movimento teosófico, tem sido vista como “o centro e a comunidade arquetípicos da Nova Era” pelas centenas de pequenas comunidades que nas últimas décadas espalharam-se pelas Américas, pela Europa e partes do Oriente. Esta escritora fez conferências em Findhorn no verão de 1978. Foi interessante notar que, embora essa comunidade seja não sectária, a formação filosófica e religiosa da maioria dos membros residentes era a da Escola Arcana de Alice Bailey, da Antroposofia de Rudolf Steiner, ou da Teosofia. Tanto a sra. Bailey como o dr. Steiner

tiveram profundas ligações com a Sociedade Teosófica. Bailey esteve ativa na sociedade durante vários anos na Califórnia, enquanto Steiner foi presidente da Sociedade Teosófica na Alemanha de 1902 até 1913. Enquanto a sra. Bailey reconheceu espontaneamente a sua dívida para com HPB e a Teosofia, o mesmo não aconteceu com Steiner. Na sua autobiografia, escrita dois anos antes da sua morte, ele é insistente ao dizer (como os seus seguidores desde então) que antes, durante e após a sua associação com a S.T., sempre seguiu a sua própria linha de ensinamento, e que não recebeu qualquer influência da Teosofia.²⁰⁰ Mesmo o seu biógrafo, Colin Wilson, que é simpático a ele e refere-se a HPB como “uma mistura de charlatanismo e gênio literário”, admite: “Parece claro que a Teosofia exerceu sobre [Steiner] uma influência muito maior do que ele queria admitir.”²⁰¹

Um erudito holandês, H.J. Spierenburg, fez uma pesquisa completa sobre essa influência. Ele examinou todas as cartas conhecidas de Steiner e mais os 350 volumes dos seus *Collected Writings (Escritos Reunidos)*.^{*3} O resultado foi publicado numa série de artigos numa revista holandesa e traduzido posteriormente para o inglês por J.H. Molijn.²⁰² Os trechos apresentados a seguir são de quatro categorias, e foram extraídos principalmente de conferências e cartas:

1. Uma Profecia de Nostradamus

Numa conferência, em 6 de outubro de 1904, Steiner falou da seguinte profecia de Nostradamus:

Quando o século dezenove estiver terminando, um dos Irmãos de Hermes virá da Ásia para unir novamente a humanidade.

Ele comenta: “A Sociedade Teosófica é o cumprimento dessa profecia de Nostradamus.” Podemos lembrar que no prefácio de *Ísis Sem Véu*, HPB declara que a sua obra “é um apelo para que a Filosofia Hermética, a antiga e universal Religião-Sabedoria, seja reconhecida como a única chave possível para o Absoluto na ciência e na teologia”.²⁰³

2. A Doutrina Secreta

Steiner escreveu numa carta para Maria Sivers (20 de agosto de 1902): “*A Doutrina Secreta* chegou, conforme esperado, e está na minha

escrivaninha; é muito útil nos meus importantes estudos, e consulto-a continuamente.”²⁰⁴

Mais tarde, numa carta para Gunther Wagner, ele cita *A Doutrina Secreta*^{*4} e uma das *Estâncias de Dzyan* para dizer que o nosso mundo planetário está destinado a receber Sete Verdades. Quatro já foram recebidas, porque a humanidade está atualmente na quarta ronda ou estágio. Steiner comenta: “Posso dizer atualmente que a Teosofia, isto é, aquela parte da Teosofia que está incluída nas partes esotéricas de *A Doutrina Secreta*, é composta de partes da Quinta Verdade.”²⁰⁵

Mais tarde, em 21 de junho de 1909, Steiner escreveu “... as *Estâncias de Dzyan* e as cartas dos *Mahtamas* ainda não foram completamente compreendidas, e portanto devem ser estudadas intensamente, já que pertencem à maior sabedoria já revelada durante a evolução da humanidade”.²⁰⁶

3. Mestres de Compaixão e Sabedoria

Em uma carta enviada a Anna Wagner Steiner (datada de 2 de janeiro de 1905), Steiner escreveu:

Você sabe que por trás de todo movimento teosófico estão seres altamente desenvolvidos que nós chamamos de “Mestres” ou “*Mahatmas*”. Esses seres elevados já percorreram o caminho que os humanos ainda terão que trilhar. Eles agora trabalham como grandes “instrutores de sabedoria e harmonia...” Neste momento eles estão ativos nos planos superiores, para onde o resto da humanidade irá avançar no curso dos próximos períodos de desenvolvimento, as chamadas rondas. No plano físico eles trabalham através de “mensageiros”...²⁰⁷

Ele escreveu numa carta para Maria Von Sivers (9 de janeiro de 1905):

Minha querida, não percamos a coragem: enquanto estivermos em contato com a grande Loja, nenhum mal pode nos acontecer. É só pela nossa corajosa perseverança que podemos ter certeza da ajuda dos nobres Mestres.²⁰⁸

4. H.P. Blavatsky

Trecho de uma palestra dada por Steiner no dia 5 de maio de 1909, em Berlim:

Para compreender o trabalho feito por Blavatsky temos que ser capazes de julgar as coisas tão bem como ela e, o que parece muito estranho, até bem melhor do que ela! Ela sabia disso e é por este motivo que disse: “Estas questões não surgiram comigo; elas surgiram daqueles seres elevados que estão por trás do nosso movimento...” Vamos considerar que ela tenha dito a

verdade. Vamos considerar que há realmente esses grandes Mestres de sabedoria e harmonia, e que são eles que a inspiraram. Com essa suposição, tudo pode ser explicado sem a necessidade de pensar em milagres. Por que, nesse caso, indivíduos grandes e poderosos a apoiaram e ela foi o instrumento através do qual esses grandes segredos foram comunicados ao mundo. Então, no máximo uma pergunta deverá ser feita: “Por que Blavatsky?” Mas quem pergunta isso demonstra não conhecer aqueles tempos. Se houvesse outra pessoa adequada para atuar como canal para as palavras dos Mestres de sabedoria e harmonia... esta pessoa teria sido escolhida... Eram necessários uma alma nobre e um coração cheio de devoção, capazes de absorver o que tinha que ser transmitido à humanidade. E isso ela possuía! Deste ponto de vista tudo pode ser explicado.

[Como as obras dela] têm um conteúdo que pertence à sabedoria mais elevada que a humanidade já recebeu até hoje, um conteúdo que não pode ser encontrado nem entre os maiores eruditos, trata-se de algo que não pode ter sido fabricado por ela. É isso que o mundo terá que compreender mais e mais a cada dia que passa.²⁰⁹

Stephan A. Hoeller, PhD, autor de um artigo intitulado *H.P. Blavatsky: Mulher de Mistério e Heroína da Consciência*,^{*5} é professor assistente de religiões comparadas na Universidade de Estudos Orientais de Los Angeles. É gnóstico e erudito em estudos junguianos. Esse artigo sobre H.P. Blavatsky foi escrito a partir de uma palestra feita por ocasião do centenário da morte dela, na sede da Sociedade Teosófica nos Estados Unidos, em Wheaton, Illinois, dia 8 de maio de 1991. O texto é resumido a seguir:

Ao tentarmos traçar um perfil da extraordinária mulher mágica que foi a senhora Blavatsky e darmos certas indicações sobre o seu trabalho, será útil definirmos primeiramente a posição histórica na qual tal pessoa e sua missão podem ser melhor compreendidas. Embora todas as pessoas bem informadas possam concordar com a ideia de que “HPB”, como ela era e ainda é conhecida, possui muitas qualidades que a fazem única, é verdade, também, que ela e seu trabalho pertencem a um tipo peculiar e particular de tradição que tem recebido por parte de eruditos de todo mundo um reconhecimento crescente nas últimas décadas e que ficou conhecida como a tradição da realidade alternativa.

A cultura ocidental (originariamente do Mediterrâneo) possui duas realidades, e ao redor delas formaram-se duas tradições. A primeira é exemplificada pela visão de mundo dos antigos hebreus e dos gregos da era homérica. Uma das suas principais características é que o ser humano é um corpo que pode ou não ter um tênue apêndice chamado alma. Além do corpo, a parte mais importante de um ser humano é a razão, declara essa tradição de representação da realidade... Com esta razão, o ser humano reconhece a vontade de Deus, ou dos deuses, e com a mesma razão o homem domina a Natureza e a submete a sua vontade. Expressa psicologicamente, essa primeira atitude diante da realidade é baseada fundamentalmente no ego humano. A razão, a vontade, a lei, a posição única dos indivíduos e das nações na correnteza da história, essas são as marcas fundamentais da primeira realidade.

A segunda visão da realidade é diferente da primeira. Ela não está enraizada nem na revelação de um deus monoteísta, nem na chamada clareza da razão aristotélica. Esta segunda realidade alternativa vem dos antigos povos celtas do norte e dos egípcios e babilônios ao sul da bacia do Mediterrâneo. Os grandes representantes dessa realidade foram o platonismo, o neoplatonismo,

o pitagorismo, o hermetismo e o gnosticismo na Antiguidade. Além desses, encontramos numerosos representantes posteriores dessa tradição através da história da espiritualidade ocidental.

Quais são as principais características da tradição da realidade alternativa? Normalmente a realidade alternativa diz que há um corpo, uma alma e um espírito, e que os dois últimos são superiores ao corpo num sentido fundamental. A parte do ser humano que não é física é capaz de graus quase infinitos de expansão, e esta expansão é alcançada através de um crescimento iniciativo da consciência. A tradição da realidade alternativa também afirma que em vez de submeter a Natureza por meio da vontade intelectual, o ser humano deve estabelecer uma relação de sintonia com essa Natureza. Esta relação é vista como possível porque se considera que certas ligações espirituais sutis unem a natureza humana com a Natureza externa. Em outro sentido também pode ser correto dizer que, enquanto a primeira visão da realidade supõe que o ser humano pode se sobrepor ao Cosmo através da razão e da vontade, a segunda visão ou alternativa da realidade sustenta a ideia de que o ser humano pode superar o Cosmo através de um processo de expansão iniciática da consciência.

A visão de mundo da realidade alternativa é mágica. A magia está ligada misticamente à ideia de grandeza, como é comprovado por termos como magnitude, magnífico, e até magneto, todos com a sílaba indo-ariana mag. A visão mágica do mundo percebe nos níveis internos do ser humano uma grandeza oculta e afirma que, pela libertação desta grandeza em uma manifestação efetiva, os humanos podem superar a limitação de uma existência corporificada no Cosmo e, na verdade, podem superar inteiramente o mundo. A matéria, a Natureza e a ordem cósmica são transcendidas pelo ser humano que, assim, une-se crescentemente ao reino da super natureza, um mundo de realidade transcendental. Em relação à ênfase contemporânea na natureza, em Gaia, na espiritualidade da criação e propostas semelhantes, é importante lembrar que a realidade alternativa e a tradição baseada nela têm como fundamento o potencial humano para transcender a terra, a Natureza e o Cosmo, e não busca um mero ajustamento harmônico com eles. A ênfase da realidade alternativa também é não tribal e mesmo não-social. Ela diz respeito não ao modo como os seres humanos podem viver com mais proveito em sociedade, mas, sim, e basicamente, como uma grandeza inefável que pode ser descoberta e libertada dentro de uma alma humana individual. Assim, constatamos que várias expressões desta tradição enfatizam a fraternidade universal contra as lealdades tribais e nacionais e também afirmam que a sociedade não pode progredir por meios coletivos, mas, sim, através de uma transformação interna dos indivíduos que a formam. Os valores de tribo, nação, sociedade e, na verdade, de todo o Cosmo são radicalmente relativizados pela descoberta da grandeza inefável que reside no espírito humano.

Entra agora a sra. Blavatsky, a grande, talvez, na verdade, a maior figura representante dos pioneiros da realidade alternativa nos séculos dezenove e vinte. Quem foi ela?

Em primeiro lugar, ela foi uma mulher, e isso significa muito. Ela superou as limitações impostas ao seu sexo no século dezenove e tornou-se uma pessoa ardorosamente independente, soberana e com motivações próprias com base em seu mérito pessoal, mantendo essas características durante toda a sua vida. Naquela época, ser mulher era considerado incompatível com aspirações intelectuais e espirituais. Na verdade, muitos pensavam que eram como a água e o fogo: não deviam ser misturados. Junto com um punhado de mulheres do século dezenove, que se tornaram líderes espirituais, H.P. Blavatsky desafiou esse poderoso preconceito da sua época.

Em segundo lugar, ela foi uma rebelde — contra a sociedade tal como ela a encontrou, contra a religião tal como ela a experimentou, e contra todas as formas de convencionalismo e

hipocrisia. A sua rebelião, no entanto, nunca teve inspiração política ou socioeconômica. Ela foi cativada pelo fervor romântico do *risorgimento* italiano e pode até mesmo ter lutado no exército de Garibaldi pela liberdade e unificação da Itália. Também há muitos testemunhos de que ela se opôs ativamente ao racismo, às castas e à opressão das mulheres, fatos com que ela se deparou no final do século dezenove na Índia, onde foi morar por um bom período.

Em terceiro lugar ela não era erudita devido a uma educação formal, mas era uma pessoa sábia e inspirada. Escritora talentosa, os seus ensaios, livros, inspiradas obras poéticas e contos foram escritos e publicados em diversas línguas. Ela era brilhante quando conversava, contava histórias, ou fazia palestras informais. Ela podia ser extremamente formal e totalmente informal. Era uma companhia versátil e fascinante. Pintava, tocava piano e conhecia as artes em geral. Como a maioria das mulheres da sua época, ela nunca frequentou escolas ou universidades de alto nível, mas mostrava um conhecimento surpreendente em muitas áreas e defendia suas posições contra muitos eruditos e acadêmicos. Muitos dos seus contemporâneos, e outros das gerações seguintes, teriam gostado muito de ter pelo menos uma pequena fração da erudição combinada com intuição que ela sempre demonstrava.

Em quarto lugar, ela era russa. Embora tenha passado grande parte da sua vida adulta fora da Rússia, e tenha aceitado e gostado muito do fato de ser uma cidadã norte-americana naturalizada, ela era uma verdadeira filha da Mãe Rússia. Alguns sentem que sua vida e o seu caráter correspondem fortemente ao arquétipo dos santos peregrinos tradicionais da Rússia, conhecidos como *staretz* (literalmente “aquele que é velho”), ascetas errantes, não sacerdotes, que viajam pelo interior do país, exortando as pessoas em relação aos assuntos espirituais, às vezes de maneira nada ortodoxa.

A sua dificuldade foi viver entre pessoas que não a compreendiam. Elas queriam um instrutor — agradável, limpo, bem comportado, de boas maneiras, moral de acordo com os seus padrões alienados de moralidade; culto, confiável, honesto em milhares de pequenos detalhes sem importância. Uma professora de escola primária que os ensinasse a serem sábios e, sobretudo, poderosos no caminho do oculto. Ela era uma técnica do sagrado. Eles queriam uma professora trivial para as suas almas triviais. Queriam alguém como eles, que simplesmente soubesse mais do que eles sabiam. Ela não tinha apenas um conhecimento que era diferente, mas ela era diferente. Era uma estranha numa terra estranha — não só uma aristocrata russa boêmia e de maneiras anticonvencionais entre pessoas rígidas, alienadas e reprimidas da classe média vitoriana inglesa e norte-americana, que não sabiam a diferença entre aparência e substância. E com tudo isto, com todos os obstáculos e dificuldades em seu caminho, ela ainda conseguiu incendiar centenas e centenas de corações, de modo que, estivessem onde estivessem, o fogo nunca se apagava! Mesmo quando eles se voltavam contra ela, quando a chamavam de impostora, charlatã, plagiadora e mulher imoral, mesmo neste caso, eles sabiam secretamente que ela lhes havia dado vida, energia, inspiração, criatividade e significado. Até os seus inimigos davam, sem querer, testemunhos da sua grandeza e do seu poder.

Mas nem todos se voltaram contra ela. Alguns sentiam e sabiam quem ou o que ela era. Quase ninguém a entendia, mas eles vinham até ela, e recebiam dela o seu carisma inigualável e o passavam adiante. Um deles foi Henry Steel Olcott, coronel da guerra civil norte-americana e advogado. Ele não a compreendia realmente, mas tornou-se presidente da Sociedade Teosófica, viajou e trabalhou incansavelmente para ajudá-la.

E havia outros: Judge, o advogado irlandês-norte-americano. Ele sabia que havia encontrado a coisa mais importante da sua vida e que nunca a deixaria. Annie Besant, a rebelde, a revolucionária social, a feminista e socialista fabiana, a maior oradora da sua época. Ela olhou num relance a idosa, doente e atormentada Blavatsky em seu quarto de Londres e deixou de

lado todas as suas crenças, amigos, causas, envolvimento, atirando-se aos pés da velha leoa russa. G.R.S. Mead, um grande erudito, tradutor de textos gnósticos, uma autoridade inigualável em sua época em matéria de gnosticismo e hermetismo, serviu-a até a morte, e fez a última homenagem sobre as suas cinzas em maio de 1891, na Inglaterra. E todos os outros, na verdade milhares: poetas, artistas, eruditos, jornalistas, sacerdotes, políticos e estadistas, e as pessoas humildes de todos os setores sociais. Todos eles participavam, e muitos deles prosseguiram, depois da sua morte, o que ela havia começado. A influência de Blavatsky, tanto durante a sua vida como após a sua morte, foi muito maior do que os seus mais fervorosos admiradores podem compreender... Que mulher! Que maravilha, que mistério!... Ela não deu a menor importância para as vacas sagradas e para os convencionalismos da Europa, América do Norte ou Índia — mas ela era alguém. Era ela mesma; era HPB. Ela seguiu a sua estrela, viveu de acordo com a sua visão e morreu por sua missão. Ela veio da aristocracia da Rússia imperial e uniu-se aos nobres de espírito. Foi a avó do Novo Pensamento, e a bisavó da Nova Era... Hindus e budistas na Índia e no Sri Lanka reverenciam-na, pois foi ela que lhes restaurou a autoestima que havia sido ferida pela arrogância colonial. Ela desagradou a muitos espíritas da época, a quem lembrava que também eram espíritos e, portanto, não tinham necessidade de ligarem-se aos supostos espíritos dos mortos. Se estivesse viva hoje, criticaria os médiuns modernos, os chamados canalizadores, assim como tantos “bobalhões”,^{*6} sua expressão irônica favorita.

Nossa discussão aqui é principalmente sobre o que ela era. O motivo disso é que o que ela fez e realizou foi consequência natural do que ela foi. Os seus muitos livros, entre eles *A Doutrina Secreta*; o movimento teosófico que ajudou a fundar em 1875 e que está ativo até hoje; a inspiração que ela transmitiu a inúmeros corações devotados e mentes fortes; tudo isso foi, é, e será devido ao fato de que ela foi o que foi. E quem, então, foi ela? Nós não sabemos. Provavelmente nunca saberemos. Ela permanece sendo um nobre mistério.

Mas há algo que sabemos. É o fato de que aqueles que não são gratos pelo que receberam, certamente não merecem outras bênçãos. E, portanto, cabe a nós, hoje em dia, expressar gratidão pelo que ela foi e pelo que ela nos deu, pelo que ela nos trouxe. Ninguém saía do círculo mágico da sua companhia sem ter mudado. Mesmo hoje em dia, aqueles entre nós que estiveram junto à chama que ela ajudou a acender têm sido imensamente ajudados pela inspiração vinda dela. Devemos agradecer a ela hoje, e até o fim dos nossos dias. Obrigado, Helena Petrovna, obrigado, muito obrigado mesmo...

O capítulo seguinte dará mais um exemplo de como o que ela escreveu transcende o tempo.

^{*1} A primeira página do artigo contém um grande retrato de Blavatsky, rodeada, segundo a legenda, por “símbolos de alguns dos seus discípulos mais famosos... A lâmpada de Thomas Edison; uma pintura abstrata do seu seguidor holandês Piet Mondrian; um jogador de beisebol representando o seu ‘fundador’ Abner Doubleday; ‘Pássaro Azul’, do dramaturgo belga Maurice Maeterlinck; um

telescópio representando o famoso astrônomo francês Camille Flammarion. Outros símbolos referem-se a seu interesse nas religiões indianas, suas origens russas e suas peregrinações intermináveis pelo mundo todo”.

*² *Biofeedback*: método para aprender a controlar as funções corporais e mentais com a ajuda da representação visual ou auditiva das nossas próprias ondas cerebrais, da nossa pressão sanguínea, da tensão dos nossos músculos etc. (Nota Ed. Bras.)

*³ Os *Escritos Reunidos* de Steiner são tão numerosos porque incluem todos os seus livros, artigos e palestras.

*⁴ Vol. I, p. 105 da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

*⁵ Stephan A. Hoeller, *H.P. Blavatsky: Woman of Mystery and Hero of Consciousness*, The Quest, Wheaton, Illinois, EUA, outono de 1991, pp. 70-77.

*⁶ “Bobalhões”: *flapdoodles* em inglês. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 11

Experiências Próximas à Morte e Consciência Cósmica

A reportagem de capa da revista *Life* de março de 1992, intitulada *At the Edge of Eternity (No Limiar da Eternidade)* e escrita por Verlyn Klinkenborg, tem este longo subtítulo: *À medida que os cientistas estudam o significado das experiências próximas à morte, talvez estejamos chegando perto de uma compreensão da vida*. A revista afirma:

Ao longo de toda história, as pessoas que se aproximaram da fronteira do reino da morte retornaram com visões misteriosas semelhantes. Mas foi só em 1975 que o conhecimento das experiências próximas à morte passou a ser um fenômeno de massa, tema tanto de estudos científicos como de polêmicas públicas. [Em novembro ^{*1}] daquele ano o psiquiatra Raymond Moody [publicou] *Life After Life (Vida Após a Vida)*, [com prefácio de Elisabeth Kübler-Ross ^{*2}]. Foi o primeiro livro editado comercialmente a compilar narrativas de experiências próximas à morte (EPM). Nos anos seguintes, o livro *Life After Life* vendeu sete milhões de exemplares e fez surgir uma verdadeira indústria. Agora a discussão cada vez mais aberta dessas visões começa a mudar o significado da morte nos Estados Unidos.

Enquanto antes havia somente uns poucos pesquisadores sobre esse assunto, agora são dezenas no mundo todo: médicos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, biólogos, filósofos, teólogos, parapsicólogos, médiuns, xamãs, iogues, lamas e não poucos jornalistas. Há um *Journal of Near-Death Studies* e uma Associação Internacional Para Estudos de Experiências Próximas à Morte. Em 1975, Moody só conseguiu entrevistar com profundidade cerca de 50 pessoas que tinham tido EPM, mas pesquisas recentes mostram que cerca de oito milhões de norte-americanos já tiveram experiências próximas à morte. Mais de mil histórias de EPM já foram reunidas, classificadas e trabalhadas estatisticamente.

Dois casos fascinantes são apresentados pela *Life*:

Quando tinha vinte e dois anos, Kimberly Clark Sharp desmaiou fora de uma locadora de veículos no Kansas e ficou na calçada, próxima da morte. “Eu estava rodeada por uma substância densa, morna, nebulosa e cinzenta. Nessa neblina eu podia ver gotículas de uma luminosidade penetrante e gotículas de uma escuridão insondável. Subitamente, houve como que uma explosão debaixo de mim, e nos limites da minha visão havia luz. Era algo absolutamente vivo, num sentido mais amplo do que nós experimentamos a vida. Era muito brilhante, o sol não é tão brilhante quanto aquela luz, no entanto ela não feria os meus olhos. Ela estava em todas as coisas, e eu estava no centro dela. A luz era toda feita de amor, nada

havia lá que não fosse em sua máxima intensidade. Eu estava recebendo informação, em um contato entre a luz e meu ser, e compreendia tudo que me era dito. O que é a vida, porque nascemos e quais são os níveis universais de conhecimento. Era profundo, mas havia uma simplicidade naquilo. Era como algo que eu soubesse, mas tinha esquecido. Era o céu, mais do que um êxtase. Era uma reunião de um nível mais alto.”

O segundo caso é o seguinte:

Eu estava em perigo de vida, tremendo de febre, quando cheguei ao hospital. Minha temperatura passava dos quarenta graus e estava tendo uma arritmia cardíaca. Sentia uma dor incrível. A parede do meu útero parecia estar-se rasgando. Ao perder minha consciência, ouvi uma voz dizendo: “Não percebo mais a pressão sanguínea dela!” E então, em uma fração de segundo, eu estava fora do meu corpo e fora da dor. Estava lá em cima, no teto, num canto do quarto, olhando para baixo e vendo médicos e enfermeiras correndo à minha volta freneticamente, trabalhando para salvar a minha vida... Eu estava numa espécie de túnel, num recinto fechado feito de nuvem, com uma opalescência cinzenta através da qual podia ver parcialmente. Sentia um vento batendo nas minhas orelhas, mas eu não tinha ouvidos. Eu estava lá, mas o meu corpo não estava.

Comecei a ter a mais incrível, quente, dourada e amorosa sensação, e o sentimento era também de uma luz maravilhosa, quente, dourada. Eu estava nessa luz, era parte dela. Havia uma presença nessa luz, uma sabedoria, e essa sabedoria era a palavra final. A sabedoria me amava e ao mesmo tempo sabia tudo sobre mim. Tudo que eu havia feito e sentido estava lá para eu ver. Eu queria avançar para a luz e permanecer nela sempre, mas foi-me mostrado que tinha que voltar e cuidar dos meus dois filhos.

No mesmo fragmento de segundo, eu estava de volta ao meu corpo, de volta à minha dor. Meu filho estava nascendo, e ouvi todos gritando: “Ela voltou!” Mas eu estava extremamente aborrecida e irritada por ter sido arrancada da paz mais maravilhosa que há no Universo. E então eles me disseram que o meu filho havia nascido morto.

Guardei essa experiência comigo, mas volto a ela mentalmente todas as noites, e ela me ensinou três coisas. Primeiro, que a morte não é dolorosa. Nunca terei medo de morrer. Segundo, sei que é importante ser verdadeira comigo mesma e com os outros, pois terei que prestar contas pela minha vida quando ela terminar... E a terceira coisa que sei é que quando morremos não desaparecemos. Sei que sou mais do que o meu corpo. Existe uma alma que sou eu. E sei que eu — minha alma — sempre existirei. Tenho certeza de que há vida após a morte.

Entre as pesquisas atuais sobre EPM, há um estudo dos pontos de vista de HPB a esse respeito, com este título duplo: *Um Esquema do Século Dezenove Para Interpretar Experiências Próximas à Morte: O Modelo Transpessoal de Morte Apresentado pela Teosofia da Senhora Blavatsky*. O autor, Louis Siémons, membro da Associação Internacional Para Estudos de Experiências Próximas à Morte (Internacional Association for Near-Death Studies — IANDS), é professor de biofísica no Instituto Nacional Agrônômico, em Paris. Em seu texto de 27 páginas, o dr. Siémons pergunta: “O que a Ciência sabia das EPM há um século?” E responde:

“Pouquíssimos fatos, na verdade, além das narrativas feitas por pessoas que foram salvas de afogamentos (e de outros acidentes), que a sra. Blavatsky menciona devidamente no seu primeiro livro, em 1877. Também se sabia da ocorrência de uma visão panorâmica da vida em certas condições patológicas (aura epiléptica).”²¹⁰

O dr. Siémons usa como uma das suas fontes um artigo de HPB publicado em *Lucifer* (outubro de 1889), *A Memória Naqueles Que Estão Morrendo*, reproduzindo o seguinte:

Encontramos numa carta muito antiga de um Mestre, escrita anos atrás para um membro da Sociedade Teosófica, as seguintes ideias, bastante sugestivas sobre o estado mental de um homem que está morrendo:

“No último momento, a vida inteira é refletida na nossa memória, surgindo de todos os cantos e recantos esquecidos, uma imagem depois da outra, um evento após o outro. O cérebro que está morrendo desaloja a memória com um impulso forte e supremo; e a memória devolve fielmente cada impressão que foi confiada a ela durante o período de atividade cerebral... Ninguém morre insano, como alguns psicólogos asseveram. Mesmo um louco ou alguém no meio de uma crise de delirium tremens terá o seu instante de perfeita lucidez no momento da morte, embora seja incapaz de mostrar isso aos que estejam presentes. Frequentemente o homem pode parecer morto. Entretanto, na última pulsação, entre a última batida do seu coração e o momento em que a última centelha do calor animal deixa o seu corpo, o cérebro pensa e o Ego vive, nesses poucos e breves instantes, toda a sua vida novamente.”

A declaração acima tem recebido, mais de uma vez, violenta oposição por parte de materialistas; alegou-se que a biologia e a chamada psicologia (científica) são contra essa ideia, e enquanto esta última não tinha dados bem documentados para examinar essa hipótese, a biologia a rejeitava, classificando-a como superstição. (Por outro lado, até mesmo a biologia faz progressos, e isto é o que vemos com as suas últimas descobertas. O dr. Ferré entregou recentemente à Sociedade de Biologia de Paris uma nota curiosa a respeito do estado mental dos que estão morrendo que *corroborava maravilhosamente as linhas citadas acima*. Porque é para o fenômeno especial das lembranças da vida, e para aquele súbito ressurgimento de “uma imagem depois da outra” dentro das paredes nuas da memória, desde “cantos e recantos” há muito deixados de lado e esquecidos, que o dr. Ferre chama especialmente a atenção dos biólogos.^{*3} [Destaque de S. Cranston.]

Em *A Chave Para a Teosofia*, HPB escreve:

No momento solene da morte, cada homem, mesmo quando a morte é súbita, vê toda a sua vida passando diante dele, em seus mínimos detalhes... Esse instante é suficiente para mostrar a ele toda a corrente das causas que estiveram em ação durante sua vida. Ele vê e agora compreende a si mesmo tal como é, sem qualquer adorno provocado por vaidade ou auto-ilusão. Ele “lê” a sua vida, permanecendo como um espectador que olha para baixo, para o cenário que está abandonando; ele sente e conhece a justiça de todo o sofrimento que o acometeu.²¹¹

Nas linhas acima há fortes evidências de que HPB tinha um íntimo conhecimento dos detalhes das EPM, cujo conhecimento só se generalizou no século vinte. O dr. Siémons faz uma comparação das afirmativas dela com os relatos de casos modernos.

[HPB] “Ele lê sua vida como... um espectador.”²¹²

“Havia um certo desapego à medida que eu observava tudo isso. Tinha a sensação de que estava de fora, olhando para a minha vida, e parecia que esse acontecimento [sic] da minha própria vida estava acontecendo na minha frente e eu o estava vendo.”

“...Eu vi minha vida toda acontecer em muitas imagens, como se estivesse num palco a alguma distância de mim.”²¹³

[HPB] “*Como um espectador olhando para baixo, para o cenário que está abandonando.*”

“...Eu representei toda minha vida como se fosse um ator no palco, para o qual eu olhava de cima como se estivesse no camarote mais alto do teatro. Eu era ao mesmo tempo o ator e o espectador, como se tivesse me duplicado.”²¹⁴

[HPB] “*Ele vê e agora compreende a si mesmo tal como é, sem qualquer adorno provocado por vaidade ou auto-ilusão.*”

“Era como se eu tivesse que ver as coisas boas que havia feito e alguns erros que cometera, você sabe, e tentar compreendê-los.”²¹⁵

“Algumas pessoas consideram isso um esforço educativo por parte do ser de luz.”²¹⁶

“O ser parece perguntar alguma coisa tal como ‘o que você fez com a sua vida para mostrar-me?’ A resposta esperada é... um autoexame geral, questionando toda a sua vida.”²¹⁷

[HPB] “*Mas este instante é suficiente para mostrar a ele toda a corrente das causas que estiveram em ação durante sua vida.*”

“Era algo como: ‘Ok, esta é a razão do seu acidente. Esta é a razão do que aconteceu. Por causa disto, por causa daquilo...’ tudo tinha um significado, sem dúvida alguma.”²¹⁸

O grande problema nas EPM é identificar esse “ser de luz”. A Teosofia considera que esse ser é o nosso próprio Eu Superior. HPB diz que ele é praticamente onnisciente. O dr. Siémons observa:

Muitas vezes aqueles que vivem as experiências, ao tentar descrevê-las, usam rótulos diferentes para identificar esta “presença” — Deus, Cristo, Anjo, Guia... Obviamente na sua completa ignorância da psicologia profunda (espiritual), eles dificilmente encontrariam termos melhores para expressar, de modo compreensível, este encontro inesperado com o seu próprio ser individual ou Ego, que parece “saber tudo sobre eles”, tendo por eles “um amor e uma aceitação totais” e fazendo com eles uma espécie de troca íntima e “pessoal”. Do ponto de vista da Teosofia, se lembrarmos que este Ego não é um estranho para a sua personalidade terrena, mas permanece diretamente “interessado” no destino dela desde o nascimento até a morte, a verdade é que a individualidade transpessoal está presente... junto à sua representante (ou encarnação) na terra, registrando o comportamento dessa última e inspirando-a com seu próprio conhecimento e energia através da linguagem inarticulada dos sonhos, da intuição etc.

A interpretação teosófica é reforçada por Kenneth Ring, professor de psicologia da Universidade de Connecticut (Storrs). Citando o que segue do seu livro *Life at Death (Vida na Morte)*:²¹⁹

Moody fala de um “ser de luz” e, embora nenhum dos nossos entrevistados use esta frase, alguns parecem estar conscientes de uma “presença” (ou “voz”) associada com a luz... Aqui, penso que nós devemos dar um pulo especulativo. Proponho a ideia de que tal presença ou voz é, de fato, nós próprios! Não é apenas uma projeção da nossa personalidade, mas nosso ser total, ou o que em algumas tradições se chama de Eu Superior. Deste ponto de vista a personalidade individual é só um fragmento saído do Ser total, ao qual se une novamente no momento da morte. Durante a vida comum, a personalidade individual funciona de maneira aparentemente autônoma, como se fosse uma entidade separada. Na verdade, entretanto, ela está invisivelmente amarrada à estrutura maior do ser de que faz parte.²²⁰

O dr. Ring também acrescenta: “O que isso tem a ver com a luz? A resposta é... que este Eu Superior é tão poderoso, tão irresistível, tão amoroso, capaz de uma aceitação tão incondicional (como uma mãe que tudo perdoa) e tão distante da nossa consciência individualizada que nós o percebemos como se estivesse *separado de nós*, como se fosse, inconfundivelmente, *outro* ser. Ele se manifesta como uma luz brilhante e dourada, mas, na verdade, é o nosso eu em uma forma mais elevada do que a que estamos vendo.”²²¹

A tradução de HPB de *A Voz do Silêncio* contém esses versos que vêm a propósito:

Tudo é impermanente no homem, salvo a pura e luminosa essência de *Alaya* [a alma universal]. O homem é, internamente, um raio de cristal dela, um *feixe de luz* imaculada; e, externamente,

uma forma de barro. Este raio de luz é o guia da tua vida e o teu verdadeiro Eu, o Vigilante e o Pensador silencioso.²²² [Destaque de S. Cranston.]

Os médicos falam de duas espécies de morte: a morte clínica, quando desapareceram todos os sinais vitais, e a morte biológica irreversível, quando os órgãos foram irrecuperavelmente deteriorados. A partir deste momento a revivificação é impossível.

Do ponto de vista oculto, entretanto, pode haver outros critérios para determinar a morte real, e isso parece ser demonstrado no fato que será considerado logo a seguir. Que critérios são esses? Helena Blavatsky escreve em *Ísis Sem Véu*^{*4} que uma ressuscitação é impossível depois de a alma e o espírito terem sido inteiramente separados do corpo e de o último cordão etérico ter sido cortado.

Em *A Doutrina Secreta*,^{*5} ela acrescenta que ainda é possível fazer reviver uma pessoa “cujo corpo vital astral não tenha sido irreparavelmente separado do corpo físico com o corte do cordão *ódico*,^{*6} ou magnético”. É interessante lembrar que o Velho Testamento diz que quando a morte ocorre, “o cordão de prata é partido”. (Eclesiastes 12: 6.)

Tem havido numerosos testemunhos de visões ocorridas no leito da morte e experimentadas por pessoas que dizem terem visto esse afrouxamento, ou corte, do cordão magnético de prata. O dr. Kenneth Ring, no livro *Life at Death* mencionado acima, cita vários casos e reproduz a seguinte e notável descrição dada por um médico, o dr. R.B. Hout, que testemunhou a morte da sua tia. Durante a experiência, ele viu não só o cordão de prata mas também o que Blavatsky chama de ruptura do “último cordão elétrico”. O médico conta a sua visão:

[Minha atenção] foi chamada para algo logo acima do corpo físico, suspenso no ar a cerca de sessenta centímetros acima da cama. No primeiro instante eu não podia distinguir nada mais que o vago esboço de uma substância enevoadada, parecida com uma neblina. Parecia haver apenas uma névoa suspensa lá, imóvel. Mas, à medida que eu olhava, muito gradualmente, surgiu diante dos meus olhos algo mais denso, mais sólido, uma condensação daquele inexplicável vapor. Então fiquei atônito ao ver que estavam-se apresentando contornos definidos, e em seguida percebi que aquela substância enevoadada estava assumindo uma forma humana.

Pouco depois notei que o corpo que estava vendo assemelhava-se ao corpo físico da minha tia; o corpo astral estava pairando suspenso horizontalmente a menos de um metro acima da sua contraparte física. Continuei a observar, e o Corpo de Espírito pareceu ficar completo diante dos meus olhos. Vi as feições do rosto perfeitamente. Eram semelhantes às do rosto físico, mas

nelas havia um brilho de paz e força em vez de velhice e dor. Os olhos estavam fechados, como se num sono tranquilo, e parecia irradiar-se uma luminosidade do Corpo do Espírito.

Enquanto eu observava o Corpo do Espírito suspenso, a minha atenção foi chamada para uma substância semelhante à prata, que passava da cabeça do corpo físico para a cabeça do “duplo” espiritual. Então vi o cordão que conectava os dois corpos. Ao mesmo tempo que eu observava, um pensamento — “O cordão de prata!” — não parava de passar pela minha mente. Eu sabia, pela primeira vez, o significado desta expressão.

Aquele “cordão de prata” era a ligação entre o corpo físico e o espiritual, da mesma forma que o cordão umbilical une a criança a sua mãe. O cordão estava ligado à protuberância occipital, na base do crânio. Exatamente onde se encontrava com o corpo físico, ele se abria como um leque, e numerosas e pequenas ramificações se diversificavam e ligavam-se separadamente à base do crânio. Exceto no ponto em que ocorriam as ligações, o cordão era circular e tinha, talvez, dois centímetros e meio de diâmetro. Ele era de uma luminosidade prateada e translúcida.

O cordão parecia estar cheio de uma energia vibrante. Eu podia ver, ao longo do seu curso, as pulsações do jorro de luz do corpo físico para o “duplo” espiritual. Com cada pulsação o Corpo do Espírito tornava-se mais vivo e mais denso, enquanto o corpo físico se tornava mais quieto e já quase sem vida. Então as feições ficaram mais nítidas. A vida estava toda no corpo astral; as pulsações do cordão haviam parado.

Olhei para a grande quantidade de ramificações do cordão na base do crânio. Uma ramificação após a outra se rompia. A separação final era iminente. Um processo duplo de morte e nascimento estava por acontecer. O último elo de conexão do cordão de prata tinha sido cortado, e o Corpo do Espírito estava livre.

Então veio o momento, dramático, em que o corpo luminoso se levantou da sua posição de repouso. “Os olhos se abriram e um sorriso nasceu das suas feições radiantes. Ela me deu um sorriso de despedida, e desapareceu da minha vista.”

Se as pessoas admitissem a possibilidade de que ocorrem eventos tão extraordinários quando os seres humanos morrem, elas veriam o processo de modo totalmente diferente e reagiriam de outra maneira diante dele. Elas compreenderiam em seguida que a tristeza pode perturbar a partida de um amigo ou parente querido.

O caráter solene e transcendental da morte é descrito no romance de Bashevis Singer intitulado *Shosha*. Um dos seus personagens relata a experiência mística da “unidade universal” que permeava o seu ser anos atrás. “Eu havia me unido à eternidade. Às vezes penso que era como a passagem da vida para o que chamamos de morte. Talvez nós experimentemos isso nos momentos finais e imediatamente depois. Eu digo isso pois todas as pessoas mortas, que vi em minha vida, tinham a mesma expressão no rosto, como se dissessem: Ah, mas então é isto? Se eu soubesse disso antes! Que pena não poder contar isto para os outros.”²²³

O dr. Ring conta, segundo os arquivos da Associação Internacional Para Estudos de Experiências Próximas à Morte (IANDS):

Chegaram mais de cem cartas de pessoas que nos escreveram a esse respeito, dizendo, por exemplo, “bem, eu nunca estive realmente perto da morte, mas também me parece que tive o que vocês chamam de experiência próxima à morte...” Esses correspondentes relatam, então, um incidente típico em suas vidas — durante uma meditação, um parto, uma crise pessoal, uma cerimônia religiosa ou, em muitos casos, de modo aparentemente espontâneo — no qual eles, também, parecem ter sido tocados por algo muito semelhante às EPM...

... Um estudo recente e informal, feito por uma estudante de graduação da Universidade do Colorado, Pamela Rivard, pode ilustrar essa tese. Em resumo, Rivard estava interessada em entrevistar pessoas que sentiam ter tido um despertar religioso no seu passado recente. As descobertas de Pamela Rivard demonstram inequivocadamente que há muitos pontos óbvios de coincidência entre as experiências religiosas dos seus entrevistados e as EPM, tanto na fenomenologia como nos efeitos transformadores.

Essas convergências servem para detectar um ponto que é frequentemente subestimado na discussão das EPM, mas é decisivo para qualquer tentativa de explicá-las: O que ocorre durante uma EPM não tem nada a ver exclusivamente com a morte ou com a transição para a morte. Em minha opinião, este ponto merece ser extremamente enfatizado, e não lhe dar a devida importância tem levado a sérias distorções da nossa compreensão sobre EPM. O que acontece a um indivíduo durante uma EPM não está limitado ao instante de aparente morte iminente. Ocorre simplesmente que chegar próximo à morte é um dos fatores que provocam, com toda segurança, esse tipo de experiência.

O motivo do esquecimento desse ponto por muitos profissionais e grande parte do público é que a tendência atual das pesquisas vê as EPM como um exemplo desse tipo de experiência transcendental. Em nossa fascinação coletiva com o drama da morte, estamos próximos de considerar o que chamamos de EPM como idêntico ao momento da morte, e não estamos reconhecendo que morrer é só uma das circunstâncias — embora muito comum — que tendem a conduzir a esse tipo de experiência.

O dr. Ring continua:

A EPM deve ser vista como parte de um conjunto de experiências místicas semelhantes, que sempre têm estado conosco, e não como uma descoberta recente de pesquisadores modernos que investigam a fenomenologia da morte.

Em apoio a esta ideia da generalidade do que vou continuar a chamar, por enquanto, de EPM, é interessante considerar a seguinte descrição, preparada pelo psiquiatra Stanley Dean, das características do que ele chama de “ultraconsciência”, dos seus efeitos. “Ultraconsciência”, um termo criado por Dean, é praticamente um sinônimo de outro termo mais antigo e conhecido, “consciência cósmica”. A propósito, a descrição de Dean foi publicada pela primeira vez em 1974, antes da explosão de interesse em fenômenos próximos à morte. Aqui está a descrição dele:

1. O começo é anunciado pela consciência de uma luz fascinante que inunda o cérebro e a mente. No Oriente ela é chamada de “esplendor de *Brahma*”. O poeta Walt Whitman fala dela como uma luz inefável — “luz rara, indescritível, que ilumina a própria luz — além de todos os sinais, palavras e linguagens”. Dante descreve que ela é capaz de “trans-humanizar um homem em um deus...”
2. O indivíduo é banhado por certas emoções como contentamento enorme, enlevo, triunfo, grandiosidade, admiração e reverência.
3. Ocorre uma iluminação intelectual impossível de descrever. Num relance intuitivo, o indivíduo tem consciência do rumo e significado do Universo, sente-se identificado e imerso na Criação, no infinito e na imortalidade, com uma profundidade que ultrapassa qualquer significado revelado — em suma, percebe aquele além-eu onipotente que a religião tem chamado de Deus...
4. Há um sentimento de amor e compaixão transcendentais por todos os seres vivos.
5. O medo da morte desaparece totalmente; o sofrimento mental e físico deixa de existir. Há um aumento do vigor e da atividade física e mental, um rejuvenescimento e um prolongamento da vida...
6. Há uma reavaliação das coisas materiais da vida, uma maior apreciação da beleza, uma compreensão da importância relativamente pequena das riquezas e da abundância materiais quando comparadas com os tesouros da ultraconsciência.
7. Há um aumento extraordinário da rapidez intelectual, uma desinibição da genialidade latente. Não se trata de um estado passivo e sonhador, mas de algo que pode dar a um indivíduo poderes tão abrangentes como o de influenciar o curso da história.
8. Há um sentido de missão. A revelação é tão emocionante e profunda que o indivíduo não pode contê-la dentro de si, mas é levado a compartilhá-la com os outros.
9. Ocorre uma mudança carismática na personalidade. Surge um brilho interno e externo, como se o indivíduo tivesse algum poder e inspiração divinos, uma força magnética que atrai e inspira lealdade e fê inquebrantáveis em outras pessoas.
10. Há um surgimento, súbito ou gradual, de funções psíquicas extraordinárias como a clarividência, percepção extra-sensorial, telepatia, pre-cognição, curas espirituais etc...²²⁴

O dr. Ring informa:

De acordo com estatísticas de George Gallup, cerca de oito milhões de norte-americanos adultos podem ter tido EPM. Naturalmente, não temos ideia sobre quantas pessoas no mundo já passaram por esse tipo de experiência, mas parece razoável pensar que milhões de indivíduos fora dos Estados Unidos também já tiveram EPM. De qualquer modo, com a provável melhora e generalização das técnicas de ressuscitação pelo mundo todo, parece ser altamente provável que muitos outros milhões de pessoas irão conhecer por si mesmos o que as pessoas descritas neste livro já sabem.

Mas, naturalmente, a questão não é apenas que muitos milhões conhecerão diretamente as EPM, mas também *de que modo as EPM transformarão as suas vidas*, depois. Nós já examinamos em profundidade o modo como a vida e a consciência das pessoas são afetadas pelas EPM e que valores surgem para guiar seu comportamento. Mas, para começar a avaliar o impacto planetário destas mudanças, é preciso imaginá-las ocorrendo na vida de milhões de pessoas por todo o mundo, sem distinção de raça, religião, nacionalidade ou cultura.

Desta perspectiva, podemos facilmente discernir os significados mais amplos das EPM. Será possível que os que tiveram EPM — e outros que passaram por experiências semelhantes de

despertar interior — *representem coletivamente um impulso em direção a uma consciência mais elevada por parte da humanidade em seu conjunto?* Será possível que a própria EPM seja um mecanismo evolucionário, que produz o efeito de fazer com que os indivíduos deem um salto para o próximo estágio do desenvolvimento humano ao despertar potenciais espirituais antes adormecidos? Será que, na verdade, estas pessoas — na medida em que abandonam suas personalidades anteriores à EPM e passam a ser indivíduos mais amorosos e capazes de compaixão — são protótipos de uma nova variante da espécie humana que está-se preparando para manifestar-se? Superando, talvez, o nível do *Homo sapiens*, e inclinando-se para o que John White chamou de *Homo noeticus*?²²⁵

O que diz *A Doutrina Secreta* sobre novas raças? Aqui estão algumas linhas do volume III, pp. 462-464:^{*7}

A filosofia oculta ensina que, até mesmo atualmente, sob as nossas próprias vistas, a nova raça e raças estão em via de formação, devendo a transformação operar-se na América, onde já se iniciou silenciosamente. De anglo-saxões puros que eram há trezentos anos, os americanos dos Estados Unidos converteram-se em uma nação à parte; e, como resultado do enorme e acentuado cruzamento de nacionalidades diferentes, formam quase uma raça *sui generis*, não só mental mas fisicamente... numa palavra, são os germes da sexta sub-raça, e daqui a algumas centenas de anos serão certamente os pioneiros daquela raça que há de suceder, com todas as suas novas características, a sociedade europeia de hoje, a quinta sub-raça. Depois disso... começarão a preparar a sétima sub-raça; até que a sexta raça-raiz apareça no cenário de nossa ronda, depois de cataclismos — cuja primeira série deverá um dia destruir a Europa e, mais tarde, toda a raça ariana (alcançando assim as duas Américas) bem como a maior parte das terras ligadas aos extremos dos nossos continentes e ilhas. Quando se dará isso? Talvez somente os grandes Mestres de Sabedoria saibam; e estes permanecem tão silenciosos como os picos nevados que se erguem diante deles. Tudo o que sabemos é que ela, a sétima raça, principiará silenciosamente; tão em silêncio, na verdade, que durante milênios os seus postos avançados — as crianças especiais que se desenvolverão em homens e mulheres especiais — serão considerados anômalos *lusos naturae*, raridades anormais, física e mentalmente. Aumentando cada vez mais o seu número com o passar do tempo, chegará o dia em que eles se constituirão em maioria. Então os homens atuais começarão a ser considerados excepcionais, até finalmente desaparecerem dos países civilizados, sobrevivendo apenas alguns pequenos grupos em ilhas — os picos das montanhas de hoje —, onde passarão a vegetar e a degenerar, para depois se extinguirem...

...Este processo de preparação para a sexta grande raça deve durar todo o curso da sexta e da sétima sub-raça; mas os últimos remanescentes do quinto continente só desaparecerão algum tempo depois do nascimento da nova raça: quando uma nova morada, o sexto continente, terá surgido sobre as novas águas na superfície do globo para receber o novo hóspede... Deste modo, a humanidade do Novo Mundo... tem por missão e por *karma* plantar as sementes de uma raça futura maior e muito mais gloriosa que todas as que temos conhecido até agora. Os ciclos da matéria serão seguidos por ciclos de espiritualidade e de completo desenvolvimento mental. Segundo a lei de analogia da história e das raças, a maioria da futura humanidade será composta de Adeptos gloriosos.

*1 *Life After Life* foi publicado em novembro de 1975, ano em que se completou um século da fundação da Sociedade Teosófica.

*2 Elisabeth Kübler-Ross é pioneira no campo das experiências próximas à morte. Veja a sua biografia, escrita por Derek Gill, intitulada *Quest*.

*3 Cf. Hughlings Jackson, “On a particular variety of epilepsy” (Brain, parte XLII, p. 179), citado pelo dr. Ch. Ferré em um artigo (de 16 de fevereiro de 1889): *Nota útil à história do estado mental dos que estão morrendo* [Note pour servir à l’histoire de l’état mental des mourants.] (Mémoires de la Société de Biologie de Paris, tome Ier, 9e série, 1889.)

*4 Vol. I, p. 481 da edição em inglês.

*5 Vol. I, p. 555 da edição em inglês.

*6 Sobre a palavra *ódico* veja nota de rodapé na p. 359. (Nota Ed. Bras.)

*7 Da edição em português. (Nota Ed. Bras.)

CAPÍTULO 12

Respeito e Reverência

Nos Estados Unidos, um grupo de duzentos pastores e leigos estudiosos da Bíblia, conhecido como Seminário de Jesus, descobriu, após seis anos de intensa pesquisa, usando os últimos métodos disponíveis para testar a confiabilidade histórica, que oitenta por cento dos ditos atribuídos a Jesus nunca foram pronunciados por ele. Entre as palavras que ele nunca pronunciou estão: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser por mim.”*¹ Assim, fica enfraquecido o principal dogma do Cristianismo ortodoxo segundo o qual só através de Jesus pode alguém ser salvo.

Ari Goldman registra o fato acima na sua coluna no *New York Times* (8 de fevereiro de 1991). Ele acrescenta: “Entre as observações que Jesus fez está um comentário encontrado, com pequena alteração, nos evangelhos de Mateus, Marcos e João, sobre a tendência de que um profeta não seja levado em conta em sua própria terra.” Os livros de HPB estiveram sempre proibidos na Rússia. Seus livros foram banidos quando os soviéticos tomaram o poder.*² É surpreendente, portanto, ler o seguinte na revista *The Theosophist* de agosto de 1990:

A terra natal da sra. Blavatsky está agora cheia de interesse em sua vida e sua obra. Isto ficou muito claro durante a visita da presidente internacional [da Sociedade Teosófica de Adyar], a sra. Radha Burnier, a Moscou e Leningrado entre 14 e 24 de junho de 1990 a convite da União de Escritores Soviéticos e a Associação “Paz Através da Cultura”...

Houve dois eventos de importância em Moscou. O primeiro teve lugar dia 18 de junho, quando foi aberta uma exposição sobre Blavatsky nas imponentes instalações da União dos Escritores. A exposição mostrou fotos [de HPB], os seus livros em russo, extratos dos seus escritos, declarações feitas por M.K. Gandhi, Jawaharlal Nehru, Nicholas Roerich e outros acerca da influência dela em suas vidas, e alguns livros teosóficos trazidos de Adyar. A imprensa escrita e a televisão de Moscou cobriram o evento, e vários milhões de telespectadores viram a abertura em horário nobre de televisão em 1991, quando foi comunicado que seria celebrado o Ano Internacional de Blavatsky para lembrar o centenário de sua morte.

No dia seguinte, 19 de junho, houve uma reunião em honra de HPB no salão da União de Escritores Soviéticos. Os quinhentos lugares foram insuficientes para acolher todos os que

compareceram, vindos não só de Moscou mas de outras cidades. Um grande retrato de HPB, rodeado de flores, estava na plataforma. O sr. Valentim M. Siderov, [na época] presidente de “Paz Através da Cultura”, fez um esboço sobre a vida de HPB, explicou os objetivos da Sociedade Teosófica, deu as boas-vindas à presidente internacional, cuja visita, ele disse, era um evento histórico mais de setenta anos depois da proibição dos livros de HPB e de a Sociedade Teosófica ter sido fechada no país em que ela nasceu. Depois disso, houve uma palestra da sra. Burnier... E, após um curto intervalo, foram recitados poemas escritos por Blavatsky ou sobre ela, e foram cantadas canções populares que ela apreciava. Cada artista fez a oferta de uma rosa em memória de HPB.

A programação de Leningrado [agora São Petersburgo] também incluiu duas reuniões, uma das quais ocorreu na sede da União dos Escritores. Após uma breve introdução e palestra da sra. Radha Burnier, realizou-se no auditório uma sessão de perguntas e respostas. O intenso interesse dos participantes, que chegavam a duzentos, foi evidenciado pela variedade e alcance das perguntas sobre Teosofia e a Sociedade Teosófica. Os membros da Fundação Roerich estavam muito envolvidos com a programação, e o relacionamento da S.T. com os Roerich também foi discutido.

Um grande número de conversas particulares com simpatizantes e pessoas interessadas aconteceu tanto em Moscou como em Leningrado [São Petersburgo]. Na discussão com os dirigentes do grupo “Paz Através da Cultura”, foi proposto solicitar às autoridades da cidade de Dnepropetrovsk (anteriormente chamada de Ekaterinoslav), local de nascimento de HPB, que fosse permitida a colocação de uma placa comemorativa na casa em que ela nasceu, que felizmente estava intacta. Isso foi feito no dia 12 de setembro de 1991, a data em que, de acordo com o calendário russo atual, HPB nasceu. [Segundo o calendário moderno, o nascimento ocorreu em 12 de agosto, e de acordo com o velho calendário o nascimento ocorreu em 31 de julho.]

Também fez parte do plano do “Ano de HPB” reimprimir [5.000 exemplares da] versão russa de *A Doutrina Secreta*. A presidente da S.T., sra. Radha Burnier, ofereceu imprimir a tradução russa existente na Vasanta Press, em Adyar, pois a escassez de papel na Rússia tornava difícil fazer essa edição no país até 1991. Foi proposta a doação de exemplares de *A Doutrina Secreta* a bibliotecas de outras instituições russas importantes... Houve assim um notável recomeço da divulgação da Teosofia na Europa Oriental. É gratificante saber que essa iniciativa surgiu das próprias pessoas desta região,^{*3} infelizmente desprovidas por longo tempo desse contato e que estavam sequiosas pelo conhecimento espiritual e pela luz espiritual necessários para resolver os graves problemas humanos.²²⁷

Pode parecer significativo o fato de que, durante o Ano Internacional de Blavatsky, o povo livrou-se das algemas do comunismo, optando por uma forma democrática de governo. Em agosto de 1991, por ocasião do golpe fracassado dos soviéticos de linha dura, esta nota apareceu no *New York Times* (24 de agosto):

George F. Kennan, um dos principais historiadores norte-americanos e experts na ex- União Soviética, agora Rússia, disse que os eventos envolvendo o fracassado golpe superam em importância a Revolução Russa. “Acho difícil encontrar outra mudança na história russa moderna tão significativa quanto essa... Pela primeira vez na história eles deram as costas à

maneira como vinham sendo governados — não somente no período soviético mas desde há séculos antes dele. Eles exigiram o direito de ter voz própria na definição da sua própria sociedade.”

O movimento “Paz Através da Cultura”, patrocinador dos encontros em Moscou e em São Petersburgo, é uma organização não-governamental e apolítica. Seu nome foi formulado por Nicholas Roerich, teósofo e notável artista russo, cujas pinturas podem ser encontradas em muitos museus. Os seus cenários originais para as óperas de Wagner, Moussorgsky e Rimsky-Korsakov e para balés como o *Rito da Primavera* de Stravinsky são clássicos. Roerich escreveu muitos livros sobre arte, cultura e filosofia. Como explorador e cientista, ele fez extensas pesquisas arqueológicas na Rússia e na Ásia Central. Foi indicado para o Prêmio Nobel por seu pacto internacional de proteção, na guerra e na paz, de monumentos e outros tesouros culturais. O pacto de Roerich foi assinado por trinta e seis nações, e o presidente Roosevelt, ao assiná-lo na Casa Branca, na presença de muitos líderes mundiais, disse: “Este pacto possui um significado espiritual muito maior do que o seu próprio texto.”²²⁸

Roerich foi amigo pessoal do vice-presidente Henry Wallace e sugeriu a ele que havia chegado o momento de usar o verso do Grande Selo norte-americano. Wallace passou a sugestão a Roosevelt,²²⁹ e assim, hoje, na nota de um dólar se vê o verso do selo: símbolo impressionante de uma pirâmide inacabada em cuja parte superior há um olho misterioso. As palavras *Novus Ordo Seclorum*, que significam *Uma Nova Ordem do Mundo*, aparecem abaixo da pirâmide.

Os cinco mil exemplares de *A Doutrina Secreta*, de H.P. Blavatsky, presenteados pela Sociedade Teosófica de Adyar, foram uma edição traduzida por Helena Roerich,^{*4} publicada em Riga em 1937, e que Boris de Zirkoff qualificou como magnífica.²³⁰ Daniel Entin, diretor do Museu Roerich em Nova Iorque, informa que a tradução foi um projeto familiar, e que Nicholas e seus filhos também estavam envolvidos nesse trabalho.

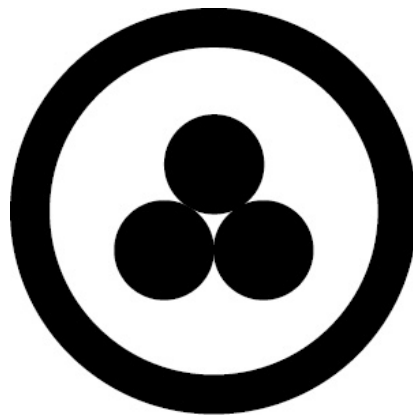
Alguns anos atrás, uma nota no *Newsday*, de Nova Iorque (5 de dezembro de 1989), sobre o Museu Roerich e seu diretor, parece ter

chamado pouca atenção. Diz a publicação:

Roerich, que morreu em 1947, é um herói na União Soviética, onde até o líder Mikhail Gorbachev tem admiração por ele. Dois anos atrás, Gorbachev convidou o filho de Roerich para almoçar no Kremlin e disse a ele que iria patrocinar um centro Roerich em Moscou. Como resultado, sociedades Roerich brotaram em muitas cidades ao longo do país, e Raisa Gorbachev envolveu-se no lançamento de um fundo com o nome dele.

Mais tarde Gorbachev liberou um avião para que o filho de Roerich, Svetoslav, transferisse toda sua coleção de quadros Roerich, que estavam em Bangalore, na Índia, onde ele mora, para Moscou, onde está instalada agora.

Quanto à data em que Roerich interessou-se pela primeira vez por Teosofia, Entin conta que nos arquivos do museu há uma carta da Sociedade Teosófica de Londres revelando que Roerich filiou-se à Sociedade em 1919. “Não tenho provas de que eles fossem membros enquanto estavam na Rússia”, diz Entin, “mas eles podem muito bem ter sido... No entanto, não há dúvida de que eles faziam parte de círculos de pessoas profundamente interessadas nos ensinamentos [teosóficos] que existiam naqueles tempos.”



A Bandeira da Paz Através da Cultura

Desde tempos imemoriais, os guerreiros têm carregado para as guerras as suas bandeiras. Esta é uma bandeira pela paz.

Este antigo símbolo universal é um dos mais velhos do mundo. As três esferas representam, segundo Nicholas Roerich, que projetou a bandeira, a síntese de todas as artes, todas as ciências, e todas as religiões dentro do círculo da cultura. Ele definia cultura como o cultivo do potencial criativo existente no ser humano. Ele acreditava que a conquista da paz através da cultura é uma meta a ser alcançada por um esforço definido da vontade humana.

Onde quer que a Bandeira seja exposta, ela destaca as grandes conquistas do passado, do presente e do futuro. Ela encoraja os indivíduos a esforçarem-se para alcançar o seu potencial mais elevado, embelezando todos os aspectos da vida; encoraja cada pessoa a assumir a responsabilidade pela evolução do planeta; ela significa o construtor da paz; e simboliza a transformação do indivíduo e da sociedade. Ela representa a cooperação (pedra de toque para que surja uma cultura planetária) em todos os aspectos da atividade humana.

Nicholas Roerich foi famoso mundialmente como artista, filósofo, arqueólogo e escritor. Criou um tratado internacional, o Pacto Roerich e a Bandeira da Paz. O Pacto estabelece que essa bandeira deve ser hasteada sobre todos os monumentos históricos, artísticos e instituições para indicar proteção e respeito especiais em tempos de guerra e de paz. É o reconhecimento de que os tesouros culturais têm um valor duradouro para todos os povos e são uma herança comum da humanidade.

O Pacto foi criado por Roerich em Nova Iorque, em 1929, o que lhe valeu uma indicação para o Prêmio Nobel da Paz. No dia 15 de abril de 1935, o presidente Franklin D. Roosevelt presidiu a cerimônia na Casa Branca em Washington D.C., na qual vinte países da América Latina uniram-se aos Estados Unidos na assinatura deste documento histórico.

Nicholas Roerich disse: “A criatividade é a qualidade fundamental do espírito humano. Vamos dar as boas-vindas àqueles que, ultrapassando dificuldades pessoais, ... impõem

os seus espíritos para a tarefa da construção da Paz, garantindo, assim, um futuro luminoso.”

*“Onde há Paz, há Cultura;
Onde há Cultura, há Paz.”
Nicholas Roerich (1874-1947)*

Durante as últimas décadas da sua carreira, Nicholas Roerich viveu na Índia. Numa carta para Annie Besant, em Adyar (21 de março de 1921), de Darjeeling, onde ele e sua esposa viviam na ocasião, ele escreve:

A grande fundadora da Sociedade Teosófica, H.P. Blavatsky, em seu último artigo, apontou a importância da Arte. Ela previu a importância futura desta grande força criativa que irá ajudar a construir o mundo do futuro, pois a Arte é a ponte mais curta entre os diferentes povos. Devemos sempre lembrar este último pensamento daquela grande personalidade, e a maneira mais simples para mantê-lo sempre em mente seria fundar, em Adyar, um Museu de Arte dedicado ao nome de H.P. Blavatsky. Esta instituição atrairá os corações de representantes de cada ramo da Arte, e reunirá novas pessoas em torno do local onde nasceram tantos pensamentos elevados. Se a Sociedade está disposta a considerar a minha proposta, estou pronto a oferecer como doação para o Museu Blavatsky a minha pintura chamada *O Mensageiro*, pintada aqui e dedicada à memória desta grande mulher.²³¹

A oferta foi aceita em 18 de janeiro de 1925, de acordo com um jornal de Madras:

Roerich descobriu a pintura e disse: “Nesse lar de Luz, faço a doação desta pintura dedicada a Helena Petrovna Blavatsky como ponto inicial de um futuro Museu Blavatsky, cujo lema deverá ser ‘A Beleza é a vestimenta da Verdade’.”

O quadro, com cerca de cento e sete centímetros de comprimento e noventa e um centímetros de largura, é uma obra impressionante, feita em têmpera com a cor-chave violeta, mostrando uma mulher num Templo Budista, abrindo a porta para um mensageiro nas primeiras horas da manhã.

Uma bela reprodução colorida pode ser encontrada em *The Theosophist* de maio de 1991. A sra. Sina Fosdick, uma funcionária do Museu Roerich, informou a esta escritora que a jovem mulher na pintura representa a humanidade, enquanto o mensageiro que entra no templo simboliza HPB e o começo do seu trabalho público em 1875. (Veja a ilustração número 31, nas páginas centrais.)²³²

A última residência dos Roerich foi no vale Kulu no Punjab, e foi de lá que Nicholas escreveu a Boris de Zirkoff no dia 7 de julho de 1939:

Agradeço sua carta de 20 de maio, que somente agora alcançou estas distantes montanhas. Estou satisfeito de poder escrever-lhe em russo; e satisfeito também por ser você parente próximo de HPB, por quem nós temos tão profunda reverência. Chegará um momento em que o nome dela ressoará por toda Rússia, com dignidade e respeito... Os russos têm esquecido com muita frequência os seus próprios líderes e pensadores; já é tempo de aprendermos a valorizar os reais tesouros...

Enquanto escrevo estas linhas, lá fora, à distância, estão diante dos meus olhos os picos cobertos de neve e a elevada passagem para o Tibete. São como testemunhas silenciosas daquelas Verdades perenes em que estão ocultos o rejuvenescimento espiritual e o aperfeiçoamento definitivo da raça humana. Os Grandes Seres estão sempre prontos a ajudar, mas os homens frequentemente recusam tal ajuda.²³³

Hoje são os jovens russos, em especial, que estão avidamente interessados no estudo das obras de Blavatsky. Eles estão interessados também em procurar as bibliotecas e universidades que têm em seus acervos cartas de Blavatsky perdidas há muito. Que elas existiram um dia fica claro no manuscrito *History of the Russian Theosophical Movement* (*História do Movimento Teosófico Russo*), de Helen F. Pissarev. Ela conta que, em 1909, com um grupo de teósofos russos, compareceu ao Quinto Congresso Internacional da S.T. em Budapeste. Ao voltarem para a Rússia, eles decidiram viajar de navio via Atenas, Constantinopla e Odessa — essa última porque todos desejavam encontrar-se com duas sobrinhas de HPB, filhas de sua irmã Vera. Eles foram muito bem recebidos e ganharam fotos, retratos e outros materiais valiosos que foram colocados dentro de um grande álbum e depositados no Centro Teosófico de São Petersburgo. Anos depois, os presentes foram confiscados pelas autoridades revolucionárias. Que tesouro este material será, se puder ser localizado!²³⁴

Atualmente a busca para encontrar material referente a Blavatsky nas bibliotecas e arquivos russos continua. Até esta data,^{*5} cerca de cem cartas já foram encontradas. O interesse pela Teosofia também continua: muitos grupos de estudos teosóficos foram formados. E, portanto, agora, pode-se dizer que Blavatsky inspira respeito e reverência em seu próprio país. Mas o que dizer do seu país adotivo, os Estados Unidos da América? Há, naturalmente, muitos teósofos aqui, e os seus livros são cada vez mais lidos... No entanto, é triste observar que quando os repórteres norte-americanos que trabalham na Rússia mandaram para seus editores nos

Estados Unidos a notícia de que, naquele país, o ano de 1991 fora declarado Ano Internacional de Blavatsky, nenhum jornal ou revista que eu conheça publicou o anúncio.

Qual a razão disso? Um artigo de James Pryse, em 1898, intitulado *Helena Petrovna Blavatsky*, recentemente reimpresso em *The Canadian Theosophist* (maio-junho de 1991), parece sugerir uma resposta:

Os que são verdadeiramente grandes ficam muito à frente dos seus contemporâneos, e só são apreciados de fato pelas gerações que vêm depois; eles são compreendidos apenas por uns poucos em sua própria época. O exame de perto só é bom para coisas pequenas; o que é grande tem que ser observado a uma distância proporcional para que possa ser julgado adequadamente. Diz-se que entre as estátuas apresentadas numa competição que selecionaria qual seria colocada num templo da Grécia antiga, havia uma que parecia mal acabada, tosca e angular, despertando um sentimento de ridículo nos juízes; mas depois que cada uma das estátuas perfeitamente acabadas foi colocada no templo e retirada em seguida porque os seus detalhes não podiam ser vistos a uma altura tão grande, e o brilho das suas superfícies polidas só tornava confusos os seus traços, a estátua rejeitada foi finalmente colocada no lugar, e todos ficaram encantados pela sua beleza, pois a sua superfície áspera mantinha os seus contornos firmes, e a distância suavizava as suas curvas toscas.

Se H.P. Blavatsky parecia ser áspera, crua e até grosseira com os que estavam ao seu redor, era só porque ela havia sido feita com o molde dos titãs. Nessa época de ortodoxias complacentes, de escolas de pensamento convencionais e lugares-comuns vulgares e vazios, ela parecia estranhamente deslocada, como um profeta dos tempos antigos. Impetuosa como Elias, grandiosa como Isaías, misteriosa como Ezequiel, ela lançava severos Jeremias contra as puerilidades e hipocrisias do século dezanove. Foi uma pioneira gritando alto no deserto das crenças cegas. Ela não pertencia à época atual. A mensagem dela veio do passado poderoso, e ela não a transmitiu para o presente, mas para o futuro. Pois o presente estava coberto pelas trevas do materialismo, e só no passado distante estava a única luz que poderá iluminar o futuro... Ela proclamou, a todos que tinham ouvidos para ouvir, as verdades esquecidas há muito tempo, das quais a humanidade necessita agora. HPB deu seu testemunho da Gnose para uma época agnóstica. Ela trouxe a influência da grande Loja que nos tempos antigos era “o bom Pastor” da humanidade.

Para concluir esta narrativa sobre a vida e a influência de Helena Blavatsky, reproduzo algumas palavras dela própria, encontradas em sua mesa de trabalho depois que o seu corpo físico morreu, dia 8 de maio de 1891:

Há um caminho íngreme e cheio de espinhos, rodeado de perigos de todo o tipo — mas ainda assim um caminho; é ele que leva até o Coração do Universo. Posso dizer a vocês como encontrar Aqueles que lhes mostrarão o único portal secreto, que conduz ao interior[...] Para aqueles que vencem, há uma recompensa de valor indescritível: o poder de abençoar e salvar a humanidade. Para aqueles que são derrotados, há outras vidas em que o êxito poderá ser alcançado.²³⁵

*¹ Veja *HPB Collected Writings*, vol. 13, p. 55 e vol. 14, nota de rodapé, p. 396; e *A Doutrina Secreta*, vol. II, nota de rodapé, p. 231 (edição em inglês).

*² Durante a década seguinte a 1908, quando o censor do Czar foi afastado e um novo censor mais liberal foi nomeado, surgiu um novo espírito na Rússia, e a Teosofia floresceu.

*³ Que esta iniciativa foi, na verdade, dos próprios russos fica evidente pelo fato de que, quando a sra. Radha Burnier foi a Moscou, ela não tinha ideia de tudo o que havia sido planejado antes da sua visita. (*Adyar Newsletter*, maio de 1990, p. 3.)

*⁴ *The San Francisco Chronicle* (24 de maio de 1991), em reportagem sobre os novos movimentos religiosos baseados nas “alternativas espirituais” da Nova Era, comenta: Cerca de 50.000 exemplares de *A Doutrina Secreta*, o texto inicial do movimento teosófico, uma religião oculta com mais de cem anos de idade, que é uma das fontes da espiritualidade da Nova Era, estão sendo agora, apressadamente, impressos por editoras da Europa Oriental...

*⁵ Até a primeira edição desta obra em inglês. (Nota Ed. Bras.)

Agradecimentos

Devo fazer um agradecimento especial a Carey Williams (pseudônimo literário da dra. Caren M. Elin) pelo seu compromisso e devoção para com este esforço desde a sua concepção inicial há mais de uma década. Sem o sacrifício e o trabalho dela no último ano, a publicação desse livro talvez nunca se materializasse.

Expresso minha profunda gratidão a Virginia Ross e Will Thackara pela sua perícia fotográfica.

Também estou muita agradecida às seguintes pessoas pela sua valiosa ajuda:

H. Clay Bailey III, Peter Bernin, Adella Bivins, Radha Burnier, Daniel Caldwell, Walter Carrithers, Reed Carson, Gilda Cello, Prudence Ceppos, Arthur Ceppos, John Cooper, Armand Courtois, Doris Davy, Ted Davy, Terry Dickinson, Doreen Domb, Alan Donant, Dara Eklund, Daniel Entin, Bernard Firth, Dorothy Frank, Margaret Geiger, Michael Gomes, Aloyse Hume, David Hume, Georgia James, Helena Kerekhazi, Ruth Kinsburg, Boris Kinsburg, Joan Lange, Mary G. Langford, Micheline Leblois, Claude Leblois, Erica Lauber, Chi-Jen Lukacsik, H. Robert McOwen, Miriam Merrill, Vera Meyer, Joy Mills, Sandra Mirisch, Jerome Muratore, Pico Nazzaro, Sue Perley, Leslie Price, Alice Rosenblatt, Arnold Rosenblatt, Barbara Savoury, Jean-Louis Siémons, W. Emmett Small, H.J. Spierenburg, Dallas TenBroeck, Roderick Townley, Eldon Tucker, Vonda Urban, Nicholas Weeks, Betty Willis, Margaret Winton e Cathy Young.

Expresso meu agradecimento às seguintes bibliotecas e arquivos:

The British Library, Londres, Inglaterra; *Columbia University Libraries*, Nova Iorque, Estados Unidos; *Concord Grove Press*, United Lodge of Theosophists, Santa Bárbara, Califórnia, Estados Unidos, arquivista: Nandini Iyer; *Andover Harvard Divinity School Library*, arquivista: dr. Alan Seaburg; *Eileen J. Garrett Library of Parapsychology Foundation*, Nova Iorque, Estados Unidos; *Harvard University Library*, Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos; *Huntington Library*, Pasadena, Califórnia,

Estados Unidos; *New York Public Library: Reference Room, 42nd Street*, Nova Iorque, Estados Unidos; *The New York Society for Psychical Research*, Nova Iorque, Estados Unidos; Nicholas Roerich Museum and Library, Nova Iorque, Estados Unidos, arquivista: Daniel Entin; Olcott Library and Research Center of The Theosophical Society, Wheaton, Illinois, Estados Unidos, arquivista: Lakshmi Narayan; Conselheiros: Dorothy Abbenhouse e Shirley Nicholson; The Theosophical Society Library and Archives, Adyar, Chennai (antiga Madras), Índia, arquivista: Paul Zwollo; The Theosophical Society Library and Archives, Pasadena, Califórnia, Estados Unidos, arquivistas: Kirby Van Mater e John Van Mater; Conselheiros: Grace F. Knoche e Will Thackara; Theosophical Society of New York Library, Nova Iorque, Estados Unidos, arquivista: Elizabeth Meller; United Lodge of Theosophists Library, Nova Iorque, Estados Unidos; United States Congressional Library, Washington, Estados Unidos; Yale University Beinicke Rare Books e Manuscripts Library, New Haven, Connecticut, Estados Unidos, conselheiro em literatura tibetana: dr. Wesley Needham, The Blavatsky Foundation, Fresno, Califórnia, Estados Unidos, arquivista: Walter Carrithers.

Notas

Prefácio

1. William Q. Judge, “The Esoteric She”, *New York Sun*, 26 de setembro de 1892; reimpresso em *H.P. Blavatsky* (livreto), Los Angeles, Califórnia, EUA, Theosophy Company.
2. Charles Johnston, “A Memory of Madame Blavatsky” (Uma Lembrança da Senhora Blavatsky), *Lucifer*, Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing Society, junho de 1891, pp. 287-88.
3. William Stewart Ross (“Saladin”), *Agnostic Journal and Eclectic Review*, 16 de maio de 1891; reimpresso como “How an Agnostic Saw Her”, *Lucifer*, junho de 1891, pp. 311-16.
4. A.P. Sinnett, *The “Occult World Phenomena” and the Society for Psychical Research, with a Protest by Madame Blavatsky* (livreto), Londres, Inglaterra, George Redway, 1886, p. 51.
5. Vernon Harrison, “J’Accuse: An Examination of the Hodgson Report of 1885”, *Journal of the Society for Psychical Research*, Londres, Inglaterra, abril de 1986, pp. 309-10.
6. H.G. Wells, *The Man Who Could Work Miracles: Twenty-Eight Science Fiction Stories of H.G. Wells*, Nova Iorque, EUA, Dover, 1942, p. 701.
7. Isso foi na década de 1920, em Nova Iorque, quando as pessoas mencionadas viviam no recém-construído Hotel Shelton. Carolyn Swanton, “Claude Fayette Bragdon: A Theosophist”, *American Theosophist*, Wheaton, Illinois, EUA, Theosophical Society in America, setembro de 1983, p. 263.
8. Blavatsky, carta para Vera Zhelihovsky, “Letters of H.P. Blavatsky XIII”, *The Path*, Nova Iorque, EUA, editor William Q. Judge, dezembro de 1895, p. 270.
9. *Roget’s International Thesaurus*, quarta edição, Nova Iorque, EUA, Thomas W. Crowell, 1977.

10. Damodar Mavalankar, “Can Females Become Adepts?”, *The Theosophist*, Adyar, Madras, Índia, Sociedade Teosófica, outubro de 1883.
11. Iverson Harris, *The Journal of San Diego History*, San Diego (Califórnia), EUA, Historical Society, verão de 1974, p.16. Ao confirmar esta informação soube-se que a sobrinha de Einstein, durante a década de 1960, fez uma visita especial à sede da Sociedade Teosófica em Adyar, na Índia. Ela explicou que nada sabia sobre Teosofia ou a Sociedade, mas viera conhecer o local porque seu tio sempre tinha uma cópia de *A Doutrina Secreta* da sra. Blavatsky na sua escrivaninha. A pessoa com quem falou foi Eunice Layton, uma palestrante internacional sobre temas teosóficos que, por acaso, estava na mesa da recepção quando ela chegou. Sylvia Cranston conheceu a srta. Eunice Layton em janeiro de 1982, enquanto esteve em Ojai, Califórnia, EUA, e ela confirmou a história.
12. *Ojai Valley News*, Ojai, Califórnia, EUA, 28 de setembro de 1983.
13. *Collected Letters of W.B. Yeats: Volume One*, editado por John Kelly, Oxford, Inglaterra, Clarendon Press, 1986, vol. 1, p. 164.
14. Cathy Young (Ekaterina Jung), *Growing Up in Moscow*, Nova Iorque, EUA, Ticknor & Fields, 1989.
15. Theodore Roszak, *The Unfinished Animal*, Nova Iorque, EUA, Harper&Row, 1975, pp. 115-25.
16. *The Theosophist*, agosto de 1990, pp. 448-49.
17. Blavatsky, H.P. *Blavatsky to the American Conventions: 1888-1891*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1979, p. 9.
18. “Blavatsky”, em *Critico-Biographical Encyclopedia of Russian Writers and Savants*, 1892.

Parte 1 – A Vida na Rússia

1. Lydia P. Bobritsky, “Helena Andreevna Hahn”, *The Theosophical Forum*, Covina, Califórnia, EUA, agosto de 1948, p.450.
2. Vera Petrovna de Zhelihovsky, “Helena Petrovna Blavatskaya: Biografichesky ocherk”, (Helena Petrovna Blavatsky: Um Esboço Biográfico), *Russkoye obozreniye* (Russian Review), volume 6 (novembro de 1896), nota de rodapé da página 246, tradução em caráter privado por

- Mary G. Langford, San Gabriel, Califórnia, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
3. Victor and Jennifer Louis, *The Complete Guide to the Soviet Union*, Nova Iorque, EUA, St. Martin's Press, 1976, p. 15.
 4. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1966, vol. 2, p. 353.
 5. Bobritsky, "Helena Andreevna Hahn", pp. 451-52.
 6. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. XXVIII.
 7. Marion Meade, *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth*, Nova Iorque, EUA, G. P. Putnam's Sons, 1980, p. 16.
 8. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. XXVIII.
 9. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. XXVI.
 10. Andrey Mihaylovich de Fadeyev, *Vospominaniya, 1790-1867* (Reminiscências, 1790-1867), volume 1, Odessa, Ucrânia, impresso pela South Russian Society, 1897.
 11. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 3, pp. 506-7.
 12. Bobritsky, "Helena Andreevna Hahn", p. 452.
 13. Vera Petrovna Zelihovsky, *Kak ya bila malenkoy: Iz vospominaniy rannyago dyetstva Veri Petrovni Zhelihovsky* (Quando Eu Era Pequena: Reminiscências da Primeira Infância de Vera Zelihovsky), segunda edição revisada e ampliada, São Petersburgo, Rússia, A.F.Devrient, 1894, vol. 1, pp. 33-38, tradução em caráter privado de Cathy Young, Nova Jersey, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
 14. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, vol. 1, p. 18.
 15. Catarina S. Nekrasova, "Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842: Biographical Sketch", *Russkaya starina* (Russian Days of Yore), agosto de 1886, volume 1, tradução em caráter privado de Mary G. Langford, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
 16. A.P. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, Nova Iorque, EUA, J.W. Bouton, 1886, p. 97.
 17. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 2, p. 355.
 18. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, vol. 1, pp. 60, 124, 149-50.
 19. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 14.
 20. Bobritsky, "Helena Andreevna Hahn", p. 449.
 21. Nekrasova, "Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842", volume 1, parte 10.

22. Henry Steel Olcott, *Old Diary Leaves: The History of the Theosophical Society*, Adyar, Madras (Chennai), Índia, The Theosophical Publishing House, 1974, terceira edição revisada, vol. 3, p. 378.
23. H.P. Blavatsky, *The Voice of the Silence*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1928, pp. 12-13.
24. Blavatsky, *The Voice of Silence*, pp. 13-67.
25. *National Geographic*, março de 1985, pp. 295.
26. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 18-19.
27. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 21.
28. *The Bhagavad-Gita*, do sânscrito, por William Q. Judge, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1986.
29. Nadyezhda Fadeyev, “Helena Pavlovna Fadeyev”, *Russkaya starina* (Russian Days of Yore), vol.3, pp. 749-51, (dezembro de 1886), tradução em caráter privado de Cathy Young, Nova Jersey, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
30. Blavatsky, H.P. *Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. XXXI.
31. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, volume 1, parte 5.
32. Bobritsky, “Helena Andreevna Hahn”, p. 454.
33. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, volume 1, parte 5.
34. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, volume 1, parte 5.
35. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, volume 1, parte 5.
36. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, 1894 (usado sempre pela autora).
37. Meade, *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth*, pp. 24-32.
38. Bobritsky, “Helena Andreevna Hahn”, p. 453.
39. Bobritsky, “Helena Andreevna Hahn”, p. 454.
40. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, volume 1, parte 5.
41. Ignace Hommaire-de-Hell, *Traveis on the Steppes of the Caspian Sea, Crimea..., London, Chapman Hell*, 1867, pp. 165-68.
42. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, pp. 4, 113, 151-53.
43. Zhelihovsky, “Neobyasnimoye ili neobyasnenneye: Iz lichnih i semeynih vos-pominaniy” (O Inexplicável ou o Não Explicado: Reminiscências Pessoais e Familiares), *Rebus*, volume 4, número 6, p. 59, tradução em caráter privado de Cathy Young, Nova Jersey, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
44. Zhelihovsky, “Yelene Petrovne Blavatskaya: Biografichesky ocherk” (Helena Petrovna Blavatsky: Um Esboço Biográfico), *Russkoye*

- obozreniye* (Russian Review), volume 6 (novembro de 1891), pp. 243-44, tradução em caráter privado de Cathy Young, Nova Jersey, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
45. “Character Sketches”, *Review of Reviews*, Londres, Inglaterra, 1893, p. 659.
46. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, vol. 2, pp. 129-132.
47. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, parte 8; Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, vol. 3, pp. 26, 115; Zhelihovsky, *Moyo otroschestvo (Minha Adolescência)*, terceira edição, 1900, parte 1, secção 12, p. 59, tradução em caráter privado de Cathy Young, Nova Jersey, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
48. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, parte 9.
49. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, capítulos 1-23.
50. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 26, 28, 32.
51. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 28, 32.
52. Vera Petrovna de Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, novembro de 1891, pp. 245, 247, tradução em caráter privado de Mary G. Langford, San Gabriel, Califórnia, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
53. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, p. 246.
54. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, p. 117.
55. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, pp. 214-16.
56. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, pp. 217-20.
57. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, parte 11.
58. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, capítulos 35-37.
59. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 1, capítulo 1.
60. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, nota de rodapé da página 246.
61. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, parte 11.
62. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, p. 246.
63. Mary K. Neff, *Personal Memoirs of H.P. Blavatsky*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1971, p.17; *Lucifer*, novembro de 1894, p.204.
64. Bobritsky, “Helena Andreevna Hahn”, p. 457.
65. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, parte 8.
66. Nekrasova, “Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842”, parte 9.

67. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 39.
68. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 30-31, 41; Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, capítulos 24, 25.
69. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 37-38.
70. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 37-40.
71. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 3, pp. 9-10
72. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p.35.
73. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 34-38.
74. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 47-48; Condessa Constance Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"* (*Reminiscências de H.P. Blavatsky e de "A Doutrina Secreta"*), Wheaton, Illinois, EUA, Theosophical Publishing House, 1976, p. 56; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, Londres, Inglaterra, T. Fisher Unwin Ltd., 1925, p.150.
75. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 42.
76. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 47.
77. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, editado por C. Jinarajadasa, Adyar, Madras (Chennai), Índia, The Theosophical Publishing House, 1951, vol. 2, pp. 62-63
78. Blavatsky, *The Theosophical Glossary*, p.197; Blavatsky, *Isis Unveiled*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1968, Edição de Centenário, vol. I, p. XXXIV.
79. Blavatsky, *The Theosophical Glossary*, pp. 196-98; Blavatsky, "Practical Occultism", *Lucifer*, agosto de 1888.
80. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, pp. 181-85.
81. Louis, *The Complete Guide to the Soviet Union*, p. 520.
82. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 1, capítulos 28, 29; parte 2, capítulos 1, 2, 5.
83. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 1, p. 54.
84. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, capítulo 11.
85. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, pp. 190-93.
86. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, p. 277.
87. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1951, vol. 2, p. 61.
88. Zhelihovsky, *Kak ya bila malenkoy*, p. 92; *Moyo otrochestvo*, parte 1, p. 76, 96.

89. Helene Pissareff, “Helena Petrovna Blavatsky”, *The Theosophist*, janeiro de 1913.
90. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. I, p. XXXV; Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, pp. 271-72; A.L.Polgosky, “Helena Petrovna Blavatsky: a Chapter out of Her Past”, *The Theosophist*, julho de 1913, nota de rodapé da página 477.
91. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 54.
92. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 214, 217.
93. Radda-Bai (H.P. Blavatskaya), *From the Caves and Jungles of India, Enigmatical Tribes in the “Light Blue Mountains”, Durbar at Lahore*, com um esboço biográfico feito por Vera Zhelihovskaya, São Petersburgo, Rússia, 1893, pp. 2-3, tradução em caráter privado de Mary G. Langford, San Gabriel, Califórnia, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
94. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. I, p. XXXVI.
95. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, p. 216.
96. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 54-55.
97. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, p. 217.
98. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 56.
99. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, parte 2, p. 303.
100. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 32; “Marvelous Spirit Manipulator”, *Daily Graphic*, Nova Iorque, EUA, 30 de outubro de 1876.
101. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 64.
102. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 58-59.

Parte 2 – Viajando Pelo Mundo

1. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 2, nota de rodapé da página 354; Hugh Seth Watson, *The Russian Empire, 1801-1917*, p.499.
2. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. XVI.
3. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 1, p. 61-63.
4. C.G. Jung, *The Collected Works*, volume 13; *Alchemical Studies* (Bollingen Series 20), Princeton, Nova Jersey, EUA, Princeton University Press, 1967, sobrecapa.

5. C.G. Jung, *The Development of Personality* (Bollingen Series 20), Londres, Inglaterra, Routledge and Kegan Paul, 1954, pp. 28, 238.
6. C.G. Jung, *The Collected Works*, volume 12, *Psychology and Alchemy* (Bollingen Series 20), Londres, Inglaterra, Pantheon, 1953, sobrecapa.
7. H.P. Blavatsky, “Philosopher's Stone”, em *The Theosophical Glossary*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1930 (edição facsimilar da edição original de Londres, Inglaterra, 1892), p. 253; H.P. Blavatsky, *Isis*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1968 (edição facsimilar do centenário, dois volumes num só livro, reprodução da edição original, publicada a primeira vez em Nova Iorque, EUA, 1877); *H.P. Blavatsky, Collected Writings*, 1877, *Isis Unveiled*, volumes 1 e 2, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1972.
8. C.G. Jung, *Alchemical Studies*, p. 339.
9. Blavatsky, *Lucifer*, dezembro de 1889, p. 272.
10. C.G. Jung, *Psychology and Alchemy*, p. 120, nota 41.
11. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 60, 647; Blavatsky, carta para Sydney Coryn, 2 de novembro de 1889, Arquivos da Sociedade Teosófica, Pasadena, Califórnia, EUA.
12. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 151, 177.
13. “Madame Blavatsky, A Theosophical Occult Apology”, *Frank Leslie's Popular Magazine*, fevereiro de 1892.
14. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 66.
15. Charles Blech, *Contribution à l'histoire de la Société Théosophique en France*, Paris, França, Éditions Adyar, 1933, p. 140.
16. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 5.
17. Zhelihovsky, *Moyo otrochestvo*, pp. 23, 117, 119, 120; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. XXIII.
18. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 23.
19. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 67.
20. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 1, pp. 268-69.
21. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, pp. 66, 67.
22. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 66.
23. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 150, 151.
24. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 57, 58; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol.

- 1, pp. 9-10.
25. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, pp. 56-58.
26. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, pp. 56-58.
27. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 8, p. 399.
28. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 150.
29. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, p. 57.
30. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 61.
31. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 2, p. 46. [Veja vol. III, pp. 462-63 da edição brasileira de A Doutrina Secreta.]
32. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 61, 62.
33. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 2, nota de rodapé da página 474.
34. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 62, 63.
35. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 1, pp. 546, 547, 595-99; Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 64.
36. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 65-66.
37. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 20.
38. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 66.
39. H.S. Olcott, "Traces of H.P. Blavatsky", *The Theosophist*, Índia, abril de 1893, pp. 4-9.
- 40.



Withheld SLEK 2523

Ref:

Your reference

Please quote in reply: R.612/52

COMMONWEALTH RELATIONS OFFICE

KING CHARLES STREET

LONDON S.W.1

20 February, 1952.

Dear Madam,

In reply to your letter of the 11th February, the following particulars relating to Major General Charles Murray (1826-1893) have been extracted from the military records of this Office:-

Charles Murray, born 17th March 1826, baptised 11th Febry. 1840 at St. Anne's, Westminster, was the son of James and Catherine Murray of Soho Square, Captn. in the East India Company's Service. (Cadet Papers, Vol: 95, No. 460).

Cadet: Bengal Infantry, 1841/42.
Ensign " " 1843.
Lieut. 70th Regt. Native Infantry 1851.

Commandant, Sundry Sappers and Miners, 1854-55.
Captain Staff Corps, 18 Feb. 1861.
Major " " 18 Feb. 1863.
Lieut Colonel " 28 Dec. 1868.
Brevet Colonel, Retired 31 Dec. 1874 in India.
Major General, 25 January 1875.
Died at Monghyr. 30th Aug. 1893.

Yours faithfully,

Superintendent of Records.

s M.L. Stanley,
61, Westbourne Park Road,
W.2.

Escritório de Relações da Comunidade [Britânica]

King Charles Street

London S.W.1.

20 de fevereiro de 1952.

Prezada Senhora,

Em resposta a sua carta de 11 de fevereiro, os seguintes dados particulares relativos ao general-de-divisão Charles Murray (1826-1893) foram extraídos dos arquivos militares deste escritório: Charles Murray, nascido em 17 de março de 1826, batizado em 11 de fevereiro de 1840 em St. Anne's Westminster, era filho de James e Catherine Murray, de Soho Square, capitão da Companhia da Índia Oriental. (Cadet Papers, vol. 95, nº 460).

Cadete: Infantaria de Bengala, 1841/42.

Insígnia da Infantaria de Bengala, 1842.

Tenente 70º Regimento da Infantaria Nativa, 1851.
Comandante, Sapadores e Mineiros de Sebundy, 1854-55.
Capitão do Estado-maior, 18 de fevereiro de 1861.
Major do Estado-maior, 18 de fevereiro de 1863.
Tenente-coronel do Estado-maior, 28 de dezembro de 1868.
Patente de Coronel, Reserva em 31 de dezembro de 1874, na Índia.
General-de-divisão, 25 de janeiro de 1875.
Morreu em Monghyr, 30 de agosto de 1893.
Respeitosamente,
M.L. Stanley, 61, Westbourne Park Road, W.2.

41. Meade, *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth*, p. 472.
42. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 357; vol. 2, pp. 71, 72. A.L. Rawson, “Two Madame Blavatskys — The Acquaintance of Madame H.P. Blavatsky with Eastern Countries”, *The Spiritualist*, 5 de abril de 1878, pp. 70-71. Isso foi escrito em 18 de março de 1878 por A.L. Rawson, 84 Bond St., Nova Iorque, EUA; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 357 e vol. 2, pp. 71, 72.
43. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 20.
44. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky” (A Verdade Sobre Helena Petrovna Blavatsky), *Rebus*, volume 2, número 40, 1883, p. 85’7.
45. Radda-Bai (Blavatsky), *H.P. Blavatsky Collected Writings: From the Caves and Jungles of Hindostan*, Wheaton, Illinois, EUA, The Thesosophical. Publishing House, 1975, pp. 272, 273.
46. Radda-Bai (Blavatsky), *H.P. Blavatsky Collected Writings: From the Caves and Jungles of Hindostan*, nota de rodapé da página 273.
47. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 66.
48. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 66, 67.
49. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, nota de rodapé das páginas XLI-XLII; Florence Young, carta de 14 de janeiro, Arquivos de Boris de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
50. John Unruh, Jr., *The Plains Across*, Chicago, Illinois, EUA, University of Chicago Press, 1978, p. 311.
51. Unruh, *The Plains Across*, p. 401.
52. Whitman, *Leaves of Grass*, Nova Iorque, EUA, Modern Library, pp. 90, 91.
53. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 67.
54. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 1, p. VI-VII.

55. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 151.
56. Radda-Bai (Blavatsky), *H.P. Blavatsky Collected Writings: From the Caves and Jungles of Hindostan*.
57. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 21.
58. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 153; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 13, p. 210.
59. Vengerov, Kritico-biograficheskily slovar Russkin Pisately i uch evik.
60. Olcott, "Traces of H.P. Blavatsky", pp. 4-9.
61. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 71; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 151.
62. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 2, pp. 626-628.
63. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 72; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 151.

Parte 3 – O Amadurecimento

1. Zhelihovsky, "Neobyasnimoye ili neobyasnenneye", *Rebus*, vol. 3, pp. 4, 41; Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 76-77, tradução em caráter privado de Cathy Young, Nova Jersey, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
2. "Letters from H.P.B.'s Husbands", *The Theosophist*, agosto de 1959, pp. 295-96; carta 1 do general Blavatsky para a senhora N.A. Fadeev.
3. Zhelihovsky, "Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky", *Rebus*, volume 2, número 40 (1883), p. 357.
4. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 173.
5. Blavatsky, Carta para Sidney e Herbert Coryn, 2 de novembro de 1889, arquivos da Sociedade Teosófica, Pasadena, Califórnia, EUA.
6. Blavatsky, carta para o editor de Light, Londres, Inglaterra, publicada em 27 de julho de 1889; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 2, p. 363 (A referência do encontro com K.H. foi omitida na reimpressão de *A Modern Panarion*).
7. Zelihovsky, "Helena Petrovna Blavatskaya: Biografichesky ocherk" (Helena Petrovna Blavatsky: Um Esboço Biográfico), *Russkoye obozreniye*, volume 6 (novembro de 1891), p. 250.

8. William Q. Judge, “The Esoteric She”, *New York Sun*, 26 de setembro de 1892.
9. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 78-79, 82-89; Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, volume 2, número 40, (1883), p.358.
10. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 94; Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, volume 2, número 41 (1883), p. 367.
11. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 94-95; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, p. 49’7.
12. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 85.
13. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, volume 2, número 40 (1883), p. 358; Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 81; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 154-55; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, pp. 476, 479.
14. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 87-91.
15. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, nota de rodapé da página 91.
16. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 91-96.
17. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 91-97; Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, volume 2, número 41, (1883), pp. 367-68.
18. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 92-97, 105, 107; Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, volume 2, número 41 (1883), pp. 367-70.
19. Blavatsky, carta para Franz Hartmann, *The Path*, março de 1896, p. 369.
20. Zhelihovsky, “Neobyasnoye ili neobyasnenneye”, *Rebus*, volume 4, número 5 (1885), pp. 51-52.
21. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 134-35; Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, volume 2, número 44 (1883), pp. 399-400; Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 1, p. 9.
22. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 135-38.
23. Zhelihovsky, “My Sister – H.P. Blavatsky”, *The London Forum*, Londres, Inglaterra, dezembro de 1934, p. 406-7.

24. Nikolayeff, *Reminiscences of Prince A.I. Baryatinsky*, trechos de *Istorichesky vestnik (Mensageiro Histórico)*, São Petersburgo, Rússia, dezembro de 1885, pp. 622-24; *Theosophia*, Los Angeles, Califórnia, EUA, maio-junho de 1947, pp. 15-16.
25. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 156.
26. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 146; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 156.
27. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, p. 484; Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, nota de rodapé da página 146.
28. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, volume 2, número 46 (1883), p. 418; Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 150.
29. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 152-53.
30. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 2, p. 116; Nadya, carta para H.P. Blavatsky, 23 de maio de 1877 (calendário russo antigo), arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Madras, Índia; entrevista com H.P.B. em *Morning News*, Paris, França, 21 de abril de 1884.
31. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. XLVII, 11-25.
32. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 144.
33. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 144.
34. H.P. Blavatsky, “Mr. Lillie’s Delusion”, *A Modern Panarion: A Collection of Fugitive Fragments*, Nova Iorque, EUA, The Path Office, 1895, p.257.
35. René Guenon, *Le Théosophisme: Histoire d’une pseudo-religion*, Paris, França, p. 43.
36. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 9, 264; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 151-52.
37. Blavatsky, carta para *The Spiritualist*, Londres, Inglaterra, 12 de agosto de 1881; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 3, p. 268.
38. O Budismo *Mahayana* teve sua origem na Índia antes que o Budismo fosse expulso pelos brâmanes e muçulmanos. H.P.B. escreveu (em *A Doutrina Secreta*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1974, vol. 1, pp. XX-XXI [cópia fac-similar da edição original, de 1888]; e *H.P. Blavatsky Collected Writings 1888: The Secret Doctrine*, Adyar, Madras (Chennai), The Theosophical Publishing House, 1978, vol. 1, pp. XX-XXI): “O tempo e a imaginação humana fizeram com que se

perdesse a pureza e a filosofia desses ensinamentos, uma vez que eles foram transplantados do círculo secreto e sagrado dos *Arhats*, durante o seu trabalho de proselitismo, para solos menos adequados a concepções metafísicas do que a Índia; isto é, quando foram transferidos para China, Japão, Sião e Burna. O modo como a pureza prístina dessas grandes revelações foi tratada pode ser visto ao observar-se algumas das escolas budistas chamadas ‘esotéricas’ de antigamente em sua roupagem moderna, não só na China e outros países budistas em geral, mas também em várias escolas do Tibete, deixadas aos cuidados de lamas não-iniciados e inovadores mongólicos.”

39. Joseph Head e Sylvia Cranston, *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1994, pp. 60-67, 74-76, 83-84, 89-91, 92-93, 100.

40. Em resposta a uma pergunta, H.P.B. escreveu em *The Theosophist* de janeiro de 1886: “[Eu não] acredito em um espírito individual, segregado em mim como algo separado do todo... Como ocultista, com base na Doutrina Secreta, sustento a idéia de que, embora imerso inteiramente em *Parabrahm*, o espírito do homem, mesmo não sendo individual *per se*, preserva a sua nítida individualidade em *Paranirvana*, devido à acumulação, nele, dos agregados, ou *skandhas*, que sobreviveram depois de cada morte, das funções mais altas de *Manas* (ou Mente). As aspirações mais espirituais, isto é, as aspirações mais elevadas divinas de cada personalidade... tornam-se parte integrante da mônada [e são] preservadas até o final do grande ciclo (*Maha-Manvantara*) quando todos os Egos entram em *Paranirvana*, ou imergem em *Parabrahm*. À luz da nossa compreensão limitada, o espírito humano perde-se então no Espírito Uno, assim como uma gota de água atirada no mar não pode mais ser localizada e recuperada. Mas, na verdade, isto não é assim no mundo do pensamento imaterial... O fato de que estes ‘espíritos’ ou unidades Parabrâmicas e Paranirvânicas têm e devem preservar as suas individualidades divinas (não humanas) é demonstrado pelo fato de que, embora a ‘noite de Brahma’ ou mesmo o *Pralaya* Universal sejam muito longos... no entanto, quando terminam, a mesma Mônada Divina individual retoma o seu esplêndido caminho de evolução... e traz consigo toda a essência das espiritualidades complexas de incontáveis encarnações prévias.” (Veja

- também o livreto editado pela Theosophy Company, *Kabbalah and Kabalism*, pp. 33-34).
41. Lobsang P. Lhalungpa, *Tibet the Sacred Realm: Photographs 1880-1950*, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, Philadelphia Museum of Art/Aperture, 1983, 37.
 42. Heinrich Harrer, *Seven Years in Tibet*, Nova Iorque, EUA, E.P. Dutton, 1954, p. 221.
 43. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 4.
 44. “Echoes from the Past”, *The Theosophist*, outubro de 1907, p. 77.
 45. “Echoes from the Past”, *The Theosophist*, outubro de 1907, p. 77.
 46. Lobsang P. Lhalungpa, *Tibet the Secret Realm*, p. 80.
 47. G.P. Malasekera, “Blavatsky”, em *Encyclopedia of Buddhism*, volume 3.
 48. D.T. Suzuki, *The Field of Zen*, editado por Christmas Humphreys, Londres, Inglaterra, Sociedade Budista, 1969, p. XIII.
 49. Rick Fields, *How the Swans Came to the Lake*, Boston, Massachusetts, EUA, Shambhala, 1981, p. 296.
 50. *Buddhist News*, agosto de 1965, p. 90.
 51. Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
 52. H.P. Blavatsky, *The Voice of the Silence*, Santa Bárbara, Califórnia, EUA, Concord Grove Press, 1989 (Edição de Centenário).
 53. Blavatsky, *The Voice of the Silence*, Pequim, China, Sociedade Chinesa de Pesquisa Budista, 1927.
 54. Blavatsky, *The Voice of the Silence*, prefácio.
 55. Margaret Cousins, “A Pilgrimage in the Himalayas”, *World Theosophy*, Los Angeles, Califórnia, EUA, volume 1, número 2 (fevereiro de 1930), pp. 156-59.
 56. Margaret Cousins, “In the Himalayas”, *World Theosophy*, Los Angeles, Califórnia, EUA, agosto de 1931, p. 591.
 57. Blavatsky, “Letters of H.P.B. to dr. Hartmann”, *The Path*, volume 10 (janeiro de 1896), pp. 297, 300; (fevereiro de 1896), pp. 332-35; (março de 1896), pp. 366-73.
 58. Blavatsky, “Letters of H.P.B. to dr. Hartmann”, *The Path*, volume 10, (janeiro de 1896), pp. 297, 300; (fevereiro de 1896), pp. 332-35; (março de 1896), pp. 366-73.

59. Blavatsky, “Letters of H.P.B. to dr. Hartmann”, *The Path*, volume 10 (janeiro de 1896), pp. 297-99.
60. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, pp. 422-25.
61. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, 1883, p. 56.
62. Sven Hedin, *A Conquest of Tibet*, Nova Iorque, EUA, E.P. Dutton, 1934, p. 380; Sven Hedin, *Trans-Himalaya: Discoveries and Adventures in Tibet*, The Macmillan Company, Londres e Nova Iorque, 1909.
63. Barbara M. Foster e Michael Foster, *Forbidden Journey: the Life of Alexandra David-Neel*, São Francisco, Califórnia, EUA, Harper&Row, 1989, p. 57.
64. Alexandra David-Neel, *My Journey to Lhasa*, Boston, Massachusetts, EUA, Beacon Press, 1986, p. XI.
65. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, 1883, pp. 66-67.
66. Mahatmas M. & K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, apêndice, p. 464.
67. Blavatsky, “Mr. A. Lillie’s Delusions”, *Light Magazine*, Londres, Inglaterra, 3 de agosto de 1884.
68. *The Theosophical Forum*, Point Loma, Califórnia, EUA, maio de 1936, pp. 343-46.
69. Sven Eek, editor, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1978, pp. 60-62.
70. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 3, pp. 54-55, 57.
71. Blavatsky, *The Theosophical Glossary*, p. 295.
72. Blavatsky, *The Voice of the Silence*, prefácio, p. I-II.
73. Mahatma M. and K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, transcritas e compiladas por A.T. Barker, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1962, apêndice, pp. 471-72. Veja a edição brasileira da Sociedade Teosófica, intitulada *Cartas do Mahatmas para A. P. Sinnett*, volumes I e II.
74. *The Eclectic Theosophist*, San Diego, Califórnia, EUA, janeiro-fevereiro de 1990, p. 3.
75. C. Jinarajadasa, editor, *Letters from the Masters of the Wisdom*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1973, vol. 1, pp. 84-

- 85, 132-34. Veja a edição brasileira da Editora Teosófica, intitulada *Cartas dos Mestres de Sabedoria*.
76. Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 1, pp. 84-85, 132-34.
77. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 6, pp. 274-76.
78. *1885 Report of the General Council of the Theosophical Society*, Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia.
79. *Primeiro Relatório do Comitê da Sociedade Para Pesquisa Psíquica, Nomeado para Investigar Fenômenos Maravilhosos Promovidos por Certos Membros da Sociedade Teosófica*, Londres, Inglaterra, sem data, mas muito provavelmente 1884-85, p. 115.
80. Blavatsky, carta para a sua família, *The Path*, janeiro de 1895, p. 288.
81. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 153; Neff, *Personal Memoirs of H.P. Blavatsky*, p. 301.
82. Rawson, “Two Madame Blavatskys”, *The Spiritualist*, 5 de abril de 1878.
83. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 153, 215; *The Theosophia*, Los Angeles, Califórnia, EUA, primavera de 1955, p.13; Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 157.
84. Neff, *Personal Memoirs of H.P. Blavatsky*, p. 165.
85. Boris de Zirkoff, *Theosophia*, volume XI, número 4, primavera de 1955, p. 13.
86. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 158-59.
87. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. XLVI.
88. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, p. 488.
89. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 1, p. 192-93.
90. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 27-28.
91. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 120; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 153-54.
92. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, p. 488.
93. Wachtmeister, *Reminiscences*, pp. 146-47; Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 1, pp. 28-29.
94. Meade, *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth*, p. 98.

Parte 4 – América do Norte – Terra Pioneira

1. Os primeiros documentos de naturalização de H.P.B. datam de 22 de setembro de 1873; seus documentos de cidadã são assinados “Helen P. Blavatsky” (fotocópia, Arquivos Nacionais, Seção Nova Iorque, EUA).
2. Blavatsky, *Caves and Jungles of Hindostan*, p. 6.
3. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 21-22.
4. *World Theosophist*, Los Angeles, Califórnia, EUA, 31 de dezembro de 1973.
5. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 20.
6. Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, editadas por Eugene Rollin Corson, Londres, Rider & Company, 1929, pp. 127-28, 134.
7. Arthur Conan Doyle, *History of Spiritualism*, vol. 1, pp. 77, 80.
8. R. Laurence Moore, *In Search of White Crows*, Nova Iorque, EUA, Oxford University Press, 1977, pp. 3-4.
9. Doyle, *History of Spiritualism*, vol. 1, pp. 191.
10. Zhelihovsky, “Neobyasnimoye ili neobyasnenneye”, *Rebus*, 1885, pp. 7, 13.
11. Carl Sandburg, *Abraham Lincoln – The War Years*, Nova Iorque, EUA, Harcourt Brace, vol. 3, pp. 343-45.
12. Nettie Colburn Maynard, *Was Abraham Lincoln a Spiritualist?*, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, Hartranft, 1891, pp. 70-74, 82-93, 129-32, 135, 153, 163-70, 181. Os pontos altos do livro de Nethie são as observações valiosas sobre o caráter de Lincoln, obtidas pela médium durante esses contatos.
13. Maynard, *Was Abraham Lincoln a Spiritualist?*, pp. 91-92.
14. Helene Pissarev, “World Mission of H.P. Blavatsky”, *The Theosophist*, maio de 1966, p. 189.
15. “Sir William Crookes”, *Encyclopedia Britannica*, 1959.
16. Sir William Crookes, *Researches in Spiritualism*, Los Angeles, Califórnia, EUA, Austin Publishing Company, 1922, pp. 84-98.
17. Bertram Keightley, *Reminiscences of H.P.B.*, pp. 20-21; C. Jinarajadasa, editor, *The Golden Book of the Theosophical Society*, Adyar, Índia, The Theosophical Publishing House, 1925, p. 68. Olcott, calendário de 1884, 28 de abril, 18 de maio, 27 de maio, 15 de junho, 24 de junho, 1º de julho.
18. Blavatsky, carta para Franz Hartmann, *The Path*, Nova Iorque, EUA, volume 10 (março de 1896), pp. 368-73.

19. Blavatsky, carta para Franz Hartmann, *The Path*, Nova Iorque, EUA, volume 10 (março de 1896), pp. 368-73.
20. Howard Murphet, *Hammer on the Mountain*, vol. 1, p. 20; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. III-VIII.
21. Murphet, *Hammer on the Mountain*, p. 5.
22. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 3.
23. Henry S. Olcott, *People from the Other World*, Hartford, Connecticut, American Publishing Company, 1875, pp. 410-11; edição nova, Rutland, Vermont, EUA, Charles E. Tuttle Company, 1972.
24. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 3-6.
25. Olcott, *People from the Other World*, p. 453.
26. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 32-33; Olcott, *People from the Other World*, pp. 298-307, 310-13, 317-23, 328-35, 355-61, 413 (veja também a descrição da aparição por Blavatsky).
27. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 7-9.
28. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 53.
29. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 9-10.
30. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 132; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, p. 482.
31. *Light*, 11 de outubro de 1884, pp. 418-19; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 6, p. 291.
32. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 177-79; H.P. Blavatsky, *The Key to Theosophy (A Chave Para a Teosofia)*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1987 (fac-símile da edição original, Londres, Inglaterra, 1889); Zhelihovsky, “Helena Petrovna Blavatskaya”, *Russkoye obozreniye*, volume 6 (novembro de 1891), pp. 253-54.
33. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 2, pp. 78-80; vol. 6, p. 108; Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, pp. 304-05; William Q. Judge, *The Ocean of Theosophy (O Oceano da Teosofia)*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1971, pp. 38, 146. Veja também a edição brasileira da Editora Teosófica, intitulada *O Oceano da Teosofia*.
34. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, Editora Teosófica, Brasília, Brasil, 1991. p. 38.
35. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, pp. 134-36.

36. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, pp. 136-37.
37. Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, pp. 70-73; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 47, 74.
38. Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, pp. 70-71. A entrevista de H.P.B. feita pelo *Graphic* contém declarações de natureza tão fantástica, supostamente feitas por ela, que Zirkoff, o editor de *H.P. Blavatsky Collected Writings*, decidiu não incluí-la na série. Posteriormente se viu que ele, instintivamente, tomou a decisão correta. H.P.B. incluiu essa entrevista em um presente de vários volumes de *The Spiritual Scientist* para Emily Kislingbury, primeira secretária da Associação Nacional Britânica de Espíritas. Esses volumes podem ser encontrados na biblioteca de Emily. A entrevista mencionada possui numerosas anotações feitas a mão por H.P.B., que assinalou as mentiras inventadas pelo entrevistador.
39. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 32-33.
40. Michael Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House (A Quest Books), 1987, p. 235.
41. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 45-61; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 56-72, 75-83.
42. Olcott, *People from the Other World*, pp. 425-78.
43. Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, pp. 13-14; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 73; reprodução da declaração de H.P.B., p. 86.
44. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. LVII.
45. Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, pp. 10-12, 17, 321-22; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 6, pp. 271, 280; Olcott, *People from the Other World*, pp. 453-55, 472.
46. Blavatsky, *H.P.B. Speaks*, vol. 1, p. 41.
47. Olcott, *People from the Other World*, pp. 305-7.
48. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 55-58.
49. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 58.
50. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 76.
51. Jinarajadasa, editor, *Letters from the Masters of the Wisdom*, segunda série, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1977,

- pp. 27-29, pp. 31-34. Veja também a edição brasileira da Editora Teosófica, intitulada *Cartas dos Mestres de Sabedoria*.
52. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 101.
 53. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 83-84.
 54. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 2.
 55. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 83-84.
 56. Charles R. Flint, *Memories of an Active Life*, Nova Iorque, EUA, G.P. Putnam's Sons, 1923, pp. 115-32.
 57. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 99-100.
 58. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 86-87; Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, pp. 72-73; Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, pp. 157-58.
 59. Blavatsky, "A Few Questions to 'Hiraf'", *The Spiritual Scientist*, Boston, Massachusetts, EUA, 15 e 22 de julho de 1875, pp. 217-18, 224, 236-37; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 101.
 60. *The Theosophical Movement 1875-1950*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Cunningham Press, 1951, p. 36-37; Judge, *The Ocean of Theosophy (O Oceano da Teosofia)*, p. 148.
 61. *The Word*, Nova Iorque, EUA, dezembro de 1915, pp. 141-42.
 62. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 89-90, 297-98; vol. 3, pp. 363-64.
 63. Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, p. 192.
 64. John Eglinton, *A Memoir of Æ*, Londres, Inglaterra, Macmillan, 1937, p. 1.
 65. James Joyce, *Ulysses*, Nova Iorque, EUA, Modern Library, 1961, p. 185.
 66. Eglinton, *Memoir of Æ*, p. 13.
 67. W.Q. Judge, *Letters That Have Helped Me*, Los Angeles, Califórnia, EUA, Theosophy Company, 1946, pp. 262-64; Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, pp. 5-6.
 68. Judge, *Letters That Have Helped Me*, pp. 262-64.
 69. Judge, "Yours Till Death and After, H.P.B.", *Lucifer*, junho de 1891, pp. 290- 92.
 70. Laura C. Holloway, "William Quan Judge, A Reminiscence", *The Word*, Nova Iorque, EUA, volume 22, número 2 (novembro de 1915), p. 77.

71. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 95; Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p.79.
72. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 463.
73. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 118-19; Michael Gomes, “Studies in American Theosophical History”, *The Canadian Theosophist*, setembro/outubro de 1989, pp. 76-78; julho/agosto de 1990, pp. 63-64.
74. “Plain Theosophical Traces”, *The Path*, agosto de 1892.
75. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia* [Editora Teosófica], p. 15; Jean-Louis Siémons, “Theosophia in Neo-Platonic and Christian Literature”, Londres, Theosophical History Centre, 1988. O dr. Siémons é professor de física no Instituto Nacional de Agronomia na área de biologia molecular, Paris, França.
76. Professor Hannon, “Theosophy as a Koan”, *American Theosophist*, outubro de 1987.
77. William Quan Judge, *Echoes of the Orient: The Writings of William Quan Judge*, compilado por Dara Eklund, San Diego, Califórnia, EUA, Point Loma Publications, 1980, vol. 2, p. 362.
78. Blavatsky, *H.P. Blavatsky to the American Conventions 1888-1891*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1979, pp. 5-6.
79. “Going To and Fro in the Earth”, *Lucifer*, volume 5, número 27 (1889), pp. 251-54.
80. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, p. 31.
81. Blavatsky, *H.P. Blavatsky to the American Conventions 1888-1891*, p. 9.
82. Blavatsky, *The Key to Theosophy*, apêndice, pp. 309-10; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 150; Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 1, p. 18.
83. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 150.
84. Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 1, p. 18.
85. Nadya Fadeyev, carta para H.P.B., Odessa, Ucrânia, 28 de agosto e 10 de setembro de 1876, tradução em caráter particular por Mary G. Langford, São Gabriel, Califórnia, EUA, nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
86. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky I”, *The Path*, dezembro de 1894, pp. 268-70. Esta carta tem sido erradamente atribuída à época do

- ferimento na perna; a correspondência com parentes só foi retomada em 1876.
87. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky II”, *The Path*, janeiro de 1895, pp. 97-98.
88. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky I”, *The Path*, dezembro de 1894, p.266.
89. Zhelihovsky, “Yelena Petrovna Blavatskaya: Biografichesky ocherk”, *Russkoye obozreniye*, volume 6 (novembro de 1891), p. 256.
90. Annie Besant, *H.P. Blavatsky and the Masters of Wisdom*, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing House Ltd., reimpressão de 1962, p. 7.
91. Besant, *H.P. Blavatsky and The Masters of Wisdom*, p.7.
92. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, pp. 254, 256.
93. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 202.
94. Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, p. 151.
95. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 110-115.
96. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 111.
97. Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, p. 118.
98. Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, pp. 27- 28.
99. “Isis Unveiled”, *The Path*, Hale, Inglaterra, julho de 1910.
100. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 220, nota 14; gravação da entrevista com a srta. Pauline Corson Coad, em 23 de junho de 1958, transcrita pelo Departamento de Manuscritos, Cornell University Library, Ithaca, Nova Iorque, EUA.
101. “Isis Unveiled”, *The Path*, Hale, Inglaterra, julho de 1910.
102. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 207-8.
103. Meade, *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth*, p. 154; Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, pp. 120, 170.
104. “Isis Unveiled”, *The Path*, Hale, Inglaterra, julho de 1910.
105. Nadya Fadeyev, carta 8, página 2; carta 10, página 3, Microfilmes dos Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia.
106. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 1, pp. VII-VIII.

107. Blavatsky, *The Key to Theosophy*, p. 307.
108. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 531-33; Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 119.
109. *The Word*, Nova Iorque, EUA, julho de 1908.
110. Blavatsky, “My Books”, *Lucifer*, 1891, pp. 241-47.
111. Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, pp. 147-84; Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 99-109; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 14, p. 560.
112. *The Word*, Nova Iorque, EUA, junho de 1908, pp. 153-55.
113. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 302.
114. G. Hope, “The Kitchen – Waking Life Confirmation of Astral Work”, *The Theosophist*, janeiro de 1931, p. 261.
115. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 302.
116. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 225, nota 74; Blavatsky, carta para Wallace, 7 de novembro de 1877, Wallace Papers, Museu Britânico, Londres, Inglaterra; reedição fac-similar em *The Eclectic Theosophist*, janeiro-fevereiro de 1983, p. 78.
117. *The Theosophist*, abril de 1906, p. 559.
118. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, nota de rodapé nas páginas 294-95; Blavatsky, “My Books”, *Lucifer*, 1891, pp. 241-47.
119. Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 1, p. 2.
120. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 323, 388.
121. Blavatsky, *Isis Unveiled*, na edição de *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, [3] e nota de pé de página.
122. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 413.
123. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 252-54; Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 143.
124. *The Path*, fevereiro de 1895, p. 383.
125. *Light*, 10 de outubro de 1891, p. 49; *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 156-57; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 308.
126. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 2, p. 587-90. [Veja vol. IV, pp. 207-209 de *Isis Sem Véu*, Editora Pensamento, São Paulo, Brasil.]

127. Quando H.P.B. usa a palavra “reencarnação” em *Ísis Sem Véu*, “como algo distinto de metempsicose”^{*1} (vol. 1, p. 351 da edição em inglês), ela fala negativamente da ideia, porque com esta palavra os espíritas franceses supunham renascimento imediatamente após a morte, sem tempo para descanso entre as encarnações; eles também afirmavam que a personalidade renasce. A Teosofia ensina que a personalidade (de persona, máscara) — chamada “Mônada Astral” em *Ísis Sem Véu* — morre com o corpo, ou logo depois, e somente a individualidade (mente abstrata, alma e espírito) é imortal e renasce. Inconscientes dessa sutil, mas importante diferença, muitas pessoas têm declarado que, quando o livro *Ísis Sem Véu* foi escrito, H.P.B. não acreditava em reencarnação. Mesmo Olcott estava confuso (*Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 278-83, 289). Mais tarde, H.P.B. esclareceu as afirmações feitas em *Ísis* em *The Theosophist*, agosto de 1882, pp. 185-89; em *The Path*, novembro de 1886, pp. 232-45; em *Lucifer*, fevereiro de 1889, pp. 527-28; e em *The Key to Theosophy*, pp. 191-92.

A respeito da passagem de *Ísis Sem Véu* (vol. 1, p. 346 da edição em inglês) onde H.P.B. parece negar a ideia de reencarnação nesta terra, há um comentário interessante numa carta do Mestre K.H. para Sinnett: “A propósito, eu reescreverei para você as páginas 345-57, volume 1, de *Ísis* — muito confusas depois de remexidas por Olcott, que pensou que as estava melhorando!” (*Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, nota de rodapé do próprio Mestre à Carta número 13, p. 76 da edição da T.P.H. de Adyar, 1972).

W. Q. Judge escreve que, nos primeiros dias em Nova Iorque, “H.P.B. falou-me pessoalmente, muitas vezes, sobre a verdadeira doutrina da reencarnação, exemplificada pela morte da minha própria filha, por isso sei o que ela pensava e acreditava” (Judge, *Letters That Have Helped Me*, p. 19). Veja também *Theosophical Forum*, outubro de 1893, pp. 1-3; *Conversations on Occultism II*, Judge Pamphlet Series 10, The Theosophy Company; *Echoes of the Orient*, vol. 2, pp. 317-19. Isto parece confirmado nas afirmações de H.P.B. em *Ísis Sem Véu* sobre metempsicose, um termo usado por séculos na Europa como sinônimo do que agora é usualmente chamado de reencarnação.

O renascimento não mereceu destaque em Teosofia até os anos 1880, quando foi ensinada a constituição setenária do homem e delineada claramente qual parte do ser humano renascia e qual não (*Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, p. 285).

Quando o livro *Ísis Sem Véu* foi escrito, e até muito tempo depois, espíritas americanos e britânicos opuseram-se radicalmente à ideia do renascimento, porque esta ideia teria destruído complexas estruturas construídas por Andrew Jackson Davis e outros com relação à abençoada terra-de-verão*² depois da morte.

128. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 1, pp. 8-9, 12. [Veja vol. 1, pp. 107, 109 de *Ísis Sem Véu*.]

129. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 1, pp. 345-46. [Veja vol. 2, pp. 54-55 de *Ísis Sem Véu*.]

130. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, nota de rodapé da página 295.

131. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. 2, p. 193.

132. Blavatsky, “My Books”, p. 131.

133. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 330-31, 417.

134. *New York World*, 26 de março de 1877; Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 119-20.

135. Olcott, *Old Piary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 331.

136. *Philadelphia Times*, 22 de abril de 1888, reimpresso em Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 177-78.

137. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 206.

138. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 156.

139. “Habitations of H.P.B. III”, *The Path*, novembro de 1893, pp. 237-38.

140. “Habitations of H.P.B. III”, *The Path*, novembro de 1893, pp. 238-39.

141. Isabella B. Mitchell, carta de 1878, em “Cuttings and Comments”, *The Theosophist*, janeiro de 1901, pp. 253-54; Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 177.

142. *The Word*, Nova Iorque, EUA, janeiro de 1905.

143. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 150.

144. Vsevolod Sergeyevich Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, traduzido por Walter Leaf, Londres, Inglaterra, Longmans, Green and

- Company, 1895, pp. 268-70.
145. Theodore Besterman, *Mrs. Annie Besant: A Modern Prophet*, Londres, Inglaterra, Kegan Paul, Trench, Trubner&Company, Ltd., 1934, pp. 148-51.
146. Henry Steel Olcott, "H.P.B.'s Departure", *H.P.B.: In Memory of Helena Petrovna Blavatsky 1831-1931*, Londres, Inglaterra, The Blavatsky Association, 1931, p. 167.
147. Besant, *H.P. Blavatsky and the Masters of the Wisdom*, Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing House, reimpressão de 1962, p. 7.
148. "Special Gotham Book Mart Issue", *Journal of Modern Literature*, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, Temple University, volume 4, número 4 (abril de 1975), pp. 777-78.
149. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 37-38.
150. Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, pp. 46-47.
151. J. L. Davidge, reimpressão no *Theosophy*, Austrália, dezembro de 1959.
152. Judge, *The Ocean of Theosophy*, p. 37.
153. Judge, *Occult Phenomena*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company (William Q. Judge Pamphlet Series, número 19), pp. 16-17.
154. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 429-31.
155. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 458-59.
156. Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, p. 33.
157. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 376-81.
158. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 473.
159. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 182-83.
H.P.B. tornou-se cidadã dos Estados Unidos em 9 de julho de 1878.
160. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 2, pp. 40-41.
161. "H.P.B. - A Lion-Hearted Colleague Passes", *The Path*, junho de 1891.
162. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 395-98.
163. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 466-68.
164. *The Theosophist*, agosto de 1951, p. 657.
165. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, pp. 193, 234, nota 63.

166. 3 de julho de 1878, tradução de Boris de Zirkoff, Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA. Outra tradução em *H.P.B. Speaks*, pp. 188-89, 202-3.
167. A. Keightley, “The Secret Doctrine and Mr. T. Edison”, *Theosophical Quarterly*, Nova Iorque, EUA, outubro de 1921.
168. Head and Cranston, *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery*, pp. 356, 419.
169. *The Path*, março de 1895, pp. 411-12; Josephine Ransom, *A Short History of the Theosophical Society, 1875-1937*, Adyar, Madras, Índia, Theosophical Publishing House, 1938, p. 314.
170. Ransom, *A Short History of the Theosophical Society, 1875-1937*, p. 106.
171. *The Path*, maio de 1885, pp. 56-57.
172. Olcott, “Historical Retrospect”, p. 6; Ransom, *A Short History of the Theosophical Society, 1875-1937*, p. 106.
173. Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, pp. 63-64, 76-77.
174. Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, nota de rodapé da página 6.
175. *Daily Graphic*, Nova Iorque, EUA, 10 de dezembro de 1878; Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 190.
176. Olcott, *Old Diary Leaves*, primeira edição, vol. 1, p. 480; Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, pp. 431-32.

Parte 5 – Missão na Índia

1. Edward Conze, *Buddhism: Its Essence and Development*, Nova Iorque, EUA, Philosophical Library, 1951 (Nova Iorque, Harper Torchbook). A fundação da Sociedade Teosófica em 1875 é mencionada no apêndice da lista de eventos significativos da história do Budismo.
2. Edward Conze, *Buddhism: Its Essence and Development*, pp. 210-11.
3. Carl. T. Jackson, *The Oriental Religions and American Thought: Nineteenth Century Explorations*, Connecticut, EUA, Greenwood Press, 1934, p. 163.

4. John B. S. Coats, *The Theosophist*, junho de 1975; Head and Cranston, *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery*, pp. 477-79; “Death of dr. S. Radhakrishnan”, *The Eclectic Theosophist*, 15 novembro de 1975.
5. *The Middle Way*, maio de 1973, p. 44.
6. Blavatsky, “Our Three Objects”, *Lucifer*, setembro de 1889, pp. 1-7.
7. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 4, pp. 81-95.
8. *The Theosophist*, Madras, Índia, agosto de 1885, p. 279; condensado do *Indian Mirror*.
9. Louis Fischer, *The Life of Mahatma Gandhi*, Nova Iorque, EUA, Harper & Row, 1950, p. 437.
10. *The Theosophical Movement 1875-1950*, p.71.
11. Fischer, *The Life of Mahatma Gandhi*, p. 437.
12. Blavatsky, “Our Three Objects”, *Lucifer*, setembro de 1889.
13. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 206.
14. James D. Hunt, *Gandhi in London*, Nova Déli, Índia, Promilla & Company Publishers, 1978, p. 34; *The Collected Works of Mahatma Gandhi*, volume 1: 1884-1896, Nova Déli, Índia, Divisão de Publicações, Ministério da Informação e Radiodifusão, Governo da Índia, 1958, p. 354.
15. Hunt, *Gandhi in London*, p. 31.
16. M. K. Gandhi, *Autobiography*, traduzido por Mahadev Desai, Washington D. C., EUA, Public Press, 1948, p. 90.
17. *Young India*, 12 de novembro de 1925. Gandhi acrescentou sobre este incidente: “Meu contato com dois amigos ingleses fez-me ler o *Gītā*, eu disse ‘faz-me ler’ porque não foi por minha própria vontade que o fiz... Eu estava envergonhado da minha ignorância. Perceber minha total ignorância sobre as escrituras machucou-me. Penso que a base desse sentimento era o orgulho.” O *Gītā* passou a ser o livro mais importante da vida dele.
18. M. K. Gandhi, *The Teaching of the Gītā*, Bombaim, Índia, Anand T. Hin-gorani, 1971, prefácio.
19. Gandhi, *The Teachings of the Gītā*, pp. 7, 9.
20. Cranston and Williams, *Reincarnation: A New Horizon in Science, Religion and Society*, pp. 228, 229; M. K. Gandhi, *Gandhi ‘s Autobiography: The Story of My Experiments with Truth*, pp. 60, 90-91, 321.

21. Gandhi, *The Collected Works of Mahatma Gandhi*, volume 1: 1884-1896, p. 355; Pyarelal Nair, *Mahatma Gandhi*, volume 1: *The Early Years*, Ahmedabad, Índia, Navajian Publishing House, 1965, p. 259.
22. Gandhi, *Autobiography*, p. 321.
23. *The Canadian Theosophist*, novembro-dezembro de 1983, p. 101.
24. Jawaharlal Nehru, *Toward Freedom: The Autobiography of Jawaharlal Nehru*, The John Day Company, 1941, p. 28.
25. Indira Gandhi, *The Theosophist*, abril e maio de 1983, p. 279; Besant Lecture Adyar, Madras, Índia.
26. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, p. 143.
27. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 4, pp. 132-36.
28. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 21, 24-25; Robert S. Ellwood, Jr., *Alternative Altars: Unconventional and Eastern Spirituality in America*, Chicago, Illinois, EUA, University of Chicago Press, 1979, p. 130; Henry David Thoreau, *Walden*, Nova Iorque, EUA, New American Library, 1942, pp. 198-99.
29. "Letters from W. Q. Judge", *The Word*, Nova Iorque, EUA, abril de 1912, p. 23.
30. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 42-44.
31. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 46-71.
32. *The Word*, Nova Iorque, EUA, julho de 1908.
33. Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 2, pp. 68-69.
34. *The Theosophist*, abril de 1881, pp. 158-59.
35. V. Zelihovsky, "Helena Petrovna Blavatsky", *Lucifer*, fevereiro de 1895, p. 470.
36. Blavatsky, carta da sra. Burr, 18 de junho de 1879, Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
37. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 230-31.
38. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 4, p. 97.
39. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, pp. 135-40; *The Theosophist*, outubro de 1879.
40. Blavatsky, carta para o general-de-divisão Doubleclay, 16 de julho de 1879, *The Theosophist*, outubro de 1879; Arquivos da Sociedade Teosófica, Pasadena, Califórnia, EUA.
41. Beatrice Hastings, editora, *New Universe*, "Try", volume 1, número 2 (dezembro de 1937), p. 18.

42. *The Theosophist*, volume 1 (1879-80), reimpresso por Wizards Bookshelf, P.O. Box 6600, San Diego, Califórnia, EUA; *The Theosophist*, volume 2 (1880-81), reimpresso por Eastern School Press, Talent, Oregon, 1983; Sociedade Teosófica de Edmonton, edição fotocopiada dos vols. 1-6 de *The Theosophist*; Eastern School Press (3185 Boyd Road, Texas Creek, Colorado 81223), coleção fotocopiada dos vols. 3-8 de *The Theosophist*.
43. Michael Gomes, “Damodar — A Hindu Chela”, *The Theosophist*, setembro de 1985, p. 445.
44. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 212-13.
45. “The Path in Índia”, *The Theosophist*, maio de 1880, pp. 196-97.
46. Judge, *The Ocean of Theosophy*, p. 7.
47. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, p. 28.
48. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, p. 114.
49. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, p. 129.
50. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 131-33.
51. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 131-33.
52. Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, p. 38.
53. Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, p. 40.
54. D. Mavalankar, “Can Females Become Adepts?”, *The Theosophist*, outubro de 1883, p. 23.
55. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 34, 36, 46, 56, 67, 83.
56. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 74-75, 138.
57. Sangharakshita, *Anagarika Dharmapala, a Biographical Sketch* (livreto), Kandy, Ceilão, Sociedade de Publicações Budistas, 1964, pp. 18-20. Sangharakshita, nascido como Dennis Lingwood, foi ordenado como *bhikshu* budista.
58. Blavatsky, H.P. *Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 402; *La revue spirite*, outubro de 1878.
59. *Proceedings of the Blavatsky Association*, Londres, Inglaterra, volume 1, pp. 54-55.
60. Edward Buck, *Simla, Past and Present*, segunda edição, Bombaim, Índia, Times Press, 1925, pp. 162-63.
61. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 353.

62. Hume, “*The Saturday Review on The Theosophist*”, *The Theosophist*, dezembro de 1881, pp. 2-4.
63. K. F. Vania, *Madame H.P. Blavatsky: Her Occult Phenomena and the Society for Psychical Research*, Bombaim, Índia, Sat Publishing Company, 1951, p. 65-66.
64. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, p. 234.
65. A. P. Sinnett, *The Occult World*, Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing House London Ltd., nona edição, 1969, pp. 60-61.
66. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 365-67.
67. Olcott, *Old Diary Leaves* terceira edição revisada, vol. 2, pp. 228-31; *The Theosophist*, junho de 1929, pp. 214-15.
68. Sinnett, *The Occult World*, p. 70.
69. Sinnett, *The Occult World*, pp. 82-83.
70. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, pp. 1-4.
71. Sinnett, *The Occult World*, p. 119.
72. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 2, p. 511.
73. Blavatsky, *The Key to Theosophy*, p. 274.
74. Blavatsky, *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, pp. 149- 50.
75. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, p. 48.
76. Janet Oppenheimer, *The Other World: Spiritualism and Psychical Research in England 1850-1914*, Cambridge, Inglaterra, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1985, p. 173.
77. *The Theosophical Forum*, maio de 1936, pp. 343-46.
78. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, p. 258, 624
79. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 18.
80. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, pp. 6-10.
81. “The Great Master’s Letter”, *Lucifer*, agosto de 1896; *Theosophy* 10, pp. 69-72.
82. Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 1, pp. 7-9.
83. Blavatsky, *Five Messages to American Theosophists*, p. 29; *H.P. Blavatsky to American Conventions 1888-1891*, p. 34.
84. Blavatsky, “Practical Occultism” (Ocultismo Prático, Editora Teosófica), *Spiritual Evolution* (H.P. Blavatsky Pamphlet Series), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, p. 8.

85. Blavatsky, “Is The Desire to ‘Live’ Selfish?”, *Spiritual Evolution* (H.P. Blavatsky Pamphlet Series), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, p. 31.
86. Blavatsky, “Buddha” e “Buddha Siddharta”, *The Theosophical Glossary*, Los Angeles, EUA, The Theosophy Company, 1973, pp. 64-67; Sangharakshita, *A Survey of Buddhism*, Bangalore, Índia, The Indian Institute of World Culture, terceira edição, 1966, p. 170.
87. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 1, p. 299.
88. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 266-86.
89. A. P. Sinnett, *The Early Days of Theosophy in Europe*, Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing House London Ltd., 1922.
90. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, apêndice; Francesca Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*, Adyar, Madras, Índia, Theosophical Publishing House, 1932, p. 13.
91. Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*, p. 17.
92. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, pp. 278-79.
93. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, p. 252-60.
94. Blavatsky, carta para seus parentes; muito provavelmente de final de setembro de 1882; texto em russo no *Russkoye obozreniye*, novembro de 1891, p. 290; versão inglesa em *The Path*, Nova Iorque, EUA, volume 10 (setembro de 1895), p. 169.
95. Blavatsky, carta para o príncipe Alexandre Dondoukoff-Korsakoff, Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia; tradução com defeitos em *H.P.B. Speaks*, vol. 2, pp. 95-102.
96. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 38.
97. D. Mavalankar, “A Great Riddle Solved”, *The Theosophist*, dezembro de 1883, pp. 61-62.
98. Nicholas Roerich, Shambhala, Nova Iorque, EUA, Nicholas Roerich Museum, 1978, pp. 16-17.
99. “Mahatmas”, *The Path*, setembro de 1895, pp. 170-71; Blavatsky, carta para sua tia Nadyezhda Fadeyev, em torno de 20 de dezembro de 1882, pouco depois da sua mudança para Adyar; texto em russo no *Russkoye obozreniye*, novembro de 1891, p. 293; versão inglesa em *The Path*, setembro de 1895, pp. 170-71.
100. “Habitations of H.P.B. Nº 2”, *The Path*, volume 7 (junho de 1892), p. 71.

101. Jackson, *Oriental Religion and American Thought*, p. 170; Lyman Abbott, “The Parliament of Religions”, *The Outlook*, volume 48 (30 de setembro de 1893), p. 583.
102. *The Theosophist*, dezembro de 1982, p. 106-8.
103. *The Theosophist*, outubro de 1985, p. 9-10.
104. T. Subba Row, *Esoteric Writings of T. Subba Row*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1983, p. XXI.
105. Henry Steel Olcott, “The Death of T. Subba Row”, *The Theosophist*, julho de 1980, pp. 576-78; Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, p. 602.
106. *The Theosophical Forum*, 15 de março de 1935, p. 188.
107. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, p. 267.
108. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 95-96; Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, pp. 664-65.
109. *Adyar Bulletin*, maio de 1909; reimpresso em *The Canadian Theosophist*, maio-junho de 1983.
110. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, pp. 89,90.
111. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, p. 90.
112. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky IV”, *The Path*, março de 1895, p. 415.
113. *The Theosophist, Supplement*, setembro de 1883, p. 6.
114. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, pp. 38, 271-72, 299, 341, 365, 392-96, 426.
115. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, pp. 394-400; *The Word*, Nova Iorque, EUA, abril de 1912, p. 20.
116. *Bulletin Théosophique*, Paris, França, julho de 1974; traduzido por Boris de Zirkoff, Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Tilinnis, EUA.
117. Franz Hartmann, “Autobiography of Franz Hartmann”, *The Occult Review*, janeiro de 1908, pp. 7-35.
118. Hartmann, “Autobiography of Franz Hartmann”, pp. 7-35.
119. Hartmann, “Autobiography of Franz Hartmann”, pp. 7-35.
120. Emma Coulomb, *Anglo-Indian Ceylon Times*, Ceilão, 5 de junho de 1879.
121. *The Word*, Nova Iorque, EUA, abril de 1912, pp. 18, 19.

122. “Interview with Madame Blavatsky, Paris, 1884”, *The Canadian Theosophist*, novembro-dezembro de 1886.
123. *The Theosophist*, novembro de 1931, p. 201.
124. *Lady Caithness, The Mystery of the Ages*, Londres, Inglaterra, Wallace Publishing, 1887.
125. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 262-63.
126. *The Word*, Nova Iorque, EUA, abril de 1912, p. 22.
127. Charles Leadbeater, *How Theosophy Came to Me*, Adyar, Índia, The Theosophical Publishing House, 1930, pp. 43-45; *Theosophical Quarterly*, outubro de 1910, p.110; Archibald Keightley, “Reminiscences of H.P.B.”; Sinnett, *Early Days of Theosophy in Europe*, pp. 54-57; Arundale, *My Guest – H.P. Blavatsky*, pp. 20-21.
128. *Primeiro Relatório do Comitê da Sociedade para Pesquisa Psíquica*, p. 126; Sinnett, *Early Days of Theosophy in Europe*, p. 56; Zelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, 1883, pp. 68-69.
129. Sinnett, *Early Days of Theosophy in Europe*, p. 56.
130. Ransom, *A Short History of the Theosophical Society*, 1875-1937, p. 198.
131. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky XII”, *The Path*, volume 10 (novembro de 1895), p. 237.
132. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky VI”, *The Path*, volume 10 (maio de 1895), p. 36.
133. Judge, “H.P.B. at Enghien”, *Lucifer*, julho de 1891; Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky*, p. 102; para informações adicionais ver índice remissivo de *Isis Unveiled*.
134. Vera Zhelihovsky, “Report on the Paris Phenomena”, enviado para um periódico russo e reimpresso em *Rebus*, número 41 (1884), p. 367, tradução em caráter privado por Cathy Young, Nova Jersey, EUA.
135. “H.P. Blavatsky and the Theosophist” (de uma carta para o editor de *Odesskiy vestnik*), Paris, França, 25 de maio (6 de junho), publicado em *Rebus*, 15 e 22 de julho de 1884, pp. 263-65, 273-75.
136. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, *Rebus*, 1883, p. 61.
137. Blavatsky, “Is Creation Possible for Man?”, *The Theosophist*, dezembro de 1881; *Blavatsky, Is Creation Possible?* (Theosophy

- Company Pamphlet, p. 28), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, p. 3.
138. Russell Horn, “Discrimination and the Theosophist”, *The Theosophist*, maio de 1959, p. 97.
139. *The Path*, junho de 1895, pp. 73-74.
140. Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 1, pp. 111-12.
141. Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 1, pp. 34-35.
142. Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*, pp. 29-31, 42; Arundale, “Madame Blavatsky and Her Work”, *Lucifer*, 15 de julho de 1891, p. 376.
143. Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*, pp. 29-31, 42; Arundale, “Madame Blavatsky and Her Work”, p. 376.
144. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 65.
145. Laura Holloway e Mohini Chatterji, *Man: Fragments of Forgotten History*, Londres, Inglaterra, Reeves and Turner, 1885.
146. William Q. Judge, carta de Paris, França, 30 de abril de 1884, *The Theosophist*, novembro de 1931, pp. 201-2.
147. Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*, pp. 73-74; Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 1, p. 20.
148. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 3, pp. 160, XXX.
149. Ransom, *A Short History of the Theosophical Society*, 1875-1937, p. 196.
150. Ransom, *A Short History of the Theosophical Society*, 1875-1937, p. 199.
151. Sociedade Teosófica, *First Report of the Committee of the Society for Psychical Research (Primeiro Relatório do Comitê da Sociedade para Pesquisa Psíquica)*, nota de rodapé da página 53.
152. Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*, pp. 36-37; Cranston e Williams, *Reincarnation: A New Horizon in Science, Religion and Society*, p. 30; Gregory Bateson, *Mind and Nature*, Nova Iorque, EUA, E. P. Dutton, 1979, pp. 27-29: “A invenção do microscópio ou do telescópio ou de meios de medir o tempo de um nanosegundo, ou de medir quantidades de matéria de milionésimos de um grama — todos estes instrumentos aperfeiçoados de percepção revelarão o que era completamente imprevisível a partir dos níveis de percepção que

podíamos alcançar antes dessa descoberta... A conclusão é que o que nós, como cientistas, podemos perceber está sempre dentro de um limite. Isto é, o que é subliminar não será trigo para o nosso moinho. A ciência experimental, não prova.”

153. Bateson, *Mind and Nature*, pp. 27-29.
154. Bateson, *Mind and Nature*, pp. 27-29.
155. Bateson, *Mind and Nature*, pp. 27-29; William Q. Judge, interpretação de *The Yoga Aphorisms of Patanjali*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The United Lodge of Theosophists, 1967, p. XVII.
156. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, p. 162.
157. Jean Overton Fuller, *Blavatsky and Her Teachers, An Investigative Biography*; Londres, Inglaterra, East-West Publications, 1988, p. 141.
158. Jean Overton Fuller, *Blavatsky and Her Teachers, An Investigative Biography*, p. 141. Este livro reproduz cartas impressas inicialmente nas edições de setembro e outubro de Christian College Magazine.
159. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 102.
160. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 6, pp. 434-36.
161. Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*, p. 45.
162. *The Theosophist*, Supplement, setembro de 1883, p. 6.
163. First Report of the Committee of the Society for Psychical Research, p. 6.
164. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky VII”, *The Path*, junho de 1895, p. 75.
165. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 289-90.
166. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 115.
167. Blavatsky, carta para Henry Steel Olcott, verão de 1885, pasta de cartas de H.P.B., Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
168. Francesca Arundale, “Madame Blavatsky and Her Work”, *Lucifer*, 15 de julho de 1891, pp. 367-80.
169. Vernon Harrison, “J’Accuse: An Examination of the Hodgson Report of 1885”, *Journal of The Society for Psychical Research* (Jornal da Sociedade para Pesquisa Psíquica), Londres, Inglaterra, abril de 1986. Veja: Vernon Harrison, *H.P. Blavatsky e a Sociedade para Pesquisas Psíquicas*, Editora Teosófica, 2015).

170. Franz Hartmann, *Report of Observations Made During a Nine Month's Stay at the Headquarters of the Theosophical Society, Adyar, Índia* (*Relatório de Observações Realizadas Durante a Estada de Nove Meses na Sede da Sociedade Teosófica, Adyar, Índia*), segunda edição, Madras, Índia, Graves Cookson and Co., 1884, pp. 33-34; daqui em diante denominado *The Hartmann Report* (*Relatório Hartmann*).
171. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 110.
172. *The Hartmann Report*, pp. 31-32.
173. Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 1, p. 43.
174. *The Hartmann Report*, pp. 31-32.
175. *The Hartmann Report*, pp. 31-32.
176. R.A.V. Morris, "The Two H.P. Blavatskys", *The Aryan Path*, Bombaim, Índia, The Theosophy Company, janeiro de 1932, p. 56.
177. Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 2, p. 131.
178. Emma Coulomb, "The Coulomb Pamphlet", reimpresso na obra de Beatrice Hastings, *Defence of Madame Blavatsky*, volume 2, Worthing, Inglaterra, 1937.
179. *The Hartmann Report*, pp. 9, 43.
180. William Q. Judge, "The So-Called Exposé of Madame Blavatsky" (O Suposto Desmascaramento da sra. Blavatsky), *Boston Arena*, março de 1893, e *Boston Index*, 18 de fevereiro de 1886; os dois artigos foram reimpressos no livreto *Theosophy in India* (*Teosofia na Índia*), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.
181. Judge, "The So-Called Exposé of Madame Blavatsky".
182. Harrison: "J'Accuse: An Examination of The Hodgson Report of 1885", pp. 303, 306. "Casualmente Harrison estava coordenando uma equipe de 40 laboratoristas, e aprendeu muito sobre falsificadores e seus métodos. Ele ainda trabalha, aposentado, examinando documentos cuja validade legal é questionada"*³ (*Theosophical History*, Londres, Inglaterra, outubro de 1985, pp. 68-69).
183. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 115-16.
184. Vernon Harrison, "H.P. Blavatsky and the Psychical Researchers", 25 de março de 1984, palestra na Sociedade Teosófica de Londres, Inglaterra, impressa em *Viewpoint Aquarius*, número 138; veja também *Harrison Report*, pp. 288-89.

185. William E. Coleman, *Religio-Philosophical Journal*, setembro de 1883, p. 266.
186. *The Theosophist*, fevereiro de 1985, p. 185.
187. Harrison, “*J’Accuse: An Examination of The Hodgson Report of 1885*”, p. 193.
188. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 110.
189. Hastings, *Defence of Madame Blavatsky*, volume 2; “The Coulomb Pamphlet”, p. 10.
190. Adlai E. Waterman, Obituary: “*The Hodgson Report*” on Madame Blavatsky 1885-1960, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1963.
191. Gomes, “The Coulomb Case”, *The Theosophist*, janeiro de 1985, p. 138.
192. Fuller, *Blavatsky and Her Teachers: An Investigative Biography*, pp. 150-51.
193. Fuller, *Blavatsky and Her Teachers: An Investigative Biography*, pp. 148-53, 240, apêndice.
194. Hastings, *Defence of Madame Blavatsky*, volume 2: “The Coulomb Pamphlet”, p. 7.
195. Richard Hodgson, *Proceedings of the Society for Psychical Research: Report of the Committee Appointed to Investigate Marvellous Phenomena Connected with the Theosophical Society (Atas da Sociedade para Pesquisa Psíquica: Relatório do Comitê Encarregado de Investigar Fenômenos Maravilhosos Ligados à Sociedade Teosófica)*, volume 3, Londres, Inglaterra, Sociedade para Pesquisa Psíquica, 1885; daqui em diante denominado *The Hodgson Report (Relatório Hodgson)*.
196. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 98.
197. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 102-3.
198. Harrison, “*J’Accuse: An Examination of The Hodgson Report of 1885*”, p. 295.
199. Harrison, “*J’Accuse: An Examination of The Hodgson Report of 1885*”, p. 308.
200. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 348-51. Na nota de rodapé da página 349, o editor afirma erradamente que o escrito a mão é do Mestre M., quando na verdade é de H.P.B. Veja também pp. 250 e 257.

201. Victor A. Endersby, *The Hall of Magic Mirrors: A Portrait of Madame Blavatsky*, Nova Iorque, EUA, Carlton Press, 1969, p. 89, 132, 160.
202. Charles Marshall, “The Mahatma Letters — A Syntactic Investigation into the Possibility of Forgery by Helena Petrovna Blavatsky, a 19th Century Occultist” (Cartas dos Mahatmas — Uma Investigação sobre a Possibilidade de Fraude por Helena Petrovna Blavatsky, uma Ocultista do Século 19), *Viewpoint Aquarius*, Londres, Inglaterra, outubro de 1980.
203. *The Canadian Theosophist*, Calgary, Canadá, novembro-dezembro de 1980, p. 98.
204. *The Hodgson Report*, pp. 313-14.
205. *The Hodgson Report*, pp. 314.
206. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, p. 315.
207. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatmas Letters to A.P. Sinnett*, p. 465, apêndice.
208. Blavatsky, memorando de nove pontos para seu colega Henry Steel Olcott, manuscrito nos Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia; veja também Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 6, p. 410; Mahatmas M.& K.H., *The Mahatma Letters*, apêndice, p. 466; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 76.
209. Michael Gomes, “The Coulomb Case 1884-1984” (O Caso Coulomb 1884-1984), *The Theosophist*, Adyar, Madras, Índia, janeiro de 1985.
210. Blavatsky, carta datada de quarta-feira, novembro de 1885, a partir de uma cópia enviada para Olcott escrita em Bawaji, Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia; Henry Steel Olcott, carta de 21 de outubro de 1885 para Blavatsky, reimpressa em *The Theosophist*, janeiro de 1933, pp. 402-6. Veja cartas de Olcott em *H.P. Blavatsky Letters to A.P. Sinnett*, transcrita do original nos Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia; também disponível nos Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
211. Blavatsky, “Letter to Olcott, July 14, 1886” (Carta para Olcott, 14 de julho de 1886), *The Theosophist*, maio de 1908, p. 752.
212. Leslie Price, “Madame Blavatsky Unveiled: A New Discussion of the Most Famous Investigation of the Society for Psychical Research” (A Senhora Blavatsky Sem Véu: Uma Nova Discussão da Famosa

- Investigação da Sociedade para Pesquisa Psíquica), Londres, Inglaterra, Theosophical History Centre, 6 de abril de 1983, pp. 7-8.
213. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky VII”, *The Path*, junho de 1895, p. 78.
- 214..Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky VIII”, *The Path*, julho de 1895, pp. 105-7.
215. Blavatsky, carta para Henry Steel Olcott, novembro de 1884, Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia.
216. Isabel Cooper-Oakley, “At Cairo and Madras”, *Lucifer*, 15 de julho de 1891, pp. 278-79.
217. Olcott, *Old Diary Leaves*, vol. 3, p. 29’7; carta para Olcott, 24 de novembro de 1884, Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia; veja também item em *Indian Mirror*, 28 de novembro de 1884, sobre as nefastas atividades da sra. Coulomb no Cairo, reimpresso em Eek, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, pp. 554-56.
218. Isabel Cooper-Oakley, “At Cairo and Madras”, p. 279.
219. *The Theosophist*, Supplement, março de 1885.
220. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, pp. 97-98.
221. Gomes, “The Coulomb Case 1884-1984”, p. 141.
222. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 3, p. 203.
223. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 3, p. 203.
224. Hartmann, “Autobiography of Dr.Franz Hartmann”, pp. 7-35.
225. Isabel Cooper-Oakley, “At Cairo and Madras”, pp. 281-82.
226. *The Personality of H.P.B.* (panfleto), Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1930.
227. Harrison, “*J’Accuse: An Examination of The Hodgson Report of 1885*”, p. 309.
228. *The Theosophist*, Supplement, maio de 1885, p. 195.
229. Blavatsky, “Why I Do Not Return to India” (Porque Eu Não Retomei à Índia), carta de abril de 1890, reimpressa em *The Theosophist*, janeiro de 1922; também no panfleto *Theosophy and H.P.B.*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.
230. Richard Hodgson, “The Defence of the Theosophists” (A Defesa dos Teósofos), *Proceedings of the Society for Psychical Research (Atas da Sociedade para Pesquisa Psíquica)*, Londres, Inglaterra, volume 9 (1894),

- p. 135; reimpresso em James Webb, editor, *The Occult: The Society for Psychical Research, Report on the Theosophical Society (O Oculto: A Sociedade para Pesquisa Psíquica, Relatório Sobre a Sociedade Teosófica)*, Nova Iorque, EUA, Arno Press, 1976, p. 135.
231. Hodgson, “The Defence of the Theosophists”, p. 135.
232. Henry Steel Olcott, cartas para Francesca Arundale, *The Theosophist*, outubro de 1932, p. 48.
233. Hartmann, “Autobiography of dr. Franz Hartmann”, pp. 27-28.
234. William Q. Judge, *Letters That Have Helped Me*, p. 267.
235. Arundale, *My Guest — H.P. Blavatsky*.
236. Blavatsky, “Recent Progress in Theosophy” (Progressos Recentes na Teosofia), *North American Review*, Boston, Massachusetts, EUA, agosto de 1890; reimpresso em *Theosophy and the Theosophical Movement* (H.P.B. Pamphlet Series), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.

Parte 6 – Os Horizontes Abrem-se no Ocidente

1. Hartmann, “Autobiography of dr. Franz Hartmann”, pp. 19-20; Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*.
2. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatmas Letters to A.P. Sinnett*, pp. 15, 44, 281; Geoffrey A. Barborka, *The Mahatmas and Their Letters*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1973, pp. 19-20.
3. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 105.
4. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 112.
5. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, edição de Zirkoff, vol. 1, pp. 12-13.
6. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, p. 113.
7. Blavatsky, “Have Animals Souls?” (Os Animais têm Almas?), *The Theosophist*, janeiro-março de 1886, nota de rodapé da página 112; reimpresso em *Modern Ignorance of Life and Soul* (H.P.B. Pamphlet Series), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.
8. *The New York Times Magazine*, 31 de dezembro de 1979.

9. Muriel Dowding, *Beauty – Not the Beast* (Beleza – Não Bestialidade), Londres, Inglaterra, Neville Spearman, 1980; também Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1982.
10. *The Path*, novembro de 1893; The American Theosophist, outono de 1937, p. 16.
11. Wachtmeister, *Reminiscences of H. P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 24-25.
12. Wachtmeister, *Reminiscences of H. P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 16-21, 34-36. 634
13. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 54-55; Bertram Keightley, em seu livro *Reminiscences of H.P.B.* (Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1931, pp. 18-19, 26-27) dá mais detalhes sobre este método usado por H.P.B. no treinamento dos seus discípulos.
14. Blavatsky, “Letter to Olcott” (Carta Para Olcott), 6 de janeiro de 1886, *The Theosophist*, agosto de 1931, p. 63.
15. Wachtmeister, *Reminiscences of H. P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, p. 26.
16. Jirah Dewey Buck, *Modern World Movements*, Chicago, Illinois, EUA, Indo-American Book Company, 1913, p. 57.
17. Mahatmas M. e K.H., *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, apêndice, pp. 470-73; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, carta com data de 6 de janeiro de 1886.
18. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, edição de Zirkoff, vol. 1, pp. 13-22.
19. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, edição de Zirkoff, vol. 1, pp. 13-22.
20. “A New Year’s Greeting”, *Theosophical Siftings*, Londres, Inglaterra, 1891, vol. 3, pp. 3-4.
21. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 312-13.
22. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, pp. 289-90.
23. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 32-33.
24. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 22-23.
25. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, p. 54.

26. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, p. 54.
27. C. Wachtmeister, "Madame Blavatsky, A Personal Reminiscence", *The Occult Review*, Londres, Inglaterra, março de 1914, pp. 139, 142.
28. "Letters of H.P.B.", carta para Sergiev Alexandrovitch, *The Theosophist*, 1º de maio de 1959, p. 87.
29. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis (Uma Sacerdotisa Moderna de Ísis)*.
30. P. D. Ouspensky, *The Fourth Dimension*, terceira edição revisada, Pregrat, São Petersburgo, Rússia, M.V.Pirozhkov, 1918, pp. 88-96.
31. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, pp. 10-12, 21, 22, 29.
32. Beatrice Hastings, *Solovyoff's Fraud: A Critical Analysis of the Book "A Modern Priestess of Isis"*, Edmonton, Canadá, Loja Edmonton da Sociedade Teosófica do Canadá, 1988, p. 58 (daqui em diante denominado *Solovyoff's Fraud*).
33. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, pp. 12, 24, 65.
34. Hastings, *Solovyoff's Fraud*, p. 59; Arundale, *My Guest – H.P. Blavatsky*, pp. 29-30.
35. Hastings, *Solovyoff's Fraud*, p. 59.
36. O retrato pertencia originalmente à esposa de Judge, que o deixou em testamento para a *United Lodge of Theosophists*, em Nova Iorque, EUA.
37. Egliton, *A Memoir of Æ*, p. 13.
38. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, pp. 15, 22, 27.
39. Blavatsky, "Letters of H.P. Blavatsky VII", *The Path*, junho de 1895, p. 76.
40. H.L.P., "Ancient Egypt", *Lucifer*, dezembro de 1894, pp. 278-79.
41. Zhelihovsky, "Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky", *Rebus*, 1883, pp. 58-59.
42. Zhelihovsky, "Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky", p. 52.
43. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, pp. 173-75.
44. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, pp. 288-89.
45. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, p. XV.
46. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, p. 346-47.
47. Zhelihovsky, "Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky", p. 33.
48. Zhelihovsky, "Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky", pp. 31-32.
49. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 2, pp. 373-467.

50. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, p. 312.
51. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 172.
52. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, p. 31; Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, p. 313.
53. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, p. 124.
54. Zhelihovsky, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatsky”, p. 53.
55. Blavatsky, H.P. Blavatsky Collected Writings, vol. 1, p. 537. 636
56. Edward Kasinec e Boris Kerdimun, “Occult Literature in Russia”, no livro *The Spiritual in Art: Abstract Paintings 1890-1985*, de Maurice Tuchman, editor, Nova Iorque, EUA, Abbeville Press, 1986, p. 361-66.
57. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 107-9.
58. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 62-64.
59. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky X”, *The Path*, setembro de 1895, p. 171.
60. “H.P.B. and Her Masters”, *The Theosophist*, outubro de 1898, p. 22.
61. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, p. 70.
62. *The Theosophical Movement 1875-1950*, p. 132.
63. Buck, *Modern World Movements*, p. 56.
64. Buck, *Modern World Movements*, p. 56.
65. J.D. Buck, “H.P. Blavatsky As Seen Through Her Work” (H.P. Blavatsky Vista Através do Seu Trabalho), *Lucifer*, 15 de junho de 1891, p. 305.
66. J. Ralston Skinner, *A Key to the Hebrew and Egyptian Mystery in the Source of Measures (Chave Para o Mistério Hebreu e Egípcio da Fonte das Medidas)*, San Diego, Wizards Bookshelf, 1982; *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 13, pp. 402-5.
67. *The American Theosophist*, julho de 1979, p. 247.
68. *The American Theosophist*, julho de 1979, p. 247.
69. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, pp. 308-9, 385.
70. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 227.
71. “The Mysterious Hand” (A Mão Misteriosa), *The Theosophist*, abril de 1887, pp. 391-93.

72. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, pp. 66-67.
73. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, p. 89.
74. Keightley, *Reminiscences of H.P.B.*, p. 5.
75. Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 205.
76. "Theosophy in the West" (Teosofia no Ocidente), *The Theosophist*, julho de 1891, p. 585 (reimpressão de palestra feita em Adyar por Bertram Keightley).
77. Blavatsky, "Extract of a Letter from H.P.B. to a London Group, 1887" (Extrato de uma Carta de H.P.B. Para um Grupo de Londres, 1887), *The Theosophist*, julho de 1988, p. 387.
78. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, pp. 71-75.
79. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, pp. 26-27.
80. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 555.
81. NASA, *Jet Propulsion Laboratory (JPL)*, 15 de dezembro de 1982, pp. 82-92.
82. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, p. 90.
83. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 1, p. 26.
84. *The Theosophical Journal*, Londres, Inglaterra, novembro-dezembro de 1962, p. 7.
85. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, p. 10.
86. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and "The Secret Doctrine"*, pp. 91-94; Keightley, *Reminiscences of H.P.B.*, pp. 13-26.
87. "Dr. Keightley Speaks", *The New York Times*, 29 de abril de 1889; reimpresso em *Theosophy*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, agosto de 1950.
88. *The Theosophical Movement 1875-1950*, p. 123.
89. Alexander Fullerton, "Seeing Little; Perceiving Much" (Vendo Pouco, Percebendo Muito), *Lucifer*, julho de 1891, p. 380; Judge, *The Ocean of Theosophy*, p. 140.

90. W.B. Yeats, *The Collected Letters of W.B. Yeats*, volume 1, 1865-1895, editadas por John Kelly, Oxford, Inglaterra, Oxford University Press, 1986, vol. 1, p. 319; Sankaracharya, *The Crest-Jewel of Wisdom and Other Writings of Sankaracharya*, traduzidos por Charles Johnston, Covina, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1946.
91. Charles Johnston, “Helena Petrovna Blavatsky”, *The Theosophical Forum*, Nova Iorque, EUA, volume 5, número 12 (abril de 1900); volume 6, números 1-3 (maio-julho de 1900); Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 8, pp. 392-409.
92. Keightley, *Reminiscences of H.P.B.*, pp. 11-12; “Habitations of H.P.B.”, *The Path*, maio de 1892, pp. 36-39.
93. Blavatsky, carta de 1889, sem data, Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
94. Franz Hartmann, “The Talking Image of URUR” (A Imagem Falante de URUR), *Lucifer*, dezembro de 1888 – fevereiro de 1890 (15 partes).
95. Franz Hartmann, *The Talking Image of URUR*, Nova Iorque, EUA, J.W. Lovell, 1890.
96. Blavatsky, carta para o conde Carl Wachtmeister, *The Eclectic Theosophist*, maio junho de 1893, p. 6.
97. *Riemann Lusik Lexikon*, Sonne, Maaz, B. Schatts, 1961.
98. *Lucifer*, dezembro de 1890, p. 301.
99. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 9, pp. 102-3.
100. Alice Leighton Cleather, *H.P. Blavatsky As I Knew Her (H.P. Blavatsky Como Eu a Conheci)*, adendo de Basil Crump, Calcutá, Índia, Thacker Spink & Company, 1923, pp. 36-37.
101. Archibald Keightley, “Reminiscences of H.P. Blavatsky”, *Theosophical Quarterly*, outubro de 1910, p. 107.
102. Archibald Keightley, “Reminiscences of H.P. Blavatsky”, *Theosophical Quarterly*, outubro de 1910, pp. 117-118.
103. *The Canadian Theosophist*, setembro-outubro de 1911.
104. Edmund Russell, “Isis Unveiled: Personal Recollections of Madame Blavatsky” (Ísis Sem Véu: Recordações Pessoais da Senhora Blavatsky), *The Occult Review*, novembro de 1918. Russell indicou erradamente o nome do fotógrafo desses retratos.
105. Enrico Resta, “A Link with H.P.B. Through Her Photographer” (Um Vínculo com H.P.B. — Através do Seu Fotógrafo), *Theosophical News*

- and Notes*, Londres, Inglaterra, abril de 1942, p. 6. Este é o jornal da Sociedade Teosófica nas Ilhas Britânicas.
106. *The Theosophist*, setembro de 1911, p. 897.
107. José Xifré, “H.P.B.”, *Lucifer*, 15 de agosto de 1891, pp. 455-56.
108. Don José Xifré, “Theosophical Worthies”, *The Theosophist*, setembro de 1911, pp. 897-99.
109. “Theosophy in Spain” (Teosofia na Espanha), *Lucifer*, 15 de dezembro de 1889, pp. 343-44.
110. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 9, pp. 458-61.
111. Boris de Zirkoff, “Don José Xifré”, *Theosophia*, volume 19, número 2 (outono de 1962), pp. 14-16.
112. “*Lucifer* to the Archbishop of Canterbury” (De *Lucifer* para o Arcebispo de Canterbury) foi publicado em *Lucifer*, dezembro de 1887, pp. 242-51, e pode ter sido uma colaboração de H.P.B. e de Richard Harte, um antigo jornalista que se associou à S.T. em 1878 e que estava naquele momento em Londres (veja H.P. Blavatsky Collected Writings, vol. 8, p. 268).
113. Este trabalho em três partes foi reimpresso em H.P.B. Pamphlet Series sob o título *The Esoteric Character of the Gospels (O Caráter Esotérico dos Evangelhos)*, Los Angeles, EUA, The Theosophy Company.
114. Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire (A História do Declínio e Queda do Império Romano)*, Londres, Inglaterra, John Murray, 1854, vol. 2, p. 163.
115. A.A.F. Lamplugh, *Codex Brucianus*, Londres, Inglaterra, John Watkins, 1918.
116. Carl Jung, *Psychology and Alchemy (Psicologia e Alquimia)*, Nova Iorque, EUA, Pantheon Books, 1953, p. 35.
117. Elaine Pagels, *The Gnostic Gospels (Os Evangelhos Gnósticos)*, Nova Iorque, EUA, Random House, 1979, p. XXIV-XXXV.
118. Geddes MacGregor, *Reincarnation in Christianity (Reencarnação no Cristianismo)*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House (a Quest book), 1978, pp. 43-44.
119. Jean Doresse, *The Secret Books of the Egyptians (Os Livros Secretos dos Egípcios)*, Nova Iorque, EUA, Viking, 1960, pp. 112-13; Sylvia Cranston e Carey Williams, *Reincarnation: A New Horizon in Science*,

Religion and Society (Reencarnação: Um Novo Horizonte na Ciência, Religião e Sociedade), Nova Iorque, EUA, Crown, 1984, pp. 219-21.

120. G.R.S. Mead, *The Pistis Sophia*, edição revisada, Londres, Inglaterra, John Watkins, 1921, disponível por Wizards Bookshelf, P.O. Box 6600, San Diego, Califórnia, EUA, 92106. Veja também W.T.S. Thackara, “H.P. Blavatsky Collected Writings, Volume XIII”, *Sunrise*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, agosto-setembro de 1983, pp. 203-6.

121. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 8, pp. 1-82.

122. *Encyclopedia Britannica*, vol. 4, p. 530.

123. C.G. Jung, *Memories, Dreams, and Reflections (Memórias, Sonhos e Reflexões)*, traduzido por Richard e Clara Winston, Nova Iorque, EUA, Pantheon Books, 1963, pp. 175-76.

124. H.P. Blavatsky, “Karmic Visions” (Visões Cármicas), *Lucifer*, junho de 1888, pp. 311-22; *Cycles and Human Destiny (Ciclos e Destino Humano)*, (H.P.B. Pamphlet Series), Los Angeles, EUA, The Theosophy Company; também impresso em *La Revue Théosophique*, 21 de março de 1889.

125. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 563.

126. Blavatsky, *Karmic Visions*, pp. 311-22; *Cycles and Human Destiny*.

Tradução de extrato de documento oficial:

O Reichsführer [Adolf Hitler] e Chefe da Polícia Alemã do Ministro do Interior

Em virtude do artigo (ou parágrafo) 1º do decreto do presidente do Reich para a Proteção do Povo e do Estado, de 28.02.33 (RGB1, IS.83), dissolvo as organizações similares à loja Franco-maçônica, nomeadas a seguir, na medida em que não se tenham elas mesmas autodissolvido por vontade própria antes de 17 de agosto de 1935. Sociedades Teosóficas [são listadas nove]...

As seitas teosóficas chamadas Igreja Católica Liberal, agora chamadas Igreja Católica Livre.

A continuação ou fundação destas, bem como a fundação de organizações camufladas, serão, sob pena da ordem 4, a.a.O. proibidas. Ao mesmo tempo, confirmo, em virtude da lei de 7 de julho de 1933 - RGB1.IS.479, relativa ao confisco de bens das pessoas e daqueles que são hostis ao estado, que os bens das organizações acima designadas foram usados com

a finalidade de liquidar (matar) os esforços (ou empenho, aspirações) destes que são hostis ao estado.

Representado: pelo assinado Heydrich

(assinatura) Funcionário da Chancelaria

Que ensinamento teosófico irritou de tal maneira Hitler que fez com que os teósofos estivessem entre os primeiros a serem enviados aos campos de concentração? O primeiro objetivo do movimento teosófico, formar um núcleo de fraternidade universal, incluindo, naturalmente, todos os seres humanos, era um conceito alarmante para um tirano que planejava dominar através da eliminação de raças e do genocídio de grupos humanos. A Doutrina Secreta tem uma frase (vol. 2, p. 266, ed. TPH) que inflamaria a mentalidade nazista: “O ariano e seu ramo semita são a quinta raça.” Em Teosofia a quinta raça inclui (mas não está limitada) a tudo aquilo a que a ciência se refere como o povo indo-europeu, e, na época de H.P.B., o nome preferido para esse grupo era “ariano” — um termo nobre tornado, hoje, repugnante por causa do uso distorcido feito pelo nazismo. De acordo com os filólogos, a palavra é derivada de *Arya*, que significa “nobre” ou “alguém nobre” (Encyclopaedia Britannica, 1891, vol. 2, p. 672).

Como termo técnico, ariano vem do sânscrito, *arya* ou *drya*, o *airya* do persa antigo. No sânscrito mais recente *drya* significa “de uma boa família” e é usado como um título complementar. Originalmente, contudo, era usado como um nome nacional, e, já mesmo no tempo da Leis do Manu, na Índia, era chamado *Aryavarta*, isto é, a residência dos arias.

O próprio Buda, em suas Quatro Nobres Verdades e Nobre Ótuplo Caminho, usa a palavra “ariano” com o elevado sentido de “nobre”. Em *A Popular Dictionary of Buddhism* (Dicionário Popular de Budismo), de Christmas Humphreys, lemos:

“Ariano: de *Arya* (Sk.) significa nobre. Em páli, *Ariya*, isto é, o Caminho Ariano ou Nobre Ótuplo Caminho, as Quatro Nobres Verdades ou Quatro Verdades Arianas. Tomada da raça ariana, a palavra foi usada por Buda como digno da raça, nobre na conduta.”

Duas professoras, Mary Linne^{*4} e Emmi Haerter foram presas na Alemanha por causa da descoberta de literatura teosófica na sua casa — que foi toda queimada, incluindo a tradução de *A Doutrina Secreta* feita por elas. Este

- também foi o destino das cartas dos Mestres para o dr. Hübe-Schleiden. Veja a edição de Zirkoff: “*Historical Introduction to The Secret Doctrine*” (*Introdução Histórica para A Doutrina Secreta*), vol. 1, p. 16.
127. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. VII-VIII.
128. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, pp. 272-73.
129. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, pp. 13-17, 20.
130. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 639, vol. 2, p. 305.
131. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 2, p. 305.
132. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 2, nota de rodapé das páginas 305-06.
133. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 643.
134. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 104.
135. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 104.
136. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, pp. 644, 639.
137. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 2, pp. 306, 424.
138. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 266, vol. 2, pp. 80, 513.
139. Blavatsky, *Transactions of the Blavatsky Lodge of The Theosophical Society (Atas da Loja Blavatsky da Sociedade Teosófica)*, reimpressão que reproduz literalmente a edição original, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1923, p. 148. Veja *Comentários sobre “A Doutrina Secreta”*, Editora Teosófica, 2020.
140. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, pp. 53-54.
141. Robert Crosbie, *The Friendly Philosopher*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1945, p. 98.
142. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 48 nota de rodapé das páginas 53-54.
143. Crosbie, *The Friendly Philosopher*, p. 98.
144. Theodore Roszak, *The Unfinished Animal*, Nova Iorque, EUA, Harper & Row, 1975, pp. 120-22.
145. Eglinton, *A Memoir of Æ*, pp. 164-65.
146. Wachtmeister, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pp. 119-20.
147. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 620.
148. Lewis Thomas, *The Medusa and the Snail*, Nova Iorque, EUA, Vicking 1979; selecionado de um resumo publicado em *Reader’s Digest*, outubro de 1979, pp. 98-99.

149. Arnold Duncan e Miranda Weston Smith, *The Encyclopaedia of Ignorance*, Oxford, Inglaterra, Oxford University Press, 1977.
150. William R. Corliss, *Mysterious Universe: A Handbook of Astronomical Anomalies*, Glen Ann, Maryland, The Sourcebook Project, 1979.
151. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, pp. 554-60; parte 3, capítulo 10, “The Coming Force”, possui uma seção sobre o sr. Keely, “um ocultista inconsciente”.
152. W. T. Stead, carta para Blavatsky, Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia.
153. Annie Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, terceira edição, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1939.
154. Arthur R. Nethercot, *The First Five Lives of Annie Besant (As Primeiras Cinco Vidas de Annie Besant)*, University of Chicago Press, 1960, p. 1.
155. Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, pp. 308-9.
156. Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, p. 310; Pall Mall Gazette, 25 de abril de 1889, reimpresso em *Theosophical Journal*, novembro-dezembro 1974, pp. 3-5.
157. Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, p. 310.
158. “Letter of H.P.B. to Annie Besant” (Carta de H.P.B. para Annie Besant), *The Theosophist*, janeiro de 1932, p. 377.
159. Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, p. 311.
160. Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, pp. 311-13.
161. James D. Hunt, *Gandhi in London*, Nova Déli, Índia, Promilla and Company, 1978, pp. 32-33.
162. Zhelihovsky, “Radda-Bai: Biograficheskiy ocherk”, publicado em *Zagadochniya plemena na “Golubih Gorah” – Durbar v Lahore*, São Petersburgo, Rússia, V.I. Gubinsky, pp. LI-LII.
163. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 4, p. 179.
164. Judge, “She Being Dead Yet Speaketh” (Mesmo Morta Ela Fala), *The Path*, julho de 1892, pp. 121-22; original nos Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia.
165. W.Q. Judge, “She Being Dead Yet Speaketh”, pp. 121-22.
166. Blavatsky, *Letters to Ralston Skinner*, Ralston Skinner Collections, Universidade de Harvard, Cambridge, Massachusetts, EUA.
167. *The Theosophical Movement 1875-1950*, p. 79.

168. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky XII”, *The Path*, novembro de 1895, p. 238.
169. “Faces of Friends” (Rostos de Amigos), *The Canadian Theosophist*, março de 1933, p. 2; *The Path*, junho de 1894, pp. 90-91.
170. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 11, p. 322.
171. Paul Russell Cutright e Michael S. Brodhead, *Elliott Coues: Naturalist and Frontier Historian (Elliott Coues: Naturalista e Historiador de Fronteiras)*, Chicago, Illinois, EUA, University of Illinois Press, 1981, sobrecapa.
172. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 11, pp. 317-23.
173. C. Jinarajadasa, editor, *The Golden Book of The Theosophical Society: A Brief History of the Society’s Growth from 1875-1925 (O Livro de Ouro da Sociedade Teosófica: Uma Breve História do Crescimento da Sociedade entre 1875-1925)*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1925, p.203.
174. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 11, pp. 323, 328; *The Theosophical Movement 1875-1950*, pp. 146-48; Blavatsky, carta para Judge Khandalavala, Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia; Blavatsky, *The Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett*, p. 152; Jinarajadasa, *Letters from the Masters of the Wisdom*, vol. 1, p. 50.
175. *The Theosophical Movement 1875-1950*, pp. 188-89.
176. *The Theosophical Movement 1875-1950*, pp. 148-49.
177. Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement*, p. 15.
178. Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
179. “‘Light on the Path’ and Mabel Collins” (“Luz no Caminho” e Mabel Collins) e “Dr. Elliott Coues in His Letters” (Dr. Elliott Coues em Suas Cartas), cartas do dr. Elliott Coues, *Religio-Philosophical Journal of Chicago*, Chicago, Illinois, EUA, 11 de maio e 1º de junho de 1889; originais nos Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
180. “Report of the General Secretary in Proceedings of the American Section of the Theosophical Society Fourth Annual Convention” (Relatório do Secretário-geral em Atas da Quarta Convenção Anual da Secção Norte-americana da Sociedade Teosófica), 27-28 de abril de 1890; *H.P. Blavatsky to the American Conventions 1888-1891*, Pasadena,

- Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1979; também publicado em *Five Messages to American Theosophists (Cinco Mensagens Para os Teósofos Norte-americanos)*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.
181. Blavatsky, “The ‘Nine-Days’ Wonder’ Press”, *Lucifer*, agosto de 1889, p. 444; também em *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 11, pp. 366-77.
182. Cutright e Brodhead, *Elliott Coues: Naturalist and Frontier Historian*, p. 300.
183. Michael Gomes, “Malicious from First to Last” (Maldoso do Princípio ao Fim), (H.P.B. para Coues), *The Canadian Theosophist*, fevereiro de 1986, pp. 128-29.
184. Cutright e Brodhead, *Elliott Coues: Naturalist and Frontier Historian*, p. 299.
185. “Libel Suits Against N.Y. Sun and Elliott Coues”, *The Path*, março de 1891, p. 390.
186. Documentos fotografados nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA. Estes documentos foram obtidos em 17 de junho de 1955, pelo advogado de Walter Carrithers, junto a funcionários do município e da Corte Suprema, município de Nova Iorque, EUA.
187. Walter Carrithers escreveu uma carta para Don Brown, editor do *Sunnyside*, Califórnia, *Valley Journal*, datada de 7 de novembro de 1970, com o timbre da Fundação Blavatsky, Fresno, Califórnia, EUA. Quando perguntado, Carrithers disse a ele que tinha contratado um advogado de Nova Iorque, Joseph P. Blechman para analisar todos os arquivos no Salão de Registros. Foi nessa ocasião que as atas foram descobertas.
188. Blavatsky, “The ‘Nine-Days’ Wonder’ Press”, p. 441.
189. “Two Theosophical Events” (Dois Eventos Teosóficos), *The Path*, novembro de 1892, p. 249.
190. William Q. Judge, “The Esoteric She”, reimpresso em *H.P. Blavatsky, Her Life and Work (H.P. Blavatsky, Sua Vida e Obra)* (Judge Pamphlet Series número 2), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.
191. Coues Collection, State Historical Society of Wisconsin.
192. Blavatsky, “My Books”, *Lucifer*, maio de 1891, p. 245.
193. *Webster’s New Collegiate Dictionary*, Springfield, Massachusetts, EUA, G. & C. Merriam Company, 1980, p. 870.

194. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, pp. 353-54, 478.
195. Emil Ludwig, *The History of a Man*, Nova Iorque, EUA, G. P. Putnam's Sons, 1928.
196. Hastings, *Defence of Madame Blavatsky*, volume 1.
197. H.P.B. tomou os seguintes seis itens não documentados: 1. *DS*, vol. 1, p. 2, de Winchell, p. 553: "Leucippus e Democritus... afirmaram que o espaço era preenchido eternamente com átomos impulsionados por um movimento eterno". Ao invés de "um movimento eterno", H.P.B. escreveu "um movimento incessante". 2. *DS*, vol. 1, a nota de rodapé da página 97 cita três frases de *The Modern Genesis*, do reverendo W. B. Slaughter, que H.P.B., provavelmente, tomou de Winchell, nota de rodapé da página 94, sem mencionar a fonte. 3. Em *DS*, vol.1, pp. 497-98, as palavras em itálico foram tomadas de Winchell, p.553: "O célebre Kepler, em 1595, inventou *uma curiosa hipótese que fez uso do movimento rodopiante dentro do sistema solar*. A concepção de *atração e repulsão* veio da época de Empedocles, que os designava por 'amor' e 'ódio'. 4. Em *DS*, vol.1, p.498, três passagens são citadas de Winchell, p. 607; a primeira é atribuída a Winchell, as outras duas não. 5. Em *DS*, vol. 1, p. 673, aqui as palavras em itálico foram tomadas sem atribuí-las a Winchell, e aparecem sem marcas de citação. "*O afélio deste anel é de 1.732 milhões de milhas além da órbita de Netuno, este plano é inclinado em relação à órbita da Terra num ângulo de 64^a 3' e a direção do meteoro seguia em volta de sua órbita ao contrário da revolução da Terra*". 6. Em *DS*, vol. 2, nota de rodapé da página 330, citações da *Encyclopaedia Britannica* sobre a precessão dos equinócios foram tomadas, aparentemente, de Winchell, pp. 285-86.
198. Blavatsky, *H.P. Blavatsky Collected Writings*, vol. 8, pp. 395-96.
199. Blech, *Contributions à l'histoire de la Société Théosophique en France*, p. 187.
200. Jean-Paul Guignette, "Madame Blavatsky at Fontainebleau", *The Canadian Theosophist*, novembro-dezembro de 1985, p. 101.
201. Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, pp.352-53; veja também Boris de Zirkoff, "How *The Voice of Silence* Was Written" (Como *A Voz do Silêncio* Foi Escrita), *The American Theosophist*, novembro-dezembro de 1988.

202. Gertrude Marvin Williams, *Madame Blavatsky: Priestess of the Occult* (*Senhora Blavatsky, Sacerdotisa do Oculto*), Nova Iorque, EUA, Lancer Books, 1946.
203. Blavatsky, “The Cycle Moveth”, *Cycles and Human Destiny*, p. 364.
204. Blavatsky, *The Voice of Silence*, pp. 1, 2-3, 23-24.
205. Blavatsky, *The Voice of Silence*, pp. 52-53.
206. William James, *The Varieties of Religious Experience*, Nova Iorque, EUA, Longmans Green, 1925, pp. 421-22; Bhikshu Sangarakshita (Dennis Lingwood), *A Survey of Buddhism (Um Estudo Sobre Budismo)*, terceira edição, Bangalore, Índia, Instituto Indiano de Cultura Mundial, 1966.
207. Bhikshu Sangarakshita (Dennis Lingwood), *Paradox and Poetry in The Voice of the Silence (Paradoxo e Poesia em A Voz do Silêncio)*, Bangalore, Índia, Instituto Indiano de Cultura Mundial, 1958.
208. *The Path*, novembro de 1905, p. 240.
209. G.R.S. Mead, “The Last Two Years” (Os Últimos Dois Anos), *Lucifer*, junho de 1891, pp. 295-96.
210. Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia.
211. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, pp. 228-233.
212. Blech, *Contributions à l’histoire de la Société Théosophique en France*, pp. 198-200.
213. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky XIII”, *The Path*, dezembro de 1895, pp. 267-70.
214. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky XIII”, *The Path*, dezembro de 1895, p. 269; William Q. Judge, “Habitations of H.P.B.”, *The Path*, julho de 1891, pp. 131-34.
215. Olcott, *Old Diary Leaves*, terceira edição revisada, vol. 4, p. 255.
216. *Lucifer*, julho de 1890, pp. 428-29; Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky XIII”, *The Path*, dezembro de 1895, pp. 269-70.
217. Blavatsky, “Letters of H.P. Blavatsky XIII”, *The Path*, dezembro de 1895, pp. 269-70.
218. Besant, *Annie Besant: An Autobiography*, pp. 362-63.
219. G.R.S. Mead, “The Last Two Years”, p. 298.
220. Nethercot, *The First Five Lives of Annie Besant*, pp. 336-37.

221. “Letter of H.P.B. to Annie Besant”, *The Theosophist*, 12 de fevereiro de 1932, pp. 511-15; Arquivos de Adyar, Sociedade Teosófica, Adyar, Chennai (Madras), Índia.
222. Zhelihovsky, “Yelena Petrovna Blavatskaya: Biografichesky ocherk, *Russkoye obozreniye*, volume 6 (dezembro de 1891), pp. 608-10.
223. C.E.M.Joad, “What Is the Soul?” (O Que é a Alma?), *The Aryan Path*, Bombaim, Índia, Theosophy Company Ltd., volume 8, número 5 (maio de 1937), pp. 201-3.
224. Blavatsky, *Transactions of the Blavatsky Lodge of the Theosophical Society (Atas da Loja Blavatsky da Sociedade Teosófica)*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1946 (edição original Los Angeles, Califórnia, EUA, Theosophy Company, 1923).
225. Robert Bowen, “The ‘Secret Doctrine’ and Its Study” (A ‘Doutrina Secreta’ e seu Estudo), *Theosophy in Ireland*, janeiro-março de 1932; última reimpressão em formato de livreto: *An Invitation to The Secret Doctrine*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1988.
226. G.R.S. Mead, “The Last Two Years”, pp. 295-99.
227. Resumo sobre os últimos dias de H.P.B. a partir das cartas da condessa Wachtmeister, *The Theosophist*, maio de 1929, p. 125.
228. Helena Petrovna Blavatsky, *Nightmare Tales*, Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing Society, 1892; reimpresso como: *The Tell-Tale Picture Gallery; Occult Stories*, Bombaim, Índia, International Bookhouse Ltd., sem data.
229. Blavatsky e William Q. Judge, *The Tell-Tale Picture Gallery*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.
230. Histórias de H.P.B. em *The Tell-Tale Picture Gallery*: “Karmic Visions”, “A Bewitched Life”, “Can the Double Murder?”, “An Unsolved Mystery”, “The Luminous Shield”, “The Cave of the Echoes”, “From the Polar Lands”, “The Ensouled Violin”.
231. Blavatsky, *Five Messages to American Theosophists*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, p. 32; H.P. Blavatsky to the American Conventions 1888-1891, p. 43.
232. Blavatsky, *Five Messages to American Theosophists*, p. 32; *H.P. Blavatsky to the American Conventions 1888-1891*, p. 43.

233. William Q. Judge, *Notes on the Bhagavad-Gitā (Notas Sobre a Bhagavad-Gitā)*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1956, p. 152.
234. Laura Cooper, “How She Left Us” (Como Ela nos Deixou), *Lucifer*, junho de 1891, p. 267.
235. Zhelihovsky, “Yelena Petrovna Blavatskaya: Biografichesky ocherk”.
236. *The Theosophist*, abril de 1893, p. 421.
237. “Saladin”, “How An Agnostic Saw Her”, *Agnostic Journal and Eclectic Review*, 16 de maio de 1891; reimpresso em *Lucifer*, junho de 1891, pp. 311-16.
238. Reimpresso em *Lucifer*, julho de 1891, pp. 388-89.
239. *London Borderland*, outubro de 1894.
240. Reimpresso em *H.P.B.: In Memory of Helena Petrovna Blavatsky, by Some of Her Pupils (H.P.B.: Em Memória de Helena Petrovna Blavatsky, Por Alguns de Seus Discípulos)*, edição de centenário da morte, Bombaim, Índia, The Theosophy Company (Índia) Private Ltd., 1991, anexo, p. 195. (Veja: *Em Memória de Helena P. Blavatsky, Por Alguns de Seus Estudantes*, Brasília: Editora Teosófica, 2021.)
241. W.B. Yeats, *The Collected Letters of W.B. Yeats*, volume 1: 1865-1895, pp. 116-21.
242. No seguinte artigo os mesmos eventos ou observações são às vezes repetidos, mas com palavras diferentes. Artigos de Edmund Russell sobre H.P.B.: “As I Knew Her” (Como Eu a Conheci) e “More Recollections of Madame Blavatsky” (Mais Lembranças da Senhora Blavatsky), *The Herald of the Star*, Londres, Inglaterra, 11 de maio de 1916, pp. 197-205, e 17 de janeiro de 1917; “Isis Unveiled: Personal Recollections of Madame Blavatsky” (Ísis Sem Véu: Lembranças Pessoais da Senhora Blavatsky), *The Occult Review*, Londres, Inglaterra, novembro de 1918, pp. 260-69, e junho de 1920, pp. 332-40.

Parte 7 – Os Cem Anos Posteriores

1. W. Q. Judge, “Yours Till Death and After, H.P.B.”, *Lucifer*, junho de 1891, pp. 291-92.

2. Robert Crosbie, *The Friendly Philosopher*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1945, pp. 151, 202.
3. Rick Fields, *How the Swans Came to the Lake: A Narrative History of Buddhism in America (Como os Cisnes Vieram para o Lago: Uma História Narrativa do Budismo na América)*, Boulder, Colorado, EUA, Shambhala, 1981, pp. 120-21.
4. Fields, *How the Swans Came to the Lake*, p. 120.
5. Jackson, *The Oriental Religions and American Thought: Nineteenth Century Explorations (As Religiões Orientais e o Pensamento Americano: Explorações no Século Dezenove)*, pp. 251-52.
6. George E. Wright, “Incidents of the Theosophical Congress” (Episódios do Congresso Teosófico), *The Path*, novembro de 1893, p. 242. O congresso foi realizado de 15 a 17 de setembro de 1893, e a transcrição estenográfica dos discursos foi impressa nas 195 páginas do *Report of the Proceedings of the Theosophical Congress (Relatório de Atas do Congresso Teosófico)*, publicado no mesmo ano pela sede da seção norte-americana da Sociedade Teosófica, na cidade de Nova Iorque.
7. Wright, “*Incidents of the Theosophical Congress*”, p. 245.
8. John Henry Barrows, *The World’s Parliament of Religions (O Parlamento Mundial das Religiões)*, dois volumes, Chicago, Illinois, EUA, Parliament Publishing, 1893, p. 183; Fields, *How the Swans Came to the Lake*, pp. 128-29.
9. Jackson, *The Oriental Religions and American Thought*, p. 251.
10. Citado em *The Lamp*, Canadá, dezembro de 1895; originalmente em *Alliance Forum*.
11. Impresso em caráter privado, Calgary, Canadá, 1908, p. 118; citado em *The Canadian Theosophist*, julho-agosto de 1975.
12. “*The Secret Doctrine in the Light of Twentieth Century Thought*” (*A Doutrina Secreta à Luz do Pensamento do Século Vinte*), *Sunrise*, abril-maio, 1989, pp. 150, 151.
13. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. I, pp. 611-12.
14. David Dietz, *The New Outline of Science (O Novo Perfil da Ciência)*, Nova Iorque, EUA, Dodd, Mead, 1972, pp. 259-63.
15. Robert Millikan, *The Autobiography of Robert A. Millikan*, Nova Iorque, EUA, Prentice-Hall, 1950, pp. 272, 271. Em 1909, o próprio Millikan cumpriu um importante papel ao determinar as cargas elétricas

exatas dos elétrons, e em 1923 recebeu o Prêmio Nobel de Física pela descoberta dos raios cósmicos.

16. *Science*, 8 de janeiro de 1937, p. 598.

17. *Theosophia*, volume 4, número 22, novembro-dezembro de 1947, p. 15.

18. Robert Millikan, *Time, Matter and Values (Tempo, Matéria e Valores)*, Chapel Hill, Carolina do Norte, EUA, University of North Carolina Press, 1932, p. 96.

19. Raymond F. Yates, *These Amazing Electrons (Esses Elétrons Incríveis)*, Nova Iorque, EUA, The Macmillan Company, 1937.

20. Dietz, *The New Outline of Science*, p. 277.

21. A. March e I.M.Freeman, *The New World of Physics (O Novo Mundo da Física)*, 1963; citado em *Sunrise*, novembro de 1975, p. 81.

22. Veja o prefácio: NF # 11. Robert Millikan pode ter sido um dos primeiros cientistas a apresentar *A Doutrina Secreta* para Einstein. De 1921 a 1945 ele foi o diretor do Laboratório Norman Bridges no Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena; ele era também o presidente do comitê executivo em Cal Tech.

Nos anos 30, Millikan ajudou a trazer Einstein para os Estados Unidos. Por três verões Einstein trabalhou em Cal Tech, antes de aceitar um posto em Princeton.

Millikan estava profundamente interessado em *A Doutrina Secreta*. Durante seu mandato em Cal Tech uma cópia do livro, na biblioteca da escola, era tão solicitada, que para alguém conseguir o seu empréstimo tinha que colocar o nome numa longa lista de espera. Parece provável que Millikan tenha sido um dos que despertaram o interesse de Einstein pela *Doutrina Secreta*.

Outra pessoa pode ter sido Gustav Stromberg, um astrofísico do Observatório Mount Wilson, em Los Angeles, que foi um bom amigo de Einstein e trabalhou com ele no observatório. Quando a obra de Stromberg *Soul of the Universe (Alma do Universo)* foi publicada, tinha na orelha uma recomendação de Einstein.

É interessante notar que, durante este período, Boris de Zirkoff, compilador de *H.P.Blavatsky Collected Writings*, visitava freqüentemente o observatório e fez amizade com os astrônomos de lá. Disse ele que todos estavam interessados em Teosofia, particularmente o dr. Hubbell. Stromberg visitou a Sociedade Teosófica em Point Loma, e, certa vez, fez

uma palestra lá; ele escreveu até mesmo a introdução para um livro sobre astronomia de dois teósofos de Point Loma. Stromberg afirma: “*Star Habits and Orbits (Hábitos e Órbitas das Estrelas)* é descrito como astronomia para estudantes de Teosofia. Isto inclui, consequentemente, dois temas diferentes; primeiro, a descrição dos fatos astronômicos fundamentais, e, segundo, uma interpretação destes fatos do ponto de vista dos ensinamentos teosóficos... O grande edifício da ciência moderna é incompleto sem a apresentação de um mundo não-físico, a partir do qual a energia, a organização e a mente temporariamente emergem e vão para dentro do mundo físico de espaço e tempo. Teorias físicas modernas mostram a insuficiência dos conceitos materialistas que até recentemente caracterizaram a ciência natural e apontam diretamente para um mundo que está em contato íntimo com a nossa própria consciência. Há muitos caminhos para o conhecimento e nenhum deles deve ser negligenciado. Sabendo, como sabemos agora, que a nossa mente, inclusive a nossa capacidade de pensar, tem suas raízes num mundo invisível mas não desconhecido, é concebível que possam existir homens e mulheres inspirados capazes de perceber algo dos mistérios fundamentais da vida e do Universo sem o uso de microscópios e telescópios.” (Charles J. Ryan e L. Gordon Plummer, *Star Habits and Orbits*, Covina, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1944, pp. V-VI.)

23. M. R. Crossland, editor, *The Science of Matter*, Nova Iorque, EUA, Penguin, 1971, p. 76.
24. Werner Heisenberg, *Science*, 19 de março de 1976, p. 1165.
25. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 97; veja também vol. 1, pp. 2, 55 e nota de rodapé da página 93.
26. S. Garrett Service, *The Einstein Theory of Relativity (A Teoria da Relatividade de Einstein)*, Nova Iorque, EUA, E. M. Radimann, 1928, p. 48.
27. Millikan, *The Autobiography of Robert A. Millikan*, p. 273.
28. Fred Hoyle, conferência publicada em *The Theosophist*, abril de 1982, p. 219.
29. *The New York Times*, 29 de maio de 1983, página de ciência.
30. Lewis Thomas, *The Medusa and the Snail*, pp. 156-57, selecionado de um extrato condensado em *Reader's Digest*, outubro de 1979, pp. 98-99.
31. *Fortune*, 24 de janeiro de 1983.

32. “Strange Stories, Amazing Facts” (Histórias Estranhas, Fatos Incríveis), *Reader’s Digest*; “Control Room: The Brain and Its Workings” (Sala de Controle: O Cérebro e Seu Trabalho), pp. 42-43.
33. Judge, *The Ocean of Theosophy*, p. 39.
34. Judge, *The Ocean of Theosophy*, p. 41.
35. Oliver Sacks, *The Man Who Mistook His Wife for a Hat (O Homem que Confundiu Sua Esposa Com Um Chapéu)*, Nova Iorque, EUA, Summit Books, 1985, pp. 64,66.
36. Harold Saxton Burr, *Blue-print for Immortality: The Eletric Patterns of Life (Um Projeto para a Imortalidade: Os Padrões Elétricos da Vida)*, 5ª impressão, Grã-Bretanha, C.W. Daniel Company, 1991.
37. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, pp. 274-75.
38. Thomas Huxley, *Some Essays on Controversial Subjects (Alguns Ensaaios sobre Assuntos Controversos)*, Nova Iorque, EUA, Appleton, 1892, pp. 27, 171, 178.
39. Alfred Russel Wallace, *Contributions to the Theory of Natural Selection (Contribuições para a Teoria da Seleção Natural)*, Nova Iorque, EUA, Macmillan, 1870, p. 360.
40. *Manas*, 16 de junho de 1982, p. 1.
41. Loren Eiseley, *The Immense Journey (A Viagem Imensa)*, Nova Iorque, EUA, Vintage, 1957, p. 94.
42. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 2, pp. 167, 241-45, 254-55.
43. Freeman Dyson, *Infinite in All Directions (Infinito em Todas Direções)*, Nova Iorque, EUA, Harper & Row, 1988.
44. *Theosophical Research Journal*, junho de 1986, p. 43; palestra proferida no Seminário de Ciência anual realizado na Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA, em 19 de outubro de 1985.
45. Charles Darwin, *The Life and Letters of Charles Darwin (A Vida e as Cartas de Charles Darwin)*, editado por Francis Darwin, Nova Iorque, EUA, Appleton, 1887, vol. 1, p. 282.
46. *The New York Times*, 10 de fevereiro de 1981, C2.
47. Stephen Hawking, *A Brief History of Time (Uma Breve História do Tempo)*, Nova Iorque, EUA, Bantam Books, 1988, pp. 5-6.
48. “Galactic Changes Startle Astronomers” (“Mudanças Galácticas Surpreendem Astrônomos”), *The New York Times*, 26 de fevereiro de 1990.

49. Judge, *The Ocean of Theosophy*, p. 22.
50. Entrevista de Barry Rohan, *Detroit Free Press*, 25 de outubro de 1983; citada em *The Eclectic Theosophist*, São Diego, Califórnia, EUA, maio-junho de 1984, p. 5.
51. Betty Jo Teeter Dobbs, *Alchemical Death and Resurrection: Alchemy in the Age of Newton (Morte Alquímica e Ressurreição: A Alquimia na Época de Newton)*, Washington D.C., EUA, Smithsonian Institution Press, 1990.
52. *Quantum Questions: Mystical Writings of the World's Great Physicists (Questões Quânticas: Escritos Místicos dos Grandes Físicos do Mundo)*, editado por Ken Wilber, Boston, Massachusetts, EUA, Shambhala, 1985, pp. 102-4, 108-09, 110-11, contracapa.
53. *The Universe and dr. Einstein (O Universo e o dr. Einstein)*, editado por Lincoln Barnett, Nova Iorque, EUA, New American Library, 1950, p. 105.
54. Albert Einstein, *The World As I See It*, Nova Iorque, EUA, Philosophical Library, 1949, p. 28 (*Como Vejo o Mundo*, publicado no Brasil pela ed. Nova Fronteira).
55. Millikan, *The Autobiography of Robert A. Millikan*, p. 287.
56. Walter Goodman, "Examining God's Dice with Quantum Mechanics" (Examinando os Dados de Deus com a Mecânica Quântica), *The New York Times*, 6 de junho de 1990, C20.
57. Roger Penrose, *The Emperor's New Mind (A Nova Mente do Imperador)*, Oxford, Inglaterra, University Press, 1989, p. VI.
58. Penrose, *The Emperor's New Mind*, capa, pp. VI, 226, 280, 298.
59. Penrose, *The Emperor's New Mind*, orelha, p. 402 e seguintes.
60. Blavatsky, "Kosmic Mind" (Mente Cósmica), *Lucifer*, abril de 1890, p. 89; Edison é citado no texto de Blavatsky "The Cicle Moveth" (O Ciclo Avança), *Lucifer*, março de 1890, p. 8; também em H.P.B. Pamphlet Series, Los Angeles, Califórnia, EUA, Theosophy Company; *Mind in Nature and in Man (A Mente na Natureza e no Homem)*, p. 5, e *Cycles and Human Destiny (Os Ciclos e o Destino Humano)*, p. 11.
61. Blavatsky, "Kosmic Mind"; *Mind in Nature and in Man*, p. 6.
62. Heinz Pagels, *Cosmic Code: Quantum Mechanics as the Language of Nature (Código Cósmico: A Mecânica Quântica como Linguagem da Natureza)*, Nova Iorque, EUA, Simon & Schuster, 1982, p. 340; veja também Penrose, *The Emperor's New Mind*, p. 421.

63. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 1, p. 246.
64. Peter Stenfels, “Beliefs”(Opiniões), *The New York Times*, 20 de janeiro de 1990.
65. Francis Merchant, *Æ: An Irish Prometheus*, Columbia, Carolina do Sul, EUA, Benedict College Press, 1954, capa.
66. Joseph M. Hone, *W.B. Yeats, 1865-1939*, Nova Iorque, EUA, Macmillan, 1943, p. 130.
67. Ernest Boyd, *Ireland's Literary Renaissance (Literatura Renascentista da Irlanda)*, Nova Iorque, EUA, Macmillan, 1937, pp. 213-15.
68. “Special Note” (Nota Especial), *The Path*, fevereiro de 1894, pp. 351-52.
69. *Canadian Theosophist*, agosto de 1935, pp. 172-73 [tomado de Ernest A. Boyd, *Appreciation and Depreciation (Apreciação e Depreciação)*, Dublin, Irlanda, 1917, Nova Iorque, EUA, 1918].
70. Blavatsky, carta escrita em Londres no final dos anos 1880, Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA.
71. William Butler Yeats, *Autobiography of William Butler Yeats*, editado por Denis Donoghue, Nova Iorque, EUA, Macmillan, orelha da contracapa.
72. William Butler Yeats, *Collected Letters*, Oxford, Inglaterra, Oxford University Press, 1986, vol.1, p.64 (carta datada de 7 de maio de 1889).
73. William Butler Yeats, *Letters to the New Island*, editado por Horace Reynolds, Cambridge, Massachusetts, EUA, Harvard University Press, 1934, pp. 83-84.
74. Citado em *W.B. Yeats and Occultism*, por Harbans Rai Bachchan, Nova Déli, Índia, Motilal Banarsidass, 1965, p. 223.
75. Richard Ellmann, *Yeats: The Man and the Mask*, Nova Iorque, EUA, Macmillan, 1948, pp. 66-67; William Butler Yeats, *Memoirs*, Nova Iorque, EUA, Macmillan, 1972, pp. 23-24.
76. Letters to W. B. Yeats, editado por R. J. Finneran e outros, Nova Iorque, EUA, Columbia University Press, 1977, p. 447.
77. William Butler Yeats, *Autobiography of William Butler Yeats*, Garden City, Nova Iorque, EUA, Doubleday Anchor, 1958, pp. 118, 119-20, 123, 197, 199.
78. As seguinte fontes de informação indicam uma influência direta de H.P.B. e da Teosofia sobre Yeats: Bachchan, *W. B. Yeats and Occultism*,

- muitas referências; Ellmann, *Yeats: The Man and the Mask*, pp. 68-69; Giorgio Melchiori, *The Whole Mystery of Art: Pattern into Poetry in the Work of W. B. Yeats*, Londres, Inglaterra, Routledge & Kegan Paul, 1960, pp. 19, 119, 123, 141-47, 161, 165-72, 193, 262-63; Peter Ure, *Yeats and Anglo-Irish Literature*, editado por C. J. Rawson, Liverpool, Inglaterra, Liverpool University Press, 1974, pp. 49, 64, 124; F. A. C. Wilson, *W. B. Yeats and Tradition*, Londres, Inglaterra, Victor Gollancz Ltd., 1958, pp. 55, 56, 143, 235; e F. A. C. Wilson, *Yeats Iconography*, Londres, Inglaterra, Victor Gollancz Ltd., 1960, pp. 145, 146, 170, 252.
79. Ellman, *Yeats: The Man and the Mask*, pp. 67, 68, 69.
80. William R. Linville, *Helena Petrovna Blavatsky, Theosophy and American Thought (Helena Petrovna Blavatsky, A Teosofia e o Pensamento Norte-americano)*, tese de doutorado, 1983, p. 147.
81. Yeats, *Memoirs*, p. 26.
82. Yeats, *Collected Letters*, vol. 1, p. 164.
83. Yeats, *Memoirs*, p. 25.
84. *Lady Gregory's Journals*, editado por Lennox Robinson, Nova Iorque, EUA, Macmillan, 1947, pp. 7, 261-63.
85. Raynor Johnson, *The Light and the Gate*, Londres, Inglaterra, Hodder & Stoughton, 1964, pp. 15, 40.
86. Henry Summerfield, *That Myriad-Minded Man*, Totowa, Nova Jersey, EUA, Rowman & Littlefield, p.16.
87. P. G. Bowen, "Æ and Theosophy", *Aryan Path*, dezembro de 1935, pp. 722-26.
88. Bowen, "Æ and Theosophy", pp. 722-26.
89. George Russell, carta para B. P. Wadia, 17 de outubro de 1922.
90. Claude Bragdon, *Merely Players*, Nova Iorque, EUA, Alfred A. Knopf, 1929, pp. 173-75.
91. James Pryse, "George William Russell, Poet of the Inner Life" (George William Russell, Poeta da Vida Interna), *The Canadian Theosophist*, agosto de 1935.
92. M. Gibbon, *The Masterpiece and the Man, Yeats As I Knew Him*, Londres, Inglaterra, Hart Davis, 1959, pp. 54-55.
93. Colin Wilson, *The Mysteries*, Nova Iorque, EUA, G. P. Putnam's Sons, 1978, p. 325.

94. Pryse, “George William Russell, Poet of the Inner Life”; Bowen, “Æ and Theosophy”, pp. 722-26.
95. Summerfield, *That Myriad-Minded Man*, p. 285.
96. Richard Ellmann, *James Joyce*, Nova Iorque, EUA, Oxford University Press, 1959, pp. 102-3.
97. “After Joyce, There’s No World Without Joyce”, *The New York Times*, 31 de janeiro de 1982, E9.
98. *Irish Statesman*, 21 de novembro de 1925; *The New York Times*, 27 de fevereiro de 1928.
99. Stuart Gilbert, *James Joyce’s Ulysses*, Nova Iorque, EUA, Alfred A. Knopf, 1952, prefácio.
100. Gilbert, *James Joyce’s Ulysses*, pp. 33-34, 36.
101. Eugene Jolas, *We Moderns*, 1920-1940 (*Nós, Modernos*). Neste catálogo de aniversário da Gotham Book Mart, na cidade de Nova Iorque, autores de renome comentam sobre outros escritores da época.
102. Leon Edel, *The Last Journey (A Última Viagem)*, Nova Iorque, EUA, Gotham Book Mart, 1947, p. 42.
103. James Joyce, *Portrait of the Artist as a Young Man (Retrato do Artista Quando Jovem)*, Nova Iorque, EUA, Viking, 1927.
104. James Jones, *From Here to Eternity (Daqui para a Eternidade)*, Nova Iorque, EUA, Charles Scribner’s Sons, pp. 647-48, 723.
105. Russell M. Goldfarb, *Journal of Popular Culture*, inverno de 1971.
106. William York Tindall, *D. H. Lawrence and Susan His Cow (D. H. Lawrence e sua Vaca Susan)*, Nova Iorque, EUA, Columbia University Press, 1939, pp. 133, 138, 141.
107. Tindall, *D. H. Lawrence and Susan His Cow*, pp. 142-43.
108. Tindall, *D. H. Lawrence and Susan His Cow*, pp. 141, 146, 147.
109. Tindall, *D. H. Lawrence and Susan His Cow*, p. 156.
110. Tindall, *D. H. Lawrence and Susan His Cow*, p. 143.
111. Goldfarb, *Journal of Popular Culture*, inverno de 1971.
112. T. S. Eliot, *The Waste Land*, Nova Iorque, EUA, Boni & Liveright, 1922.
113. Tom Gibbons, *Rooms in the Darwin Hotel*, pp. 134-135.
114. Thornton Wilder, *The Eighth Day (O Oitavo Dia)*, Nova Iorque, EUA, Harper & Row, 1967, pp. 218-19.

115. L. Frank Baum, editor de *Aberdeen Saturday Pioneer*, 18 de janeiro de 1890.
116. John Algeo, *The American Theosophist*, agosto-setembro de 1986, p. 273; “The Wizard of Oz: The Perilous Journey” (O Mago de Oz: a Jornada Arriscada), *The American Theosophist*, outono de 1986, p. 291-97.
117. Algeo, *The American Theosophist*, p. 270.
118. Roger Lipsey, *An Art of Our Own: The Spiritual in Modern Art*, Boston, Massachusetts, EUA, Shambhala, 1988, pp. 32-34.
119. Hilton Kramer, “Kandinsky”, *The New York Times*, 18 de dezembro de 1966.
120. Wassily Kandinsky, *Concerning the Spiritual in Art (Sobre a Espiritualidade na Arte)*, traduzido por M. T. H. Sadler, Nova Iorque, EUA, Dover, 1977, pp. 13-14.
121. Laxmi Sihare, *Oriental Influences on Wassily Kandinsky and Piet Mondrian 1909-1917 (Influências Orientais nas Obras de Wassily Kandinsky e Piet Mondrian 1909-1917)*, Universidade de Nova Iorque, tese de doutorado, 1967, pp. 5, 10, 17, 27, 36, 55, 73, 75, 77, 80-81, 87, 94-96, 100, 121, 122, 125, 131, 152-58, 173, 179-80, 184, 186, 225, 251-54.
122. Sihare, *Oriental Influences on Wassily Kandinsky and Piet Mondrian 1909-1917*.
123. Sihare, *Oriental Influences on Wassily Kandinsky and Piet Mondrian 1909-1917*, p. 80; Wassily Kandinsky, *Rückblicke*, (autobiografia, 1901-1913), pp. 25-26.
124. Sixten Ringbom, *The Sounding Cosmos: A Study of the Spiritualism of Kandinsky and the Genesis of Abstract Painting (O Som do Cosmo: Um Estudo Sobre a Espiritualidade de Kandinsky e a Origem da Pintura Abstrata)*, Abo, Finlândia, Abo Academi, 1970, pp. 61-105.
125. Frank Elgar, *Mondrian*, Nova Iorque, EUA, Praeger, 1968, pp. 88-89.
126. Sihare, *Oriental Influences on Wassily Kandinsky and Piet Mondrian 1909-1917*, p. 8.
127. Édouard Schuré, *The Great Initiates (Os Grandes Iniciados)*, traduzido por Gloria Rasberry, West Nyack, Nova Iorque, EUA, St. George Books, 1961, p. 17.

128. Carel Blotkamp, *The Spiritual in Art: Abstract Painting 1890-1985 (O Espiritual na Arte: Pintura Abstrata 1890-1985)*, Los Angeles, Califórnia, EUA, Museu de Arte do Município de Los Angeles (catálogo de exposição), p. 103.
129. Fred Gettings, *The Occult in Art*, Nova Iorque, EUA, Rizzoli, 1978, p. 127.
130. Robert Knotts, em Kathleen J. Regier, compiladora, *The Spiritual Image in Modern Art (A Imagem Espiritual na Arte Moderna)*, Wheaton, Illinois, EUA, Theosophical Publishing House, 1987, p. 135.
131. Thomas Buser, “Gauguin’s Religion” (A Religião de Gauguin), *Art Journal*, verão de 1968.
132. Paul Gauguin, *Modern Thought and Catholicism (Pensamento Moderno e Catolicismo)*, traduzido por Frank Lester Pleadwell, impressão de caráter privado, 1927; o manuscrito original e a tradução estão nos arquivos do Museu de Arte St. Louis, St. Louis, Missouri, EUA.
133. Lipsey, *An Art of Our Own: The Spiritual in Modern Art*, pp. 2-3.
134. John Dillenger, *Los Angeles Times*, 22 de fevereiro de 1987.
135. Blotkamp, *The Spiritual in Art: Abstract Painting 1890-1985*.
136. Richard Specht, *Gustav Mahler*, Berlim, Alemanha, Schuster & Löffler, 1913, p. 39.
137. Notas de programação, gravação da *Terceira Sinfonia de Mahler*, London Records (CSA 2223), maestro George Solti.
138. Joseph Head e Sylvia Cranston, *Reincarnation: An East-West Anthology (Reencarnação: Uma Antologia Oriental-Occidental)*, Wheaton, Illinois, EUA, Theosophical Publishing House, 1967, p. 195.
139. Faubion Bowers, *The New Scriabin (O Novo Scriabin)*, Nova Iorque, EUA, St. Martin’s Press, 1973, p. IX-X.
140. Gerald Abraham e Michel D. Calvocoressi, *Masters of Russian Music (Mestres da Música Russa)*, Nova Iorque, EUA, Alfred A. Knopf, 1936, p. 478.
141. Faubion Bowers, *Scriabin: A Biography of the Russian Composer 1871-1915 (Scriabin: Uma Biografia do Compositor Russo 1871-1915)*, Tóquio, Japão, e Palo Alto, Califórnia, EUA, Kodansha International Letters, 1969, vol. 1, p. 87, vol. 2, pp. 52, 117, 258.
142. Abraham e Calvocoressi, *Masters of Russian Music*, p. 475.
143. Bowers, *Scriabin*, vol. 1, p. 319.

144. Bowers, *The New Scriabin*, p. 53.
145. Muriel Daw, “Christmas Humphreys, Theosophist and Buddhist” (Christmas Humphreys: Teósofo e Budista), *The Theosophist*, novembro de 1984, p. 72.
146. “Christmas Humphreys”, *The Canadian Theosophist*, maio-junho de 1983, p. 39.
147. Daw, “Christmas Humphreys, Theosophist and Buddhist”, p. 76.
148. Christmas Humphreys, “Fifty Years” (Cinquenta Anos), *The Middle Way*, agosto de 1969, pp. 62-63.
149. Daw, “Christmas Humphreys, Theosophist and Buddhist”, p. 69.
150. Christmas Humphreys, “A Brief History of the Buddhist Society” (Uma Breve História da Sociedade Budista), *The Middle Way*, novembro de 1974, p. 9.
151. Mircea Eliade, *No Souvenirs: Journal 1957-1969*, traduzido por Fred Johnson, Jr., Nova Iorque, EUA, Harper & Row, 1977, p. 208.
152. Christmas Humphreys, *Exploring Buddhism*, Wheaton, Illinois, EUA, Theosophical Publishing House, 1974, p. 131.
153. Christmas Humphreys, *Karma and Rebirth (Karma e Renascimento)*, Londres, Inglaterra, John Murray, 1959, p. 10.
154. Daw, “Christmas Humphreys, Theosophist and Buddhist”, p. 71.
155. Alan Watts, *In My Own Way*, Nova Iorque, EUA, Pantheon Books, 1972, p. 77.
156. Sri Krishna Prem, *Man the Measure of All Things (O Homem, Medida de Todas as Coisas)*, Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing House, 1966.
157. Christmas Humphreys, “Helena Petrovna Blavatsky”, em Colin Wilson, editor, *Dark Dimensions*, Nova Iorque, EUA, Everest House, 1977, pp. 71-73.
158. *Unity*, maio-junho de 1987, p. 32.
159. George Gallup, Jr., *Adventures in Immortality (Aventuras na Imortalidade)*, Nova Iorque, EUA, McGraw-Hill, 1982, pp. 192-93.
160. Gina Cerminara, *Many Mansions (Muitas Mansões)*, Nova Iorque, EUA, William Sloane, 1950, p. 23.
161. Thomas Sugrue, *There Is a River (Há Um Rio)*, Nova Iorque, EUA, Henry Holt, 1942, pp. 234-35.

162. Thomas Sugrue, *There Is a River*, Nova Iorque, EUA, Dell, 1961, pp. 220-21.
163. Cerminara, *Many Mansions*, pp. 44-45.
164. Gina Cerminara, *The American Theosophist*, fevereiro de 1977, p. 37.
165. Ian Stevenson, "Some Questions Related to Cases of the Reincarnation Type" (Algumas Questões Relacionadas a Casos de Reencarnação), *Journal of the American Society for Psychical Research*, outubro de 1974.
166. Bhagavan Das, *The Science of Peace (A Ciência da Paz)*, Adyar, Madras, Índia, Theosophical Publishing House.
167. Ian Stevenson, University Press of Virginia, Charlottesville, Virgínia, EUA.
168. Shirley MacLaine, *Out on a Limb*, Nova Iorque, EUA, Bantam, 1983, pp. 316-7.
169. Charles A. Silva, *Date with the Gods (Encontro com os Deuses)*, Huntington, Nova Iorque, EUA, Coleman Graphics.
170. Silva, *Date with the Gods*, pp. 401-2.
171. "Myrna" é Margaret Geiger, uma professora e artista que foi uma teósofa devotada durante toda sua vida.
172. Shirley MacLaine, entrevistada por Roderick Townley da *TV Guide*.
173. Albert Goldman, *Elvis*, Nova Iorque, EUA, McGraw-Hill, 1991, p. 364.
174. Goldman, *Elvis*, p. 366.
175. Jess Stearn, *Elvis: His Spiritual Journey (Elvis: Sua Jornada Espiritual)*, Norfolk, Virgínia, EUA, Donning Company, 1982, p. 6.
176. Priscilla Beaulieu Presley e Sandra Harmon, *Elvis and Me (Elvis e Eu)*, Nova Iorque, EUA, G. P. Putnam's Sons, 1985, pp. 204-5.
177. Goldman, *Elvis*, p. 365.
178. Geddes MacGregor, "An Interview with Geddes MacGregor" (Uma Entrevista com Geddes MacGregor), *The American Theosophist*, agosto de 1978, p.199.
179. Geddes MacGregor, *Reincarnation in Christianity (A Reencarnação no Cristianismo)*, Wheaton, Illinois, EUA, Theosophical Publishing House, 1978: *Reincarnation as a Christian Hope (Reencarnação Como Uma Esperança Cristã)*.
180. Geddes MacGregor, "Christianity and the Ancient Wisdom" (O Cristianismo e A Sabedoria Antiga), *The American Theosophist*,

- dezembro de 1982, pp. 420, 422.
181. MacGregor, *Reincarnation in Christianity*.
 182. Geddes MacGregor, *The Christening of Karma (A Cristianização do Karma)*, Wheaton, Illinois, EUA, Theosophical Publishing House, 1984.
 183. MacGregor, "An Interview with Geddes MacGregor" (Uma Entrevista com Geddes MacGregor), pp. 199-204.
 184. Citado em "The Author of *The Golden Bough*" (O Autor de *O Ramo de Ouro*), palestra dada pelo reverendo Victor White em programa de rádio da BBC, e publicada em *The Listener*, 21 de janeiro de 1954, p. 137.
 185. Joseph Campbell, *The Hero with a Thousand Faces* (Bollingen Series 17), Nova Iorque, EUA, Pantheon Books, 1953, pp. 3-4. (*O Herói de Mil Faces*, publicado no Brasil por Cultrix/Pensamento).
 186. Robin e Stephen Larsen, *A Fire in the Mind: The Life of Joseph Campbell (Um Fogo na Mente: A Vida de Joseph Campbell)*, Nova Iorque, EUA, Doubleday, 1991, pp. 41, 67, 70, 104, 387.
 187. Joseph Campbell, *The Power of Myth*, Nova Iorque, EUA, Doubleday, 1988, p. 58 (*O Poder do Mito*, publicado no Brasil pela Associação Palas Atena).
 188. *The Collected Works of C. G. Jung*, traduzido por R. C. Hull, Nova Iorque, EUA, Pantheon Books, 1959, volume 9, parte 1, pp. 3-4.
 189. C. G. Jung, *Memories, Dreams, and Reflections*, pp. 380, 529.
 190. C. G. Jung, *Psychology and Religion (Psicologia e Religião)*, Nova Iorque, EUA, Pantheon Books, 1958.
 191. Eliade, *No Souvenirs*, p. 219.
 192. Ernest Jones, *Sigmund Freud: Life and Work (Sigmund Freud: Vida e Obra)*, Nova Iorque, EUA, Basic Books, 1957.
 193. H. P. Blavatsky, *Transactions of the Blavatsky Lodge (Atas da Loja Blavatsky)*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1923, anexo sobre sonhos, p. 78.
 194. Kurt Vonnegut, Jr., *McCall's*, março de 1970.
 195. Blavatsky, "Practical Occultism", *Lucifer*, abril de 1888, p. 151. Veja em *Spiritual Evolution* (H.P.B. Pamphlet Series), Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, p. 5.
 196. David Spangler, *Emergence: The Rebirth of the Sacred (Emergência: O Renascimento do Sagrado)*, Nova Iorque, EUA, Dell, 1984, pp. 78-81.
 197. Spangler, *Emergence: The Rebirth of the Sacred*, p. 24.

198. Spangler, *Emergence: The Rebirth of the Sacred*, p. 18.
199. Gravação da palestra proferida na Maryflower Bookshop, Ferndale, Michigan, EUA, 15 de outubro de 1977.
200. Rudolf Steiner, *Rudolf Steiner: An Autobiography (Rudolf Steiner: Uma Autobiografia)*, Nova Iorque, EUA, Rudolf Steiner Publications, 1977, pp. 345-48.
201. Colin Wilson, *Rudolf Steiner: The Man and His Vision (Rudolf Steiner: O Homem e Sua Visão)*, Wellingborough, Inglaterra, The Aquarian Press, 1983, p. 57.
202. H. J. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on Helena Petrovna Blavatsky”, parte 1, e “dr. Rudolf Steiner on the Mahatmas”, partes 1 e 2, *Theosophical History*, julho de 1986, pp. 159-74, outubro de 1986, pp. 211-23, e janeiro de 1987, pp. 23-31.
203. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on Helena Petrovna Blavatsky”, p. 170.
204. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on the Mahatmas”, parte 1, pp. 212-13.
205. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on the Mahatmas”, parte 1, p. 214.
206. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on the Mahatmas”, parte 2, p. 25.
207. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on the Mahatmas”, parte 1, p. 219.
208. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on the Mahatmas”, parte 1, pp. 219-20.
209. Spierenburg, “dr. Rudolf Steiner on the Mahatmas”, parte 2, p. 25.
210. Jean-Louis Siémons, *A nineteenth century scheme for the interpretation of near-death experiences: the transpersonal model of death as present in Madame Blavatsky's Theosophy (Um esquema do século dezenove para interpretação de experiências próximas da morte: o modelo transpessoal de morte na Teosofia da senhora Blavatsky)*, Paris, França, Institut National Agronomique, p. 7.
211. Blavatsky, *A Chave Para a Teosofia*, p. 146.
212. Siémons, *A nineteenth century scheme for the interpretation of near-death experiences*, p. 15; R. Noyes e R. Kletti, “Panoramic Memory: A Response of the Threat of Death” (Memória Panorâmica: A Resposta à Ameaça de Morte).
213. Siémons, *A nineteenth century scheme for the interpretation of near-death experiences*, p. 15; Albert Heim, “Notizen über den Tod Durch

Absturz”.

214. Carol Zaleski, *Otherworld Journeys (Viagens de Outro Mundo)*, Nova Iorque, EUA, Oxford University Press, 1987, p. 128; Albert Heim, carta para Oskar Pfister.
215. Kenneth Ring, *Life at Death (Vida na Morte)*, Nova Iorque, EUA, Coward, McCann e Geoghegan, 1980, p. 73.
216. Raymond A. Moody, Jr., *Life After Life (Vida Após Vida)*, Nova Iorque, EUA, Bantam, 1976.
217. Zaleski, *Otherworld Journeys*, p. 128.
218. Ring, *Life at Death*, p. 73.
219. Siémons, *A nineteenth century scheme for the interpretation of near-death experiences*, p. 13.
220. Ring, *Life at Death*, p. 240.
221. Ring, *Life at Death*, p. 240.
222. Blavatsky, *The Voice of the Silence*, p. 63.
223. Sylvia Cranston e Carey Williams, *Reincarnation: A New Horizon in Science, Religion and Society*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1993, pp. 140-41.
224. Kenneth Ring, *Heading Toward Omega (Em Direção à Ômega)*, Nova Iorque, EUA, William Morrow, 1984, p. 226.
225. Ring, *Heading Toward Omega*, pp. 254-55.
226. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 2, pp. 444-46.
227. *The Theosophist*, agosto de 1990.
228. Jacqueline Decter, *Nicholas Roerich: The Life and Art of a Russian Master (Nicholas Roerich: A Vida e a Arte de um Mestre Russo)*, Rochester, Vermont, EUA, Inner Traditions International, 1989, pp. 134-135.
229. Jacqueline Decter, *Nicholas Roerich: The Life and Art of a Russian Master*, Rochester, Vermont, EUA, Park Street Press, 1989, p. 134.
230. Boris de Zirkoff, “Nicholas Roerich: A Centenary” (Nicholas Roerich: Um Centenário), *Theosophia*, outono de 1974, p. 8.
231. *The Theosophist*, outubro de 1979, p. 51.
232. Conversa telefônica, 9 de março de 1981.
233. *Theosophia*, outono de 1974, pp. 9-10.
234. Arquivos de Zirkoff, Sociedade Teosófica, Wheaton, Illinois, EUA, pp. 50-54.

235. William Kingsland, *The Real H.P. Blavatsky*, Londres, Inglaterra, John M. Watkins, 1928, p. V; Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing House, 1985.

*¹ Metempsicose: transmigração da alma de um corpo para outro em vidas sucessivas. (Nota Ed. Bras.)

*² Terra-de-verão: uma espécie de “céu” localizado no plano astral, onde o indivíduo desencarnado rodeia-se de coisas agradáveis criadas por sua própria inspiração. (Nota Ed. Bras.)

*³ Em 1997 Vernon Harrison, *PhD*, publicou o resultado de suas pesquisas. Esta obra foi publicada no Brasil, em 2015, pela Editora Teosófica, *H.P. Blavatsky e a Sociedade para Pesquisas Psíquicas — Retratação a Blavatsky sobre as Cartas dos Mahatmas*.

*⁴ Carta de Mary Linne para Anita Atkins, 28 de junho de 1981.

Bibliografia

- Arundale, Francesca, *My Guest: H.P. Blavatsky*, prefácio de C. Jinarajadasa, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1932.
- Barborka, Geoffrey A., *H.P. Blavatsky, the Light-Bringer*, Conferência Blavatsky, 1970, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing House, Ltd., 1970.
- Barborka, Geoffrey A., *H.P. Blavatsky, Tibete e Tulku*, Brasília, Editora Teosófica, 2021.
- Barborka, Geoffrey A., *The Mahatmas and Their Letters*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1973.
- Besant, Annie, *Annie Besant: An Autobiography*, Londres, Inglaterra, T. Fisher Unwin, 1893; terceira edição, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1939. (Autobiografia de Annie Besant, Brasília: Editora Teosófica, 2018).
- Besant, Annie, *H.P. Blavatsky and the Masters of Wisdom*, publicado como uma transcrição da Loja H.P.B., Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing Society, 1907.
- Besant, Annie, *The Theosophical Society and H.P.B.*, três artigos de Annie Besant e H.T. Patterson, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing Society, 1891.
- Besterman, Theodore, *Mrs. Annie Besant: A Modern Prophet*, Londres, Inglaterra, Kegan Paul, Trench, Trubner & Company, Ltd., 1934.
- Blavatsky, H.P., *Five Messages from H.P. Blavatsky to the American Theosophists*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1922.
- Blavatsky, H.P. (Radda-Bai), *From the Caves and Jungles of India, Enigmatical Tribes in the "Light Blue Mountains", Durbar at Lahore*, com um resumo biográfico feito por Vera Zhelihovskaya, São Petersburgo, 1893, tradução para o inglês nos arquivos de Sylvia, Cranston, Nova Iorque, EUA.

- Blavatsky, H.P., *Gems from the East*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1983.
- Blavatsky, H.P., *H.P.B. Speaks*, 2 volumes, editados por C. Jinarajadasa, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1951.
- Blavatsky, H.P. *Blavatsky to the American Conventions 1888-1891*, “Historical Perspective” por Kirby Van Mater, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1979.
- Blavatsky, H.P., *H.P. Blavatsky Collected Writings*, 14 volumes numerados e um índice detalhado compilados por Boris de Zirkoff, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1950-91.
- Blavatsky, H.P., *H.P. Blavatsky Quotation Book*, Bombaim, Índia, Theosophy Company, 1973.
- Blavatsky, H.P., *An Invitation to the Secret Doctrine*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1988.
- Blavatsky, H.P., *Isis Unveiled*, 2 volumes, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, reimpressão de 1975; Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Illinois, EUA, 1972; Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, reimpressão de 1988.
- Blavatsky H.P., *The Key to Theosophy*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, reimpressão de 1973; Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, Londres, Inglaterra, 1968; Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, reimpressão de 1987. (A Chave para a Teosofia, Brasília: Editora Teosófica, 2020).
- Blavatsky H.P., *The Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett*, compiladas por A.T. Barker, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1973. (As Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett, 2 volumes, Brasília: Editora Teosófica, 2021).
- Blavatsky H.P., *A Modern Panarion: A Collection of Fugitive Fragments*, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing Society, 1895.
- Blavatsky, H.P., *Nightmare Tales*, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing Society, 1892; reimpresso pela Theosophy Company, Bombaim, Índia.
- Blavatsky H.P., *The Secret Doctrine*, 2 volumes, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, reimpressão de 1974; Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1978; Pasadena, Califórnia,

- EUA, Theosophical University Press, reimpressão de 1988. (*A Doutrina Secreta*, São Paulo, Editora Pensamento).
- Blavatsky, H.P., *Some Unpublished Letters of Helena Petrovna Blavatsky*, editado por Eugene Rollin Corson, Londres, Inglaterra, Rider & Company, 1929
- Blavatsky, H.P., *Studies in Occultism*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1987.
- Blavatsky, H.P., *The Theosophical Glossary*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, reimpressão de 1973. (Glossário Teosófico, São Paulo, Editora Ground, 7ª ed.).
- Blavatsky, H.P., *Transactions of the Blavatsky Lodge*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1923; Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1946. (*Comentários sobre a Doutrina Secreta*, Brasília: Editora Teosófica, 2020).
- Blavatsky, H.P., *The Voice of the Silence*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1928; Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, muitas edições; Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, reimpressão de 1976. (*A Voz do Silêncio*, tradução de Annie Besant, Brasília: Editora Teosófica, 2020).
- Blavatsky, H.P., e Judge, William Q., *The Tell-Tale Picture Gallery*, Bombaim, Índia, International Book House.
- Blech, Charles, *Contribution à l'histoire de la Société Théosophique en France*, Paris, França, Éditions Adyar, 1933.
- Bragdon, Claude, *Episodes from an Unwritten History*, Rochester, Nova Iorque, EUA, The Manas Press, 1910, segunda edição aumentada, Rochester, Nova Iorque, EUA, The Manas Press, 1910.
- Brown, W.T., *My Life*, Freiburg, Alemanha, D. Lauber, 1885.
- Brown, W.T., *Some Experiences in India*, Londres, Inglaterra, impresso com a autorização da Loja de Londres da S.T., 1884.
- Butt, G. Baseden, *Madame Blavatsky*, Londres, Inglaterra, Rider & Company, 1925; Filadélfia, Pensilvânia, EUA, David McKay, 1926.
- Caithness, Marie Sinclair, Condessa de (também Duquesa de) Pomar, *The Mystery of the Ages Contained in the Secret Doctrine of All Religions*, Londres, Inglaterra, C.L.H. Wallace, 1887.
- Caldwell, Daniel H., *The Occult World of Madame Blavatsky: Reminiscences and Impressions by Those Who Knew Her*, Tucson,

- Arizona, EUA, Impossible Dream Publications, P.O.Box 1844, 1991.
- Carlson, Maria, *There Is No Religion Higher Than Truth: The Russian Theosophical Movement, 1875-1923*, Princeton, Nova Jersey, EUA, Princeton University Press, 30 de dezembro de 1992.
- Carrithers, Walter A., Jr., “Madame Blavatsky: One of the World’s Great Jokers” (crítica do livro de John Symonds *Madame Blavatsky, Medium and Magician*), *Journal of the American Society for Psychical Research*, volume 56, número 3 (julho de 1962).
- Carrithers, Walter A., Jr., “Richard Hodgson (1855-1905)”, em Sven Eek, editor, *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement* (Veja Eek).
- Carrithers, Walter A., Jr., *The Truth About Madame Blavatsky; An Open Letter to the Author of “Priestess of the Occult” Regarding the Charges Against H. P. Blavatsky*, Covina, Califórnia, EUA, The Theosophical University Press, 1947.
- Cerminara, Gina, *Many Lives, Many Loves*, Nova Iorque, EUA, William Sloane Associates, 1963.
- Cleather, Alice Leighton, *H.P. Blavatsky: A Great Betrayal*, Calcutá, Índia, Tracker, Spink & Company, 1922.
- Cleather, Alice Leighton, *H.P. Blavatsky: Her Life and Work for Humanity*, Calcutá, Índia, Tracker, Spink & Company, 1922.
- Cleather, Alice Leighton, *H.P. Blavatsky As I Knew Her*, com um adendo de Basil Crump, Calcutá, Índia, Tracker, Spink & Company, 1923.
- Cleather, Alice Leighton, e Crump, Basil, *Buddhism, the Science of Life*, duas monografias de Alice Leighton Cleather; também “Tibetan Initiates on the Buddha”, com explicações e comentários de Basil Crump, segunda edição, revisada e aumentada, Pequim, China, China Book-sellers, Ltd., 1928.
- Coleman, William E., “The Sources of Madame Blavatsky’s Writings”, Apêndice C no livro de V. S. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis*, traduzido por Walter Leaf, Londres, Inglaterra, Longmans Green & Company, 1895.
- Conger, Margaret, *Combined Chronology for Use with the Mahatma and Blavatsky Letters*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press.

- Conze, Edward, *Buddhism: Its Essence and Development*, Nova Iorque, EUA, Harper & Brothers, 1959.
- Cook, Mabel (Collins), *The Idyll of the White Lotus*, Londres, Inglaterra, Reeves and Turner, 1884. (*O Idílio do Lótus Branco*, Brasília: Editora Teosófica, 2018.)
- Cook, Mabel (Collins), *Light on the Path: A Treatise Written for the Personal Use of Those Who are Ignorant of Eastern Wisdom, and who Desire to Enter Within its Influence*, escrito por M. C., um membro da Sociedade Teosófica, Londres, Inglaterra, Reeves and Turner, 1885; nova edição com notas da autora, Londres, Inglaterra, George Redway, 1888; com muitas edições e reimpressões. (*Luz no Caminho*, Brasília: Editora Teosófica, 2021.)
- Coulomb, Emma, *Some Account of My Intercourse with Madame Blavatsky from 1872 to 1884; with Additional Letters and a Full Explanation of the Most Marvellous Theosophical Phenomena*, Madras, Índia, Higginbotham & Company, 1884; Londres, Inglaterra, publicado pelos proprietários da “Madras Christian College Magazine” por Elliot Stock, 1885.
- Cox, H. R. W., *Who Wrote the March-Hare Attack on the Mahatma Letters?*, Victoria, Canadá, The “H. P. B.” Library, 1936.
- Cranston, Sylvia e Head, Joseph, *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery*, San Diego, Califórnia, EUA, Point Loma Publications, 1994.
- Cranston, Sylvia, e Williams, Carey, *Reincarnation: A New Horizon in Science, Religion and Society*, Nova Iorque, EUA, Julian Press, 1993.
- Crawford, F. Marion, Mr. Isaacs: *A Tale of Modern India*, Londres, Inglaterra, Macmillan, 1882.
- Crosbie, Robert, *Answers to Questions on The Ocean of Theosophy*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1974.
- Crosbie, Robert, *The Friendly Philosopher*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1923.
- Dharmapala, Anagarika, *Return to Righteousness: A Collection of Speeches, Essays and Letters of the Anagarika Dharmapala*, editado por Ananda Guruge, Ceilão, publicado pelo Comitê do Centenário do Nascimento de Anagarika Dharmapala, Ministério da Educação e Atividades Culturais, Ceilão, impresso na Gráfica do Governo, 1965.

- Eek, Sven, e Zirkoff, Boris de, *William Quan Judge: 1851-1896, The Life of a Theosophical Pioneer and Some of His Outstanding Articles*, Wheaton, Illinois, EUA., The Theosophical Publishing House, 1969.
- Eglinton, John, *A Memoir of Æ*, Londres, Inglaterra, Macmillan, 1937.
- Ellmann, Richard, *Yeats: The Man and the Mask*, Nova Iorque, EUA., Macmillan, 1948; Nova Iorque, EUA., W.W. Norton, 1978.
- Ellwood, Robert S., Jr., *Alternative Altars: Unconventional and Eastern Spirituality in America*, Chicago, Illinois, EUA., University of Chicago Press, 1979 (“Colonel Olcott and Madame Blavatsky: Journey to the East”).
- Endersby, Victor A., *The Hall of Magic Mirrors, A Portrait of Madame Blavatsky*, Nova Iorque, EUA, Carlton Press (A Hearthstone Book), 1969.
- Fadeyev, Andrey Mihaylovich de, *Vospominaniya, 1790-1867 (Reminiscences, 1790-1867)*, Odessa, Ucrânia, South Russian Society for Printing, 1897.
- Fadeyev, Nadyezhda, “Helena Pavlovna Fadeyev”, *Russkaya Starina* (Russian Days of Yore), dezembro de 1886, tradução para o inglês nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
- Fields, Rick, *How the Swans Came to the Lake*, Boston, Massachusetts, EUA, Shambhala, 1981.
- Fuller, Jean Overton, *Blavatsky and Her Teachers, An Investigative Biography*, Londres, Inglaterra, East-West Publications, 1988.
- Gandhi, Mohandas K., *An Autobiography: The Story of My Experiments with Truth*, traduzido por Mahadev Desai, várias edições, reimpressão, Boston, Massachusetts, EUA, Beacon Press, 1957.
- Gomes, Michael, *The Dawning of the Theosophical Movement*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1987.
- Gribble, J.D.B., *A Report of an Examination into the Blavatsky Correspondence Published in the Christian College Magazine*, Madras, Índia, Higginbothan Company, 1884.
- Guenon, René, *Le théosophisme: Histoire d'une pseudo-religion*, Paris, França, Nouvelle Librairie Nationale, 1921; segunda edição com notas adicionais, Paris, França, Didier et Richard, 1930.
- Hanson, Virginia, *Masters and Men: The Human Story in the Mahatma Letters* (prefácio de Joy Mills), Adyar, Madras, Índia, The Theosophical

- Publishing House, 1980.
- Harrison, Vernon, “J'Accuse: An Examination of the Hodgson Report of 1885”, *Journal of the Society for Psychical Research*, Londres, Inglaterra, abril de 1986. (Veja: *H.P. Blavatsky e a Sociedade para Pesquisas Psíquicas*, Brasília: Editora Teosófica, 2015.)
- Hartmann, Franz, *Report of Observations Made During a Nine Months' Stay at the Headquarters of the Theosophical Society at Adyar* (Madras), Madras, Índia, impresso no Scottish Press por Graves, Cookson and Company, segunda edição, 1884.
- Hartmann, Franz, *The Talking Image of URUR*, Nova Iorque, EUA, J.W.Lovell, 1890.
- Hastings, Beatrice, *Defence of Madame Blavatsky*, volume 1: 1. Madame Blavatsky and the Mahatma Letters; 2. A Note on the “Kiddle Incident”; 3. The Mahatma Letters and Messrs. Hare; 4. Mahatma K.H. and A.P. Sinnett; Worthing, Inglaterra, The Hastings Press, 1937; volume 2: análise de “Coulomb Pamphlet”, Worthing, Inglaterra, publicado por Beatrice Hastings, 1937.
- Hastings, Beatrice, *New Universe “Try”*, texto devotado à defesa da senhora Blavatsky, Worthing, Inglaterra, julho de 1937 — julho de 1938 (publicação independente, 6 números, julho de 1937 — janeiro de 1939).
- Hastings, Beatrice, “*Solovyoff's Fraud: Being a Critical Analysis of the Book 'A Modern Priestess of Isis' traduzido do texto russo de Vsevolod S. Solovyoff por Walter Leaf*”, *The Canadian Theosophist*, 1943; reimpresso pela Loja Edmonton da Sociedade Teosófica no Canadá, 1988.
- Hodgson, Richard, “The Defence of the Theosophists”, *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 1894, Londres, Inglaterra, Kegan Paul, Trench, Trubner and Company, Ltd., 1894.
- Hodgson, Richard, Society for Psychical Research “Report of The Committee Appointed to Investigate Phenomena Connected with the Theosophical Society”, Londres, Inglaterra, *Proceedings of the Society for Psychical Research*, volume 3 (1885).
- Holloway, Laura, e Chatterji, Mohini, *Man: Fragments of Forgotten History*, por dois *Chelas* da Sociedade Teosófica, Londres, Inglaterra, Reeves and Turner, 1885.

- H.P.B.: In Memory of Helena Petrovna Blavatsky, by Some of Her Pupils*, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing Society, 1891; edição de centenário, Londres, The Blavatsky Association, 1931; Bombaim, Índia, The Theosophy Company (Índia) Private Ltd., edição de centenário da morte, 1991. (*Helena P. Blavatsky, Por Alguns de Seus Estudantes*, Brasília: Editora Teosófica, 2022.)
- Hume, A.O., *Hints on Esoteric Theosophy, No. 1: Is Theosophy a Delusion? Do the Brothers Exist?* Editado com autorização da Sociedade Teosófica, Calcutá, Índia, impresso pela Calcutta Central Press Company Ltd., abril de 1882.
- Humphreys, Christmas, *Exploring Buddhism*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House (a Quest book), 1974. Veja capítulos intitulados “Buddhism and the Esoteric Tradition” e “The Two Concentric Circles of Buddhism in Tibet”.
- Humphreys, Christmas, *The Field of Theosophy: The Teacher, The Teaching and The Way*, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing House, 1966.
- Humphreys, Christmas, “Helena Petrovna Blavatsky”, em Colin Wilson, editor, *Dark Dimensions: A Celebration of the Occult*, Nova Iorque, EUA, Everest House, 1977, páginas 59-76.
- Jinarajadasa, C., editor, *The Golden Book of the Theosophical Society: A Brief History of the Society's Growth from 1875-1925*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1925.
- Jinarajadasa, C., editor, *Letters from the Masters of the Wisdom*, primeira série, quarta edição, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1948; segunda série, Chicago, Illinois, EUA, Theosophical Press, 1926. (*Cartas dos Mestres de Sabedoria*, Brasília: Editora Teosófica, 2019.)
- Jinarajadasa, C., editor, *The Personality of H.P. Blavatsky* (Conferência Blavatsky, 1930), Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1930.
- Johnson, Paul, *In Search of the Masters Behind the Occult Myth*, South Boston, Virgínia, EUA, impresso por Hadderly-Benton, 1990.
- Judah, J. Stillson, *The History and Philosophy of the Metaphysical Movements in America*, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, The Westminster Press, 1967. Veja capítulo 3, “Theosophy and Its Allies”.

- Judge, William Quan, *Dr. Elliott Coues in His Letters*, Nova Iorque, EUA, 1889.
- Judge, William Quan, *Echoes of the Orient: The Writings of William Quan Judge*, 3 volumes, compilados por Dara Eklund, San Diego, Califórnia, EUA, Point Loma Publications, 1975, 1980, 1987.
- Judge, William Quan, *The Esoteric She, the Late Mme. Blavatsky: A Sketch of her Career*, reimpresso do *New York Sun*, junto com o texto *The Theosophical Society and H.P. Blavatsky* de Annie Besant, Surat, Índia, 1893; William Q. Judge Pamphlet Series número 2, *The Esoteric She*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company.
- Judge, William Quan, *Letters That Have Helped Me*, compiladas por Jasper Niemand, Nova Iorque, EUA, *The Path*, 1891; volume 2, 1905; edição de cinquentenário, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1946; Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1981.
- Judge, William Quan, *Notes on the Bhagavad-Gitā*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1956.
- Judge, William Quan, *The Ocean of Theosophy*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1947; Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1973. (*O Oceano da Teosofia*, Brasília: Editora Teosófica, 2020).
- Judge, William Quan, *Practical Occultism*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1980.
- Judge, William Quan, edição revista do *Bhagavad-Gitā*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Theosophy Company, 1947; combinada com *Essays on the Gitā*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1978.
- Judge, William Quan, interpretação de *The Yoga Aphorisms of Patanjali*, Los Angeles, Califórnia, EUA, The United Lodge of Theosophists, 1967.
- Keightley, Bertram, *Reminiscences of H.P.B.*, escrito para a Comemoração do Centenário de Nascimento de H.P.B. em Adyar, 11 e 12 de agosto de 1931, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1931; *The Theosophical Quarterly*, Nova Iorque, EUA, outubro de 1910, páginas 109-22.
- Kingsford, Anna Bonus, e Maitland, Edward, *The Perfect Way: or, The Finding of the Christ*, Londres, Inglaterra, Field & Tuer, 1882.

- Kingsland, William, *The Influence of H.P. Blavatsky's Teachings upon Western Thought*, Londres, Inglaterra, The Blavatsky Association, 1926.
- Kingsland, William, *The Real H.P. Blavatsky: A Study in Theosophy, and A Memoir of a Great Soul*, Londres, Inglaterra, John M. Watkins, 1928; reimpresso pela The Theosophical Publishing House, Londres, Inglaterra, 1985; contém em apêndice "A Critical Analysis of the 1885 Report of the Society for Psychical Research", publicado primeiro separadamente sob o título *Was She a Charlatan? A Critical Analysis of the 1885 Report of the Society for Psychical Research on the Phenomena Connected with Madame Blavatsky*, Londres, Inglaterra, The Blavatsky Association, 1927.
- Knoche, Grace F., *Report of Proceedings, Secret Doctrine Centenary*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1988.
- Kuhn, Alvin Boyd, *Theosophy: a Modern Revival of Ancient Wisdom*, Nova Iorque, EUA, Henry Holt, 1930.
- Leadbeater, C.W., *How Theosophy Came to Me*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1930, terceira edição, 1967.
- Leonard, Maurice, *Madame Blavatsky... Medium, Mystic and Magician*, Londres, Inglaterra, Regency Press, 1976.
- Lhalungpa, Lobsang P., *Tibet the Sacred Realm: Photographs, 1880-1950*, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, Philadelphia Museum of Art/Aperture, 1983.
- Lillie, Arthur H., *Madame Blavatsky and Her "Theosophy": A Study*, Londres, Inglaterra, Swan Sonnenschein & Company, 1895.
- M. and K.H. Mahatmas, *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, transcrito e compilado por A.T.Barker, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, segunda edição, reimpressão de 1975; Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, terceira edição, 1962. (*As Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett*, 2 volumes, Brasília: Editora Teosófica, 2021.)
- MacGregor, Geddes, *Reincarnation in Christianity*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1978.
- Magre, Maurice, *The Return of the Magi*, traduzido por Reginald Merton, Londres, Inglaterra, P. Allan, 1931. Veja a seção intitulada "Madame Blavatsky and the Theosophists".

- Maitland, Edward, *Anna Kingsford: Her Life, Letters, Diary and Work*, pelo seu colaborador Edward Maitland, ilustrado com retratos e fac-símiles, 2 volumes, terceira edição, editado por Samuel Hopgood Hart, Londres, Inglaterra, John M. Watkins, 1913.
- Mavalankar, Damodar K., *Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement*, compilado e comentado por Sven Eek, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1965.
- Mavalankar, Damodar K., *Damodar the Writings of a Hindu Chela*, compilado por Sven Eek, Point Loma, Califórnia, EUA, The Theosophical University Press, 1940.
- Mead, G.R.S., *Concerning H.P.B.: Stray Thoughts on Theosophy* (Adyar Pamphlet número 3), Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1920.
- Meade, Marion, *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth*, Nova Iorque, EUA, G.P. Putnam's Sons, 1980.
- Merchant, Francis, *Great Images*, Scottsbluff, Nebraska, College Press, 1967. Veja o capítulo 7, "Messenger of the Mahatmas: H.P. Blavatsky".
- Morgan, H.R., *Reply to a Report of an Examination by J.D.B. Gribble into the Blavatsky Correspondence*, segunda edição, Ootacamund, Índia, impresso e publicado no "Observer" Press, 1884.
- Motwani, Kewal, Coronel H.S. Olcott: *A Forgotten Page of American History*, Madras, Índia, Ganesh & Company, 1955.
- Murphet, Howard, *Hammer on the Mountain: Life of Henry Steel Olcott (1832-1907)*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1972.
- Murphet, Howard, *When Daylight Comes: A Biography of Helena Petrovna Blavatsky*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1975.
- Neff, Mary K., *Personal Memoirs of H.P. Blavatsky*, com doze ilustrações, Nova Iorque, EUA, E.P.Dutton, 1937; Londres, Inglaterra, Rider & Company, 1937; The Theosophical Publishing House, 1971.
- Nekrasova, Catherine S., "Helena Andreyevna Hahn, 1814-1842: Biographical Sketch", *Russkaya starina* (Russian Days of Yore), agosto de 1886, tradução para o inglês nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.

- Nethercot, Arthur R., *The First Five Lives of Annie Besant*, Chicago, Illinois, EUA, University of Chicago Press, 1960.
- Olcott, Henry Steel, *Buddhist Catechism*, Colombo, Ceilão, Sociedade Teosófica, Seção Budista, 1881. (*O Catecismo Budista*, Brasília: Editora Teosófica, 2019.)
- Olcott, Henry Steel, *A Historical Retrospect 1875-1896 of the Theosophical Society: Extract from the Twenty-first Anniversary Address of the President-Founder of the Society*, Madras, Índia, publicado pela Sociedade em 1896.
- Olcott, Henry Steel, *Old Diary Leaves: The True Story of the Theosophical Society, First Series, 1874-78* (o primeiro dos seis volumes), Nova Iorque, EUA, e Londres, Inglaterra, G.P. Putnam's Sons, 1895; segunda edição, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1941; reimpresso como *Inside of the Occult: The True Story of Madame H.P. Blavatsky*, prefácio de Daniel Grotta-Kurska, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, Running Press, 1975. (*A História da Sociedade Teosófica*, 2 volumes, Brasília: Editora Teosófica, 2019 e 2020.)
- Olcott, Henry Steel, *People from the Other World*, amplamente ilustrado por Alfred Kappes, e T.W. Williams, Hartford, Connecticut, EUA, American Publishing Company, 1875; Rutland, Vermont, EUA, Charles E. Tuttle Company, reimpressão de 1972.
- Olcott, Henry Steel, *Theosophy, Religion and Occult Science*, Londres, Inglaterra, George Redway, 1885.
- Osborn, Arthur W., *The Cosmic Womb: an Interpretation of Man's Relationship to the Infinite*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1969.
- Pissareff, Helene F., "Helena Petrovna Blavatsky", *The Theosophist*, janeiro de 1913.
- Proceedings of the Blavatsky Association*, Londres, Inglaterra.
- Purucker, Gottfried de, *H.P. Blavatsky: The Mystery*, San Diego, Califórnia, EUA, Point Loma Publications, 1974.
- Racowitza, Princess Helene Von, *An Autobiography*, tradução autorizada por Cecil Marr., Londres, Inglaterra, Constables & Company, 1910.
- Ransom, Josephine, compiladora, *A Short History of the Theosophical Society: 1875-1937*, prefácio de G.S. Arundale, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1938.

- Report of the Proceedings of the Theosophical Congress*, Nova Iorque, EUA, Sede da Seção Norte-americana da S.T., 1893.
- Roerich, Nicholas, *Shambhala*, Nova Iorque, EUA, Nicholas Roerich Museum, 1978.
- Roszak, Theodore, *The Unfinished Animal: The Aquarian Frontier and the Evolution of Consciousness*, Nova Iorque, EUA, Harper & Row, 1975. Veja seção intitulada “Madame Blavatsky’s Secret Doctrine”.
- Ryan, Charles J., *H.P. Blavatsky and the Theosophical Movement: a Brief Historical Sketch*, Point Loma, Califórnia, EUA, segunda edição com correções e acréscimos do autor, 1975; segunda edição, San Diego, Califórnia, EUA, Point Loma Publications, 1975.
- Sinnett, A. P., *The Early Days of Theosophy in Europe*, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing House, 1922.
- Sinnett, A.P., *Esoteric Buddhism*, Londres, Inglaterra, Trubner & Co., 1883. Muitas edições subsequentes com material adicional: Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing House, reimpressão de 1972; reimpressão da quinta edição (1885), comentada e ampliada pelo autor, Minneapolis, Minnesota, EUA, Wizards Bookshelf (Secret Doctrine Reference Series), 1973.
- Sinnett, A.P., *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, compilada a partir de informações obtidas com seus amigos e parentes, editado por A.P. Sinnett, com um retrato reproduzido de uma pintura original de Hermann Schmiechen, Londres, Inglaterra, George Redway; Nova Iorque, EUA, J.W. Bouton, 1886; segunda edição (incompleta), Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing House, 1913; Nova Iorque, EUA, The Arno Press, reimpressão de 1976.
- Sinnett, A.P., *The Occult World*, Londres, Inglaterra, Trubner & Co., 1881. Muitas edições posteriores revisadas e aumentadas: segunda edição, Londres, Inglaterra, Trubner Sc. Co., 1882 (inclui importante prefácio); nova edição norte-americana a partir da quarta edição inglesa, com correções do autor e Prefácio e Apêndice novos, Boston, Massachusetts e Nova Iorque, EUA, Houghton Mifflin, 1885; nona edição, Londres, Inglaterra, The Theosophical Publishing House, 1969. (*O Mundo Oculto*, Brasília: Editora Teosófica, 2000.)
- Sinnett, A.P., *The “Occult World Phenomena” and the Society for Psychical Research, with a Protest by Madame Blavatsky*, Londres,

- Inglaterra, George Redway, 1886.
- Sinnett, Patience, *The Purpose of Theosophy*, Londres, Inglaterra, Chapman & Hall, 1885; Bombaim, Índia, Sociedade Teosófica, 1887.
- Smith, Warren Sylvester, *The London Heretics, 1870-1914*, Nova Iorque, EUA, Dodd, Mead, 1968. Veja seção intitulada “Spiritualism and the London Theosophists”.
- Society for Psychical Research, *First Report of the Committee of the Society for Psychical Research Appointed to Investigate the Evidence for Marvellous Phenomena Offered by Certain Members of the Theosophical Society* (privativo e confidencial), Londres, Inglaterra, 1884.
- Solovyoff, Vsevolod Sergeyevich, *A Modern Priestess of Isis*, traduzido por Walter Leaf, Londres, Inglaterra, Longmans, Green and Company, 1895.
- Subba Row, T., *Notes on the Bhagavad Gitā*, Pasadena, Califórnia, EUA, Theosophical University Press, 1978. (*A Filosofia da Bhagavad-Gitā*, Brasília: Editora Teosófica, 2020.)
- The Theosophical Movement 1875-1925: A History and a Survey*, Nova Iorque, EUA, E.P. Dutton & Company, 1925.
- The Theosophical Movement 1875-1950, Los Angeles, Califórnia, EUA, The Cunningham Press, 1951.
- Vania, K.F., *Madame H.P. Blavatsky: Her Occult Phenomena and the Society for Psychical Research*, Bombaim, Índia, Sat Publishing Company, 1951.
- Wachtmeister, Constance, *Reminiscences of H.P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, editado por um Membro da Sociedade Teosófica, Londres, Inglaterra, Theosophical Publishing Society, 1893; Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House (a Quest book), 1976.
- Wadia, B.P., *Studies in “The Secret Doctrine”*, dois volumes, Bombaim, Índia, Theosophy Company, 1976.
- Waterman, Adlai E., *Obituary: The “Hodgson Report” on Madame Blavatsky, 1885-1960: Reexamination Discredits the Major Charges Against H.P. Blavatsky*, prefácio de N. Sri Ram, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1963.
- Williams, Gertrude Marvin, *The Passionate Pilgrim: A Life of Annie Besant*, Nova Iorque, EUA, Coward-McCann, 1931.

- Williams, Gertrude Marvin, *Priestess of the Occult: Madame Blavatsky*, Nova Iorque, EUA, Alfred A. Knopf, 1946.
- Zhelihovsky, Vera Petrovna de, “Helena Petrovna Blavatskaya: Biografichesky ocherk” (Helena Petrovna Blavatsky: Um Esboço Biográfico), *Russkoye obozreniye (Revista Russa)*, volume 6 (novembro e dezembro de 1891); traduzida em caráter privado para o inglês por Mary G. Langford; nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
- Zhelihovsky, Vera Petrovna de, *Helena Petrovna Blavatskaya i sovremenniy zhretz istini (Helena Petrovna Blavatsky e Uma Sacerdotisa Moderna da Verdade)*, São Petersburgo, 1893; traduzido em caráter privado para o inglês por Cathy Young; nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA. O livro, em forma resumida, foi traduzido e publicado como o Apêndice A do livro de V.S. Solovyoff, *A Modern Priestess of Isis* (veja Solovyoff).
- Zhelihovsky, Vera Petrovna de, “Helena Petrovna Blavatskaya i teosofisti” (Helena Petrovna Blavatsky e os Teósofos), carta datada de 25 de maio (6 de junho) de 1884, para o editor de *Odesskiy vestnik*, publicada em *Rebus*, número 28 (15 de julho de 1884), páginas 263-65 e número 29 (22 de julho de 1884), páginas 273-75, citado no livro de A.P. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky*, pp. 264-69, (veja Sinnett).
- Zhelihovsky, Vera Petrovna de, *Kak ya bila malenkoy: Iz vospominaniy rannyyago dyetstva Veri Petrovni Zhelihovsky* (Quando Eu Era Pequena: Reminiscências da Primeira Infância de Vera Petrovna Zhelihovsky), segunda edição revisada e ampliada, São Petersburgo, Rússia, A.F.Devrient, 1894; traduzido em caráter privado para o inglês por Cathy Young; nos arquivos de Sylvia Cranston, em Nova Iorque, EUA.
- Zhelihovsky, Vera Petrovna de, *Moyo otrochestvo* (Minha Adolescência), São Petersburgo, Rússia, Editorial Office, de *Dyetskoye chteniye* (Leituras para Crianças), impresso por P.P. Soikin, 1893; terceira edição, São Petersburgo, Rússia, A.F. Devrient, 1990; traduzido em caráter privado para o inglês por Cathy Young; nos arquivos de Sylvia Cranston, Nova Iorque, EUA.
- Zhelihovsky, Vera Petrovna de, “My Sister — H.P. Blavatsky”, *The London Forum* (incorporando *The Occult Review*), volumes 60-62 (dezembro de 1934 — julho de 1935).

Zhelihovsky, Vera Petrovna de, “Neobyasnimoye ili neobyasnenneye: Iz lichnih i semeynih vospominaniy” (O Inexplicável ou Não-Explicado: Reminiscências Pessoais e Familiares), *Rebus*, volume 3, números 43-48 (1884), volume 4, números 4-7, 9-11, 13-15 (1885); também publicado como panfleto em 1885 ou 1886; traduzido em caráter privado para o inglês por Cathy Young; nos arquivos de Sylvia Cranston em Nova Iorque, EUA.

Zhelihovsky, Vera Petrovna de, “Penomeni okul'ticheskoy sili gospozhi Blavatskoy” (Fenômenos da Força Oculta da sra. Blavatsky), *Rebus*, 15 e 22 de julho de 1884; traduzido em caráter privado para o inglês por Cathy Young; nos arquivos de Sylvia Cranston em Nova Iorque, EUA.

Zhelihovsky, Vera Petrovna de, “Pravda o Yelene Petrovne Blavatskaya” (A Verdade Sobre Helena Petrovna Blavatsky), *Rebus*, volume 2, números 41, 43, 44, 46-48; também publicado como panfleto; traduzido em caráter privado para o inglês por Mary G. Langford; nos arquivos de Sylvia Cranston em Nova Iorque, EUA. Longos trechos dos artigos são citados no livro de A.P. Sinnett, *Incidents in the Life of Madame Blavatsky* (veja Sinnett); uma tradução longa para o inglês feita pela própria Blavatsky, com sua própria letra, é encontrada em *The Theosophist*, de maio de 1981 em diante.

Zhelihovsky, Vera Petrovna de, “Radda-Bai; Biograficheskiy ocherk” (Radda-Bai: Um Esboço Biográfico), em *Zagodochniya plemena na “Golubih Gorah” — Durbar v Lahore* (As Enigmáticas Tribos das Montanhas Azuis — Durbar em Lahore), São Petersburgo, Rússia, V.I. Gubinsky, 1893; traduzido em caráter privado para o inglês por Mary G. Langford; nos arquivos de Sylvia Cranston em Nova Iorque, EUA; artigo publicado e traduzido como “My Sister — H.P. Blavatsky” (veja acima).

Zirkoff, Boris de, “How ‘Isis Unveiled’ Was Written”, um ensaio introdutório para *Isis Unveiled*, volume I, de H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Wheaton, Illinois, EUA, The Theosophical Publishing House, 1972.

Zirkoff, Boris de, *Rebirth of the Occult Tradition: How the Secret Doctrine of H.P. Blavatsky Was Written*, Adyar, Madras, Índia, The Theosophical Publishing House, 1977.